



Darkover

10

A Casa de
Thendara

Marion Zimmer Bradley



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Darkover

A cronologia de Darkover

Darkover foi uma série de ficção científica de sucesso espetacular no mundo inteiro, a saga da humanidade criando uma nova civilização num mundo estranho, diferente de tudo o que jamais existiu na Terra. Cada livro constitui uma história completa e independente podendo ser lidos isoladamente, porém, seu conjunto relata o desenvolvimento de uma sociedade nova e fascinante.

Neste guia iremos separar os livros da série conforme as Eras Cronológicas a que pertencem, apesar das recomendações da autora que recomendou que a leitura fosse feita através das datas de publicação, em vez da ordem cronológica dos acontecimentos, dado que o seu estilo literário evoluiu consideravelmente ao longo da sua carreira

A Fundação

Uma “nave perdida” originária da Terra, dos dias de colonização pré-império, aterriza em um planeta com uma turva estrela vermelha, mais tarde sendo chamado de Darkover.

Livros:

A CHEGADA EM DARKOVER

A Era do Caos

Mil anos após a colonização da chegada original, a sociedade retornou ao nível feudal. Os darkovanos, que se esqueceram ou renunciaram sua tecnologia terrestre, se voltaram a incontrollada, autônoma, tecnologia da matriz que concede poderes psíquicos, chamados de *laran*, aos descendentes dos colonizadores. Os habitantes vivem sob o domínio de Torres e um tirânico programa de procriação destinado a guarnecer as Torres com os poderosos dons de *laran*.

Livros:

RAINHA DA TEMPESTADE

DAMA DO FALCÃO

Os Cem Reinos

Uma era de guerras e conflitos que retem muitos dos efeitos dizimadores e desastrosos da Era do Caos. As terras que mais tarde se tornariam os Sete Domínios, estão divididas por constantes disputas de fronteiras, são pequenos reinos independentes, cidades-estado, baronatos, condados e repúblicas independentes, chamados de "Os Cem Reinos" por conveniência. O encerramento desta era é guiado pela adoção de um pacto instituído por Varzil, o Bom. Este é um momento decisivo na história de Darkover, o pacto bani todas as armas à distância, tornando uma questão de honra que aquele que busca matar, deve ele próprio, encarar o mesmo risco de morrer.

Livros:

DOIS PARA CONQUISTAR
OS HERDEIROS DE HAMMERFELL
DOIS PARA CONQUISTAR
A QUEDA DE NESKAYA
A FORJA DE ZANDRU
UMA CHAMA EM HALI

As Renunciantes (Amazonas Livres)

Durante a Era do Caos e o tempo dos Cem Reinos, existiram duas ordens de mulheres que se distanciaram da natureza patriarcal da sociedade feudal de Darkover, as sacerdotisas de Avarra e as guerreiras da Irmandade da Espada. Eventualmente, estes dois grupos independentes se uniram para formar a poderosa e decretada por lei, Ordem das Renunciantes ou Amazonas Livres, uma guilda de mulheres unidas por juramento em uma irmandade de responsabilidade mútua. Sua lealdade primária é umas com as outras, ao invés de família, clã, casta ou qualquer homem. Solitárias dentre as mulheres de Darkover, elas são excluídas das usuais restrições e proteções legais. Sua razão de viver é prover as

mulheres de Darkover, uma alternativa as suas vidas socialmente limitadas.

Livros:

A CORRENTE PARTIDA
A CASA DE THENDARA
CIDADE DA MAGIA

Contra os Terráqueos, A Primeira Era (Recontato):

Após as Guerras de Hastur, os Cem Reinos se consolidam em Sete Domínios, sendo governados por uma aristocracia hereditária e sete famílias, chamadas de Comyn, supostamente descendentes do legendário Hastur, Lorde da Luz. É durante esta era que o Império Terráqueo, na verdade uma forma de confederação, redescobre Darkover, que eles conhecem como o quarto planeta do sistema Cottman. O fato de Darkover ser uma colônia perdida do Império, não é assimilada facilmente ou de bom grado pelos darkovanos e seus senhores Comyn.

Livros:

REDESCOBERTA
A ESPADA ENCANTADA
A TORRE PROIBIDA
ESTRELA DO PERIGO
VENTOS DE DARKOVER

Contra os Terráqueos, A Segunda Era (Depois do Comyn):

Com o choque inicial de recontato começando a enfraquecer, e com o espaço porto terráqueo se tornando uma instituição permanente na periferia da cidade de Thendara, os indivíduos mais jovens e menos tradicionais, da sociedade de Darkover, começaram a primeira troca real de conhecimento com os terráqueos - aprendendo a ciência e tecnologia terrestre e ensinando a tecnologia

da matriz de Darkover em troca. Eventualmente, Regis Hastur, um jovem lorde Comyn, mais ativo nestas trocas, se torna um Regente em um governo provisório, aliado aos terráqueos. Darkover é uma vez mais, reunida a seu Império fundador.

Livros:

O SOL VERMELHO

A HERANÇA DE HASTUR

OS SALVADORES DO PLANETA

O EXÍLIO DE SHARRA

OS DESTRUIDORES DE MUNDOS

CANÇÃO DO EXÍLIO

SHADOW MATRIX

TRAITOR'S SUN

Marion Zimmer Bradley



**A Casa de
Thendara**

Marion Zimmer Bradley
A Casa de Thendara
(Série Ficção e Experiência Interior)
Direção de JAYME SALOMÃO
IMAGO EDITORA

Título Original THENDARA HOUSE
Copyright © 1983, by Marion Zimmer Bradley
Published by agreement with Scott Meredith Literary Agency, Inc.,
845 Third Avenue, New York, N.Y. 10022
Proibida a exportação para Portugal

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.
Bradley, Marion Zimmer, 1930
90-0316

A corrente partida / Marion Zimmer Bradley
Tradução de Alfredo Barcellos Pinheiro de Lemos.
Rio de Janeiro: Imago Ed.

ISBN 85-312-0113-6

1. Ficção estadunidense. I. Lemos, A. B. Pinheiro de.
II. Título. III. Série. IV. Série. (Ficção e experiência interior).

Tradução: Alfredo Barcellos Pinheiro de Lemos
Revisão: Pedrina Ferreira Faria e Umberto Figueiredo Pinto
Capa: Patrícia Medina

Direitos adquiridos por
IMAGO EDITORA LTDA.
Rua Santos Rodrigues, 201-A — Estácio
CEP 20250 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: 293-1092

Todos os direitos de reprodução, divulgação e tradução são reservados.

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme ou outro processo fotomecânico.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Nota da autora

Pouco depois de concluir o romance *A Corrente Rompida* comecei a escrever, para minha própria diversão, a história de Magda na Guilda das Amazonas. Na ocasião Jacqueline Lichtenberg e eu nos correspondíamos regularmente, com bastante freqüência. Ela sugeriu que eu escrevesse também a história de Jaelle entre os terráqueos. Respondi que não me sentia em condições de fazê-lo naquele momento, mas que ela poderia escrever, se assim desejasse. Assim, apenas pela diversão, escrevemos cerca de meia dúzia de capítulos cada uma, trocando-os e discutindo-os, pensando numa possível colaboração profissional. Mas ambas estávamos ocupadas com outros projetos, longe de Darkover. A carreira de Jacqueline seguiu um rumo muito diferente. Além disso, como constatamos, tínhamos idéias bem diferentes sobre o andamento da história.

Não passou muito tempo para descobrirmos que imprimíamos rumos opostos. Com expressões apropriadas de pesar e estima mútua, abandonamos essa cooperação em particular; ela voltou a cuidar de suas séries "Sime" e "Molt Brother" e eu escrevi outros romances de Darkover e não-Darkover, sentindo que a colaboração malograda não era recuperável e largando-a no fundo do arquivo com outros projetos que achava que ficariam para sempre "em suspenso".

Anos depois, retomei a colaboração. Embora tenha reescrito quase tudo que Jacqueline fez — nossos estilos e temas são muito diferentes, — noto que meu conceito do caráter de Jaelle mesmo assim foi ampliado e reforçado por suas idéias nos capítulos que formulou primeiro. Embora não se trate de uma colaboração, ainda devo muito a Jacqueline por me permitir ver uma personagem minha através de seus olhos. Como ela generosamente reconheceu minha participação no que considero seu melhor livro, *Unto Zeor, Forever*, devo também reconhecer sua participação neste meu livro.

Marion Zimmer Bradley

O juramento das Amazonas Livres

Deste dia em diante renuncio ao direito de casar, a não ser como uma companheira livre. Nenhum homem me prenderá di catenas e não habitarei na casa de nenhum homem como uma barragana.

Juro que estou disposta a me defender pela força se for atacada pela força e que não recorrerei a nenhum homem em busca de proteção.

Deste dia em diante juro que nunca mais serei conhecida de novo pelo nome de qualquer homem, seja ele pai, guardião, amante ou marido, mas apenas e exclusivamente como a filha de minha mãe..

Deste dia em diante juro que não terei filho de qualquer homem, a não ser por meu próprio prazer e no meu tempo e opção; não terei filho de qualquer homem por casa ou herança, clã ou linhagem, orgulho ou posteridade; juro que somente eu determinarei a criação de qualquer criança que gerar, sem consideração pelo lugar, posição ou orgulho de qualquer homem.

Deste dia em diante renuncio à fidelidade a qualquer família, clã ou casa, guardião ou suserano, presto o juramento de que só devo fidelidade às leis da terra como uma cidadã livre deve fazer; ao reino, à coroa e aos Deuses.

Não apelarei a qualquer homem por proteção, apoio ou socorro; deverei fidelidade apenas à minha mãe-de-juramento, a minhas irmãs na Guilda e ao meu empregador durante a duração do contrato.

Juro também que todas as associadas da Guilda das Amazonas Livres serão para mim, cada uma e todas, como minha mãe, minha irmã ou minha filha, nascida do mesmo sangue, e que nenhuma mulher ligada por juramento à Guilda apelará a mim em vão.

Deste momento em diante juro obedecer a todas as leis da Guilda das Amazonas Livres e a qualquer ordem legítima de minha mãe-de-juramento, as associadas da Guilda ou meu líder eleito durante a duração de meu contrato. E se trair qualquer segredo da

Guilda ou quebrar meu juramento, hei de me submeter às Mães da Guilda para a disciplina que escolherem; e se eu falhar, que se vire contra mim a mão de cada mulher, que elas me abatam como a um animal e entreguem meu corpo sem sepultura à decomposição e minha alma à mercê das Deusas.

Parte I
Juramentos Conflitantes

Capítulo Um

Magdalen Lorne

Flocos de neve caíam, mas para o leste havia uma abertura nas nuvens em que o brilho difuso e avermelhado de Cottman IV — o sol de Darkover, chamado de Sol Sangrento pelo Império Terráqueo — podia ser divisado vagamente através da nuvem, como um enorme olho injetado.

Magdalen Lorne estremeceu um pouco, enquanto subia lentamente pelo caminho para o quartel-general dos terráqueos. Ela usava um traje darkovano e por isso teve de mostrar seu documento de identificação ao pessoal da força espacial nos portões; mas um deles a conhecia de vista.

— Está tudo bem, Srta. Lorne. Mas terá de ir ao prédio novo.

— Finalmente concluíram a nova sede para o serviço de informações?

O guarda uniformizado acenou com a cabeça.

— Exatamente. E o novo chefe chegou de Alpha Centaurus há poucos dias. Já o conheceu?

Aquilo era novidade para Magda. Darkover era um Planeta Fechado, Classe B, o que significava que os terráqueos estavam restritos — pelo menos oficialmente — a determinadas Zonas de Tratado e Cidades de Mercado. Não havia um Serviço de Informações oficial, apenas uma pequena seção em Registros e Comunicações, trabalhando diretamente com o gabinete do Coordenador.

Já estava na hora de abrirem um setor de informações aqui. E podiam também instalar um Departamento de Antropologia Alienígena. Magda especulou em seguida sobre o que isso significaria para sua posição um tanto irregular. Nascera em Darkover, em Caer Donn, onde os terráqueos haviam construído seu primeiro espaço-porto, antes de transferirem o novo quartel-general do Império para Thendara. Fora criada entre os darkovanos, antes da nova política de padronização dos prédios do espaço-porto para as luzes amarelas normais do Império uma política que não levava

em consideração o sol vermelho de Darkover e o clima de frio intenso.

Isso, é claro, fazia sentido para o pessoal do Império baseado em planetas comuns, que raramente permanecia num posto por mais de um ano e não precisava se aclimatar; mas as condições em Darkover eram excepcionais para um planeta do Império, para dizer o mínimo.

Os pais de Magda haviam sido lingüistas que passaram a maior parte de suas vidas em Caer Donn; ela crescera mais darkovana do que terráquea, uma de apenas três ou quatro pessoas que falavam a língua como os nativos e eram capazes de realizar pesquisas secretas de costumes e linguagem. Nunca estivera ausente de Darkover, a não ser nos três anos de instrução na Escola de Informações do Império, na Colônia Alfa; depois, aceitara um cargo em Comunicações, como algo previsível. Mas o que fora para seus superiores apenas um disfarce conveniente, dando-lhe condições para pesquisa e trabalho secreto no planeta de seu nascimento, tornara-se para Magda seu eu mais profundo.

E é a esse eu darkavano, Margeai, não Magda, que devo agora ser fiel. E não apenas a Margali, mas Margali n'ha Ysabet, Renunciante da Comhi-Letzii, o que os terráqueos chamariam de Amazona Livre. É isso o que sou agora e devo ser daqui por diante, men dia pre"zhiuro... Magda sussurrou para si mesma as primeiras palavras do Juramento da Renunciante e estremeceu. Não seria fácil. Mas como ela jurara, assim faria. Para um terráqueo, um juramento prestado sob pressão não era compulsório. Darkovana, o Juramento me obriga sem contestação, o mero pensamento de escapar já é desonroso.

Ela tratou de se desvencilhar desse círculo interminável em sua mente. Uma nova seção para Informações, ele dissera, e um novo Chefe. Provavelmente, pensou Magda, com um dar de ombros resignado, alguém que conhecia muito menos sobre a função do que ela. Tanto ela quanto seu ex-marido, Peter Haldane, haviam nascido ali, eram naturalmente bilíngües, conheciam e aceitavam os costumes como seus. Mas não era assim que o Império fazia as coisas.

O novo Serviço de Informações estava localizado num prédio alto, ainda brilhando de novo, muito acima do espaço-porto. Pelas luzes amarelas normais da Terra, intensas demais para os olhos de Magda, ela divisou uma mulher de pé; uma mulher que conhecia ou que outrora conhecera muito bem.

Cholayna Ares era mais alta do que Magda, a pele morena, cabelos brancos — Magda nunca soubera se eram prematuramente brancos ou se sempre haviam sido naturalmente branco-prateados, pois o rosto era e sempre fora muito jovem. Ela sorriu e estendeu a mão num gesto de boas-vindas. Magda apertou a mão de sua antiga professora.

— É difícil imaginar que você desistiria da Escola de Treinamento — comentou Magda. — com certeza não veio para cá...

— Não se pode dizer exatamente que desisti. — Cholayna Ares soltou uma risada. — Houve a disputa burocrática habitual... e cada grupo tentou me atrair para seu lado, eu disse uma praga para os dois e pedi a transferência. E acabei... aqui. Não é um posto popular e por isso não houve competição para obtê-lo. Lembrei que você vinha daqui e gostava do lugar. Não são muitas as pessoas que têm uma oportunidade de construir um Serviço de Informações do nada num planeta da Classe B. E com você e Peter Haldane... casou com ele, não é mesmo?

— O casamento foi rompido no ano passado — informou Magda. — A mesma coisa de sempre.

Ela repeliu o olhar curioso de simpatia de sua antiga professora e acrescentou:

— O único problema que isso criou foi que não mais nos mandaram juntos em missões de campo.

— Se não havia Serviço de Informações aqui, o que faziam no campo?

— Trabalhávamos em Comunicações. Pesquisa de língua. Houve uma ocasião em que me mandaram gravar piadas e conversas no mercado, como um meio de nos mantermos atualizados com a língua e a gíria atual, a fim de que os agentes que fossem operar no campo não cometessem erros estúpidos.

— E assim, em meu primeiro dia no cargo, você veio me cumprimentar e me dar as boas-vindas? — indagou Cholayna. — Sente-se... e me fale sobre este lugar. É muita gentileza sua, Magda. Eu sempre tive certeza de que faria uma grande carreira em Informações.

Magda baixou os olhos.

— Não era isso o que eu pensava... não me haviam avisado que era você quem estava aqui. — Ela decidiu que a melhor maneira era dizer logo de uma vez. — Vim apresentar meu pedido de demissão.

Os olhos escuros de Cholayna demonstraram sua consternação.

— Essa não, Magda! Nós duas sabemos como é o Serviço. Claro que deveriam ter lhe oferecido o cargo, mas sempre pensei que éramos amigas e que você estaria disposta a permanecer, pelo menos por algum tempo.

Magda nunca previra aquela situação. Mas a impressão de Cholayna não poderia ser outra. Ela desejou que a pessoa no comando fosse uma total estranha ou pelo menos alguém de quem não gostasse, não uma mulher que sempre apreciara e respeitara.

— Está enganada, Cholayna. Dou minha palavra de que a decisão nada tem a ver com você. Eu nem sabia que você estava aqui e trabalhava no campo até a noite passada...

Ela descobriu que estava gaguejando em sua ansiedade para convencer Cholayna da verdade. Cholayna franziu o rosto e gesticulou para que ela sentasse.

— Acho que é melhor me contar tudo, Magda. Apreensiva, Magda sentou.

— Você não estava no Conselho esta manhã. Não podia saber. Enquanto eu estava no campo... prestei o Juramento de uma Renunciante. — À expressão aturdida da amiga, ela explicou: — Nos arquivos, elas são chamadas de Amazonas Livres; mas não gostam desse nome. Devo passar meio ano na Casa da Guilda em Thendara e depois... depois ainda não sei o que tenciono fazer, mas acho que não será o trabalho no Serviço de Informações.

— Mas é uma oportunidade maravilhosa, Magda! Eu nem pensaria em aceitar sua demissão. Eu a porei na posição de inativa,

se quiser, durante esse meio ano, mas devo pensar na tese que isso lhe proporcionará. Seu trabalho já é considerado como o padrão de excelência... e quem me disse foi o Legado. Provavelmente sabe mais a respeito dos costumes darkovanos do que qualquer outra pessoa trabalhando aqui. Também soube que a divisão médica concordou em treinar um grupo de Amazonas Livres... — Cholayna percebeu que Magda estremeceu e tratou de corrigir: — Como é mesmo que você as chamou... Renunciantes? Parece uma ordem de freiras. Ao que elas renunciam? Tenho a impressão de que é um lugar muito estranho para você. Magda sorriu à comparação.

— Eu poderia citar o Juramento. De um modo geral, elas... nós... renunciamos às proteções para as mulheres na sociedade, em troca de certas liberdades. — Mesmo para ela, parecia uma explicação lamentavelmente inadequada, mas como poderia explicar? — Mas não estou fazendo isso para escrever uma tese ou fornecer mais informações ao Império. E é por esse motivo que vim apresentar meu pedido de demissão.

— E é por esse motivo que eu devo recusá-lo — declarou Cholayna.

— Acha que Vou espionar minhas amigas na Casa da Guilda? Nunca!

— Lamento que você pense assim, Magda. Não é minha visão. Quanto mais conhecemos os grupos diferentes em qualquer planeta, mais fácil se torna para nós... e mais fácil é para o planeta em que estamos, porque há menos possibilidades de incompreensões e problemas entre o Império e os locais...

— Já sei, já sei — interrompeu-a Magda, impaciente. — Apreendi tudo isso na Escola de Informações. A linha partidária padronizada, não é mesmo?

— Eu não diria assim.

Havia alguma coisa como ira cuidadosamente controlada na voz da mulher mais velha.

— Mas é como eu penso e começo a compreender como isso pode ser usado da maneira errada. — Magda também estava furiosa agora. Se não aceitar minha demissão, Cholayna, terei de ir embora sem isso. Darkover é meu lar. E se o preço para me tornar uma

Renunciante for o de abrir mão da minha cidadania no Império, então...

— Espere um pouco, Magda... por favor? — Cholayna levantou a mão para sustar a torrente irada de palavras. — E não quer sentar de novo?

Magda percebeu que começara a se levantar; lentamente, tornou a arriar na cadeira. Cholayna foi até o painel na parede da sala e serviu-se de um café; levou outro para Magda, equilibrando as xícaras quentes na palma, sentou numa cadeira ao lado da amiga.

— Magda, esqueça por um momento que sou sua superiora, está bem? Sempre pensei que éramos amigas. Não esperava que fosse embora sem qualquer explicação.

Eu também pensava que éramos amigas, refletiu Magda, tomando um gole do café. Mas sei agora que nunca tive qualquer amiga; não sabia, o que era a amizade. Sempre me empenhei tanto para ser como um homem que nunca prestei atenção ao que as outras mulheres faziam ou deixavam de fazer. Até que conheci Jaelle e compreendi o que era ter uma amiga por quem eu lutaria e morreria se fosse preciso. Cholayna não é minha amiga, mas uma superiora que usa a amizade para me levar a fazer como quer.

Talvez ela pense que está sendo minha amiga, essa é a maneira de pensar dos terráqueos. Só que não sou mais um deles. Se é que fui algum dia.

— Por que não me conta toda a história, Magda? A expressão gentil nos olhos de Cholayna confundiu Magda outra vez. Talvez ela pense realmente que é minha amiga.

Ela começou pelo início, contando a Cholayna como Peter Haldane, seu amigo e parceiro, por algum tempo seu marido, fora seqüestrado por bandidos, que o tomaram por Kyril Ardais, filho da Dama Rohana Ardais. Temendo viajar sozinha como uma mulher, Magda fora persuadida por Dama Rohana a disfarçar-se como uma Amazona Livre. Mais tarde, quando encontrara um bando de genuínas Renunciantes, liderado por Jaelle n'ha Melora, a fraude fora descoberta.

— A penalidade para um homem que usurpasse a posição em roupas de mulher teria sido a morte ou castração — explicou Magda.

— Para uma mulher, a penalidade é apenas que a mentira se torne verdade; uma mulher não pode desfrutar as liberdades do Juramento sem primeiro renunciar à segurança e proteção das leis especiais que resguardam as mulheres.

— Um juramento prestado sob coação... — começou Cholayna. Mas Magda não a deixou continuar, sacudindo a cabeça.

— Não é isso. Tive a oportunidade de escolher livremente. Elas se ofereceram para me escoltar a uma Casa da Guilda, onde uma de suas líderes julgaria as circunstâncias especiais... se eu poderia simplesmente jurar sigilo e depois ser libertada. — Ela suspirou, especulando se valera à pena. — Seria perder muito tempo; Peter deveria ser executado no Solstício do Inverno se não fosse resgatado. Escolhi livremente prestar o Juramento; mas reconheço que o fiz com muitas... muitas restrições mentais. Sentia a mesma coisa que você sente agora. Só que entre aquele momento e agora, eu... eu mudei de idéia.

Magda sabia que isso parecia ridiculamente inadequado. E continuou, relatando apenas um pouco do terrível conflito em sua mente, quando tencionara escapar, esquecer o Juramento, mesmo que para isso devesse matar Jaelle ou deixá-la para ser morta pelos bandidos; e como se descobrira a lutar ao lado da mulher, salvando sua vida...

Cholayna escutou a história em silêncio, levantando-se apenas uma vez para servir mais café. Ao final, ela comentou:

— Posso compreender, até certo ponto, porque você se sente obrigada.

— Não é só isso. O Juramento tornou-se bastante real para mim. No fundo do coração, eu me sinto como uma Renunciante... creio que sempre fui, apenas não sabia que essa opção existia. Agora... — Como podia explicar? Ela tomou o resto do café frio e acrescentou, desamparada: — É uma coisa que tenho de fazer.

Cholayna balançou a cabeça.

— Posso compreender. Não sei se há algum precedente. Já ouvi falar de homens pulando o muro e tornando-se nativos, em alguns planetas do Império. Mas creio que nunca ouvi falar de uma mulher fazendo isso.

— Não estou exatamente pulando o muro — ressaltou Magda.
— Se estivesse, acha que viria até aqui para apresentar formalmente meu pedido de demissão?

— Que não tenciono aceitar — declarou Cholayna. — Não, escute... também não escutei o que você tinha a dizer? Não há precedente para isso; tenho a impressão de que não existe qualquer meio de renunciar à cidadania da Terra para uma pessoa que prestou o juramento do serviço civil, e você fez essa opção quando aceitou o treinamento de três anos na Escola de Informações...

— Já realizei trabalho suficiente para pagar o Império...

Cholayna silenciou-a com um gesto.

— Ninguém questiona isso, Magda. Estou disposta a colocá-la na posição de inativa, se você precisa de seis meses... meio ano... por falar nisso, qual é a duração do ano darkovano? Mas surgiu algo que se liga muito bem ao que acaba de me dizer.

Ela virou-se para sua mesa e pegou um maço de impressos de computador.

— Tenho aqui uma transcrição da Assembléia.

Magda examinou os impressos. Era a Assembléia em que Lorde Hastur fora obrigado a aceitar a validade de um Juramento da Terra e na qual as Mães da Guilda acertaram que os terráqueos contratassem os serviços da Renunciante Jaelle n'ha Melora para trabalhar no lugar de Magda no quartel-general do Império em Darkover, antes do emprego de uma dúzia de Amazonas Livres.

— Ora, está certo, Renunciantes — Cholayna apressou-se em corrigir. — Elas serão treinadas em tecnologia médica por nosso Departamento Médico e possivelmente em outras ciências e tecnologias. Com Jaelle trabalhando entre nós e você na Casa da Guilda, parece-me que durante esse meio ano você estará especialmente qualificada para determinar as práticas pessoais a serem adotadas para os servidores darkovanos do Império, em particular entre as mulheres. Vivendo entre as darkovanas, na licença que estamos dispostos a lhe conceder, poderá descobrir que mulheres são capazes de absorver o choque cultural da convivência com os terráqueos. Poderá nos aconselhar também sobre a maneira como devemos tratá-las, a fim de que haja uma comunicação

melhor entre terráqueos e darkovanos. É a única pessoa qualificada para isso, depois de viver numa Casa da Guilda.

Magda indagou:

— Se já sabia de tudo isso, Cholayna, por que me pediu para contar a história?

— Eu sabia apenas o que você dissera e o que as Mães da Guilda falaram a seu respeito — explicou Cholayna. — Não sabia como você se sentia. Porque a estudante era o tipo certo de jovem quando a conheci isso não significa que a mulher que se tornara uma agente treinada fosse do tipo em que pudéssemos confiar.

De certa forma, as palavras atenuaram a raiva de Magda, enquanto Cholayna continuava:

— Não pode compreender? Isso é pelo bem das Renunciantes, tanto quanto para o Império... para amortecer o pior do choque cultural, quando elas vierem para cá?

Até mesmo, se necessário, para saber em que terráqueos podemos confiar para tratá-las com justiça. Você sabe, e eu também sabia antes de completar dez dias aqui, que Russ Montray tem tantas condições para ser um Legado quanto eu tenho para comandar uma nave estelar. Ele não gosta do planeta, não compreende e não se importa com o povo. E posso dizer, pela maneira como você fala, que não é esse o seu caso.

Ela está tentando me lisonjear para conseguir o que quer? Ou fala sério? Magda sabia, é claro, que Montray tinha muito menos condições do que ela. Contudo, num planeta como Darkover, com seus papéis tradicionais estruturados para homens e mulheres, Magda sabia que nunca poderia ser uma Legada ou ocupar qualquer função comparável, porque os darkovanos nunca aceitariam uma mulher nessa posição. A própria Cholayna só podia manter seu posto no Serviço de Informações porque nunca teria qualquer contato direto com os darkovanos, mas apenas com seus agentes de campo.

— Pela maneira como me olha, Magda, posso perceber que há alguma coisa que a incomoda...

— Não quero espionar minhas irmãs na Casa da Guilda.

— Nunca pensei em lhe pedir isso. Quero apenas que crie para nós um conjunto de regras para os terráqueos que devem entrar em

contato mais estreito com as darkovanas em geral e com as Renunciantes em particular, a serviço ou emprego do Império. Isso vai nos beneficiar, com toda certeza... mas eu diria que beneficiará ainda mais suas... suas Irmãs na Guilda.

Parecia não haver como recusar. Ela estaria prestando o tipo de serviço para Darkover e a Guilda que as Mães da Guilda haviam declarado ser propício na Assembléia.

Podia lembrar nitidamente o que a Mãe da Guilda Lauria dissera:

— Viemos aqui hoje para oferecer nossos serviços legítimos em setores apropriados para uma comunicação melhor entre os dois mundos. Como cartógrafas, intérpretes guias ou qualquer outro trabalho para o qual os terráqueos precisem de pessoas especializadas. E em troca, sabendo que vocês do Império têm muito para nos ensinar, pedimos que um grupo de nossas jovens seja aceito como aprendizes em seus serviços médicos e também em outras áreas científicas...

E isso constituiria uma grande abertura. Antes daquele dia, os homens do Império só podiam julgar a cultura de Darkover pelas mulheres que conheciam nos bares do espaço-porto e no mercado. Quando soubera que Mãe Lauria fizera essa declaração, Magda compreendera que seria uma das primeiras a ir e vir, construindo pontes entre seu mundo novo e o antigo. Agora, ela inclinou a cabeça, em capitulação. Ainda era uma Agente do Serviço de Informações, por mais que se ressentisse contra isso.

— Quanto ao seu pedido de demissão... esqueça. Não é o tipo de coisa que poderíamos aceitar sem dispensar muito mais consideração do que você concedeu. É preciso deixar as portas abertas. Nos dois sentidos.

Cholayna inclinou-se e afagou a mão de Magda, um gesto inesperado e que de certa forma atenuou um pouco a hostilidade de Magda.

— Precisamos saber como devemos tratar essas Renunciantes quando elas forem contratadas pelos terráqueos. Quais são seus critérios de bom comportamento? O que as ofenderia ou perturbaria? E enquanto você estiver na Guilda, poderemos lhe pedir

para fazer a seleção final das mulheres que podemos aceitar, qualificadas para o aprendizado das tecnologias médicas, com mentalidades abertas, flexíveis à mudança de costumes...

Magda disse, paciente:

— Pensa mesmo que a maioria é de selvagens ignorantes, Cholayna? Posso lembrá-la que apesar de sua posição de Classe B e Fechado, Darkover possui uma cultura bastante complexa e sofisticada... — com um nível tecnológico pré-espacial e pré-industrial — comentou Cholayna, secamente. — Não estou duvidando que eles tenham grandes poetas e uma excepcional tradição musical ou qualquer outra coisa que leva o pessoal de Comunicações a classificar uma cultura de sofisticada. Os malgaminos de Beta Hydri também possuem uma cultura altamente sofisticada, mas incorporam o canibalismo ritual e o sacrifício humano. Se vamos conceder a essa gente nossa tecnologia altamente sofisticada, devemos ter alguma noção do que farão com isso. Creio que você conhece as teorias malthusianas e o que acontece com uma cultura quando começa, por exemplo, a salvar as vidas de crianças, numa cultura em que o controle demográfico não pode se desenvolver, por razões religiosas ou outras, no mesmo nível. Está lembrada dos coelhos da Austrália... ou será que não ensinam mais esse exemplo clássico de Antropologia?

Magda tinha apenas a mais vaga lembrança do exemplo clássico, mas sabia o que a teoria envolvia. A expansão da população, pela remoção dos freios predadores ou do aumento da sobrevivência no nascimento, criava o crescimento exponencial e o caos decorrente.

Os terráqueos haviam sido muito criticados por negarem conhecimentos médicos a populações nativas por esse motivo.

Magda conhecia essa política e os problemas concretos que a determinavam.

— Depois que analisar a situação, tenho certeza que compreenderá porque deve cooperar conosco, mesmo que seja apenas pelo bem de suas irmãs na... — Cholayna hesitou por um instante, procurando pelo nome correto... Casa da Guilda.

Ela se levantou e acrescentou, em tom incisivo:

— Boa sorte, Magda. Enquanto estiver de licença, em funções independentes, terá dois aumentos de salário.

O gesto fazia com que Magda retornasse ao serviço e ela especulou se deveria oferecer uma saudação.

E não consegui fazer o que queria. Não me demiti. Precisava e desesperadamente ser uma coisa ou outra, não continuar dividida assim entre as duas. O meu eu verdadeiro, o mais sincero, é darkovano. Mas ainda é terráqueo demais para ser um autêntico darkovano...

Na verdade, ela nunca pertencera a qualquer lugar. Talvez descobrisse na Casa da Guilda o lugar a que pertencia... mas apenas se os terráqueos a deixassem em paz.

Ela deixou a sede do Serviço de Informações, debateu por um instante se deveria voltar a seus antigos alojamentos, a fim de recuperar uns poucos pertences apreciados.

Não. Não teriam qualquer utilidade na Casa da Guilda e só serviriam para proclamá-la como terráquea. Ela tornou a hesitar, pensando em Peter e Jaelle, que casariam naquela manhã como companheiros livres... o único casamento legítimo para uma Renunciante. Jaelle haveria de querer que ela comparecesse ao casamento; e Peter também, como o símbolo de que ela não guardava qualquer ressentimento por ele agora, amar e desejar Jaelle.

Não quero Peter. Não tenho ciúme de Jaelle. Como ela dissera a Cholayna Ares, o casamento fora rompido antes mesmo de sequer conhecer Jaelle. E no entanto, de certa forma, ela sentia que não poderia suportar a felicidade de recém-casados dos dois.

Ela se encaminhou apressada para o portão e passou, tirando seu crachá de identidade do quartel-general terráqueo e jogando-o numa lata de lixo.

Agora queimara suas pontes; não podia voltar sem um acerto especial, pois não mais seria admitida como servidora. Num planeta de posição fechada, não havia livre acesso entre território terráqueo e darkovano. Seu gesto acabara de comprometê-la de forma irremediável com a Casa da Guilda e Darkover pelas ruas, até avistar o prédio murado, sem janelas.

Ela continuou pelas ruas, até avistar o prédio murado, sem janelas pela rua, com uma pequena placa na porta: CASA DA GUILDA DAS RENUNCIANTES EM THENDARA

Tocou a pequena campainha oculta e ouviu o sinal distante em algum lugar no interior.

Capítulo Dois

Jaelle n'ha Melora

Jaelle estava sonhando...

Cavalgava sob um céu estranho e ameaçador, como sangue derramado sobre as areias das Terras Secas... Rostos estranhos a cercavam, mulheres desacorrentadas, soltas, do tipo de que o pai escarnecia, embora a mãe tivesse sido uma delas... as mãos de Jaelle estavam presas, mas por elos de fitas que se rompiam, não sabia para onde ia, em algum lugar a mãe gritava, a dor explodia ruidosamente em sua mente...

Não. Era um som real, um clangor, um ruído metálico, lá estava a luz amarela ofuscante penetrando por suas pálpebras. E depois ela percebeu que Peter esbarrava em seu ombro ao se inclinar por cima de seu corpo para desligar o som estrondoso. Podia lembrar agora: era um sinal, como um sino em crescendo, semelhante aos que ouvira em sua única visita à casa de hóspedes do mosteiro em Nevarsin. Mas um som tão estridente e mecânico não podia ser comparado ao carrilhão suave e comedido do mosteiro.

A cabeça doía e ela recordou a festa na área de recreação do quartel-general terráqueo na noite anterior, conhecendo alguns amigos de Peter. Bebera mais do que tencionava dos drinques fortes a que não estava acostumada, esperando assim reduzir sua inibição diante de todos aqueles estranhos. Agora, toda a noite era uma confusão de nomes que não podia pronunciar e de rostos que não associava a nomes.

— É melhor se apressar, meu bem — disse Peter. — Não quero que chegue atrasada em seu primeiro dia num novo cargo e eu também não quero me atrasar... afinal, já tenho uma marca preta contra mim.

Peter deixara o chuveiro aberto. Ela sentia as costas doerem da cama estranha; não tinha certeza se era muito dura ou muito mole, mas não parecia direito. Disse a si mesma que isso era ridículo. Já dormira em todos os tipos de lugares estranhos e sem dúvida um bom banho de chuveiro gelado a despertaria e a faria sentir-se

revigorada. Para sua surpresa, a água estava quente, tranqüilizante em vez de revigorante, não conseguia lembrar como ajustar para fria. De qualquer modo, já despertara agora e foi se vestir.

Peter tirara de algum lugar um uniforme do QG para ela. Vestiu-o, a calça comprida justa que a fazia sentir-se contrafeita, como se as pernas estivessem expostas, a túnica preta curta com um debrum azul. A túnica de Peter era igual, só que com um debrum vermelho. Ele explicara o que significavam as cores diferentes, mas ela esquecera. A túnica era tão apertada que não pôde enfiá-la pela cabeça e levou algum tempo a imaginar por que haviam posto o zíper comprido nas costas, onde era difícil alcançar, em vez de fazê-lo na frente, onde seria mais sensato. Além do mais, por que alguém haveria de querer um traje tão justo? Mais folgado e com um zíper na frente seria ótimo para uma mulher que estivesse amamentando um bebê, mas como estava era um desperdício de material — se tivesse alguns centímetros a mais, poderia ser enfiado pela cabeça e não haveria necessidade do zíper. A sensação em sua pele era de aspereza, já que não havia túnica inferior; mas pelo menos tinha pregas no pescoço, que serviam para aquecer, e as mangas eram justas. Contemplava-se no espelho, de rosto franzido, quando Peter aproximou-se por trás, já vestido, segurou-a pelos ombros, fitou-a pelo reflexo e depois abraçou-a com força.

— Está maravilhosa de uniforme — ele murmurou. — Depois que a virem, todos os homens no QG ficarão com inveja de mim.

Jaelle encolheu-se; era justamente isso o que fora ensinada a evitar. O traje tinha um corte de pouco recato para ressaltar a curva dos seios e a cintura fina. Ela sentiu-se perturbada, mas quando Peter a virou e apertou-a, comprimiu o rosto contra ele e toda tensão pareceu se dissipar em seus braços. Suspirou e sussurrou:

— Eu gostaria que você não tivesse de ir...

— Eu também — ele murmurou, acariciando-a, comprimindo os lábios contra seu pescoço... para depois levantar os olhos abruptamente e fitar o cronômetro na parede.

— Essa não! Olhe só para a hora! Eu disse a você que não poderia me atrasar logo no primeiro dia!

Peter encaminhou-se para a porta. Ela sentiu-se gelada, apesar do banho de chuveiro quente, enquanto ele acrescentava:

— Desculpe, amor, mas estou atrasado. Pode encontrar o caminho sozinha, não é mesmo? Voltarei a vê-la à noite.

A porta foi fechada e Jaelle ficou sozinha. Ainda excitada do contato e pelo beijo, ela compreendeu que Peter nem sequer esperara pela resposta à sua pergunta. Não tinha muita certeza se conseguiria encontrar a sala em que deveria se apresentar naquela manhã, no labirinto desconcertante do QG.

Olhou aturdida para o cronômetro, tentando converter o horário terráqueo para as horas familiares do dia. Pelo que podia calcular, ainda não passara de três horas do nascer do sol. Recordou um comentário irreverente de Magda:

— Não creio que vá gostar muito da Zona Terráquea. Às vezes eles até fazem amor pelo relógio.

Mas ela também tinha deveres naquela manhã. Não suportaria ficar ali, olhando apreensiva para sua imagem no espelho. Também não podia se imaginar entre homens estranhos, terráqueos, naquele traje tão justo e indecente. Nem mesmo uma prostituta se vestiria assim! Com as mãos um pouco trêmulas, tirou-o e vestiu suas roupas comuns.

O uniforme, além do mais, não era bastante quente para o tempo de final da primavera lá fora. No interior dos prédios, aquecido a um calor quase sufocante, o uniforme poderia ser suficiente, mas teria de sair. Examinou o pequeno mapa do QG que Peter deixara, tentando decifrar as marcas confusas. Ela descobriu o caminho, estremecendo à chuva fina da manhã, para o prédio principal e apresentou o passe que Peter lhe dera. O homem da Segurança lhe disse:

— Sra. Haldane? Deveria ter passado pelo túnel, com este tempo. Jaelle olhou ao redor e não avistou ninguém nas rampas e passadiços elaborados. Conseguiu decifrar os sinais. Peter lhe dera um curso intensivo de leitura de sinais mais comuns e ela aprendera um pouco de Padrão, que não era tão diferente assim do casta — fora informada que ambos descendiam de uma língua comum antes da colonização de Darkover, que o casta era parecido com a língua

mais comum da Terra. Relutava em pedir uma orientação a qualquer dos homens e mulheres que circulavam pelos prédios que lembravam uma coelheira; todos pareciam iguais, em calças e túnicas de cores diversas, com sandálias baixas e finas. Ela subiu e desceu no elevador até descobrir como funcionava. Não era tão complicado assim, depois que se conseguia compreender porque alguém poderia se preocupar com aquilo. Será que os terráqueos sofriam de uma paralisia racial das pernas ou algo parecido, não podiam subir e descer escadas? Jaelle refletiu que fazia sentido quando um prédio tinha vinte ou trinta andares, mas por que erguer construções tão altas? Afinal, haviam recebido espaço suficiente no QG do espaço-porto para fazerem um planejamento racional.

Pelo menos não havia nada de errado com as pernas de Peter, ela pensou, sorrindo; talvez simplesmente os terráqueos fossem treinados para serem preguiçosos.

Diante da seção que Peter assinalara no mapa — também estava indicada por uma daquelas placas com a palavra terráquea para COMUNICAÇÕES — ela se apresentou ao homem postado na entrada, mostrou seu passe e disse:

— Meu nome é Jaelle n’ha Melora.

— Vá até ali e ponha o passe na tela — disse o homem, indiferente. Jaelle meteu o passe na abertura e a tela começou a piscar, emitindo um bip estranho. Ela ficou olhando, aturdida.

— Qual é o problema? — perguntou o homem.

— Não sei... o passe foi devolvido...

Ela pegou-o, confusa. O homem olhou para o passe e depois para a tela. Franziu o rosto e disse:

— Você está sem uniforme e os sensores não a reconhecem pela foto, entende? E o nome que disse não coincide com o que consta do passe, Miss.

Jaelle interpretou isso como um tratamento honorífico, mais ou menos equivalente a damisela. Deveria corrigi-lo? O homem apontou pacientemente para o nome no passe e acrescentou:

— Deve-se dizer o nome da forma como está no passe. Está vendo? Haldane, Sra. Peter. Tente dizer assim.

Ela fez menção de protestar que seu nome era Jaelle, que era proibido pelo Juramento de uma Renunciante assumir o nome de um homem, mas tratou de se controlar. Não era da conta daquele homem e, ainda por cima, como poderia explicar a um terráqueo? Ela repetiu humildemente, diante da tela:

— Haldane, Sra. Peter.

A porta abriu-se, permitindo-lhe o acesso. Ela recordou-se que alguns amigos de Peter na noite passada — não os melhores amigos — haviam-na chamado de Sra. Haldane e tivera de corrigi-los. Mas será que esse era também o nome de Magda?

Jaelle entrou numa enorme sala iluminada com a onipresente claridade amarela. Ao longo da parede haviam máquinas estranhas que não reconheceu. Uma moça levantou-se de trás de uma mesa estreita para saudá-la.

— Sou Bethany Kane. Você deve ser Jaelle.

Seu Cahuenga, a língua da Cidade-Mercado, era quase ininteligível e Jaelle teve dificuldade para reconhecer seu próprio nome. Bethany conduziu-a para uma mesa com painéis de vidro e equipamento estranho.

— Deixe suas coisas aqui e subiremos para começar; acho que devo levá-la para o Básico e o Médico.

Jaelle percebeu que era um discurso memorizado; era evidente que não trouxera “coisas” para deixar e a moça parecia querer dizer mais, só que não podia. Num súbito impulso, Jaelle respondeu em casta:

— Magda me falou de sua amiga Bethany; é você? Bethany disse, com um sorriso aliviado:

— Não sabia que você falava a língua da cidade, Jaelle... é assim que se pronuncia, Jai-el-lê?

Bethany era uma mulher franzina, cabelos castanhos claros, olhos castanhos — como os olhos de um animal, pensou Jaelle — atraente e arredondada no uniforme terráqueo, tão indecente. Como podia se mostrar daquele jeito, num escritório em que homens e mulheres trabalhavam juntos? Talvez, se houvesse apenas mulheres ali, não pareceria tão... tão... Jaelle procurou pelo conceito apropriado... tão deliberadamente sedutor. Contudo, aquelas

mulheres trabalhavam com homens no relacionamento mais descontraído e ninguém parecia perceber. Ela arquivou a observação para uma análise posterior, enquanto passavam por homens uniformizados numa sucessão de portas.

Bethany pegou seu passe e conduziu-a por vários túneis e elevadores, pelo que pareceu a Jaelle quilômetros e quilômetros de corredor. Seus pés, acostumados às botas grossas, estavam doloridos das sandálias finas quando finalmente alcançaram o objetivo. Jaelle eliminou a teoria de que os terráqueos eram preguiçosos; com tanta distância a percorrer, talvez precisassem mesmo de seus elevadores e escadas rolantes.

As horas subseqüentes foram as mais desconcertantes de sua vida. Havia um lugar com luzes piscando e ofuscando seus olhos com um brilho ameaçador; um momento depois um pequeno cartão laminado saiu de uma fenda, com uma foto que Jaelle a princípio não reconheceu como sua: uma mulher pequena, ruiva, compenetrada, com os olhos um pouco assustados. Bethany percebeu sua careta ao contemplar o retrato e soltou uma risadinha.

— Todo mundo parece assim nesses retratos de identificação. Como se estivéssemos sendo alinhados e fotografados para uma sentença de prisão; tem algo a ver com as luzes e a pose. Você devia ver meu retrato!

Mas ela não o mostrou, embora Jaelle ficasse esperando; imaginou que devia ser alguma maneira de falar figurativa, um ruído social. E depois um cavalheiro idoso, redondo e simpático, interrogou-a longamente sobre seu local de nascimento (“Shainsa? Onde fica exatamente?”), até persuadi-la a desenhar um mapa tosco da estrada entre as Cidades Secas e Thendara), idade, data de nascimento. Pediu-lhe que pronunciasse seu nome várias vezes, enquanto ele escrevia, com letras precisas e marcas estranhas, explicando que aquilo poderia ajudar os outros a pronunciá-lo de modo correto. Jaelle especulou por que ele não podia simplesmente informar aos outros ou usar uma das onipresentes gravações... em determinado momento, ela ficara surpresa ao ouvir sua própria voz numa gravação. Mas soubera desde o início que encontraria ali muitas coisas insólitas. Houve uma ocasião em que ele a chamou de

“Sra. Haldane”; quando Jaelle o corrigiu, o homem sorriu gentilmente e disse:

— É o nosso costume, minha cara jovem. — Ele usou a expressão, que em darkovano poderia ser uma intimidade ofensiva, de maneira tão paternal que Jaelle sentiu-se agradecida em vez de ofendida. — Não se esqueça, minha jovem, de que está entre terráqueos bárbaros agora e que deve nos permitir nossos costumes tribais. Os registros tornam-se mais fáceis assim. Está partilhando alojamentos com Haldane, não é mesmo? Pois aí está.

— Mas sou uma Renunciante e não é nosso costume assumir o nome de um marido...

— Como eu disse, é o nosso costume. Tem um provérbio que diz: “Quando em Roma, faça como os romanos.”

— Quem foram os romanos?

— Deus sabe; eu não. Imagino que algum antigo povo territorial. Pode-se traduzir da seguinte maneira: quando vivendo entre os bárbaros, siga seus costumes da melhor forma que puder.

Jaelle pensou a respeito por um instante, sentiu que seu rosto se desmanchava num sorriso.

— Nós falamos: “Quando em Temora, coma peixe.”

— Temora, pelo que me lembro, é uma cidade costeira.

Depois, o homem começou a bater num estranho teclado, com dedos excepcionalmente ágeis. Jaelle torceu para que não lhe pedissem que usasse qualquer máquina que exigisse tanta habilidade. Luzes silenciosas desfilaram por uma placa de vidro à sua frente. Houve um bip e ele levantou os olhos para uma série de letras luminosas na tela.

— Tinha esquecido. Tirou as impressões dela, Beth?

— Dedos, olhos ou as duas coisas?

— As duas, eu acho.

Bethany levou Jaelle para outra máquina e guiou sua mão contra uma placa de vidro plana, fazendo luzes faiscarem. Depois, guiou seu rosto para outra placa, com um lugar para apoiar o queixo. Ela recuou bruscamente, surpresa, quando luzes doeram em seus olhos. Beth disse, tranqüilizadora:

— Não faça isso. Mantenha a cabeça imóvel e os olhos abertos; estamos tirando impressões da retina para uma identificação positiva.

As impressões digitais podem ser falsificadas às vezes, mas isso é impossível com as impressões dos olhos.

Tentaram mais duas vezes antes que Jaelle conseguisse dominar a reação involuntária, recuando a cabeça e fechando os olhos. Finalmente prenderam um cartão laminado em sua túnica, com o retrato num canto e rabiscos estranhos que eram, conforme lhe disseram, impressões codificadas. Bethany disse:

— Você deve usar o uniforme. Por duas vezes hoje já acionou os monitores com um alarme de intruso. Estão programados para ignorar qualquer pessoa com o uniforme, por causa dos códigos na túnica.

Ela guiou os dedos de Jaelle para o exame de uma aspereza que parecia metal na gola de seu uniforme. Jaelle pensara que o lugar havia rasgado e sido costurado, mas parecia evidente que o normal era assim.

— Por sorte, o homem no portão viu seu passe e nos avisou que estava sem uniforme. Mas vai usá-lo amanhã, como uma boa moça, não é mesmo? Torna tudo mais simples. Mais simples; todo mundo parecendo igual, como soldadinhos de brinquedo pintados numa caixa!

— Sei que está trabalhando com Lorne — comentou o homem, — mas ela pode ficar sem o uniforme porque passou bastante tempo atuando no gabinete de comando.

Lorne era o nome que Magda usava no QG, Jaelle sabia, mas nada do resto fazia sentido, a não ser que, por algum estranho motivo, talvez um ritual supersticioso, ela deveria usar o uniforme para não acionar alarmes dentro do prédio. Provavelmente não valia à pena discutir.

— Não há problema por hoje, seu primeiro dia — acrescentou o homem, — mas amanhã apresente-se de uniforme, está bem? E use o seu emblema em todos os momentos. Identifica seu departamento e seu rosto.

— Por que devo usar uma plaqueta com meu rosto, quando todo mundo pode vê-lo? — perguntou Jaelle.

— A fim de que possamos verificar se o crachá confere com seu rosto, evitando assim que pessoas desautorizadas tenham acesso às áreas de Segurança.

Jaelle, que já estava completamente confusa, concluiu que não adiantava perguntar por que alguém haveria de querer entrar num lugar em que nada tinha para fazer. E ao que tudo indicava, não havia nada de interessante para se ver por lá.

— Leve-a para o Médico, Beth — disse o homem. — Já acabamos com ela aqui. Boa sorte, Sra. Haldane... isto é, Jaelle. Onde vão coloca-la Beth? Não pode ser no gabinete do Chefe. Ele tem o hábito... o homem hesitou. — ...de fazer comentários um tanto rudes sobre... as origens de certas pessoas.

Jaelle especulou se o homem pensava que ela era surda ou retardada” ia conhecera Montray e ninguém que tivesse um mínimo de faculdade telepática poderia ignorar que ele detestava Darkover e todos os darkovanos. Mas era polido o homem tentar poupar seus sentimentos; a primeira manifestação de polidez que encontrara entre os terráqueos, que com mais freqüência se mostravam amistosos, mas raramente polidos. Ou pelo menos não eram como ela compreendia a polidez; pareciam ter padrões diferentes de cortesia. Quando saíram para o corredor, ela compreendeu que respondera a muitas perguntas a respeito de si mesma, mas ninguém se dera ao trabalho de apresentar o homem e ainda não sabia seu nome.

— Próxima parada, Médico — comentou Bethany.

Jaelle, que já conhecia essa palavra terráquea, depois dos longos debates sobre a permissão para as Renunciantes se tornarem técnicas médicas, protestou:

— Mas não estou doente!

— É apenas rotina.

Jaelle já ouvira essa resposta tantas vezes naquele dia que podia reconhecê-la, embora ainda não soubesse direito o que significava, como uma resposta ritual que deveria encerrar uma discussão. Fora advertida que era grosseria indagar sobre os rituais

religiosos dos outros, e os terráqueos deviam ter alguns bastante esquisitos.

Desta vez subiram ainda mais do que antes, e Jaelle, lançando um olhar casual por uma janela, estremeceu involuntariamente: deviam estar tão alto quanto no Passo de Scaravel. Ela segurou-se num corrimão, sentindo vertigem. Seria aquilo uma forma de testar sua coragem? Mas uma mulher que enfrentara nevascas nos Hellers e pássaros-banshees nos desfiladeiros não se deixaria intimidar pela mera altura. De qualquer forma, Bethany parecia despreocupada.

Havia um tipo diferente de uniforme naquele andar. Como iria participar de um novo e estranho ritual, qualquer que fosse, ela não protestou quando tiraram seu traje de lã e couro de Amazona e a vestiram com uma túnica branca feita de papel. As pessoas que trabalhavam ali tinham todas o mesmo signo em suas túnicas, um bastão de pé com o que pareciam ser duas cobras enrascadas em torno. Jaelle especulou se os emblemas de trabalho substituíam os brasões de clã ou família ali. Ela esperou em bancos por processos peculiares, foi apalpada ou sondada com máquinas estranhas, espetaram seu dedo com agulhas. Encolheu-se quando isso aconteceu e Bethany explicou:

— Querem examinar seu sangue sob um... — Ela usou uma palavra esquisita e ao olhar de surpresa de Jaelle acrescentou: — É um vidro especial para ver as células em seu sangue... para verificar se é sangue saudável.

Meteram uma placa de vidro em sua boca, envolveram-na dos seios aos joelhos com uma cortina revestida de metal, depois deixaram-na sozinha com a máquina, que emitiu um zumbido estranho, fazendo-a pular, sobressaltada. A jovem técnica, uma loura de cabelos crespos mais ou menos da idade de Jaelle, praguejou furiosa. Bethany apressou-se em explicar que estavam apenas tirando uma chapa de seus dentes, a fim de verificar se tinham buracos ou raízes avariadas.

— Podiam me perguntar — disse Jaelle, irritada. Mas quando tentaram de novo, ela prendeu a respiração e ficou tão imóvel quanto podia. A técnica olhou para a placa com a impressão dos

dentes e comentou para Bethany que nunca vira antes nada parecido.

— Ela diz que seus dentes são perfeitos — traduziu Bethany. Jaelle, sentindo-se injuriada, respondeu que poderia ter lhes dito isso sem necessidade da chapa. Foram em seguida para uma sala cheia de máquinas e o técnico no comando, um homem que falava darkovano melhor que todos os outros, à exceção do homem que a interrogara longamente, disse:

— Vá para trás daquelas cortinas e tire as roupas. Tire tudo. Depois saia por aquele lado e ande pela linha branca. Entendido?

Ela fitou-o horrorizada; pelo menos um terço dos técnicos que guarneciam as máquinas era constituído por homens.

— Não posso! — exclamou Jaelle, agarrando em pânico o braço de Bethany. — Estão mesmo querendo que eu ande pelo meio dessas máquinas completamente nua?

— As máquinas não lhe farão mal algum — explicou Bethany. — São os novos sensores computadorizados; nada de raios X, nada nocivo ou mutagênico. Irei primeiro para mostrar, está certo?

Ela estendeu a cabeça além das cortinas e disse alguma coisa em terráqueo para os técnicos, depois traduziu para Jaelle:

— Eu disse a eles que passaria primeiro, a fim de mostrar a você que não vão lhe fazer mal.

Bethany começou a tirar as roupas e Jaelle observou-a, fazendo anotações mentais: Então é assim que se abre o fecho nas costas? Será que a calça rasga com tanta facilidade que ela precisa tomar cuidado para não meter as unhas?

— Programe o detector de metais para as obturações em meus dentes Causaram um bip na última vez e me obrigaram a andar de um lado para outro durante a metade da manhã.

— Obturações, dentes, está certo — disse o homem, fazendo alguns ajustamentos na máquina. — Isso não é nada. Tivemos Lucy de Comunicações aqui outro dia, esquecemos de pegar seus registros e não preparamos para ignorar o DIU. E é claro que alguém com um pino na bacia ou qualquer coisa assim provoca a maior confusão. Está tudo pronto, Beth, pode ir.

Enquanto Bethany andava, completamente nua, pela fileira de máquinas, Jaelle constatou que os homens a ignoravam por completo, como se ela fosse homem ou estivesse inteiramente vestida. Mas quando Bethany voltou e tentou empurrá-la para fora do cubículo, ela ainda resistiu.

— Estou garantindo que as máquinas não vão lhe fazer mal; é apenas luz.

— Mas... eles são homens!

— São Médicos. Para eles, você não passa de um conjunto de ossos e órgãos. Ficariam mais emocionados com uma fratura Colles do que se você lhes exibisse os mais maravilhosos peitos do mundo. Vá logo... eles estão esperando.

Jaelle não entendia tudo aquilo, mas calculou que Bethany tentava lhe dizer que os homens — Médicos? — eram como monges ou sacerdotes-curandeiros, que não se interessavam por outra coisa que não fosse o seu trabalho. Respirando fundo, ela saiu do cubículo, mas para seu alívio ninguém olhou, nem homem nem mulher, todos continuaram concentrados em suas máquinas. Uma das mulheres perguntou, em darkovano imperfeito:

— Usa algum metal? Obturações, pinos, qualquer coisa? Jaelle estendeu as mãos vazias.

— Onde eu poria? — ela indagou. A mulher sorriu.

— Certo. Comece a andar... para aquele lado... vire-se. Pare aí. Levante um braço. O outro. — Jaelle sentia-se como um chervine domado se exibindo, enquanto a mulher continuava a dar instruções: — Vire-se de novo... abaixe o braço... Está vendo? A máquina não machuca...

Quando estava se vestindo, ela perguntou a Bethany:

— O que essas máquinas fizeram?

— Retratos seus por dentro, já lhe disse. Para saber se é saudável.

— E como eu já lhe disse também, poderia dizer isso sem precisar de tanta coisa. Exceto por um ou outro ferimento em batalha — durante seus primeiros anos como Amazona, lutara como uma mercenária ao lado de Kindra — e um pulso quebrado quando

caíra de um cavalo aos dezesseis anos, sempre fora perfeitamente saudável.

Levaram-na em seguida para outra sala e grudaram placas em sua cabeça, fizeram-na sentar numa cadeira. Devia ter adormecido e ao despertar sentia uma dor de cabeça terrível, não muito diferente da que experimentara quando Dama Alida a obrigara, aos quinze anos, a olhar para uma pedra matriz.

— Ela é muito resistente — comentou um homem, enquanto Jaelle despertava.

Outro homem acrescentou:

— Isso é normal para a população indígena. Não estão acostumados à população tecnológica. Beth disse que ela se assustou com as máquinas fluoroscópicas. Ei... Fale baixo, porque ela já acordou. Pode nos compreender, Miss?

— Posso, sim, perfeitamente... ah, já entendi! Uma máquina ensino de língua.

Isso não era nada; o Comyn poderia fazer a mesma coisa com uma matriz e um telepata bem treinado.

— Dor de cabeça?

Sem esperar pela resposta, o Médico entregou-lhe um pequeno copo de papel com uma colherada de um líquido verde-claro no fundo.

— Beba isto.

Jaelle bebeu. Ele tirou o copo de sua mão, amassou-o e jogou num coletor de lixo. Ela observou espantada enquanto o copo se transformava num limo claro e escorria pelo ralo. Num momento fora um copo e no instante seguinte, sem transição, virará uma pasta viscosa, deliberadamente descartado e destruído. Contudo, não era velho, não estava gasto demais, a sensação em sua mão fora de coisa nova, essa era a realidade. Ainda podia senti-la, mas a coisa em si desaparecera. Por quê? Poucos minutos depois, enquanto punha suas próprias roupas, Bethany mandou que jogasse a túnica de papel num coletor similar. Jaelle ainda se sentia confusa ao ver as coisas se dissolverem e escorrerem pelo ralo, deixando de existir. O homem que operara a máquina de linguagem — ela o ouvira chamá-

la de corticador D-alfa, o que não fizera com que soubesse mais do que antes — entregou-lhe um pacote de discos.

— Aqui estão suas aulas de Padrão para o resto da semana — disse ele. — Peça a seu marido para lhe mostrar como usar o mestre-no-sono e poderá continuar sozinha.

Outra máquina! Aquele homem também não lhe fora apresentado, mas ela estava acostumada à grosseria àquela altura e não ficou surpresa quando Bethany lhe disse que tinha de se apressar ou chegariam atrasadas para o almoço. Estivera se apressando durante toda a manhã, mas os terráqueos sempre estavam com pressa, tangidos pelos mostradores dos cronômetros que se encontravam em toda parte. Jaelle calculou que devia haver bons motivos para servirem as refeições nos horários; era grosseria manter os cozinheiros à espera. Só que não havia cozinheiros visíveis, apenas máquinas; confundiu-a ter de apertar botões para obter a comida, mas imitou tudo o que Bethany fez. De qualquer forma, a comida era desconhecida, mingaus grossos, bebidas quentes e misturas de textura suave. Espetando o garfo numa porção avermelhada, ela perguntou o que era e Bethany deu de ombros.

— Ração para o dia; alguma espécie de carbo-proteína sintético, eu imagino. O que quer que seja, deve lhe fazer bem.

Ela comia com apetite e por isso Jaelle tentou engolir um pouco daquelas coisas.

— A comida na Cafeteria Principal é melhor — explicou Bethany. — Este é apenas um lugar para se comer depressa e sair logo. Sei que a manhã foi muito chata, mas é sempre assim num novo cargo.

Chata? Jaelle pensou no último trabalho que realizara; com sua parceira Rafaella, organizara uma caravana comercial para Dalereuth. Passaram o primeiro dia conversando com o empregador para descobrir que homens eles tinham e quantos animais, inspecionando as bestas e avaliando as cargas, visitando os fabricantes para fazerem os arreios apropriados. Enquanto Raffi saía para contratar animais extras, Jaelle interrogara os homens a respeito de suas preferências alimentares, fora comprar os

suprimentos e acertar a entrega. Talvez monótono e certamente um trabalho árduo, mas nada tinha de chato!

A comida era muito estranha para que ingerisse demais; ela nem conseguiria engolir alguma coisa se não estivesse tão faminta, depois da manhã inteira sem um desjejum.

As texturas eram muito suaves, os sabores muito salgados ou muito doces, com uma amargura intensa que a fazia salivar. Mas pelo menos Bethany estava tentando se mostrar amistosa.

Vasculhando a mente, ela compreendeu que ainda estava zangada pelo momento em que tivera de andar nua entre as máquinas. Nenhum dos homens se mostrara ofensivo, não haviam notado que era uma mulher. Notado; não olhado para ela de maneira ofensiva, mas notado que era de fato uma mulher e teria sentimentos em se exibir na frente de estranhos. Talvez devessem guarnecer as máquinas só com mulheres, apenas para indicar que compreendiam seus sentimentos naturais. Jaelle detestava a idéia de que a consideravam apenas um nada, outra máquina que por acaso estava viva e respirando, uma máquina que ninguém teria percebido se não estivesse usando o uniforme apropriado! Uma porção de ossos e órgãos, dissera Bethany. Ela sentia-se despersonalizada, como se a tivessem transformado numa máquina ao tratá-la como tal.

— Não tente comer as coisas de que não gosta — recomendou Bethany, percebendo sua luta com a comida. — Mais cedo ou mais tarde descobrirá coisas de que gosta e as que não aprecia. Além disso, pode obter a comida nativa... Oh, desculpe, estou me referindo a comida naturalmente cozinhada, coisas mais parecidas com o que está acostumada a comer... nos alojamentos. Algumas pessoas preferem alimentos sintéticos, isso é tudo. Os alfanos, por exemplo, têm objeções religiosas a comer qualquer coisa que já foi viva ou crescendo. Por isso temos de providenciar dietas completamente sintéticas para eles. É mais barato e mais fácil remetê-las para o pessoal aqui. Não é tão rui depois que a gente se acostuma.

Ela continuou a falar, enquanto Jaelle piscava os olhos, pensando num mundo em que todos comiam aquele tipo de coisa,

não por conveniência ou por ser mais barata, mas porque tinham escrúpulos religiosos sobre comerem qualquer coisa que outrora contivera vida. Refletiu que demonstrava, no final das contas, um senso ético bastante elevado. De qualquer forma, não havia nada que ela pudesse fazer a respeito.

A esta altura ela sentia-se atordoada pelos sucessivos choques, jogou seu prato com metade da comida num dos coletores onipresente, observando-o se transformar em limo e escorrer pelo ralo. Não era grande perda, concluiu Jaelle. Tornando a subir para uma das salas grandes sem janelas, ela sentiu a inquietação da claustrofobia incipiente... Era inquietante não ter certeza se estava no quarto ou vigésimo quarto andar. Disse a si mesma que não poderia esperar que fosse tudo familiar entre os terráqueos e que pelo menos se tratava de um novo tipo de experiência. Mas os sons estranhos e as ruidosas máquinas ao fundo atacavam seus nervos. Bethany localizou uma mesa para ela.

— Esta é a mesa de Lorne. Mesmo quando está aqui, ela quase não a usa, trabalhando na maior parte do tempo no gabinete de Montray lá em cima. Quando soube que estava vindo para cá, mandei limpá-la e aprontá-la para você. Tenho certeza de que não gostaria de trabalhar com Montray, pois ele é um...

Ela usou um idioma que Jaelle não compreendia, comparando-o a um animal desconhecido, mas o tom de desaprovação transmitia o significado com perfeição. Jaelle lembrou o que também ouvira no Departamento Médico... Montray, portanto, era um homem em quem não podia confiar que tratasse os darkovanos com a cortesia mínima.

Como então aquele homem assumira uma posição de autoridade, ela especulou, se seus defeitos de caráter eram tão grandes que até seus próprios subordinados sentiam-se à vontade para comentá-los? Ela resolveu perguntar a Peter; não sabia literalmente como formular a indagação para os ouvidos de Bethany sem insinuar todos os tipos de coisas insultuosas sobre os terráqueos em geral.

Bethany explicava, em voz rápida, como usar a máquina de voz, o microfone na garganta, a chave para apagar tudo, a maneira

pela qual as palavras seriam impressas na tela à sua frente.

— Não precisa falar alto, basta sub-vocalizar. — Ela apertou uma tecla. — Aperte aqui, desse jeito... e observe.

As palavras apareceram na tela, em letras claras, luminosas: APERTE AQUI, DESSE JEITO... E OBSERVE. Jaelle engoliu em seco, enquanto as soletrava lentamente.

— Não seria mais simples se eu dissesse diretamente à pessoa que precisa saber isso?

Bethany deu de ombros.

— Creio que se poderia fazer assim, mas precisamos para os arquivos... e com isso o próprio Diretor de Operações e o seguinte poderão tomar conhecimento de suas palavras, daqui a muitos anos.

— Por que alguém estaria interessado, daqui a cinquenta anos, por exemplo, quando não nos encontrarmos mais aqui e Rumai di Scarp estiver morto?

— Ora, tudo vai para o arquivo — disse Bethany, também bastante perplexa.

— Mesmo na próxima semana sua memória pode ter distorcido o que aconteceu... Deveria ter sido interrogada, da mesma forma que Magda, logo depois que aconteceu, embora eu compreenda porque não foi possível... Passou o inverno inteiro retida pela neve em Ardais, não é mesmo? Mas temos de registrar tudo para o arquivo, tão claramente quanto possível. E com isso outros chefes de departamentos ou mesmo pessoas em outros planetas do Império terão acesso às informações, até mesmo daqui a cem anos. Tudo vai para o arquivo permanente.

Mas isso, pensou Jaelle, era impossível; ninguém podia relatar coisa alguma com aquele tipo de objetividade, congelada, eterna.

E ela disse, escolhendo as palavras com cuidado, para tentar transmitir sua aflição:

— Mas a verdade que eu digo agora sobre o que aconteceu em Sain Scarp não é a verdade que eu diria na ocasião. E o que eu digo agora não será a verdade daqui a cinquenta anos. Terei de recordar tudo, daqui a cinquenta anos, para saber o que é verdade então, porque a única verdade nessa ocasião será o que lembrarmos... e não apenas eu, mas o que Margali... Magda lembrar, o que Peter

lembrar e até mesmo o que Dama Rohana e o próprio Rumai di Scarp lembrarem.

Bethany sacudiu a cabeça, obviamente sem compreender o que Jaelle tentava explicar.

— Receio que seja complicado demais para mim. Basta me dizer tudo o que pode lembrar e nos preocuparemos com essa espécie de verdade suprema em outra ocasião... certo?

— Mas a quem devo fazer o relato?

— Isso tem importância? Fale apenas como contaria a qualquer pessoa que indagasse o que aconteceu por lá; inclua todos os detalhes que recordar... alguém vai editar o texto e cortará qualquer coisa irrelevante.

— Mas como posso saber o que dizer se não sei a quem estou dizendo? — perguntou Jaelle, confusa outra vez. — Se você me pedisse para contar a história, eu lhe diria de uma maneira; se o Conselho do Comyn, por exemplo, perguntasse, eu contaria de outra maneira...

Bethany suspirou e Jaelle pôde sentir sua frustração. Ela disse:

— Acho que meu casta não é tão bom quanto eu pensava. Tive a impressão de que contaria duas histórias diferentes, uma para nós e outra para seu povo. Mas não foi isso o que quis dizer, não é mesmo?

Jaelle balançou a cabeça vigorosamente e ela acrescentou:

— Achei que não; você me parece bastante honesta e Magda disse boas coisas a seu respeito. Não podia imaginar que fosse uma pessoa falsa. Faça o seguinte: conte a história ao aparelho como se estivesse falando para uma das mulheres da sua Guilda, as Anciães... como é mesmo que as chamam?

— Mães da Guilda?

— Acho que é isso. Por que não conta tudo como se estivesse falando com uma das Mães da Guilda?

Ela prendeu o microfone, com sua extensão preta que parecia uma serpente, na gola da túnica de Jaelle.

— Eis aí outro bom motivo para usar o uniforme; o padrão do seu setor tem um bolsinho na gola para o microfone, não há necessidade de prendê-lo com cliques.

Bethany fez a demonstração na túnica de seu próprio uniforme, e contraiu-se um pouco ante a perspectiva de ficar ligada a qual máquina, mas refletiu que acabaria se acostumando. Não era perigoso e ela não era a bárbara que a consideravam. Cabia a ela não entrar em pânico como um peixe numa árvore!

— E agora pode falar baixinho ou mesmo sub-vocalizar. Não ficarei aqui pois isso a deixaria nervosa, mas estarei bem ali, na minha mesa, se precisar de alguma coisa.

Ela se afastou. Jaelle permaneceu imóvel, tentando decidir o que fazer primeiro. Disse em voz alta:

— Não tenho certeza se sei como manejar esta coisa...

E ouviu um zumbido, um matraquear, letras luminosas surgiram na tela e ela viu, nas letras ainda meio desconhecidas do Padrão, o que dissera em Casta: “Não tenho certeza se sei...”

Mortificada, ela apertou a tecla de apagar e viu as letras desaparecerem em clarões, como o copo de papel e o prato do almoço haviam se desvanecido para o nada.

Alguma coisa é permanente aqui?, ela especulou. Mas Bethany falara que seu relato seria acessível para todo o tempo. Era um pensamento sensato. Ela disse, bem devagar:

— Não sei por onde começar...

A máquina tornou a zumbir e ela viu as palavras surgirem luminosas na tela. Mas agora isso não a perturbou. Quantas vezes, ela refletiu, iniciara um relato para Kindra ou uma das Mães da Guilda, sobre alguma missão cumprida ou malograda, com essas mesmas palavras? Como se estivesse sentada na grande sala de reunião da Casa da Guilda de Thendara, com as Mães da Guilda e suas irmãs esperando para saber o que ela fizera, Jaelle começou de uma maneira formal:

— Numa certa noite, cerca de dez dias antes do Solstício do Inverno, eu viajava para o Norte, a caminho do mosteiro de Nevarsin. Éramos um bando de Comhü-Letzii, que incluía a mim, Jaelle n’ha Melora, como líder eleita, Gwennis n’ha Uriel, Sherna n’ha Lia e Devra n’ha Rayna, que iam substituir três de nossas irmãs que estavam vivendo em Nevarsin para copiar os registros ali, e Camilla n’ha Kyria, minha irmã-de-juramento, como escolta e guarda. Por

causa de uma grande tempestade se aproximando, acampamos num abrigo para viajantes a meio dia de viagem ao norte do Passo Andalune. Encontramos o lugar já ocupado por um bando de homens estranhos, cerca de doze no número; mas invocando a tradicional neutralidade dos abrigos de viajantes, nós os saudamos polidamente e armamos nosso acampamento no lado oposto do prédio.

Pouco depois do escurecer uma mulher viajando sozinha e no traje comum de uma Renunciante entrou no prédio; identificou-se como sendo da Casa da Guilda de Temora e foi acolhida em nosso fogo. Eu soube mais tarde que essa mulher era Magdalen Lorne...

Ela teve alguma dificuldade com o nome terráqueo de Magda e teve certeza de que a coisa que aparecia na tela não era como parecia em letras terráqueas. Já o vira escrito uma vez. Devia ter pronunciado do modo errado, a tal ponto que a máquina não pudera compensar, reduzindo a uma transcrição fonética do que ela realmente dissera. Jaelle bateu na tecla de apagar, chamou Bethany para pedir que soletrasse da maneira correta.

Para seu grande alívio, Bethany não demonstrou qualquer exasperação, não deu a impressão de que ela pedira uma coisa extremamente estúpida; calmamente soletrou para ela e depois voltou à sua mesa. Jaelle continuou:

— Não sabíamos que ela era uma terráquea ou um agente de informações. Simplesmente a acolhemos e partilhamos a comida, como era tradicional quando Renunciantes se encontram em viagem. Enquanto todas dormíamos, houve um distúrbio...

Ela continuou, as palavras fluindo com maior facilidade agora, relatando como Magda fora atacada por um dos bandidos, violando a lei de neutralidade do abrigo de viajantes. Depois que os homens foram expulsos do abrigo, Magda, sob interrogatório, foi exposta como intrusa. Como a lei estipulava, exigiram que prestasse o Juramento.

No dia seguinte Jaelle entregara o comando do grupo a Camilla n'ha Kyria, a fim de escoltar sua nova irmã-de-juramento à Casa da Guilda de Neskaya. Depois que as outras partiram, ela e Magda foram atacadas por dois dos bandidos que voltavam. Travaram uma

luta e Jaelle acabara gravemente ferida. Magda, também ferida, salvara a vida de Jaelle; e embora pudesse ter partido, prosseguindo em sua missão, permanecera para cuidar do ferimento grave e que ameaçava a vida de Jaelle. Mais tarde Jaelle descobrira a verdadeira identidade de Magda e a acompanhara para obter o resgate de Peter Haldane, capturado por Rumai di Scarp.

Ela relatou rapidamente o encontro com um pássaro-banshee no Passo de Scaravel, o resgate e a viagem subsequente... o que podia recordar, já que sua memória daquele período fora afetada pela febre do ferimento. Pouco lembrava da viagem, exceto que Peter a levava em sua sela, quando ela não podia mais cavalgar sozinha.

Falou pouco sobre a estada no Castelo Ardais, dizendo apenas que haviam sido tratados com toda cortesia por Dama Rohana e bem acolhidos por Dom Gabriel, com a devida hospitalidade, embora ele não aprovasse as Renunciantes. Mencionou de passagem que Rohana era sua patente e fora sua guardiã na infância; ainda mais rapidamente, contou que ela e Peter Haldane haviam combinado casar ao voltarem a Thendara, e assim fizeram. Se quisessem saber mais alguma coisa além, teriam de lhe perguntar. Afinal, como podia adivinhar o que eles queriam saber e o que era da conta dos outros? Estava disposta a relatar sua participação no resgate de Peter — concluiu que ele também relataria a história, de sua própria perspectiva, — mas embora pudesse contar com a maior satisfação às Mães da Guilda como passara a conhecer Peter muito bem, como se apegara a ele durante a doença, a crescente intimidade entre os dois e como partilhara sua cama pela primeira vez depois do festival do Solstício do Inverno, não queria dizer coisa alguma a uma máquina anônima, para terráqueos que não conheciam nenhum dos dois.

Ela perdeu a noção do tempo dentro da sala sem janelas e só quando levantou os olhos é que descobriu que as pessoas começavam a fechar suas mesas e compreendeu que o estômago a lembrava furioso de seu almoço insatisfatório e incomível.

Quando saiu do prédio para a praça do QG do espaço-porto, já passara do pôr-do-sol e a chuva fina caía. Na Cafeteria Central, que

pelo menos era espaçosa e com muitas janelas, ela sentiu-se menos claustrofóbica do que no escritório todo fechado e atravancado por mesas; mas todos pareciam tão iguais em seus uniformes que ela não viu Peter até que ele tocou em seu ombro.

— Jaelle! O que está fazendo sem uniforme? — Antes que ela pudesse explicar, Peter continuou: — Soube que alguém acionou os monitores por toda a estação, mas nunca imaginei que fosse você!

Ela ficou atônita pela raiva em sua voz; começou a explicar, mas ele não estava prestando atenção.

— Vamos entrar na fila para o jantar... há sempre uma multidão a esta hora.

A comida parecia e cheirava melhor do que os alimentos sintéticos que eram fornecidos no outro prédio na hora do almoço; alguma coisa era familiar: carnes assadas, cereais e legumes locais. Jaelle sentiu-se aliviada ao constatar que as opções de Peter e as suas eram quase iguais. Mas é claro que isso tinha de acontecer; afinal, ele fora criado Perto de Caer Donn e estava acostumado à comida darkovana. Em todos os aspectos que realmente interessavam para ela, Peter era darkovano, embora sua coloração protetora fosse muito boa, ali, entre os outros terráqueos. Era um pensamento inquietante: qual deles seria o verdadeiro Peter?

Ele explicou também por que ela tinha primeiro de enfiar seu cartão de identificação na fenda antes que a comida fosse liberada:

— Temos direito a um número determinado de refeições como funcionários. As refeições extras são deduzidas do pagamento. Vamos procurar um canto sossegado, está bem?

Mas não havia cantos sossegados na cafeteria, não como ela entendia a palavra, mas acabaram descobrindo uma mesa para dois e sentaram. Ao redor havia outros trabalhadores, conversando e rindo, a maioria de uniforme ou com as batas brancas com o emblema do Serviço Médico. Havia um grupo que parecia ser de trabalhadores na estrada, ainda removendo a neve dos grossos parkas, que usavam por cima do uniforme. Não era muito diferente, pensou Jaelle, de um jantar na Casa da Guilda. Por um instante, ela sentiu uma saudade intensa. Pensou em Magda, comendo sua primeira refeição lá. Depois olhou para Peter e sorriu. Não, ela

estava aqui com Peter e era onde queria permanecer. Mas ele ainda parecia furioso.

— Você tem sempre de usar seu uniforme enquanto estiver no prédio, Jaelle.

Ela respondeu um tanto rígida, com todo cuidado:

— Já me explicaram que isso cria um problema com... com as máquinas. Eu... tentarei.

— Qual é o problema, Jaelle?

Ela se perguntou se conseguiria fazer com que Peter compreendesse.

— É... é indecente. Faz com que eu pareça... mulher demais. Peter estava sendo deliberadamente obtuso? Ele sorriu insinuante e disse:

— Não acha que isso é a melhor parte? Por que não quer parecer como uma mulher?

— Não foi isso o que eu quis dizer... — ela começou, irritada, mas logo se interrompeu. — Por que isso importa para você, Peter? O problema é meu e devo resolvê-lo à minha maneira. Se quiser, explicarei que nada tem a ver com você... que me pediu para usar o uniforme e recusei.

— Não pode fazer isso — ele protestou, mortificado. — Estou trabalhando com Montray agora e já tenho bastantes problemas sem precisar me preocupar que ele pense...

Peter parou de falar, mas para Jaelle, surpreendentemente, foi como se tivesse pronunciado em voz alta o que tinha na mente: que ele pense que não posso controlar minha esposa. E isso a deixou furiosa. Ela disse então, através dos dentes cerrados:

— Por que deveria pensar que isso se reflete sobre você?

— Mas que droga, mulher! — explodiu Peter. — Está usando meu nome! Tudo o que você faz se reflete em mim, quer tenha ou não essa intenção! Tenho certeza que é bastante inteligente para compreender isso! Jaelle fitou-o consternada, sabendo que jamais seria capaz de compreender. Sua vontade foi levantar e deixar a cafeteria; queria gritar com ele Mas limitou-se a fitá-lo, com as mãos trêmulas. Antes que pudesse se mexer, no entanto, uma voz soou por trás dela:

— Peter? Eu estava à sua procura. E esta deve ser Jaelle.

Uma mulher alta, de pele morena, cabelos brancos prateados, puxou uma cadeira e sentou à mesa.

— Posso me juntar a vocês? Conversei com Magda esta manhã.

O rosto de Peter mudou tão depressa que Jaelle começou a duvidar do testemunho de seus sentidos.

— Cholayna? Ouvi os rumores de que você estava aqui. Jaelle, esta era a diretora da Escola de Informações quando Mag e eu estudamos lá, Cholayna Ares.

A mulher tinha uma bandeja com os alimentos sintéticos que Jaelle recusara no almoço, mas ignorou a carne e os vegetais fumegantes em suas bandejas.

— Posso jantar com vocês? Ou estou interrompendo uma conversa particular?

— Fique, por favor — disse Jaelle.

Não havia nada que ela quisesse menos do que ficar a sós com Peter naquele estado de ânimo. Cholayna ajeitou sua bandeja na mesa.

— É bom encontrar alguém com um traje apropriado para este clima. Magda tentou dar um exemplo, pelo que me contaram, usando roupas mais condizentes com o tempo, mas aqueles idiotas do departamento não são capazes de pensar em outra coisa que não suas miseráveis máquinas. E, afinal, quem está dirigindo o espetáculo aqui? O velho Russel Montray?

Ela fez um ruído desdenhoso e continuou:

— Eu gostaria que alguém no Comando Central demonstrasse um mínimo de inteligência e o transferisse de volta a uma Estação Espacial; ele tem condições para administrá-la e se sair muito bem. Não é tão estúpido quanto parece, apenas não tem paciência com planetas estranhos e costumes alienígenas. Sempre pensei que a essência do Coordenador de um Planeta Fechado era a compreensão do povo e da cultura nativa, a fim de saber que tipo de pessoa escolher na hora de designar um Legado. Mas Montray parece já ter cometido tantos erros que levará um século ou mais para corrigir os

problemas que criou. Eu já tinha percebido isso antes de três dias no cargo. Quem o mandou para cá? E o que podiam estar pensando?

— Creio que houve pressão política, do tipo errado — comentou Peter. — Não uma manobra em que ele queria o cargo e alguém deu um jeito para que o obtivesse, mas do tipo em que alguém queria se livrar dele, usou sua influência para promovê-lo... e ele veio parar aqui. Podem ter pensado que era um lugar bastante isolado para que pudesse criar problemas. O típico pensamento burocrático... que ele crie problemas para os outros.

— Muito estúpido — concordou Cholayna, balançando a cabeça. — Este planeta pode não ser grande coisa em potencial de comércio, mas é um ponto de trânsito importante por causa de sua localização; dentro de vinte anos mais ou menos este será um dos maiores espaço-portos de escala em toda a Galáxia. Se Montray já criou problemas com os locais, pelo que parece, pode demorar séculos para se reparar os estragos. Dei um passo para melhorar a situação, espero, ao pôr Magda num serviço independente, incumbida de tentar analisar como devemos tratar os darkovanos, em contraste com a maneira como os estamos tratando agora. E Vou querer também informações suas sobre isso, Jaelle. Quanto a você, Peter, sabe que devia na verdade estar em meu gabinete, não com Montray. Espero que ele não venha a fazer questão de sua permanência lá.

Peter murmurou alguma coisa que Jaelle sabia ser um ruído social, polido e neutro, mas outra vez seu laran irregular trouxe-lhe os pensamentos do marido, como se ele os tivesse pronunciado em voz alta...

Isso não é justo! Passei cinco anos armando as coisas para que me entregassem o comando quando Darkover tivesse um Serviço de Informações. E agora, quando isso acontece, a droga de uma mulher aparece e assume. Já era bastante terrível estar em segundo plano para Magda...

Ela perdeu o contato nesse instante, mas já ouvira o suficiente para fitar Peter com temor e consternação. Simpatizara com Cholayna e pensava que iria gostar de trabalhar com ela, apesar da

estranha cor da pele da mulher e de seus olhos escuros indecifráveis; mas se Peter sentia-se assim, o que ela deveria fazer?

Capítulo Três

Magda

Enquanto as portas da Casa da Guilda de Thendara fechavam-se por trás, Magda pensou, com uma intuição estranha e desesperada: Não devo nunca olhar para trás. O que quer que eu fui antes, devo deixar para sempre lá atrás e olhar apenas para a frente...

O salão era grande, revestido em madeira escura e com cortinas, criando um efeito de espaço, ar e luz. A jovem de nariz arrebitado que lhe abriu a porta conduziu-a pelo salão e disse:

— A Mãe da Guilda Lauria está à sua espera.

Ela olhou curiosa para Magda, mas limitou-se a introduzi-la por outra porta, onde a Mãe da Guilda, Lauria n'ha Andrea, líder da Guilda Independente de Artesãos de Thendara, a aguardava. Lauria era alta e vigorosa, os cabelos grisalhos curtos, um brinco numa orelha com um emblema esculpido e uma pedra escarlate. Levantou-se e estendeu a mão para Magda.

— Seja bem-vinda, minha criança. Já foi avisada, eu sei, que este será seu único lar por meio ano, até duas luas depois do Solstício do Verão. Durante esse período, será instruída em nossos costumes. Tem toda liberdade de ir onde quiser na casa e no jardim, mas não pode passar dos muros, não pode sair à rua, exceto no Festival do Solstício do Verão, quando todas as regras são suspensas, ou sob ordens expressas de sua mãe-de-juramento ou de uma das Mães da Guilda.

Ela sorriu e acrescentou:

— Já nos demonstrou que está disposta a honrar seu juramento, embora o tenha prestado com relutância. Vai me prometer que respeitará as regras, não é mesmo? É uma mulher adulta, não uma criança.

— Claro que obedecerei.

Mas parecia uma perspectiva desoladora, meio ano, através do longo e intenso inverno darkovano, obrigada por juramento a não

deixar aquela casa. Mas ela assim desejara, por que haveria de se queixar agora de uma coisa que queria?

— Mas lembre-se de que essa obrigação se enquadra nos limites da razão — continuou Mãe Lauria. — Caso ocorra um incêndio ou alguma outra catástrofe, que todos os Deuses nos livrem, use o seu julgamento; não está presa a um juramento absurdo, a uma obediência lunática. Deve permanecer nesta casa apenas para não ficar confusa por encontros diários com mulheres que vivem de uma maneira que deve aprender a não imitar. Está me entendendo?

— Acho que sim.

Eles costumavam chamar de desprogramação”, as mulheres em Darkover recebem uma lavagem cerebral pelas funções sociais que se esperam delas, até que se torna um milagre que alguma se sinta bastante livre para se rebelar e se juntar às Renunciantes. Ela se lembrava de ter ouvido Jaelle comentar um dia: Cada Renunciante tem sua própria história e cada história, é uma tragédia. Numa sociedade tão tradicional quanto a de Darkover, só as desesperadamente rebeladas ousavam o rompimento.

Eu me rebelei contra meu mundo natal e também contra meu mundo adotivo... Mas Magda cortou este pensamento como auto-compaixão e virou-se para a mulher mais velha, que a chamava para uma cadeira.

— Está com fome e cansada? Mas não quer encarar as outras agora, — no refeitório, para a refeição do meio-dia, não é mesmo? Foi o que imaginei...

Lauria tocou uma pequena sineta. A moça de nariz arrebitado que recebera Magda apareceu na porta.

— Traga alguma coisa do refeitório para mim e para nossa nova irmã.

A moça saiu — ela não podia ter mais que treze anos, pensou Magda — e Mãe Lauria tornou a gesticular para uma cadeira ao lado da lareira, onde não ardia nenhum fogo, naquela época do ano.

— Sente-se e vamos conversar um pouco; há decisões a serem tomadas.

No outro lado da sala havia uma porta grande de madeira, com painéis de cobre; estava cortada, parecendo por um machado, e parcialmente queimada. Magda observou atentamente aquela relíquia avariada e Mãe Lauria acompanhou seu olhar.

— Está aqui há mais de cem anos — ela explicou. — A esposa de um rico mercador de Thendara fugiu para nós, porque o marido a maltratava, por formas muito grosseiras para repetir, até que finalmente a obrigou a dormir no sótão e servi-lo e à sua nova concubina em seu próprio leito conjugal. A mulher prestou nosso juramento. O marido contratou um exército de mercenários e fomos obrigadas a lutar. Ele jurou que arrasaria esta casa sobre nossas cabeças. Rima, esse era o nome dela, ofereceu-se para voltar ao marido, alegando que não queria ser a causa de nossas mortes. Mas não lutávamos apenas por ela, mas também pelo direito de viver sem o sofrimento imposto pelos homens. Lutamos durante três dias... Pode ver as marcas da batalha.

Magda estremeceu; a porta avariada e queimada dava a impressão de que fora atravessada por um machado.

— E conseguiram resistir?

— Se isso não tivesse acontecido, nem você nem eu estaríamos aqui — respondeu Lauria. — Queriam os Deuses que um dia possamos desfrutar de nossa liberdade como um direito, sem precisar mantê-la com a espada; mas até lá, estamos sempre dispostas a defender nossos direitos com a espada. E agora me fale mais um pouco a seu respeito. Ouvi a história de Jaelle, é claro. Seu nome é... — Ela teve alguma dificuldade para pronunciá-lo e fez uma careta. — Mak-ta-lin Lor-ran? Poderíamos usar o nome que Jaelle lhe deu, Margali?

— Esse é o meu nome — declarou Magda. — O nome que meu pai e minha mãe me deram. Nasci em Caer Donn e só fui chamada de Magda na Zona Terráquea.

— Muito bem, Margali. E vejo que fala a língua das Hellers, além de ser fluente em casta. Conhece também o Cahuenga?

— Conheço — respondeu Magda, nessa língua. — Mas minha pronúncia não é muito boa.

— Sua pronúncia não é pior do que qualquer recém-chegada à Cidade. Jaelle me disse que sabe ler e escrever; apenas no Padrão ou em casta também?

— Sei ler e escrever casta. Meu pai era um experto em línguas e escreveu... — Ela hesitou, procurando uma maneira darkovana de explicar um dicionário. — ...uma compilação de sua língua para estrangeiros. E minha mãe era música, fez transcrições de canções folclóricas das Hellers.

Mãe Lauria estendeu-lhe uma pena e um papel.

— Quero vê-la copiar isto.

Magda deu uma olhada no pergaminho e começou a copiar a linha de cima; reconheceu um poema que sua mãe musicara. Não estava acostumada à caneta darkovana, que não era tão macia quanto a que costumava usar em seu trabalho. Depois que terminou, Mãe Lauria pegou o papel, examinou-o e disse, severamente:

— Uma letra desajeitada e infantil, mas pelo menos não é analfabeta; muitas mulheres só sabem soletrar seus nomes quando se juntam a nós. Você não tem o talento de uma escriba, mas já vi piores.

Magda corou ao julgamento duro; sentia-se magoada e ofendida, pois nunca antes fora acusada de inepta, em toda a sua vida.

— Vamos ver o que podemos fazer com você. Não é escriba. Sabe costurar? Bordar?

— Não, nem mesmo um pouco — respondeu Magda, recordando as tentativas de remendar suas roupas de viagem em Ardais.

— Sabe cozinhar?

— Apenas no campo, quando em viagem.

— Sabe tecer ou tingir?

— Nem mesmo um pouco.

— Conhece alguma coisa de plantas e horticultura?

— Ainda menos.

— Sabe montar?

— Claro que sei — garantiu Magda, satisfeita por descobrir alguma coisa que era capaz de fazer.

— Pode selar seu próprio cavalo, cuidar dos arreios, providenciar alimentação e o trato necessário? Ainda bem. Acho que teremos de colocá-la para trabalhar nos estábulos. Importa-se?

— Claro que não.

Mas Magda teve de confessar sua ignorância outra vez quando a mulher perguntou se sabia alguma coisa de ferraria, trabalho em metais e forja, medicina veterinária, leiteria, fabricação de queijo, criação de animais e produção de botas, sendo obrigada a dizer não a todas essas coisas. Mãe Lauria fitou-a com um pouco mais de aprovação quando ela disse que fora treinada em combate armado e desarmado, mas comentou, pensativa:

— Você tem muito que aprender.

Magda calculou que Mãe Lauria sentiu-se tão aliviada quanto ela própria no momento em que a moça loura e de nariz arrebitado voltou com a bandeja e jarros.

— Ah, eis a nossa refeição! Ponha ali, Doria.

A moça descobriu a bandeja. Havia uma tigela com algum cereal cozido, com um molho de legumes, canecas com algo que tinha o gosto de leiteiro, uma fruta em fatias, conservada no mel ou melaço. Mãe Lauria gesticulou para que Magda se servisse e comeu em silêncio por algum tempo. Finalmente ela dobrou o guardanapo e perguntou:

— Quantos anos você tem?

Magda presumiu que ela se referia ao cálculo darkovano e informou sua idade; só depois é que compreendeu que Mãe Lauria testara sua capacidade de calcular a diferença entre o ano terráqueo, relativamente curto, e o darkovano, muito mais longo.

— Já foi casada, Margali? Tem uma criança?

Magda sacudiu a cabeça, silenciosamente. Fora uma das causas principais da tensão entre eles, o fato de não ter dado a Peter o filho que ele desejava.

— O casamento foi formalmente dissolvido, como acho que os terráqueos podem fazer, por consentimento mútuo?

Magda ficou surpresa que Mãe Lauria soubesse disso.

— Foi, sim. O casamento terráqueo não é como a união de livres companheiros, mas está mais próximo do que o catenas darkovano. Concordamos em nos separar há mais de um ano.

— Ainda bem. Se tivesse uma criança com menos de quinze anos, teria de tomar providências para seu cuidado. Não permitimos que se refugiem aqui mulheres com obrigações lá fora que não estão atendidas. Tem pai ou mãe idosos que dependem de você?

— Não. Eles já morreram há muitos anos.

— Tem outro amante agora? Magda sacudiu a cabeça, em silêncio.

— Será muito difícil para você viver sem um amante? Suponho, já que você e seu marido se encontram separados por algum tempo, que se acostumou a dormir sozinha; mas será muito difícil para você? Ou por acaso é amante de mulheres?

Ela usou o termo mais polido e Magda não se sentiu ofendida; supôs que qualquer sociedade composta apenas por mulheres devia atrair certa porcentagem daquelas que preferiam morrer ou renunciar a tudo em vez de casarem. Achava aquela linha de interrogatório constrangedoramente pessoal, mas prometera a si mesma que responderia a tudo com toda a sinceridade que pudesse.

— Não creio que acharei insuportavelmente angustiante.

Só depois de responder é que ela percebeu como parecia sarcástico. Mãe Lauria sorriu e disse:

— Espero que não; mas especialmente durante o período em que tiver de permanecer na casa isso pode constituir um problema, como qualquer pessoa que não é uma criança saberia. Deixe-me pensar... é difícil lembrar o que perguntar. Aprendeu métodos para evitar a concepção de uma criança indesejável?

Magda estava bastante chocada agora; tais ensinamentos eram rotineiros para qualquer terráqueo na puberdade, homem ou mulher, mas ela fora criada em Caer Donn e conhecia a atitude darkovana, onde tais coisas eram consideradas apropriadas apenas para as prostitutas.

— Aprendi.

Mas não pôde deixar de especular sobre o que a mulher mais velha deveria pensar a seu respeito, por confessar esse

conhecimento. Mãe Lauria acenou com a cabeça, compreensiva.

— Ótimo. Devemos agradecer às mulheres nas Torres por isso. Aquelas que trabalham com as matrizes não devem se arriscar a interromper seus serviços por uma gravidez indesejável, mas também não é possível exigir que permaneçam celibatárias, às vezes por muitos anos. Há um vínculo antigo entre as mulheres da Torre Neskaya e a Guilda das Renunciadas, que remonta ao início da história da Guilda. Surgimos, como talvez saiba, no tempo de Varzil o bom, de duas associações separadas de mulheres: as Sacerdotisas de Avarra, que formavam uma ordem de sacerdotisas-curandeiras treinadas no laran, e a Irmandade da Espada, que durante o tempo dos Cem Reinos e das Guerras dos Hasturs foi uma organização de guerreiras mercenárias. Algum dia lera essa história, é claro. As Sacerdotisas de Avarra nos ensinaram muitas coisas que podiam ser feitas por quaisquer mulheres, inclusive as que não tinham laran, embora obviamente seja mais fácil para as que o possuem. Entre as Renunciadas, é criminoso gerar uma criança que não seja desejada por mãe e pai e para a qual não haja um lar feliz à espera. Por isso, exigimos essa instrução para todas as nossas mulheres. Compadecendo-se do embaraço de Magda, ela acrescentou:

— Ora, minha cara, tenho certeza de que se sente contrafeita, mas devo enfrentar os rubores, recato e indignação e até a recusa pura e simples de mulheres que juram que renunciaram inteiramente aos homens. Todas as mulheres, mesmo aquelas que nunca deitaram com um homem e tencionam nunca fazê-lo, devem saber dessas coisas.

Talvez nunca precisem usá-las, mas não podem permanecer ignorantes. Duas vezes em dez dias, em nossas reuniões, uma parteira fala às mulheres mais jovens. Você é forte e saudável? Pode se empenhar num dia de trabalho árduo sem se cansar?

— Nunca fiz muito trabalho manual — respondeu Magda, aliviada pela mudança de assunto, — mas em viagem podia passar o dia inteiro na sela quando era necessário.

— Ótimo. Muitas mulheres que vivem dentro de casa, fazendo apenas o trabalho das mulheres, acabam ficando doentes pela falta de exercício; e não temos tanto sol aqui que possamos dispensá-lo.

Você pode rir ao ver mulheres adultas se empenhando em brincadeiras e pulando corda, mas não são apenas as meninas que precisam correr e se exercitar. Posso presumir que não é recatada demais para nadar quando o tempo permitir?

— Pode, sim. Gosto de nadar.

Mas Magda não pôde deixar de se perguntar quando, na gelada Darkover, o tempo permitia.

— Seus ciclos mensais são regulares? Causam muitos problemas?

— Só quando eu vivia em outro mundo.

Ela enfrentara dificuldades durante o tempo que passara na Escola de Treinamento do Império, ajustando-se à gravidade e luz diferentes, aos ritmos circadianos; era freqüentadora assídua do departamento médico enquanto vivia no planeta Alfa, recebendo aplicações de hormônios e diversos tipos de tratamento. De volta a Darkover, recuperara a boa saúde habitual. Explicou isso e acrescentou:

— Antes de ser enviada naquela missão, a missão em Ardais, submeti-me a um tratamento de médicos terráqueos para suprimir a ovulação e menstruação, uma rotina para as mulheres no campo. Jaelle interrogou-me a respeito em Ardais... pensava que eu estava grávida.

— Esse tratamento teria um valor inestimável para nós — comentou Mãe Lauria. — Espero que os terráqueos nos ensinem; seria muito útil quando as mulheres devem trabalhar junto com os homens ou viajar por longos períodos com mau tempo. Algumas mulheres ficam tão desesperadas que até consideram a operação de neutralização, que é muito perigosa. Temos algumas drogas que inibem a fertilidade por um período de meio ano ou mais, porém são fortes e perigosas, não recomendo seu uso a qualquer mulher. Mas quando as mulheres têm muitos problemas com seus ciclos, ou não sentem a menor disposição para o celibato e engravidam com facilidade, nesses casos não podemos lhes proibir a opção. E agora chegamos a uma decisão muito importante que você deve tomar, Margali.

Magda baixou os olhos para seu prato vazio.

— Farei o que puder.

— Viu a menina que trouxe a refeição? Seu nome é Doria e tem quinze anos; prestará o juramento no Solstício do Verão. Vive entre nós desde que nasceu, mas a lei nos proíbe de instruir jovens abaixo da idade legal em nossos costumes. Assim, você e ela farão o treinamento juntas. Você não é do nosso mundo, Margali. Sei que nasceu aqui, mas seu povo é tão diferente do nosso que algumas coisas parecerão estranhas e difíceis de suportar. Conheço tão pouco sobre os terráqueos que não posso sequer adivinhar que coisas seriam, mas Jaelle chegou aqui aos doze anos, procedente das Cidades Secas, e encontrou muitas dificuldades. Há poucos anos tivemos aqui uma mulher das florestas chuvosas muito além das Hellers. Ela tinha coragem e boa vontade, mas ficou realmente doente com o choque de descobrir tantas coisas novas e estranhas. E a maioria era de coisas pequenas, que todas nós aceitamos como corriqueiras; nunca imaginamos como seria árduo para ela. Não queremos que sofra dessa maneira e por isso há dois cursos que podemos seguir, Margali.

A mulher mais velha fez uma pausa, fitando Magda atentamente.

— Podemos dizer a todas as suas irmãs aqui que é uma terráquea, alertando-as para ajudá-la nas pequenas coisas e fazer as concessões necessárias. Mas, como todas as opções, esta teria seu preço: haveria uma barreira entre você e suas irmãs desde o início e é possível que elas nunca a aceitassem plenamente como uma das nossas.

A alternativa é dizer a elas apenas que você nasceu em Caer Donn e deixá-la enfrentar da melhor forma que puder toda a estranheza. O que prefere, Margali?

Nunca percebi que era esnobe, pensou Magda. Não imaginava que elas compreendessem o choque cultural e ali estava Mãe Lauria a lhe explicar como se não fosse uma pessoa muito inteligente.

— Farei o que determinar, minha dama.

Ela usou a palavra de casta formal, domna, e Mãe Lauria pareceu contrariada.

— Em primeiro lugar, não sou minha dama. Não nos livramos da tirania dos títulos impostos pelos homens apenas para instituir outra tirania entre nós. Chame-me de Lauria ou Mãe, se achar que mereço e assim desejar. Conceda-me o respeito que dispensaria à sua própria mãe depois que saiu do seu controle. E não posso lhe dar ordens nesse ponto; é você quem deve viver de acordo com sua decisão. Não posso sequer aconselhá-la de forma apropriada; conheço muito pouco do seu povo e costumes.

Tenho certeza de que um dia todas nós precisaremos saber que é uma terráquea. Acha que pode superar a estranheza? Não precisa levar essa desvantagem, se não quiser; mas elas poderiam lhe fazer concessões...

Magda estava em dúvida. Jaelle soubera que ela era terráquea e sem dúvida isso ajudara a atenuar algumas dificuldades. Contudo, embora ela e Jaelle passassem a amar uma à outra, houvera uma estranheza entre as duas. E ela disse, hesitante:

— Eu... eu respeito seu conselho, Lauria, mas acho, pelo menos a princípio, que prefiro ser uma de vocês. Tenho a impressão de que todas as mulheres enfrentam coisas estranhas quando vêm para cá.

Lauria acenou com a cabeça.

— Creio que fez a escolha certa. Poderia ser mais fácil da outra maneira, mas essa própria facilidade talvez deixasse sem solução para sempre alguma estranheza.

E suponho que deseja sinceramente ser uma das nossas... que não está apenas nos estudando para os registros terráqueos.

Ela sorriu ao dizer isso, mas Magda percebeu uma pequena diferença, quase uma pergunta em sua voz; era como se Mãe Lauria duvidasse de sua honestidade. Não tinha importância, haveria de provar suas intenções.

Mãe Lauria olhou para um relógio antigo, do tipo com ponteiros, um mecanismo interno e um pêndulo balançando. Levantou-se e acrescentou:

— Tenho um encontro na cidade. — Magda lembrou que aquela mulher era a líder da Guilda das Artesãs, enquanto ela continuava: — Já que não tem amiga íntima na casa agora, mandei

que as guardiães do dormitório a instalassem sozinha num quarto; mais tarde, se fizer uma amiga e quiser partilhar um quarto com ela, haverá tempo suficiente para uma mudança.

Magda sentiu-se grata por isso; até aquele momento, não lhe ocorrera que poderia ser metida num quarto com duas ou três outras mulheres, todas se conhecendo a maior parte de suas vidas. Mãe Lauria tocou a sineta.

— Não tem medo de dormir sozinha, não é mesmo? Eu já imaginava que não, mas algumas das mulheres que vêm para cá nunca ficaram a sós na vida, cercadas por enfermeiras e aias quando eram pequenas, por criadas e damas de companhia quando se tornaram mais velhas. Já tivemos mulheres que desatavam a gritar em pânico quando se descobriam sozinhas no escuro.

Ela tocou de leve nos cabelos de Magda e disse:

— Tornarei a vê-la esta noite, ao jantar. Coragem, Margali; viva um dia de cada vez e lembre-se que nada jamais é tão ruim ou tão bom quanto pensa que será. E agora Doria vai lhe mostrar a casa.

Magda se perguntou, enquanto Mãe Lauria se afastava: Será que realmente pareço tão assustada?

A jovem Doria voltou poucos minutos depois.

— Mãe disse que devo lhe mostrar tudo. Mas primeiro vamos levar a bandeja e os pratos para a cozinha.

A única pessoa na cozinha era uma mulher pequena, de cabelos escuros, cochilando enquanto esperava que duas enormes tigelas de massa de pão subissem. Levantou os olhos, sonolenta, quando Doria apresentou Magda.

— Margali, está é Irmelin... nossa zeladora neste meio ano. Nós nos revezamos a ajudá-la na cozinha, mas há tantas vivendo aqui que ninguém precisa prestar esse serviço mais do que uma vez em cada dez dias. Irmelin, esta é nossa nova irmã, Margali n'ha... como é mesmo, Margali?

— Ysabet — disse Magda.

— Eu a vi ontem à noite — comentou Irmelin. — Apareceu com Jaelle... é amante dela?

Mãe Lauria também lhe perguntara isso. Lembrando a si mesmo para não ficar irritada — estava em outro mundo agora, —

ela sacudiu cabeça.

— Não... sou sua filha-de-juramento, não mais do que isso.

— É mesmo? — indagou Irmelin, obviamente cética, mas se limitando a olhar para a massa de pão. — Não vai subir o suficiente para amassar por mais uma hora... querem que eu ajude a mostrar a casa? :

— Mãe Lauria me disse para fazer isso... Você pode ficar na cozinha e se manter aquecida. — Doria riu. — Todo mundo sabe que se ofereceu como voluntária para cuidar da casa neste período a fim de poder sentar junto ao fogo que nem uma gata.

Irmelin também riu e Doria acrescentou:

— Precisa de algo da estufa para o jantar? Legumes frescos ou qualquer outra coisa? Margali ainda não tem deveres e pode me ajudar a buscar.

— Pode perguntar se há melões maduros — sugeriu Irmelin. — Acho que todas estamos cansadas de frutas em conserva e queremos alguma coisa fresca.

Irmelin bocejou e tornou a olhar para a massa de pão, sonolenta. Doria saiu, abanando-se vigorosamente com o avental, seguida por Magda.

— Detesto a cozinha nos dias de fazer pão. Fica tão quente que mal dá para se respirar. Mas Irmelin faz um ótimo pão... É surpreendente como muitas mulheres não conseguem fazer um pão que dê para comer. Lembre-me de lhe contar um dia sobre a ocasião em que Jaelle era a zeladora e Gwennis e Rafaella ameaçaram jogá-la nua na nevasca seguinte se não arrumasse alguém para fazer o pão...

Doria continuava a se abanar. Não estava mais tão quente assim no corredor arejado entre a cozinha e o refeitório comprido em que ela se sentara na noite anterior, uma estranha, escondendo-se à sombra de Jaelle. E agora aquele era seu lar, pelo menos por meio ano. Havia mesas compridas que dariam, calculou Magda, para sentar quarenta ou cinquenta mulheres; empilhadas numa extremidade, pilhas de pratos e tigelas, cobertas por toalhas, aguardando a noite. Por trás do refeitório havia uma estufa — um acréscimo inevitável da maioria das casas em Thendara — com

coletores solares, onde uma mulher usando um enorme avental ajoelhava-se na terra e revolia o solo em torno das raízes de alguma planta, que Magda não reconheceu. Era uma mulher grande, de cabelos cor de palha, quase crespos, os dedos cobertos de terra.

— Rezi, esta é Margali n'ha Ysabet, filha-de-juramento de Jaelle. Irmelin me pediu para ver se havia alguma fruta fresca para esta noite.

— Nem esta noite nem amanhã — respondeu Rezi. — Talvez depois disso. Mas tenho umas poucas amoras frescas para Byrna...

— Por que deveriam ser para Byrna, quando não há o suficiente para todas nós? — perguntou Doria.

Rezi soltou uma risada. Seu sotaque era rude e rural; parecia uma das camponesas que Magda conhecera nas colinas de Kilghard, trabalhando nas plantações e estábulos.

— É ordem de Marisela. Quando você ficar grávida, também terá as primeiras amoras.

Doria também riu e declarou:

— Prefiro passar com as frutas em conserva!

Elas atravessaram a estufa e entraram no estábulo, onde havia meia dúzia de cavalos e várias baias vazias. Outra construção por trás, limpa e caiada de branco, continha meia dúzia de animais leiteiros e uma pequena leiteria, onde faziam toda a sua manteiga e queijo, informou Doria. Moldes de madeira brilhantes estavam pendurados na parede, mas o lugar se encontrava vazio. Uma horta de inverno, com palha dispersa cobrindo raízes enterradas, parecia desolada e árida. Magda tremia e Doria perguntou, surpresa:

— Sente frio? — Ela própria não se dera ao trabalho de puxar o xale sobre os ombros. — Pensei que era de Caer Donn. Acho que não está tão frio assim, não para mim.

Mas podemos entrar.

Doria seguiu na frente para uma sala enorme, a que chamou de armaria — havia armas penduradas na parede, — mas que pareceu a Magda mais como um ginásio, com esteiras no chão e um cartaz impresso em casta que dizia: Deixe os sapatos no canto com o devido cuidado; alguém pode tropeçar neles. Havia um vestiário pequeno adjacente, com toalhas e trajas estranhos pendurados em

ganchos, lembrando a Magda o Centro de Recreação dos Alojamentos das Mulheres Solteiras. Por trás, havia uma sala maior, cheia de vapor, para surpresa de Magda, cobrindo uma piscina aparentemente de água quente. Ela já ouvira dizer que havia muitas residências em Thendara por cima de fontes de águas quentes, mas era a primeira vez que via algo assim. Outro cartaz dizia: Por favor, seja cortês com as outras mulheres; lave os pés antes de entrar na piscina.

— Isto só foi construído há quatro ou cinco anos — informou Doria.

— É uma oferta de uma de nossas ricas benfeitoras; antes disso, tínhamos apenas as tinas no dormitório. É muito bom depois das aulas de combate desarmado, para aliviar as equimoses. Rafi e Camilla são mestras maravilhosas, mas são terríveis com qualquer uma que suspeitem de relaxamento. Venho recebendo aulas desde os oito anos, mas Rafi é minha mãe-de-juramento e minha mãe-de-adoção, e ela não gosta de me ensinar. E agora vamos subir.

Avançaram pelo corredor, na direção da escada.

— No alto da escada temos o alojamento das crianças. Não há ninguém aí agora, a não ser o menino de Felicia, que nos deixará dentro de mais uma lua: nenhum garoto com mais de cinco anos pode viver na Casa da Guilda. Mas Byrna terá um bebê daqui a um mês.

Doria abriu a porta e Magda avistou um menino pequeno absorvido com alguns cavalos de brinquedo num tapete diante do fogo e uma moça sentada numa cadeira de braços, costurando alguma coisa.

— Como está hoje, Byrna? Esta é Margali n'ha Ysabet, a nossa nova...

— Eu a vi ontem à noite, ao jantar. — Magda especulou se todas as mulheres na casa a haviam notado, enquanto Byrna se levantava, irrequieta, começando a andar de um lado para outro. — Estou cansada de me arrastar desse jeito, mas Marisela disse que tenho de esperar pelo menos mais dez dias, talvez uma lua inteira. Onde está Jaelle? Mal tive tempo de conversar com ela ontem à noite!

Magda compreendeu como sua amiga devia ser popular.

— Ela está trabalhando na Cidade Comercial dos terráqueos.

Byrna fez uma careta.

— Com os Terranarít? Pensei que era contra as leis da Casa da Guilda!

O tom de sua voz levou Magda a concluir que fora acertada sua decisão de esconder a identidade. Conhecia em termos gerais os preconceitos contra os terráqueos, mas nunca antes o confrontara de perto. Byrna perguntou:

— Qual é sua Casa, irmã? Magda respondeu:

— Esta, eu acho... Estou aqui para meio ano de treinamento...

— Espero que seja feliz aqui — disse Byrna. — Tentarei ajudá-la a se adaptar, assim que isto terminar...

Ela afagou a barriga enorme e Doria zombou:

— Talvez no próximo Solstício do Verão você possa dormir sozinha!

— Tem toda razão — disse Byrna.

Mentalmente, Magda registrou essa informação junto com o que Mãe Lauria lhe dissera a respeito dos anticoncepcionais.

— Onde ela vai dormir, Doria? — indagou Byrna. — No seu quarto?

Dora riu.

— Já ha cinco ali. Mãe Lauria disse que ela ficará no quarto de Sherna, enquanto Sherna estiver em Nevarsin.

Ela levou Magda de novo pelo corredor, abriu a porta de um quarto com meia dúzia de camas e disse:

— Obtivemos permissão este ano para todas nós partilharmos... Mãe Millea nos autorizou a ficarmos juntas, se prometêssemos ficar quietas para que as outras possam dormir.

Doria abriu outra porta, mostrando um cômodo com tinas e pias.

— É aqui que lavamos as roupas... e aqui é a sala de costura, se precisar remendar alguma coisa e não puder fazê-lo pessoalmente. E este é o quarto de Sherna... o seu agora. Ela e Gwennis o partilharam por dois anos, até que Gwennis mudou-se com sua amiga...

Ela deu à palavra a inflexão que fazia com que também significasse amante. Devia ser uma ocorrência bastante comum. Afinal, Irmelin a interrogara a respeito casualmente e no instante seguinte passara a comentar sobre a massa do pão. Doria apontou para uma trouxa na cama.

— Mãe Lauria providenciou com a sala de costura para lhe fornecer algumas roupas de sobra... camisolas, túnicas de baixo e um conjunto de roupas de trabalho, se tiver alguma atividade na horta ou estábulo. Acho que a maioria era de Byrna... Ela está tão grande agora que não pode usar nenhuma de suas roupas. Mas depois que tiver a criança e precisá-las de volta, você já terá suas próprias roupas.

Pelo menos, pensou Magda, olhando para as roupas na cama, elas não estavam poupando esforços para fazê-la sentir-se bem-vinda; haviam até incluído um pente e uma escova, meias de lã extras e uma coisa felpuda e grossa que ela presumiu ser um roupão, forrada de pele e com uma aparência luxuosa. O quarto era mobiliado com simplicidade, tendo uma cama estreita, uma pequena arca de madeira esculpida e um banco baixo com uma calçadeira. Doria observava-a e indagou:

— Já sabe que nós duas faremos o treinamento juntas? Mas é muito mais velha do que eu... Como veio para as amazonas?

Magda contou tanto da verdade quanto podia.

— Um parente meu foi seqüestrado para resgate pelo bandido Rupal di Scarp. Eu era a única que podia salvá-lo e parti sozinha, vestida como uma amazona para me proteger no caminho. Encontrei o bando de Jaelle, fui descoberta e obrigada a prestar o juramento.

Os olhos de Doria se arregalaram.

— Mas eu ouvi dizer... então era você? É como um romance! Mas me contaram que a filha-de-juramento de Jaelle fora enviada para Neskaya! Camilla nos disse, quando voltou depois de escoltar Sherna e Devra até Nevarsin e trazer Maruca e Viviana para casa... Deve ter sido por isso que Irmelin pensou que você era amante de Jaelle, que veio para cá só para ficar junto dela! Mas Jaelle está trabalhando agora na Zona Terráquea, não é mesmo?

Magda decidiu que já respondera perguntas demais.

— Como veio tão jovem para as amazonas, Doria?

— Fui criada aqui. A irmã de Rafaella é minha mãe... Con Rafaella, não é mesmo? A parceira de Jaelle...

— Ainda não a conheço, mas Jaelle me falou a seu respeito.

— Rafaella é parenta de Kindra, a mãe-de-adoção de Jaelle. Rafi teve três crianças, mas eram todas homens. Na terceira, ela e a irmã ficaram grávidas ao mesmo tempo... e o pai da criança de Rafi era o meu pai, entende? Assim, quando Rafi teve outro menino, minha mãe queria um filho e trocaram as crianças. O bebê de Rafaella foi criado como filho de minha mãe e de meu pai, que é também o pai de verdade, enquanto Rafaella ficava comigo, antes mesmo de eu completar três dias. Fui amamentada e criada aqui, na Casa da Guilda. Sou de fato Dodia n'ha Graciela, mas me chamo de Doria n'ha Rafaella, porque Rafi é a única mãe que já conheci.

Magda fazia rápidas anotações mentais. Sabia que irmãs freqüentemente partilhavam um amante ou mesmo um marido e que a adoção era comum, mas aquele arranjo ainda assim lhe parecia bizarro.

— Mas estou parada aqui conversando, em vez de lhe dizer o que deve saber. Há alguns anos que cada uma cuida do seu quarto, mas este ano na assembléia da Casa resolvemos que duas mulheres seriam designadas em nosso corredor para varrer o chão todos os dias e esfrega-los a cada dez dias. Você deve guardar as botas e sandálias em seu baú, pois é difícil para as faxineiras varrer em torno e por cima; por isso, elas pegam qualquer coisa que estiver no chão e jogam num barril grande no salão, e terá de procurá-las lá. Toca harpa, a ryll ou o alaúde? É uma pena; Rafi está ansiosa por ter outra música na casa. Byrna canta bem, mas agora está sempre sem fôlego... Pensei, quando cresci — sem ouvido para a música, que Rafi me repudiaria. Ela tem...

Doria parou de falar abruptamente, quando a sineta na parte inferior da casa começou a soar.

— Oh, Deusa misericordiosa!

— O que é isso, Doria? Já é o aviso do jantar?

— Não — sussurrou Doria. — Essa sineta só toca quando alguma mulher vem se refugiar entre nós. Às vezes não toca duas

vezes em um ano inteiro e agora tem duas recém-chegadas num só dia! Vamos descer imediatamente!

Ela empurrou Magda apressadamente na direção da escada e as duas desceram juntas. Magda, um pouco atrás, experimentava um pequeno arrepio, que reconheceu como premonição: isto é uma coisa muito importante para mim... Mas tratou de descartá-la, como uma ansiedade decorrente do excitação de Doria e da tensão de tantas coisas novas que lhe estavam acontecendo. Irmelin se encontrava no salão de entrada, junto com Mãe Lauria, havendo entre as duas uma mulher de aparência frágil, envolta por xales e estorvada por saias grossas. Ela balançava, agarrada na grade, como se estivesse prestes a desfalecer.

Mãe Lauria olhou para as mulheres que se reuniam rapidamente no salão. Magda vira muitas delas no jantar da noite anterior, mas não conhecia seus nomes. Virando-se para a trêmula recém-chegada, Mãe Lauria indagou, dando a impressão a Magda de que as palavras possuíam a força do ritual:

— O que procura aqui? Veio em busca de refúgio? A mulher balbuciou:

— Vim.

— Deseja apenas um abrigo, minha irmã? Ou é sua vontade prestar juramento como Renunciante?

— O juramento... — ela sussurrou, balançando ainda mais. Mãe Lauria gesticulou para que ela sentasse.

— Está se sentindo mal e não precisa responder às perguntas neste momento, minha irmã.

Ela correu os olhos pelo salão e fixou-se em Magda e Doria, que estavam paradas ao pé da escada.

— Vocês duas são novas entre nós e as três estarão juntas no treinamento, caso esta mulher venha a prestar juramento. Por isso eu as escolho como suas irmãs-de-juramento e...

Mãe Lauria tornou a olhar ao redor, obviamente procurando por mais alguém. Acabou fazendo um sinal e chamou:

— Camilla n'ha Kyria.

Com um estranho senso de inevitabilidade, Magda viu a emmasca alta e magra que testemunhara seu juramento a Jaelle se

adiantar, enquanto Mãe Lauria acrescentava:

— Camilla, vocês três podem levá-la, cortem seus cabelos e aprontem-na para o julgamento, se ela for capaz.

Camilla passou o braço em torno da estranha, sustentando o corpo frágil e trêmulo.

— Venha comigo, irmã. Apoie-se em mim... Ela falou numa inflexão impessoal, mas sua voz era gentil. Viu Magda de repente e seu rosto se iluminou.

— Margali! É mesmo você, irmã-de-juramento? Pensei que tivesse ido para Neskaya! Deve me contar tudo... porém mais tarde, pois agora temos de ajudar esta mulher.

Aqui... — Ela gesticulou. -... ponha seu braço sob o dela... A mulher não consegue andar...

Magda passou o braço pela mulher que, aparentemente, desfalecia, mas ela recuou e gritou, em voz débil, evitando o contato. Camilla conduziu-a para uma pequena sala perto do gabinete de Mãe Lauria e acomodou-a numa cadeira macia.

— Você foi maltratada? — ela perguntou, retirando os xales e no mesmo instante soltando um grito de consternação.

O vestido da mulher — elegante e dispendioso, de lã tingida, debruado de pele — estava todo retalhado, manchado pelo sangue, que ainda escorria. Camilla sussurrou:

— Que A varra nos proteja! Quem fez isso com você? — Ela não esperou por uma resposta. — Doria, corra até a cozinha, traga vinho, água quente e toalhas limpas.

E depois descubra se Marisela está na casa ou se foi à cidade para ajudar a trazer alguma criança ao mundo. Margali, venha até aqui, ajude-me a tirar essas roupas.

Magda adiantou-se e ajudou Camilla a remover a túnica retalhada, o vestido, a roupa de baixo. Todos os trajes eram bem cortados e bordados com fios de cobre; ela usava uma travessa de cobre filigranada, em formato de borboleta, nos cabelos louros. Magda ficou de lado, ajudando e pegando as coisas, enquanto Camilla despiu a mulher até a cintura, limpava os cortes horríveis; quem poderia tê-los infligido? A mulher suportou os cuidados sem gritar, embora devessem doer muito. Depois que acabaram, Camilla

pôs nela uma camisa leve, prendendo os cordões bem frouxos no pescoço, cobriu-a com um manto quente. Doria voltou, perturbada, informando que Marisela não se encontrava na casa.

— Pois então procure Mãe Millea e Domna Fiona — ordenou Camilla. — Ela é juíza no Tribunal da Cidade e devemos fazer um depoimento juramentado sobre o estado desta mulher, a fim de que possamos legalmente lhe dar abrigo. Ela não está bastante forte para prestar o juramento agora. Devemos levá-la para a cama e cuidar dela...

A mulher esforçou-se para se erguer e balbuciou:

— Não... quero prestar o juramento... ficar aqui por direito, não por caridade...

Magda sussurrou, mais para si mesma do que para qualquer outra:

— Mas o que aconteceu com ela? O que poderia ter causado esses ferimentos...

O rosto de Camilla era como pedra.

— Ela foi espancada como um animal. Tenho cicatrizes muito parecidas. Criança... — A emmasca inclinou-se para a mulher arriada na cadeira. — Sei o que é ser maltratada. Margali... vai encontrar uma tesoura na gaveta da mesa.

Depois que Magda pôs a tesoura em sua mão, Camilla perguntou à mulher?

— Qual é o seu nome?

— Keitha...

A palavra foi apenas um sussurro.

— Keitha, as leis exigem que você demonstre sua intenção ao cortar uma única mecha de seus cabelos; se tiver forças suficientes para isso, farei o resto por você.

— Dê-me... a tesoura.

Ela parecia determinada, mas os dedos mal conseguiram segurar a tesoura. Fez um grande esforço para ajeitá-la na mão. Pegou uma mecha dos cabelos, dispostos em duas tranças, empenhou-se em cortá-la; mas não lhe restavam forças para cortar a trança. Gesticulou, balbuciando:

— Por favor...

Ao gesto, Camilla desfez a trança e Keitha manejou a tesoura com todo ímpeto, cortando dois punhados de cabelos.

— Pronto! — ela exclamou, frenética, as lágrimas começando a aflorar dos olhos. — Agora... deixe-me prestar o juramento...

Camilla levou uma taça de vinho a seus lábios.

— Assim que estiver bastante forte, irmã.

— Não! Agora. . — insistiu Keitha.

E depois ela largou a tesoura, que caiu no chão, arriou inconsciente nos braços de Camilla. Mãe Lauria disse suavemente:

— Levem-na lá para cima.

Magda ajudou Camilla a conduzir a mulher inconsciente pela escada, até um quarto vazio.

Capítulo Quatro

O poço estava escuro, vertendo lama preta, envolto por sombras mais escuras; por trás das rochas, no entanto, o sol vermelho se erguia. Ela tinha idade suficiente para saber o que acontecia no outro lado da fogueira, estava com doze anos e em Shainsha uma moça de doze anos era bastante velha para ser acorrentada, bastante velha para ficar nas salas de nascimento. Mas aquelas mulheres, aquelas amazonas, não tinham correntes nas mãos, haviam-na mandado embora, como se não passasse de uma criança. Além da fogueira, ao sol nascente, podia ouvir a voz da mãe, sentir a dor que penetrava em seu próprio corpo como facas, ver as aves de carniça circulando cada vez mais baixo, enquanto o sol subia; e agora a luz do sol era como sangue despejado sobre a areia, como a sensação pungente de facas e a angústia de sua mãe envolvendo seu corpo e mente...

Jaelle! Jaelle, tudo valeu à pena, você é livre, você é livre... mas suas mãos estavam acorrentadas e ela se debatia, gritando, gritando...

— Calma, amor, calma... — Peter pacientemente desembaraçou seus braços agitados das roupas de cama, aninhou-a em seus braços. Foi apenas um pesadelo, está tudo bem...

Apenas outro pesadelo. Outro. Deus no alto, ela vinha tendo pesadelos todas as noites. Não sei mais o que fazer por ela.

Jaelle desvencilhou-se de seus braços, sem entender direito por quê, apenas sabendo que não queria estar muito perto dele naquele momento. Procurou em seu rosto, franzido, perturbado, a hostilidade que não podia encontrar na voz gentil.

— Kyril... — ela murmurou. — Não. Por um momento pensei que você... era meu primo Kyril...

Ele riu baixinho.

— Acho que isso daria pesadelos em qualquer um. Tome aqui, conte meus dedos. Apenas cinco.

Peter apertou a mão contra a dela e Jaelle sorriu do antigo gracejo entre os dois. Ele era igual a seu primo, Kyril Ardais, exceto

pelas mãos de seis dedos que Kyril herdara da mãe, Dama Rohana.

As mãos de Kyril, perseguindo-a durante todo aquele verão, até que finalmente, chorando de ira e humilhação, tivera de usar com ele treinamento de amazona que fazia com que fosse quase impossível dominar uma Renunciante bem preparada. Uma Renunciante, era como se dizia, pode ser morta, mas nunca violentada.

Por causa de Rohana, ela não quisera machucá-lo...

— Está se sentindo bem, querida? — perguntou Peter. — Quer que eu chame alguém do Serviço Médico? Vem tendo esses pesadelos todos os dias... há quanto tempo agora? Dez dias? Onze?

Jaelle tentou se concentrar em suas palavras. Pareciam ter um estranho eco que ardia nas palmas de suas mãos, reverberava pelos nervos. Os cantos do quarto davam a impressão de estar delineados por luzes indistintas, inchavam e encolhiam, tornavam a inchar para assomar por cima dela. Seus olhos doíam e ela se levantou de um pulo, com um ímpeto de náusea, correndo para o banheiro. Os espasmos de vômito dissiparam os últimos resquícios do sonho; não podia recordar agora o que sonhara, exceto por um gosto estranho e um cheiro de sangue na boca. Engoliu a água repulsiva do chuveiro, tentando em vão se livrar daquele gosto. Peter, transtornado, foi até o painel de refrescos e serviu alguma bebida gelada. Levou-a aos lábios de Jaelle.

— Vou levá-la a um médico amanhã, querida — disse ele, observando-a tomar a bebida, que borbulhava e ardia em seus lábios.

Quando Jaelle baixou o copo, ele sacudiu a cabeça.

— Tome tudo. Vai acalmar seu estômago. Sente-se melhor agora? Ele examinou os fones no travesseiro; de alguma forma, Jaelle os soltara durante o pesadelo.

— Deve haver alguma coisa errada com o programa de língua que deram a você ou então o D-alfa está fora de sincronia... Isso pode afetar os centros de equilíbrio — ele comentou, pegando o aparelho. — Ou talvez tenha revolvido alguma coisa em seu subconsciente. Leve ao Serviço Médico amanhã e peça para ajustarem de acordo com o seu EEG.

Era como se ele estivesse falando na língua de outra galáxia, pensou Jaelle, distante; não entendia o que Peter dizia e não se importava. Ele encostou o fone na têmpora, deu de ombros.

— Parece que está tudo certo para mim, mas também não sou um experto. Vamos voltar para a cama, meu bem.

— Oh, não! — exclamou Jaelle, sem pensar. — Não dormirei mais com essa coisa!

— Mas é apenas uma máquina, querida. Mesmo que esteja desajustada, não vai machucá-la. Não seja irracional. — Ele passou o braço Pelos ombros de Jaelle. — Não é uma nativa ignorante de... ora, das Cidades Secas, para ficar apavorada só por causa de uma máquina, não é mesmo?

Peter puxou-a para o travesseiro, enquanto acrescentava:

— Nenhum de nós pode passar sem as fitas de aprendizado durante o sono.

Tornaram a deitar, mas Jaelle apenas cochilou, irrequieta, tentando ouvir as palavras suaves do aparelho conscientemente, a fim de não mergulhar outra vez no atoleiro do pesadelo. Haviam se tornado constantes; não haveria alguma coisa errada com a máquina? Mas os pesadelos, ela lembrou, haviam começado antes de pegar as fitas para a máquina que Peter chamava de corticador D-alfa. Gostaria de poder atribuir toda a culpa à máquina, mas receava que isso não era possível.

Algum tempo antes de o despertador começar a tocar, ele acordou, sonolento, desligou para que não os interrompessem, começou a acariciá-la. Ainda mais do que meio adormecida, Jaelle entregou-se a esse conforto que se tornara tão essencial à sua vida; permitiu-se subir com Peter, como se voasse por cima do mundo, elevando-se sem gravidade ou grilhões; envolta em seus braços, partilhou a satisfação que ele experimentava ao possuí-la, mantendo-a unida em sua paixão. E ela nunca estivera mais unida; projetou-se às cegas para ficar ainda mais unida, procurando aquele último fator desconhecido que os fundiria de verdade na carne e mente...

Minha carne. Minha mulher. Meu filho, imortalidade... minha, minha, minha...

Não eram palavras. Não era sentimento apenas. Era mais profundo, na própria base da mente, nas próprias profundezas e fundações do ego masculino. Jaelle não tinha instrução para falar na linguagem das Torres, sobre camadas do consciente e inconsciente, polaridade masculina e feminina; podia apenas sentir diretamente, no fundo dos nervos, que tal percepção fora negada por muito tempo. Sabia apenas que o evento despertava em seu corpo e mente coisas que não eram absolutamente sexuais e muito diferentes do que estava acontecendo. E algum fragmento isolado e descompromissado de si mesma se rebelou, através das palavras do Juramento da Amazona:

Só me entregarei no momento e época que eu escolher... Jamais ganharei o pão como o objeto do desejo de qualquer homem... Juro que não terei criança de qualquer homem por casa ou herança, clã ou linhagem, orgulho ou posteridade... Orgulho... orgulho... orgulho...

E no momento mesmo em que se preparava para desvencilhar-se dos braços de Peter, esquivar-se ao que fora outrora o maior prazer do mundo, alguma coisa no fundo de seu corpo, uma parte que não era feita à vontade consciente, disse-lhe não, não agora, nada vai acontecer. .

Jaelle não se afastou nem recuou; apenas permaneceu quieta, sem reagir, mas ao mesmo tempo incapaz de excitar um homem e depois deixá-lo sem satisfação. Mas o que quer que os unia, se desvanecera; ele ainda a envolvia, acariciando-a, mas lentamente, o desejo refluindo, como acontecera com Jaelle. Contemplou-a, aturdido e consternado. Ela sentiu uma dor interior pela perturbação nos olhos dele.

— Oh, Peter, sinto muito!

Ela falou no exato momento em que ele a soltava, murmurando:

— Jaelle, sinto muito...

Ela respirou fundo, comprimindo a cabeça contra o ombro nu de Peter.

— Não foi culpa sua. Acho que... não é o momento certo.

— E você já se sentia horrível, com todos os pesadelos — ele disse, generosamente disposto a dar por ela as desculpas que a própria Jaelle não podia oferecer a si mesma.

Ela compreendeu isso e foi outra vez dominada pela angustia. Peter levantou-se e foi pegar dois recipientes térmicos.

— Veja o que tenho para nós! Conheço um sujeito na cozinha e ele me arrumou. Café, justamente o que você precisa agora.

Ele removeu a tampa e estendeu para Jaelle, fumegante. Estava quente e o gosto parecia não ter a menor importância. Enquanto ela bebia, Peter acariciou seu pescoço.

— Você é linda! Adoro seus cabelos quando estão compridos. Nunca mais torne a cortá-los, está bem?

Jaelle sorriu e afagou o rosto dele, áspero do princípio de barba.

— Como se sentiria se eu lhe pedisse para deixar a barba crescer? — Oh, não! — ele murmurou, horrorizado. — Não faria isso, não é mesmo?

Ela riu suavemente.

— Só quis dizer que eu não lhe pediria isso, amor. O rosto é seu. E os cabelos são meus.

— Essa não! — Peter afastou-se, com uma expressão obstinada. Não tenho direitos, mulher?

— Direitos? Sobre os meus cabelos?

Era a mesma reação que ela experimentara ao perceber o orgulho Profundo de Peter. Contraindo os lábios e largou o café. Olhou deliberadamente para o relógio e perguntou:

— Quer tomar banho primeiro?

Ele saiu da cama e encaminhou-se para o banheiro, enquanto Jaelle sentava e segurava a cabeça, tentando focalizar o recipiente de café e o vapor que ainda desprendia.

O quarto parecia pulsar, tornar-se menor e maior, mais alto agora, depois se comprimindo contra sua cabeça. Alguma coisa está errada comigo, ela pensou. Peter, saindo do chuveiro, viu-a dobrada, segurando a cabeça, lutando contra a náusea envolvente a que se recusava a ceder.

— Está se sentindo bem, querida? — E depois, com um sorriso de prazer preocupado, ele acrescentou: — Jaelle, será que... não está grávida?

Não. Era como uma mensagem das profundezas de seu corpo. Ela respondeu bruscamente:

— Claro que não.

E levantou, para começar a se vestir. Mas Peter continuou a pairar por perto, dizendo:

— Não pode ter certeza... De qualquer maneira, não é melhor procurar o Serviço Médico?

E Jaelle pensou: Como posso ter tanta certeza?

Recuso-me a ficar doente hoje. Não Vou ceder, de jeito nenhum. E ela declarou:

— Tenho um relatório a concluir.

Enquanto ela se forçava aos movimentos, a vertigem foi diminuindo, o mundo voltou a ficar sólido. Àquela altura, já se acostumara ao uniforme terráqueo, a calça comprida que era surpreendentemente quente para um tecido tão fino, a túnica curta. Peter, recendendo a sabonete e ao uniforme lavado, foi abraçá-la, murmurou algumas palavras tranqüilizadoras e depois foi embora.

Ele não era assim em Ardais, pensou Jaelle, atordoada; mas tratou de remover a idéia da mente, para só pensar a respeito quando não fosse tão perturbadora.

Há muito que ela terminara de relatar a viagem a Ardais e agora trabalhava na antiga sala de Magda em Comunicações, fazendo uma coisa que considerava inútil, revisando um dicionário — era assim que Bethany o chamava — de idiomas darkovanos. Pelo menos não estava trabalhando com aquelas horríveis fitas de aprendizado durante o sono, embora calculasse que tudo o que fazia agora acabaria sendo transferido para uma fita assim.

Será que o aparelho de aprendizado durante o sono — Peter o chamou de corticador D-alfa — é que está me provocando esses pesadelos? Até ele sugeriu que era uma possibilidade! Nunca mais tornarei a usá-lo... Dormirei no chão, se for necessário!

Mas ela continuou a trabalhar, conscientemente, revisando idiomas antigos e gírias populares de sua infância, recordando

termos corriqueiros e vulgares, muito mais comuns que os polidos. Aquele dicionário fora compilado — ela se lembrou — pelo pai de Magda, anos antes, em Caer Donn. Ninguém usaria o idioma vulgar na presença de um estudioso culto, que ainda por cima era um alienígena. Mas conhecia expressões que a deixariam encabulada se incluísse num programa de língua a ser usado por homens; além disso, tinha dúvidas se aqueles termos em particular eram usados por mulheres fora das Casas da Guilda.

O fato é que não sei realmente como as mulheres comuns pensam, exceto por Dama Rohana, ela refletiu, especulando por que isso a deprimia. Fui muito jovem para a Casa da Guilda, como filha de criação de Kindra!

Seja como for, faria o que pudesse, tão bem quanto pudesse, isso era tudo o que podiam esperar dela racionalmente. Ainda não percebera direito que se encontrava repleta de ressentimento pelo uniforme desacostumado, com o microfone na gola, pelo qual se achava ligada às máquinas, para todos os efeitos práticos, a calça que a deixava com a sensação de estar com as pernas nuas. A nudez não a incomodaria na Casa da Guilda, com suas irmãs, mas num escritório em que os homens volta e meia apareciam — embora não com muita freqüência, tinha de admitir — sentia-se exposta, tentava fingir que a mesa e os painéis podiam escondê-la. Houve uma ocasião em que um homem passou por sua mesa... Não era alguém que conhecesse, apenas um técnico anônimo que fora fazer algo misterioso no terminal de Bethany, puxando fios, relês e outras coisa de estranha aparência.

Então essa é a mulher darkovana de Haldane. Um homem de sorte. Que pernas...

Jaelle lançou um olhar furioso para o homem, antes de compreender que ele nada dissera em voz alta. O rosto ardendo, ela baixou os olhos e fingiu que o homem nem estava ali. Durante toda a sua vida fora afligida por aquele laran intermitente, que surgia e desaparecia sem controle, introduzindo-se em sua consciência quando não tinha o menor desejo ou vontade de saber o que havia na mente de outra pessoa, e muitas vezes lhe faltando quando seria

de valor inestimável. Um pensamento indesejável aflorou agora, mas era seu:

— Eu estava mesmo lendo os pensamentos de Peter esta manhã? É assim que ele me considera?

— Não. Eu estava doente, com alucinações. Prometi a ele que procuraria o Serviço Médico. É melhor eu ir até lá agora e providenciar. Assim que o técnico foi embora, ela perguntou a Bethany:

— Como posso arrumar para que alguém no Serviço Médico me examine?

— Basta subir até lá, na hora do almoço ou depois do expediente. Alguém arrumará tempo para examiná-la. Qual é o problema? Doente?

— Não sei. Talvez seja o... o corticador. Peter disse que podia dar pesadelos.

Bethany acenou com a cabeça, sem muito interesse.

— Se não estiver ajustado direito, é bem possível. Não incomode o Médico com isso; leve a unidade ao Psico e eles farão os ajustes necessários. Mas se as dores de cabeça e pesadelos continuarem, então é melhor consultar o Médico. Ou se estiver grávida ou qualquer coisa assim.

— Oh, não! — exclamou Jaelle no mesmo instante.

E, depois, ela especulou: Como Bethany sabia? Por que parece ter tanta certeza? Talvez fosse melhor ela procurar o Serviço Médico, no final das contas. Iria na hora do almoço... Não sentia fome e o tipo de comida que podia obter no refeitório não era algo que lamentasse perder.

Mas pouco antes do momento em que deixavam as mesas para a refeição souu um estranho bip em seu painel. Jaelle ficou olhando, aturdida, especulando se quebrara alguma coisa, se teria de chamar de volta o técnico que a contemplara de maneira tão ofensiva.

— Bethany...

— Responda à chamada, Jaelle... — Ela percebeu que Jaelle não entendia e acrescentou: — Minha culpa, esqueci de lhe mostrar. Aperte aquele botão ali... aquela coisa branca redonda que está piscando.

Sem compreender porque chamavam de botão — seria muito difícil costurá-lo num casaco ou túnica, — Jaelle encostou o dedo, cautelosa, na luz que pulsava.

— Sra. Haldane? — A voz era desconhecida e bastante formal. Cholayna Ares, Serviço de Informações. Pode subir ao meu gabinete? Talvez queira almoçar comigo. Precisamos conversar.

Jaelle já conhecia o suficiente sobre o modo de falar dos terráqueos para saber que as palavras, formuladas como um pedido polido, constituíam na verdade uma ordem, e não havia possibilidade de recusa. Ela era a substituta de Magda; a mulher que conhecera na noite anterior, quando estava com Peter, era a superiora de Magda — pelo menos essa era uma maneira de descrevê-la — e por conseguinte de Jaelle também. E ela disse, tentando reproduzir as formas de polidez terráqueas:

— Terei o maior prazer. Estarei aí imediatamente.

— Obrigada.

A luz apagou-se. Bethany alteou as sobrancelhas.

— O que será que ela quer? Eu bem que gostaria de saber como ela conseguiu obter o posto. A chefia de Informações, quando ela não seria capaz de sair no campo em qualquer lugar deste planeta! Tudo o que ela tem de fazer é ficar sentada em sua sala e mandar em todo mundo, como uma aranha no meio da teia. Mas uma pessoa de Informações deve ser capaz de se fundir na paisagem, e ela nunca conseguirá fazer isso aqui. É verdade que o quartel-general pode ter esquecido como este planeta é uma aberração e apostou qualquer coisa que Cholayna não sabia quando foi transferida para cá...

— Não estou entendendo — interveio Jaelle, perguntando-se se deveria se sentir ofendida. — Por que este planeta é uma aberração?

— É um da meia dúzia ou por aí de planetas do Império que foram povoados inteiramente por um grupo homogêneo, colonos de uma mesma área étnica. Podia haver uns poucos pretos, orientais ou mais alguma coisa na tripulação original da nave, mas a tendência genética e o intercruzamento fizeram com que essas características se perdessem mil anos antes do Império redescobri-los. Um planeta

com cem por cento de população branca é mais raro do que uma galinha criar dentes!

Jaelle pensou a respeito por um momento. Notara a pele escura de Cholayna e os olhos castanhos brilhantes, mas pensara simplesmente que talvez a mulher tivesse sangue não-humano; haviam histórias nas montanhas de cruzamentos ocasionais com homens-do-mato e até mesmo homens-gatos, embora os kyrri e cralmacs não cruzassem, é claro, com humanos.

— Na Era do Caos, no entanto — ela acrescentou, como explicação, — humanos eram muitas vezes cruzados artificialmente com cralmacs. Por isso, pensei que ela fosse apenas parcialmente humana, mais nada.

— Não deixe Cholayna ouvi-la dizer isso — declarou Bethany, com uma careta chocada. — No Império, chamar alguém de meio-humano é a pior coisa... não, a segunda pior que se pode dizer.

Jaelle já ia manifestar seu espanto — que preconceito repulsivo! — mas depois lembrou que entre pessoas ignorantes, até mesmo ali, havia certos preconceitos contra os não-humanos; e não havia explicação para costumes e tabus. Não tente comprar peixe nas Cidades Secas. Ela se conteve, especulando porque, com a gabada tecnologia médica do Império, não haviam descoberto ou redescoberto essa técnica, e porque não a aproveitavam.

— É melhor eu ir agora para o Serviço de Informações. Não, não precisa me acompanhar. Posso encontrar o caminho sozinha.

Cholayna instalou Jaelle numa cadeira macia e confortável e providenciou o almoço do painel do escritório, que parecia ter mais opções do que o refeitório.

— Não tenho muitas oportunidades de conversar com alguém de Darkovan e sei que neste planeta não poderei realizar um trabalho de campo — ela declarou francamente.

— Por isso, tenho de depender de meus agentes de campo. Estou aqui para organizar um departamento, não para trabalhar nele. Terei de depender de você e de todas as outras pessoas que conhecem o planeta e foram criadas no local. Não queria perder Magda Lorne, mas não tinha opção. Quero sentir que posso lhe

conceder minha confiança, Sra. Haldane, como confiaria em Magda. Espero que possamos nos tornar amigas.

Jaelle enfiou o garfo na comida antes de responder. Jamais conhecera uma mulher que não fosse propriedade de algum homem nem uma Renunciante.

— Se quer se tornar minha amiga, pode começar por não me chamar de Sra. Haldane. Peter e eu não somos casados di catenas e o Juramento da Renunciante proíbe que eu use o nome de qualquer homem... embora eu não consiga fazer com que o pessoal de Registros entenda isso.

— Tentarei dar um jeito nisso.

Jaelle pôde sentir que os olhos castanhos da mulher absorviam informação por um instante, antes que ela indagasse:

— Como devo então chamá-la?

— Sou Jaelle n’ha Melora. Caso nos tornemos amigas, minhas irmãs na Casa da Guilda me chamam de Shaya.

— Por enquanto, Vou chamá-la de Jaelle — disse Cholayna, deixando Jaelle satisfeita por constatar que ela não se apressava em usar o nome íntimo. — Creio que eu era amiga de Magda, além de mestra. Há muita coisa que você pode fazer por nós aqui. Tenho certeza de que já sabe que concordamos em treinar algumas jovens em tecnologia médica; talvez você possa ajudar para que a convivência delas conosco seja mais fácil. Afinal, é a primeira.

Jaelle sorriu.

— Não sou, não. Duas das minhas irmãs da Guilda trabalharam no espaço-porto durante a construção.

Cholayna disse, surpresa:

— Nossos registros de emprego não indicam o emprego de qualquer mulher de Darkovan...

Jaelle riu.

— As duas eram emmasca... neutras. Provavelmente pensaram que eram homens e, é claro, que elas devem ter usado nomes de homens. Queriam saber como vocês eram, as pessoas que vieram de um lugar além das estrelas.

Jaelle absteve-se de acrescentar que as histórias que elas contaram na Casa da Guilda haviam propiciado muitas piadas,

algumas vulgares. Cholayna riu suavemente.

— Eu deveria ter imaginado isso: enquanto estudávamos vocês, vocês também nos estudavam. Não perguntarei o que pensaram de nós. Ainda não nos conhecemos o suficiente para isso.

Jaelle ficou agradavelmente surpresa. Era a primeira pessoa do Império que conhecia que não se precipitava a conclusões injustificadas sobre a cultura darkovana.

Talvez Cholayna fosse a primeira terráquea lealmente educada que conhecia, à exceção de Magda, que era mais darkovana do que terráquea.

— Tem certeza de que já comeu o suficiente? Não quer mais café? Tem certeza?

À recusa de Jaelle, Cholayna empurrou os pratos para a unidade de eliminação e pegou um cassete em sua mesa. Jaelle reconheceu sua própria letra na etiqueta; era o relatório que fizera sobre o resgate de Peter e o inverno em Ardais. O cassete com a etiqueta familiar de Peter estava ao lado.

— Constatei por aqui que você nasceu nas Cidades Secas e viveu lá até quase os doze anos.

Jaelle se perguntou subitamente se o almoço que acabara de comer continha alguma coisa venenosa para ela; o estômago revirava, lembrando-a que tencionava aproveitar a ocasião para ir ao Serviço Médico. Ela disse bruscamente:

— Deixei Shainsa quando tinha doze anos e nunca mais voltei. Conheço muito pouco das Cidades Secas. Até esqueci o dialeto de Shainsa e só o falo como qualquer estrangeiro.

Cholayna fitou-a em silêncio por um longo momento.

— Doze anos é bastante tempo. Aos doze anos uma criança está formada... socialmente, sexualmente, a personalidade já foi desenvolvida por completo e não pode ser mudada depois. É muito mais um produto das Cidades Secas do que, por exemplo, um produto da Casa da Guilda das Renunciantes.

Jaelle prendeu a respiração, sem saber se a emoção intensa que a dominava era de raiva, consternação ou mera incredulidade. Descobriu-se levantando-se, todos os músculos contraídos.

— Como se atreve a falar assim? Não tem o direito de dizer isso! Cholayna piscou, espantada, mas não cedeu diante do ímpeto de fúria.

— Jaelle, minha cara, eu não estava falando pessoalmente de você, é claro, apenas enunciava um dos fatos mais irrefutáveis da psicologia humana; se encarou como um ataque pessoal, peço que me desculpe. Mas, quer goste ou não, é um fato; as primeiras impressões em nossas mentes são as permanentes. Por que deveria se sentir tão transtornada por pensar que pode ser basicamente um produto da cultura das Cidades Secas? Lembre-se que sei muito pouco a respeito e não há muitas informações nos arquivos do QG. Devo contar com você para me dizer. O que eu falei para deixá-la tão irritada?

Jaelle respirou fundo e descobriu que as mandíbulas doíam de tanto que cerrara os dentes. Acabou murmurando:

— Eu... eu também não tive a intenção de atacá-la pessoalmente. Eu...

Ela teve de parar, engoliu em seco, descerrou os dentes; se estivesse com uma adaga, ela compreendeu, certamente a teria sacado e talvez a usasse antes de pensar.

Por que explodi assim? A raiva esvaiu-se lentamente, deixando-a atordoada em sua esteira.

— Deve estar enganada, pelo menos neste caso. Se eu fosse um produto das Cidades Secas, deveria ser uma... uma escrava, como todas as mulheres de lá, acorrentada, propriedade de algum homem. Uma mulher sem grilhões é um escândalo... Ela deve ostentar a marca da propriedade de um homem. Prestei o juramento das Renunciantes assim que alcancei a idade necessária e... esqueci tudo o que fizera desde que saíra das Cidades Secas como um meio de...

Ela parou mais uma vez, a voz definhando para o silêncio e concluindo em sua mente: um meio de provar a mim mesma que jamais usaria correntes para qualquer homem... Kindra me disse uma vez que a maioria das mulheres e também a maioria dos homens se julgam livres, mas se deixam prender por correntes

invisíveis... Cholayna passou a mão pelos cabelos brancos prateados, distraída,

— Se tudo o que fez desde que deixou as Cidades Secas foi um meio de provar que não era uma delas, então, quer viva ou não por seus preceitos, a verdade é que orientaram todos os seus atos. Se não a influenciassem, teria escolhido seu caminho sem pensar se era o modo delas ou o inverso... Não concorda?

— Acho que sim — murmurou Jaelle.

Ela ainda respirava com cuidado, forçando-se a relaxar, a descerrar os punhos. Cholayna acrescentou, calmamente:

— Também não sei muita coisa sobre as Renunciantes. Você falou no Juramento e Magda também disse alguma coisa a respeito, mas nada sei realmente. É um segredo ou pode me dizer o que jura uma Renunciante, uma Amazona Livre?

Jaelle respondeu, cansada:

— O juramento não é secreto. Terei o maior prazer em lhe dizer. — Ela começou. — Deste dia em diante, juro...

— Espere um instante! — Cholayna levantou a mão. — Posso ligar um gravador para os registros?

Aquela palavra outra vez! Mas de que adiantava discutir? E talvez fosse a única maneira de fazer com que a Casa da Guilda se tornasse compreensível para uma estranha.

— Claro.

Ela esperou um pouco e depois disse:

— Deste dia em diante renuncio ao direito de casar salvo como uma companheira livre; nenhum homem me prenderá di catenas e não habitarei na casa de nenhum homem como uma barragana.

Jaelle recitou todo o Juramento, do princípio ao fim. Como Cholayna podia acreditar que ela, se fosse mesmo um produto da cultura das Cidades Secas, sem esperança de mudança na personalidade, sexualidade ou vontade, pudesse ter escolhido livremente o Juramento? Era um absurdo!

Cholayna escutou em silêncio, balançando a cabeça de vez em quando, a um ou outro dispositivo.

— Isto, é claro, não é estranho para mim, pois no Império, em particular no planeta Alfa, onde fui criada, considera-se como fato

consumado que as mulheres possuem esses direitos e responsabilidades; embora também admitamos... — Cholayna sorriu. — ...que o pai da criança também tem direitos e responsabilidades na determinação do cuidado e criação. Algum dia, se quiser, eu gostaria de discutir isso com você mais a fundo. E também posso compreender porque as Amazonas Livres, desculpe, as Renunciantes, foram as primeiras mulheres darkovanas a se empenharem em aprender com os terráqueos. Tenho duas coisas a lhe pedir. A primeira é que procure Magda na Casa da Guilda e converse com ela sobre a escolha de candidatas apropriadas para o treinamento médico.

— O prazer será meu — respondeu Jaelle, formalmente.

Mas sua mente reagiu em contraponto: Se ela pensa que ajudarei a persuadir nossas mulheres a agirem como espãs de Informações, melhor mudar de idéia.

— Jaelle, qual era o seu trabalho entre as... as Renunciantes? Que tipo de trabalho elas fazem?

— Qualquer trabalho honesto. Entre nós, há padeiras, queijeiras, parteiras — isso mesmo, treinamos parteiras, especialmente na Casa da Guilda em Arilinn, — vendedoras de ervas, confeitadeiras, soldadas mercenárias...

Ela parou abruptamente, percebendo para onde levava essa linha de interrogatório.

— Claro que nem todas somos soldadas, Cholayna, nem mercenárias ou espadachins; se eu tivesse de ganhar o pão com a espada, há muito que teria morrido de fome.

As pessoas de fora sempre pensam nas Amazonas Livres mais visíveis, as que se alugam como soldadas e mercenárias. Houve uma época, há muito tempo, em que existia uma Irmandade da Espada, na Era do Caos, mas foi dissolvida quando se criou a Guilda, a Comhi-letzii. A Irmandade era constituída por soldadas e mercenárias. Perguntou o que eu fazia? Sou uma organizadora de viagens; proporcionamos escolta a mulheres que viajam sozinhas, ou pelo menos foi assim que começou, pois podíamos guiar e também proteger. Mais tarde, os homens também passaram a nos procurar, querendo saber quantos animais de carga contratar, que

alimento comprar para eles, quanto precisariam para a viagem... Também atuamos como guias através das regiões mais inóspitas e dos passos nas montanhas.

Ela sorriu um pouco, esquecendo sua raiva, antes de acrescentar:

— Dizem agora que uma guia amazona é capaz de ir aonde nenhum homem nas Hellens se atreveria a pôr os pés.

— Isso seria extremamente valioso para nós — comentou Cholayna. — Mapeamento e Exploração sempre pode aproveitar guias e pessoal que saibam indicar como se prepararem para o tempo e o terreno. Já se perderam muitas vidas por falta desse conhecimento. Se as Renunciantes consentissem em trabalhar para nós, ficaríamos profundamente gratos.

Ela fez uma pausa, pensativa.

— Também gostaria que você consentisse em conversar com um de nossos agentes sobre tudo o que se lembra das Cidades Secas, por mais simples que seja. Não estou pedindo que espione seu povo — ressaltou Cholayna, habilmente, — apenas que ajude a evitar os mal-entendidos... Que nos diga o que seu povo pensa que nosso povo deve saber a respeito de seu mundo, formas de cortesia, meios de evitar uma ofensa por ignorância...

— Claro.

Jaelle não podia lembrar agora porque se sentira tão furiosa ao pensamento de falar sobre as Cidades Secas. Era uma empregada do império, com o consentimento das Mães da Guilda, como tal deveria obedecer a cada ordem legítima de seu empregador.

— Por exemplo, temos um agente, seu nome é Raymon Kadarin, que está disposto a ir às Cidades Secas e enviar informações de lá. Quero que se encontre com ele, descubra se pode ir às Cidades Secas sem ser imediatamente reconhecido como um espião. O que sabemos sobre os Domínios...

Ela parou de falar quando uma luz começou a piscar em sua mesa, com uma insistência repetitiva.

— Eu disse para não nos incomodarem — murmurou Cholayna, franzindo o rosto. — Vou me livrar deles e poderemos continuar, Jaelle. Está certo?

Ela apertou o botão que piscava e uma voz desencarnada disse:

— O Chefe está furioso. Procurou em toda parte por aquela darkovana... Sabe quem é, a garota de Haldane. Até que Beth disse que ela estava em seu gabinete e ele fez a maior cena. Pode mandá-la descer o mais depressa possível para acalmá-lo?

Jaelle sentiu que se contraía de raiva. Não era a garota de Haldane, não era nem uma garota, era uma mulher e uma funcionária do Império por seu próprio direito; se a procuravam, poderiam ter a cortesia de chamá-la por seu nome certo! Ela já ia dizer tudo isso, mas percebeu que Cholayna franzira o rosto e sentiu que a mulher estava quase que igualmente furiosa.

— Jaelle n'ha Melora está em meu gabinete e ainda não terminei a reunião — disse Cholayna, friamente. — Se Montray deseja falar com ela, pode lhe pedir que passe em seu gabinete depois que eu acabar.

Jaelle conhecera o Legado na assembléia e não gostara dele. Sabia que Magda também não tinha muito respeito pelo homem que era seu superior imediato; que ele sabia muito menos sobre Darkover do que a própria Magda ou meia dúzia de agentes que trabalhavam sob suas ordens. Peter também fizera um comentário a respeito: Reconheço que o homem é um diplomata de carreira, não um Agente de Informações, mas ele deveria conhecer alguma coisa sobre o mundo em que está servindo! Cholayna apertou o botão, que ficou escuro.

— Isso o fará esperar por algum tempo, mas não posso garantir que ele não a mandará buscar imediatamente. Fiz o melhor possível.

Ela sorriu para Jaelle, com um ar de conspiradora. Jaelle compreendeu que gostava daquela mulher, tinha uma amiga ali, pelo menos.

— E agora me diga: gostaria de registrar o que sabe sobre as Cidades Secas? — indagou Cholayna. — Pode pôr tudo numa fita para os registros ou pode conversar diretamente com o agente...

Prefiro não fazer nenhuma das duas coisas, pensou Jaelle. Detestava falar para a fita, mas também não aprendera a se

relacionar com os homens que encontrara ali, no quartel-general. A perspectiva de conversar com um agente terráqueo estranho, com qualquer terráqueo, sem contar pelo menos com a proteção tácita da presença de Peter, assustava-a. Contudo, as palavras do Juramento da Amazona pressionava: Não apelarei a nenhum homem por direito, por proteção... O que aconteceu comigo, ela se perguntou, consternada, desde que vim viver aqui, como companheira livre de Peter?

Cholayna ainda a fitava na expectativa e Jaelle compreendeu que não respondera.

— Eu... eu gostaria de pensar um pouco a respeito, antes de tomar uma decisão.

O que eu realmente quero, ela refletiu, é conversar apenas com as mulheres. Sinto-me segura e à vontade com Cholayna, até mesmo com Bethany. Sinto-me segura ao me relacionar com os homens darkovanos, até mesmo os que detestam tudo que as Amazonas Livres representam, porque sei como desarmar suas suspeitas, sei trabalhar entre os darkovanos como um deles. Ela pensava que não poderia aprender isso com os terráqueos, e no fundo nem queria tentar.

E depois sentiu-se envergonhada. Era uma mulher adulta, uma Renunciante, não deveria se esconder por trás de Cholayna ou mesmo de Peter. E disse abruptamente, em tom quase agressivo:

— Conversarei com o agente.

Ela olhou para o chão, contrafeita, consciente de que Cholayna a observava com simpatia.

Sou uma garota crescida agora, não preciso ser protegida ou cuidada — ela disse a si mesma, desejando poder sentir a verdade de tal declaração.

A luz na mesa de Cholayna tornou a piscar e ela disse, apertando irritada o botão com a unha pintada:

— O que é agora?

— O Sr. Montray deseja lhe falar.

Cholayna franziu as sobrancelhas e comentou, em tom irônico:

— “A montanha não pode voar para os pássaros e por isso os pássaros devem voar para a montanha.” Esse é um provérbio antigo

no meu planeta, Jaelle. Lamento, mas terei de deixá-lo entrar. Você pode se retirar, se preferir.

Jaelle sacudiu a cabeça.

— Terei mesmo de encontrá-lo, mais cedo ou mais tarde.

Ela se preparou para o confronto com Montray, grisalho, com um permanente ar de desaprovação. O homem que entrou, no entanto, era um estranho, pelo menos vinte anos mais moço do que o Legado de que Jaelle se lembrava.

— Esperava por meu pai? — ele perguntou, diante da expressão de surpresa de Cholayna. — Sou Wade Montray e o pai me mandou para examinar a garota e verificar que proveito podemos tirar dela...

Ele parou de falar bruscamente, olhou para Jaelle, sorriu embaraçado.

— Não sabia que estava aqui. Não tive a intenção de ser grosseiro. Creio que já a vi na assembléia, mas não fomos formalmente apresentados.

Agora Jaelle recordou-se dele; pelo menos ele falava a língua de maneira impecável e interrompera alguns dos comentários mais impróprios e sem tato do pai.

— Também me lembro de tê-lo visto, Sr. Montray...

— Wade... Mas sei que não é fácil dizer o nome em sua língua. Geralmente sou chamado de Monty, senhorita... — Ele fez uma pausa.

— Desculpe, mas não conheço o tratamento polido para uma Renunciante...

— Sou Jaelle n'ha Melora. Se não estiver ainda disposto a me chamar pelo nome, pode dizer mestra. Mas se vamos trabalhar juntos e eu o chamarei de Monty, então deve me tratar por Jaelle.

Ele balançou a cabeça, repetindo o nome com todo cuidado.

— Posso levá-la ao gabinete do Velho, Cholayna? Ou você ainda precisa dela aqui em cima? Se precisar, tentarei acalmá-lo para esperar mais um pouco. — O jovem hesitou por um instante e depois acrescentou: — Escute, ele não está querendo se intrometer. Acontece apenas que... está dirigindo tudo, Informações e Comunicações, Lingüística e todo o resto, fica sem saber onde acaba

sua autoridade e começa a dos outros. Por isso, sente-se um pouco nervoso.

Cholayna assentiu, com uma expressão um pouco sombria.

— Eu já podia imaginar que seria difícil para ele. Tecnicamente, é claro, não estou subordinada a qualquer coordenador planetário, mas apenas ao comando central.

Tentarei não... não pisar em seus calos, a menos que ele interfira demais em meu trabalho... isto é, no trabalho do Serviço de Informações do Império. Jaelle, pode me procurar a qualquer momento que quiser, por favor. E peça a Peter para vir falar comigo amanhã, está bem?

Cholayna concentrou sua atenção para as luzes que piscavam no painel e Jaelle encaminhou-se para a porta com o jovem Montray. Monty, ela lembrou a si mesma, para distingui-lo do pai.

— Seu domínio da língua é excelente — ela comentou, enquanto avançavam pelo corredor. — Como...

Ele sorriu, cativante.

— Como falo a língua tão bem, quando o pai ainda precisa de um intérprete? Vim para cá antes de completar dez anos e sempre fui bom em línguas. O velho sempre ficou esperando, ano após ano, que o transferissem no ano seguinte para um lugar mais a seu gosto e por isso nunca se deu o trabalho de aprender a língua. Fui enviado a outro mundo para receber uma educação apropriada do Império quando tinha quatorze anos, mas gostava daqui e mal podia esperar o momento de voltar. Desculpe, não queria incomodá-la com meus problemas pessoais. Podemos pegar este elevador.

A descida nauseante foi menos assustadora agora; as pernas de Jaelle estavam quase firmes quando saltaram. Montray, gorducho e calvo, estava sentado em seu gabinete perto de uma janela, olhando para o espaço-porto.

— Pedi que viesse até aqui, Sra. Haldane — ele disse, num casta tão ruim e trôpego que Jaelle concluiu que de nada adiantaria corrigi-lo sobre seu nome, — porque tenho uma missão especial para lhe confiar. Meu colega aqui, Alessandra Li...

Um homem alto, parado ao lado da mesa, virou-se e fez uma reverência para Jaelle.

— Ele foi enviado para cá como representante especial do Senado do Comando Central, com posição diplomática, para investigar se Cottman Quatro manterá sua situação de Mundo Fechado ou será reclassificado. Fará recomendações sobre a instalação de uma Legação aqui. Sandro, esta é a primeira nativa darkovana em Informações, casada com Peter Haldane...

— Conheço os antecedentes de Haldane em Informações — o homem interrompeu. — Especialista em antropologia alienígena, excelente agente de campo.

Seu casta era melhor que o de Montray, embora não fosse perfeito. Ele fez outra pequena reverência para Jaelle e acrescentou:

— É um prazer conhecê-la, domna.

Jaelle absteve-se de corrigi-lo. Alessandra Li era alto, queixo saliente, olhos cinzas como aço sob sobrancelhas espessas, o rosto ensombreado por cabelos escuros abundantes e se tornando ridículo — aos olhos de Jaelle — por um bigode aparado com esmero.

— Acha que pode prepará-lo para viajar incógnito pelas Hellers e Colinas Kilghard, mestra! — perguntou Montray.

O primeiro pensamento que aflorou à mente de Jaelle foi um veemente não com esse bigode, mas reprimiu-o; afinal, o homem era novo no seu mundo, e mesmo de viajar entre montanhas e domínios ela sabia que as pequenas coisas, vestimentas, padrões de cultura e linguagem do corpo, variavam tanto que o significado nunca podia ser encarado como um fato consumado. Percebeu, no entanto, um brilho divertido nos olhos de Monty e compreendeu que ele tivera também o mesmo pensamento. Por isso, estudou Alessandra Li por algum tempo, antes de dizer:

— Ele pode viajar incógnito pelas Hellers, lá no alto, a terra de MacAran; alguns deles são escuros e... magros assim. Teria de usar os cabelos mais compridos e raspar o rosto ou usar uma barba mais cheia. Precisaria também estar vestido de maneira apropriada, é claro. E não há a menor possibilidade de passar por alguém daqui enquanto não tiver mais treinamento na língua.

— Não sei nada sobre essas coisas — comentou o velho Montray, com uma humildade inesperada. — Línguas não são meu ponto forte. É por isso que sinto tanta saudade de Magda, que foi a

minha melhor intérprete. Era desperdiçada como intérprete, sem dúvida, já que era também a melhor agente secreta que tivemos. Mas acha que ele pode acabar passando por alguém daqui?

Alessandra Li tentava fitar os olhos de Jaelle, que corou e baixou seus olhos. Não havia como ele saber — por enquanto — que isso era uma grosseria na sociedade darkovana. Mas Monty interveio:

— Para começar, Sandro, não tente fazer contato visual com uma estranha, não aqui nos Domínios, a menos que pense que ela é uma prostituta que tenta atraí-lo. Se o marido de Jaelle estivesse presente, poderia desafiá-lo por olhar para ela desse jeito. Digamos que esta é sua primeira lição de cortesia intercultural aqui em Darkover.

— Oh, claro! — exclamou o homem prontamente, baixando os olhos. — Não tive a intenção de ofender, senhorita... desculpe... mestra, não é mesmo?

— Não fiquei ofendida. Mas isso é o tipo de coisa a que estava me referindo. Peter pode ajudá-lo mais do que eu, é claro. E não seria nada fácil. Acho que seria mais simples preparar...

Ela gesticulou na direção de Monty, que riu e disse:

— Eu gostaria muito de trabalhar no campo, sem dúvida. quanto a mandar Sandro para o campo... ora, parece-me que faria mais sentido se usássemos nossos agentes treinados, os que podem circular sem serem reconhecidos como terráqueos, porque são darkovanos em tudo o que conta: Haldane, Lorne... Cargill, Kadarin, até mesmo eu. Poderíamos relatar tudo a Sandro e ele tomaria a decisão final.

Russell Montray apoiou o queixo nas mãos e pensou sobre o assunto por um momento.

— Só há um problema com isso. Haldane, Lorne, Kadarin, os que podem realmente passar despercebidos no campo, são darkovanos, para todos os efeitos e propósitos.

É verdade que prestaram o juramento do Serviço e não estou questionando sua lealdade, mas é natural que pensem em termos do que é melhor para Darkover, não necessariamente o que é melhor para nós. Não tenho intenção de ofender, Jaelle... — Ele

pronunciou o nome errado, mas pelo menos não a chamara de Sra. Haldane, e dava para perceber que pretendia ser amistoso. — ... mas Haldane casou com uma darkovana... E agora Magda assumiu o compromisso de passar meio ano naquela comuna feminina das Amazonas Livres, ou como quer que se chame. Não queremos que as decisões sejam tomadas por alguém que se tornou como um nativo. A investigação deve ser supervisionada por um observador objetivo, sem preconceitos em favor da posição darkovana. Pode me compreender?

Jaelle olhou pela enorme janela que dava para o espaço-porto. Uma das enormes naves se encontrava ali, envolta pelo pessoal de manutenção da base, cuidando do monstro espacial. A nave pousara ali não porque estivesse interessada em Cottman Quatro, Darkover, mas apenas porque Darkover era uma escala conveniente a caminho de outro lugar. A resposta imediata que surgiu em sua mente, de que Sandro Li teria o mesmo preconceito em favor da posição do Império, nada significaria para Russell Montray.

Daquela altura, os homens em torno da nave pareciam minúsculos como formigas-escorpiões. Não era de admirar que o velho Montray pensasse na posição darkovana como algo distante, irrelevante. Ele não conhecia os darkovanos pessoalmente, não desejava conhecê-los, eles eram alguma coisa que não-humana, eternamente apartados.

O que fora — mesmo que Bethany dissera? O pior insulto, na linguagem do Império, era chamar alguém de meio-humano.

— Vou designá-la para trabalhar com Sandro Li, será pessoalmente responsável por ele — declarou Montray. — Deverá lhe ensinar as línguas, prepará-lo para atuar no campo. Eu a considerarei responsável se alguma coisa acontecer com ele.

Montray usara o termo pessoalmente responsável, que faria com que se tornasse uma questão de honra e orgulho defendê-lo até a morte.

Por um instante a mão de Jaelle procurou automaticamente a faca que não estava pendurada em seu cinto; o gesto, interrompido, fez com que se sentisse uma tola.

E ela murmurou:

— Por minha honra e meu juramento, serei responsável por ele. Mas Monty percebeu o gesto e tornou a se manifestar:

— Não estamos lhe pedindo para ser guarda-costas dele, Jaelle. Não foi contratada como uma lutadora de faca. O que meu pai pede, é que... você o acompanhe se ele deixar a base, cuide para que não se meta em problemas que possam ser evitados, contorne os incidentes, prepare-o para circular na Cidade Comercial sem dificuldades.

Entendido?

Ela acenou com a cabeça.

— Em primeiro lugar, deve ter um nome darkovano. Alessandra é quase um nome usado nas Colinas de Kilghard, mas ninguém chamaria um homem de Sandro. É parecido demais com o de Zandru, que é o Senhor das Opções, boas ou más, e dos Nove Infernos.

— O equivalente ao demônio — acrescentou Monty. Alessandra Li franziu as sobrancelhas espessas.

— Como então seria chamada uma criança com o nome de Alessandra?

— Provavelmente... Aleki — sugeriu Jaelle.

Ele repetiu o nome, procurando imitar a pronúncia:

— Aaa... li... ki... está certo? Jaelle confirmou.

— E ele deve... — ela hesitou, mas aqueles Terranan não perceberiam a diferença, por que haveria então de hesitar? — Monty, providencie um barbeiro, com treinamento darkovano. E livre-o desse bigode, antes de mais nada. Peter poderá ajudá-lo a encontrar roupas apropriadas.

Alessandra Li — Aleki., ela lembrou a si mesma — tocou gentilmente no bigode denunciador; um pouco pesaroso, pensou Jaelle.

— Assim começa minha transformação num darkovano — ele acabou murmurando, com um dar de ombros. — E tudo num único dia de trabalho. Onde posso encontrar um barbeiro, Monty?

A transformação foi extraordinária; Jaelle não imaginara que pudesse fazer tanta diferença. O rosto ficou totalmente mudado com a ausência do bigode, que fora sua característica mais forte. O

barbeiro também aparou as sobrancelhas, proporcionando ao semblante uma aparência completamente diferente. Jaelle ficou curiosa sobre o barbeiro que conseguira efetuar aquele tipo de mudança... O que ele teria pensado? E ela supervisionara uma mudança que permitiria àquele homem espionar seu próprio povo?

Qual é o meu povo? E por quê? Nunca pertenci aos Domínios, assim como também não pertenci, quando era criança, às Cidades Secas. Nunca pertenci a qualquer lugar, exceto entre minhas irmãs na Casa da Guilda, mas agora renunciei até a isso... e tratou de interromper esses pensamentos, chocada consigo mesma. Não renunciara a coisa alguma. Era seu direito assumir um companheiro livre, como desejasse, aceitar qualquer emprego legítimo. Estava construindo uma ponte entre dois mundos, da mesma forma que sua amiga e irmã Magda, como seu amado Peter também tentava fazer. Por que os interesses de terráqueos e darkovanos deveriam conflitar? Eles não poderiam trabalhar pelo que era melhor para ambos?

Aleki a fitava, aguardando sua aprovação. Ele vestia o traje de pele e couro que seria usado por qualquer homem sensato que estivesse viajando pelas montanhas de Venza, perto de Thendara, substituindo as sandálias terráqueas por botas grossas.

— Ninguém o julgaria um terráqueo — ela comentou.

E depois, confrontada com um homem que aparentemente era darkovano, Jaelle sentiu-se consciente do uniforme terráqueo que a expunha de uma forma tão pouca recatada.

Para encobrir sua confusão, apressou-se em acrescentar:

— Não está cheirando direito. Peter... Peter pode aconselhá-lo sobre isso melhor do que eu.

— Haldane? Estou ansioso em conhecê-lo. Conheço seu trabalho. Ele não foi o primeiro terráqueo a viajar até o litoral, Temora e Dalereuth? Ou foi Magda?

— Eles eram casados na ocasião — explicou Jaelle. — Creio que partilharam o trabalho e o crédito. E se deseja conhecer Peter, nada poderia ser mais fácil. Não gostaria de jantar conosco?

— Será um prazer. Importa-se se Monty também for?

— Claro que não.

Na verdade isso deixava Jaelle aliviada; a presença de Monty faria com que toda a situação fosse apenas uma operação de Informações.

Peter esperava-os logo depois da entrada da Cafeteria Principal; reconheceu Monty no mesmo instante e os dois trocaram um aperto de mão. Monty apresentou Alessandra Li, repetindo também o nome darkovano Aleki que lhe fora dado.

— É um prazer, Haldane — disse Aleki. — Conheço seu trabalho. Esperava conhecê-lo, e a Magda também.

— Pode-se dar um jeito, pois ela ainda se encontra em Thendara respondeu Peter. — Homens têm permissão para visitar a Casa da Guilda, Jaelle?

— Claro que sim, embora não possam passar da Sala dos Estranhos.

Jaelle pôde perceber que Aleki arquivava essa informação em sua mente.

— Vou procurar uma mesa onde possamos conversar- disse Aleki, afastando-se.

Peter e Monty foram com Jaelle para os painéis que distribuía a comida automaticamente. Por trás deles, alguém disse, em voz baixa, mas perfeitamente audível:

— Essa é a garota de Haldane. Ele a pegou em Thendara. É deslumbrante, pelo menos agora que ele a meteu em roupas civilizadas. Lá nas montanhas, pelo que me contaram, eles ainda usam peles de animais. Que pernas! Um homem de sorte... Tenho ouvido uma porção de histórias sobre os casamentos darkovanos...

— Ouvi dizer que uma garota e todas as suas irmãs partilham um homem — comentou outra voz. — Será que esta tem irmãs? Ou talvez Haldane...

À primeira sílaba, Peter se empertigara, permanecendo em silêncio, mas agora, enquanto as palavras se encaminhavam para as especulações obscenas, ele se virou, agarrou o homem pela frente da túnica.

— Tome cuidado com sua língua imunda, miserável!

Mas Jaelle, a adrenalina já ativada no cérebro, empurrou Peter para o lado, furiosa.

— Esta é minha luta!

Ela deu outro empurrão brusco em Peter, que cambaleou e foi cair nos braços de Monty, depois retesou as mãos como armas e acertou o homem na garganta; ele caiu como se tivesse sido atingido por um martelo. Um chute desferido com precisão jogou no chão o primeiro homem que falara, gemendo e se segurando. Jaelle, a boca trêmula, a respiração saindo em meios-soluços, virou-se para Peter.

Nesse instante os guardas da Força Espacial, em uniformes pretos, aproximaram-se, apartando-os. Jaelle se empertigou, mas o guarda limitou-se a empurrá-la com o braço, quase respeitosamente. Peter passou o braço em torno de sua cintura, mas ela se contraiu, ressentida. As palavras do juramento... defender-me pela força se for atacada... não recorrer a nenhum homem em busca de proteção... ressoavam como pequenas marteladas em sua cabeça. O guarda da Força Espacial disse gentilmente:

— Perturbar a paz num lugar público... devo apresentar uma citação a todos? Não podem se exercitar no ginásio?

A cafeteria não é lugar para a prática de artes marciais.

— Aqueles miseráveis nojentos estavam falando mal de minha esposa! — protestou Peter.

— Palavras desagradáveis não quebram ossos — disse o guarda. — E, de qualquer maneira, parece que sua esposa sabe cuidar de si mesma.

Seus olhos fixaram-se por um momento em Jaelle e ela pôde quase ouvir seus pensamentos, mas o guarda limitou-se a acrescentar:

— Não sei quais são os costumes darkovanos, madame, e não quero saber, mas nossos costumes aqui incluem a proibição de brigas em lugares públicos. É estrangeira e por isso não Vou citá-la desta vez, mas não torne a brigar aqui, está certo?

Ele se afastou, enquanto seu companheiro levantava o homem que Jaelle derrubara e que balançava a cabeça e massageava desconsolado a garganta. O outro ainda gemia, segurou o braço estendido do guarda e balbuciou:

— Pode me ajudar a subir até o Serviço Médico?

Ele gemeu de novo, afastando-se a cambalear. O primeiro homem, com a garganta dolorida, engoliu em seco e adiantou-se na direção de Jaelle. Ela ficou tensa, mas o homem limitou-se a murmurar:

— Foi uma lição bem merecida, para mim e minha grosseria. E uma coisa tenho de reconhecer: luta como um homem.

Ele foi para sua mesa. Aleki chamou-os de uma mesa para quatro no canto. Peter acenou com a cabeça e entrou na fila da comida. Jaelle tremia toda, agora que a crise passara. Escolheu os primeiros alimentos com que se deparou, ao acaso, e seguiu para a mesa. Mas não conseguiu engolir quando pôs a primeira garfada na boca.

— Já tinha ouvido dizer que as Renunciantes eram guerreiras — comentou Aleki. — Você foi treinada também com a espada?

Jaelle respondeu, sabendo que sua voz soava fraca e trêmula:

— Posso manejar uma faca. Eu...

A garganta fechou; ela tocou na cicatriz existente na face. Ainda tremia de fúria.

Peles de animais! Quando um dos artigos de comércio mais valorizados eram as luxuosas peles do marl das Hellers, quando os couros curtidos e flexíveis das Colinas Kilghard proporcionavam quase o seu peso em cobre!

— Já vi esse tipo de luta na Escola de Informações — disse Monty. — Mulheres tão bem treinadas quanto os homens para se defenderem. Mas não esperava encontrar em Darkover...

— A maioria das mulheres é treinada apenas para recorrer ao macho mais próximo em busca de proteção!

Jaelle só percebeu o tom desdenhoso em sua voz depois que falou e constatou a mágoa refletida no rosto de Peter. Ele sentou, dizendo:

— Estavam insultando a mim, não a você, Jaelle. Nunca lhe ocorreu que era eu quem estava sendo insultado?

— Por minha causa — ela protestou, bruscamente.

— O resultado foi apenas agravar a situação — insistiu Peter, assumindo a expressão sombria que ela tanto temia. — Ouviu o que aqueles homens falaram... ensine sua esposa a se comportar em

público. É o que você tem de fazer, Jaelle... aprender a se comportar em público! Não me importo com o que faça ou diga quando estamos a sós, mas em público se reflete em mim se você se comporta como se tivesse acabado de sair de uma aldeia selvagem das Hellers!

— Reflete sobre você...

Jaelle parou de falar. Ele parecia, ocorreu-lhe, como Dom Gabriel ao se referir às Amazonas Livres: como se insultasse os homens de sua família que uma mulher aprendesse a se defender, em vez de recorrer aos parentes.

Ele foi criado como um darkovano, refletiu Jaelle. Pensei que, como um terráqueo, ele poderia compreender; as terráqueas são mais independentes... E com uma estranha e nauseante convulsão interior, — Jaelle recordou o que Cholayna lhe dissera naquele mesmo dia: que a personalidade estava formada aos doze anos de idade e não podia ser muito alterada depois disso.

Ela fora tão precipitada na luta — quando na verdade era Peter o insultado — porque não podia suportar o pensamento de que talvez, no fundo de si mesma, havia uma mulher das Cidades Secas que desejava ser acorrentada, como o símbolo de que era a propriedade legítima de algum homem? Golpeará com os punhos para silenciar essa voz, não as obscenidades casuais dos dois homens? Peter seria, lá no fundo, um homem das Hellers, que achava que a esposa deveria lhe recorrer por todos os meios em busca de proteção e cuidado? Qualquer dos dois conseguiria algum dia escapar à sina da criação?

Claro que podemos, ela disse a si mesma, furiosa. Caso contrário, nenhuma mulher poderia jamais se tornar uma Renunciante; e as Renunciantes são as mulheres que renunciaram a seus direitos de nascença e romperam as correntes que lhes impuseram na infância pela criação. Também hei de superar tudo...

Vários amigos de Peter, que haviam testemunhado a comoção, fizeram questão de se aproximar para algum comentário amigável. Era evidente que os homens que haviam feito as observações grosseiras não eram muito apreciados; embora não muitas pessoas tivessem ouvido as palavras que provocaram a briga, não havia a

menor dúvida de que desaprovavam por princípio esse tipo de grosseria. Eles continuaram na cafeteria, bebendo, comendo e conversando, até que a reunião assumiu as características de uma festa improvisada. Finalmente o pessoal da cozinha teve de lhes pedir que se retirassem.

Lá fora, no entanto, Jaelle recusou os convites para subir a vários quartos nos alojamentos e continuar a festa. Sentia-se exausta. Tencionara ir ao Serviço Médico naquele dia, mas não o fizera. Peter ainda se mantinha silencioso e taciturno, ela temia a censura que afloraria em seus olhos quando ficassem a sós. Teria mesmo magoado tanto assim o orgulho de Peter?

E deveria ter alguma importância para ela — como uma amazona — se o tivesse feito?

Assim que ficaram a sós, Jaelle virou-se para ele e disse:

— Desculpe... Mas Peter já estava falando:

— Eu não queria ser tão...

Ouvindo um ao outro, eles riram e se abraçaram.

— Você é maravilhosa — sussurrou Peter. — Eu a amo muito. Sei como é difícil para você...

Tranqüilizada outra vez, Jaelle sentiu que se abrigava no amor de Peter, que era uma rocha em que podia se segurar naquele lugar tão estranho.

Mas naquela noite, depois de fazerem amor até ficarem esgotados e de adormecer nos braços de Peter, ela despertou gritando de um sonho em que seu pai meio esquecido, Jalak da Casa Grande de Shainsa, apresentava-se com correntes para suas mãos, dizendo que ela já passara da idade em que deveria usá-las; e quando suplicara a Peter que a ajudasse, ele recuara e a segurara, enquanto as algemas eram afetuosamente metidas em seus pulsos.

Capítulo Cinco

Magda sentou para o jantar no refeitório da Casa da Guilda de Thendara, recordando seu quarto dia completo como uma Renunciante. No primeiro dia haviam lhe pedido para ficar com Keitha, que estava febril e passando mal em decorrência da surra que recebera; no dia seguinte fora incumbida de ajudar Irmelin na cozinha. Mostrara-se extremamente desajeitada com uma vassoura e descascando legumes para o jantar, mas Irmelin limitara-se a uns poucos comentários irritados sobre as belas damas que nunca sujavam as mãos. Ela se mostrara gentil e jovial ao lhe mostrar como manejar esfregões e vassouras, como cortar os legumes sem se ferir. Magda sentira-se profundamente contrariada por ter de servir às mesas e lavar a louça depois; por que ninguém jamais inventara os aparelhos mais simples para poupar as mulheres daquelas tarefas desumanizantes?

Hoje fora pior: haviam-na mandado trabalhar nos estábulos. Não se importava de dar comida e água ou mesmo exercitar os cavalos, pois no padoque grande o sol brilhava por cima, o ar era puro e fresco, mas as pesadas pás dos estábulos eram piores do que os esfregões da cozinha, e o cheiro de estrume era repulsivo. É por isso que fizeram uma Revolução Industrial na Terra, ela disse a si mesma, furiosa; alguém se cansou de remover estrume de cavalo!

Sua companheira nesse trabalho fora Rafaella; lembrou-se de que Rafaella era a parceira de Jaelle na operação de aconselhamento de viagens e esperou que ela se mostrasse cordial. Rafaella, no entanto, tinha muito pouco para lhe dizer. Ao final do dia Magda estava exausta; nunca fizera trabalho braçal antes e ficou contente por lavar toda a sujeira; mas embora lavasse os cabelos com todo o cuidado, imaginou que o cheiro do estábulo ainda permanecia. O cheiro do sabão era desagradável, depois dos cosméticos perfumados da Zona Terráquea. Ela demorou-se na piscina de água quente, tentando se livrar da fadiga, até que Doria e algumas outras moças apareceram.

Elas ficaram brincando, ruidosas e alegres, correndo nuas, entrando e saindo da água, brigando jovialmente pelo sabão. O barulho que faziam, finalmente, levou Magda a sair da água; e só depois admitiu para si mesma que sentira inveja de toda aquela diversão.

Agora, faminta depois de um dia no estábulo, ela ainda achou a comida difícil de engolir; era uma espécie de carne ou mais provavelmente vísceras, cozinhadas com um cereal moído e temperadas com um molho bastante condimentado; o pão era escuro, ordinário, sem fermento, havia alguma fruta em conserva de mel, que poderia ser tolerável se estivesse gelada, mas que foi servida quente. Ela estava acostumada à comida darkovana e gostava da maior parte, mas por um acaso infeliz os pratos oferecidos naquela noite eram todos novos ao seu conhecimento e repulsivos. Comeu um pouco de pão com manteiga, empurrou o guisado em torno do prato e ansiou, irritada e desolada, por uma boa xícara de café. Fora treinada, em Informações, a comer qualquer tipo de alimento alienígena, sem protesto ou aversão visível, o que geralmente conseguia; naquela noite, porém, sentia-se exausta e deprimida. Poderia suportar meio ano ali, entre aquelas mulheres estranhas, nas circunstâncias desagradáveis?

Magda sentava em seu lugar, ao lado de Doria; no outro lado da mesa estavam a emmasca mais velha, Camilla, que testemunhara seu juramento, e a nova mulher, Keitha.

Hoje ela parecia melhor, com um pouco de cor nas faces; os cabelos brilhantes, cortados de qualquer maneira para o juramento, estavam aparados na altura do pescoço.

Usava trajes de amazona, que pareciam andrajosos e surrados; provavelmente eram da mesma caixa de refugos em que Magda pegara suas roupas. Keitha ainda dava a impressão de se sentir inibida e perdida, comeu pouco.

O rosto de Camilla assumiu uma expressão gentil de preocupação.

— Mas você não está comendo nada, Margali... Não gosta de guisado de tripa?

— Ah, então é isso?

Magda pôs outra garfada na boca e desejou não tê-lo feito.

— Está muito bom — ela mentiu, — mas não sinto fome esta noite.

Ela pegou outro pedaço de pão e passou manteiga. Pelo menos podia comer o pão e com a fruta no caldo quente não era tão ruim assim. Mãe Lauría bateu com um copo na mesa, pedindo silêncio.

— Haverá sessão de treinamento esta noite — ela anunciou. — É obrigatória para todas as novas irmãs e para as que prestaram juramento há menos de três anos. As demais também serão bem-vindas, é claro. A Irmandade vai se reunir na Sala de Música esta noite e por isso a sessão de treinamento será na armaria.

Houve um resmungo alto e audível.

— Lembro a todas de levarem xales extras — avisou alguém. — Está congelando lá embaixo!

— Poremos esteiras para você sentar — disse Rafaella. — E um pouco de frio não vai lhe fazer mal.

Servirá para mantê-la alerta, evitar que durma, como poderia acontecer depois de um jantar tão pesado! Ao deixarem o refeitório, Magda sussurrou para Doria:

— O que é a Irmandade?

— É uma sociedade secreta. Funciona como uma ligação entre as Casas da Guilda, isso é tudo o que realmente sei a respeito. Quase todas as mulheres que a integram são curandeiras ou parteiras. Marisela é uma delas. Juraram sigilo absoluto sobre suas atividades e nunca revelarão coisa alguma.

Camilla aproximou-se e passou o braço pelo de Magda, enquanto desciam a escada para a armaria.

— Pensei que Jaelle a levaria para Neskaya. Por que veio para cá? Soube que Jaelle voltou por uma ou duas noites, mas não tive a oportunidade de falar com ela; mas vi a cicatriz em seu rosto. O que aconteceu?

— Fomos atacadas por bandidos — respondeu Magda. — Passamos o inverno em Ardais; ela estava muito doente para viajar. E depois viemos para Thendara...

— Não é de surpreender que ela quisesse que sua filha-de-juramento viesse para sua própria casa — comentou Camilla.

Ela entrou atrás de Magda na armaria, onde mulheres estendiam esteiras num círculo fechado. Camilla jogou uma manta para Magda.

— Posso ver como está com frio, mesmo de xale; enrole-se com isto.

Mãe Lauria disse:

— Minhas irmãs, todas já viram as novas entre nós; há muitos anos que não temos tantas quanto três para serem treinadas juntas. Já conhecem Doria; Rafaella fez o que cada uma de nós espera fazer algum dia, trazer uma filha crescida para receber o Juramento de suas mãos. Agora é o momento de vocês conhecerem Margali n'ha Ysabet, que prestou o juramento nas mãos de Jaelle n'ha Melora no inverno passado, e Keitha n'ha Casilda, que prestou juramento com Camilla n'ha Kyria aqui nesta casa, há quatro dias. Camilla, você é mãe-de-juramento de uma delas e irmã-de-juramento da outra; pode nos conduzir na primeira rodada esta noite? — com o maior prazer — disse Camilla. — Doria, você ainda não prestou juramento, embora tenha vivido entre nós por toda a sua vida. Por que deseja prestar o Juramento da Renunciante?

Doria sorriu e declarou, confiante:

— Porque fui criada entre vocês; é o meu lar e agradará à minha mãe-de-adoção.

Rafaella interveio:

— Esse não é um bom motivo. Alguma vez pedi ou exigi de você, Doria, como condição para meu amor, que se tornasse uma amazona?

Doria piscou, confusa.

— Não, mas eu sabia que gostaria...

— Mas qual foi o seu motivo? — indagou Camilla. — O seu, não o de Rafi.

— Porque... ora, porque... vivi aqui durante toda a minha vida e queria ser uma de vocês... não apenas uma filha de criação aqui... mas uma amazona de verdade...

Irmelin perguntou:

— Tinha medo de não ter nenhum lugar para ir se não prestasse o juramento?

— Isso não é justo! — protestou Doria, a voz trêmula.

— Responda — insistiu Irmelin. — Se recusássemos seu juramento, o que faria?

— Mas não farão isso, não é mesmo? — balbuciou Doria. — Passei toda a minha vida aqui, esperava prestar o juramento quando completasse quinze anos...

Ela parecia chocada, apavorada.

— Deve nos responder — pressionou Irmelin. — Se lhe recusarmos o juramento, para onde irá? O que fará?

— Eu acho... não sei... talvez volte para minha mãe-de-nascimento... se ela me quiser... não sei... não sei... não sei... ,

Doria desatou a chorar. Camilla deu de ombros e virou-se para Keitha.

— Por que veio para cá, Keitha?

— Porque meu marido me batia e maltratava, eu não podia mais suportar... e ouvi dizer que uma mulher podia se refugiar aqui...

— Por quanto tempo foi casada?

Magda reconheceu a autora da pergunta: era a grávida Byrna.

— Sete anos.

— E seu marido a espancava antes disso?

— Es... espancava — balbuciou Keitha, tremendo. Byrna fez uma careta irônica.

— Se suportava as surras antes, por que decidiu subitamente que não podia mais agüentar? Por que não tentou arrumar sua vida de tal maneira que não precisasse suportar as surras e abusos, em vez de fugir?"

— Eu... eu tentei...

— E assim, quando sua astúcia feminina não pôde mais amolecer o coração do homem, tratou de fugir, por ter fracassado como esposa? — indagou uma mulher, cujo nome Magda não conhecia. — Acha que somos um refúgio para qualquer mulher que não consegue controlar o marido?

Keitha levantou os olhos cinzas, furiosa.

— Vocês me aceitaram! Por que não perguntaram tudo isso antes de eu prestar juramento?

Houve um inesperado murmúrio pelo círculo e Magda reconheceu, surpresa, como aprovação. Camilla acenou com a cabeça como se Keitha tivesse marcado um ponto e indagou:

— Qual é a forma de casamento que você tinha? Companheira livre ou catenas!

— Éramos casados di catenas — confessou Keitha.

Magda lembrou: era o tipo mais formal de casamento, onde as catenas ou braceletes de casamento eram trancados nos braços das duas partes. Era muito difícil dissolver tal casamento na lei.

— Então você estava presa pelo juramento — comentou Camilla. O que acha do provérbio que diz que “Aquela que é falsa com seu primeiro juramento será falsa também com o segundo”?

Keitha olhou revoltada para Camilla. Seus olhos estavam avermelhados e uma lágrima escorreu do canto de um olho, mas ela falou em tom incisivo:

— Acho um absurdo. Em resposta a seu provérbio, ofereço outro: “Um juramento rompido por uma pessoa não desobriga a outra”. Meu marido jurou, quando fomos unidos pelas catenas, que cuidaria de mim e me amaria; mas só recebi dele insultos e uma linguagem vil e ultimamente tantas surras que temi por minha vida. Ele violara seu juramento muitas vezes; e acabei chegando à conclusão de que, ao quebrá-lo, ele me liberou da obrigação.

Ela engoliu em seco e limpou os olhos com o dorso da mão, mas olhou para as mulheres com uma expressão de desafio. Camilla finalmente balançou a cabeça.

— Que assim seja. Margali, por que desejou se tornar uma amazona?

Magda sentiu-se subitamente grata por ter sido a terceira a ser interrogada; compreendia agora que o objetivo do procedimento era levar a interrogada à defensiva e forçá-la a se justificar.

— Eu não queria, a princípio, me tornar uma amazona. Fui obrigada a prestar o juramento, já que me descobriram usando um traje de amazona... de Renunciante, e assumindo o papel de uma de vocês.

— E o que estava fazendo em trajes de amazona? — perguntou Rafaella.

— Eu sabia que nenhum homem molestaria uma Amazona Livre; não queria criar um escândalo ou me expor a insultos enquanto viajava sozinha.

— E achou que era certo se aproveitar, sem merecer, de uma imunidade que outras mulheres conquistaram pela ponta de suas facas e obtiveram por anos de renúncia? — indagou Rafaella.

A hostilidade em sua voz provocou um arrepio em Magda, mas ela manteve a voz firme.

— Sabia muito pouco sobre seus hábitos para considerar se era certo ou errado. Dama Rohana fez a sugestão... que eu viajasse como uma Amazona Livre... mas assumirei toda responsabilidade pelo que aconteceu.

— E por que mais tarde respeitou seu juramento? — indagou uma mulher que Magda não conhecia. — Como o prestou sob um disfarce, por que não pediu às Mães da Guilda que o cancelassem?

Magda olhou para Mãe Lauria, que se mantinha impassível, envolta por xale e manta, no outro lado do círculo. Ela não diria alguma coisa? Mas Mãe Lauria não enfrentou os olhos de Magda, que respirou fundo, tentando formular as palavras de tal maneira que transmitissem suas intenções, mas sem revelar o que jurara nunca dizer enquanto estivesse na Casa da Guilda. Não podia explicar que sentia que essa era a maneira de servir melhor a seus dois mundos, construir uma ponte entre terráqueos e darkovanos, e que de algum modo devia se livrar dos grilhões que impediam as mulheres de fazer qualquer coisa importante em Darkover.

— Achei que era errado quebrar um juramento que prestara. E como não tinha qualquer outro compromisso...

Isso não era verdade. Prestara um juramento ao Serviço. Desse jeito, porém, poderia melhor servir como uma agente terráquea e ao mesmo tempo servir ao mundo que escolhera como seu.

— Compromisso? — repetiu uma das mulheres, atacando esse ponto no mesmo instante. — Pensa que somos apenas um lugar para mulheres ociosas que não têm outra coisa para fazer? Por que acha que tem alguma coisa para nos dar, em troca da proteção da Casa da Guilda e suas irmãs?

— Não sei direito — respondeu Magda, esforçando-se para manter a calma, — mas talvez possam me ajudar a descobrir o que tenho para dar.

— É uma boa resposta — comentou Camilla.

Mas suas palavras foram quase abafadas pela voz hostil de Rafaella:

— Não acha que temos coisa melhor para fazer do que ensinar mulheres ignorantes a descobrirem o que querem da vida?

Magda sentiu que a raiva aflorava e ficou contente por isso. Se ficasse bastante furiosa, talvez não chorasse.

— Não, não acho! — ela respondeu bruscamente. — Se tivessem, estariam fazendo, em vez de ficarem sentadas aqui tentando nos deixar com raiva!

Houve uma explosão de riso em torno do círculo e murmúrios de aprovação. Eu estava certa, pensou Magda, é isso o que elas tentam fazer; provavelmente porque as darkovanas são condicionadas a serem tão submissas. Querem que nós pensemos, questionemos nossos motivos, nos defendamos. A única coisa que não querem é que sentemos aqui mansamente, aceitando o que nos disserem.

— Keitha trouxe jóias e tentou dá-las de presente à Casa — disse Mãe Lauria. — Sabe por que foram recusadas, Keitha?

— Não, não sei. — A mulher loura remexeu-se inquieta e Magda especulou se suas costas ainda estariam em carne viva da terrível surra.

— Poderia compreender a recusa se fossem presentes de meu marido para mim. Mas eram parte do dote que minha mãe me deu. Por que não estou livre para dá-las a vocês?

Deveria dá-las a meu marido? E agora. .. — A voz tremia, embora ela se empenhasse em mantê-la firme... . agora... não tenho filha a quem possa dá-las.

Mãe Lauria declarou:

— Primeiro, porque nenhuma mulher pode comprar um lugar aqui. Tenho certeza que não pensou nisso, mas se aceitássemos presentes, poderia algum dia haver uma diferença entre as poucas mulheres que têm condições de pagar e as muitas que nada podem

trazer. No início de nossa história pedíamos às mulheres para trazerem um dote, se fossem capazes; e fomos acusadas de atrair mulheres ricas, por seus dotes. Além disso, nenhuma de nós é perfeita; se permitíssemos presentes, poderíamos ser levadas a aceitar alguma mulher que não foi feita para esta vida apenas pela ganância por suas riquezas. Assim, essa é a nossa primeira regra: nenhuma mulher pode nos trazer qualquer coisa quando entra aqui, exceto as roupas do corpo, a habilidade de suas mãos e os suprimentos de seu cérebro e mente. — Ela sorriu e acrescentou: — Isso e mais uma dádiva preciosa: seu eu desconhecido, aquela parte de si mesma que nunca aprendeu a usar...

Ela continuou, mas Magda não ouviu mais; subitamente, era como se uma voz sussurrasse em sua mente:

Irmãs, vamos dar as mãos e nos erguer juntas diante da Deusa...

Uma visão apareceu de repente aos olhos de Magda, tão nítida como se o círculo de mulheres sentadas em esteiras na armaria tivesse desaparecido. Assumiu a forma de uma mulher, mais alta do que a média, vestindo a túnica cinza e estrelada da noite, pedras preciosas faiscando nos cabelos escuros, o rosto parecia contemplar Magda com divina compaixão e ternura. Minhas filhas, o que vocês procuram...?

Aturdida, Magda especulou: será algum novo teste que arrumaram para nós? Mas ainda podia ouvir Mãe Lauria, no outro lado do círculo, dizendo a Byrna:

— Está dispensada, se se sente cansada, criança.

Byrna respondeu, ajeitando o peso do corpo, desconfortável:

— Não, por favor... esta é minha única oportunidade de estar com todas vocês!

Magda ainda podia sentir, fracamente, a forma tremeluzente... Mas seria dentro de sua mente, uma visão, ou era real, parada ali, no círculo? Ela piscou e a imagem desapareceu. Estivera mesmo ali? Magda se perguntou se estava enlouquecendo. Daqui a pouco, pensou sombriamente, começarei a ouvir vozes me dizendo que sou a nova Messias das mulheres!

Era evidente que Rafaella fora convidada a conduzir a rodada seguinte de interrogatório e Magda encolheu-se por dentro. Rafaella se mostrara sistematicamente hostil.

Ela ouviu apenas a metade, ou menos, da pergunta:

— ...ensiná-las a serem mulheres e independentes, em vez de meras servas dos homens?

Keitha respondeu com bastante hesitação:

— Talvez... como os cadetes aprendem na Guarda do Castelo a usar armas... a andar armadas para nos protegermos?

Ela ficou tensa, à espera da contestação imediata, parecendo assustada, mas Rafaella limitou-se a dizer, suavemente:

— Mas queremos que sejam mulheres, Keitha, não homens; por que deveríamos treiná-las como os rapazes são treinados?

— Porque... porque os homens são mais auto-suficientes e as mulheres são submissas porque não aprenderam essas coisas...

— Não — disse Rafaella. — Todas as amazonas devem aprender a se defenderem se forem atacadas, mas há mulheres entre nós que nunca tiveram uma espada em suas mãos... Marisela, por exemplo. Doria, o que você acha?

— Talvez... para aprender um ofício e ganhar nossa própria vida, sem precisarmos depender de qualquer homem para nos alimentar e vestir?

— Não precisa ser uma amazona para isso — comentou uma mulher que Magda ouvira ser chamada de Constanza. — Vendo queijo no mercado, quando produzimos mais do que podemos comer, e ali há muitas mulheres que ganham sua própria vida. Trabalham como criadas ou servas, lavam e fazem coisas de couro. Algumas trabalham porque têm maridos preguiçosos ou bêbados e precisam sustentar sozinhas os filhos pequenos. Conheço uma mulher que trabalha como fabricante de pratos de madeira porque o marido perdeu uma perna nas trilhas das montanhas. Mesmo assim, ela sempre se submete ao marido, que fica sentado numa cadeira de rodas no fundo do estande. Isso apenas não é a resposta.

— Margali, o que você acha? — perguntou Rafaella.

Magda hesitou; tinha certeza de que nada do que dissesse poderia ser a resposta correta, que aquela parte da Sessão de

Treinamento era apenas para deixar as novatas inseguras, dissipar seus preconceitos iniciais, sempre ignorantes. Ela correu os olhos pelo círculo de mulheres, como se pudesse encontrar uma resposta escrita num dos rostos. Percebeu que duas das mulheres sentavam sob uma única manta, envolvendo a ambas, de mãos dadas; enquanto olhava, uma delas virou-se para a outra e trocaram um beijo prolongado. Nunca observara antes uma demonstração pública de amor entre mulheres e isso provocou-lhe um sobressalto. Rafaella ainda aguardava a resposta e Magda disse, indecisa:

— Não sei. Talvez possa nos responder.

— Não estamos perguntando o que você sabe, mas sim o que acha... se sabe como pensar — insistiu Rafaella, irritada.

Assim pressionada, Magda tentou traduzir em palavras alguns de seus pensamentos desarticulados.

— Talvez... ao nos tirar das roupas de mulheres, a parar de usar a linguagem das mulheres... porque afetam a maneira como pensamos, as palavras que usamos, o jeito como andamos, falamos e vestimos... porque fomos ensinadas a nos comportar de determinados modos e nos ensinarão modos diferentes... melhores... de comportamento.

..

É depois ela se sentiu confusa, recordando o amor de Jaelle pelas boas roupas e a linguagem apropriada e elegante que usara ao conversar com Dom Gabriel e Dama Rohana.

— Vocês todas estão certas até um ponto e também completamente erradas — disse Camilla. — Claro que aprenderão a se defender, pela força, se não for possível pela razão ou persuasão; mas isso, por si só, não fará com que sejam iguais aos homens. Mesmo agora, aqui em Thendara, aproxima-se o dia em que os pequenos conflitos não precisarão mais ser resolvidos pela espada, chegando-se à solução de uma forma mais racional. Por enquanto, aceitamos o mundo como os homens o fizeram porque não há outro mundo disponível, mas nosso objetivo não é fazer com que as mulheres se tornem tão agressivas quanto os homens. Temos de sobreviver, apenas sobreviver, até que chegue um dia mais são. É verdade, todas aprenderão um meio de ganhar a vida, mas ser

independente de um marido não é suficiente para libertar da dependência; até uma mulher rica que casa com um homem pobre, ambos vivendo de sua generosidade, considera-se pelo costume obrigada a servir e obedecer ao marido. Também aprenderão a usar roupas por opção e não por necessidade, a falar como quiserem, a não manter as palavras e as mentes sob grilhões por medo de serem julgadas descorteses ou pouco femininas. Mas nada disso é a coisa mais importante. Mãe Lauria, pode dizer a elas qual será a coisa mais importante que aprenderão?

Mãe Lauria inclinou-se um pouco para a frente, a fim de enfatizar suas palavras.

— Nada do que vocês aprenderão é de grande importância, à exceção do seguinte: aprenderão a mudar a maneira de pensar sobre si mesmas e sobre as outras mulheres.

A diferença está na maneira como pensam a respeito de si mesmas... Magda pensou, sobriamente, que a Mãe da Guilda estava certa. Ela própria crescera com a noção de que aprenderia a ganhar sua vida, fora para a Escola de Informações do Império em Alfa, aprendera a se defender, em combate armado e desarmado. E na Zona Terráquea nunca sofrerá restrições especiais de vestimenta ou linguagem.

Contudo, sou tão escrava dos costumes e convenções quanto qualquer moça de uma aldeia nas Colinas Kilghard... Fora Dama Rohana quem falara uma vez sobre as mulheres que se julgam livres, mas se deixam prender com correntes invisíveis?

Os homens também sofrem nas correntes do costume e convenção; talvez a mulher que mais precisa de liberdade seja a mulher oculta dentro de cada homem... Magda não sabia de onde viera o pensamento; não era seu, parecia que alguém falara claramente na sala, mas ninguém falava, exceto Mãe Lauria; mas Magda perdera a noção do que a Mãe da Guilda estava dizendo. Piscou, aturdida, esperando ver de novo a forma da mulher em cinza e prateado, o céu noturno, uma sublime compaixão nos seus olhos... mas não havia qualquer vestígio; seus olhos se abriram num cinza em que rostos estranhos se movimentavam, homens e mulheres, e à sua frente, na vastidão cinzenta, reluzia uma torre alta e branca...

Abruptamente, uma voz — de homem, de mulher, Magda não podia determinar — disse:

— Há uma pessoa intrusa aqui, alguém se insinuou, talvez num sonho-“ Levantem as barreiras!

E no instante seguinte a paisagem cinzenta se desvaneceu e Caçula chamou-a, bruscamente:

— Margali! Estava dormindo entre nós? Eu lhe fiz uma pergunta! Magda tornou a piscar, desorientada, especulando se não começava a enlouquecer.

— Desculpe... minha mente estava... vagueando. — Era verdade, ela pensou, mas vagueando onde? — Não ouvi o que me perguntou, irmã-de-juramento.

— Em sua opinião, qual é a diferença mais importante entre homens e mulheres?

Magda não sabia se Keitha e Doria já haviam respondido àquela pergunta; não tinha a menor idéia do tempo em que sua mente vagueara pela vastidão cinzenta. Os rostos que vira ali, a imagem da mulher que devia ser, ela compreendia agora, uma forma mental da Deusa A varra, ainda persistiam em sua mente. Tentando reunir os pensamentos dispersos, ela respondeu:

— Acho que é apenas o corpo de uma mulher que faz a diferença. Essa era a resposta terráquea esclarecida e Magda tinha certeza de que era correta; que a única diferença estava no aspecto físico. E acrescentou:

— As mulheres estão sujeitas à gravidez e menstruação, são um pouco mais baixas e mais franzinas como regra geral, não sofrem tanto com o frio, seu... — Ela fez uma pausa; era duvidoso que compreendessem se dissesse que o centro de gravidade das mulheres era inferior.

— Seus corpos são diferentes e essa é a diferença principal.

— Tudo isso é bobagem — protestou Camilla, asperamente. Ela fez um gesto, indicando seu próprio corpo, magro e assexuado, os braços musculosos como os de um homem, uma emmasca, uma mulher que se submetera à operação de neutralização. — O que sou então? Um espírito?

Diante da expressão irada nos olhos da mulher mais velha, Magda respondeu suavemente:

— Não sei; pensei... me disseram... que uma neutra, uma emmasca, assumia essa condição por se recusar a pensar em si mesma como mulher.

Camilla pegou a mão de Magda e apertou-a de leve. Sua voz continuou firme, em tom de advertência, mas ela ofereceu um sorriso secreto a Magda enquanto dizia:

— Isso é verdade. Comecei a recusar a me aceitar como mulher. A feminilidade tornou-se uma coisa horrível para mim, tão detestável que me senti disposta a assumir a mutilação. Algum dia talvez vocês saibam por quê. Mas isso não é importante agora. O importante é que aqui, na Casa da Guilda, aprendi a pensar em mim mesma como uma mulher e a me orgulhar, até me regozijar por minha feminilidade, muito embora reste muito pouco de mulher neste corpo de emmasca.

Ela ainda segurava a mão de Magda. Contrafeita, Magda retirou sua mão. Camilla virou-se para Doria e perguntou:

— Em sua opinião, qual a diferença entre homens e mulheres? Doria assumiu uma atitude de desafio, determinada a não se deixar acuar outra vez.

— Eu digo que não há diferença nenhuma!

A resposta provocou uma tempestade de escárnios e risos, com alguns comentários obscenos, dos quais o mais ameno foi o seguinte:

— Quando se tornou pai de sua primeira criança, Doria?

— Acabaram de dizer que a diferença física não era importante — protestou Doria. — Camilla censurou Margali por dizer que a diferença era física, e se o aspecto físico não faz nenhuma diferença...

— Eu nunca disse... nem Camilla disse... que a diferença física não era importante — interveio Mãe Lauria. — Seria preciso uma pessoa muito mais estúpida do que você para acreditar que não há diferença. Essa diferença existe e não é insignificante. Keitha, você tem alguma idéia?

— Talvez a diferença esteja na maneira como eles pensam. O modo como eles, e nós, foram ensinados a pensar. Os homens pensam nas mulheres como uma propriedade e as mulheres... — Ela franziu o rosto e acrescentou, como se estivesse descobrindo uma coisa: — Não sei o que as mulheres pensam. Nem mesmo sei o que eu penso.

Mãe Lauria sorriu.

— Chegou muito perto da verdade. Talvez a diferença mais importante entre homens e mulheres esteja na maneira como a sociedade pensa a respeito deles; as coisas diferentes que se esperam deles. Mas não há de fato uma resposta certa, Keitha. Você, Margali e Doria disseram parte da verdade.

Ela se levantou, um tanto rígida.

— Creio que já é suficiente por esta noite. E ouvi a sineta lá em cima avisando que a Irmandade já encerrou sua reunião. Mandei que as mulheres na cozinha nos preparassem alguns bolos e refrescos. Mas vamos à Sala de Música para isso... está ficando um pouco frio aqui.

Um pouco frio... A observação impressionou Magda como uma obra Prima de atenuação da verdade; seus próprios dedos estavam roxos de frio e podia sentir o frio do chão de pedra subindo por suas pernas e nádegas, apesar da esteira grossa. Aconchegando-se com a manta, ela se levantou e acompanhou as outras.

Sentia fome depois do jantar que não conseguira comer; os bolos eram pequenos e secos, confeitados com nozes e frutas secas, ela comeu vários, voraz, tomou uma enorme caneca de sidra quente temperada, trazida para as mulheres que não bebiam vinho. Sua mente ainda se encontrava povoada pela discussão; sabia que era uma forma simples de terapia, forçando as pessoas a pensarem, protestarem, a romperem com antigos hábitos de pensamento. Mas esperava que nem todas as sessões fossem assim. Sentia-se bastante contrafeita, a mente ainda analisando as perguntas e as muitas respostas oferecidas. Por que resolvera se tornar uma amazona? Qual é a diferença entre homens e mulheres? Ainda estava testando e reformulando as respostas, coisas que poderia ter dito; e isso, ela concluiu, era o motivo para a discussão.

Ouviu uma das mulheres comentar para outra:

— É um grupo inteligente.

E ouviu a outra responder, cética:

— Não estou tão convencida assim.

— Mas elas aprenderão — insistiu a primeira. — Nós aprendemos. Os olhos de Doria ainda se mantinham vermelhos quando Magda a abordou.

— Banquei a idiota, não é mesmo?

— Ora, era assim que elas queriam que você se sentisse — respondeu Magda, jovialmente. — Trate de se animar. Não pareceu mais idiota do que eu.

— Mas eu fui criada aqui, devia saber melhor — murmurou Doria, ameaçando se desmanchar em lágrimas outra vez.

Uma das moças mais jovens — Magda reconheceu-a como uma das colegas de quarto de Doria — aproximou-se e abraçou Doria, dizendo-lhe palavras confortadoras e levando-a para longe. Magda levantou os olhos e deparou com Keitha a fitá-la, com um sorriso ligeiramente irônico.

— Julgamento pelo fogo — comentou Keitha. — Acha que sobrevivemos, vítima companheira?

Magda riu.

— Considerando que o objetivo era nos levar à defensiva, acho que sim. É provável que as coisas fiquem piores antes de melhorarem.

— Será que todas as sessões serão assim? — indagou Keitha, a voz alta.

Uma mulher que não participara da sessão — fora apresentada Magda como Marisela, parteira e curandeira da Casa — aproximou-se e sorriu para as duas.

— Claro que não. Eu conduzirei a próxima sessão e as instruirei nos mistérios femininos, na pressuposição de que algumas podiam ter mães que eram inibidas demais para falarem de tais coisas com as filhas.

— Pelo menos nisso não sou completamente ignorante — disse Keitha. — Trouxe ao mundo algumas crianças nas propriedades de

meu marido e achavam que eu tinha alguma habilidade como parteira.

— É mesmo? — murmurou Marisela, interessada.

Era uma mulher bonita, que não usava as botas e culotes típicos das amazonas, mas se vestia como uma mulher comum, uma saia de tartã e xale, uma túnica de mangas compridas. Ela tornou a sorrir e acrescentou:

— Nesse caso creio que não haverá dúvida sobre o ofício que lhe será ensinado. Talvez a mandem para a Casa da Guilda de Arilinn, depois que terminar seu meio ano aqui, a fim de aprender a arte da parteira e algumas habilidades especiais que as mulheres das Torres nos ensinaram. Se tiver sequer um vestígio de laran, será melhor ainda. E você, Margali? Possui alguma das habilidades de curandeira ou parteira?

— Absolutamente nenhuma — confessou Magda. — Posso cuidar de um ferimento em viagem, enfaixar um corte ou arranhão, mas não vou além disso.

Enquanto Marisela se afastava com Keitha e as duas sentavam juntas, Magda pensou na palavra que ela usara. Laran, o termo darkovano que abrangia a telepatia, clarividência e todas as outras artes psíquicas. Rohana a testara, durante o inverno que passara em Ardais, dissera-lhe que tinha um vestígio.

Seria por isso que passara a ter as estranhas visões? Estivera, involuntariamente, espionando a reunião da Irmandade com o laran que não compreendia e não sabia como controlar? Por um momento, tivera a impressão de que podia ver sobre os ombros pequenos de Marisela o manto cinza de Avarra... mas tratou de levar os pensamentos de volta à Sala de Música e começou a examinar alguns dos instrumentos. Um ou outro eram familiares; sua mãe, que passara a vida estudando a música darkovana, tocava diversos. Reconheceu alguns rryls, um pequeno, manual, outro que era tocado com a pessoa de pé à sua frente; pareciam um pouco com harpas. Classificaria outros instrumentos como alaúdes, cítaras e guitarras, mas não havia instrumentos de sopro ou metais visíveis. Uns poucos outros eram tão estranhos que ela nem podia imaginar como seriam tocados.

— Toca algum instrumento, Margali? — perguntou Rafaella, em tom quase amistoso.

— Infelizmente não herdei nem um pouco do talento de minha mãe para a música. Adoro escutar, mas não sei tocar coisa alguma.

As duas mulheres que se enlaçavam sob a manta na armaria estavam agora aconchegadas juntas num canto, a mais alta com uma das mãos no ombro da amiga e a outra pousada no seio. Magda desviou os olhos, sentindo-se constrangida. Em público, daquele jeito? Mas, afinal, elas viviam ali, eram jovens, não tinham mais que dezesseis anos.

Carícias tão simples assim, trocadas em público por jovens — se fossem um rapaz e uma moça, em vez de duas moças — não causariam a menor estranheza na Zona Terráquea.

E subitamente, com um intenso sentimento de solidão, ela desejou estar lá.

Especulou se Jaelle estaria desejando a mesma coisa. Tudo o que me parece tão estranho aqui, ela pensou, é familiar e querido para ela. E se perguntou se Jaelle se sentia igualmente alienada de tudo o que conhecia.

— Sente saudade de casa, Margali? — perguntou Camilla, por trás, passando um braço por sua cintura.

— Talvez um pouco.

— Não fique zangada comigo por lhe falar tão rudemente, irmã-de-juramento; é parte do treinamento, para fazê-la pensar.

Ela acompanhou o olhar de Magda para as moças se abraçando no canto e acrescentou:

— Graças à Deusa por isso! Janetta ficou tão desesperada desde que Gwennis partiu que eu já temia que ela pudesse se jogar pela janela. Pelo menos agora ela parece confortada.

Magda não sabia o que dizer. Por sorte, antes que tivesse de responder, Doria segurou-a pelo cotovelo.

— Venha me ajudar a levar a louça para a cozinha, Margali. E precisamos guardar os bolos que sobraram. Irmelin está furiosa porque não comemos todos... Quer outro?

Magda riu e pegou outro bolinho. Foi ajudar Doria e Keitha a recolher os pratos e copos, remover as migalhas da mesa e jogar no

fogo. Rafaella passava as mãos pela superfície do rryl grande e Byrna gritou:

— Cante para nós, Rafi! Há muito tempo que não temos música aqui!

— Não esta noite — respondeu Rafaella. — Estou muito rouca, depois de comer todos esses bolos. Vamos deixar para outra ocasião. Além do mais, já é tarde e amanhã tenho de trabalhar.

Ela cobriu a harpa e se retirou. Doria e Magda levaram o resto dos copos para a cozinha e depois subiram. Um pouco à frente, Magda avistou Janetta e sua amiga, ainda enlaçadas, tão mutuamente absorvidas que tropeçaram na escada e tiveram de amparar uma à outra. Byrna, por trás de Magda, suspirou, observando-as se encaminharem para seu quarto, sempre abraçadas.

— Lá estão duas que não dormirão sozinhas esta noite — ela comentou, enquanto a porta do quarto era fechada. — Quase que as invejo.

Outro suspiro profundo, ela cruzou as mãos sobre a criança no ventre e acrescentou:

— Mas como sou burra... o que faria com um amante, se tivesse algum? Estou tão cansada disso...

Num impulso desajeitado para confortá-la, Magda abraçou-a e disse:

— Mas não está realmente sozinha, pois tem seu bebê...

— Mas me sinto muito cansada, queria que acabasse logo... — A voz de Byrna ficou presa num soluço. — Não suporto mais me arrastar desse jeito...

— Calma, calma, não chore... não vai demorar muito agora murmurou Magda, afagando gentilmente o ombro de Byrna.

Ela conduziu a mulher que soluçava para o quarto dela, ajudou-a a tirar os sapatos — a cintura de Byrna estava tão grande que ela não conseguia se curvar para alcançar os pés, — ajudou-a a vestir a camisola, ajeitou-a na cama. Beijou-a na testa, mas não sabia o que dizer. Acabou murmurando:

— Não deve ser bom para seu bebê chorar assim. Pense como se sentirá bem depois que tudo acabar.

Ao levantar os olhos, Magda deparou com Marisela parada na porta.

— Como está se sentindo, Byrna? — perguntou Marisela. — Ainda não há qualquer sinal?

Sentindo-se supérflua, Magda saiu. Algumas mulheres continuavam agrupadas no corredor; desejaram-se boa noite e foram para seus quartos, mas Camilla permaneceu.

— Sente-se solitária, irmã-de-juramento? — ela indagou gentilmente. — Gostaria de partilhar minha cama esta noite?

Magda ficou rígida de espanto; por um momento, não pôde acreditar no que estava ouvindo. Teve de fazer um esforço para não se desvencilhar bruscamente da mão de Camilla. Lembrou a si mesma que se encontrava num lugar estranho e ela é que tinha de se adaptar aos costumes predominantes, não o inverso. Tinha certeza de que Camilla não quisera ofendê-la. Tentou se esquivar de maneira jovial, soltando uma risada.

— Não, obrigada, acho que não.

Já recebi muitos convites esquisitos, mas este... O contato de Camilla não era desagradável, porém Magda desejou que houvesse um meio de se desvencilhar sem afligi-la nem parecer hostil. Camilla murmurou:

— Não? Mas ainda não lhe dei as boas-vindas entre nós, irmã-de-juramento...

As pontas de seus dedos tocavam em Magda apenas de leve, Magda no entanto sentia o contato com a maior intensidade, embaraçada. Estava consciente de que eram observadas por algumas mulheres ainda no corredor, mas sentia-se ansiosa em não insultar Camilla, que nada fizera de ofensivo, pelos códigos ali existentes ali. Tentou gentilmente se desvencilhar e murmurou:

— Não sou amante de mulheres, Camilla. Mas agradeço e me sinto contente por ser sua amiga.

A outra riu, sem parecer ofendida.

— Isso é tudo? — Sorrindo, ela soltou Magda. — Pensei que podia estar solitária, isso é tudo. Estamos ligadas pelo juramento e não há mais ninguém aqui tão próxima de você quanto eu, na ausência de Jaelle.

Ela inclinou-se para a frente e beijou Magda gentilmente.

— Todas nos sentimos solitárias e infelizes quando viemos para cá -pela primeira vez, mas também contentes por não nos encontrarmos mais no lugar em que estávamos antes. Vai passar, brenda. — Camilla usou a inflexão íntima, que podia fazer a palavra significar querida ou amante, o que constrangeu Magda mais do que o beijo.

— Boa noite; durma bem, minha cara.

Sozinha em seu quarto, Magda pensou em tudo o que acontecera durante a noite. Sabia intelectualmente que a formulação de perguntas não respondidas e irrespondíveis, o deliberado despertar de emoções que nunca enfrentara antes plenamente, estavam cobrando seu tributo. Não conseguiu dormir, permanecendo acordada, revolvendo irrequieta em sua mente as muitas perguntas e respostas. As lágrimas de Doria, as duas moças se abraçando, a explosão de Byma, o beijo de Camilla em seus lábios... tudo se confundia em imagens cansadas, quase febris.

O que estava fazendo ali, entre todas aquelas mulheres? Era uma mulher livre, uma terráquea, uma agente treinada, não precisava se angustiar com todas aquelas questões tão importantes para as mulheres escravizadas da sociedade bárbara de Darkover.

Correntes invisíveis... era como se uma voz sussurrasse em sua mente. Onde Jaelle estaria agora? Deitada nos braços de Peter, na Zona Terráquea. Mãe Lauria indagara se ela acharia muito difícil viver sem um amante... Não, não era isso o que ela queria...

E abruptamente a imagem da Deusa Avarra tornou a surgir diante de seus olhos, o rosto compadecido, as mãos estendidas, como se quisesse pegar as de Magda. Em meio a todas as perguntas sem respostas e o turbilhão em seu coração, Magda experimentou subitamente uma enorme paz e contentamento envolver sua mente.

Ela dormiu, ainda ponderando: qual é a diferença entre homem e mulher? O que faz uma Comhi-letzüsl Dormiu e no sonho encontrou a resposta, mas tornara a esquecê-la quando despertou.

Capítulo Seis

— Claro que sim, pode passar por um nativo nas Cidades Secas — disse Jaelle, estudando o rosto do homem alto e magro à sua frente, o nariz adunco, testa alta, cabelos dourados, prateados por cima. — Cabelos louros não são comuns nos Domínios, mas quase todos os habitantes das Cidades Secas são louros e de pele clara. Seu maior problema seria... a interligação de costumes e relações de família. Precisaria de uma boa história para encobrir suas atividades. Seria mais seguro apresentar-se como um homem dos Domínios, um mercador.

O homem Kadarin acenou com a cabeça, pensativo. Ele falava a língua de forma impecável, pensou Jaelle, incapaz de adivinhar sua origem.

— Não poderia viajar comigo e me manter informado sobre os costumes?

Jaelle sacudiu a cabeça. Nunca, ela pensou, nunca.

— Eu teria de usar correntes e fingir ser sua propriedade, o que é proibido pelo juramento da amazona. Certamente deve haver homens no seu Serviço de Informações do Império... — Ela só percebeu o tom sarcástico em sua voz depois que falou. — ... ou até mesmo mulheres que são capazes de fazer isso.

— Darei um jeito — disse ele. — Mas gostaria que me falasse mais. Cholayna Ares informou que você viveu lá até os doze anos...

— Por trás dos muros da Grande Casa de Shainsa — lembrou Jaelle, — vigiada dia e noite por mulheres da guarda. Só passei dos muros duas vezes, num festival. E, além do mais, tudo o que eu sabia já me foi arrancado pelo maldito corticador D-alfa ou como quer que o chamem!

Sob hipnose leve, ela desencavara memórias que nem mesmo sabia que possuía. Brincando com as outras filhas de Jalak, entrelaçando fitas em seus braços, fingindo que eram bastante velhas para serem acorrentadas como mulheres. A visão de um suposto intruso nos aposentos das mulheres, as costas esfoladas em tiras, amarrado sobre um ninho de formigas-escorpiões e o som de

seus gritos — ela não podia ter mais que três anos quando a ama inadvertidamente a deixara ver isso, e esquecera por completo até a sessão com o corticador. Jalak, apaticamente afagando suas favoritas ao jantar, no Grande Salão. A mãe, em correntes douradas, segurando-a no colo. Sendo punida por tentar, com um dos meninos da casa, ver o que havia além dos muros...

Ela tratou de empurrar tudo isso, trancando a mente; estava acabado, encerrado, a não ser em pesadelos!

E a morte de sua mãe na areia do deserto, a vida se esvaindo em sangue, . .

— Não posso falar mais nada — ela respondeu bruscamente. — Vista-se como um mercador novo nas Cidades Secas, fale suavemente, não desafie nenhum kihar de homem e voltará são e salvo. Um estrangeiro pode fazer na ignorância o que um dos seus morreria se tentasse.

Kadarin deu de ombros.

— Parece que não tenho opção — disse ele. — Eu lhe agradeço, domna. E em troca de todas as minhas perguntas, posso fazer mais uma, pessoal?

— Claro que pode perguntar, mas não prometo responder.

— O que uma dama do Comyn, com todas as marcas dessa casta, está fazendo entre as Renunciantes?

A palavra Comyn, lançada no silêncio da sala, tranqüila e inofensiva, estava impregnada para Jaille de recordações angustiantes.

— Não sou Comyn.

— Nedestro então de alguma grande casa?

Mas ela se manteve de lábios fechados e sacudiu a cabeça. Por nada em todos os mundos revelaria a ele que sua mãe fora Melora Aillard, com todo o laran daquela casa, treinada na Torre, seqüestrada e levada para as Cidades Secas, casada com Jalak de Shainsa... resgatada pelas Amazonas Livres só para morrer ao gerar o filho de Jalak, no solitário deserto nos arredores de Carthon. Mas diante daqueles olhos cinzas como o aço ela especulou se talvez ele não teria laran suficiente para ler sua mente.

Laran! Os terráqueos tinham algo pior do que laran, o maldito corticador que podia revolver todos os pesadelos esquecidos no cérebro! Jaelle fora informada de que eles também dispunham de uma poderosa sonda psíquica, mas recusara-se a permitir que a usassem nela. Se não aceitara que uma Ieronis devidamente treinada se intrometesse em sua mente, quando queriam mandá-la para uma Torre, por que haveria de se submeter às toscas máquinas mecânicas daqueles Terranan? Sentiu-se aliviada ao ver Kadarin levantar e despedir-se com uma reverência cones. De onde ele viera, especulou Jaelle, qual era sua raça de origem? Era um homem diferente de qualquer outro que já conheecera antes.

Ela tratou de remover o pensamento da mente; passaria o resto da manhã trabalhando com Alessandra, Aleki, ela lembrou a si mesma o nome darkovano, preparando-o para a viagem ao falar sobre as origens e história dos Domínios e discorrer sobre as formas elementares de tratamento cortês entre seus habitantes.

Vinham trabalhando juntos há vários dias, numa das menores salas do novo departamento de Informações, às vezes com a presença do jovem Montray — Monty, — outras vezes apenas os dois. Jaelle não se importara. O comportamento de Aleki era absolutamente impessoal, parecia que ele nunca a considerava como uma mulher, apenas como uma colega. Nervosa e desconfiada a princípio, Jaelle sentia-se agora quase amistosa em relação a ele.

A primeira tarefa de Aleki fora a leitura de todas as informações sobre a sociedade darkovana recolhidas pelos agentes que trabalhavam no campo. A maior parte era assinada por Magda Lorne ou Peter Haldane, um fato que despertava o interesse especial de Jaelle; quanta coisa eles haviam descoberto sobre seu mundo! Agora ela encontrou Aleki examinando seu próprio relato sobre a viagem nas Hellers e comparando-o com os relatos de Magda e Peter. Ele empurrou tudo para um lado no instante em que Jaelle entrou, dizendo:

— Tenho algumas perguntas a lhe fazer. Antes de começarmos, está com sede? Quer que eu providencie qualquer coisa? Pode ser uma longa sessão... tenho muito a dizer. Café? Um suco de fruta?

Ela aceitou o suco de fruta e sentou à mesa, na frente de Aleki. Ele mexeu no painel, providenciando alguma bebida quente para si mesmo, levou-a fumegante para a mesa.

— Todos os três relatórios que tenho aqui — ele disse, — assim como alguns outros, falam do inverno no Castelo Ardais. Estou pronunciando direito?

— Ar-dei-ze — ela corrigiu-o, gentilmente. Aleki repetiu e depois continuou:

— Como é possível que você, uma Amazona Livre, e sei que não são muito apreciadas na sociedade, foi aceita como hóspede do Castelo Ardais, junto com Haldane e Lorne, sem que se fizessem perguntas? A hospitalidade é tão ampla nas montanhas quanto no resto de Darkover?

Esse homem é muito inteligente; não devo subestimá-lo.

— Lorde Ardais abrigaria qualquer pessoa sem lar em seu Domínio, mas fui recebida como uma parente. Dama Rohana é... é parenta de minha mãe.

— Então você é relacionada com o Comyn... Pelo que sei, os Ardais não são do Comyn. Não entendo muito bem como opera o controle do Comyn sobre todos os Domínios.

Jaelle quase que podia sentir sua curiosidade, uma presença concreta, ficou furiosa com o laran indesejável, que a dominava sem controle.

— Em nenhum lugar dos Registros há qualquer indicação da maneira como a sociedade de Darkover assumiu as características feudais ou por que a hierarquia chamada Comyn subiu ao poder — acrescentou Aleki. — Mas é claro que tudo o que sabemos sobre a história darkovana está longe de ser completo...

— A maioria de nós sabe muito pouco — disse Jaelle, cautelosa. Os nossos registros da origem da sociedade darkovana perdem-se no que chamamos de Era do Caos. Nessa ocasião...

Ela hesitou, sabendo que não deveria falar — era a determinação dos Hasturs que nenhum darkovano falasse sobre essas coisas com os Terranan — do auge das Torres e da antiga tecnologia da matriz que quase destruíra seu mundo.

— O período mais antigo de que conhecemos bastante a história foi há quinhentos ou setecentos anos, quando todas estas terras... — Ela tocou no mapa que Aleki copiara, aberto em cima da mesa. — ...estavam divididas em cem ou mais pequenos reinos.

— Parece uma área muito pequena para ser dividida em cem reinos — comentou Aleki.

Jaelle concordou com um aceno de cabeça.

— Deve compreender que muitos desses reinos eram mínimos. Dizia-se que um rei menor podia subir num outeiro e contemplar todo o seu reino, a menos que uma árvore-de-resina tivesse crescido naquela estação para esconder a metade. Temos uma brincadeira de crianças que é conhecida como “rei da montanha”, também existe em seu mundo, onde uma criança sobe numa elevação e as outras tentam arrancá-la e quem consegue é rei até que outra criança a tire de lá. Parece que alguns dos reinos menores eram assim. Só conheço os nomes de uns poucos... Carcosa, Asturias, Hammerfell. Mais ou menos na ocasião da assinatura do Pacto... Já conhece o Pacto, não é mesmo?

— Não é a lei aprovada nos Domínios pela qual não se podia usar qualquer arma que não deixasse o usuário ao alcance da morte?

— Isso mesmo. Reduziu as guerras ao mínimo. Como eu estava dizendo, mais ou menos na época da assinatura do Pacto houve uma série de guerras, conhecidas como Guerras dos Hasturs. Devagar, uma a uma, os Hasturs conquistaram todas estas terras. Depois, no entanto, tornaram a se dividir no que chamamos de Sete Domínios, cada um governado por um membro das Grandes Casas da família Hastur. E o Comyn. O Domínio de Hastur prevalece sobre as terras Hasturs ao leste, o Domínio de Elhalyr sobre Hali e as colinas ocidentais, os Altons reinam sobre Armida e Mariposa e assim por diante...

— Posso ver os Domínios delineados no mapa — disse Aleki. — O que quero saber é como alcançaram o poder e por que o povo deve lhes obedecer de forma tão incondicional.

Se você é parenta de Dama Rohana, como disse, então está obviamente ligada ao Comyn e deve saber alguma coisa de sua

história e poder.

— Não sei mais do que qualquer outra pessoa — esquivou-se Jaelle.

— Em toda esta terra, há bem poucas pessoas que não tenham um vestígio de sangue Comyn. Até mesmo eu, e não passo, como ressaltou, de uma simples Renunciante.

Ela começou a sentir que a conversa era alguma espécie de teste, como uma Sessão de Treinamento, antes de prestar o Juramento da Amazona. Mais uma vez, todos os seus conflitos ocultos e lealdades eram expostos e explorados. Aleki insistiu:

— Ainda não entendo por que as pessoas comuns devem obedecer de uma maneira irrestrita aos Hasturs.

— Vocês do Império não obedecem a seus governadores e soberanos?

— Mas nossos soberanos são escolhidos entre nós mesmos. Embora ainda nos chamemos de “Império”, temos um império sem imperador e uma estrutura de confederação. .

Conhece esses termos? Oferecemos a Darkover uma associação integral, com governo autônomo e representação no nosso Senado. Quase todos os planetas que ocupamos se sentem mais felizes com a associação a um Império que se expande pelas estrelas, em vez de permanecerem bárbaros, isolados, limitados a seus próprios mundos solitários. Darkover, no entanto, não se juntou ao Império e não sabemos o motivo; não sabemos se é de fato a vontade do povo darkovano ou apenas a vontade dos Hasturs e do Comyn.

Pela primeira vez Jaelle sentiu que ele estava sendo absolutamente sincero, que sua perplexidade era genuína. Depois de um momento, ela perguntou, calmamente:

— Darkover teve uma opção? Ou vocês simplesmente chegaram aqui, instalaram-se e depois nos ofereceram uma participação em seu Império?

— Darkover... Cottman IV... é uma colônia do Império. Vocês foram colonizados da Terra há muitos anos, sabíamos disso; perderam sua história... talvez durante essa Era do Caos de que me falou.

O Comyn resolveu que não revelaria esse fato e com isso o povo não pôde reclamar sua herança. Normalmente, os planetas locais ficam satisfeitos por contarem com os recursos de uma civilização que se expande pelas estrelas.

Era uma tentação repetir os argumentos que ela ouvira, contra o Império e contra os Terranan, mas como podia falar pelo Comyn? E se o fizesse, Aleki poderia pressioná-la por mais detalhes do que estava disposta a revelar. Jaelle compreendeu que a longa explicação fora apresentada com a finalidade de envolvê-la, levá-la a falar de um modo imprudente; tratou de se esquivar à manobra.

— Pessoalmente, não vejo motivo para transformar Darkover em mais um dos mundos do Império. Mas não estou a par da mente dos Hasturs. Provavelmente eles estudaram o assunto muito mais a fundo do que eu, e me sinto contente em deixar que tomem a decisão.

— Não preferiria ter uma vez nessa decisão — indagou Aleki, curioso, — em vez de obedecer sem pensar à vontade de uma casta dominante?

— Não obedeco sem pensar à vontade de qualquer homem, seja ele Hastur, marido ou Deus — respondeu Jaelle, furiosa. — Mas o Comyn estudou o assunto e eu não tive a oportunidade de conhecer todos os aspectos da questão como eles. Peter me explicou o sistema de democracia representativa de vocês e parece apenas uma maneira de entregar as decisões nas mãos dos que são incapacitados para tomá-las. Prefere escutar as vozes de mil tolos, ou um milhão, ou a voz de um único homem sensato treinado para resolver esses problemas?

— Não presumo automaticamente que mil ou um milhão de pessoas comuns devem ser tolas ou que aquele que fala pela classe dominante deve ser sábio. E se mil ou um milhão são tolos, não é obrigação do sábio instruí-los, em vez de deixar que permaneçam ignorantes?

— Está fazendo uma suposição que não aceito, a de que instruir um tolo o transformará num sábio. Há um provérbio que diz: “Um burro pode ser instruído durante cem anos e só aprenderá a zurrar mais alto.”

— Mas você não é um burro. Por que presume que as pessoas comuns não são competentes para aprender tão bem quanto você?

— Não sou ignorante, mas não posso ver tão longe quanto o Comyn. Não tenho laran e mesmo que aprendesse tanto quanto sou capaz de aprender, ainda assim não seria capaz de ler as mentes e corações dos homens, não veria o passado e o futuro, como eles podem fazer. É isso que lhes proporciona a força para governar e a sabedoria que persuade os cegos mentais a aceitá-los.

— Laran? — repetiu Aleki. — O que é laran?

E Jaelle percebeu, um pouco tarde demais, que ele a conduzira ao debate justamente por esse motivo... para que ela falasse de forma descuidada. Amaldiçoou o orgulho que a fizera tentar prevalecer sobre aquele Terranan.

— Laran? — ela repetiu baixinho, como se mal lembrasse o que acabara de falar.

Mas é claro que Aleki possuía um daqueles registros para sempre malditos, suas palavras estavam gravadas em alguma máquina e ele poderia escutá-las quantas vezes quisesse, analisá-las, descobrir o que ela deixara escapar.

— Laran. Sei o que a palavra significa, é claro... poder psíquico, o que a maioria dos terráqueos considera uma superstição. E seu povo acredita que os Hasturs possuem laran!

Ela hesitou mais do que deveria para responder logo; deveria ter dito no mesmo instante que sim, que as pessoas comuns acreditavam supersticiosamente nos poderes do Comyn. Mas agora foi Alessandra Li quem recuou, cortesmente.

— Creio que já temos o suficiente por um dia, Jaelle. E não devemos nos atrasar para a recepção do Legado esta noite.

— Claro que não, já que você é o convidado de honra.

À expressão de surpresa de Aleki, Jaelle tornou a se censurar; a situação era cada vez pior. Lembrou-se que não recebera essa informação, que o próprio Peter não sabia.

— Como soube disso? Também é psíquica?

— Nada disso. Quando há um... convidado importante como você, não é preciso ter laran para adivinhar que o Legado vai

homenageá-lo com uma recepção. — Ela se apressou em levantar. — Acho que minha mente vagueava um pouco.

— Espero não tê-la cansado. Creio que de vez em quando sou um chefe muito exigente. Vamos encerrar a sessão. Você pode ir se preparar para a recepção. Estou ansioso pela oportunidade de conhecer melhor seu marido. Já conheço o trabalho dele pelos registros, é claro. Deve ser um homem excepcional para atrair uma mulher tão competente.

Jaelle ordenou a si mesma para não corar com o elogio, ao mesmo tempo em que resistia ao impulso de puxar a saia curta, tão pouco recatada. Anos de treinamento na Casa da Guilda deviam tê-la deixado imune a esse tipo de coisa. Recordou o ensinamento incisivo das Mães da Guilda: A linguagem do corpo diz mais do que as palavras, se você se comporta como uma mulher e uma vítima, será tratada como tal; tente se mostrar e agir como um homem quando estiver trabalhando entre homens. Ela disse, em seu estilo mais profissional:

— Tenho certeza de que Peter se sentirá honrado.

Jaelle se retirou. Deveria advertir Peter; aquele homem era esperto, capaz de juntar pequenas indicações de uma maneira fantástica. Seria capaz de levar Peter a falar demais. E como ela culparia o mando, quando fizera a mesma coisa? Mas cometera o erro de subestimar Li; Peter pelo menos ficaria alertado.

Quanto Peter sabe? Oh, Deusa! Como eu gostaria de conversar com Magda!, ela pensou.

Parou diante de uma das janelas altas que davam para o espaço-porto, contemplando o enorme e injetado olho do sol, em declínio. Talvez tivesse tempo de percorrer as ruas de Thendara até a Casa da Guilda, conversar com sua filha-de-juramento... Mas não, não era possível. Teria de enfrentar a tal recepção e Peter a avisara naquela manhã que todos os convidados deveriam se apresentar da melhor forma; sugerira inclusive que ela visitasse o departamento de serviços pessoais e arrumasse os cabelos.

Jaelle deu de ombros e decidiu fazer exatamente isso. Além do mais, sentia-se curiosa; era um ritual a que todas as mulheres no QG pareciam se submeter a freqüentes intervalos e sabia que Peter

ficaria satisfeito se ela se empenhasse em ficar bonita. E nos últimos dias vinha trabalhando tanto no gabinete de Aleki que só via Peter quando ele dormia, ou quase.

A área de serviços pessoais estava situada no andar da cafeteria, pintada em rosa-claro, que fez Jaelle, criada sob um sol vermelho, sentir-se à vontade e tranqüila.

Começara a pensar naquele período entre os terráqueos como uma aventura, algo para relatar com orgulho às novas Renunciantes, quando estivesse bastante velha, retida na casa.

Ela inseriu seu cartão de ID na primeira máquina e um aviso acendeu: SENTE-SE E RELAXE, SERÁ ATENDIDA EM BREVE. Leu a imagem posterior das palavras — ler avisos era um exercício de leitura rápida. Para Jaelle, as palavras desapareceram antes que pudesse focalizá-las. Instalou-se numa das cadeiras rosas de contornos suaves e esperou, pensando nos últimos dias. Tempo! Alessandra Li tinha uma noção terrível do tempo, ainda mais do que a média dos terráqueos, que viviam pelo relógio numa incrível extensão. Ouvira os comentários das mulheres em Comunicações; Bethany dissera que, em circunstâncias normais, uma autoridade do seu nível nada faria, nem mesmo requisitaria uma sala para trabalhar, até a recepção oficial, mas ele começara a trabalhar imediatamente e a convocara na maioria daqueles dias. Jaelle sentia-se ressequida, como se Aleki tivesse espremido todo o sumo de seu conhecimento; e era apenas um começo. Havia tanta tensão no despertar de lembranças — pois dissera a ele e a Kadarin coisas de que não se lembrava e nem mesmo sabia que sabia — que mesmo depois de voltar a seu aposento permanecia acordada, angustiada, a mente em disparada, cansada demais para dormir, mal fechando os olhos até que chegava o momento de levantar. Tempo! Tempo! Vivia à mercê de um mostrador de relógio, tempo para trabalhar, tempo para comer, tempo para fazer amor, tempo, sempre tempo!

Em casa, sempre podia chamar uma atendente quando precisava de uma coisa que não podia fazer pessoalmente; mesmo na Casa da Guilda, onde ninguém era servidora de ninguém, as mulheres prestavam umas às outras aqueles serviços fraternais.

Nunca era difícil encontrar alguma irmã para ajudar a prender uma roupa, ajeitar ou cortar os cabelos, emprestar cosméticos e algum traje. Ali, ao que parecia, tudo era feito por máquinas. Finalmente outro aviso acendeu, PODE ENTRAR AGORA. Jaelle tomou coragem e entrou na sala rosa... para estacar no mesmo instante.

Grades que se inclinavam para todos os lados, mesas que davam voltas e viravam cadeiras, grampos para segurar cabeças, correias para imobilizar a vítima... por um momento a escuridão a envolveu e precisou se segurar na porta. Era outra vez uma criança, de volta aos anos insanos antes que sua vida real começasse, uma criança que secretamente se esgueirara até a porta de um cômodo oculto para dar uma olhada, sem saber que era a câmara de torturas de seu pai...

Mãe! Mãe! Por um instante ela sentiu o impulso de fugir, gritando, como fizera naquela ocasião, esconder a cabeça no colo da mãe...

E depois, abruptamente, era apenas outra sala, uma sala terráquea repleta de engrenagens, que fazia com dedos de metal o que carne e sangue poderiam fazer melhor.

Podia até divisar agora máquinas robóticas para cortar cabelos, encrespá-los, aplicar cosméticos... sprays perfumados. A sala recendia e parecia tranqüila, mas Jaelle não pôde se forçar a avançar; conseguiu finalmente libertar os pés, que pareciam, como naquela outra ocasião do passado distante, enraizados no chão. Fugiu pelo corredor, através da cafeteria, passou pelas pesadas portas e cruzou o pátio, esquecendo de usar o túnel subterrâneo, não vendo os terráqueos que se viravam para observá-la, surpresos. Jogou-se ofegante em sua cama e comprimiu o rosto contra os travesseiros, satisfeita além da imaginação por Peter não se encontrar ali para exigir uma explicação para seu estranho comportamento. Tornara a desgraçá-lo? Não mais sabia, nem se importava.

Teve a impressão de que apenas uns poucos instantes depois — dormira por alguns minutos, uma hora? — a campainha da porta soou suavemente. Uma visita àquela hora? Ou Peter esquecera outra vez o seu cartão-chave? Chaves e portas trancadas, para ela,

pertenciam a laboratórios de matriz, masmorras... câmaras de tortura!

Preparando-se para receber Peter, eja ficou espantada ao deparar com Bethany Kane na porta.

— Jaelle, meu bem, você se sente mal? Eu a vi correndo pelo pátio como se o diabo estivesse em seus calcanhares. Aquele mandachuva do Senado a está incomodando?

Ele não tem o direito de fazer isso! Passei por lá, mas a secretária dele disse que você tinha ido arrumar os cabelos... Posso entrar? Há pessoas dormindo neste corredor e não quero acordá-las.

Ela entrou, enquanto Jaelle gesticulava, e percebeu subitamente a aparência desganhada da outra.

— Qual é o problema? Não vai à recepção? Eu também pretendia arrumar os cabelos e pensei que poderíamos ir juntas...

Bethany adiantou-se e parou diante da penteadeira de Jaelle, passando os dedos pelos cabelos.

— Estou horrível e Montray espera que todo o pessoal se apresente da melhor forma possível. Por acaso tem rolinhos de cabelo extras? Ou prefere ir ao salão de beleza?

Ela olhava expectante para Jaelle, que disse, impassível:

— Fui até lá... mas resolvi não entrar.

— Havia alguma mulher por lá que lhe disse algo desagradável, querida? Se isso aconteceu, deve comunicar. Elas estão lá para servir, e se alguma fez um comentário que não devia...

— Não foi isso. — Jaelle sorriu, contrafeita. — Não vi nenhuma pessoa ali... e pensei que era tudo feito por máquinas.

Bethany soltou uma risada.

— Quase tudo, mas há pessoas que cuidam para que as máquinas façam o que se espera. Tem deixado os cabelos crescerem, não é mesmo? O que vai fazer esta noite?

Jaelle deu de ombros.

— Não estão bastante compridos para trançar. O que posso fazer? Bethany fitou-a com uma expressão consternada.

— Não vai assim, não é mesmo? Ora, meu bem, Peter morreria! Vamos, sente aqui, deixe-me ver o que posso fazer. Nunca

usou o painel de cosméticos, não é mesmo? Mostre-me que roupa vai usar e pensarei em alguma coisa.

Nos vinte minutos seguintes Bethany conseguiu lhe mostrar recursos do banheiro e penteadeira que ela nem sabia que existiam. Recebeu uma aplicação de creme, os cabelos foram encrespados e elegantemente afofados em cachos dourados-avermelhados.

Por algum tempo, a impressão foi de que Bethany era uma das irmãs da Guilda e que ela se aprontava para o festival nas ruas de Thendara no Solstício do Verão. Era sem dúvida mais fácil do que a sala aterradora, cheia de máquinas. Ao final, ela se contemplou no espelho com certo prazer; a nova Jaelle que a fitava mal seria reconhecida pelas irmãs da Guilda. Os dedos hábeis de Bethany haviam arrumado seus cabelos num halo suave, ressaltando os malares altos e o brilho verde dos olhos, atenuado as sardas para uma mancha dourada e feito alguma coisa com os olhos que os deixavam com uma aparência profunda e misteriosa.

— Está maravilhosa! — exclamou Bethany. — Será o maior sucesso na recepção! Ainda não tinha percebido como você é linda, Jaelle!

Ela sentiu-se de certa forma desleal com a Casa da Guilda. Vestindo-se e arrumando-se daquele jeito para um grupo de Terrananl Ora, ela racionalizou, era parte de seu trabalho, parecer o melhor possível... a própria Bethany dissera isso. Impulsivamente, ela abraçou a outra.

— Obrigada, Beth. Bethany soltou um grito.

— Ei, olhe só para a hora! Preciso descer e mudar de roupa ou chegarei atrasada! Mas Peter deve estar chegando...

Mal Bethany saíra quando ele apareceu, ofegante.

— Meu bem, você está maravilhosa... Fez alguma coisa com os cabelos, não é mesmo? Vim buscar minhas roupas... Terei de me vestir lá. Sabe o que me puseram para fazer durante os últimos três dias?

— Não, não sei. Quase não nos temos visto, você não me falou coisa alguma.

— Não me censure, querida. Estou com a maior pressa. Mandaram-me trabalhar na poeira da velha seção de Registros,

tentando arrumar espaço para um novo modelo de programador de corticador. O lugar está cheio de velhas caixas de arquivos e até de livros. Eu nem sabia que ainda existiam alguns! Olhe só para a poeira! — Ele estendeu as mãos sujas. — Não vi a luz do dia esta semana! Deveria estar recebendo um adicional de periculosidade, por todos os germes que há naquele lugar... Seja como for, Montray me quer em seu gabinete dentro de dez minutos.

Ele pendurou as roupas no braço e indagou:

— Onde estão meus sapatos de gala?

— Acho que no armário.

Jaelle sentia-se satisfeita por Peter ter percebido seu empenho em melhorar a aparência, mas no instante seguinte ele passara a considerar como um fato consumado.

— Pois então pegue para mim, está bem? Estou atrasado e ainda preciso fazer alguma coisa com esta droga de barba...

Ele desapareceu no banheiro e Jaelle, furiosa, foi pegar os sapatos. Já desempenhara muitas funções na vida, mas a de valete era nova e não entendia porque tinha de servir como criada de Peter; se ele precisava de alguém assim, por que não contratava? Dentro do banheiro, Peter berrou uma imprecação de sarjeta e alguma coisa de metal bateu estrondosamente na parede. Ele saiu, na maior irritação.

— Jaelle! Tenho ouvido falar que você é sensacional no escritório, mantendo as mesas abastecidas e cuidando de todas as pequenas tarefas que Mag costumava fazer, mas agora descobro que me deixou sem depilador! Pelo fogo do inferno, menina, acha que posso ir à recepção do Legado parecendo um vagabundo do espaçoporto? — Ele esfregou a barba. — Agora tenho de encontrar algum tempo para passar no barbeiro! Dê-me isto!

Ele pegou os sapatos que Jaelle segurava e acrescentou:

— Não chegue atrasada na recepção, está bem?

E Peter foi embora, sem dizer mais nada, sem um beijo, sem realmente olhar para ela.

Jaelle ficou abatida, trêmula, a angústia tão intensa e um vazio tão grande que mal conseguia respirar. A batida da porta à saída dele rompera alguma coisa nela, um eu que criara ali, o reflexo de si

mesma nos olhos de Pedro. E quando isso aconteceu, sentiu que cerrava os dentes, a beleza suave que Bethany imprimira a seu rosto se transformando subitamente na amazona fria e implacável que Kindra treinara.

Sentiu-se tentada a não ir à recepção. Mas era parte do seu trabalho — obedecer a qualquer ordem legítima de seu empregador -, e Magda iria da melhor maneira possível, porque se estivesse no seu lugar se lembraria que era a assistente do convidado de honra e saberia que deveria lhe proporcionar todo crédito.

O nível da cafeteria fora arrumado como um salão de gala, já repleto com vistosos uniformes e trajes de uma dúzia de mundos diferentes. Havia um bar em cada extremidade, servindo drinques que pareciam deliciosos, coloridos e gelados. Garçons circulavam com bandejas de canapes e as mesas haviam sido arrumadas em padrões formais, cobertas com toalhas de Unho e enfeitadas com flores. Flores de verdade. Graças a Dama Rohana, ela sabia se comportar num banquete formal. Um homem que conhecia ligeiramente de Comunicações ofereceu-lhe um drinque do bar e ela aceitou, dizendo algumas palavras formais de conversa amena, sem ouvir a si mesma. Olhou ao redor, à procura de Peter, mas ele ainda não aparecera. Pensou nele sob as estranhas máquinas do salão de beleza, arrumando os cabelos e a barba, e não pôde evitar um calafrio.

— Jaelle? — Era Wade Montray, fazendo-lhe uma pequena reverência. — Está muito bonita.

Ela aceitou o elogio como o ruído social que era, sem nada de pessoal. E ele acrescentou:

— Sandro Li está à sua procura. Ali... na cabeceira da mesa, ao lado do Legado.

Jaelle foi se esgueirando pela multidão, sem dar muita importância aos cumprimentos. As multidões nunca a haviam incomodado antes e aquela não era tão grande quanto a do Solstício do Verão em Thendara, mas por alguma razão ela sentia-se estranha, tensa, tinha a impressão de que muitas pessoas a observavam, lá está aquela garota darkovana, a tal com que Haldane casou, uma espécie de nobreza darkovana, não, ouvi dizer

que era uma Amazona Livre, uma guerreira, olhe para a cicatriz de faca em seu rosto...

Aleki lhe fez uma medida. Vestia um traje formal que era estranho para ela, vermelho-escuro, com rendas douradas e condecorações no peito. Jaelle concluiu que devia ser o uniforme de seu posto. Estava muito diferente do homem em trajes informais que conhecia do escritório.

— Pedi que se fizesse bonita para esta noite, mas não imaginei que pudesse deslumbrar a todos nós — ele comentou, sorrindo.

Por um momento, parecia que ele estava prestes a agarrá-la... não, o sorriso era cortês, Aleki não a tocara, por que então ela sentia a impressão tão intensa e angustiante de que ele a desejava, que não punha as mãos numa mulher há muito tempo e que a queria? A amazona em Jaelle se encolheu, mas ele nada dissera, seu comportamento era absolutamente correto, por que ela se sentia tão exposta naquele instante? Experimentava a sensação de que a sala estava dominada por um silêncio retumbante.

A voz de Aleki parecia reverberar de uma enorme distância. Por um instante ela teve a sensação de que os poucos goles do drinque a deixaram nauseada e que se desgraçaria ao vomitar ali, diante de todo mundo. Ela agarrou-se ao autocontrole que ainda lhe restava e disse, tão calmamente quanto podia:

— Não ouvi direito, senhor. Há muito barulho aqui. Ele olhou ao redor, com uma expressão jovial.

— Estamos um tanto barulhentos esta noite, não é mesmo? Perguntei se podia descobrir Peter Haldane para mim.

Jaelle não tivera tempo de advertir Peter contra aquele homem, que se mostrava ansioso em descobrir o que ela não tinha o menor desejo de revelar a respeito de Darkover. Seus olhos esquadriharam a multidão à procura do vulto familiar de Peter e preparou-se para atravessar a sala apinhada, em meio à investida das vozes mentais.

Como os Comyn que possuem um laran completo, que nem Dama Rohana, conseguem se apresentar numa multidão? Pela primeira vez em sua vida ela desejou ter recebido o treinamento que era rotineiramente concedido aos telepatas do Comyn, a fim de

controlar seu laran... Mas também nunca achara que tinha laran suficiente para valer o treinamento. Circulou pela multidão, tomando o cuidado de manter o rosto impassível, sem olhar ao redor em pânico, como um plantador de cogumelos na cidade grande para seu primeiro festival.

Sabia que Peter estaria vestido de cinza, que tão bem combinava com seus cabelos vermelhos e os olhos cinza-esverdeados. Finalmente avistou uma cabeça vermelha. Aproximou-se e tocou no braço de Peter, dizendo formalmente:

— Alessandra Li quer falar com você.

— Pois então não vamos deixá-lo esperando.

Ele pegou em seu braço e Jaelle empertigou-se, resistindo.

— Posso andar sozinha.

— Ainda está zangada comigo, querida? Não vamos brigar, não aqui na festa!

Ela respirou fundo.

— Peço que me escute, por favor, Peter. Li está muito curioso sobre o Comyn, determinado a descobrir o que existe por trás. Há três dias que ele vem me pressionando com suas perguntas; não o subestime. Eu o fiz. Não sei o que ele quer, mas tenho certeza de que não é boa coisa para Darkover. Já posso ter revelado demais; tome cuidado com o que disser a ele.

Peter fez uma careta.

— Não posso me permitir essas manobras com um figurão imperial. Tenho de cooperar. Montray, o coordenador, não Monty, que é um sujeito decente, o velho Montray acaba de me ameaçar... quer me mandar para outro mundo.

— Peter! — Subitamente, Jaelle esqueceu a briga que tivera com ele, ao pensamento chocante de que poderia perdê-lo. — Como? Por quê?

— Localizaram um planeta parecido com Darkover: estrutura feudal, baixa tecnologia, tudo isso, e ele diz que com a minha experiência aqui sou a pessoa indicada para esse posto. Pessoalmente, acho que ele tem medo de que eu tome seu lugar se permanecer aqui; sei duas vezes mais do que ele sobre Darkover, dez vezes mais. Montray receia que alguém descubra isso. E se eu

puder convencer Sandro Li de que sou realmente necessário aqui para decifrar o mistério... está me entendendo?

Peter virou-se e segurou-a pelo pulso.

— Jaelle, estou lutando por minha vida, tanto quanto você e Mag estavam quando se encontraram com o banshee. Não vai me apoiar? Quero continuar em Darkover... com você. Ajude-me, em vez de lutar contra mim, minha amada!

As pessoas passavam, pelos dois lados. Naquela multidão, tão repleta de vozes, Jaelle não ouvia realmente, as vozes penetravam em sua mente de uma forma tão brutal que ela não podia pensar direito. Engoliu em seco e disse:

— Vamos embora. Quero apenas... quero apenas que tome cuidado com o que disser ou mesmo o que insinuar, caso contrário ele arrancará tudo de mim.

Li cumprimentou Peter com a maior cordialidade, indicando, enquanto as pessoas começavam a se encaminhar para as mesas do banquete, que Peter e Jaelle deveriam sentar perto dele, na mesa principal.

Jaelle podia sentir, pelo menos em parte da conversa subliminar de som telepático, que os terráqueos no espaço-porto de Thendara consideravam Li da mesma maneira que os habitantes de Thendara encarariam o Herdeiro dos Hasturs, alguém que estava ali para julgá-los, com plena autoridade sobre eles. Peter conversava com Li usando todo o charme de que era capaz, ressaltando para o investigador imperial que sabia mais sobre Darkover do que qualquer outro homem que trabalhava ali. Ela podia perceber que Aleki se sentia impressionado. Também compreendeu o que nem Montray nem Peter se haviam dado ao trabalho de lhe dizer: que do relatório de Li dependia não apenas a futura situação de Darkover no Império, mas também o futuro da instalação terráquea. Ele tinha o poder de retirar totalmente o Império de Darkover, exceto por uns poucos representantes para cuidar do espaço-porto; ou aumentar os quadros do QG até que se tornasse uma administração colonial plena; podia abrir o mundo ao comércio ou fechá-lo por completo.

O destino de Darkover em relação ao Império está nas mãos desse homem. Até mesmo os Hasturs têm pouco a dizer a respeito.

É demasiada responsabilidade para mim!

É uma responsabilidade grande demais para qualquer pessoa!

Em determinado momento do jantar, depois que o prato principal fora consumido, quando comiam doces e tomavam cálices de deliciosos licores, coloridos e de sabores diversos, Aleki disse:

— Em seu trabalho, encontrei freqüentes referências às atividades da Srta. Lorne. Por que ela não se encontra na estação? Saiu em licença para outro mundo? Por que seu nome consta da relação de inativos?

Cholayna Ares, alta e elegante, num traje decolado vermelho, que acentuava a pele escura e os cabelos brancos, inclinou-se para eles e disse:

— Ela está numa missão especial aqui em Thendara, Sandro. É uma Renunciante na Casa da Guilda.

— Estou ansioso em conhecê-la — comentou Li. — Será que eu poderia lhe pedir que viesse até aqui para uma entrevista?

— Duvido muito — respondeu Jaelle. — Ela não tem permissão de deixar a Casa durante o período inicial de serviço com as amazonas.

— Mas isso é bárbaro! — protestou Li. — Aprisionar uma cidadã do Império...

— Não se pode falar em prisão — declarou Jaelle, calmamente, — pois é voluntário.

Peter inclinou-se para a frente. Jaelle desconfiara que ele bebera demais.

— Posso lhe dizer qualquer coisa que Magda contaria, Sandro. Ela estava sob minha proteção na maioria dos lugares a que conseguiu ir. Não tem idéia de quantas portas são fechadas aqui para qualquer mulher. Magda é excelente agente. Se tivesse nascido homem, já seria o Legado a esta altura! Mas aqui em Darkover nenhuma mulher pode ser aceita assim. E agora ela passou para o outro lado do muro, tornou-se nativa. Mas posso completar a maioria dos relatórios de Magda para você.

— Pode mesmo?

O rosto de Li era atento e concentrado.

— Posso, e o farei.

Peter estendeu a mão para outro drinque.

— Cobrarei o cumprimento dessa promessa — declarou Sandro Li, virando-se em seguida para escutar o orador na cabeceira da mesa.

Uma hora depois Jaelle fitou Peter através do pequeno quarto que partilhavam. Sabia que ele bebera demais; Peter tinha o rosto afogueado, a fala era incoerente, mas não estava tão bêbado que pudesse repudiar a responsabilidade pelo que fizera.

— Será que não percebe, Peter? Esse homem está a fim de destruir Darkover, a Darkover que conhecemos, para transformá-la em outra colônia terráquea! E você o está ajudando!

— Isso é um pouco de exagero. De qualquer forma, qual é o problema?

Ele só veio até aqui para investigar como o QG tem realizado seu trabalho em Darkover. Devo-lhe toda cooperação, assim como você e Magda. Se não fosse por homens como ele, não haveria nenhum Império.

— E isso seria um infortúnio tão grande assim?

Peter pegou-a pelos ombros e virou-a em sua direção. Jaelle permitiu, sem saber porque não o repelia com um chute.

— Não há motivo para que Darkover não possa aceitar o que é bom no Império, ao mesmo tempo em que mantém o que é bom no seu modo de vida. Não é errado detestar a ignorância e a miséria. Escute, *chiya*, nasci em Darkover, é meu lar também, amo este planeta... quero ficar aqui, ser parte de tudo.

Ele inclinou-se para beijá-la, comprimindo o rosto contra seus cabelos perfumados.

— Eu lutava, e continuo lutando, pelo direito de permanecer em Darkover, como qualquer homem lutaria por sua terra, seu lar, sua esposa. Faço isso com palavras, em vez de uma espada, mais nada. Mas sou darkovano. Ouviu o que Cholayna disse quando se referiu ao nosso casamento?

Jaelle ouvira; de certa forma, fixara-se em seu coração, quase com angústia. Cholayna dissera: com seus cabelos vermelhos e os de Peter, terão lindas crianças.

— Quero um filho — sussurrou Peter, — tanto quanto qualquer homem das Hellers gostaria de ter um filho. Um filho para viver aqui em Darkover, nosso mundo... Jaelle, Jaelle...

Ele suspendeu-a e levou-a para a cama. Jaelle deixou, até gostou de seu contato. Peter deitou-a, tirou o traje verde, largando-o no chão. Enquanto tornava a abraçá-la, ficou totalmente aberto. Jaelle pôde sentir nele, como um ferimento eterno e sem cura, a recusa de Magda em lhe dar o filho que tanto desejava. O corpo de Peter possuía o seu, mas era ela quem possuía a mente dele, Peter estava à sua mercê...

... e de repente ela o conheceu como Magda o conhecera, um homem que acreditava realmente que podia tratá-la como um valete, companheiro de armas, criada pessoal, reprodutora e compensar tudo isso apenas com o ardor de seu amor... e a raiva que aflorou em Jaelle interrompeu o pensamento, ela se virou de lado, levantou um joelho, um

— Querida... qual é o problema?

— Na próxima vez, pergunte se eu estou com vontade de fazer amor! — A confusão e indignação no rosto de Peter fizeram com que ela se sentisse melhor.

— Na próxima

vez, eu posso até concordar em conceber um filho para você. Mas pergunte. Não... não tome!

Jaelle sentiu que não suportaria fitá-lo. Peter pensava que só precisava acariciá-la para que ela se tornasse escrava de sua vontade! Ele continuava sentado na cama, embriagado e desconsolado.

— Jaelle, o que eu fiz de errado? Diga-me!

Ela não sabia. O que acontecera com o amor? Agora ela queria apenas magoá-lo, atacá-lo, escarnecer de sua vulnerabilidade! E disse, a voz baixa, o rosto duro:

— Nunca mais, mas nunca mais mesmo, me tome como uma coisa fácil, Terranan!

Ela foi para o banheiro e bateu a porta, abriu a água ao máximo. Postou-se sob o chuveiro e chorou, chorou até se sentir vazia e desamparada como deixara Peter no quarto. Ao voltar,

descobriu-o dormindo, com uma garrafa vazia no chão, ao seu lado; ele recendia ao vinho darkovano ordinário do porto. Jelle jogou a garrafa na lixeira, pegou seu manto no armário e dormiu no chão, junto da cama.

Acordou tarde para verificar que Peter já saíra; nem mesmo o ouvira se retirar. E sentiu-se contente por isso.

Capítulo Sete

Alguém gritava o nome de Magda, em seu sono, de muito longe.

— Margali... Margali!

Estava escuro no quarto; lá fora, nevava forte. Camilla, envolta por um roupão grosso de pele, encontrava-se de pé ao seu lado. Magda sentou e perguntou:

— O que aconteceu? Não estou de serviço na cozinha hoje, Camilla.

Não havia uma hora determinada para levantar; mas para conveniência das mulheres que trabalhavam na cidade, era servido um desjejum quente bem cedo e as mulheres de serviço na cozinha tinham de levantar antes para prepará-lo. Quem dormisse durante esse desjejum teria depois de vasculhar a copa em busca de pão frio ou ficar com fome até a hora do almoço.

— Desculpe acordá-la a esta hora, brenda, mas Byrna entrou em trabalho de parto e não deve ficar sozinha; quer lhe fazer companhia por algum tempo?

Magda saiu da cama, encolhendo-se na camisola, os pés contraindo-se ao contato com o chão de pedra.

— Onde está a parteira?

— Sempre acontece assim... os bebês nascem aos bandos! Marisela dormiu na casa durante os últimos dez dias, mas logo esta noite foi chamada ao outro lado da cidade.

Mas é a primeira criança de Byrna e não há grande pressa. Terá tempo para lavar o rosto e vestir-se.

Magda desceu pelo corredor para o banheiro comunitário e lavou o rosto com água fria; encolheu-se porque estava gelada, sabendo que nunca se acostumaria com aquilo, mesmo que passasse cem anos ali. Parecia que jamais ocorrera a ninguém que alguém pudesse querer um banho quente pela manhã e por isso não havia água quente pela manhã... era simples assim. Magda refletiu que ao se realizar um trabalho braçal árduo fazia sentido lavar a sujeira ao final da tarde; ainda lembrava os dez dias que passara nos

estábulos e como um banho quente era desejável. Mas era uma daquelas diferenças culturais difíceis de absorver.

— Que horas são? — ela perguntou a Camilla, enquanto seguiam pelo corredor.

— Passa um pouco de meia-noite. Nós a levamos lá para cima, a fim de que possa fazer todo o barulho que quiser sem o receio de despertar alguém que precisa dormir.

Rafaella se encontra com ela agora, mas precisa sair ao amanhecer e deve dormir um pouco.

Um fogo fora aceso num cômodo no quarto andar. Byrna andava de um lado para outro, na frente da lareira, envolta por xales grossos, por cima da camisola. Virou-se e disse:

— Obrigada por ter vindo ficar comigo, Margali... Desculpe fazê-la levantar a esta hora...

— Não há problema. — Magda pegou as mãos dela, meio desajeitada. — Como está se sentindo?

— Não dói tanto quanto eu pensava... pelo menos ainda não. É como uma câibra forte, que vem e passa; nos intervalos, eu me sinto bem.

— E não doerá muito mais do que isso se lembrar o que Marisela recomendou e fizer direito a respiração — disse Rafaella, adiantando-se e passando o braço pela cintura de Byrna. — Tive quatro crianças e falo com conhecimento de causa.

Ela abraçou Byrna, encaminhou-se para a porta com Magda e lhe perguntou:

— Sabe o que fazer nesse estágio inicial?

Magda sacudiu a cabeça. Rafaella sempre a fazia sentir-se estúpida e incompetente.

— Nunca estive antes com uma mulher em trabalho de parto. Rafaella franziu as sobrancelhas.

— Na sua idade? Em nome de Avarra, onde foi criada? Muito bem, tudo o que pode fazer nesta altura é mantê-la animada, lembrá-la de relaxar, se começar a ficar tensa.

O máximo que ela pode fazer agora é não interferir com o que acontece lá dentro. Deixe-a beber tanta água quanto ela quiser... ou chá. — Rafaella apontou uma chaleira fervendo, num gancho

comprido sobre o fogo. — Se ela se sentir fraca, acrescente uma colher de mel ao chá. Não se preocupe se ela vomitar, isso costuma ocorrer com algumas mulheres. O importante é apenas lhe fazer companhia, procurar tranquilizá-la.

Magda hesitou.

— E se. .. se o bebê nascer antes de a parteira chegar? Rafaella fitou-a com uma expressão de perplexidade.

— Qual é o problema? Se nascer sozinho, é a melhor coisa que poderia acontecer. As vezes as crianças nascem assim, sem dor, sem dificuldades. Se for esse o caso, apenas enrole a criança em qualquer coisa à mão... Não corte o cordão umbilical... Deite a criança em cima de Byrna e vá chamar alguém que saiba o que vai fazer; pode ser qualquer das Mães da Guilda.

Uma pausa e ela acrescentou, impaciente:

— Não há qualquer problema em cuidar de uma criança que nasce por si mesma; é quando isso não acontece que você precisa ajudar. Camilla estará sempre por perto.

Se Byrna começar a fazer pressão para a criança sair, avise a Camilla para chamar alguém o mais depressa possível. Mas não creio que isso possa acontecer por mais algumas horas. Acima de tudo, mantenha-se calma. Assustará Byrna se ficar nervosa. Se houvesse mais alguém, eu nunca a deixaria aos seus cuidados, logo você, entre todas as pessoas! Mas como eu podia saber que alguém da sua idade era tão ignorante?

Rafaella foi abraçar Byrna outra vez e disse:

— Tenha uma pequena amazona para a casa, está bem?

Ela saiu com Camilla, deixando Magda a sós com Byrna. Olharam uma para a outra, meio desamparadas; depois, Byrna balbuciou:

— Oh, está começando outra vez!

Agarrando Magda pela cintura, Byrna apoiou-se nela, respirando com dificuldade, ofegando baixinho. Depois que passou, ela deixou escapar um longo suspiro e murmurou:

— Esse doeu de verdade !

— Talvez isso signifique que não vai demorar tanto quanto pensa — comentou Magda.

— Quero descansar um pouco.

Byrna acomodou-se no colchão estendido no chão, coberto por lençóis limpos, mas esfarrapados. Suspirou, inquieta.

— Minha mãe-de-juramento prometeu estar aqui para o nascimento, mas fui informada de que há inundações nas Colinas Kilghard e ela não pôde viajar. — Ela piscou para remover as lágrimas dos olhos. — Eu me sinto solitária aqui, sem irmãs-de-juramento na Casa... Todas têm sido muito gentis comigo, mas não é a mesma coisa que a companhia de minhas irmãs-de-juramento.

Aquelas que testemunham seu juramento constituem sua família... Magda recordou o rápido crescimento de sua ligação com Jaelle e que Camilla a tratava com uma cordialidade excepcional.

— Somos todas suas irmãs, Byrna, unidas pelo juramento... todas nós aqui.

— Eu sei, eu sei...

Mas Byrna cerrou as mãos. Fechou os olhos, deslocou o peso outra vez, por um instante parecia prestes a adormecer. Magda levantou-se, foi atizar o fogo, voltou na ponta dos pés e sentou ao lado de Byrna, aparentemente dormindo. Depois de um longo tempo, Byrna mexeu-se e contorceu-se.

— Dói até mesmo quando respiro da maneira como Marisela me ensinou. Dói demais, e Marisela prometeu que não doeria muito...

Magda tentou se lembrar de coisas que lera.

— Procure respirar calmamente; tente sentir como se estivesse flutuando.

Byrna aquietou-se de novo, descansando. Mas não demorou muito e se ergueu, exausta, começou a andar, apoiada em Magda.

— Disseram que seria mais rápido se eu conseguisse ficar de pé. Mais tarde, Camilla voltou, trazendo um berço.

— Como está se sentindo, Byrna? Aqui está um berço para sua criança. Encontrei-o no depósito, junto com uma manta bordada. Eu a fiz pessoalmente, há quinze anos, para a última criança de Rafaella. Doria dormiu sob esta manta e agora já é uma amazona!

— Parece nova — murmurou Byrna, passando a mão pela lã. Camilla soltou uma risada.

— Nenhuma criança a usa por muito tempo. Como se sente?
— Horrível — respondeu Byrna. — E parece que está demorando demais.

Camilla apalpou o corpo dela.

— Está indo muito bem. Talvez não demore tanto quanto pensávamos. Tente andar mais um pouco, se for possível.

Ela desapareceu outra vez e o tempo parecia se arrastar agora. Byrna andava e Magda a amparava, segurando-a quando as contrações a dominavam; depois ela deitava para descansar ou dormia um pouco, gemendo. Passaram-se três ou quatro horas, uma claridade cinzenta começou a se esgueirar pela janela.

— Já amanheceu — disse Magda. — O sol nascerá daqui a pouco. Byrna não respondeu e Magda pensou que ela tornara a cochilar.

Mas depois ouviu-a se lamuriar baixinho e acrescentou:

— Qual é o problema? Está sentindo muita dor? Procure relaxar, Byrna...

— Deite e relaxe, Byrna, não crie problemas, Byrna! — ela arremedou Magda, furiosa, sentando no colchão. — Já não sei de tudo isso? E você está pouco se importando com o que possa me acontecer!

Ela afastou bruscamente as mãos de Magda e começou a chorar.

— Não há ninguém aqui que se importe comigo e me sinto desesperada!

Byrna chorava incontrolavelmente, dobrada, Magda sentiu-se transtornada. Tinha a impressão de que estava violando todas as regras — nada assim jamais poderia acontecer no QG Médico da Zona Terráquea, — mas ela sentou na beira do colchão, ao lado de Byrna, pôs a mão hesitante nos ombros trêmulos.

— Isso não é verdade, Byrna. Lamento muito que sua mãe-de-juramento não esteja aqui com você, mas tentarei ajudá-la por todos os meios possíveis. E vai acabar mais cedo do que imagina.

Byrna abraçou-a e desatou num choro agoniado e intenso. Magda afagou-a, desamparada.

— É tão ruim assim? Não chore, dizem que isso só serve para piorar, só mais um pouco e tudo estará acabado. — Era uma das poucas coisas que ela podia lembrar da preleção das parteiras poucos dias antes. — Se sente muito mal agora, então é o pior, daqui a pouco se sentirá melhor, quando a criança começar a nascer. Mas, por favor, deite de novo... tente relaxar...

— Não é a dor — balbuciou Byrna, agitada. — Eu poderia suportar a dor, mas é que...

Ela agarrou Magda, gemendo. Magda deixou-a apertar suas mãos com uma força capaz de esmagar os ossos. Podia sentir os tremores profundos de Byrna e lembrou-se daquele momento sob a matriz, quando Dama Alida penetrara na estrutura celular do ferimento no rosto de Jaelle e Magda descobrira-se a partilhar. Laran. Devo sentir tudo o que ela sente?

Mas o paroxismo passou e Magda se perguntou se não teria sido apenas imaginação. Persuadiu Byrna a recostar-se nos travesseiros, enxugou o suor de seu rosto, convenceu-a a tomar um pouco de chá com mel. As lágrimas ainda rolavam pelas faces de Byrna e Magda indagou, para distraí-la:

— Quer um menino ou uma menina?

— Uma menina, é claro... Testemunhei quando Felicia teve de renunciar ao filho, já que ninguém do sexo masculino pode viver numa casa de Renunciantes depois dos cinco anos. Ela disse que o menino se tornaria em breve um estranho, mas não queria deixar a casa e suas irmãs, contratar uma babá para cuidar dele quando fosse trabalhar, enfrentar todos os perigos de uma mulher vivendo sozinha na cidade... Acho que se tiver um menino terei de dá-lo imediatamente, antes que rasgue meu coração ao abandoná-lo. Felicia queria um menino, disse que não desejava ficar presa à criação de uma menina durante quinze anos, mas agora que Rael foi embora ela chora como uma chervine que perdeu a cria. Não serei tão tola assim e pretendo dá-lo o mais depressa possível.

— Quem é o pai de sua criança, Byrna? Ou prefere não dizer...

— Seu nome é Errol, meu primo. Sua esposa não tem filho e disse que receberia com satisfação qualquer criança dele para adotar...

Byrna pôs-se a chorar ainda mais forte do que antes. Alarmada, Magda perguntou:

— O que foi, brenda? Byrna soluçou:

— Não posso mais agüentar, não posso mais agüentar...

— As dores? Irmã, quer que eu vá chamar Camilla ou uma das Mães da Guilda? Keitha já teve crianças e deve saber...

— Não, não, não é a dor... — Ela soluçava, o corpo todo tremendo. — Apenas... apenas... quebrei o juramento...

— Byrna, não fale assim... este não é o momento...

— É verdade! É verdade! Por isso é que eu queria que minha mãe-de-juramento estivesse aqui, para confessar a ela, obter seu perdão...

O corpo teve outra convulsão e Magda ficou convencida que ela piorava a situação ao chorar tanto.

— O juramento... — Byrna se contorceu, desesperada. — Jurei... não ter criança, a não ser no momento que escolhesse... Fui ensinada, sei que há meio de evitar a concepção de uma criança que não quisesse... mas era o Solstício do Verão e eu... queria agradar Errol, por isso deitei com ele, embora estivesse com raiva, no momento propício para a concepção, sem qualquer... sem nenhuma proteção... mas me sentia solitária e ele me queria... Fôramos namorados por muitos anos; houve um tempo em que até falamos em casamento, mas na ocasião... eu queria ser independente, fazer apenas minha vontade, por isso optei pela Casa da Guilda, fui para Dalereuth e quando voltei a Thendara descobri que ele casara, era infeliz. E parecia, oh, não sei como contar, mas tudo parecia certo, com a música, a dança e... uma noite estrelada, com todas as luas no céu, mas, eu sabia que era errado, não devia me arriscar, não devia me arriscar, e por isso violei o juramento, violei o juramento...

Magda sentia-se confusa, sem ter conhecimento do ponto ético específico envolvido. Lembrava como, no festival do Solstício do Inverno em Ardais, quase se entregara a Peter, apenas porque o antigo hábito de amor por ele era muito forte, porque Peter a desejara intensamente. Mas poderia ter feito isso sem aquele tipo de risco, graças à medicina terráquea. Ela fora devidamente protegida contra a concepção... e podia recordar o que Mãe Lauria dissera em

seu primeiro dia na casa, que aquele treinamento seria de valor inestimável para as Renunciantes. Era um pecado que elas não tivessem anticoncepcionais apropriados, que evitariam que as mulheres precisassem assumir esse tipo de risco, conceber crianças indesejáveis... e sofrer tanto sentimento de culpa. Ela abraçou Byrna até que os soluços atenuaram um pouco e murmurou:

— É muito tarde para esse arrependimento, brenda. O que está feito, está feito. Agora, deve pensar em sua criança.

Que coisa mais tola para dizer, ela pensou, no instante mesmo em que pronunciava as frases; em que mais Byrna pensara durante todos aqueles meses?

Obediente, Byrna recostou-se nos travesseiros; e um momento depois uma expressão de surpresa surgiu em seu rosto. Começou a ofegar profundamente, a respirar de maneira diferente, inalando fundo e deixando o ar escapar com um gemido rouco. Magda recomendou que ela relaxasse, mas Byrna parecia não ouvir, balbuciando entre os gemidos:

— Alguma coisa está acontecendo... Já não dói tanto agora... Oh, Deus, pensou Magda, o parto começou, preciso chamar alguém que saiba o que fazer...

— Preciso... segurar alguma coisa... — balbuciou Byrna.

Ela agarrou as mãos de Magda, puxando, apertando, o rosto se avermelhando no esforço. Magda tentou resistir ao pânico.

— Ohhh... — gemeu Byrna.

Estranhamente, não era um som de dor, mas apenas de tremendo esforço. Magda quase que podia senti-lo em seu próprio corpo, e era uma sensação curiosamente satisfatória.

...O que estaria lhe acontecendo? Mais importante ainda, o que acontecia com Byrna?

Byrna apertou suas mãos e deixou escapar um uivo prolongado, mais um grunhido do que um grito.

— Está nascendo! — ela bradou. — Posso sentir! Está nascendo, agora...

Ela ofegou outra vez e entregou-se ao gemido. Magda tentou desvencilhar as mãos.

— Deixe-me chamar alguém, Byrna.

— Não, não, não me deixe...

Byrna grunhiu as palavras e se lançou num grito prolongado; Magda não foi capaz de se desvencilhar. Talvez alguém ouvisse os gritos de Byrna. Não poderia se livrar sem machucá-la, mas devia correr e chamar alguém... Só que Byrna puxava suas mãos, chorando, os gritos terminando em grunhidos ofegantes.

Oh, Camilla, por que você não volta!

A porta foi aberta abruptamente e Keitha estava no quarto. E disse, em tom incisivo:

— Eu a ouvi e já trouxe bebês suficientes ao mundo para saber o que significa esse tipo de grito. Deixe-me ajudar... — Ela levantou o xale e a camisola. — Fique atrás dela, Margali, levante-a... assim mesmo, mantenha-a desse jeito.

Magda obedeceu, atordoada, sem ter a menor noção do que acontecia; Byrna estava sentada meio empertigada, as pernas abertas, Magda por trás, segurando-a pela cintura.

Byrna arqueou o corpo, no maior esforço, uivando alto, enquanto Keitha levantava seus joelhos, falando depressa:

— Não há tempo para chamar ninguém, não há tempo para esperar... posso dar um jeito.

Byrna ofegou e gritou outra vez, o corpo arqueado no esforço. Balbuciava sem parar, mas Magda não podia entender as palavras. Keitha ajoelhou-se à sua frente e pelo canto dos olhos Magda avistou uma coisa vermelha e molhada, encharcada de sangue. Os ofegos e gritos de Byrna eram agora terríveis; Keitha murmurou alguma coisa tranqüilizadora e depois Magda viu o corpo úmido e esperneando da criança, enquanto Keitha o levantava, gentilmente, inclinando a cabeça para baixo. Houve um débil som de miado e depois a criança recém-nascida começou a berrar em indignação por ter deixado o ninho aconchegante. Um menino. Magda podia ver os órgãos genitais.

Byrna relaxou contra Magda, estendeu os braços.

— Deixe-me segurá-lo — ela sussurrou. — Oh, Keitha, pode me dá-lo!

— Ele é lindo — murmurou Keitha, sorrindo.

Ela pôs o bebê nu na barriga de Byrna. Ele contorceu-se na direção do seio e Byrna guiou-o gentilmente. Magda experimentou uma vontade súbita de chorar, não sabia direito por quê.

Eu não queria uma criança, ela pensou, assim como Byrna também não queria. Contudo, ela está muito feliz agora. Ele é lindo, ela pensou, olhando inebriada para a criança aconchegada no corpo de Byrna, eu poderia ter um filho de Peter e seria tão feliz assim... E sentiu que a respiração prendia um soluço.

— Margali — disse Keitha, — vá chamar Mãe Millea. Eu iria pessoalmente, mas posso cuidar das secundinas, se for necessário, enquanto você não é capaz.

Magda ainda não alcançara a porta quando Camilla entrou, acompanhada por Marisela, de manto e capuz. Marisela fitou-as e riu, enquanto tirava o manto.

— Então me privou de um parto, hem, Keitha? Estive ocupada durante a noite inteira, fazendo o parto de gêmeos; nasceram ao contrário e pensei que a mãe sangraria até a morte. Mas ambos estão vivos e a mãe também. Como eram meninos, o pai... — Ela fez uma careta. ... o pai impingiu-me um pagamento em dobro. Fico contente que a parte difícil já tenha acabado.

Ela foi lavar as mãos na bacia perto do fogo, depois voltou e disse:

— Deixe-me verificar... Trabalhou muito bem, Keitha; ela não está rasgada, embora tenha sido tão depressa. Mas também ele não é muito grande. Venha cá, homenzinho.

Marisela pegou o bebê e apalpou-o com seus dedos experientes, virando-o, examinando o cordão umbilical, os dedos dos pés e das mãos, pondo um dedo em sua boca para descobrir se ele sugava, inspecionando nariz, ouvidos, a nuca.

— bom, parece que você é um homenzinho perfeito, tudo onde deve estar. — Ela tornou a acomodar a criança no seio de Byrna. — Como se sente, Byrna?

— Cansada e sonolenta — respondeu a mulher, alegremente. — E faminta. Ele não é lindo, Marisela?

— É mesmo. — Marisela era baixa, de aparência competente, os cabelos curtos ao estilo das Amazonas, mas usando roupas de

mulher. Mandarei uma de suas amigas descer para buscar um pouco de leite quente com mel. Não está sangrando muito, mas aplicarei alguma coisa assim mesmo e depois dormirá um pouco. E quando acordar terá uma refeição tão grande quanto puder comer.

Ela olhou para Magda e acrescentou:

— Você é a novata, não é mesmo? Esqueci seu nome...

— Margali n'ha Ysabet.

— Desculpe; passo tanto tempo fora da casa que às vezes não me lembro de todas vocês. Mas lembrei de você, Keitha. — Ela tocou na cabeça dourada de Keitha. — Não fiz o parto de sua filha? Ela deve estar grande agora.

O rosto de Keitha murchou. E ela murmurou, a voz trêmula:

— Ela... ela morreu pouco antes do Solstício do Inverno... da febre...

— Ah, Deusa, sinto muito! — exclamou Marisela.

— Supliquei a meu marido que mandasse chamá-la, pois tanto sabe de cura, mas ele não quis... não permitiria a presença de uma Renunciante sob seu teto...

— Sinto muito, mas talvez eu também não pudesse fazer nada — disse Marisela, gentilmente. — Sou competente, mas contra algumas febres não há o que fazer. Mas agora você está aqui, Keitha, e algum dia teremos de conversar. Por enquanto, devo agradecer por ter cuidado tão bem da criança de Byrna. E agora preciso concluir o trabalho.

Ela mantinha as mãos pingando a alguma distância do corpo, exatamente como Magda vira os médicos fazerem no QG terráqueo, inclinou-se para verificar as secundinas.

— Camilla, pode enrolar o homenzinho de Byrna?

Magda observou os dedos compridos e calosos de Camilla cuidarem da criança. Por um momento, Camilla aconchegou o bebê contra o peito magro, arruinando. Como era possível que uma neutra, uma mulher sem hormônios femininos — e, ainda por cima, ela devia ter pelo menos cinqüenta anos — parecesse tão maternal? E como uma neutra, uma emmasca, pensava em si mesma, em crianças? Magda não podia sequer adivinhar. Sempre acreditara que

aquele tipo de sentimento maternal era uma questão de hormônios, não mais do que isso.

— Margali — disse Marisela, — desça até a cozinha e esquite um pouco de leite, acrescente mel e traga para Byrna, para ela tomar com os medicamentos, antes de dormir.

Magda desceu, sentindo-se cansada; e agora ainda precisava atizar o fogo abafado e esquentar leite! Para seu intenso alívio, no entanto, Irmelin já estava na cozinha, movimentando-se em torno do enorme fogão. Rafaella também se encontrava ali, vestida para montar, sentada à mesa, comendo uma tigela de mingau quente.

— Então Byrna teve seu bebê? — disse Irmelin, gentilmente. — E agora Marisela quer um pouco de leite quente e mel para ela. Sente junto de Rafi e tome um chá. Fiz um pouco quando descí, está ali. Então Byrna teve a criança... O que foi? Menino ou menina?

— Um menino — respondeu Magda, tomando o chá quente agradecida, enquanto Irmelin punha chá para esquentar.

Rafaella praguejou, batendo com o punho na mesa.

— Pelo fogo do inferno! Pobre pirralho, ela terá de renunciar ao filho... Pelos infernos de Zandru, como eu me lembro disso! Devia haver alguma coisa melhor... pelo fogo do inferno!

Ela se levantou abruptamente e saiu, derrubando a tigela e espalhando mingau pela mesa. Magda ficou olhando, aturdida, especulando qual seria o problema. Irmelin suspirou, adiantou-se e limpou o mingau derramado, sem qualquer protesto. Disse bruscamente a Magda:

— Tome seu chá, Margali, depois leve isso para Byrna.

Seus olhos tinham uma expressão distante, os olhos estavam contraídos. Magda tomou um gole do chá açucarado, ansiando intensamente por uma xícara de café puro e forte. Sentia a cabeça dolorida, o corpo exausto. Levou o leite para o quarto andar.

O bebê, envolto na manta, se encontrava nos braços de Byrna, que fora lavada, os cabelos penteados e trançados; mantinha os olhos fechados, serenos.

— Deixe-me pô-lo no berço enquanto você toma seu leite, brenda — sugeriu Camilla, enquanto levava a caneca aos lábios de Byrna.

Mas Byrna aconchegou ainda mais o filho, murmurando:

— Não... quero ficar com ele... por favor... por favor... Marisela mandou que as duas fossem comer alguma coisa, dizendo que ficaria com Byrna por algumas horas, a fim de ter certeza de que ela não sangraria. Camilla suspirou enquanto desciam.

— Pobre coitada — ela murmurou. — Espero que Ferrika chegue logo para confortá-la, antes que ela entregue a criança... Estou preocupada.

Camilla passou o braço pelos ombros de Magda e acrescentou:

— Você também está cansada... Nunca tinha feito um parto antes?

— Nunca — respondeu Magda. — E você?

— Claro que sim. . e poderia ter feito tudo, se Keitha não estivesse lá. O segundo de Rafaella nasceu assim, muito antes do prazo; ela não contara o tempo direito e não sabia que estava dentro dos quarenta dias do parto. — Ela começou a rir. — Cavalgávamos juntas, perto da Casa da Guilda de Neskaya. Fôramos designadas para a vigia de incêndio. Rafaella mal teve tempo de tirar o culote; a criança nasceu nas minhas mãos, quando me abaixei para verificar se ela estava mesmo em trabalho de parto. Embrulhamos a criança na minha túnica e ela foi a cavalo para casa!

A emmasca alta soltou outra risada.

— Ouvi dizer que as mulheres das Cidades Secas andam a cavalo até o dia do parto, mas isso parecia com todas as histórias que me haviam contado!

O cheiro do desjejum sendo preparado subia pela escada, mas Camilla não se virou na direção do refeitório; em vez disso, abriu a porta da casa. A rua estava vazia e escura, a neve ainda caía, embora a claridade aumentasse. Magda sentia-se perdida no mundo dos enormes flocos de neve, desorientada, uma estranha naquele mundo estranho. Sentiu que não seria capaz de reconhecer a si mesma se por acaso se contemplasse num espelho. Camilla ouviu-a suspirar e apertou o braço que continuava estendido pelos ombros de Magda.

— Não agüenta mais ficar dentro de casa, posso imaginar; mas agora os dias são escuros e desolados, seria muito pior se ficasse

trancada em pleno verão. O tempo vai passar antes que você perceba. Ei, olhe só, há sangue em sua túnica e no pulso. — Ela pegou a mão de Magda.

— Temos um ditado antigo nas colinas em que fui criada: “Se o sangue é derramado em você antes da primeira refeição, você vai derramar sangue antes do anoitecer.” Está esperando as regras?

Por um momento Magda não entendeu direito a frase que Camilla falara no cahuenga vernacular; ela repetiu a pergunta em casta e Magda sacudiu a cabeça.

— Oh, não, ainda não!

Os flocos de neve, turbilhonando na rua, deixavam-suas faces geladas. Camilla fitou-a, preocupada.

— Mas está aqui há mais de quarenta dias e ainda não as teve... Breda, você está grávida?

Mas que coisa! Será que todas a observavam tão atentamente assim? Magda respondeu exasperada:

— Claro que não!

— Mas como pode ter certeza... — A expressão de Camilla mudou.

— Margali! Tomou um destruidor da fertilidade?

Outra vez, por um instante, Magda não entendeu; quando o fez, concluiu que era provavelmente o equivalente mais próximo ao tratamento médico que suprimia a menstruação e a função feminina. Ela acenou com a cabeça; evitava a discussão.

— Não sabe que essas drogas podem matá-la, criança? Por que vocês fazem isso? — Camilla suspirou. — Eu, entre todas as pessoas, não tenho o direito de fazer um sermão, sendo o que sou... e além desse perigo para sempre. Já faz tanto tempo que nem posso me recordar como é ser pressionada por esses anseios e necessidades. Mas às vezes, quando penso no rosto de Byrna ao contemplar sua criança, tenho minhas dúvidas.

O suspiro profundo pareceu sacudir todo o corpo de Camilla. Ela comprimiu os lábios com força e ficou olhando impassível para a neve. Magda já especulara antes: o que poderia levar uma mulher à operação de neutralização em Darkover, ilegal e muitas vezes fatal? Não seria simples mesmo para a medicina terráquea, mas em suas

viagens encontrara mais de uma emmasca. Não fez a indagação em voz alta, mas a seu lado Camilla empertigou-se e desviou os olhos, fitando o turbilhão de flocos de neve. Magda se perguntou se aquela mulher podia mesmo ler sua mente. Camilla finalmente disse:

— Só minha mãe-de-juramento, Kindra, sabe de tudo. É algo de que não falo com frequência, como pode imaginar, mas você é minha irmã e deve saber a verdade. Eu...

Ela tornou a hesitar e Magda protestou:

— Não perguntei... não precisa me dizer coisa alguma, Camilla...

Ela lê minha mente! Como? Magda recordou, com uma estranha pontada de apreensão, como em Ardais ficara ao lado de Dama Rohana e da Ieronis Alida, enquanto as duas trabalhavam com a pedra-matriz no ferimento de Jaelle, como se descobrira dentro da matriz, também operando com laran.

— Houve um tempo... eu tinha outro nome e minha família não era desconhecida nas Colinas Kilghard. Minha mãe disse... — A voz de Camilla não tinha qualquer inflexão.

— ...que havia sangue Hastur em minhas veias; o que significa provavelmente que nasci num festival e não era filha de meu pai. Estava destinada a um grande casamento ou para a Torre, seria uma Ieronis. A propriedade de meu pai foi um dia atacada por bandidos; mataram muitos homens jurados de meu pai e me levaram junto com o gado, para se divertirem. Creio que pode imaginar como me usaram. Eu ainda não tinha quatorze anos e misericordiosamente esqueci a maior parte.

— Oh, Camilla!

Os braços de Magda envolveram o corpo magro da mulher mais velha.

— Finalmente fui resgatada e salva — continuou Camilla, rígida nos braços de Magda. — Acho que minha família ficou preocupada principalmente com o fato de eu estar estragada para um grande casamento. E uma Ieronis deve ser...

Ela fez uma pausa, analisando e rejeitando palavras, de uma maneira quase visível.

— ...Intacta. Eu ainda não tinha idade suficiente sequer para saber que estava grávida de um dos... animais que me haviam roubado. Não me lembro de mais nada; minha mente ficou escurecida. Disseram-me que atentei contra minha própria vida.

Os olhos de Camilla mantinham-se distantes, olhando para dentro com horror; ela acabou se permitindo um pequeno estremecimento e a voz readquiriu um pouco de vida.

— Não mais importava para minha família o que acontecesse comigo. Estava curada, mas sabia que nunca mais poderia suportar o contato de qualquer homem sem... horror.

A Dama de Arilinn, Leonie Hastur, aprovou que eu me tornasse emmasca; e assim foi feito. Por muitos anos vivi entre os homens, como um homem, recusava-me a admitir sequer para mim mesma que era uma mulher. Mas acabei indo para a Casa da Guilda e ali descobri outra vez que a feminilidade era... possível para mim. Ela sorriu para Magda.

— Isso aconteceu há meia vida; às vezes, por anos consecutivos, não me lembro nada da vida antiga ou quem eu era naquele tempo. E agora devemos ir dormir; só quando estou cansada é que falo nessas bobagens mórbidas.

Magda ainda se sentia incapaz de falar, dominada pelo horror. Não apenas pela história de Camilla, mas pela fria calma com que ela a contara. Camilla tornou a sorrir e acrescentou:

— Minha mãe-de-juramento Kindra me disse um dia que cada mulher que vem para a Casa da Guilda tem sua própria história e cada história é uma tragédia, que dificilmente seria verossímil se apresentada no teatro por atores. Quando vi as cicatrizes de Keitha... Já fui espancada como um animal e trago cicatrizes como as dela no meu corpo; por isso, a história está fresca em minha mente, os ferimentos parecem outra vez em carne viva.

Magda protestou:

— Mas essa não é a verdade para todas as Renunciantes, não é mesmo? Não podem ser todas tragédias. Tenho certeza que algumas mulheres vieram para cá simplesmente porque gostam desta vida, a escolheram... Jaelle me contou que foi criada na Casa da Guilda, filha adotiva de Kindra...

— Pergunte a Jaelle algum dia sobre a morte de sua mãe — disse Camilla. — Ela nasceu em Shainsa; mas a história é dela, não minha, não tenho o direito de contá-la.

Magda riu, apreensiva.

— Minha história não é uma tragédia — ela disse, tentando imprimir um tom jovial à voz. — É mais como uma comédia... ou uma farsa!

— Ah, irmã, esse é o verdadeiro horror de todas as nossas histórias, que alguns homens, ao ouvi-las, achariam quase engraçadas. Mas não havia riso na voz de Camilla.

— Deve ir agora para o desjejum. Não lhe darei aula de esgrima hoje.

Ela estendeu os braços e deu um abraço rápido e afetuoso na mulher mais jovem.

— E depois vá dormir, chiya.

Magda preferia ficar; não queria permanecer sozinha. Mas depois de comer subiu, obediente, para seu quarto e deitou. Descobriu-se desperta uma ou duas horas depois, incapaz de voltar a dormir. Desceu para a cozinha, serviu-se de comida fria. Depois, sem ter o que fazer — as Mães da Guilda haviam-na dispensado de quaisquer deveres naquele dia, — foi para a biblioteca e leu por algum tempo a história das Amazonas Livres. Passou por sua cabeça que deveria escrever anotações cuidadosas, transmitir tudo aquilo para os registros terráqueos um dia, mas não queria pensar a respeito por enquanto. Mais tarde, Mãe Lauria encontrou-a e pediu que assumisse o plantão no vestíbulo, a mais leve de todas as tarefas na casa. Significava apenas que deveria ir à estufa e pegar flores e folhas, que já começavam a definharem, para a decoração, permanecer ali e deixar qualquer pessoa entrar ou sair, atender à porta se alguém aparecesse a negócios.

Magda estava aprendendo pontos simples, mas ainda detestava costurar; pegou um cinto de corda que começara a trançar e sentou, trabalhando nos pontos intrincados.

Levantou-se duas ou três vezes para deixar alguém entrar e uma vez para levar um recado a Marisela, que transmitiu na porta do quarto em que Byrna dormia, o bebê aconchegado ao seu lado.

Estava meio adormecida, na claridade cinzenta do vestíbulo, quando subitamente soaram batidas fortes e a porta foi sacudida. Magda levantou-se de um pulo e foi abrir a pesada porta. Um homem enorme, corpulento, ricamente vestido, se encontrava na porta. Lançou um olhar furioso para Magda e disse, em tom desdenhoso:

— Quero falar com a mulher que está no comando deste lugar. Mas a inflexão que ele usou deixava patente qual era o significado: “Chame a cadela que manda nesta porcaria.”

Magda notou que havia dois homens atrás dele, também corpulentos, armados com espada e adaga. Ela respondeu num tom polido, que era uma censura ao homem:

— Perguntarei se uma das Mães da Guilda está livre para lhe falar, senhor. Posso informar o que deseja?

— Claro que pode! — resmungou o homem. — Diga à velha cadela que vim buscar minha esposa e a quero agora, sem discussões!

Magda fechou a porta em sua cara e se encaminhou apressada para o santuário da Mãe da Guilda.

— Como você está pálida! — exclamou Mãe Lauria. — Qual é o problema, criança?

Magda explicou a situação e acrescentou:

— Deve ser o marido de Keitha.

Ela olhou para a enorme porta revestida de cobre que celebrava a batalha na qual fora consolidado o direito que uma mulher tinha, como Keitha, de se refugiar ali, gerações antes.

Mãe Lauria acompanhou seu olhar.

— Vamos torcer para que não chegue a esse ponto, minha criança. Mas corra até a armaria e diga a Rafaella... não, Rafi partiu com uma caravana para o norte. Avise a Camilla para se armar depressa e subir. Eu gostaria que Jaelle estivesse aqui, mas não há tempo para chamá-la.

Arme-se também, Margali; Jaelle me contou que você lutou com os bandidos quando ela foi ferida, perto de Sain Scarp.

Magda, o coração disparado, desceu correndo para a armaria e armou-se com a faca comprida que as amazonas não chamavam de

espada... embora ela não pudesse perceber a diferença. Camilla, também se armando, tinha uma expressão sombria.

— Nada assim acontece há dez anos ou mais... termos de defender a casa pela força das armas, como se ainda estivéssemos na Era do Caos! — Ela olhou em dúvida para Magda. — E você ainda é inexperiente...

Magda sabia disso muito bem. Seu coração batia forte quando subiram pela escada, lado a lado. Mãe Lauria esperava-as no vestíbulo. Houve outra batida furiosa na porta e Mãe Lauria abriu-a. O homem na porta berrou:

— Você é a mulher que comanda este lugar? Mãe Lauria respondeu calmamente:

— Fui escolhida por minhas irmãs para falar em nome de todas. Posso perguntar com quem tenho a honra de falar?

Ela falava com a cortesia requintada de uma nobre se dirigindo ao mais rude camponês. O homem continuou a berrar:

— Sou Shann MacShann e quero minha esposa, não essa conversa toda! Vocês cadelas imundas a atraíram de casa e eu a quero de volta imediatamente!

— Nenhuma mulher tem permissão para ficar entre nós a não ser por sua livre e espontânea vontade — declarou Mãe Lauria. — Se sua esposa veio para cá foi porque desejava renunciar ao casamento pela causa. Nenhuma mulher dentro destas paredes é sua esposa.

— Não venha com essa lógica para cima de mim, sua... — O homem proferiu um insulto de sarjeta. — Traga logo minha esposa ou entrarei aí para arrancá-la à força!

A mão de Magda apertou o punho da faca, mas a voz da Mãe da Guilda manteve-se tranqüila.

— Pelas regras deste lugar, nenhum homem pode entrar, exceto por convite especial; e creio que não tenho mais nada para lhe dizer, senhor. Se a mulher que foi outrora sua esposa desejar lhe falar, pode mandar um recado e acertar qualquer problema que ficou inacabado entre os dois. Mas enquanto ela não quiser recebê-lo...

— Escute aqui, minha esposa me deixa furioso às vezes, houve uma ocasião em que fugiu para a casa da mãe e passou quase quarenta dias fora de casa, mas depois voltou chorando para mim.

Como Vou saber que não a estão retendo aqui enquanto ela quer voltar?

— Por que faríamos uma coisa assim? — indagou Mãe Lauria, suavemente.

— Pensa que não sei o que acontece em lugares como este?

— É isso mesmo — disse Mãe Lauria. — Acho que não sabe de nada.

— Keitha é mulher demais para viver sem um homem! — berrou Shann. — Mande-a para cá agora!

A Mãe da Guilda continuou a manter um controle absoluto:

— Lamento, mas terá de aceitar minha palavra: Keitha n'ha Casilda não manifestou o menor desejo de voltar para você. Se deseja ouvir isso de seus próprios lábios, permitimos visitantes na noite da Lua Alta e será bem-vindo, desarmado, sozinho ou com pessoas de sua família imediata. Poderá falar com Keitha a sós ou em nossa presença, conforme ela desejar. Mas a esta hora ou neste dia nenhum homem pode entrar aqui se não tiver um negócio a tratar, que certamente não é o seu caso. Solicito agora que saia daqui com seus homens e não crie um tumulto em nossa porta.

— Pois saiba que Vou entrar e pegar minha esposa!

Shann sacou a espada e começou a subir os degraus. Camilla e Magda, empunhando as facas compridas, adiantaram-se no mesmo instante e bloquearam a passagem.

— Pensa que não sou adversário para uma dupla de mulheres?

Ele movimentou a espada, mas Camilla, com a agilidade de uma serpente dando o bote, aparou o golpe e arrancou a lâmina de sua mão. Shann perdeu o equilíbrio na escada e tropeçou, quase caindo. Gritou para seus homens:

— Agora! Vamos entrar!

Magda preparou-se para o ataque. A claridade branca da neve na rua, os dois homens enormes avançando lentamente, Camilla a seu lado, as cicatrizes de faca em seu rosto pálido e contraído. Para Magda, os poucos segundos que os homens levaram para subirem os degraus pareceram uma eternidade.

E depois os homens estavam em cima delas e Magda sentiu-se empurrada para trás, sob o impacto do aço; o homem puxou a

espada de lado, tornou a golpear no instante seguinte, Magda sentiu uma linha de fogo cortar sua perna.

Não doeu, ainda não, mas enquanto ela bloqueava o golpe seguinte — tudo o que aprendera durante o treinamento na Escola de Informações, anos antes, voltava rapidamente — o que mais sentia era choque.

Recebe esse tipo de treinamento, é rotina, mas não imagina que terá de usá-lo para valer. Descobre que pode fazê-lo, seus pensamentos disparavam, mas não acredita nisso, não enquanto está fazendo, nem mesmo quando começa a sangrar. Sua mente ficou para trás, mas o corpo lutava, repelindo os homens, obrigando-os a descerem os degraus. Um deles escorregou na neve e Magda sentiu a espada penetrar sob o esterno antes de compreender plenamente o que acontecia, sentiu o corpo deslizar para fora da lâmina, levado por seu próprio peso morto. Tornou a levantar a faca para se defender contra o outro homem; não percebeu que Shann caíra, sangrando, sob a espada de Camilla; nem que Camilla dissera ao terceiro homem:

— Já chega?

Magda não ouviu; partiu para cima do terceiro homem, numa chuva de golpes, forçando-o para trás, pelos degraus abaixo. O próprio sangue parecia ressoar nos ouvidos de Magda e havia um nevoeiro vermelho diante de seus olhos. Uma voz interior parecia lhe gritar: Mate-os, mate todos! Toda a sua raiva contra os homens de Darkover que a haviam mantido afastada de seu trabalho e do mundo que desejava, o terror dos bandidos que a desarmaram e mostraram a fraqueza dela... era quase um frenesi sensual, deixando a espada se mover quase sem vontade própria, até que ouviu alguém gritar seu nome. Àquela altura, o som nada significava. Viu o homem à sua frente cambalear, cair de joelhos. E depois outra espada abaixou a sua; Magda virou-se para enfrentar o atacante e um instante antes de golpear reconheceu o rosto de Camilla; isso só a fez parar por um momento e depois a espada tornou a golpear, com uma violência que deixou sua mão dormente.

— Não, Margali! Não! Ele se rendeu! Não o viu levantar a espada em rendição?

A mão de Camilla segurou seu pulso, apertando com tanta força que paralisou os dedos.

Magda recuperou o controle, tremendo; olhou consternada para o homem que matara e Shann caído ao seu lado, sangrando e gemendo, ao pé da escada. O terceiro homem recuara e olhava atordoado para um ferimento no antebraço, do qual o sangue corria. Camilla acrescentou, furiosa:

— Você desgraçou sua faca!

Ela empurrou Magda pelos degraus com toda força e desceu ao encontro do homem ferido.

— Peço humildemente seu perdão, senhor. Ela é nova na luta e inexperiente; não viu seu gesto de rendição.

— Pensei que vocês iam matar a todos nós, com ou sem rendição! E essa briga não é minha, mestra!

— Há trinta anos que venho vendendo honradamente os serviços de minha lâmina, camarada — disse Camilla. — Minha companheira é jovem. Pode estar certo que cuidaremos para que ela nunca mais desgrace sua lâmina. Mas você não é um homem jurado de Shann? O mercenário fez uma careta.

— Um homem jurado daquele? Pelos infernos de Zandru, claro que não! Sou espadachim pago, não mais do que isso. E não estou interessado em perder a vida por alguém como ele.

— Deixe-me ver seu ferimento. E saiba que receberá uma indenização. Não temos nada contra você.

— E eu nada tenho contra vocês, não há uma luta de sangue, mestra. Aqui entre nós, eu diria que se a esposa o abandonou é porque ele deu quatro vezes mais motivo do que o necessário. Mas minha espada está para alugar e por isso lutei enquanto ele lutou. Mas aquele homem não é parente ou camarada jurado.

Meio sem jeito, com a mão ilesa, ele enfiou a espada na bainha e apontou para Shann.

— Irei até sua casa e chamarei os servos para levá-lo. Ele nada representa para mim, mas quando luto ao lado de um homem não o deixo sangrar até a morte na rua.

— Ele olhou pesaroso para o homem que Magda matara. — Mas aquele era meu companheiro; faria agora, no Solstício do Verão,

doze anos que alugávamos nossas espadas juntos.

Camilla disse solenemente:

— Quem lamenta o sangue perdido para uma lâmina deve ganhar a vida por trás do arado.

O homem suspirou, fez o sinal de oração cristoforo.

— Ele entregou seus fardos ao Portador dos Erros do Mundo. Paz para ele, mestra. — O homem olhou para seu braço ferido. — Mas não é fácil derramar sangue depois da rendição.

Mãe Lauria desceu os degraus.

— Terá qualquer indenização que um juiz indicar como justa. Camilla, leve-o para a Sala dos Estranhos e cuide do ferimento.

Camilla virou-se para Magda com uma expressão furiosa e disse, com um desdém brutal:

— Entre logo, antes que nos desgrace ainda mais!

Perplexa, sentindo-se traída, Magda conseguiu cambalear para o interior da casa. O ferimento na coxa, que mal sentira na ocasião, começava a latejar, como se cauterizado por fogo.

Ela lutara pela casa. Fizera o melhor possível... Será que o homem se rendera realmente antes de ser atingido?

Nas montanhas eu me desgracei porque tive medo de lutar e agora desgraço a Casa da Guilda por lutar... Ela sentiu que os soluços a sufocavam e fez um esforço para reprimi-los; se se permitisse chorar agora, seria um choro histérico e não poderia mais parar.

— Breda...

A voz era suave, transtornada, Magda virou-se para deparar com o rosto pálido de Keitha, manchado de lágrimas.

— Ah, como ela é cruel! Você lutou por nós, também está ferida... e ela se importa mais com o ferimento do mercenário do que com o seu! E derramou seu sangue por nós! Deixe-me pelo menos cuidar de seu ferimento!

Magda apoiou-se na outra, enquanto subiam a escada. Keitha continuou a falar, indignada:

— Testemunhei tudo... Como Camilla pode ser tão injusta? O homem havia se rendido... e daí? Eu gostaria que você tivesse matado todos eles...

A perna de Magda doía tanto agora que ela sentia-se tonta. O sangue pingava no chão. Keitha conduziu-a para o banheiro no andar, sentou-a no banquinho de madeira para o banho e gentilmente tirou o culote rasgado. O talho era profundo, o sangue ainda brotava. Magda segurou-se no banco, com um medo repentino de cair, enquanto Keitha lavava o ferimento com água gelada. Mãe Lauria subiu lentamente a escada e entrou no banheiro. Olhou friamente para as duas mulheres.

— O ferimento é grave, Margali? Magda cerrou os dentes.

— Não sei o suficiente sobre ferimento para dizer se é grave. Mas dói.

Lauria adiantou-se e examinou o talho.

— É um ferimento limpo e vai sarar; mas é doloroso. Recebeu-o de um homem rendido lutando por sua vida?

— Não. Foi o primeiro homem, o que matei, e eu lutava por minha vida, pois suponho que ele não hesitaria em me matar.

— Já é alguma coisa — murmurou Mãe Lauria.

— Como podem culpá-la pelo que ela fez? — protestou Keitha. Ela lutou para nos defender, está ferida e sangrando, mas deixou que Camilla a atormentasse e dissesse coisas terríveis, depois sobe para atormentá-la ainda mais, antes que seu ferimento esteja sequer enfaixado.

O rosto da Mãe da Guilda era severo.

— Matar um homem que se rendeu é assassinato. Se Camilla não desviasse sua mão, ela poderia matar um homem indefeso e atrair uma luta de sangue contra nós. Tivemos sorte por se tratar apenas de um mercenário alugado; se fosse um dos homens jurados de MacShann, eles ficariam na obrigação de vingá-lo! A Casa de Thendara teria de responder a um desafio depois de outro e isso poderia nos destruir! Felizmente o ferimento do homem não é incapacitante e Camilla já foi uma mercenária de aluguel, conhece seus códigos de honra. Está cuidando do ferimento na Sala dos Estranhos e espera que ele aceite uma indenização em dinheiro pelo ferimento infligido de maneira tão vergonhosa.

Magda baixou a cabeça, aceitando a culpa. Era verdade, perdera o controle, assumia a responsabilidade pelo que fizera.

Recordou Cholayna Ares, na Escola de Informações, advertindo a todos: Nunca percam o controle, nunca percam o sangue-frio; nunca matem, a menos que desejem matar. A fim de manter o medo à distância, ela se apegara à raiva, e isso a desgraçara. Continuou sentada, a tremer, sentindo que a ira de Mãe Lauria era algo concreto, uma espécie de clarão vermelho a envolvê-la. E depois se perguntou se não estaria enlouquecendo.

Lauria virou-se para Keitha, com um desdém irritado.

— E você, que nem mesmo perguntou se seu marido está vivo ou morto! Devemos nos tornar assassinas para satisfazer seus ressentimentos?

Keitha respondeu com uma fúria intensa:

— Não me importo sinceramente se ele está vivo ou morto! Devo retribuir o mal com o bem, como uma cristoforol Renunciei a ele para sempre!

— Não é verdade — insistiu Mãe Lauria. — Se tivesse mesmo renunciado a ele, não teria medo de saber se o homem viveu ou morreu, poderia cuidar sem ódio dos -ferimentos de um inimigo caído.

— Ela não sofreu nas mãos dele — protestou Keitha.

— O que você sabe do que Camilla sofreu nas mãos dos homens? — indagou Mãe Lauria.

Magda recordou o que Camilla lhe contara... fora mesmo naquela manhã? Parecia há muito tempo. Mãe Lauria suspirou.

— O ferimento de Margali continua a sangrar; por sorte, Marisela ainda se encontra na casa, embora não me agrade despertá-la agora, depois que ela passou a noite inteira acordada. Margali, você compreendeu o que fez?

Magda ainda lutava contra o impulso para o choro histórico.

— Eu não sabia... não vi que ele havia se rendido...

— Quando empunha uma espada, tem a obrigação de saber — declarou Mãe Lauria, implacável. — Não há desculpa neste mundo ou no outro para golpear um homem rendido. Diga quem é sua mãe-de-juramento! A ordem tinha a força de um ritual; Mãe Lauria sabia muito bem qual era a resposta.

— Jaelle n'ha Melora.

— Desgraçou a ela também. Assim que estiver recuperada, ela cuidará de você.

Mãe Lauria saiu e Magda permaneceu sentada no banco, chorando. A perna doía muito, mas mal sentia, em sua aflição.

— Ora, ora, o que temos aqui? — perguntou Marisela, jovialmente, ao entrar.

Magda levantou os olhos, assustada; Marisela também pensaria que era seu dever censurá-la e condená-la? Merecia isso, o que quer que pudessem dizer ou deixar de dizer. E o pior de tudo é que a responsabilidade seria atribuída a Jaelle! Marisela limitou-se no entanto a ajoelhar e examinar o ferimento, com mãos suaves e experientes.

— É profundo, mas ficará bom; o músculo não foi muito afetado. Mas terei de costurar. Pode me ajudar a levá-la para o quarto, Keitha? Será mais fácil fazer tudo lá e temo que depois ela não terá condições de andar, a pobre coelhinha.

Ela afagou o rosto de Magda e acrescentou:

— É uma coisa horrível para acontecer logo na primeira vez em que empunha a espada em nossa defesa. Ajude-a a ir para o quarto, Keitha, enquanto Vou buscar minhas coisas.

Foi um pesadelo de dor e esforço, mas finalmente Keitha levou-a para o quarto e ajeitou-a na cama. Magda experimentou uma pontada de medo em meio à dor quando Marisela entrou... Na Zona Terráquea, ela sabia, um ferimento tão profundo seria costurado sob anestesia! Marisela despejou por cima alguma coisa gelada, que deixou a região um pouco dormente, depois deu vários pontos, bem depressa e com a maior habilidade. Aquela altura, Magda estava tão debilitada que não podia mais ser corajosa, por isso tornou a se desgraçar, ela sentiu, ao chorar como uma criança. Keitha abraçou-a e confortou-a e Marisela levou a seus lábios alguma espécie de cordial, que deixou sua cabeça flutuando. Depois, Marisela beijou-a na testa e disse:

— Desculpe ter feito com que sentisse dor, brenda.

Ela saiu. Keitha sentou ao lado de Magda, segurando sua mão.

— Não me importa o que elas digam! Para mim não é desgraça nenhuma! Não deveriam atormentá-la assim!

Mas agora que acabara e a histeria se desvanecia, Magda compreendia o que Camilla dissera. Ela desgraçara seu aço.

Não sou capaz de fazer nada direito, pensou Magda. Fui um fracasso na Zona Terráquea, um fracasso como esposa... nem mesmo pude dar a Peter o filho que ele desejava... e agora fracassei aqui também, desgracei Jaelle, desgracei Camilla que me ensinou... fracassei aqui também.

Keitha abraçou-a, sussurrando:

— Não chore, Margali.

Ela virou a cabeça de Magda entre suas mãos e beijou-a; e para sua consternação e horror, Magda não sentiu qualquer impulso de repelir aquele beijo. Em vez disso, sua percepção era estranha, intensa, assustadoramente sexual. Sentiu que retribuía ao beijo, puxando Keitha para mais perto, embora soubesse, naquela súbita e profunda percepção, que não era essa a intenção de Keitha, que ela só pretendia confortá-la, era um beijo que daria em sua própria criança, que Keitha ficaria horrorizada se tivesse alguma idéia da maneira como Margali interpretara seu gesto. Magda podia sentir a compaixão e bondade de Keitha como um fluxo agradável de cores suaves a envolvê-la, assim como sentira a ira de Mãe Lauria, um halo vermelho cercando-a e parecendo prestes a golpear...

O que havia, afinal, naquela coisa que Marisela me deu para tomar? Estou bêbada, drogada, enlouquecendo... Fora por isso que fracassara com Peter, fora o que Camilla percebera nela na outra noite, era o que realmente desejava quando baixava as defesas? Peter estava certo quando a acusara de sentir alguma paixão por Jaelle e ficar com ciúme dele?

Mas ela sentia-se exausta demais para ter medo. Deixou-se flutuar, recordando o momento em Ardais em que estivera dentro da matriz. A cama flutuava, era como estar no espaço, turbilhões de luz girando dentro de seus olhos, cada vez mais depressa. Por um momento voltou a Ardais, com Dama Rohana fitando-a, perturbada, e dizendo:

Se tiver problemas com seu laran, deve prometer que me dirá imediatamente. Mas como poderia, pensou Magda, quando Rohana estava lá e ela aqui? Parecia que Keitha a chamava de muito longe,

mas ela refletiu: Keitha é minha amiga, não quero transtorná-la ou assustá-la como fiquei assustada com Camilla naquela noite; por isso, ela se escondeu e não respondeu. E depois havia outro rosto na escuridão, o rosto de uma linda mulher, cercada por uma nuvem pálida, de cabelos dourados-avermelhados, todo azul, como se visse através da cor de um fogo azulado. Finalmente mais um rosto surgiu, redondo, sereno, pragmático, um rosto de mulher, sob cabelos grisalhos curtos, uma amazona, dizendo suavemente: Devemos fazer alguma coisa por ela. Pertence a nós e ainda não sabe.

— Uma Terranan? Ela não é a primeira nem será a última a reivindicar uma herança num mundo desconhecido.

E depois o mundo desapareceu e não voltou.

Parte II
Divisão

Capítulo Um

Estava nevando. O mundo fora da torre alta do QG, além das janelas do gabinete de Cholayna Ares, perdia-se num turbilhão branco. Jaelle, olhando para o lado de fora, desejou estar lá, na neve, não ali, na claridade amarela, onde jamais penetrava qualquer indicação do tempo natural.

Peter percebeu que ela contemplava ansiosa a tempestade e apertou sua mão. Desde a noite da recepção de Alessandra Li que ele se mostrava gentil, arrependido, terno com ela. Jaelle não fora capaz de persistir na ira e durante as últimas semanas ele tentara ser outra vez o homem que ela outrora amara em Sain Scarp, o homem a quem se ligara em Ardais. Peter tentara, conscientemente, apesar de sua criação terráquea, lembrar a independência da esposa, jamais encará-la como um fato consumado.

E Jaelle recomeçara a acalentar esperanças; talvez, quem sabe, talvez pudessem, embora perdido o que os atraía inicialmente, desenvolver algo mais forte e melhor do que antes. Aquele primeiro fulgor sexual, tão intenso, eu deveria ter imaginado, nunca poderia esperar que durasse para sempre. Mas agora que não sou mais uma atrasada adolescente, sob o domínio da primeira paixão, talvez Peter e eu possamos encontrar algo mais amadurecido, mais genuíno. E nem tudo foi culpa dele. Também fui egoísta e infantil.

— Eu também gostaria de estar lá fora, andando na neve — murmurou Peter, gentilmente.

Por um momento, a sintonia dos dois era tão grande que Jaelle especulou se ele não teria também um laran rudimentar; muitos terráqueos tinham, talvez a maioria.

Ao se tornarem mais íntimos, talvez se desenvolvesse e pudessem desfrutar o tipo de compreensão pela qual ela ansiava. Cholayna sorriu para ambos e disse, com uma insinuação de ironia:

— Se os dois pombinhos pudessem me conceder um momento... Peter largou a mão de Jaelle e ela viu a cor da inibição espalhar-se por seu rosto. Cholayna acrescentou:

— Ora, não precisam se desculpar. Eu bem que gostaria de dar a vocês uma licença de um ano para saírem em lua-de-mel, mas as condições infelizmente não permitem.

A esta altura Magda já teve tempo suficiente para decidir se há mulheres na Casa da Guilda de Thendera com capacidade para aprender a tecnologia médica. Talvez possamos usar também outras aqui, em ocupações diferentes. Qual é a possibilidade de que ela possa vir até aqui para discutir o problema, Jaelle?

— Absolutamente nenhuma. Eu já lhe disse: ela deve permanecer na casa durante meio ano, para treinamento. Não pode deixar a casa nesse período, a não ser por ordem expressa de uma Mãe da Guilda.

Cholayna franziu o rosto.

— Soube que você era sua superiora. Não pode procurá-la e dar essa ordem?

— É possível — respondeu Jaelle, lentamente, — mas eu não faria isso com ela. Só serviria para apartá-la das outras e ela poderia nunca se recuperar, se quer mesmo ser uma delas.

— Acho que você está sendo escrupulosa demais — protestou Peter. — A decisão de usar as Amazonas Livres, desculpe, as Renunciantes, no serviço terráqueo é muito importante para os dois mundos e deve ser consumada tão depressa quanto for humanamente possível, antes que se perca o ímpeto.

— Seja como for, não queremos perturbar a cobertura de Magda comentou Cholayna. — Se ela está se integrando, não quero distingui-la das outras por qualquer forma.

Jaelle, você poderia ir até lá e conversar com ela em particular?

Jaelle foi dominada subitamente por uma profunda saudade. Visitar a Casa da Guilda, confraternizar outra vez com suas irmãs!

— Teria o maior prazer, e posso também conversar a respeito com Mãe Lauria.

— A única coisa errada nessa proposta — interveio Peter, irônico — é que não posso acompanhá-la, não é mesmo?

— Não à Casa da Guilda.

Mas Jaelle sorriu, pensando que um dia, não demoraria tanto, certamente andariam pela neve juntos, através da cidade que ela

tanto amava. Peter também a amava, passara anos vivendo como um darkovano em seu mundo. Por que ela começara a pensar nele como um terráqueo, um alienígena? Devia de alguma forma ajudá-lo, assim como a si mesma, a recuperar o Peter darkovano que ela amara.

— Eu gostaria de falar um pouco sobre o tipo de mulher que precisamos aqui — continuou Cholayna. — Acima de tudo, elas devem ser flexíveis, capazes de aprenderem novas maneiras de pensar e agir, capazes de se ajustarem a condições estranhas. Na verdade... — Ela sorriu para Jaelle e foi como o contato quente de sua mão.

— ... como você, Jaelle, mulheres capazes de sobreviverem ao choque cultural.

— Mas não há mais nenhuma como Jaelle — disse Peter. — Depois que a fizeram, quebraram o molde.

— Não creio que eu seja tão diferente assim — ela protestou, sorrindo.

Mas sua mente já analisava as mulheres que conhecia na Casa da Guilda. Poderia haver também outras que não conhecia, adequadas ao treinamento entre os terráqueos.

Rafaella nunca serviria como uma técnica médica, mas poderia ser útil como guia nas montanhas; sem dúvida seria valiosa para os terráqueos por seus conhecimentos de viagem nas colinas e nas Hellers. Marisela... Jaelle franziu o rosto por um momento, pensando na habilidade e flexibilidade da parteira, que lhe permitiam trabalhar na cidade com mulheres que desprezavam as Amazonas Livres. Marisela, com certeza, seria beneficiada por aquele tipo de treinamento, mas será que poderia dispensá-la da Casa da Guilda? Ela deu de ombros, decidindo que conversaria a respeito com Mãe Lauria e levantando os olhos para deparar com o sorriso de Cholayna.

— Onde você estava? — ela perguntou. Jaelle riu e se desculpou.

— Pensando nas mulheres da Casa da Guilda. Cholayna também riu e dispensou-a.

— Pois vá conversar com suas Mães da Guilda. Algum dia, talvez... seria possível eu visitar uma Casa da Guilda?

— Não sei porque não — respondeu Jaelle, reagindo à cordialidade espontânea da outra. — Tenho a impressão de que Mãe Lauria gostaria muito de você. E seria ótimo se pudesse conhecer minha mãe-de-juramento, Kindra.

Enquanto descia, Jaelle refletiu que elas eram muito parecidas, sob vários aspectos. Embora Cholayna fosse parte de um mundo em que ninguém criava dificuldades para que aprendesse e crescesse e tivesse adquirido sua força não pela revolta e renúncia, como uma amazona era obrigada a fazer, mas apenas através da opção por aquele trabalho...

E de repente Jaelle ficou chocada consigo mesma. Estava criticando seu próprio mundo, em favor dos Terranan? Tão pouco tempo já a corrompera a esse ponto?

Corrompera? Então é corrupção amar Peter ou apreciar seu mundo? Ela bateu a porta do alojamento e tirou o uniforme com as mãos trêmulas. Estava mesmo na hora de visitar seu lar!

Jaelle vestiu a túnica inferior bordada, o calção grosso, o culote e a túnica superior, sentou para amarrar as botas. Praguejando, passou a mão pelos cabelos compridos.

Tinha tempo, mais do que suficiente, para cortá-lo. Não, de jeito nenhum, por que deveria fazer isso? Vivia como companheira livre de Peter... o que os termos do Juramento permitiam, ela lembrou a si mesma, com severidade. Mas o pensamento persistiu: o que diria Rafaella ou mesmo Camilla quando ela aparecesse na Casa da Guilda com os cabelos compridos, em vez do corte característico da Renunciante, que proclamava sua independência de qualquer homem? Ora, que se danasse todo mundo! Jaelle pegou uma tesoura, contemplou-se no espelho, pensativa, recordando as mãos de Peter a acariciarem seus cabelos. Chegou a levantar a tesoura para os cabelos na altura do pescoço, mas tornou a praguejar, furiosa, e largou-a. Eram seus cabelos, sua própria vida, também era seu privilégio se queria agradar a seu amado companheiro livre.

Contudo, a ponta de sentimento de culpa permaneceu.

Se nevava lá fora, precisava de cremes para proteger o rosto contra o vento e o frio. Vasculhou a gaveta, avaliando os cosméticos terráqueos, suaves e perfumados; o perfume era um pouco mais forte, a textura um pouco mais suave do que os produtos que poderia comprar no mercado ou que algumas mulheres costumavam fabricar na Casa da Guilda, quando os recursos se tornavam temporariamente escassos. Enquanto passava o creme no rosto, encontrou o pequeno artefato de calcular que usava para verificar os ciclos de suas mulheres pelo movimento das luas; as contas tinham as cores das quatro luas, violeta, azulpavão, verde-claro e branco. Deslocou uma conta violeta, pois notara que o disco de Liriel estava cheio... e parou no mesmo instante, olhando atordoada para as contas. Deveria ter deslocado uma conta vermelha para seu ciclo pelo menos há dez dias. Ficara tão transtornada pela terrível briga com Peter e a angústia subsequente, depois disso pelo extenuante trabalho com Cholayna e Aleki, que se limitara a puxar as contas mecanicamente, todos os dias, sem perceber.

Era apenas a interrupção dos ciclos, que poderia acontecer, como ela fora avisada, por viver sob a luz amarela artificial? Ou seria possível que tivesse engravidado?

Na reunião que se seguira à desavença, Peter conseguira finalmente deixá-la grávida?

Ela não pôde evitar um instante de profundo prazer ao pensamento, logo sucedido pela dúvida e temor. Queria mesmo aquilo? Queria ficar à mercê de algum pequeno parasita dentro de seu corpo, doença, deformação, a terrível provação do parto, que matara sua mãe? Por um segundo, sua mente reviveu o terror de um pesadelo... vermelho derramando na terra ressequida de um poço, sol nascente e sangue... e uma intensa pontada de dor nas mãos revelou que sem saber cerrara os punhos com tanta força que as unhas cravaram-se nas palmas. Era um absurdo o que ela estava pensando, aquela mistura de antigos pesadelos?

Peter ficaria na maior satisfação quando eu lhe contasse! Ela imaginou a alegria que se espalharia pelo rosto de Peter, a ternura e orgulho que iluminariam seus olhos.

Orgulho As palavras do juramento reverberaram em sua mente: Gerar uma criança apenas no momento que eu escolher; não gerar nenhuma criança pela herança ou posição de um homem... Ora, isso não fazia sentido, ela disse a si mesma, Peter não era do Comyn, embora parecesse muito com Kyril, não tinha o orgulho particular pela herança que era parte muito importante da vida do Comyn. O pensamento insidioso permaneceu: Rohana também ficará satisfeita, por eu ter decidido gerar uma criança para o Domínio de Aillard. Ela tratou de reprimir esse pensamento também. Não por Aillard. Não por Peter. Por mim mesma, porque amamos um ao outro e essa é a confirmação mais sólida de nosso amor! Por mim mesma!

Mas ela fechou a gaveta em que se encontravam as contas, quase com um sentimento de culpa, ao ouvir os passos de Peter.

— Jaelle? Pensei que ia para a Casa da Guilda, querida...

— Já estou de saída.

Ela fez um esforço para não olhar para a gaveta com uma expressão de culpa. Se ele fosse telepata, como Kyril, saberia sem ser informado, sem sequer ver as contas.

Explicara como o dispositivo operava, mas Peter não prestara muita atenção, embora admitisse que os vira à venda no mercado e pensara se tratar de uma espécie de ábaco. Mostrara a ela como um ábaco funcionava, dizendo que era a mais antiga variedade terráquea de calculadora.

— Não pode sair com essa nevasca, Jaelle.

— Você está há tempo demais na Zona Terráquea se chama esse pouquinho de neve de uma nevasca — ela respondeu jovialmente.

Queria sair logo para o frio revigorante, não continuar ali, no debilitante calor artificial dos prédios do QG.

— Deixe-me ir com você — ele disse, pegando as botas e o casaco. Jaelle hesitou.

— Em trajes de amazona, querido, não devo andar pelas ruas da cidade com você. Também o exporia a comentários e boatos... — Ao olhar desconcertado de Peter, ela acrescentou: — Ainda está de uniforme.

— Isso não é problema. Posso trocá-lo. Mas Jaelle sacudiu a cabeça.

— Prefiro que não. Não se incomoda, não é mesmo, Peter? Gostaria de ficar sozinha agora. Se eu for para a Casa da Guilda na companhia de um terráqueo, ou de qualquer homem, haverá comentários, que tornarão minha missão mais difícil.

Ele suspirou.

— Como quiser.

Peter abraçou-a e beijou. O beijo se prolongou, insinuante.

— Não seria melhor continuar aqui, onde está quente e aconchegante?

A proposta era tentadora. Ela assumira a maneira terráquea de fazer amor pelo relógio, sem espaço para a espontaneidade emocional? Mas, com firmeza, Jaelle desvencilhara-se dos braços de Peter.

— Estou trabalhando, querido, tenho de partir agora. Como você tanto gosta de me lembrar sobre Montray, Cholayna é minha chefe.

Peter largou-a quase que depressa demais.

— Voltará antes do anoitecer?

— Posso passar a noite na Casa da Guilda. Não é o tipo de missão que eu possa concluir em uma hora.

Ela riu da expressão desolada dele.

— Peter, amor, não é o fim do mundo dormirmos separados por uma única noite!

— Tem razão, mas Vou sentir saudade. Jaelle ficou comovida.

— Também sentirei saudade — ela sussurrou em seu pescoço, abraçando-o, — mas haverá ocasiões em que você terá um trabalho no campo e serei obrigada a ficar sozinha.

É melhor nos acostumarmos desde já.

Mas a expressão magoada nos olhos de Peter acompanhou-a enquanto ela desceu a escada, saiu para o frio da base, passou pelos guardas da força espacial que separavam o QG da Cidade Comercial. Sentindo o frio agradável da neve nas faces, Jaelle desejou ter atenuado a separação com a boa notícia.

Mas haveria depois tempo suficiente para isso.

Seria melhor, pensou Magda, se alguém a xingasse. Qualquer coisa seria melhor do que aquele silêncio reprovador interminável, aquela cortesia meticulosa.

— Está pronta, Margali? — indagou Rafaella. — Quer trabalhar com Doria e Keitha? Acho que elas precisam de mais prática de queda.

Magda balançou a cabeça. A sala grande chamada de Armaria estava cheia da luz branca da neve lá fora, pois as cortinas haviam sido abertas para deixar entrar o máximo de claridade. Havia esteiras desenroladas no chão e uma dúzia de mulheres realizavam os exercícios iniciais de alongamento e flexão, em preparativos para a aula de combate desarmado que Rafaella estava prestes a dar início.

Magda lembrou-se de seu terceiro dia na casa, quando tivera a primeira aula com Rafaella. Depois de se empenhar em tarefas desconhecidas, cozinhar pão, tentar aprender a ordenhar animais e labutar com as pesadas vassouras e pás do estábulo, fora um enorme alívio deparar com alguma coisa que sabia fazer. Fora amplamente treinada em combate desarmado na Escola de Informações em Alfa e sentia-se ansiosa para mostrar a Rafaella que não era uma idiota rematada.

Estava disposta — naquela ocasião — a gostar de Rafaella, sabendo que a mulher morena e esguia era a parceira de Jaelle na constante atividade de aconselhamento de viagem. Além disso, em sua primeira noite na casa, ouvira Rafaella cantar com a harpa. A mãe de Magda fora uma música extraordinária, a primeira terráquea a transcrever muitas das baladas populares darkovanas e a registrar as ligações históricas entre a música darkovana e a terráquea. Magda não era uma música possuía uma boa noção de ritmo, mas não tinha voz para cantar — mas admirava o talento nas outras pessoas. E sentia-se propensa não apenas a gostar de Rafaella, mas também a admirá-la.

Mas Rafaella se mantivera desde o início persistentemente hostil. Naquela primeira aula, quando ficara evidente que Rafaella esperava que ela fosse tão completamente estúpida e desajeitada quanto Keitha, criada para ser dona-de-casa, Magda recorrera a

todos os seus conhecimentos do judô terráqueo e do vaidokan alfano. Depois de derrubar Rafaella de costas duas vezes, a mulher mais velha interrompera a aula e a fitara com o rosto franzido.

— Pelos infernos de Zandru, onde aprendeu tudo isso?

Magda percebera tarde demais o que fizera. Aprendera num planeta a meia galáxia de distância, com uma terráquea-arcturiana, que treinara tanto a ela quanto a Peter em autodefesa; mas tinha o compromisso de honra assumido com Mãe Lauria de não revelar coisa alguma.

— Aprendi... quando era muito jovem — ela respondera. — E muito longe daqui.

— Lembro que nasceu nas Hellers, perto de Caer Donn — comentara Rafaella. — Mas seu pai permitiu que aprendesse isso?

— Ele estava morto na ocasião — explicara Magda, falando a verdade. — Não havia mais ninguém que tivesse o direito de protestar.

Rafaella a fitara com uma expressão cética.

— Não posso imaginar qualquer homem que não um marido ensinando essas coisas a uma mulher.

Magda tornara a dizer a verdade:

— Meu companheiro livre não teve objeções.

Sem ter a intenção, Magda recordara uma ocasião no início do casamento — antes da crescente competitividade que o destruía — em que ela e Peter trabalharam juntos nas técnicas de combate desarmado. Rafaella amarrara a cara.

— Uma coisa é certa: não posso lhe ensinar mais nada. Em vez disso, você tem muito para ensinar a todas nós. Espero que me ajude e às outras a aprender alguns desses golpes. Suponho que é uma técnica conhecida nas montanhas.

E assim Magda tornara-se uma segunda mestra nas aulas de combate desarmado. Não era tão fácil quanto pensara; aprendera as técnicas para usá-las, não para ensiná-las, passara tempo considerável a trabalhar sozinha, tentando definir como fazia as coisas. Mas proporcionara-lhe um amor-próprio muito necessário e conseguira até, pelo menos um pouco, desarmar a hostilidade de Rafaella. Até o dia em que lutara pela casa e desgraçara a todas.

Camilla dera um jeito de dissipar a ira do homem e escaparam a uma luta de sangue, mas tiveram de pagar uma vultosa indenização em dinheiro, que a casa mal tinha condições. Magda fora mantida na cama por quase dez dias depois do ferimento e acabara de receber permissão para levantar.

— Pode trabalhar assim? — perguntou Rafaella. — Não vai querer abrir o ferimento e recomeçar a sangrar.

— Marisela disse que eu deveria me exercitar com todo cuidado ou ficaria com a perna emperrada.

Rafaella deu de ombros e virou as costas.

— Você sabe melhor do que eu o que deve fazer.

Ela foi para o canto em que tentava induzir Keitha — sem muito sucesso — a relaxar e cair absolutamente inerte numa das esteiras.

Byrna, usando uma calça velha grande demais, enrolada duas vezes na cintura, tocou no ombro de Magda.

— Não fique aborrecida, pois Rafi é assim mesmo. Está irritada pois vem ensinando combate desarmado aqui na Casa durante os últimos doze anos e de repente você aparece, uma novata, revela-se melhor. Não percebe que ela está com inveja?

Magda não tinha certeza, mas disse firmemente:

— Vamos começar?

As duas iniciaram os exercícios de alongamento, parecendo um balé, que precediam o treino. Magda sentiu a perna doer e parou, levantou a calça para examinar o ferimento.

A casca mantinha-se firme; ela sabia que a dor era apenas de esticar os músculos que perderam o vigor enquanto permanecera na cama.

— Também estou assim — balbuciou Byrna, gemendo. — Marisela me advertiu a fazer exercício durante todo o tempo em que estive grávida, mas fui muito preguiçosa e agora todos os músculos protestam!

Ela estremeceu quando o braço esbarrou nos seios cheios e acrescentou:

— E terei de subir dentro de meia hora para amamentar o pequeno! Mas acho que devo fazer um pouco de exercício, para

começar a recuperar a forma.

— Venha até aqui e trabalhe comigo, Byrna — disse Rafaella. — Tive a experiência de me exercitar enquanto amamentava um bebê faminto e posso mostrar como recuperar os músculos rapidamente. E você, Margali — ela acrescentou, formalmente, — pode me fazer o favor de trabalhar um pouco com Keitha?

Magda pensou: assim que começo a falar com alguém que me trata realmente como amiga — pois desde a noite em que nascera a criança de Byrna que passara a conhecer melhor e a gostar muito da outra mulher — Rafaella trata de chamá-la e fico sozinha outra vez. Keitha aproximou-se obediente, um tanto rígida, e Magda disse:

— Tente fazer com que todo o seu corpo fique mole e inerte, Keitha. Até parar de sentir medo de se machucar, estará sempre tensa e por isso vai se machucar.

Keitha, ela pensou, severa, mantinha-se dura como uma vassoura de estábulo; quando Magda instou-a a cair, ela se contraiu e jogou-se no chão, estendendo um braço para amortecer a queda.

— Não, não! — protestou Magda. — Tente rolar ao cair. Inerte... assim.

Ela fez uma demonstração, caindo inerte e ilesa na esteira. Keitha tentou bravamente imitar Magda, mas não pôde reprimir um grito de dor.

— Ui!

Ela esfregou o ombro e o quadril doloridos. Magda sentiu-se tentada a perder a paciência com ela, mas limitou-se a dizer:

— Observe como Doria faz. — Ela levantou os olhos quando algumas das outras mulheres se aproximaram e perguntou: — Querem trabalhar conosco?

As outras responderam, com absoluta polidez:

— Não, obrigada.

E foram para a outra extremidade da sala, ignorando-as deliberadamente.

Keitha é amigável, assim como Byrna e Doria; para as outras, no entanto, eu não existo, pensou Magda, dando de ombros e virando-se para Doria. A única coisa que não desejara, em momento

nenhum, fora entrar em competição direta com Rafaella, mas parecia que conseguira isso também.

— Keitha, não Vou deixá-la se machucar — ela disse, tentando encorajar a mulher a relaxar. — Observe bem, é assim...

Ela tornou a relaxar e caiu com a maior facilidade. Depois de mais duas ou três tentativas, Keitha, embora ainda tensa, perdera um pouco da rigidez apavorada que fazia com que cada queda fosse uma dolorosa provação. Mas também não era fácil superar uma vida inteira de movimentos decorosos como uma dama.

Byma e Doria praticavam golpes juntas; Doria tropeçou e caiu sem jeito. Enquanto ela se levantava, Magda, observando, compreendeu uma coisa que ainda não notara sequer em si mesma, mas percebeu agora em Doria.

— Não é tanto uma questão de movimento, mas de respiração. Tente visualizar o centro de seu corpo aqui e tente respirar desse ponto. — Ela apontou para o centro de seu abdômen. — Este ponto, o centro de gravidade, na verdade não se mexe, o corpo é que se desloca ao redor. É por isso que os métodos de autodefesa projetados para os homens não são apropriados às mulheres; o centro de gravidade de uma mulher é mais baixo, por causa da estrutura óssea diferente do homem.

— Mas algumas mulheres possuem quase a mesma constituição dos homens — protestou Doria. — Rafi... ela é tão alta e magra. ..

Ela olhou para sua mãe-adotiva, que parará de trabalhar e prestava atenção. Magda sentiu-se inibida, enquanto acrescentava:

— Não é exatamente uma questão de homem ou mulher, mas de estrutura óssea diferente; cada pessoa deve aprender com precisão onde se situa o ponto de equilíbrio particular de seu corpo e aprender a se movimentar ao redor. Parte disso pode ser efetuado através do que chamamos de centralização, no...

Magda parou de falar abruptamente e engoliu em seco; quase usara a palavra do terráqueo antigo, dojô, ainda usada na Colônia Alfa, para designar uma escola de artes marciais. E se apressou em corrigir:

— ... no lugar em que estudei. Pode-se aprender essa centralização através da respiração e meditação. Pode-se aprender também através do exercício físico, movimentando-se o corpo em torno desse ponto físico absoluto, onde quer que esteja localizado. Sou mais alta e mais corpulenta do que você; o meu é diferente do seu, assim como também são diferentes os de Rafaella ou Camilla...

Ela correu os olhos pela sala, a fim de verificar se a velha emmasca estava presente. Estava, mas ocupada em arrumar a pega no punho de uma faca, aparentemente sem prestar atenção à lição. Rafaella, porém, parará de trabalhar com seu grupo e se aproximara para escutar.

Magda sentiu-se outra vez inibida ao concluir, procurando pelas palavras certas, pois não era fácil encontrar equivalentes para o estilo terráqueo de artes marciais e traduzi-los para o darkovano; teve de usar a linguagem de dança darkovana, pois não havia outra.

— É uma espécie de equilíbrio; encontra-se um lugar em que seu centro seja imóvel e o corpo se movimenta ao redor, equilibrando-se sobre esse ponto.

— Ela tem razão — disse Camilla, levantando a cabeça. — Tive de aprender isso por mim mesma, quando estudei esgrima entre os homens. Pode ser um dos motivos pelos quais sou melhor com uma espada do que muitos homens. Eles nada perceberam, pensando em mim como um homem. É verdade que sou muito alta e magra, mas meu centro é ainda mais baixo que o de um homem da minha altura. Tive de aprender a compensar isso e a constante prática para me igualar aos homens acabou me proporcionando mais habilidade do que a muitos deles.

Ela se adiantou e tocou no ombro de Doria.

— Você é muito magra e seus quadris ainda são estreitos... acho que não está plenamente desenvolvida; seu equilíbrio mudará à medida que crescer, mas depois de aprender a determinar seu centro saberá como reconhecer as mudanças.

Algumas mulheres se mexiam e balançavam curiosamente, tentando verificar se era verdade o que Magda dissera. Keitha comentou, desdenhosa:

— Parece aquela antiga teoria mística... que o centro do corpo de uma mulher é seu útero!

Rafaella soltou uma risada.

— Não há nada de místico nisso. É exatamente onde fica. — Keitha fez um gesto de repulsa e Rafaella acrescentou: — Pergunte a Byrna se seu equilíbrio não mudou quando ficou grávida.

— É verdade — confirmou Byrna. — E ainda não recuperei o antigo equilíbrio, depois de passar tanto tempo com a criança dentro de mim!

Rafaella disse diretamente a Keitha:

— Por que acha que uma criança é carregada justamente aí? Porque é o local em que o corpo está equilibrado e pode suportar melhor o peso de uma criança. — Ela avaliou

Keitha com um olhar experiente. — Eu diria que você carregava a criança muito baixo... estou certa?

Keitha respondeu taciturna:

— Está, sim. E daí?

— Esse é o seu problema nos movimentos — explicou Rafaella. — Tenta equilibrar o corpo da base das costas, como faz um homem, quando deveria deslocar seu peso para a frente... Tente assumir esta postura.

Ela ajustou atenciosamente a posição de Keitha com a mão e olhou para Magda com uma camaradagem momentânea.

— Você é alta e calculo que carrega uma criança bem alto. Estou certa?

— Não sei — respondeu Magda. — Nunca fiquei grávida.

— Não? Pois quando ficar tenho certeza de que perceberá a mudança de equilíbrio. Keitha, se você deslocar seu peso para a frente, repare a postura de Margali, vai se equilibrar com mais facilidade.

Ela se afastou e Magda disse:

— Doria, quer tentar comigo? Gostaria de mostrar a elas... Doria virou-se, assumindo a postura equilibrada para a prática. Rafaella adiantou-se e alterou rudemente sua posição.

— Não é assim, sua idiota! — ela disse. — Como você é inepta, Doria!

Magda respirou fundo e interveio, cautelosa:

— Rafaella, acho que Doria se sairia melhor se você não a vigiasse e corrigisse constantemente. Ela está indo muito bem.

— Ela é minha filha e não é suficiente que vá muito bem! — explodiu Rafaella. — Isso serve para as forasteiras... — Ela olhou desdenhosa para Keitha. — ...que nunca foram ensinadas a acreditarem em si mesmas e precisam aprender aqui o que cada menina deveria aprender antes dos dez anos! Mas Doria foi criada entre nós e não há desculpa para que ela se mostre tão estúpida e desajeitada!

Doria fazia outra vez um esforço para reprimir as lágrimas e Magda mordeu o lábio; Rafaella era tão ansiosa para que a moça se superasse que mantinha Doria constantemente à beira da histeria.

— Desculpe, Rafaella, mas foi você quem me pediu para ensinar a Doria, e creio que cabe a mim dizer se ela está indo bem ou não...

— Não cabe a você dizer nada! — berrou Rafaella. — É uma mulher ignorante das colinas, nem mesmo é certo se a deixarão permanecer entre nós, depois do que fez!

Magda lutou contra dois impulsos: virar-se e sair correndo da Armaria ou esbofetear Rafaella com mais força do que já batera em qualquer outra coisa antes. Sentiu outra vez o ímpeto aterrador de fúria que a dominara quando lutara pela casa; mas compreendeu, com seu último resquício de sanidade, que se agredisse Rafaella agora, com todas as habilidades que aprendera na Escola de Informações em Alfa, haveria de matá-la com as mãos nuas. Tremendo, as mãos contraídas em punhos, ela afastou-se um pouco.

Camilla interveio, calmamente:

— Rafaella, uma moça na idade de Doria pode aprender melhor com uma estranha do que com sua mãe...

Rafaella passou o braço pelos ombros de Doria e murmurou:

— Querida, quero apenas me sentir orgulhosa de você aqui na Casa da Guilda, isso é tudo. É para seu próprio bem...

Doria desatou a chorar e comprimiu-se contra Rafaella. A porta foi aberta nesse momento e Mãe Lauria entrou. Seus olhos se arregalaram ao contemplarem a cena: Doria chorando nos braços de

Rafaella, Magda de costas para todas, as outras olhando aturcidas, mas disse apenas:

— Margali está aqui? Tem uma visita na Sala dos Estranhos; lamento retirá-la de sua aula...

— Ora, ela não tem nada a aprender com qualquer de nós! — exclamou Rafaella.

Mas Mãe Lauria ignorou o sarcasmo, chamando Magda da porta.

— É um terráqueo, que disse o nome pelo qual você é conhecida aqui.

Magda experimentou um aperto na garganta; quem poderia ser, se não Peter? E por que ele viera? Teria acontecido alguma coisa com Jaelle?

— Qual é o seu nome? O que ele quer? Lauria respondeu em tom desdenhoso:

— Não posso me lembrar de seu nome bárbaro; e você não precisa se encontrar com ele, se não quiser. Posso pedir às meninas para mandarem-no embora.

— Não. É melhor eu descobrir o que ele deseja. Obrigada, Mãe. Magda sentia-se grata pelo fato de a Mãe Guilda vir transmitir a mensagem pessoalmente; não era seu hábito prestar esse serviço para ninguém, sempre mandando outra pessoa.

— Como quiser.

Mãe Lauria se retirou. Magda ficou subitamente consciente de seu rosto quente, afogueado, a túnica encharcada de suor, os cabelos úmidos e caindo desgrenhados. Foi para o cômodo por trás da armaria, lavou o rosto com água fria, tirou a túnica suada e pôs a limpa que aprendera a deixar ali, para usar depois de uma aula. Vestiu a túnica superior e estava penteando os cabelos para trás quando Rafaella entrou, indagando em tom desdenhoso:

— Está se aprontando para encontrar um amante?

— Não — respondeu Magda, fazendo outra vez um esforço para manter a compostura, contra a raiva que ameaçava escapar ao controle.

— Mas tenho um hóspede na Sala dos Estranhos e não quero que ele pense que uma Amazona Livre deve ser uma desleixada

repulsiva que parece saída de um monte de estrume!

— Por que se preocupa tanto com o que um homem possa pensar de você? — indagou Rafaella, com os lábios contraídos. — É tão importante para você que os homens notem sua beleza, como é desejável?

Magda absteve-se à força de responder, passando por Rafaella em silêncio. Algum dia, ela pensou, algum dia hei de esbofetear esse rosto, acabar com essa expressão, valerá qualquer coisa que possam me fazer depois! Ela seguiu para o pequeno cômodo na frente da casa que era chamado de Sala dos Estranhos. Ainda tremia de raiva, preparada para lançar um desafio a Peter... como ele se atrevia a incomodá-la ali?

Mas deparou com um completo estranho, sentado numa das cadeiras estreitas. Já o vira em algum lugar antes, mas certamente não era alguém que conhecesse bem; e imaginou que ele olhava com desdém para sua túnica e culote, os cabelos curtos. Ela disse bruscamente:

— Posso perguntar o que veio fazer aqui?

— Meu nome é Wade Montray. E você é Magdalen Lorne... Margali, como a chamam aqui?

Magda notou que ele falava darkovan e muito bem, ainda por cima. As fitas de linguagem, as que ela e Peter haviam preparado, sem dúvida. O homem foi até a porta na ponta dos pés e olhou para o vestibulo.

— Não há ninguém escutando e duvido que disponham da tecnologia para grampear uma sala, mas mesmo assim não se pode deixar de tomar todo cuidado.

Magda declarou, friamente:

— Duvido que alguém aqui se desse ao trabalho de se intrometer numa conversa particular, pois cada pessoa se preocupa apenas com seus próprios problemas. Se temos de conversar, pode falar livremente.

Isso mesmo, já conhecia aquele homem, era o filho do Coordenador, também criado em Darkover, como ela. Magda experimentou uma intensa aversão pela desconfiança na voz do

homem; ela fora de fato outrora parte integrante da vasta paranóia do Serviço de Informações?

— Eu queria apenas ter o cuidado necessário para não revelar sua cobertura aqui, Srta. Lorne. Jaelle Haldane estará aqui dentro de poucos dias para conversar com você, pelo que diz Cholayna, e devo deixar tudo para ela. Mas Jaelle tem seu trabalho e eu tenho o meu. Tenho de viajar para as Hellers neste inverno e soube que você esteve lá na última estação. Seu relatório está repleto de hiatos intrigantes e preciso saber de tudo o que conhece sobre a casta dominante... Comyn, não é mesmo? E passou o inverno no Castelo Ardais, como hóspede de Dama Rohana; há muita coisa que pode nos contar.

— Não há nada para contar além do que incluí em meu relatório — respondeu Magda, cautelosa. — Não creio que esteja interessado no cardápio do banquete do Solstício do Inverno, os nomes dos homens com quem dancei no baile do festival ou a profundidade da neve no dia seguinte.

— Estou interessado em tudo... absolutamente tudo — insistiu Wade Montray. — Seus relatórios anteriores eram bastante complexos; estou curioso em saber por que foi tão superficial no relatório sobre essa missão!

— Entrei de licença e apresentei um relatório a Cholayna Ares — disse Magda, procurando se esquivar. — Verifique com ela.

— Posso compreender, mas nas circunstâncias gostaria que fosse ao QG e apresentasse um relatório mais completo. Haldane faz um bom trabalho, mas não creio que eletenha tanta noção da situação quanto você.

Ele tentava agora adulá-la, Magda percebeu, com aversão. As sessões de treinamento haviam-na deixado consciente para as técnicas usadas pelos homens para persuadir uma mulher e ficou irritada pela condescendência familiar.

— Devo lembrá-lo que estou de licença, a primeira que tiro em seis anos; não tem o direito de interrompê-la.

— Não se preocupe; providenciarei para que receba pagamento extra pela interrupção de suas férias.

Magda sentiu-se ainda mais irritada e ressentida pela idéia terráquea de que seus desejos poderiam ser ignorados com a oferta de pagamento extra. Será que todos os terráqueos eram tão mercenários assim?

— Lamento, mas prefiro não atendê-lo. O que faria se eu tivesse deixado o planeta, como era meu direito? Por que deve presumir que sou obrigada a me manter acessível?

— Ora, deixe disso — ele murmurou, com um sorriso extremamente doce, que Magda notou. — Não haveria mal algum se fosse até lá numa tarde de folga e preenchesse os hiatos no relatório, não é mesmo? E, diga-se de passagem, poderíamos providenciar uma gratificação extra para você se mantivesse um diário enquanto permanecer aqui e nos apresentasse um relatório completo sobre tudo o que acontece na Casa da Guilda. Não temos muitos dados sobre as Amazonas Livres... desculpe, Renunciantes, sempre tenho de me lembrar. . . E se vamos empregá-las para treinamento médico e tecnológico, precisamos de toda ajuda que pudermos obter.

— Eu me recuso terminantemente! — exclamou Magda, furiosa.

Montray tratou de mudar de tática.

— Seja como quiser. Não tive a intenção de aborrecê-la. Claro que tem direito a passar sua licença em paz e sossego, se assim desejar.

Paz e sossego! Essa é a última coisa que eu encontraria aqui, especialmente agora! Contra a sua vontade, Magda sorriu ao pensamento, sem saber que o sorriso transformava seu rosto e convertia a contrariedade em escárnio. Ao perceber isso, ele sentiu-se encorajado.

— Escute, Srta. Lorne, extra-oficialmente... certo? Não quero me intrometer em sua licença, mas por que não saímos daqui e vamos a um lugar em que possamos conversar à vontade, sem nos preocuparmos com a possibilidade de que alguém escute? Podemos tomar um drinque tranquilo na Cidade Comercial e você me informaria tudo o que preciso saber. Tenho um aparelho de transcrição comigo. Posso mandar para Registros ou, se preferir,

guardarei em particular, apenas para os meus ouvidos. Sem problemas, sem confusão, depois a deixarei em paz. O que acha?

Inesperadamente, Magda sentiu-se tentada. Sair dali, deixar aquele clima de perpétua desconfiança e hostilidade, reassumir sua personalidade terráquea familiar; o mero pensamento de um drinque ou mesmo de um café terráqueo já era insuportavelmente tentador. Ela suspirou, pesarosa.

— Lamento muito, pois eu bem que gostaria — ela disse, sorrindo. — Mas é inteiramente impossível, Sr. Montray.

Ela passara a falar no Padrão terráqueo e percebeu-o subitamente.

— O Sr. Montray é meu pai — disse ele, sorrindo também. — Eu sou Monty. E por que é tão impossível?

— Em primeiro lugar, mesmo que eu pudesse ir, não ficaria bem para uma Renunciante ser vista num bar com um terráqueo de uniforme. — Mesmo contra sua vontade, Magda compreendeu que continuava a sorrir, os olhos faiscavam, divertidos. — E eu não poderia ir; assumi o compromisso de permanecer na casa até o Solstício do Verão e não posso sair sem permissão das Mães da Guilda.

— E atura isso? Uma cidadã livre da Terra aprisionada?

— Não é isso. Faz parte do sistema de treinamento, mais nada. E você mesmo disse que não queria estragar minha cobertura. Se eu, uma Renunciante em experiência, saísse com um terráqueo. .. ora, pode imaginar o que elas diriam.

Que se dane o que elas digam; mas dei minha palavra e a manterei ou morrerei tentando.

Montray aceitou filosoficamente e levantou-se.

— Se não pode, então não pode. Mas devo avisá-la que voltarei no Solstício do Verão e obterei o relatório de qualquer forma.

Ele estendeu a mão e Magda apertou-a, subitamente saudosa de um gesto familiar. Ela observou-o partir, pensando com algum pesar que era uma voz familiar de um mundo a que renunciara... e agora, paradoxalmente, descobria que lhe despertava saudades.

Magda voltou à Armaria, mas a aula já terminara; umas poucas mulheres se refestelavam na piscina de água quente, mas Rafaella

se encontrava ali e ela resolveu ir embora, apesar da perna ferida doer e saber que apreciaria o calor. Resolveu aproveitar o privilégio que ainda lhe era concedido, subiu para seu quarto e deitou.

Pela primeira vez, começava a duvidar de sua capacidade de suportar o meio ano de treinamento sem deixar a casa.

Gostava das mulheres ali, na maior parte do tempo. Gostava até de Rafaella, ou gostaria, se a mulher permitisse, gostava muito de Camilla, Dona e Keitha. Mas o problema estava nas pequenas coisas, os banhos frios, a comida, a estúpida insistência no trabalho braçal e agora o atrito constante, desde a luta em que perdera o controle.

Não podia realmente entender a reação das outras; afinal, o homem estava atacando a Casa da Guilda. Mesmo que o tivesse matado, ele bem que mereceria.

Alguém poderia renunciar completamente a seu mundo? Ela fora uma tola ao tentar? Deveria desistir agora, comunicar a Mãe Lauria que era demais para ela, pedir que fosse revogado seu Juramento, um Juramento compulsório? Talvez não precisasse tomar essa decisão; talvez, ao julgarem a coisa supostamente horrível que ela fizera, acabassem por expulsá-la da Casa da Guilda, o que evitaria sua opção.

E, então, como poderei encarar Jaelle?

Não havia a refeição regular ao meio-dia servida na Casa da Guilda; quem sentisse fome nessa ocasião, descia à cozinha para encontrar pão ou carne fria. Depois de algum tempo, Magda, ainda acostumada aos horários terráqueos das refeições, gostando de comer alguma coisa ao meio-dia, desceu para a cozinha. Serviu-se de uma caneca do chá de casca de árvore que sempre fervilhava na chaleira por cima do fogo abafado — não era café, mas estava quente e a cozinha fria, suas mãos contornaram a caneca, encontrando algum conforto, — cortou um pedaço de pão, passou manteiga e acrescentou uma fatia de queijo. Daria muito trabalho cortar a carne fria na despensa. Sentou, comendo, especulou onde estaria Irmelin. A massa do pão para o jantar descansava numa extremidade da mesa, dentro de uma enorme tigela, sob uma toalha limpa. Ela recolheu as migalhas e lavava a caneca — uma das regras

mais rigorosas: qualquer pessoa que fosse à cozinha à procura de comida deveria deixá-la tão limpa quanto a encontrara — quando Irmelin enfiou a cabeça pela porta.

— É você, Margali? Não estava em seu quarto e concluí que a encontraria aqui. Quer ficar de serviço no vestíbulo? Byrna está amamentando o bebê.

Magda deu de ombros.

— Claro.

Ela começou a se encaminhar para o vestíbulo, mas Irmelin a deteve, o rosto rechonchudo com um brilho de curiosidade.

— Você não é filha-de-juramento de Jaeíle n'ha Melora?

— Sou, sim.

Irmelin balançou a cabeça.

— Foi o que pensei. Ela está aqui, para conversar com Mãe Lauria. As duas estão fechadas na sala há horas... — Os olhos se arregalaram e Irmelin acrescentou:

— Acho que Mãe Lauria mandou chamá-la para discutir o que devem fazer com você! Espero que a deixem ficar, Margali. Camilla foi dura demais com você... nem todas podemos conhecer o código de honra dos soldados mercenários e também não sei por que deveríamos conhecer!

Com sua própria gentileza, ela conseguira outra vez destruir a paz de espírito de Magda. A situação seria tão grave que mandariam chamar Jaeíle na Zona Terráquea?

Mas Irmelin logo disse, com exagerado alvoroço:

— E agora vá sentar no vestíbulo para deixar as pessoas entrarem. Tenho de preparar o pão e aprontar o jantar para esta noite. Se Shaya aparecer, quero fazer também o pão-de-condimento.

Magda sentou no vestíbulo, trançando distraída um cinto, recordando contra sua vontade a última vez em que trabalhara nele. Quando a campainha da porta soou, ela preparou-se para encrenca. Ao abrir a porta e deparar com um homem ali, usando o uniforme preto e verde de um guarda, empinou o queixo numa atitude agressiva.

— O que você quer?

— Byrna está?

— Poderá vê-la na Sala dos Estranhos, se assim desejar.
— Fico contente que ela já esteja de pé outra vez — comentou o jovem.

— Posso informar a ela quem a procura?

— Meu nome é Errol e sou o pai do filho de Byrna. — Era um jovem alto e largo, as faces ainda penugentas com a primeira sombra de barba. — Minha irmã acaba de ter um bebê e ofereceu-se para amamentar meu filho junto. Por isso, vim buscá-lo.

— Tão cedo! Ele tem apenas dez dias! Oh, pobre Byrna! O rapaz percebeu a expressão consternada de Magda e murmurou, indeciso:

— Ela me disse que não queria ficar com o menino. Achei que quanto mais cedo viesse buscá-lo, melhor seria para ela.

— Vou avisá-la.

Magda conduziu o rapaz à Sala dos Estranhos e hesitou, sem saber direito o que fazer agora; mas a campainha da porta tornou a soar e por sorte era Marisela quem chegava.

— O que devo fazer, Marisela? O pai do bebê de Byrna está ali...

— Ela apontou. — ... e quer levá-lo...

Marisela suspirou, mas disse apenas:

— Melhor agora do que mais tarde. Direi a ela, Margali. Fique no vestíbulo.

Magda obedeceu. Depois de um tempo considerável, ela viu Errol sair da Sala dos Estranhos carregando nos braços um fardo todo embrulhado, com a falta de jeito de um homem que não está acostumado a cuidar de crianças. Marisela, a seu lado, falava-lhe sem parar. Ela deixou que Marisela o acompanhasse até a porta. Ocorreu-lhe que provavelmente naquele momento Byrna precisava de companhia e compaixão. Se alguém aparecesse na porta, poderia bater até que Irmelin na cozinha ouvisse, deixando seus afazeres pelo tempo suficiente para abri-la.

Encontrou Byrna em seu quarto, estendida na cama, chorando amargurada. Magda não disse nada; apenas sentou ao lado de Byrna e pegou sua mão. Byrna levantou o rosto molhado de lágrimas e jogou-se nos braços de Magda, soluçando. Magda

abraçou-a, sem tentar falar. Imaginara meia dúzia de coisas para dizer, mas nenhuma delas parecia importante.

Elas não deveriam ter permitido que ele levasse o bebê. É cedo demais. Tudo o que sabemos nos diz que a esta altura Byrna precisa de seu bebê tanto quanto ele precisa dela! É cruel, não está certo... e através do tremor da mulher em seus braços, parecia que ela podia de alguma forma sentir a profunda dor e desespero. Não disse nada, apenas abraçou Byrna e deixou-a chorar até a exaustão, depois a acomodou gentilmente no travesseiro.

— Ele é muito pequeno — balbuciou Byrna. — Precisa de mim... precisa realmente... mas prometi... não sabia, quando prometi, como doeria...

Não havia nada que Magda pudesse dizer; sentiu-se aliviada quando a porta foi aberta e Marisela entrou, acompanhada por Felicia.

— Eu esperava que alguém tivesse vindo ficar com ela. Avarra misericordiosa, como eu gostaria que Ferrika estivesse aqui! — Marisela inclinou-se para Byrna e acrescentou gentilmente: — Tenho uma coisa para fazê-la dormir, brenda.

Byrna não podia falar. Os olhos inchados de tanto chorar estavam quase fechados, o rosto manchado e avermelhado. Marisela segurou sua cabeça enquanto ela bebia da taça levada a seus lábios, depois acomodou-a.

— Dormirá daqui a pouco.

Felicia ajoelhou-se ao lado de Byrna, pegou suas mãos e murmurou:

— Eu sei como é, irmã. Sei mesmo, está lembrada? Byrna balbuciou, a voz rouca e trêmula:

— Mas você teve seu filho durante cinco anos, cinco anos inteiros, enquanto o meu é tão pequeno, apenas um bebê...

— E foi isso o que tornou muito mais difícil para mim — murmurou Felicia, os enormes olhos cinzentos se enchendo de lágrimas. — Fez o que era certo, Byrna. Eu só gostaria de ter tido a coragem de fazer a mesma coisa, entregá-lo imediatamente à mulher a quem ele chamará de mãe. Mantive-o aqui para meu próprio conforto, e ao fazer cinco anos ele teve de ir viver entre

estranhos, onde tudo é diferente e esperam que ele já saiba como ser o que chamam de um homenzinho...

Ela engoliu em seco.

— Levei-o para a casa de meu irmão... ele chorava muito... tive de empurrar suas mãos e deixá-lo abruptamente, enquanto o seguravam. Pude ouvi-lo por todo o caminho pela rua, gritando: “Mamãe, mamãe...”

A voz de Felicia estava impregnada por uma angústia interminável.

— É muito melhor... deixá-lo partir agora, quando tudo o que ele conhece é amor, bondade e um seio quente... E se a mãe de adoção amamentá-lo pessoalmente, haverá de amá-lo muito mais, será mais gentil com ele.

— Tem razão, tem razão, mas eu o quero, eu o quero... — soluçou Byrna, agarrando Felicia.

Felicia também chorava agora e Marisela puxou Magda gentilmente para fora do quarto.

— Felicia pode ajudá-la mais do que qualquer outra pessoa.

— Pois eu diria que ela só vai piorar a situação... Não é cruel para ambas?

Marisela passou o braço pelos ombros de Magda e murmurou: — Não, *chiya*, é o que as duas precisam; a dor muda se transforma em veneno. Byrna deve lamentar por sua criança, mesmo que seja como a morte. E ela pode também ajudar Felicia, que não foi capaz de chorar por seu filho. Agora elas podem chorar juntas e se aliviarem por saber que a outra compreende realmente. Caso contrário, elas serão dominadas pela primeira doença que aparecer e Byrna pelo menos pode morrer. Dê à Deusa o que lhe é devido, criança, mesmo que o devido seja a dor. Você nunca gerou uma criança, ou saberia. — Ela beijou o rosto de Magda e acrescentou gentilmente: — Algum dia você também será capaz de chorar e ficará curada de sua dor.

Magda observou Marisela descer a escada, aturdida. Refletiu que Marisela estava certa... aprendera a respeitá-la, ela sabia tanto quanto os médicos, ou pelo menos a maioria; à sua maneira, possuía uma boa noção do aspecto psicológico; todos sabiam que a

tensão podia causar uma doença psicossomática, embora se sentisse surpresa por Marisela pensar nisso. Mas, sem dúvida, Marisela estava errada em relação a ela, pois não tinha pesares específicos, nenhuma coisa pela qual chorar! Raiva, sim, o suficiente para explodir. Em particular ultimamente. Ressentimento. Mas dor? Não tinha motivos para chorar, não chorara mais do que três vezes em sua vida adulta. É verdade que chorara quando fora ferida e Marisela dera os pontos em sua perna sem anestesia, mas isso era diferente. A idéia de que podia ter algum sofrimento desconhecido e oculto, do qual devia se curar, parecia-lhe a coisa mais fantástica que já ouvira.

Um carrilhão suave soou; era o aviso para as mulheres que haviam chegado do trabalho na cidade de que o jantar seria servido dentro de uma hora e que deveriam terminar o banho e trocar de roupa. Magda subiu, ainda de rosto franzido. Passou pela porta fechada do quarto de Byrna, esperando que a mulher estivesse dormindo.

Fiquei triste, mas não o bastante para chorar por isso, quando compreendi que Peter não conseguira me engravidar; e depois, quando nos separamos, senti-me contente por não estar sobrecarregada por uma criança. E especialmente agora... o que eu faria aqui com uma criança? Poderia me encontrar agora na mesma situação terrível de Byrna. A idéia é absurda. Marisela podia aproveitar um treinamento terráqueo objetivo, tanto em medicina quanto em psicologia.

Enquanto trocava de roupa para o jantar, Magda suspirou ante a perspectiva de outro confronto com Rafaella ao jantar ou se deparar com o ressentimento silencioso das outras. Mas não havia nada que pudesse fazer a respeito, e não se esconderia em seu quarto para deixá-las saber que isso a incomodava.

Era uma terráquea; e ainda mais do que isso, era uma Renunciante e de alguma forma encontraria forças suficientes para atravessar aquela crise.

Capítulo Dois

No escritório as mulheres ouviram o carrilhão e Mãe Lauria suspirou.

— Devo ir agora, Jaelle. Foi muito bom conversar com você. Passará a noite na Casa, não é mesmo? Não importa que mulheres você e eu pensemos que estão qualificadas.

Não posso exigir de nenhuma que deixe suas irmãs e vá trabalhar com os terráqueos. A decisão cabe a cada uma.

— Mas não podemos permitir a ida de qualquer mulher que deseje — insistiu Jaelle. — Devem ser as mulheres certas... Não queremos que fracassem e os terráqueos nos considerem tolas, pensem nas mulheres de Darkover como tolas e infantis, que se escondem por trás da segurança do lar. E não devem ser amantes de mulheres, pois isso é uma coisa que os terráqueos desprezam. Eu gostaria de consultar Magda a respeito.

— Ela seria a última. É nova entre nós...

— Magda está aqui há três luas, o mesmo tempo em que convivo com os terráqueos.

— Mas as mulheres na Casa não sabem que ela é uma terráquea. Não entenderiam se eu consultasse uma novata, em vez de uma veterana que vive aqui há anos. Seria a mesma coisa que perguntar a Doria.

— Poderia ser pior, pois os olhos das crianças vêem claramente — comentou Jaelle. — Tenho certeza que Doria conhece nossos defeitos e fraquezas tão bem quanto eu.

Mas antes de tomarmos qualquer decisão, eu gostaria de falar com Magda, pelo menos em particular. Posso compreender por que prefere não distingui-la das outras e consultá-la...

Jaelle sentia-se perturbada; não sabia que Magda optara por se manter anônima ali. Mas Mãe Lauria levantou-se, encerrando a entrevista.

Jaelle foi lavar as mãos na copa. Seu lar, ela pensou; e pela primeira vez, desde os onze anos de idade, não tinha um lugar designado ali! Seguiu para o refeitório e depois de um momento

soou um grito de Jaelle!” e ela foi envolvida pelos braços de Rafaella, no maior entusiasmo.

Jaelle retribuiu ao abraço e riu alegremente pela surpresa da parceira.

— Não esperava me ver, não é mesmo? Como estão os negócios?

— Tão bem quanto se podia esperar com sua ausência tão prolongada. — Rafaella falou em tom meio zombeteiro, mas com uma insinuação de ressentimento real. — Trabalhar entre os Terranan? Como pôde?

— Não sou a primeira e não serei a última. Ouvirá sobre isso na reunião da Casa. E você, mais de uma vez, deixou a Casa para viver com um companheiro livre, não é mesmo?

— Mas não com um Terranan! — O rosto animado de Rafaella se contraiu numa careta de aversão desdenhosa. — Eu preferia acasalar com um cralmac.

Jaelle riu.

— Nunca deitei com um cralmac e nada sei sobre o comportamento deles na cama, embora tenha conhecido nas montanhas uma mulher que disse que dormia todas as noites entre duas fêmeas cralmacs pelo calor; portanto, eles não devem ser tão repulsivos assim. Mas falando sério, Rafi, os terráqueos são homens como os outros homens, não mais diferentes de nós do que os homens das colinas dos habitantes das terras baixas. Diferem de nós apenas na língua e costumes, não mais do que isso. São muito mais parecidos conosco do que os chieri, e há sangue do Povo Antigo em toda a família Hastur. Nunca imaginei que ouviria de você, entre todas as pessoas, a repetição das bobagens supersticiosas sobre os terráqueos, como se eles tivessem chifres e rabo.

Talvez, pensou Jaelle, não seja um absurdo que Magda tenha preferido se manter anônima aqui, se esses absurdos sobre os terráqueos são comuns entre as mulheres da Casa! E eu que achava que minhas irmãs possuíam mais bom senso! Mas ela deixou passar... não tinha o menor desejo de discutir com sua amiga e parceira.

— Mas fale-me sobre o trabalho e a situação aqui, Rafi. Poderia admitir outra pessoa na sociedade por algum tempo, durante minha ausência, talvez mesmo em caráter permanente... há trabalho suficiente para três, na maioria dos anos. E como está minha criança, Doria?

— Sua criança está no período de permanência obrigatória na Casa e prestará o Juramento no Solstício do Verão — respondeu Rafaella, secamente. — Se ela conseguir ser admitida... Está no pior estágio do processo de crescimento... Cada vez que lhe digo alguma coisa, ela desata a chorar. Deixa-me envergonhada. Os negócios?

Tive de recusar duas caravanas, mas estamos indo bem. Há um novo fabricante de selas...

— Não podem arrumar outro lugar para conversar? — perguntou uma mulher alta e magra, os cabelos dourados brilhando, um avental comprido preso por cima da calça.

Rafaella pôs a mão no ombro da amiga e empurrou-a, a fim de que a mulher pudesse colocar os pratos e tigelas ao longo da mesa comprida.

— Nossa irmã Keitha, que chegou aqui na mesma ocasião que sua irmã-de-juramento Margali — disse Rafaella, virando-se para apresentar Jaelle.

Outras mulheres entravam agora no refeitório, sozinhas e em pequenos grupos, parando e conversando de pé, instalando-se às mesas. Havia um cheiro apetitoso de pão quente recém-saído do forno e Jaelle aspirou, satisfeita.

— Comida de verdade! Estou faminta!

— Qual é o problema? Os terráqueos não a alimentam? Você engordou. — Rafaella franziu as sobrancelhas. — Ou há outro motivo para isso, Shaya?

Jaelle sorriu ao ouvir o apelido que lhe fora dado naquela casa quando era mais jovem do que Doria, mas afastou-se um pouco de Rafi; não queria falar sobre isso por enquanto.

E no entanto, se eu tivesse uma criança, poderia mantê-la e criá-la pessoalmente, com a ajuda de Peter, não precisaria enfrentar o fato de que pode ser um filho ao qual terei de renunciar quando completar cinco anos. Sempre achei que as Amazonas não deveriam

ter crianças; Já há muitas meninas indesejáveis que podemos recolher em nossas casas e corações, como Kindra me recolheu.

Mas eu não era indesejável. A mãe... a mãe me amava, eu acho, embora não consiga lembrar dela. Às vezes, nos sonhos que venho tendo com aquelas malditas máquinas, tenho a impressão de que me lembro um pouco dela. E Rohana teria me adotado com a maior alegria. Mas preferi vir para cá...

Magda, entrando no refeitório, experimentou uma súbita onda de consternação e angústia, parou no limiar, hesitante. O que estava lhe acontecendo? Sofria agora pequenas e estranhas alucinações durante todo o tempo. Começara a enlouquecer? Correu os olhos pelo salão, avistou Rafaella junto da lareira, conversando com uma mulher num traje azul; mas não era uma amazona, pois a mulher tinha cabelos compridos, castanho-avermelhados, encrespados nas pontas. E depois a mulher riu e virou a cabeça na direção da porta. Magda ficou gelada: Jaelle!

Ela tinha certeza de que não emitira qualquer som, mas Jaelle virou-se como se Magda a tivesse chamado pelo nome, com uma expressão de surpresa deliciada.

— O que aconteceu, Jaelle? Por que está aqui?

Teriam mesmo discutido seu crime? Ela fora avisada que o assunto seria tratado com sua mãe-de-juramento. Mas Jaelle disse apenas, jovialmente:

— Não tenho a obrigação de permanecer dentro da casa, brenda. Teria vindo antes, mas esta foi minha primeira oportunidade. Ando muito ocupada, como pode imaginar.

Magda examinou os olhos da amiga; havia mais neles do que uma visita casual. Os olhos estavam injetados, mas ela sabia que Jaelle raramente chorava. Talvez... um pensamento incômodo, intrometido.

— Peter não a deixe dormir muito. Ela tratou de descartar o pensamento, como se a queimasse. Parece até que sinto ciúme!

— Mãe Lauria e eu conversamos sobre as mulheres que podem ser escolhidas para aprender a medicina terráquea, mas quero falar também com você sobre isso. Só que não aqui.

O carrilhão dá hora do jantar interrompeu-as. Mãe Lauria entrou e ocupou seu lugar. Jaelle aspirou o aroma da comida com satisfação.

— Estou cansada da comida que sai das máquinas. Pão de verdade, acabando de sair do forno... e ensopado de dobradinha, se não estou enganada.

Jaelle pegou a mão de Magda e respondeu ao chamado de Camilla, inclinando-se para abraçá-la e beijá-la rapidamente.

— Ora, Tia, parece animada e vigorosa. O clima de Nevarsin lhe fez tão bem assim? Venha sentar comigo, Margali. Vamos comer e poderá me contar tudo o que tem acontecido por aqui.

Magda soltou uma risada.

— Seria preciso mais do que uma noite para isso.

— Breda . . — murmurou Jaelle, aturdida, como se a visse de fato pela primeira vez. — Chiya, o que fizeram com você aqui? Emagreceu demais. Sei que o período de permanência obrigatória na casa é infernal para todas, mas não deve permitir que a afete desse jeito!

Jaelle envolveu Magda num abraço apertado, prolongado e deliberado.

Magda não podia ver as lágrimas que Jaelle escondia contra seu ombro, embora sentisse que a amiga se agarrava a ela como se precisasse de conforto. Mas também percebeu o sorriso insinuante de Janetta e sentiu que todos os olhos as observavam. Recuou um pouco.

— Não, Jaelle!

Ela não podia ocultar sua apreensão; o salão parecia subitamente dominado por um silêncio retumbante, como se todos os ruídos de pratos e talheres ressoassem numa câmara vasta e abobadada. Jaelle também recuou, franzindo o rosto. E indagou, quase formalmente:

— Eu a ofendi de alguma forma, filha-de-juramento?

— Oh, não! — exclamou Magda, chocada; e baixando a voz, ela acrescentou: — Apenas... eu não queria... todas na Casa da Guilda já pensam que sou sua amante. .

A voz definiu. Ela ficou esperando que Jaelle respondesse, sensatamente: “E que importância isso tem?” Mas Jaelle limitou-se a murmurar:

— Entendo...

E sentou, como se nada tivesse acontecido. Mas seu olhar provocou um calafrio em Magda; era o mesmo olhar que Jaelle lhe lançara naquela primeira noite, quando a salvara dos bandidos que tencionavam estuprá-la: frio, desinteressado, beirando ao desdém. No instante seguinte, no entanto, já desaparecera e Magda especulou se não o imaginara, enquanto Camilla e a jovem Dona abraçavam e beijavam Doria. Houve uma troca de lugares, a fim de que todas pudessem sentar juntas no canto da mesa.

Jaelle disse, por cima da cabeça de Doria.

— Esta é minha criança, Margali; ela não tinha mais do que três anos quando vim para cá como filha-de-criação. Sempre foi meu brinquedinho... e agora olhe só para ela, já crescida e pronta para o Juramento! Estou orgulhosa de você, chiya!

Doria olhou para Magda com um pequeno sorriso de cumplicidade e Magda pensou: Ela não nos viu tremendo da cabeça aos pés nas Sessões de Treinamento, pois nesse caso não ficaria tão orgulhosa. Graças aos céus que não haverá nenhuma esta noite; eu não seria capaz de suportá-la, na presença de Jaelle! Ou será que haveria?

O ensopado de dobradinha geralmente era servido nas noites de Sessão de Treinamento ou das assembléias da casa, igualmente assustadoras. Magda não perdera sua aversão ao ensopado de dobradinha; quando o prato alcançou-a, ela sacudiu a cabeça e passou para Jaelle, que a fitou aturdida.

— Não quer mesmo? É meu prato predileto e estava ansiosa para comê-lo! Quanto menos você comer, mais sobrá para nós! — Jaelle serviu-se de uma porção generosa.

— Irmãs, nunca serão capazes de apreciar devidamente a comida aqui enquanto não tentarem comer o que os terráqueos chamam de comida!

Ela estava exagerando, quase uma encenação burlesca.

— Pode ficar com minha parte, à vontade — murmurou Magda, tentando disfarçar sua amargura.

Ali estava Jaelle, em casa, banqueteadando-se, rindo, divertindo-se, como se tivesse passado o tempo trancada em confinamento solitário, a pão e água. Jaelle tinha na Zona Terráquea quinze opções em cada refeição e nem mesmo tinha de ajudar a prepará-las, música de vários planetas diferentes, todos os livros já escritos, incontáveis festas e visitas do pessoal da base — como esposa de Peter, ela devia comparecer à maioria das cerimônias oficiais, — esportes, natação (inclusive com uma piscina térmica coberta), todos os tipos de jogos e recreações. E aqui estou eu, trabalhando com vassouras de estábulo, em desgraça ainda por cima... e alimentada com ensopado de dobradinha!

Magda encontrou uma tigela de alguma coisa que lembrava o gosto de inhame ou abóbora... e serviu-se. Depois, alguém lhe passou o prato das sobras, uma mistura de cereal cozido com queijo e requentado com leite.

— Guardei isso só para você, Margali.

Magda rangeu os dentes, sabendo que era um insulto sutil; a maioria das mulheres considerava aquela coisa quase imprópria para comer, mesmo quando servida fresca, mas sempre aparecia na mesa, porque era um alimento barato, com uma frequência excessiva desde que a Casa tivera de pagar uma vultosa indenização em dinheiro ao homem que Magda ferira. Ela disse a si mesma para não ser hiper sensível — todas sabiam que detestava o ensopado de dobradinha — e serviu-se sem qualquer comentário.

Mas na noite passada a jovem que “guardara” o prato para Magda comentara em voz bastante alta a redução do orçamento alimentar e o motivo para isso.

Magda passava manteiga num pedaço de pão quando Jaelle disse baixinho:

— Não precisa comer essa reish. Margali!

A palavra significava literalmente varredura de estábulo, bosta de cavalo. Magda tomou uma colherada.

— Não se preocupe. Eu gosto. É melhor do que o ensopado de dobradinha.

— Não pode ser assim! Escute, bredda, você é minha filha-de-juramento, não tem de aceitar esse tipo de tratamento de ninguém! Não em minha própria casa!

Parecia agora que, pelo contato ligeiro da mão de Jaelle em seu pulso, que a raiva da amiga fluía para Magda, que foi dominada pela fúria. Como se atreviam a tratá-la assim? Um resquício de sanidade insistia na mente de Magda que era tudo absurdo, que gostava realmente do prato de cereal e queijo tanto quanto de qualquer outra coisa que serviam ali, mas através de sua própria sanidade podia sentir a fúria de Jaelle. Uma ofensa à sua filha-de-juramento era também uma ofensa a Jaelle. Pegando o prato, Jaelle levantou-se na frente da mulher que o passara para Magda.

— É muita generosidade de sua parte, Cloris, mas sabendo o quanto gosta disso, não poderíamos privá-la! — declarou Jaelle, os olhos faiscando.

Ela despejou toda a papa no prato de Cloris. Magda sabia — e Cloris também — que ela estivera prestes a jogar tudo na cabeça de Cloris.

— Um presente... de minha filha-de-juramento — acrescentou Jaelle.

Ela deu tanta ênfase às palavras que Cloris baixou a cabeça, a cor se espalhando pelas faces arredondadas, enfiou o garfo na papa, levou um bocado à boca. Jaelle continuou de pé à sua frente, triunfante, por mais um momento, depois retornou a seu lugar, onde Magda fingia comer a coisa que parecia abóbora, pegou seu garfo.

Lentamente, a tensão no refeitório se dissipou. Camilla e Doria faziam mil perguntas sobre a Zona Terráquea; falavam num cahuenga rápido que Magda mal conseguia acompanhar. Mas ela sentiu que a ira de Jaelle se desvanecia enquanto falava. Depois de algum tempo, era outra vez a velha Jaelle, alegremente regalando as amigas com histórias incríveis em terras distantes; todas as pequenas fraquezas dos terráqueos cresciam e pareciam históricas.

Magda experimentou uma pontada de ressentimento. Jaelle não estava dizendo nada que ela não poderia ter contado, mas estava obrigada pela honra, pelo juramento, a nada falar a respeito. Tomara a decisão errada. Se soubessem que ela era uma terráquea,

poderiam aceitar suas diferenças e culpá-la menos, desculpariam seu erro crasso na luta de espada como um desconhecimento dos costumes, não uma negligência desonrosa. Sentira-se muito orgulhosa de passar por uma darkovana; Peter a advertira um dia de que isso ainda a destruiria! Magda piscou para reprimir as lágrimas de auto-compaixão e remexeu a comida no prato, apaticamente. Jaelle a esquecerá e as duas únicas pessoas na casa que realmente gostavam dela, Doria e Camilla, estavam tão absorvidas com Jaelle que nada tinham para lhe dizer. O refeitório, grande e ventoso, parecia mais frio do que nunca; havia uma aragem gelada soprando em sua nuca, onde antes existiam cabelos, provavelmente teria um resfriado na manhã seguinte e não havia nenhum medicamento antiviral eficiente na casa!

Ela se levantou sem fazer barulho e esgueirou-se para a porta. Ninguém perceberia ou se importaria se ela fosse embora. Mas quando parou no limiar, Mãe Lauria levantou-se e disse:

— Jaelle partirá ao amanhecer. Por isso, haverá uns poucos minutos na sala de música, se desejarem cumprimentá-la, antes da assembléia da casa. Lembrem-se, a assembléia é obrigatória para todas esta noite.

Os olhos de Mãe Lauria encontraram-se por um instante com os de Magda, que sentiu um aperto na garganta.

As assembléias da casa eram menos perturbadoras do que as sessões de treinamento, cujo objetivo era justamente o de desconcertar e humilhar as mulheres no aprendizado, rompendo antigos padrões... ensinar-nos, Keitha comentara uma vez, a ser mulher, não criança ou dama. Keitha geralmente saía das sessões em lágrimas, mas Magda ainda não fora levada a isso, embora quase sempre permanecesse acordada por horas depois, pensando em todas as coisas que sabia que deveria ter dito, ou sofresse terríveis pesadelos. As assembléias, em contraste, tratavam em geral de problemas de rotina... A última, consumira mais de duas horas nas queixas de que as mulheres que limpavam o terceiro andar não mantinham os banheiros estocados com toalhas e suprimentos menstruais! Magda, porém, sabia que naquela assembléia seria discutido seu Juramento. Rafaella praticamente lhe dera essa

informação naquela tarde, na Armaria. Ela sabia que nunca seria capaz de enfrentar as tropas de assalto psicológico e recordou consternada as palavras de Marisela. Nunca ficarão satisfeitas enquanto não conseguirem me quebrar e me fazer chorar na frente de todas? Era isso o que esperavam? Magda empurrou a cortina para o lado e fugiu, subiu correndo a escada, de três em três degraus; meio soluçante, cambaleou, escorregou num degrau, recuperou o equilíbrio, alcançou o corredor superior e trancou-se no banheiro, com o expediente simples de bloquear a porta com um banco. Sentiu a náusea subir, as paredes pareciam estufar ao seu redor, turvando-se diante de seus olhos doloridos.

Jaelle encontrou-a ali, sentada no chão, comprimindo uma toalha contra os olhos, balançando para a frente e para trás, incapaz até mesmo de chorar.

— Chiya — murmurou Jaelle, ajoelhando-se no chão, ao seu lado, — o que aconteceu? O que fizemos?

Magda baixou a toalha e por um momento parecia que as palavras de Jaelle, sua própria presença, continham as paredes estufadas em seus lugares, adquiriam uma estranha solidez. Claro, ela é Comyn, uma telepata catalisadora, uma Ardais, pensou Magda, especulando irritada sobre o significado das palavras e de onde vinham. Ela lutava contra o impulso de jogar-se nos braços de Jaelle, manter-se ali e chorar até a perda dos sentidos, envolver a outra mulher dentro de si mesma, apegar-se à sua força... E depois, em seu íntimo, uma centelha de desafio surgiu. Jaelle tivera a força para enfrentar o choque cultural da Zona Terráquea, fazer gracejos a respeito durante o jantar e ainda subir para oferecer conforto a Magda; então por que ela não podia também?

Não devia demonstrar fraqueza... não diante de Jaelle, de todas as pessoas. Ela mordeu o lábio, sentindo o gosto de sangue, enquanto se esforçava para recuperar o controle.

Jaelle, percebendo os olhos desfocados, as gotas de suor que afluíam na testa de Magda sob os anéis de cabelos grudados na pele, concluiu de forma lógica que a amiga simplesmente estava com medo; sabia que seu Juramento seria contestado naquela noite e, conhecendo o quanto o Juramento custara a Magda, angustiava-

se pela amiga. Mas Jaelle fora uma soldada, antes de qualquer outra coisa. Kindra e Camilla haviam-na treinado para o estoicismo tenaz, reforçando a força determinada de uma mulher nascida no deserto; nos últimos meses, travara a luta mais árdua de sua vida. E Magda não enfrentava as máquinas e a vida desumanizada da Zona Terráquea, estava ali, cercada pelo amor e consideração de todas as irmãs da Casa da Guilda! com uma pontada de rispidez que visava a ser tão revigorante quanto o primeiro contato de água fria pela manhã, Jaelle disse:

— Margali n’ha Ysabet, preste atenção! — O nome amazona de Magda ressoou como o estrépito de uma espada. — Você é uma mulher ou uma criança lamurienta? Desgraçaria sua mãe-de-juramento em nossa própria Casa?

O orgulho em recuperação de Magda absorveu isso e resistiu. Posso fazer qualquer coisa de que ela é capaz, qualquer coisa que qualquer mulher darkovana pode fazer!

Deu-lhe força para levantar e dizer, por entre os dentes cerrados:

— Jaelle n’ha Melora, eu não a desgraçarei!

Jaelle sabia, com o conhecimento que nunca fora capaz de controlar, mas que de vez em quando a dominava, indesejável, que o tom desdenhoso era a armadura contra a total desintegração nervosa; mesmo assim, o tom gelado a deixou magoada. E ela disse, friamente:

— Desça para a sala de música antes que o relógio torne a soar. Ela virou as costas e acrescentou, com uma indiferença fria: — É melhor lavar o rosto primeiro.

Jaelle saiu, lutando contra a percepção de que a coisa que desejava realmente fazer era meter Magda num banho quente, massagear suas costas até a tensão desaparecer, ajeitá-la na cama e confortá-la, como teria feito por Doria, quando a criança se envolvia numa das inevitáveis brigas que uma adotada-amazona tinha de enfrentar nas ruas de Thendara com as outras meninas... e meninos.

Mas Margali é uma mulher; pode ser minha filha-de-juramento, não é uma criança e não devo tratá-la como tal!

Ficando sozinha, Magda experimentou o impulso insano de vestir o uniforme terráqueo e confrontá-las nessa base, lançando o maldito juramento em suas caras e saindo antes que pudessem expulsá-la. Se eu tivesse um uniforme aqui, bem que poderia fazer isso, ela pensou, mas depois sentiu-se contente por não ter, sabendo que se arrependeria pelo resto de sua vida. Magda era bastante darkovana para preservar a integridade do juramento prestado com a própria vida; contudo, uma parte traiçoeira do seu eu persistia, enquanto lavava a boca inchada, sabendo que poderia voltar pela manhã à Zona Terráquea com Jaelle... ou sem ela. De qualquer forma, não seria culpa sua, não teria desistido. Toda a tensão que fora se acumulando a uma intensidade insuportável, desde a luta de espada, estaria encerrada. Por mais angustiante que o rompimento fosse, não poderia deixar de ser para melhor.

Na sala de música, Jaelle e várias outras se agrupavam em torno de Rafaella, instando-a a cantar.

— Rafi, não ouço música desde que fui para a Zona Terráquea; ninguém toca ali, ninguém canta, a música sai de pequenas telas de metal e é apenas som para disfarçar o som de máquinas, não música de verdade... alguma coisa, Rafi, cante "A Balada de Hastur e Casilda".

— Ficaríamos aqui a noite inteira e Mãe Lauria nos chamou para a assembléia da Casa — protestou Rafaella.

Mesmo assim ela pegou o rryl pequeno, que parecia a Magda um instrumento intermediário entre uma guitarra e uma citara, começou a apertar os pinos, inclinando o ouvido para perto, enquanto afinava. Depois sentou, com o instrumento no colo, começou a cantar suavemente, uma balada que Magda ouvira em Caer Donn quando criança.

Sua mãe lhe dissera que era uma canção muito antiga, talvez mesmo de origem terráquea.

*Quando definha o dia,
Vagueio triste pela água,
Onde um homem, do sol nascido,
Cortejou a jovem chieri;*

*Ah, mas algo falta,
Ah, exausto estou,
Venha, meu lindo amor,
Venha das colinas para me alegrar...*

E havia um refrão curioso e obsedante, numa língua que Magda não conhecia; gostaria de perguntar a Rafaella onde aprendera a canção, qual era a língua do refrão antigo, a fim de conferir contra os bancos de línguas terráqueas... mas manteve-se apartada. Sem dúvida Jaelle já contara à sua melhor amiga como encontrara Magda no banheiro, sofrendo um ataque histérico, todas a esperavam, a última a chegar... mas a canção antiga recordava sua infância, a mãe, que sempre usara trajes darkovanos para se agasalhar nas frias colinas He llers, envolta por um xale de tartã; o próprio som do rryl era como sua mãe o tocava, e Magda experimentara por algum tempo para aprender os acordes.

Por que devo sentar e esperar, Tão sozinho, assim cansado...

Os suaves arpejos do acompanhamento cessaram; Mãe Lauria aproximou-se por trás de Magda e pôs a mão quente e seca em seu ombro. Magda virou-se e a velha murmurou:

— Coragem, Margali.

Mas a gentileza em sua voz foi empanada aos ouvidos de Magda, que apenas pensou: ela acha que Vou desgraçar a todas com um colapso? Ela que se dane! Mãe Lauria percebeu o desafio em seu rosto e suspirou, mas limitou-se a impelir Magda para o centro do grupo, onde as mulheres começavam a sentar, em cadeiras, bancos e almofadas no chão.

Rafaella guardou o rryl na caixa com todo o cuidado e sentou no chão de pernas cruzadas, ao lado de Jaelle, enquanto se fazia silêncio. Mãe Lauria disse:

— Podemos começar? Conduzirei a assembléia pessoalmente esta noite.

Trouxeram uma cadeira de braços para a Mãe da Guilda e instalaram-na no centro. Magda experimentou uma pontada renovada de apreensão. Geralmente as Mães da Guilda ou as mais velhas que presidiam as assembléias sentavam no chão, de um jeito

informal, como as outras. Normalmente as assembléias se realizavam de quarenta em quarenta dias e as mulheres em treinamento não tinham permissão para falar; eram reuniões descontraídas ou discussões sérias de finanças, políticas, horários de visita e distribuições de tarefas.

Magda se perguntou se não estaria promovendo pesadelos do nada. Afinal, a mulher era velha e tinha um joelho entrevado; era a mais idosa das Mães da Guilda e o joelho não lhe permitiria sentar no chão para uma reunião prolongada! Lauria começou solenemente:

— A Casa fervilha com rumores e comentários há mais de dez dias. Essa não é a maneira de se tratar de problemas, com conversas e calúnias furtivas. Esta noite devemos falar de violência e outras coisas. Primeiro, no entanto, vamos discutir esse problema em nosa Casa abertamente, não sussurrando pelos cantos como crianças levadas falando de obscenidades. Rafaella, você tem dito muita coisa. Vamos ouvir agora seu ressentimento abertamente.

— Margali — disse Rafaella, virando-se para fitá-la e fazendo com que Mag da sentisse que todos os olhos a fixavam. — Ela nos desgraçou; fez com que pagássemos uma pesada indenização, desonrou seu aço e parece que nem sequer compreende a gravidade de seu ato.

— Isso não é verdade! — gritou Magda. — O que a faz pensar que não compreendo? Mas o que queria que eu fizesse? Chorasse noite e dia?

Mãe Lauria interveio:

— Margali...

Mas Jaelle já silenciara Magda com a mão em seu ombro.

— Fique quieta, chiya Deixe-nos cuidar disso.

Uma jovem chamada Dika — Magda não sabia seu nome inteiro — disse:

— Mesmo agora ela ainda não aprendeu boas maneiras! E é do conhecimento comum que seu juramento foi irregular, prestado em viagem! Ela deveria ter sido interrogada numa Casa da Guilda antes de receber autorização para viver entre nós!

— E senta aqui impudente, sem se importar! — acrescentou Janetta. E Magda compreendeu subitamente — de uma forma distante, intelectual — o que elas estavam querendo dizer. O que carecia era de uma reação cultural. Falava a língua, aprendera quando criança... mas fora separada dos darkovanos nativos ainda muito cedo, não possuía a linguagem do corpo certa, os sutis sinais certos para demonstrar seu remorso e culpa; esperavam uma reação que ela não sabia como oferecer e era por isso que se haviam mostrado hostis, durante todo o tempo. Exceto Mãe Lauria, que sabia que ela não poderia reagir como deveria e conhecia o motivo para isso. Magda compreendeu sua culpa, pela visão das outras, mas não sabia como lhes mostrar que sabia disso!

Essa sempre foi a minha maldição: darkovana demais para ser terráquea, darkovana demais para ser feliz na Zona Terráquea... Vim para as Amazonas em busca da liberdade de ser o que realmente sou, mas não sei o que sou e como poderei encontrar se não tenho a menor idéia do que devo procurar aqui?

— Tem havido rumores demais e bem pouca verdade sobre a irregularidade do juramento de Margali — disse Mãe Lauria. — Jaelle, ela prestou o juramento em suas mãos, enquanto você, Camilla, testemunhou; ouçamos a verdade de seus lábios, diante de todas nós.

Magda escutou enquanto elas relatavam a história, mencionando que ela viajava sob salvo-conduto de Dama Rohana Ardais; houve murmúrios por toda sala a esse comentário, pois Dama Rohana era uma protetora respeitada e muito amada da Casa da Guilda de Thendara. Camilla contou como havia ministrado o juramento sob ameaça, como o código das amazonas exigia, depois indagou formalmente:

— Diga-nos, Margali, você prestou o juramento contra a vontade? Mãe Lauria sabia disso muito bem, pois estivera na reunião em que o assunto fora discutido. Magda engoliu em seco, reprimindo suas apreensões, e respondeu, ouvindo sua voz fina e infantil sob o teto alto:

— A princípio... sim. Era uma coisa que eu tinha de fazer, a fim de ficar livre para cumprir o compromisso com meu parente. Tive

medo de fazer promessas que não poderia cumprir, em sua consciência.

E se ela lhes dissesse que era terráquea e pelas leis terráqueas um juramento sob pressão não era válido? Não; já havia problemas suficientes entre terráqueos e darkovanos para que ela aumentasse ainda mais a discórdia antiga.

— Mas à medida que Jaelle me dizia o juramento, eu... eu tive a sensação de descobrir as palavras do juramento gravadas em algum lugar do meu coração... Acreditem, o juramento está agora no próprio centro do meu ser...

Ela sentiu um aperto na garganta e por um momento receou outra vez que pudesse chorar. Jaelle tornou a pôr a mão em seu ombro, tranquilizadora.

— Não contei a todas como Margali lutou por mim, quando poderia conter a mão e minha morte a libertaria de toda e qualquer obrigação? Ela abandonou a missão que lhe era tão importante porque não queria me deixar ferida, para congelar ou morrer sozinha. Levou-me através do Passo de Scaravel, sob ataques de banshees, ao final, nós três chegamos ao Castelo Ardais, contando apenas com pouco mais do que nossa força de vontade.

Jaelle apalpou a cicatriz estreita e vermelha em sua face e acrescentou, com veemência:

— Nenhuma mulher aqui tem uma filha-de-juramento mais fiel sob provação!

— Mas Camilla nos contou que primeiro ela falhou em sua defesa pessoal contra um bando de salteadores bêbados — disse Rafaella. — E não matou aquele que feriu você numa febre de sede de sangue e vingança, em vez de uma autodefesa disciplinada? Declaro que ela é instável e incapacitada para portar o aço, o que tornou a provar nesta casa, não tem dez dias.

Jaelle protestou, irritada:

— Rail, quem entre nós chega a esta casa capacitada para empunhar uma espada? Por que temos sessões de treinamento, se não para nos ensinar o que não sabemos?

Você mandaria Keitha ou Doria para defender esta casa pela ponta da espada?

— Doria nunca teria golpeado um homem indefeso que rendera sua arma — declarou Rafaella, também furiosa.

Mas Mãe Lauria fez sinal para que ela se calasse e disse:

— O que Doria faria não está em julgamento. Mas você levantou, uma boa questão; se Margali nada aprendeu entre nós em seu tempo aqui...

— Mas eu aprendi... realmente! — exclamou Magda, desvencilhando-se das mãos de Jaelle. — Sei que foi errado o que fiz...

— Margali — interrompeu-a Mãe Lauria, — ficará em silêncio até que lhe falem.

Magda arriou, mordendo o lábio, e Mãe Lauria continuou:

— O juramento de Margali foi formalmente posto em dúvida. Assim, três de vocês, além de sua mãe-de-juramento, devem falar por ela; e devem ser daquelas que prestaram juramento há cinco anos pelo menos.

Magda sentiu uma estranha calma envolvê-la. Pelo menos aquilo era o fim. Fizera o melhor possível; mas, mentalmente, já devolvia as roupas emprestadas à sala de costura, recolhia seus poucos pertences e saía pelas ruas geladas de Thendara, inteiramente sozinha pela primeira vez em sua vida. Fiz o melhor que pude. Mas Cholayna terá seu triunfo; recusou-se a aceitar meu pedido de demissão. Sabia que eu fracassaria? Mas Camilla interveio, veemente:

— Se vão questionar o Juramento de Margali, então questionem também o meu! Eu estava com raiva, é verdade, furiosa o bastante para agredi-la, mas foi culpa minha o que ela fez e não sua; eu a pus ao meu lado para defender a Casa, porque sabia que ela era uma guerreira hábil... E pensei, na pressa do momento, que isso era suficiente. Esqueci que sua habilidade com uma faca superava o treinamento; esqueci que, enfrentando homens pela primeira vez em muitas luas, ela poderia muito bem se descontrolar com toda a raiva reprimida que sistematicamente incutimos em sua mente nas sessões de treinamento.

Ela virou-se para Rafaella e continuou, muito séria:

— Poucas de nós chegam aqui com qualquer conhecimento de luta; aprendemos aqui, mas só DEPOIS que aprendemos a disciplinar nossas emoções. Se tivesse de enfrentar homens no meio do meu treinamento aqui, eu, que vivi entre os homens como uma soldada mercenária, creio que teria matado a todos. Não sei onde Margali adquiriu sua habilidade na luta, mas ela tem muito a nos ensinar, tanto quanto tem a aprender. . — e você mesma já compreendeu isso, Rafi, inclusive hoje contou com sua ajuda para a aula de combate desarmado. Ela possui muitas habilidades, embora ainda não esteja em condições de usá-las em qualquer lugar fora de nossa sala de treinamento. Eu havia esquecido como ela veio para nós e como se comportava lá fora; é minha obrigação saber de tais coisas; e depois que passou a raiva, compreendi que a culpa era minha, e não dela. Assumirei plena responsabilidade pessoal... — Era a frase formal. — ...pelo erro que expôs sua fraqueza.

Ela se aproximou e postou-se ao lado de Magda, depois arriou para o chão por trás. Magda viu o orgulho inflexível em seu rosto. Naquele momento, qualquer ressentimento que já experimentara contra a velha emmasca, por sua rispidez, as surras ameaçadas, dissolveu-se para nunca mais voltar. O termo “responsabilidade pessoal” era o usado nas mais sérias questões de honra e Camilla empenhara a sua na questão.

Ela é minha irmã-de-juramento e leva a sério essa irmandade... mas a sério do que eu mesma! E Magda disse, espontaneamente:

— Não, Camilla! Foi minha mão que desfechou o golpe da desgraça! Eu deveria saber que não podia fazer isso! E assumo a total responsabilidade...

— Você ficará em silêncio, Margali — disse Mãe Lauria asperamente. — Não repetirei isso. Mais uma palavra sem permissão e terá de sair da sala para aguardar a decisão em outro lugar. Uma já falou. Mais duas são necessárias.

Marisela disse, em sua voz doce e esganiçada:

— Falarei por Margali. Não perceberam por isso o quanto Margali aprendeu? Ela não se esquiva à responsabilidade, mesmo quando outra se ofereceu para assumi-la em seu lugar... e embora ela tenha falado sem permissão, suas intenções foram boas. Não se

pode atribuir culpa a Margali por ter falhado num teste que nunca deveria ter-lhe sido imposto. E no entanto, todas nós, silenciosamente, a temos culpado por dez dias... E qual de nós poderia suportar tanta desaprovação por tanto tempo de suas irmãs, no meio de seu período de permanência obrigatória na casa, sofrendo noite após noite nas sessões de treinamento todo o peso de sua aflição... e ainda assim se apresentar entre nós, controlada e serena, disposta a arcar com toda a culpa?

Ela correu os olhos pelo círculo.

— Irmãs, todas já estivemos onde Margali se encontra agora... sentindo-nos como crianças confusas, as certezas antigas perdidas e ainda sem nada para pôr no lugar.

Olhem para ela... senta ali sem saber se vamos expulsá-la para as ruas, onde teria de sobreviver sozinha, ou retornar para o lugar de onde veio... E, no entanto essa é a mulher que, apesar de toda a pressão que lhe aplicamos nos últimos dias, ainda encontrou forças em seu coração para ir espontaneamente confortar Byrna. Nenhuma de nós aqui... nenhuma, nem mesmo as que geraram crianças e tiveram de renunciar a elas, foi capaz de encontrar um momento para nossa irmã, porque ela é de outra Casa. Falo por Margali, irmãs; essa mulher é de fato uma das nossas, e eu não contesto seu juramento.

Houve um silêncio prolongado. Finalmente Mãe Lauria tornou a se manifestar no curioso ritual:

— Duas falaram, mas uma terceira é necessária.

E o silêncio persistiu, até que Magda sentiu as pernas levarem-na para fora da sala, enquanto a sentença era pronunciada. Quer a expulsassem ou não, ela não permaneceria sob aquele teto até o Solstício do Verão, se todas a julgavam desonrada.

Rafaella mexeu-se e Magda preparou-se para ouvi-la tripudiar, despejar suas acusações. Em vez disso, Rafaella declarou, lentamente:

— Por justiça... devo também falar por ela.

Por um momento, Magda não compreendeu as palavras, como se fossem pronunciadas na língua estranha da balada que Rafaella cantara.

— Ela lutou para nos defender; talvez não sabiamente, mas sem hesitação. Empunhou a espada sabendo que poderia morrer em nossa porta; e quem luta por um juramento em que não acredite e respeite? Talvez ela tenha lutado com ódio, quando deveria lutar com disciplina, mas eu não creio que seja incapaz de aprender a disciplina, com o tempo. Mais do que isso, sei o que Byrna teria falado por Margali se pudesse estar aqui... e chamo Marisela como testemunha disso. Margali se deu generosamente a todas nós, inclusive minha filha, na sala de treinamento... numa ocasião em que precisa de toda a sua força para o próprio aprendizado. Não muitas de nós poderiam fazer isso durante o período de treinamento... Sei que eu não seria capaz.

— Nem eu — acrescentou Camilla, bruscamente.

— De um modo geral, isso não nos é exigido. Contudo, exigimos de Margali, mais do que qualquer uma de nós tem a dar; em vez de culpá-la por não ter se saído perfeitamente, talvez devêssemos lhe dar crédito por não ter feito pior sob pressões tão intensas. E mais do que isso. Ela me fez perceber alguma coisa para a qual eu me mantinha cega...

Rafaella baixou os olhos para o chão, as mãos esguias de música se retorcendo incessantemente. E demorou algum tempo para continuar:

— Margali me fez perceber que tenho sido injusta com Doria, tanto quanto com ela. Não sou Kindra; ela conseguiu criar Jaelle nesta casa e ainda submetê-la ao período de permanência obrigatória na casa sem favoritismo... e sem exigir mais do que Jaelle podia dar. Margali me fez compreender que não posso fazer isso com Doria. Acho que Doria deve ser enviada para outra Casa da Guilda, a fim de se submeter ao treinamento e prestar o Juramento.

Magda viu-a engolir em seco e passar a mão pelos olhos. Mas depois Rafaella ergueu a cabeça e fitou Mãe Lauria sem lágrimas.

— Falo por Margali e peço, depois que essa questão for considerada, que Doria seja enviada para outra Casa. Não tenho condições para treiná-la. Estou ansiosa demais para que ela... satisfaça meu orgulho, em vez de trabalhar por seu próprio bem.

Mãe Lauria olhou para Magda e disse, suavemente:

— Três falaram. O juramento de Margali está mantido. Quanto a Doria... eu já tinha pensado nisso, Rafaella, mas esperava que pudesse ser evitado. Ela é uma criança desta casa...

— Não quero ir embora! — gritou Doria. — Esta é minha casa e Rafi é minha mãe...

— Não sou, não! — disse Rafaella, bruscamente. — Você nasceu de minha irmã. Pensei que podia ser... impessoal com você. Mas não posso; eu... em meu orgulho, pedi-lhe demais. E sabe que uma amazona que tem uma filha-de-nascimento em sua própria Casa deve enviá-la para treinamento em outro lugar.

Mãe Lauria levantou a mão.

— Uma coisa de cada vez! Doria, você sabe que deve permanecer em silêncio até ser autorizada a falar. Rafi, conversaremos sobre isso mais tarde; por enquanto, ainda não acabamos com Margali. Três falaram por ela e pelas leis das Renunciantes seu juramento está mantido. Mas não podemos permitir que a casa fique dividida pela discórdia. Não admitirei mais as intrigas e calúnias furtivas; se há qualquer coisa a ser dita contra Margali, que se fale aqui e agora e depois haja silêncio.

Mãe Millea interveio:

— Não tenho objeções para permitir que Margali permaneça entre nós. Não sinto antipatia por ela. Mas a verdade é que ela acarretou indenização e desgraça sobre nós e não creio que compreenda plenamente nossas leis. Se Jaelle estivesse vivendo aqui, seria sua a responsabilidade de instruir a filha-de-juramento nessas coisas.

Como isso não acontece, podemos considerar o prolongamento do tempo de permanência obrigatória na casa, a fim de que ela possa completar seu treinamento...

Oh, não, pensou Magda, eu não poderia suportar...

— Há um precedente para isso também — disse Mãe Lauria. — O período de permanência obrigatória pode ser estendido por outro meio ano se a mulher não aprendeu direito nossos costumes, o suficiente para ser confiável no mundo exterior. Apesar disso, reluto em fazer tal coisa com uma mulher da idade de Margali. Se ela fosse

uma jovem de quinze anos, é certo que eu exigiria, mas creio que há um meio melhor.

— Foi apenas por acaso que Jaelle tomou seu juramento e não eu, já que ambas estávamos presentes — declarou Camilla. — Eu me ofereço para instruí-la pessoalmente, como Jaelle poderia fazer.

— E eu também — acrescentou Marisela. Mãe Lauria balançou a cabeça e disse:

— Se alguma de vocês tem qualquer ressentimento velado contra Margali, que fale agora ou se cale para sempre.

Magda, correndo os olhos pelo círculo, hesitante, teve a impressão de ouvir fragmentos de pensamentos. Marisela falou:

— Posso afirmar que os ressentimentos são mesquinhos demais para serem enunciados, à luz de tudo isso... não é verdade? Acho que Margali é uma mulher extraordinária e um dia todas teremos o maior orgulho em reivindicá-la como uma das nossas.

Janetta, uma das mulheres mais jovens, que não tivera permissão de falar por Margali — e Magda também não esperava por isso, pois Janetta era amante de Cloris, que criara a crise do prato de sobras do jantar — , disse, com um ar pensativo:

— Tenho a impressão de que algumas de nós esqueceram como foi seu treinamento. Rafi tem razão; eu também não seria capaz, embora não me fosse pedido. Mas acho que talvez tenhamos esperado demais dela, por ser a filha-de-juramento de Jaelle.

BA terceira das Mães da Guilda, que ficara em silêncio durante toda a assembléia — Magda lembrou-se de ter ouvido o comentário de que era juíza na Corte de Arbitramento e se perguntou se não seria por isso que não participara da discussão, — declarou em sua voz idosa e rouca:

— Creio que há uma lição para todas nós na maneira como temos nos comportado; nenhuma de nós é mais do que sangue e carne e não devemos pedir mais de uma irmã do que estaríamos dispostas a suportar. Isso se aplica tanto a Rafaella e Doria quanto a Margali.

Rafaella estava apoiada no ombro de Jaelle; virou-se e estendeu a mão para Magda.

— Janetta está certa; eu havia esquecido e fiquei furiosa com você esta tarde porque me fez perceber o que vinha fazendo com Doria. EU... eu não quero perdê-la.

Mas, para o seu próprio bem, compreendo agora que devo deixar seu treinamento para as outras. Pode me perdoar?

Magda apertou a mão estendida de Rafaella, sentindo-se embaraçada.

— Eu deveria ter falado com mais tato. Fui grosseira...

— Ambas fomos grosseiras — disse Rafaella, sorrindo. — Pergunte algum dia a Camilla do que sou capaz... — Ela fitou a velha emmasca, rindo. — Quando estávamos em treinamento, juntas, sacamos as facas uma contra a outra! E poderíamos ter sido expulsas por isso!

— O que fizeram com vocês? — indagou Magda. Camilla riu, apertando o ombro de Rafaella.

— Algemaram-nos juntas por dez dias. Nos primeiros dias, nada fizemos além de discutir e brigar e depois descobrimos que nada podíamos fazer sem a ajuda da outra e por isso nos tornamos amigas. Não fazem mais isso, não nesta Casa...

— Mas também não tivemos duas mulheres sacando facas uma contra a outra desde então — interveio Mãe Lauria, sorrindo. — Mas ainda não aprendemos tudo o que podemos com esse caso. Ainda é aflitivo falar a respeito, mas devemos falar justamente porque é aflitivo. Keitha, seu juramento não foi contestado, não está em julgamento.

Mas diga-nos uma coisa, Keitha: por que declarou, depois que Margali feriu o espadachim rendido, que deveríamos ter matado a todos?

Magda não podia deixar de admirar a habilidade da velha como psicóloga. Sentia que o fardo era removido de seus ombros, mas também não achava que Keitha estava sendo atacada em seu lugar; apenas contestada, como era habitual nas sessões de treinamento.

Keitha levou algum tempo para formular uma resposta, sabendo que seria arrasada assim que as palavras saíssem de sua boca.

— Ele não tinha o direito de me seguir até aqui... teria matado algumas de vocês, com toda certeza mataria Camilla e me arrastaria de volta contra a vontade... iria me violentar, pela Deusa! — ela finalmente explodiu e Magda percebeu que tremia. — Desejei na ocasião ter a habilidade de Margali com uma espada, a fim de ser capaz de matá-lo pessoalmente, sem criar tantos problemas para minhas irmãs-de-juramento!

— Mas os homens que estavam com ele eram apenas espadas contratadas e seguiam o código da espada — disse Camilla, gentilmente. — Quando ele próprio tombou, os homens se renderam no mesmo instante- Qual é a sua briga com eles, filha-de-juramento?

— Um homem que aluga sua espada a um propósito tão imoral... ele não renuncia por isso a qualquer proteção? Se não às leis dos homens, pelo menos às nossas?

Rezl declarou, furiosa:

— Acho que Keitha tem razão! Os homens que lutaram ao lado de seu marido concordavam com o que ele estava fazendo, agiriam da mesma forma com suas próprias esposas... Por que mereciam ser mais bem tratados do que ele?

A voz suave de Camilla — tão feminina, Magda compreendeu subitamente, apesar do corpo magro e anguloso e das maneiras bruscas — espalhou-se pela semi-escuridão da sala:

— Se os homens constatarem que nós mulheres não podemos respeitar as regras civilizadas de comportamento, não se virariam ainda mais depressa contra nós?

— Regras civilizadas? — berrou Janetta. — As regras deles? — Mas Mãe Lauria ignorou-a e perguntou:

— Keitha, eram aqueles homens que você odiava? Ou desejava que todos os homens fossem punidos neles?

— É a Shann que eu odeio — murmurou Keitha. — Quero vê-lo morto na minha frente... Desperto de sonhos em que o mato! Não há! ninguém aqui que jamais tenha odiado um homem?

— Acho que não há ninguém que nunca tenha odiado — disse Rafaella.

Mas Mãe Lauria continuou como se não tivesse ouvido:

— O ódio pode ser um grilhão mais forte do que o amor. Enquanto odiar, continuará presa a ele.

Camilla comentou suavemente:

— O ódio pode levá-la, se não for capaz de atingir o alvo, a se virar contra si mesma. Sacrifiquei minha feminilidade para que nenhum homem pudesse jamais me desejar outra vez. Foi isso o que o ódio me custou.

Magda recordou a triste história que Camilla contara e se perguntou como a voz da velha podia permanecer tão serena. Keitha bradou:

— E isso é um preço muito alto? Não sabe do que foi poupada! A voz de Camilla tornou-se dura:

— E você não sabe do que está falando, filha-de-juramento.

— Não foi por isso que você se tornou mercenária? Para matar homens em vingança pela opção que lhe impuseram?

No silêncio que se seguiu, Jelle declarou:

— Conheço Camilla desde que tinha doze anos, nunca soube que ela matasse qualquer homem desnecessariamente ou por vingança.

— Luto muitas vezes ao lado de homens e aprendi a chamá-los de camaradas e companheiros — disse Camilla. — Não odeio nenhum homem vivo; aprendi a não culpar qualquer homem pelo mal feito por outro. Tenho lutado, é verdade, até já matei, mas posso admirar, respeitar e também, algumas vezes, amar, quando o amor é merecido.

— Mas você não é mais uma mulher! — exclamou Keitha.

Camilla deu de ombros.

— Acha mesmo que não?

Magda especulou se apenas fantasiara a angústia nos olhos de Camilla. E teve a impressão de que Jelle, por trás dela, falava em voz alta, mas depois compreendeu consternada que apenas lia seus pensamentos, que ninguém mais podia ouvi-la: Camilla não foi menos mãe-de-adoção para mim do que Kindra — talvez mais, já que ela não tinha criança e sabia que nunca teria nenhuma. Amo Camilla, mas é muito diferente da maneira como amo Peter. Eu o amo... às vezes... em outras ocasiões não posso imaginar porque

sequer gostei dele. Nunca, mas nunca mesmo, eu poderia me virar contra uma de minhas irmãs assim...

E Magda estava pensando, numa tentativa desesperada de distanciar a questão pelo recurso de intelectualizá-la, que haviam falado muito sobre as diferenças entre homens e mulheres, mas nenhuma das respostas jamais a satisfizera. Ela podia engravidar e Peter não podia, essa era a única diferença que podia perceber no mundo dos terráqueos, não partilhavam a mais perigosa das vulnerabilidades. E depois ela sentiu que sua escala de valores sofrera uma reviravolta, Peter dependera dela e agora dependia de Jaelle para lhe dar o filho que tão desesperadamente desejava... Antes, sempre vira a si mesma como a pessoa assumindo todos os riscos, mas agora Jaelle podia lhe gerar um filho, se ela quisesse, se ela quisesse... Peter se encontrava agora à mercê de Jaelle, como antes acontecera com a própria Magda.

Ela percebeu tudo isso com um relance de compaixão. Pobre Peter. E depois, em outro súbito relance: Jaelle estava grávida? Mas o súbito vínculo foi rompido e fechado, Magda se encontrava outra vez sozinha em sua mente, confusa, sem saber quais eram seus pensamentos e os que vinham de fora. Perdera uma parte do que Camilla estava dizendo.

— Eu me empenhei em provar que era igual ou superior a qualquer homem, mas agora já superei isso; posso admitir minha própria feminilidade e não preciso prová-la para você. Por que a aflige tanto pensar em mim como uma mulher, Keitha?

— Não consigo entendê-la! — exclamou Keitha. — Está livre do fardo que nenhuma de nós pode suportar, mas escolhe ser mulher, insiste em ser... nem mesmo a neutralização a libertou?

A expressão de Camilla tornou-se muito séria.

— Não é a liberdade em que você pensa, filha-de-juramento.

Ela estendeu a mão para Keitha, que a ignorou.

— É fácil para você ser sentimental sobre a feminilidade! — gritou Keitha, com raiva, as lágrimas escorrendo pelas faces. — Nada mais tem a perder, está livre do desejo dos homens e de sua crueldade, pode ser um homem entre os homens ou uma mulher entre as mulheres, como preferir, ter tudo à sua maneira...

— É assim que lhe parece, criança?

Camilla pegou a mão de Keitha entre as suas, gentilmente, mas a mulher mais jovem desvencilhou-se, numa repulsa irada. O rosto de Camilla contraiu-se um pouco, como em angústia.

— Posso ser realmente uma mulher entre as mulheres? Você não é a primeira que se recusou a me aceitar como tal, embora isso não aconteça com frequência em minha própria casa. Talvez os homens sejam um pouco mais gentis; aceitam-me como camarada, mesmo quando sabem que nada tenho a lhes oferecer como mulher, defendem minhas costas e pelo código da espada são capazes de sacrificarem suas vidas pela minha. Minhas irmãs aqui não poderiam fazer mais. Contudo, sei muito bem que não sou uma delas.

Keitha, brutal em seu ódio intenso, disse perversamente:

— Mas sinta aqui e ousa se gabar de sua camaradagem com nossos algozes e opressores!

— Eu não estava me gabando — protestou Camilla, calmamente, — mas é verdade que passei a conhecer os homens como poucas mulheres tiveram a oportunidade de fazê-lo.

Não mais quero matar a todos pela infâmia de uns poucos.

— Mas todas aqui não têm uma história para contar de homens que não mereciam mais nada além de nosso ódio? Estou cheia de ódio... nunca me livrarei desse ódio... quero matá-los e continuar a matar. -Só que seria mais misericordiosa do que os homens, poderia matá-los limpamente com a espada, enquanto eles matam e torturam, escravizam o corpo e a alma... nunca me livrarei do ódio até golpear um homem e vê-lo morrer...

— É por isso que veio para cá, Keitha? — perguntou Marisela, gentilmente. — Para aprender a matar homens? Mãe Lauria indagou:

— Um homem? Qualquer homem serve?

— Não são todos iguais no tratamento que dispensam às mulheres? — disse Keitha.

Mãe Lauria correu os olhos pelo círculo e fixou-os em Jaelle.

— Aqui está uma que disse isso tantas vezes que o som é um eco permanente nesta sala. Apesar disso, ela tomou um

companheiro livre e habita com ele fora da Casa da Guilda. Jaelle, pode falar a Keitha sobre os homens, e se são todos iguais?

Magda pôde sentir a agitação de Jaelle, como uma presença viva, embora a outra se mantivesse em silêncio e não se mexesse, por longo tempo.

— Não sei o que dizer, Mãe, preferia não falar por enquanto... Jaelle finalmente murmurou.

— Seria talvez porque precisa disso mais do que o resto de nós? Conhece as regras; nenhuma de nós pode nos poupar nem pedir às irmãs para falar do que não partilharemos...

Mas Jaelle continuou a olhar para o tapete e Mãe Lauria deu de ombros.

— Dona?

A moça soltou uma risada nervosa.

— Jamais conheci qualquer homem bastante bem para amá-lo... ou odiá-lo. O que posso dizer? — Ela virou-se para Jaelle e acrescentou:

— Você era a última mulher que eu podia esperar que tomasse um companheiro livre! Falou tantas vezes que nada queria com os homens...

Mãe Lauria fitou Jaelle por tanto tempo e tão atentamente que a mulher mais jovem murmurou:

— Não... eu falarei.

Mas depois ela ficou em silêncio por longo tempo, a tal ponto que Magda chegou a se virar para verificar se Jaelle continuava fisicamente presente.

— Os homens... são todos iguais... assim como as mulheres, de certa forma, também são todas iguais. Cada homem é diferente, mas todos possuem alguma coisa em comum que os torna diferentes das mulheres, não sei o que é...

Houve uma sucessão de risos pelo círculo e a tensão se atenuou um pouco, mas Jaelle acrescentou, transtornada:

— Acho que não era isso o que eu queria dizer. Tenho deitado com esse único homem. E isso me agrada... Creio que ele não é muito diferente do marido de Keitha... talvez com modos melhores. Há leis na Zona Terráquea que proíbem qualquer homem de ser

violento com a esposa, da mesma forma que também não pode ser com outro cidadão. Mas eu teria de perguntar a alguma mulher que já teve muitos amantes se todos são iguais nesse ponto...

Rafaella soltou uma risada.

— É uma ilusão comum das mulheres jovens pensar que os homens são diferentes uns dos outros. — Em meio aos risos das outras, ela arrematou:

— Falando sério, nenhum homem é como outro, mas também não são diferentes.

— Na Zona Terráquea — disse Jaelle, — uma mulher não é a propriedade de seu companheiro livre, não pela lei, mas há algo num homem que parece compeli-lo a possuir... Nunca soube antes que isso existia.

Ela sacudiu a cabeça e os cabelos, da cor de uma moeda de cobre recém-cunhada, balançaram sobre os ombros e em torno do rosto, brilhando à luz do fogo.

— Na intimidade... a mente... é rude... não sei...

Ela falou não muito alto, passando os dedos pelos cabelos, ajeitan do-os, com um gesto de orgulho e desafio. E subitamente parecia que Jaelle se encontrava numa das extremidades da sala e todas as suas irmãs na outra. Magda sabia que nunca fora assim antes entre Jaelle suas irmãs, mas lá estava agora, uma distância maior do que os abismos entre as estrelas; ela pensou: Eu poderia levantar agora e declarar que sou uma terráquea e pareceria menos estranha do que Jaelle neste momento.

Jaelle se encontrava distante, estranha, sozinha, sem outra coisa que não o orgulho, os cabelos flamejantes e a palavra, Comyn, que ecoou suavemente na mente de Magda, ecoou por toda a sala. Comyn. A própria palavra era como um muro sólido que separava Jaelle da única família que já conhecera.

Elas sabiam de seu sangue, é claro, sabiam que Dama Rohana era sua parenta próxima; mas nunca, em todos aqueles anos, Jaelle dissera qualquer palavra ou fizera qualquer insinuação de que se importava com seu sangue Comyn; os cabelos avermelhados pareciam um mero acidente de nascimento. Agora, estava ali na sala e Magda, contemplando os rostos de mulheres que haviam se

tornado de repente estranhas — e sabia que as via através dos olhos de Jaelle, — sentiu medo; um medo cauteloso, reservado, aos deuses, não aos homens; ao Comyn, alienígenas, forasteiros, soberanos...

Pois naquele momento Jaelle era uma forasteira, não uma irmã querida, todas sabiam disso. A fim de romper aquele silêncio assustador, Magda virou-se, pegou a mão de Jaelle e disse:

— Creio que é um jogo que eles gostam de fazer conosco: o da posse. Os homens gostam de pensar que nos possuem; sabem que isso não acontece, o que os deixa inseguros.

As mulheres... não sofrem tanto pela separação quanto os homens. Talvez não devêssemos culpá-los tanto por tentarem fingir que nos possuem. É a natureza dos homens.

Eles não têm mais nada.

— A natureza deles! — disse Felicia das sombras, os olhos ainda inchados, a voz rouca.

— Não devemos culpá-los pela possessividade, quando vi meu filho me ser arrancado, chorando, gritando meu nome...

Ela virou-se para Lauria, tremendo de raiva.

— A natureza deles! Essa natureza exige que tenham o domínio do mundo, de suas mulheres e de seus filhos, que eles, somente eles, tenham um direito à imortalidade através de suas crianças? Que tipo de mundo eles fizeram, em que uma mulher deve renunciar a seus filhos, para serem ensinados a lutar e matar como um sinal de masculinidade, a nunca chorar, nunca demonstrar medo, incutir em sua natureza a necessidade de possuir... possuir suas mulheres e crianças, transformá-lo no tipo de homem do qual eu fugi... Não é também da minha natureza desejar meus filhos? E isto me é negado aqui...

Ela pôs o rosto nas mãos e recomeçou a chorar, desconsolada. Janetta explodiu:

— Preferia que seus filhos fossem criados aqui para depois se virarem contra nós e tentarem nos possuir, quando estivessem crescidos?

— Deve haver um meio melhor do que devolvê-los a esse próprio mundo, para serem transformados no tipo de homens que

odiamos! — interveio Rafaella. — Talvez, se fossem criados entre nós, os homens fossem diferentes...

— Ainda assim cresceriam para ser homens. — protestou Janetta. — E não pertencem à Casa da Guilda!

Mãe Lauria levantou as mãos, tentando impor silêncio, mas o clamor continuou a aumentar. Magda estava pensando, quase em desespero, sem saber se os pensamentos eram seus ou de outra: Renunciamos a nossos filhos porque isso é tudo o que os homens querem de nós, talvez o que elas tentam fazer aqui seja inútil e antinatural...

Houve um súbito silêncio e Jaelle declarou:

— Tenho pensado... algumas vezes... que gostaria de ter uma criança. Julguei... algumas de vocês tolas por se deixarem engravidar.

— Ela cruzou as mãos no colo, para não retorcê-las. — Mas como podem saber? O Juramento diz... só devemos ter crianças no momento que escolhermos. Mas como... como sabem se é o seu próprio desejo... ou apenas um desejo de agradar ao homem?

— Saberá se tivesse duas ou três crianças — comentou Keitha, com intensa amargura.

— Será mesmo? — indagou Rafaella.

Magda sentiu confusão e consternação. Rafaella gerara filhos e renunciara a eles, ficara abalada com o sofrimento de Felicia... mas como sei de tudo isso?

— Não passamos todo o nosso tempo aqui aprendendo a conhecer nossas mentes e nossos desejos, em vez do que os homens esperam de nós? — indagou Cloris.

— Não — respondeu Jaelle. — Não há possibilidades de mentes comuns saberem, só podem ensinar isso nas Torres... Ora, não adianta dizer isso a você, pois nem mesmo possui laran. Como pode saber?

E subitamente Magda compreendeu que Jaelle não falara isso em voz alta, que se limitara a murmurar um “Não” estrangulado para Cloris e parará em seguida, tremendo.

Marisela inclinou-se e pegou a mão de Jaelle, um aperto firme que silenciou a mulher de cabelos avermelhados. Magda também se

manteve em silêncio, mal ouvindo o que Mãe Lauria dizia:

— Deu-nos outra coisa importante a considerar: como sabemos quando cumprimos nossa própria vontade ou a vontade de outra pessoa, cuja aprovação é importante para nós?

Ela continuou a falar, só que Magda não mais prestou atenção; ouviu apenas trechos do resto da sessão. Uma das mulheres disse:

— ...se todas resolvêssemos nunca mais ter filhos e se todas as mulheres fossem como nós, então estaríamos tão extintas quanto os chieri. O desejo de gerar de uma mulher é tão inato quanto o desejo do homem de procriar.

Janetta protestou:

— Isso não é um desejo autêntico que vem do fundo de nós, mas um desejo que nos disseram que devemos ter! Jamais conheci um homem, nunca Vou conhecer. Acho que não é certo que uma Renunciante deva renunciar aos homens, a seu mundo e propriedade, mas continue a deitar com homens, a amá-los e gerar crianças! Se rejeitamos o domínio dos homens, não devemos também rejeitar o poder sobre os homens que deriva de deitar com eles?

Marisela indagou gentilmente:

— Preferia que todas fôssemos amantes de mulheres, Janetta, como alguns homens dizem que somos?

— E por que não? Pelo menos nunca gerarei uma criança que seria arrebatada para o mundo a que renunciei e transformada no tipo de homem que odeio!

— Mas eu não gostaria de viver numa casa sem crianças — comentou alguém. — A vida seria pior sem pessoas como Doria e Jaelle, que foram criadas entre nós... e a casa ficaria vazia...

Magda pôde sentir a profunda angústia de Felicia por seu filho e a lembrança de Marisela do bebê de Byrna... Mãe Lauria disse, gentilmente:

— O desejo por criança é, no final das contas, um desejo natural, não pode ser descartado como algo nascido apenas do orgulho masculino. Pode ser destruído muito depressa pelos maus-tratos, às vezes pode ser destruído até nos homens. Há homens sem desejo por mulheres e considero que isso também é muito triste. É

parte também do que partilhamos com os homens: o desejo por crianças, nossa imortalidade, companhias para a velhice ou mesmo, como acontece com nossa pequena Doria, gente pequena para amar e zelar, acompanhar seu crescimento entre nós...

— E por esse desejo egoísta — argumentou Janetta, — geraria uma criança num mundo que escraviza as mulheres e corrompe os homens para continuar a escravizá-las?

Magda descobriu uma estranha imagem flutuando em sua mente: uma mulher, linda, magnífica... acorrentada, suspensa por pesadas correntes, imobilizada... A imagem se estilhaçou; sofria alucinações outra vez?

— ...mas você tinha uma opção, Felicia: poderia manter seu filho vivendo com ele fora da Casa ou mesmo voltar para o pai de seu filho.

— Parecia que eu não suportaria essas alternativas — respondeu Felicia, tremendo. — Não suportaria deixar minhas irmãs. Mas nenhuma mulher pode ensinar um homem a viver como um homem. Um homem que fosse capaz de viver pelo nosso código, seria um efeminado, nunca se sentiria à vontade em qualquer lugar... Eu não condenaria meu filho a esse destino.

— Contudo, se desprezamos a maneira como os homens vivem, é certo permitir que eles criem nossos filhos para serem mais desse tipo de homens? — indagou Mãe Lauria.

— Prefiro que um homem seja efeminado em vez de masculino à custa de toda decência e consideração — declarou Keitha.

— Algum dia talvez possa haver outra resposta para nós — disse Mãe Lauria. — Mas o mundo continuará como tem de ser, não como vocês ou eu gostaríamos. Que a Deusa conceda que algumas mudanças ocorram ainda em nossas vidas; mas nós, que estamos mudando o mundo, sempre sofreremos por isso. Não creio que o sofrimento seja desperdiçado... não o de Keitha, Camilla ou Byrna... cada uma de nós está sofrendo para mostrar aos homens dos Domínios que talvez preferamos sofrer a viver por suas regras.

E, no entanto, se homens e mulheres continuarão a viver para sempre apartados uns dos outros, como então a raça humana sobreviverá?

Marisela sugeriu, insinuante:

— Talvez como dizem que os terráqueos fazem... com máquinas.

Todas as mulheres desmancharam-se em gargalhadas, até mesmo Mãe Lauria riu. Só Magda não riu; não tencionava contar a Mãe Lauria sobre os mundos em que isso era de fato o procedimento normal. As mulheres começaram a esticar as pernas dormentes, a esticar as mãos frias junto do fogo; reuniram-se em pequenos grupos, conversando em voz baixa, enquanto outras iam à cozinha, voltando com uma enorme chaleira de sidra e uma travessa com bolinhos e doces. Magda serviu-se de uma concha da bebida quente e temperada e foi se postar junto do fogo, separada das outras. Camilla, Rafaella e Jaelle conversavam perto do fogo; o momento de alienação que Magda percebera, quando Jaelle parecia subitamente apartada das outras, desaparecera como se nunca tivesse existido. Magda especulou se não teria imaginado. Mãe Lauria aproximou-se, puxando Doria pela mão, gesticulou para que Rafaella se afastasse. Jaelle, levantando os olhos, fez sinal para que Magda se juntasse a elas. Ela pegou um prato dos bolinhos fritos que sempre eram servidos naquelas noites e foi até Jaelle.

— Onde está Camilla?

— Foi conversar com Keitha — informou Jaelle. — É uma situação terrível, Margali. Camilla é a mãe-de-juramento e não deve haver tanta hostilidade entre as duas.

— Não posso imaginar a causa — comentou Mãe Lauria, aproximando-se, acompanhada por Rafaella e Doria. — Achei que gostariam de saber que combinamos a partida de Doria para fazer o treinamento em Neskaya.

É demais, pensou Magda, mais uma amiga que se vai! Doria abraçou Magda timidamente, quase em lágrimas.

— Sentirei saudade de você, Margali... e de Keitha também. Não queria ir. Este é o meu lar, mas... mas...

— Mas todas deixam seu lar para o treinamento e você não poderia ser diferente — disse Jaelle. — Lembre-se de que Kindra me fez passar meio ano com Dama Rohana em Ardais, a fim de que eu pudesse saber direito como era a vida, conhecer ao que

renunciava... para que ninguém pudesse dizer que eu renunciara sem ter uma noção precisa da opção que fazia. Pelo menos, Doria, você vai para outra Casa da Guilda. Conheço muitas das mulheres em Neskaya... Encontrará amigas lá, e todas, no final das contas, são suas irmãs.

Por trás, Magda ouviu Rafaella indagar:

— Mas o que Keitha pode ter contra Camilla? Certamente não apenas o fato de ela ser uma emmasca, neutralizada... Keitha não pode ser tão cruel e intolerante assim, não é mesmo?

— Não creio que seja apenas isso — disse Jaelle. — Camilla é amante de mulheres; tem sido gentil e afetuosa com Keitha, que talvez interpretou de modo errado sua afeição...

O rosto de Magda ardeu, embora soubesse racionalmente que as palavras não lhe eram dirigidas. Afinal, ninguém sabia sobre o momento em que ela beijara Keitha, em seu delírio, depois de ferida... Como poderiam saber? E também tinha certeza de que ninguém tomara conhecimento do encontro em que repelira Camilla.

— Keitha é uma crístoforo e eles são tão terríveis quanto os terráqueos nessa questão — comentou Rafaella. — Mas Camilla não é do tipo de pressionar quando seus desejos são repelidos, nem mesmo gentilmente. Não é possível que Keitha pense em Camilla como um perigo para ela, não é mesmo? Margali, você a conhece melhor do que qualquer outra aqui. O que acha que ela pensa?

— Não sei o que Keitha pensa. Nem mesmo sei o que eu própria penso. Mas se Keitha não é capaz de perceber que Camilla é uma mulher boa e honrada, então o prejuízo é dela.

— Mas não deve haver hostilidade entre uma mulher e sua mãe-de-juramento — insistiu Rafaella. — É errado, antinatural. É preciso fazer alguma coisa!

Ela estendeu a mão para o prato de doces, hesitou, depois sacudiu a cabeça, rindo.

— Já comi demais. Estou faminta como se estivesse no quarto mês de gravidez. Vai passar a noite na Casa, não é mesmo, Jaelle? Não pode voltar pelas ruas de Thendara a esta hora. E escute só...

Ela ficou em silêncio, para que as outras pudessem ouvir a violência do granizo contra as janelas, o vento que uivava incessante

pelas ruas.

— Gosto de ouvir esses sons — murmurou Jaelle, enquanto Magda estremecia. — Na Zona Terráquea ficamos isolados do tempo, nunca sabemos se neva ou o sol brilha...

— Se vai ficar, não gostaria de dormir no meu quarto? Transferiram Marisela porque ela entrava e saía a qualquer hora, o sono de uma parteira é como o de um fazendeiro na época em que os animais começam a parir. Devra continuar em Nevarsin, por isso há espaço suficiente...

— Está certo — concordou Jaelle. — Talvez possamos conversar alguns minutos sobre os negócios. Creio que, no final das contas, você vai precisar de uma sócia durante um ou dois anos...

— Jaelle! — exclamou Rafaella. — Quer dizer que está grávida? Eu gostaria de conhecer seu companheiro livre, se foi capaz de fazê-la mudar de idéia sobre uma coisa dessas.

Jaelle sacudiu a cabeça.

— Ainda é muito cedo para ter certeza, Rafi. Você seria a primeira a quem eu contaria, mas é claro que há sempre a possibilidade. De qualquer forma, passarei pelo menos um ano com os terráqueos. Dei minha palavra. E há também...

— Há também o problema de que mulheres enviar para aprender as técnicas médicas dos terráqueos — interveio Mãe Lauria. — Quero consultá-la sobre isso, Rafaella, antes de tomarmos a decisão final. Talvez Doria possa querer ir, depois que concluir seu período de treinamento em Neskaya. Eu pensava em enviá-la a Arilinn para fazer o treinamento de parteira. Doria possui mãos hábeis e é competente com os animais, pode ser boa nisso também. Mas não vamos discutir o assunto esta noite.

Ela correu os olhos pela sala, onde ainda permaneciam uns poucos grupos pequenos de mulheres, as outras tendo se dispersado. Três ou quatro sentavam num canto junto da lareira, tomando vinho, como se tencionassem passar o resto da noite assim; duas outras estavam absorvidas em algum jogo de cartas; Irmelin, com duas ajudantes, recolhia os pratos e canecas usados. Mãe Lauria acrescentou:

— Eu esperava falar a respeito na assembléia, mas os outros assuntos demoraram muito e eu não queria mantê-las acordadas até muito tarde. Margali, você e sua mãe-de-juramento podem passar um momento pelo meu gabinete antes de subirem?

Magda não podia deixar de admirar a maneira hábil como Mãe Lauria distinguira as duas — você e sua mãe-de-juramento, — como se o problema tivesse relação apenas com a contestação de seu juramento. Rafaella deu um beijo de boa-noite em Jaelle.

— É melhor passar esta noite com Margali; nós duas sempre passamos metade da noite conversando e estou com muito sono. — Ela arrematou as palavras com um enorme bocejo. — Podemos falar dos negócios ao desjejum. Mas não se ausente por tanto tempo na próxima vez, querida... afinal os terráqueos não podem mantê-la tão ocupada assim, não é mesmo?

Jaelle abraçou-a.

— Algum dia ainda lhe falarei sobre os relógios terráqueos! Em seu gabinete, a Mãe da Guilda disse:

— Teve a oportunidade de nos ver e se lembrar de nossas forças, Jaelle... tem alguma sugestão?

— O sorriso de Jaelle era hesitante. Magda achou que ela parecia muito cansada.

— Só sugestões negativas. Não creio que Janetta se adaptasse aos terráqueos... ou o inverso.

Mãe Lauria balançou a cabeça.

— É uma. Como Janni é inteligente e aprende depressa, tenho certeza que os terráqueos a julgariam excelente em sua... tecnologia. Ela usou a palavra terráquea; não havia equivalente em casta. — Acho que Keitha também seria valiosa e o aprendizado seria muito importante para ela. Marisela começou a levá-la em chamados de maternidade... Keitha já é uma eficiente parteira, e com o treinamento terráqueo ainda por cima poderia tomar o lugar de Marisela, sempre que Mari se ausentar em missões da Irmandade.

— Jamais entendi a Irmandade — queixou-se Jaelle. A velha Mãe da Guilda sorriu.

— Nem eu ou qualquer outra pessoa que não a integre, Shaya. Mas elas são muito antigas na história das Renunciantes. Há até quem diga que foram as Renunciantes originais.

Mas isso não vem ao caso agora. .. A verdade é que não creio que Keitha neste momento seja capaz de se controlar no convívio com homens estranhos.

Ela fez uma pausa, suspirando.

— Devemos pensar quais das nossas melhores mulheres desejamos enviar para o treinamento terráqueo, não apenas as que são capazes de sobreviver entre eles. É uma das forças de nosso treinamento, tornarnos duras e inflexíveis, mas é também uma fraqueza... Nenhuma sociedade que não esteja aberta a coisas novas pode crescer e mudar como precisamos fazer. Kindra costumava dizer que deveríamos aprender de tudo que surgisse em nossas vidas.

Magda sugeriu, hesitante:

— Talvez devêssemos simplesmente descrever o que os terráqueos querem na assembléia da Casa e indagar que mulheres gostariam de ir como voluntárias... e talvez deixar que uma das mulheres terráqueas viesse para cá, a fim de que as... as irmãs da Guilda pudessem compreender que elas não são tão diferentes.

Cholayna Ares, ela pensou, compreenderia as amazonas e a Casa Guilda e as Renunciantes respeitariam sua força e integridade.

Contudo, a pele parda de Cholayna poderia despertar alguma xenofobia

— Magda disse a si mesma que estava sendo tola; sem dúvida aquelas mulheres seriam capazes de aprender a respeitar uma mulher de um grupo étnico diferente!

— Pode-se dar um jeito. Eu mesma gostaria de conhecer algumas dessas mulheres terráqueas, Margali. Entre outras coisas...

— O sorriso de Lauria era gentil. — ...porque acho que isso poderia me ajudar a compreendê-la melhor. Mais cedo ou mais tarde deve haver encontros desse tipo.

— Talvez... não poderia fazer uma visita ao QG, Mãe? — indagou Jaelle. E, hesitante, ela acrescentou: — E talvez... não

poderia convidar algumas para jantar na Casa da Guilda e deixá-las falar na assembléia sobre o que oferecem e o que pedem?

Magda ficou contente pelo fato da sugestão partir de Jaelle, em vez dela, embora sorrisse à idéia de uma agente de recrutamento regular do Império ali, na Casa da Guilda. Mas por que não? Havia mulheres ali capazes de se beneficiarem com a instrução terráquea; ela podia, por exemplo, imaginar Rafaella como comandante de uma nave estelar!

— Pensarei a respeito e isso é tudo o que posso dizer no momento — respondeu Mãe Lauria. — Mas confesso que ficaria satisfeita em visitar o QG. E agora devo mandar as duas para a cama.

Dispensada, Jaelle olhou para Magda, hesitante.

— Não se importa, não é mesmo? Ela considerou que eu, como sua mãe-de-juramento, preferia ficar em seu quarto...

— Claro que não me importo — respondeu Magda, recordando as muitas noites que passara com Jaelle em viagem.

A sós, no quarto, Magda perguntou:

— Peter está bem?

— Muito bem. Jaelle caíra num silêncio taciturno, que Magda relutava em perturbar. Providenciou uma camisola para Jaelle; era muito grande e Jaelle parecia uma criança vestindo as roupas da mãe. Ela sentou na beira da cama e disse:

— Isso me lembra da ocasião em que cheguei aqui. Não havia crianças na casa e Kmdra nada pôde encontrar que coubesse em mim. Aprendi a costurar reduzindo as roupas para o meu tamanho.

— Quantos anos tinha quando veio para cá, Jaelle?

— Onze, doze... por aí, não me lembro direito.

— Onde nasceu?

Jaelle franziu o rosto e respondeu bruscamente:

— Shainsa. Ou pelo menos foi o que me disseram; não me lembro de coisa alguma a respeito. Seus terráqueos têm me pressionado para permitir que me hipnotizem com uma de suas máquinas e conte todas as coisas de que me lembro. Mas não quero recordar nada... foi por isso que esqueci.

— Nem mesmo sei onde fica Shainsa. Não é uma das Cidades Secas?

— É isso mesmo. Fica no deserto além de Carthon. — Jaelle falou incisivamente, em tom de aversão. — Não tive tempo de tomar banho antes do jantar. Vou procurar uma tina livre.

Ela foi para o banheiro comunitário e Magda, gelada até mesmo na camisola quente comprida, meteu-se na cama, sob todos os cobertores extras que conseguira obter.

Seus pés pareciam gelo; ajeitou-os alternadamente por trás dos joelhos, especulando por que ninguém em Darkover jamais inventara um saco de água quente. Talvez eu pudesse me tornar uma benfeitora pública pela reinvenção do saco de água quente, ela pensou, sonolenta, perguntando-se por que Jaelle demorava tanto... teria adormecido na tina? Ela não acordou quando Jaelle voltou, no escuro, passando por cima de seu corpo para o lado da cama encostado na parede. Jaelle deitou, lutando contra o sono. Mas, finalmente, os sons noturnos familiares da Casa e a fragrância familiar do colchão estufado com erva-doce embalaram-na para o sono mais profundo que já conhecera desde que fora para a Zona Terráquea.

Magda sonhou. Estava lá embaixo, na sala de treinamento... ou seria no vasto salão de baile em Ardaís, onde dançara, no Solstício do Inverno? Dama Rohana também se encontrava ali, mas com os cabelos curtos de uma amazona; e Peter também estava, mas tinham de atravessar o Passo de Scaravel antes de a neve começar a cair, ele não parava de instá-la a deixar o salão de baile em sua companhia. Mas agora Peter pertencia a Jaelle e não tinha o direito de persuadi-la assim. Ela acabou saindo com ele para a sacada, mas a sacada se transformara na estrada que levava ao baluarte dos bandidos de Sain Scarp, e Rumai di Scarp lá estava, por isso ela sacou a faca e defendeu os degraus da casa contra ele, sua espada se movendo como se dotada de vontade própria, defendendo Peter do ataque, e continuou a golpear, ignorando seu gesto de rendição, embora soubesse que assim se desgraçaria como uma amazona; mas não parou, continuou a golpear, até que ele tombou morto a seus pés, numa poça de sangue. A neve soprando no desfiladeiro

converteu-se numa terrível tempestade de areia e por baixo de uma enorme rocha, à sombra, ela viu a poça de sangue, manchando o deserto à luz do sol nascente, pôs-se a gritar, gritar...

Ofegante, Magda despertou, descobrindo que estava ajoelhada na cama, as cobertas jogadas no chão, e era Jaelle quem gritava... não, ela não tinha mais certeza se houvera gritos, exceto no sonho, cujos fragmentos mesmo agora se desvaneciam à lembrança chocante do sangue na areia do deserto. O quarto se achava iluminado pela pálida claridade da neve lá fora, refletindo a pequena lua verde.

— Um sonho terrível! — balbuciou Jaelle, ofegando. — Desculpe, iya. Venho sofrendo pesadelos... quer que eu durma no chão?

Magda sacudiu a cabeça.

— Também tive um pesadelo... é culpa minha, tanto quanto sua. Sempre tenho pesadelos depois das sessões de treinamento.

— Você também? Eu ficava acordada por horas a fio depois das sessões, porque tinha medo dos pesadelos. Qual foi o seu?

Magda rebuscou os fragmentos do pesadelo, que desapareciam.

— Sain Scarp. Lutando contra alguém. Uma poça de sangue... não tenho certeza...

Mas com um terror profundo ela podia ver o rosto de Peter no meio da poça de sangue.

— Eu sonhava... acho que era minha mãe — murmurou Jaelle, baixando a guarda por um momento. — Acordada, não posso sequer me lembrar de seu rosto... eu era bem pequena quando ela morreu. Mas tenho pesadelos com minha mãe. Sei que ela morreu no deserto, mas isso é tudo que posso lembrar.

Magda, porém, podia ver o pesadelo em sua mente. Claro, o sangue espalhando-se na areia, um horror paralisante que não a deixava se mexer. Deliberadamente, para romper a paralisia, ela inclinou-se e pegou as cobertas.

— Não sente calor com todos esses cobertores? — perguntou Jaelle.

— Calor? Por Deus, claro que não! Estou congelando! — Magda tornou a se acomodar sob as cobertas, desejando um café quente ou algo parecido. — Dama Rohana também apareceu em meu pesadelo, só que se vestia como uma amazona ou havia amazonas lá também, não me lembro... Alguém sangrava até a morte... não, desapareceu.

Qual é o problema, Jaelle?

— Nada... apenas sinto frio também, no final das contas — murmurou Jaelle, batendo os dentes. — É tão quente no QG que acabei me acostumando. Vamos tentar aquecer uma à outra.

Ela puxou Magda e o calor de seu corpo foi como uma âncora, bem-vindo, solidificando de alguma forma as beiras tremulantes da luz. — Peter nunca teve paciência com sonhos

— comentou Magda, descobrindo a imagem a flutuar em sua mente, sem saber por quê. — Ele sempre disse que ninguém se interessava por sonhos, a não ser o Serviço Psicológico e o Médico... Se eu queria falar sobre meus sonhos, deveria procurar um psicólogo, que pelo menos teria um interesse profissional. Ele faz isso com você? Jaelle sacudiu a cabeça.

— Eu não sabia que as máquinas podiam provocar pesadelos, até que ele me contou.

— Mas um corticador bem ajustado não deve incomodá-la tanto disse Magda, preocupada. — Deve providenciar para que fiquem devidamente ajustados a seus ritmos alfa. Quem está trabalhando com você?

— Não consigo me lembrar de todos os nomes. São tantos...

— Devia ter pelo menos uma sala só para você. Passei anos para sair daquele hospício e ir para o gabinete do Coordenador; e depois de todo o tempo em que me esforcei para sair do meio da multidão, você deixou que a mandassem de volta? Como uma experta em línguas residente, Jaelle, você merece uma sala particular... tem de lutar por seus privilégios, especialmente sendo mulher, ou pisarão em você!

Jaelle deixou escapar um suspiro profundo e aliviado; então sua aversão ao escritório apinhado, com as escrivainhas claustrofóbicas, não era apenas um sinal de fracasso pessoal, como

Peter parecia pensar com tanta freqüência; Magda também detestava.

— Você é uma experta especial, não uma burocrata rotineira — insistiu Magda. — Exija o que lhe é devido. É o que eles esperam, e a respeitarão por isso. — Ela ajeitou o travesseiro numa posição mais confortável e acrescentou: — Uma coisa que me faz falta aqui, é um relógio com mostrador luminoso. Nunca sei que horas são!

E isso era uma das coisas que Jaelle mais apreciava: estar livre da tirania da ênfase contínua no horário. Refletiu que era uma das diferenças culturais mais profundas.

Mas limitou-se a comentar:

— Acho que isso nunca me fará falta.

Ela aconchegou-se sob as cobertas. Magda comprimiu o rosto contra o travesseiro e Jaelle aproximou-se do calor de seu corpo.

Depois de algum tempo, elas recomeçaram a sonhar. Estavam em alguma torre no topo, Jaelle e Magda paradas em pontos opostos de um círculo. Magda parecia olhar por seus próprios olhos e também pelos olhos de Jaelle, segurando nos braços um arco reluzente com as cores do arco-íris, como um domo geodésico brilhante... A palavra

geodésico aflorou, estranha, na mente de Jaelle, mas ela não sentiu curiosidade sobre seu significado, não se perguntou de que experiência insólita Magda obtivera

o conhecimento do significado. O domo era transparente, mas muito forte, protegeria os que trabalhavam por baixo... Era um trabalho muito importante, mas não podiam ver direito o que as pessoas faziam, embora Marisela parecesse estar lá embaixo também, assim como um homem simpático, na casa dos quarenta anos, vestindo o verde e dourado do Domínio de Ridenow, que levantou o rosto para Jaelle, e seus olhos se encontraram, fitaram-se por um longo momento e Jaelle compreendeu que haveria de reconhecê-lo imediatamente se algum dia o encontrasse na vida real. Ele indagou suavemente: Está aqui fora do tempo ou extraviada num sonho, chiya? Jaelle não tinha resposta para ele. E havia outra amazona ali, rosto redondo, nariz arrebitado... Jaelle a vira em algum lugar, mas não podia lembrar seu nome. Alguma coisa

crecia sob as mãos delas e Magda sentia-se muito orgulhosa do que estavam fazendo. Alguém disse ao alcance de sua audição: Todos nós aqui tivemos de superar pelo menos uma vida. Magda ouviu alguém repetir um fragmento de poesia... e sabia que era muito antiga: Aquele que vive mais de uma vida, Mais mortes do que uma deve sofrer...

E ela disse, impaciente:

— Já não é terrível ter de morrer uma vez? Ao que Marisela respondeu:

— Ora, não tem nada de mais morrer. Eu já morri algumas centenas de vezes. Você acabará se acostumando.

Magda parecia conversar com um homem alto e louro, cujo rosto Jaelle não podia ver. Lembrava-a um pouco Alessandra Li, mas não era ele. O homem levantou subitamente e levou-a para trás de uma faixa de fogo intenso que surgira de repente... Jaelle sentiu o fogo queimar os pés de Magda e tentou correr para ajudá-la, mas o domo escorregava de seus dedos. E depois ela se descobriu nos braços de Peter, só que não era Peter, era seu primo Kyril Ardais; ela se ouviu dizer irritada que deveria ter contado seus dedos antes de ir para a cama com ele. Só que de alguma forma não era também Kyril, era um dos bandidos que as atacara, e Magda estava nos braços de Peter... não, Magda sabia que não era estupro, sabia que fora de bom grado para os braços de Peter, só que agora, ao deixá-lo, sabia num sentido bastante concreto que ele a usara durante todo o tempo, dominando-a porque ele sabia que ela era superior, em seu trabalho partilhado, e agora Jaelle teria sua criança, mas se encontravam a sós, tentando descer pela encosta de uma montanha, degraus de gelo escavados no penhasco, ela procurava por Dama Rohana, porque Jaelle ficara grávida de um dos bandidos e ia morrer de parto, a menos que Dama Rohana pudesse levar a gravidez ao termo. Ela estava morrendo, sangrava nas areias do deserto, havia uma nevasca de areia que cortava como neve soprando em seus rostos, Jaelle estava estendida na areia, sangrando, enquanto ela se contorcia e gritava no parto, era de alguma forma a criança de Magda que ela tentava parir, a criança que Magda deveria ter gerado para Peter, mas deixará isso para Jaelle...

E elas despertaram nos braços uma da outra, apertando-se com toda força, os pesados cobertores e colchas empurrados para os lados. Magda desvencilhou-se, estendendo a mão para as cobertas, mas Jaelle deteve-a.

— Ah, louvados sejam os Deuses, estou aqui, sã e salva, com você, bredda — ela balbuciou, apertando Magda. — Fiquei tão assustada, apavorada... O que você sonhou desta vez?

E Jaelle beijou Magda, que por um instante sentiu que o beijo as unia da mesma forma mágica que havia partilhado os pensamentos de Jaelle no sonho. Depois, chocada e trêmula, ela se desvencilhou. O que aquele lugar lhe fizera? Sentia-se fraca e esgotada, a primeira claridade refletida pela neve na janela parecia enfiar facas por sua cabeça. Jaelle fitou-a e o riso se desvaneceu na preocupação.

— Está tudo bem, Margali — ela sussurrou. — Não há nada para ter medo. Está aqui comigo, bredhya.

Ela tentou puxar Magda outra vez para o conforto de seus braços. Mas Magda desvencilhou-se, levantou cambaleando, a camisola arrastando-se pelo chão em sua esteira.

O chão parecia instável, estufando e ondulando sob seus pés; quando entrou no banheiro e molhou o rosto com água gelada, teve a sensação de que queimava sua pele, sem desanuviar a visão ou reduzir a febre.

Irmelin se encontrava ali, sob o chuveiro gelado; a mera visão fez Magda estremecer. Ficou surpresa ao deparar com Magda.

— Acordada tão cedo? Não está de serviço na cozinha, não é mesmo? Ou ajudando Rezi na ordenha? — Ela deslocou-se para o lado. — Já acabei aqui.

Irmelin pegou a toalha. Ficou imóvel por um instante, observando Magda entrar no banho.

— Está doente, Margali?

Magda pensou: estou, sim, há alguma coisa errada comigo. Mas limitou-se a sacudir a cabeça.

— Há sangue em sua camisola — observou a mulher gorducha e risonha. — Se tirar a mancha agora, com água fria, estará

prestando um favor às mulheres que trabalham na lavanderia nesta lua.

— Sangue?

Magda ainda se encontrava num estupor de horror do sonho; já ia dizer: Mas nem mesmo estou grávida! Controlou-se a tempo... mas que absurdo! Inclinou-se para olhar; era verdade. A camisola grossa se achava manchada de sangue.

Pelo menos isso explicava parte do sonho; os sonhos explicitamente sexuais sempre anunciavam o início da menstruação.

O tratamento que recebera na Zona Terráquea, para suprimir os ciclos de ovulação, devia ter se desgastado.

Não esperava por isso. Peter sempre rira dos sonhos sexuais que ela tinha nessas ocasiões, dizendo que se fosse igualmente ardente no início do ciclo ele poderia engravidá-la... Magda cortou o pensamento, furiosa consigo mesma pela lembrança. Foi ao armário onde eram guardados os suprimentos e Irmelin comentou, observando-a:

— Parece mesmo indisposta, Margali. Se eu fosse você, pediria a Marisela alguns dos medicamentos de ervas que ela tem para essas coisas e depois voltaria para a cama e tentaria dormir.

Ela não queria perturbar o descanso de Marisela, mas era uma tentação; voltar para a cama, aconchegar-se ali e alegar doença, deixar tudo de lado. E a coisa que a fazia sentir-se mais doente era o fato de que não queria outra coisa que não voltar para Jaelle, deixar a mulher confortá-la, encontrar o mesmo tipo de contato que tivera com Keitha depois da luta, quando o medicamento de Marisela reduzira suas defesas e desta vez seguir até onde pudesse levá-la. Mas não podia encarar Jaelle, não podia encarar ninguém com aquela coisa, o que quer que fosse; estava desamparada, desprotegida... sentia-se emaranhada, enredada em lealdades conflitantes, como teias de aranha. Suas mãos tremiam enquanto lavava a camisola.

Estou com ciúme de Jaelle. Não porque ela tem Peter, mas porque Peter a tem, agora... Ele acusou-me disso uma vez e eu não quis acreditar.

Ela voltou ao quarto e vestiu-se, apressada. Jaelle sentou e observou-a, perturbada.

— Filha-de-juramento, o que eu fiz? O que a está preocupando? Pensou...

Jaelle parou, incapaz de acompanhar os pensamentos turbulentos de Magda; o laran irregular que nunca podia controlar a abandonara outra vez e não sabia com que Magda se preocupava, sabia apenas que a amiga estava desesperadamente transtornada e não podia imaginar o motivo. Por que Magda não aceitava seu conforto? Magda pôs os sapatos e desceu, quase correndo; quando Jaelle a seguiu, algum tempo depois, Magda não se encontrava no desjejum no refeitório nem em qualquer outro lugar da casa. Ao indagar se alguém a vira, Rafaella informou, perplexa, que Margali se oferecera para ajudar na ordenha no estábulo.

E subitamente Jaelle sentiu-se furiosa. Se ela prefere o trabalho árduo no estábulo em vez de me encarar para resolvermos isso juntas, que assim seja. Ela sentou ao lado de Rafaella e serviu-se de um prato de mingau, acrescentando leite. Balançou a cabeça quando Rafi lhe passou o pote de mel e disse:

— Muito bem, vamos falar dos negócios, pois devo voltar ao QG na terceira hora depois do nascer do sol.

Capítulo Três

Jaelle tinha certeza agora de que estava grávida, embora ainda não houvesse qualquer indicação do enjôo matutino. E isso lhe trazia uma lembrança da Casa da Guilda, anos antes. Acontecera antes da morte de Kindra. Marisela dissera, em uma das primeiras preleções das parteiras a que Jaelle tivera permissão para comparecer, depois que seu corpo amadurecera, que o enjôo matutino ocorria em parte porque corpo e mente discordavam; um ou outro, mente ou corpo, rejeitava a criança, enquanto o outro desejava. E ela não ficaria surpresa se o enjôo surgisse, em sua confusão.

Ainda não contara a Peter. Parte de sua mente atordoada especulava se não estaria sendo rancorosa. Peter queria demais um filho. Ela experimentava um prazer maldoso em negar-lhe o conhecimento que tanto representaria para ele? Não, tinha certeza de que não era isso.

O que eu quero, em meu coração, é que ele saiba sem ser informado. Que leia em meu coração e mente como até Kyril, por mais que eu o despreze, saberia fazer. Isso a fez sentir-se culpada outra vez, o fato de tanto querer — não, precisar — que Peter fosse o que não era. Contudo, ela rejeitara, com absoluta determinação, sua herança Comyn. E rejeitara várias vezes, a primeira quando criança, ao pedir para ser adotada na casa das amazonas, em vez de permanecer com Rohana, que amara sua mãe e teria adotado com a maior satisfação a filha de Melora. Rejeitara outra vez ao quinze anos, ao optar pelo Juramento, em vez de receber o treinamento de uma filha Comyn, aprender o uso do laran numa Torre e casar com um filho Comyn. Não queriam que ela renunciasse à sua herança. Estava próxima demais do comando do Domínio de Aillard... Jaelle não tinha certeza do quão próximo, jamais quisera saber.

O Juramento foi expresso; não gerar criança pela casa ou herança de qualquer homem, por clã ou linhagem, orgulho ou posteridade. Perguntara na Casa da Guilda a questão fundamental: como podia saber se queria uma criança por si mesma ou por que Peter tanto a desejava? E o que dizer da herança de uma mulher?

Não estava querendo gerar uma filha para a Casa da Guilda ou pela linhagem de sua mãe?

E por que deveria pensar tanto a respeito agora? Já que estava grávida, não havia muito que pudesse fazer. Negligenciara deliberadamente as precauções anticoncepcionais que os médicos terráqueos haviam lhe explicado com todo cuidado. Uma criança a escolhera, embora ela não tivesse realmente escolhido a criança.

Contudo, ao entrar naquela manhã na sala de Cholayna, ocorreu-lhe que gostaria muito de confidenciar tudo à mulher mais velha.

Mas... confidenciar a uma estranha, quando nem mesmo contara ao pai da criança? Seria apenas o hábito de recorrer a outra mulher em busca de conforto ou confirmação?

Lembrou que procurara uma garantia de Magda, quase uma permissão, antes de partilhar a cama de Peter. Racionalizara por dizer a si mesma que desejava ter certeza de que a amiga não sentiria ciúme, porque Peter fora outrora o marido de Magda.

Mas Cholayna era sua superiora, não sua amiga ou irmã-de-juramento!

— Jaelle — disse Cholayna, — conversarei esta manhã com uma das Renunciantes, uma... Mãe da Guilda? — Ela hesitou, atrapalhada com o título. — Seu nome é Lauria n'ha Andrea... pronunciei direito? Quero que você esteja presente como intérprete.

— Será um prazer — respondeu Jaelle, pensando que Mãe Lauria não perdera tempo. — Mas você fala a língua e acho que não precisa realmente de intérprete.

Cholayna sorriu.

— Posso pronunciar as palavras corretamente, mas preciso de alguém para ter certeza de que as uso da maneira apropriada. Entende ao que me refiro por semântica?

Não o significado da palavra, mas o significado dos significados e o modo como pessoas diferentes usam as mesmas palavras para indicar coisas diferentes.

Jaelle reiterou que seria uma honra e Cholayna passou a falar pelo comunicador.

— Peça à dama darkovana... — Ela parou. — Não, espere. Jaelle, poderia fazer a gentileza de escoltá-la pessoalmente até minha sala?

Você a conhece.

Jaelle saiu para atender ao pedido, refletindo que Cholayna possuía uma percepção intuitiva do gesto certo, o toque pessoal, o que a tornaria valiosa nas negociações com os darkovanos. Russell Montray não possuía esse senso intuitivo. Peter tinha, da mesma forma que Magda; ela achava que Monty podia ter ou seria capaz de aprender.

E era sua responsabilidade pessoal providenciar para que Alessandro Li aprendesse.

Mãe Lauria estava na sala de espera, as mãos cruzadas no colo, os olhos azuis claros esquadrinhando a sala, estudando cada detalhe.

— É um lugar agradável para se trabalhar, Jaelle, embora eu tenha a impressão de que as luzes amarelas devem ser um pouco difíceis de tolerar, a princípio.

— Ao se encaminharem para a outra sala, Mãe Lauria perguntou: — A cortesia apropriada é fazer uma mesura para sua superiora, como seria o caso com uma das nossas, ou apertar sua mão, como Camilla disse que os terráqueos fazem ao se cumprimentarem?

Jaelle sorriu, pois Cholayna lhe fizera a mesma pergunta.

— Por enquanto, uma mesura será suficiente. Ela conhece nossa cortesia e sabe que não oferecemos a mão, a menos que seja uma oferta sincera de amizade.

Mas enquanto as duas mulheres faziam uma mesura uma para a outra, Jaelle desconfiou que além da cortesia houve no mesmo instante uma simpatia e respeito mútuo. Cholayna levou Mãe Lauria para um assento confortável.

— Deseja um suco de fruta ou um café?

— Eu gostaria de experimentar o café terráqueo, cujo aroma já senti na Cidade Comercial.

Cholayna foi buscar o café no painel automático. Mãe Lauria aspirou o aroma, com uma satisfação evidente.

— Obrigada. Um mecanismo interessante; eu gostaria de saber como isso chegou aqui. Ainda recordo, quando fui informada de que as mensagens eram transmitidas por fios, que fiquei atenta para ver os papéis passarem. Só mais tarde é que compreendi que eram impulsos elétricos, que viajavam pelo fio. Apesar disso, a idéia era lógica para mim na ocasião, embora saiba melhor agora.

Ela tomou um gole de café e Cholayna explicou rapidamente o painel automático, que a essência do que se bebia era guardada ali e imediatamente misturada e reconstituída com água quente ou fria, de acordo com a combinação computadorizada. Mãe Lauria balançou a cabeça, compreendendo tudo.

— E as luzes amarelas são normais no lugar de onde veio?

— Na maioria dos sóis do Império — esclareceu Cholayna. — É raro um sol ter tanta luz vermelha e laranja como o sol do seu mundo, e muitas das pessoas que trabalham aqui não permanecerão pelo tempo suficiente para que valha à pena o esforço de adaptação a um padrão de luz diferente. Mas se for mais confortável para você, posso ajustar as luzes na sala ao que considera normal.

Cholayna acionou um controle e as luzes mudaram para uma tonalidade avermelhada familiar. À expressão de surpresa de Jaelle, ela sorriu.

— É uma coisa nova, acaba de ser instalada. Poderia haver em todo o QG, se alguém tivesse imaginação suficiente para pensar nisso. Ocorreu-me que se vamos ter aqui mulher darkovanas aprendendo a tecnologia médica, era preciso encontrar um meio-termo entre o que é confortável para os nativos deste planeta e para os funcionários de carreira, acostumados a um sol mais brilhante. Eu, por exemplo, vim de um dos mundos mais brilhantes, mal consigo ver nesta luz. Por isso, devo ter uma área de trabalho iluminada especialmente para os meus olhos. Mas é repousante quando não estou lendo.

Uma pausa e Cholayna acrescentou:

— Suponho que sua visão é relativamente muito melhor. Mas creio que tem menos tolerância aos raios ultravioletas... precisaria ter mais cuidado, por exemplo, com o sol refletido na neve, a fim de evitar a cegueira da neve.

— Já ouvi mulheres que viajam nas Hellers dizerem que é um problema para elas — confirmou Mãe Lauria. — Tenho certeza que sabe que um dos principais artigos do comércio terráqueo aqui são óculos escuros.

— Enquanto eu posso tolerar a claridade do sol no deserto em meu próprio mundo sem qualquer tipo de proteção nos olhos — comentou Cholayna, sorrindo, — as pessoas de sóis mais fracos devem se salvar com todo cuidado contra queimaduras na pele e na retina. Magda me contou que ficou quase cega em sua primeira semana em Alfa. E notei que Jaelle tem dificuldade para tolerar as luzes normais aqui.

— Pensei que não havia percebido — confessou Jaelle. — Tentei não demonstrar qualquer desconforto.

— Mas isso é bobagem — disse Cholayna. — Sua visão é valiosa para nós. Não há motivo para que seus alojamentos não tenham luz vermelha... Afinal, Peter também foi criado em Darkover e apreciaria, tenho certeza. Basta apenas falar com os técnicos. Meu próprio tom de pele é uma adaptação de meu povo a um sol mais brilhante.

— Creio que essa seria uma das dificuldades de nosso povo, caso venha a viajar pelo espaço.

— Tem toda razão — concordou Cholayna. — E se suas mulheres vierem trabalhar entre nossos técnicos médicos, devemos providenciar alguma espécie de ajustamento, pois nossas luzes, que são ainda mais brilhantes no Serviço Médico do que aqui, podem deixá-las desconfortáveis ou mesmo prejudicar seus olhos. Já notei, Jaelle, por exemplo, que você, embora nunca tenha se queixado, parece sentir dores de cabeça sempre que vai ao Serviço Médico.

Não ocorrera antes a Jaelle, mas agora ela compreendeu; pelo menos parte de sua profunda relutância em descer aos andares do Serviço Médico era uma aversão inconsciente às luzes mais brilhantes lá embaixo!

— Esse é um dos motivos que me trouxeram aqui — revelou Mãe Lauria. — Queria conhecer pessoalmente as condições em que nossas mulheres deverão trabalhar quando vierem fazer seu aprendizado.

— Não seria difícil providenciar uma excursão pelas instalações para você — garantiu Cholayna. — Posso pedir a um dos assistentes médicos que lhe mostre o hospital ou então arrumar tudo para o dia em que trouxer as estagiárias. Temos um programa de orientação padronizado no Império para nativos planetários que recebem treinamento.

Há tão poucos funcionários darkovanos agora que o programa ainda não foi posto em prática, e Jaelle e os outros tiveram de se ajustar por si mesmos às mudanças culturais, da melhor forma possível. Mas assim que tivermos uma quantidade razoável, esse programa será executado imediatamente...

Ela parou, olhando para Mãe Lauria e depois para Jaelle, que disse:

— Eu mesma não compreendo direito esse “programa de orientação”, Cholayna, e tenho certeza de que Mãe Lauria não faz a menor idéia do que se trata.

Cholayna explicou e Mãe Lauria compreendeu no mesmo instante.

— É como as Sessões de Treinamento para as mulheres que se tornam Renunciantes; embora não tenham trocado de mundo, é uma vida tão diferente que devem aprender a se adaptarem.

— Acho que seria melhor nesse caso, Cholayna... — Jaelle notou que Mãe Lauria usava o nome do Império da mulher com a maior descontração, algo que ela própria ainda não aprendera a fazer — ...se você fosse nos visitar na Casa da Guilda e falasse com nossas jovens. Poderia então combinar a visita e explicar os métodos de orientação.

Depois de uma pausa, ela acrescentou:

— E talvez seja possível também acertar um programa similar para mulheres terráqueas ou do Império que, como Magda, são enviadas para as colinas e outros pontos de nosso mundo, a fim de que saibam como se perguntar e... — Os olhos de Mãe Lauria faiscaram. — ...não corram os riscos que Margali, a Srta. Lorrán, teve de enfrentar. Cholayna também riu.

— Isso já me ocorreu, é claro. Ficaríamos profundamente gratas a você, Lauria. Não é sequer uma questão de espionagem. O

fato é que todas as nossas mulheres que trabalham em atividades como Mapeamento e Exploração precisam de vez em quando se refugiarem nas terras externas, por causa do mau tempo ou algum outro problema.

Será melhor se souberem como se comportar e não afrontem as opiniões locais sobre as atitudes de uma dama.

Quando Mãe Lauria levantou-se para ir embora, elas haviam acertado que dentro de dez dias Cholayna jantaria na Casa, acompanhada por Jaelle, e depois conversaria com Marisela e as outras mulheres que tinham algum treinamento básico de técnicas médicas. Mais tarde, ela conversaria com todas numa assembléia da Casa da Guilda e responderia às perguntas das mulheres que deveriam receber treinamento. Enquanto Jaelle a conduzia para fora, Mãe Lauria comentou:

— Gosto dela, Jaelle. Esperava que uma mulher de outro mundo fosse mais estranha.

— Receava que a considerasse estranha e talvez sentisse reserva ou aversão por ela ser tão diferente.

Mãe Lauria deu de ombros.

— Por causa da cor de sua pele e cabelos? Já estive nas Cidades Secas, criança; sei que sua cor e o branqueamento dos cabelos são uma adaptação ao deserto. Assim, não é estranho para mim que uma mulher de um sol mais brilhante deva ter uma cor de pele diferente. Por baixo daquela pele, no entanto, ela é uma mulher como nós.

Um cavalo branco e um preto podem andar igualmente longe num dia de viagem, e não sou tola para julgá-la pela maneira como a pele de suas antepassadas adaptou-se em proteção contra o sol de sua infância. Fiquei impressionada também pelo aspecto prático de suas roupas, em se tratando de uma mulher ativa que deve trabalhar entre homens.

Jaelle baixou os olhos, contrafeita, para seu justo uniforme terráqueo.

— Isso é estranho, pois sinto que este traje não é recatado.

— Mas você nasceu e foi criada nas Cidades Secas — comentou Mãe Lauria, sorrindo. — Durante toda a sua infância

aprendeu que o traje de uma mulher visava tornar mais fácil para um homem ver e admirar seu corpo. Por baixo da amazona, Jaelle, você ainda é uma mulher do deserto, como somos todas filhas de nossa infância. Eu nasci nas Colinas Kilghard, sabia que o traje de uma mulher servia para impedir os movimentos livres do trabalho de um homem. Admiro o uniforme de sua superiora e o que você está usando, porque permitem os movimentos livres, sem um falso recato. Estou me rebelando contra um tipo de restrição nos trajes de mulher e você contra outro.

Jaelle mordeu o lábio e ficou em silêncio. Aquilo era tão parecido com o que Cholayna lhe dissera antes que começava a especular se não seria mesmo verdade.

— Eu pensei que tinha esquecido tudo das Cidades Secas.

Lauria sacudiu a cabeça.

— Nunca. Não enquanto viver. Era quase adulta quando saiu de lá. Pode optar por não se lembrar, como sem dúvida fez, mas não lembrar deve ser uma opção, não uma falha.

Para deixarem o prédio, elas tinham de passar pelo corredor do escritório de Comunicações, o “hospício”, como Magda o chamara. Foi nesse instante que Bethany saiu pela porta e quase tropeçou em Jaelle.

— Oh, Jaelle! Eu estava indo para Informações à sua procura... está sendo chamada no gabinete de Montray, o Coordenador. É alguma coisa relacionada com um avião de Mapeamento e Exploração nas Colinas Kilghard, uma comunicação do pessoal de campo. Peter também está lá e querem que você vá imediatamente.

— Irei depois de acompanhar Mãe Lauria até os portões — disse Jaelle, em casta, pois sabia que Bethany falava bem a língua.

Ela apresentou Mãe Lauria, que cumprimentou gentilmente a outra mulher e depois acrescentou:

— Gostaríamos de receber algumas de suas colegas na Casa da Guilda. Não é certo que as mulheres permaneçam separadas por língua e costumes. Esse é o tipo de diferença que tem mais importância para os homens.

Jaelle agradeceu, mas não podia imaginar Bethany numa Casa da Guilda, mesmo como visitante. Virando a cabeça para trás,

enquanto se afastavam, ela disse a Bethany:

— Avise a Cholayna que irei direto para a reunião. — Certo — respondeu Bethany.

Jaelle, o rosto franzido, desceu a escada rolante com Mãe Lauria. A velha, também franzindo o rosto, comentou:

— Posso muito bem perceber que mulheres comuns, com saias comuns, correriam perigo num mecanismo como este. Não resta a menor dúvida de que seus uniformes são mais sensatos. Mas, Shaya, minha cara, se você é necessária, deve ir logo para seu trabalho; não sou tão velha ou entrevada que não possa encontrar a saída, até mesmo deste labirinto!

Jaelle deu um afetuoso abraço de despedida na velha.

— Acontece apenas que estou relutante em me despedir de você... Sinto mais saudade do que imaginava.

— O remédio é simples, deve nos procurar com mais freqüência — sugeriu Mãe Lauria.

Jaelle parou junto da escada e ficou observando a mulher pequena, vigorosa e determinada afastar-se, entre o pessoal uniformizado da base.

Mãe Lauria era ela própria, uma pessoa singular, enquanto todos ali pareciam iguais, como se tivessem afixado o mesmo rosto, junto com seus uniformes. Contudo, enquanto observava Mãe Lauria, ela sentiu-se aturdida por uma súbita compreensão...

Cada um dos terráqueos ali naquela base, os operários espaciais em torno das enormes naves, os técnicos no Serviço Médico ou em Mapeamento e Exploração ou Comunicações, os carregadores que pareciam formigas quando se via o espaço-porto lá de cima, como ela fizera no dia em que Peter a levava para ver os preparativos de decolagem de uma nave espacial, os homens e mulheres que consertavam as máquinas ou controlavam o tráfego pelas telas de computador, os guardas da Força Espacial que vigiavam os portões e mantinham a ordem nos enormes prédios, até mesmo os que supervisionavam a lavanderia e máquinas de limpeza ou tiravam as mesas na cafeteria... cada uma daquelas muitas pessoas, mais gente ali naquela pequena base do que em toda a cidade de Thendara, cada uma era como Mãe Lauria, uma pessoa

separada, com sentimentos e idéias diferentes. Talvez, se ela as conhecesse e compreendesse tão bem quanto conhecia Peter, Mãe Lauria ou Cholayna, passasse a gostar ou detestar cada uma pelo que de fato era, não apenas como uma "Terranan". Mas por que nunca pensei nisso antes? Jaelle permaneceu parada junto da escada rolante até que uma mulher uniformizada da Força Espacial, vestida em couro preto, desceu apressada e empurrou-a gentilmente para o lado, enquanto corria.

Jaelle ficou olhando para a mulher e pensou: Ela é uma guerreira, gostaria de saber sobre nós, as amazonas, eu não poderia procurá-la e fazer amizade? Que tipo de treinamento levaria uma mulher a escolher essa vida entre os terráqueos? Jaelli ficou observando até que a mulher em traje de couro desapareceu, e subitamente teve certeza de que era uma pessoa de quem gostaria, desejou poder acompanhá-la em seu trabalho... e nesse momento teve a impressão de que ouvia uma confusão de vozes, fragmentos desconexos de pensamentos, aqui, ali, da mulher de couro, do guarda no portão, que não podia avistar, mas via através de seus olhos enquanto deixava Mãe

Lauria sair, ao mesmo tempo em que ouvia Peter indagar onde ela se encontrava, tinha de se apressar... Ele estava lá em cima, no gabinete do Coordenador, andando de um lado para outro; pela primeira vez ela viu Peter através dos olhos de Russ Montray, conheceu a inveja pela liberdade de movimentos do homem mais jovem, ele tinha o trabalho que queria no mundo que desejava, enquanto eu estou preso aqui, neste mundo congelado, debruçado sobre uma escrivaninha... O que o Coordenador queria, ela compreendeu de repente, aflorou em sua própria mente naquele instante, um mundo reluzente de água e arco-íris, pequenos planadores deslizando sobre a água, ele via seu próprio filho escolhendo um mundo onde vestir-se de pele como um animal, era algo real, ela olhou através de olhos estranhos para o clarão de um arco de solda em alguma parte incrível do interior de uma espaçonave, trabalhou ali com dedos hábeis, sabendo que a peça era uma bobina Jeffrey e que a fadiga do metal causaria alguma tensão na peça... tudo isso aflorou e explodiu em sua mente num

único instante, era demais para que qualquer pessoa suportasse, a tensão no alto de uma Torre por cima do espaço-porto, a mão de uma mulher hesitando sobre um aparelho de comunicação, mandar a nave descer agora ou esperar, não, mais meio segundo, alguém se queimando com uma chaleira de sopa fervendo na cozinha...

A sobrecarga era excessiva e Jaelle arriou na escada rolante, desceu meia dúzia de degraus, aos solavancos, foi parar no chão, inconsciente. Ouviu vagamente vozes, perguntas preocupadas, alguém pegando seu crachá de identificação para descobrir quem era, pela primeira vez compreendeu através dos olhos do técnico para que serviam os crachás, viu uma pessoa descer apressada do Serviço Médico, um novo tumulto de pensamentos, ela quebrou o pulso? O impacto da queda fora grande...

Não! Não! É demais! Jaelle tentou gritar, mas a voz era apenas uma lamúria, as mãos subiram para tapar os ouvidos, mas não era som e não havia como evitar. E tornou a mergulhar na inconsciência acolhedora, especulando o que era uma posição fetal e porque isso deveria surpreendê-los tanto.

O rosto de Peter tremeluzia por cima dela quando abriu os olhos. Um médico afastou-o.

— Espere um instante. Sra. Haldane, sabe onde está? Jaelle piscou e concluiu que sabia.

— Serviço Médico... Seção Oito, certo?

Tarde demais ela percebeu que o homem a chamara de Sra. Haldane e que decidira não responder quando alguém a tratasse assim.

— Lembra o que aconteceu?

Ela deu uma pequena olhada mental e decidiu que não queria pensar a respeito — estrelas incandescentes, a investida de dez mil pensamentos, um médico dando pontos numa pálpebra dilacerada, um clarão de arco de solda, homicídio numa mente enraivecida, — tratou de fechar as portas da mente, em pânico e confusão.

— Acho que devo ter desmaiado. Esqueci de comer esta manhã.

— Isso explicaria tudo — disse o médico. — Não há problema maior, Haldane. Se ela quiser voltar ao trabalho, tudo bem... se

sentir vontade. Se não, darei uma licença por meio dia.

Peter apertou a mão de Jaelle.

— Fiquei apavorado quando a Guarda Espacial ligou para avisar que você fora encontrada inconsciente na escada... Não deveria omitir nenhuma refeição, querida.

— Eu estava atrasada...

Por dentro, a irritação dominou-a: Nada mais tem importância para ele, exceto o meu atraso na reunião com o Coordenador! Nem mesmo pensou no que qualquer homem darkovano estaria ansioso em saber a respeito da esposa. E depois ela sentiu-se confusa, pois ficara furiosa quando Peter deixara claro que gostaria de ter um filho e agora, quando ele parecia não se importar com isso, também ficava com raiva. Jaelle apoiou-se por um momento no ombro de Peter, mas o contato trouxe de volta o fluxo de pensamentos e ela se afastou. Peter interpretou o gesto da maneira errada.

— Ainda se sente tonta, amor? É melhor passarmos pela cafeteria para você comer alguma coisa.

Ela hesitou — já estavam atrasados para a reunião com o Coordenador, — mas Peter insistiu em levá-la ao refeitório para uma refeição rápida. Jaelle não queria, mas pensou: serve a lição por mentir. Forçou-se a engolir, torcendo para que não tornasse a subir. Peter esforçara-se em buscar coisas que já a vira comer da seleção limitada de alimentos sintéticos para o almoço e ela ficou comovida, mas percebeu que evitava com todo cuidado as pontas de seus dedos, e depois de um momento compreendeu o motivo.

Acredito realmente que ele poderá ler meus pensamentos se eu o tocar? De onde tirei essa idéia?

Ou será que é porque não quero saber com certeza que ele não é capaz?

Ainda assim, parecia que o instinto de Peter estava certo. A comida pareceu de alguma forma bloquear a enorme sobrecarga de sensações e reduzi-la a proporções controláveis.

Se estivesse sob menos tensão, Jaelle poderia desfrutar a visita ao gabinete do Coordenador, muito acima do espaço-porto, com uma vista que se estendia das Montanhas Venza e o Castelo Comyn, numa beira do céu, enquanto no outro lado se podia contemplar até

a metade das planícies de Valeron, vagas e azuladas junto do horizonte indefinido. O Coordenador estava ali, junto com seu filho e Cholayna Ares, além de muitas pessoas que Jaelle não conhecia, admirando a vista. Alessandro Li falava no momento em que eles entraram:

— A sua vista aqui é espetacular, Russ.

O Coordenador virou as costas, dando de ombros.

— Não é o meu tipo de paisagem e o sol tem a cor errada. Para mim, não vale nada.

Imagino que os nativos ficariam cegos. Um instante passou antes que Jaelle compreendesse que ele não dissera isso em voz alta. Se ia escutar tanto o que as pessoas diziam quanto o que não diziam, seria uma reunião terrível! Também lhe ocorreu que ele estava ali há tempo suficiente para que seus olhos tivessem se adaptado à luz, como acontecera com Magda e Peter; a diferença, porém, era que Montray se isolara com todo cuidado daquela luz. Jaelle tentou, como descobriu que podia, levantar barreiras internas e evitar o contato, mas o esforço deixou-a pálida.

— Vamos tratar logo dos negócios — disse Montray. — Alguns de nossos homens de campo apresentaram ontem à noite um relatório sobre um avião caído nas Colinas Kilghard.

Creio que finalmente encontraram Mattingly e Carr.

— Não se esqueça de que sou novo aqui — interveio Li. — Quem são Mattingly e Carr?

Foi Wade Montray quem respondeu:

— Mapeamento e Exploração. Há cerca de três ou quatro anos. O avião caiu em algum lugar das Colinas Kilghard numa súbita tempestade. Mandamos nosso pessoal de busca e salvamento aéreo procurá-los, mas nunca se descobriu qualquer sinal. Calculamos que o aparelho ficara coberto pela neve em algum ponto da região inexplorada. E agora alguns homens de campo o localizaram...

— Posso mostrar o local exato — disse um dos homens. Ele desenrolou um papel enorme, com marcas que Jaelle não entendia, mas suas palavras indicaram que se tratava de um mapa, uma espécie de imagem aérea das Colinas Kilghard... ou melhor, uma representação simbólica das Colinas vistas do alto. Ele apontou.

— Precisamos alcançar o avião antes que os locais iniciem seu trabalho de recuperação dos destroços.

— Por que fariam isso? — indagou alguém. Foi Peter quem explicou:

— Este é um planeta com escassez de metais. O metal da fuselagem faria a fortuna de quem o encontrasse. Normalmente não nos incomodaríamos que pegassem todo o metal. Mas os instrumentos do avião... não queremos que eles saibam que tipo de vigilância temos mantido na região.

— Eles não têm aviões? — perguntou Li.

— Não. Usam planadores nas montanhas, basicamente por recreação, embora já me dissessem que são usados também para mensagens e ou combate a incêndios. Como eu disse, não queremos que saibam como temos estudado atentamente seu mundo fora da Zona Comercial... O tratado determina onde podemos ir e onde não podemos, embora eles não sejam estúpidos e já devam saber que temos homens no campo por lá Mas acho que devemos ouvir diretamente tudo o que eles têm a dizer.

O homem de Mapeamento e Exploração acenou com a cabeça.

— Mande os homens entrarem. Cholayna comentou:

— Esse é o tipo de coisa que estou começando a esperar que possamos fazer com os novos funcionários darkovanos. Se suas técnicas de levantamento topográfico são primitivas, nossa ajuda poderia ser útil e talvez benéfica também para as relações comerciais.

— Era o que se podia esperar — interveio o Coordenador, — mas parece que eles não inventaram nenhuma técnica em todos os anos que passaram aqui. Se jamais houve um exemplo de um planeta regredindo ao primitivo...

— Não tenho tanta certeza de que isso aconteceu — discordou Cholayna.

Mas Alessandro Li declarou suavemente:

— Vamos primeiro ouvir o relato. Poderemos discutir depois sobre a aceitação cultural.

Os homens que entraram na sala eram aparentemente darkovanos comuns, mas falavam um terráqueo impecável. Jaille,

curiosa sobre quem poderiam ser, sem qualquer tentativa de obter a informação, encontrou a sintonia de que precisava. Eram todos filhos do pessoal do espaço-porto terráqueo antigo, em Caer Donn, de um mundo geral com mulheres darkovanas da classe inferior, trabalhando nos bares e restaurantes locais; haviam recebido uma instrução terráquea e passaram a trabalhar no campo para Informações. Cholayna achava que isso estava completamente errado, mas nada se podia fazer enquanto as famílias das mulheres darkovanas se mantivessem intransigentes na rejeição das crianças de tais uniões. Irritada, Jaelle desligou essas reflexões e tentou se concentrar no que estava acontecendo.

Os homens também tinham fotografias, que circularam entre os presentes. Quando as viu, Jaelle comentou:

— Conheço essa região. Já viajei por lá...

Ela apontou para a configuração peculiar de uma das colinas, como o bico de um falcão.

— Não é muito longe de Armida... a Grande Casa de Alton.

— A um olhar curioso de Cholayna, ela acrescentou: — Rafaella e eu escoltamos caravanas pela região.

— Conhece as pessoas em... Como foi mesmo que disse ? Armida? — perguntou Li.

Ela sacudiu a cabeça, pesarosa.

— Não. Vi o velho Dom Esteban uma vez, antes de ele ficar aleijado, na Cidade; e quando era pequena, estive em Arilinn e vi Dama Callista, que era a Guardiã ali, andando a cavalo com um falcão. Mas se os conheço? Não, não conheço realmente. Eles são da mais alta nobreza Comyn, da família Hastur... — Jaelle soltou uma risada.

— Para eles, uma Renunciante seria a pessoa mais baixa entre as baixas.

— Mas você tem parentes no Comyn — disse Peter. — Dama Rohana em Ardais foi hospitaleira com todos nós por sua causa, Jaelle.

Os olhos de Li fitavam-na atentamente, mas Jaelle limitou-se a comentar:

— Ora, Rohana é uma alma excepcional... não tem preconceitos contra as Amazonas Livres e outras formas de vida inferiores. Além do mais, minha mãe era sua prima em primeiro grau e acho que foram amantes quando eram jovens na Torre. Alguns deles são meus parentes, é verdade... — Ela soltou outra risada. — ...mas garanto que nenhum teria orgulho em reivindicar o relacionamento.

— Seja como for — interveio Russ Montray, secamente. — Acha que pode encontrar o lugar em que esta foto foi tirada, Sra. Haldane?

Jaelle pegou a fotografia aérea e estudou-a.

— A menos que uma nevasca torne a cobrir os destroços, o que não é improvável. Mas é um lugar de difícil acesso. Não consigo imaginar como um avião pôde cair tão longe. Mas também não entendo como os seus aviões permanecem no ar; assim, não é de surpreender que eu não compreenda quando caem. Mas não precisamos nos preocupar em encontrá-lo. Eles o trarão para nós.

Russ Montray fitou-a de cara amarrada.

— O que disse?

Como ela não respondesse, ele sacudiu a cabeça em sua direção e repetiu, num tom ríspido de desaprovação:

— O que disse?

Jaelle experimentou outra vez uma consternação atordoada, falara de uma certeza que mesmo agora começava a refluir, como as marés. Montiy acrescentou, os lábios contraídos em desdém:

— Não sei onde obtive essa informação, Sra Haldane, mas o fato é que pouco depois de recebermos a notícia de nossos homens no campo chegou uma mensagem do...

Ele hesitou, o rosto franzido, e Monty apressou-se em explicar tudo:

— De um dos assistentes do Regente, Lorde Hastur, na Cidade.

Eles também localizaram o avião e propuseram recuperar os corpos dos homens em troca de uma parte do metal.

Jaelle comprimiu a mão contra a cabeça. Era um absurdo, nunca sentia dores de cabeça! Mas também nunca estivera grávida antes e supôs que era uma reação natural.

O Coordenador acrescentou:

— Acho que devemos dizer a eles para tirarem as mãos! É nossa nave e nosso metal! Afinal, quem esses darkovanos pensam que são? Apenas uma colônia terráquea, como qualquer outra...

— Permita-me lembrar que pelo Acordo Bentigne uma Colônia Perdida que desenvolveu sua própria cultura não está sujeita à ligação automática a corrente de origem, na ausência de continuidade cultural disse Peter, suavemente. — E no caso de Darkover, há menos continuidade cultural do que em qualquer outro planeta que estudei na Escola de Informações.

— Parece-me um acordo bastante justo — sugeriu Monty. — Promover uma operação de resgate em grande escala nas Colinas Kilghard seria dispendioso... mesmo que pudéssemos obter permissão, o que não é absolutamente certo...

— O avião é nosso — insistiu o pai. — Temos o direito de recuperá-lo e não queremos que os nativos examinem alguns instrumentos... Provavelmente seriam bastante estúpidos para derretê-los pelo metal!

— A operação pertenceria a Informações — disse Cholayna, — embora certamente o gabinete do Coordenador tenha algum interesse no assunto. Qual é o problema, Russ?

Não se deu ao trabalho de solicitar autorização para os vôos de Mapeamento e Exploração e receia ser responsabilizado por vigilância ilegal fora da Zona Comercial?

Uma típica manobra de Montray, Jaelle descobriu-se a captar o pensamento; compreendeu que estava de braço dado com Peter e mais uma vez lia sua mente. Não podia haver a menor dúvida de que Russel Montray era incompetente, se até mesmo os subordinados sentiam-se assim a seu respeito! É possível que toda a história do Império em Darkover tenha sido prejudicada porque algum maldito burocrata queria se livrar de Russ Montray e mandara-o para cá. Era difícil acreditar que uma civilização expandindo-se pelas estrelas pudesse cometer um erro tão mesquinho... Afinal, um império estelar não cometeria apenas erros em grande escala?

— Qualquer que seja o caso — disse Montray, tornando a franzir o rosto, — fomos chamados para uma reunião com o Regente. Conhece o protocolo deles, Sra. Haldane, por isso é nossa escolha para intérprete. Pode estar pronta para a viagem dentro de uma hora?

Os olhos frios do Coordenador fixavam-se nela, mas foi por cima de sua cabeça que ele acrescentou para Cholayna Ares:

— Espero que descubra esse vazamento no Serviço de Informações. A Sra. Haldane não deveria ter tomado conhecimento do fato antes que eu julgasse conveniente divulgá-lo.

Precisa controlar seu pessoal, Aires. "

— Eu a deixarei ir se aprontar para a viagem até a Cidade dentro de poucos minutos — disse Cholayna. — Gostaria de poder acompanhá-la; talvez algum dia eu tenha essa oportunidade.

Jaelle ouviu o seguinte: algum dia, quando este planeta não for tão xenófobo; visitar a Casa da Guilda será um bom começo.

— Mas antes de ir, Jaelle, pode me explicar como soube do enviado dos Hasturs? Sei que não vazei a informação para você... não podia, pois eu própria não sabia.

Você mantém um bom relacionamento com Sandro... isto é, Aleki. Não deixarei que Aleki saiba, mas ele andou falando o que não devia? Jaelle balançou a cabeça.

— Peter também não sabia. A verdade, Cholayna, é que não sei de onde tirei a informação. Em algum lugar... alguém na sala sabia e devo ter lido em sua mente, pensei que era uma coisa que todos sabiam. Não sei como descobri.

Cholayna pôs a mão de leve em seu braço.

— Acredito em você, Jaelle. Já sabia que a ESP é comum neste planeta. Os primeiros relatórios falavam a respeito, mas depois o assunto foi esquecido. Já desconfiava antes disso que você era psíquica. Não se preocupe com Montray. Darei um jeito nele.

Jaelle leu em sua mente um epíteto desairoso que não entendeu, enquanto Cholayna acrescentava:

— Vá se aprontar para a viagem e não se esqueça de que deve ficar bem agasalhada. O dia está lindo, mas minha própria ESP, digamos assim, anuncia que uma tempestade é iminente.

Mas ela nem sequer olhou para a janela e Jaelle teve certeza de que não era ao mau tempo que se referia.

Jaelle estava pronta, até mesmo ansiosa, para a viagem à Cidade, mas Peter logo acabou com seu entusiasmo; ficou furioso quando a viu em traje darkovano.

— Mas o que está tentando fazer comigo?

Ela compreendeu nesse momento que nunca o entenderia.

— O que isso tem a ver com você? Vamos para o meu lado do muro desta vez. E você deve saber como nosso povo... — Ela disse nosso povo deliberadamente, tentando lembrá-lo. — ... reage ao uniforme terráqueo; nem mesmo uma prostituta se vestiria assim em Thendara. Magda, por exemplo, mostrou-se bastante inteligente para saber que...

Jaelle parou, antes de dizer alguma coisa imperdoável. Peter amarrou a cara.

— Está indo como funcionária do Império e do QG... — Ele também parou, sacudiu a cabeça para a frente. — Vamos embora.

Pelo menos Peter sabia que não podia mais fazer exigências arbitrárias a que ela obedeceria sem protesto, apenas pelo desejo de agradá-lo. E Jaelle cedera até agora, usava o uniforme no QG, sabendo que em certo sentido isso a tornava invisível, não a distinguia por toda parte como aquela darkovana com quem Haldane casou. Mas não usaria o uniforme em sua própria cidade.

O tempo lá fora estava tão ameno e agradável que ela sentiu que até Peter devia perder seu mau humor. Era um daqueles dias maravilhosos no início da primavera, em que a neve podia estar ainda próxima, mas o ar suave parecia conter toda a beleza do verão. Era um prazer andar pelas ruas calçadas com pedras da Cidade, longe dos sons das máquinas e da música suave e indefinida que tinha o propósito de encobri-los, porém jamais conseguia. Peter, Li, Monty e até mesmo o Coordenador, cuja intolerância com o frio era uma piada em todo o QG, haviam saído com o uniforme leve de verão. Jaelle passou o braço pelo de Peter, incapaz de aceitar uma barreira entre os dois naquele dia adorável.

— Ora, Peter, gostaria mesmo que eu me vestisse como uma mulher desavergonhada? Sei que é costume no QG, mas acha que

eu deveria me exhibir assim para todos os estranhos na rua? Se Cholayna visitar a Casa da Guilda, eu lhe fornecerei as roupas apropriadas.

Ele parou, pensou por um instante e depois disse:

— Não é justo com você, e sei disso. Eu não deveria culpá-la. Mas especialmente neste momento, quando Li se encontra aqui, examinando a situação da colônia... dizem que arruinei minha carreira, poderia ser o primeiro Legado aqui. Não sei porque deveria fazer alguma diferença, ainda mais se você está se adaptando tão bem à vida no QG e não há realmente conflito de interesse. Mas senti que seria melhor, agora, não... não lembrar a eles que casei com alguém do outro lado do muro.

Jaelle experimentou a sensação de uma bofetada. Mas não fizera coisa alguma. Peter sabendo quem e o que ela era, o que isso poderia representar para sua carreira.

Agora, se ele mudava de idéia, ela não devia assumir a culpa. Jamais concebera aquele tipo de ambição que parecia disposto a se basear numa mentira. Jaelle olhou fixamente para a frente, piscando para reprimir as lágrimas que não podia derramar. Toda a sua satisfação pela beleza do dia desaparecera. Agora, no céu da tarde, ainda não havia sinal do nevoeiro vespertino que precedia o granizo ou chuva noturna. A vida de Jaelle muitas vezes dependera, em suas viagens pelas colinas, da capacidade de julgar as condições do tempo para uma caravana inteira; sentiu agora um calafrio de apreensão percorrer a espinha.

Há uma tempestade se aproximando. Talvez, no final das contas, Cholayna estivesse se referindo mesmo ao tempo.

A escolta terráquea deixou-os no portão externo do Castelo Comyn, onde um cadete muito jovem, com uma penugem por raspar nas faces, bastante rígido em seu resplandecente uniforme novo, informou contrafeito que Lorde Hastur enviara uma guarda de honra para acompanhar os convidados. Peter respondeu polidamente, num casta impecável, mas Jaelle perguntou a si mesma se ele sabia o que era absolutamente claro para ela, que a guarda não estava ali para homenageá-los, mas sim para manter aqueles intrusos desajeitados longe de lugares em que não eram desejados.

Foram conduzidos para uma sala que Jaelle nunca vira antes, mas adivinhou no mesmo instante ser a câmara de audiências do Regente. Nunca pensara que teriam permissão para ver o Príncipe Aran, nem mesmo para prestar suas homenagens; previra que tratariam com um funcionário subalterno, mas parecia agora que o próprio Hastur os receberia. Portanto, a situação era séria. O Príncipe Aran Elhalyn, como todos os príncipes do Comyn, exercia apenas funções cerimoniais e ornamentais; o verdadeiro poder do Conselho estava nas mãos dos Hasturs.

Guardados por mais dois jovens cadetes, no uniforme verde e preto, haviam alguns fragmentos de metal inidentificáveis sobre uma mesa envernizada. Os terráqueos começaram a se adiantar para examiná-los quando um dos cadetes limpou a garganta, hesitante. Jaelle puxou o braço de Peter no mesmo instante. Ele falou baixinho para o Coordenador Montray, que se virou, no instante em que um homem esguio e de cabelos claros, que não devia ter muito mais que trinta anos, entrou na sala, escoltado por mais dois guardas. Usava as elegantes cores azul e prateado dos Hasturs e sua atitude era serena e despretensiosa, mas Jaelle percebeu o respeito que os guardas lhe dispensavam.

— Sou Danvan Hastur e meu pai, o Regente, foi chamado inesperadamente para resolver problemas de família e pediu-me para recebê-los. Peço, por favor, que o perdoem; minha presença em seu lugar não tem a menor intenção de menosprezá-los.

Ele fez uma reverência para os estranhos e Peter traduziu suas palavras. O Coordenador disse:

— Haldane, fale o que for apropriado sobre a honra que ele nos concede e acrescente tão diplomaticamente quanto puder, que quanto mais cedo pudermos tratar do assunto que nos trouxe aqui, mais cedo ele poderá voltar aos problemas de família ou o que quer que sejam.

Jaelle ficou escutando em silêncio, enquanto Peter traduzia em seu casta perfeito; o jovem Hastur ouviu com um sorriso afável, mas mesmo assim Jaelle teve a impressão de que ele compreendia o que Montiay realmente tencionava. Depois que as formalidades foram concluídas, Hastur gesticulou para a mesa.

— Essas são as partes do avião caído que contêm números ou letras de identificação, que nossa gente não pôde ler. Tudo o mais, ao que me garantiram, é apenas metal sem nada. Devem compreender que essas pessoas, embora muito pobres, são honestas; ao devolverem os materiais, renunciaram ao que seria uma fortuna. Acho que seria uma grande generosidade se as recompensassem de alguma forma.

— Em nossa cultura, as pessoas não esperam recompensas pela mera honestidade... Não, não traduza isso. — Montray fez uma careta irônica. — O senso de dever dessa gente provavelmente é diferente do nosso. Se eu vivesse aqui mil anos, e parece que é justamente o que vai acontecer, nem assim compreenderia um mundo em que a honestidade não é encarada como um dever e as recompensas guardadas para algo excepcional.

Aleki disse, cinicamente:

— Ora, Montray, não pode ser tão ingênuo assim. É tudo uma questão de relatividade. E se alguém lhe deixasse uma pilha de diamantes e pedisse para guardar aquelas pedras sem valor? Essa é toda a história da civilização terráquea... apropriar-se de coisas valiosas que os nativos nunca imaginaram que eram valiosas, trocando-as por porcarias imprestáveis. Como acha que obtivemos o plutônio de Alfa?

— Não tinha valor para eles, com seu nível de civilização... ou ausência de civilização — argumentou Montray. — Mas podemos deixar a conversa sobre ética para outra ocasião, se não se importa. Agora, diga a ele que agradecemos a cortesia e faça uma anotação para enviar alguma recompensa aos camponeses que encontraram essas coisas.

Jaelle, recordando uma conversa em Ardais, ofereceu uma sugestão:

— Umas poucas e boas ferramentas de metal: pás, martelos, machados, seriam a melhor recompensa possível.

— Obrigado, Jaelle — disse Aleki. — Anote isso, Monty. E você, Haldane, comece a anotar os dados desses fragmentos, antes que sejam removidos.

Peter adiantou-se com Jaelle, a fim de ler os números e registrá-los em seu computador de bolso.

— As fitas de gravação de vôo estão intactas — anunciou ele. — Podemos descobrir porque o avião caiu, embora eu tenha a impressão de que não precisamos procurar, nas Colinas Kilghard, além do mau tempo e dos ventos fortes.

Ele começou a separar os fragmentos.

— Só três discos de identificação? Mattingly. Reiber. Stanforth. Há um Carr incluído na relação. Seu disco ainda deve estar no meio dos destroços. Quantos corpos foram encontrados?

Jaelle traduziu a pergunta e Danvan Hastur sacudiu a cabeça.

— Infelizmente, não tenho idéia. Devem perguntar aos homens, que disseram estar dispostos a guiá-los até os destroços. Mas já me informaram que deram aos corpos sepulturas decentes. O avião se encontrava no fundo de uma ravina quase inacessível; eles acharam que tirar os homens de lá seria um esforço desnecessário, já que nada mais podia ser feito.

Jaelle ficou imóvel com um pedaço de metal na mão, uma imagem subitamente nítida em sua mente, um avião caído na beira de um penhasco, equilibrado precariamente ali por alguns momentos e depois, quando um único vulto conseguira sair, mergulhando estrondosamente para as profundezas irremediáveis... Ela apoiou-se na beira da mesa, tonta, aturdida com a vertigem que a dominara de repente.

— Um dos homens sobreviveu ao acidente? — ela balbuciou. — O que aconteceu com ele?

Os olhos claros de Hastur encontraram-se com os seus e Jaelle compreendeu que falara em sua própria língua.

— Como soube que houve um sobrevivente, mestra! Você tem laran!

— Eu segurei isto... e o vi, deixando o avião na beira do penhasco, um instante antes da queda...

Peter virou-se para fitá-la, espantado, e ela compreendeu que atraíra a atenção de todos. Hastur ignorou os terráqueos.

— É verdade que houve um sobrevivente do acidente; ele vive agora em Armida. Tenho uma mensagem de Lorde Damon, Regente

de Armida por Lorde Valdir, que ainda é legalmente uma criança, comunicando que o homem chamado Carr está em seu emprego. Foi perguntado se ele desejava enviar alguma mensagem à sua família e Carr recusou, dizendo que não tinha parentes vivos e que os terráqueos sem dúvida o presumiam morto há muitos anos.

— Isso não pode ser permitido — declarou o Coordenador Montray, depois que a informação foi traduzida. — Ele deve voltar e regularizar sua situação.

Monty disse baixinho ao pai:

— Não é possível, senhor. Esse foi o problema discutido no ano passado. Os contratos particulares entre cidadãos terráqueos e empregadores darkovanos são legítimos, o que devemos aceitar se queremos manter os darkovanos contratados até o final dos prazos de emprego. Ele perguntou a Lorde Hastur: — Diga-me uma coisa, senhor: quem é o empregador do homem chamado Carr?

— O próprio Lorde Damon Ridenow. Monty alteou as sobrancelhas.

— Isso encerra a questão, pai. A lei diz que se um darkovano de recursos se torna pessoalmente responsável pelo empregado terráqueo, o contrato é legal e não há nada que possamos fazer. Lorde Domenic de Aldaran pediu uma dúzia de técnicos terráqueos em projeto aeronáutico, pois quer construir helicópteros e outros tipos de aparelhos. Lorill Hastur tem meia dúzia de expertos em hidropônica em seu emprego, trabalhando com energia solar nas Planícies de Arilinn. Se Lorde Armida quer manter Carr trabalhando para ele, tudo o que podemos fazer é anotar nos registros que ele continua vivo e bem em algum lugar dos Domínios, e encerrar a questão.

À reunião foi concluída com o recolhimento dos quinze quilos de destroços, que seriam levados para a Zona Terráquea, onde seriam examinados. Lorde Hastur ainda declarou:

— Estou disposto a organizar uma operação de resgate, com guias para levá-los até lá, assim que o tempo permitir. Mas acho que devemos nos reunir em breve para discutir as regras de autorização dos seus vôos de Mapeamento e Exploração.

— com todo respeito, senhor — protestou o Coordenador, — não aceitamos sua jurisdição sobre nossos vôos. Não usamos seu espaço aéreo e não há problemas de tráfego.

Tencionamos continuar todos os vôos de mapeamento necessários.

Estamos gratos por sua cooperação, mas deve ficar bem claro que a solicitamos como um favor, não como uma obrigação de nossa parte.

Nossa posição permanece inalterada: Darkover é uma colônia do Império. Não vamos interferir com a auto-determinação de seu povo, mas também não admitimos que esses vôos estejam sob a jurisdição de vocês para qualquer protesto.

Hastur ficou pálido de raiva.

— Sobre isso, senhor, deve falar com meu pai, o Príncipe Aran, e com o Conselho do Comyn; está convidado a participar de nossa reunião no Solstício do Verão, se assim desejar, e apresentar sua argumentação. E agora o dever me chama em outros locais. Posso oferecer ajuda para que essas coisas sejam transportadas à Zona Terráquea?

E seria conveniente se falassem com as pessoas que trouxeram esse material e acertassem a entrega do metal por uma compensação adequada.

Ele se levantou e deixou a sala, acompanhado por sua escolta. Os terráqueos ficaram sozinhos.

— Um homem frio — comentou Aleki. — Eu bem que gostaria de saber porque todos são tão diferentes com esse pessoal do Comyn... Jaelle, você não tem parentesco com algum deles?

— Apenas distante — ela mentiu, ansiosa em escapar deles, subitamente indisposta a permanecer ali por mais tempo.

— O que vamos fazer com o metal? De nada nos serve, mas não queremos perturbar a economia local ao deixá-lo lá e provocar o equivalente a uma corrida do ouro. Temos a parte importante aqui...

— Li gesticulou para os discos de identificação, a caixa de registro do vôo, os fragmentos que identificavam o avião. — Devemos abrir mão do resto? Haldane, Monty, vocês conhecem as condições locais; o que recomendam?

— O Regente de Alton possui a reputação de ser um homem sensato e honesto — respondeu Peter. — É verdade que não o conheço pessoalmente, mas todos aceitam essa reputação.

Sugiro que enviemos alguém para discutir o problema com ele; afinal, o avião caiu em sua terra.

— Boa idéia — disse o Coordenador. — Ao mesmo tempo, podemos descobrir o que aconteceu com Carr. Se ele quer mesmo permanecer num emprego no outro lado do muro, ninguém vai impedi-lo... E não vamos esquecer que ele não veio cobrar o pagamento final pelo rompimento do contrato!

Ele riu ruidosamente e Jaelle não pôde deixar de perceber as carrancas de repulsa dos outros terráqueos. Será que alguém levava aquele homem a sério? O Coordenador acrescentou:

— Mas precisamos ter certeza de que não estão mantendo Carr por lá à força, a fim de lhe arrancarem tudo o que querem saber a nosso respeito. Uma lavagem cerebral.

Talvez tenhamos de mandar alguém para resgatá-lo!

Peter declarou em seu tom mais seco:

— Não posso imaginar o Regente de Alton culpado de uma atitude tão desonrosa.

— Afinal, de que lado você está? — perguntou Montray. — Sempre aceita o que esses filhos da puta nativos dizem... E se eles são tão simples assim, por que não fazem a mesma coisa que todos os outros nativos em todos os planetas não-civilizados quando o Império chega a seus mundos... suplicam por um pouco de ação? Está acontecendo alguma coisa por aqui que não sabemos e tenho o pressentimento que esses miseráveis que você chama de Comyn estão por trás de tudo!

Monty disse, a voz tão fria" que parecia hidrogênio líquido congelado:

— Mesmo que assim seja, senhor, sugiro que fale baixo. Afinal, estamos no território deles e se há alguém aqui que fala o padrão terráqueo todos saberão que acaba de insultar a mais alta nobreza deste mundo. Podemos discutir o que Haldane deve fazer depois que estivermos em segurança no QG.

Em voz quase tão ríspida quanto a de Monty, Jaelle disse:

— Se duvidam da segurança, permitam lembrar que a palavra de um Hastur é certa e Lorde Danvan garantiu que nada sofreríamos. Mesmo assim, sugiro que partamos logo, antes de darmos motivos para que ele se arrependa de sua cortesia.

— Pois então vamos carregar nós mesmos o material — ordenou Li. — Poderemos entregar aos homens da Força Espacial quando chegarmos aos portões. Até lá, levaremos tudo... Monty, Haldane, são os mais jovens, podem dividir a carga? Deixem que eu levo a caixa de vôo.

Ele guardou-a num bolso do uniforme e acrescentou:

— Eu a entregarei pessoalmente a Operações de Vôo, embora não acredite que nos revele qualquer coisa além do mau tempo. Muito bem, vamos embora.

Um dos cadetes na sala limpou a garganta, constrangido, e disse a Jaelle:

— Mestre, pode fazer a gentileza de informar ao capitão ou oficial dos Terranan, não sei qual é seu título correto, perdoe-me por qualquer falta na etiqueta, que Lorde Hastur nos determinou que prestássemos toda ajuda desejada no transporte do material pelos portões, até a Cidade.

Eles não precisam se sobrecarregar como animais; estamos aqui para ajudar.

Jaelle transmitiu a informação e o Coordenador disse:

— Aposto que eles estão ansiosos em pôr as mãos no material, hem?

Antes que o comentário fosse notado, Peter apressou-se em dizer aos cadetes, com inflexão mais gentil:

— Obrigado, amigos. Monty, deixe-o levar as peças. Li, entregue a caixa de vôo. Não haverá problemas, e quando alguém a serviço de Lorde Danvan oferece uma cortesia, devemos aceitar graciosamente.

— Quem você pensa que é, Haldane? — resmungou o Coordenador. Mas Aleki disse baixinho:

— Ele é o perito residente em protocolo, senhor, tem o direito de prevalecer sobre sua opinião nessas questões. Não crie um caso por isso.

Contrariado, Russell Montray concordou que o líder dos cadetes levasse a caixa de vôo. Encaminharam-se para os portões. Ao atravessarem o corredor além da câmara de audiências, Peter disse subitamente, em voz baixa:

— Encostem-se na parede, todos! Alguém está chegando e pela aparência deles eu diria que é uma pessoa destacada no Comyn. Vamos deixar que passe... e, pelo amor de Deus, mantenham uma atitude respeitosa!

Jaelle quase que pôde ouvir o protesto do Coordenador de que eram terráqueos e não tinham a obrigação de se curvarem diante de senhores feudais de alguma cultura pré-espacial, mas ele não falou em voz alta e todos recuaram para a parede, em atitudes variadas de cortesia, relutantes ou sinceras. O homem à frente do grupo era parecido com o jovem Lorde Hastur que os recebera, embora os cabelos louros exibissem fios brancos. E, abruptamente, houve um grito de reconhecimento.

— Jaelle! Minha criança querida!

E um momento depois Jaelle estava nos braços de Dama Rohana. Dama Rohana Ardais parecia ter encolhido, ficara menor, mais frágil. Havia mais fios brancos do que Jaelle podia lembrar nos cabelos vermelhos escuros.

— Procurei-a na Casa da Guilda, minha cara, mas não a encontrei. A Mãe da Guilda não estava presente para me informar de seu paradeiro. Abençoada seja Avarra que me guiou para este encontro, criança!

Lonll Hastur envolveu Jaelle por um instante, num abraço de parente. Ela ficou surpresa por isso, como se acontecesse com outra pessoa.

Sem dúvida ele podia perceber que ela era uma Renunciante, que entre outras coisas renunciara à posição que poderia ocupar no Comyn.

— Eu a conheci quando era criança. — Ele tocou nas pontas de seus cabelos curtos. — É quase como a recordo. Tinha os cabelos lindos, é uma pena que as Renunciantes devessem sacrificá-los.

Jaelle inclinou-se numa reverência desajeitada e pela primeira vez na vida o traje de uma Renunciante pareceu-lhe inconveniente.

— Mas quem são essas pessoas, minha criança, por que se encontra com elas?

Danvan Hastur, por trás de seu pai, informou:

— São os emissários terráqueos, que vieram falar sobre o avião caído nas terras de Armida, senhor.

Jaelle empurrou Peter para a frente e disse, timidamente:

— Este homem, Lorde Hastur, é meu companheiro livre. Nasceu em Caer Donn e viveu entre os darkovanos durante a maior parte de sua vida.

— Rohana já me falou a seu respeito e lembro que ele estava entre os que ajudaram a formular o conceito de colocar a tecnologia médica à disposição de nosso povo, através do emprego de Renunciantes na Cidade Comercial. — Lorill Hastur acenou com a cabeça para Peter, cortesmente. — Rohana, se quiser conversar com sua filha-de-adoção, posso dispensá-la por algum tempo de nossa reunião.

Ele seguiu adiante e Rohana disse, segurando o braço de Jaelle:

— Fique e converse comigo. Temos muitas coisas de que falar. Jaelle olhou hesitante para Peter, que disse:

— É muita gentileza sua, Dama Rohana, mas nossos deveres...

— Podem ficar os dois, se quiserem — autorizou Montray.

Mas quando a enorme porta foi aberta, o vento entrou furioso e ele recuou. Jaelle compreendeu que deveria ter esperado por aquilo... por que não fora sensível à mudança abrupta do tempo? Era a nevasca súbita do final da primavera, que podia passar pelo desfiladeiro sem ser percebida até o momento em que se desencadeava com toda força, cobrindo a cidade de branco em poucos minutos. Houve uma ocasião em que Jaelle fora envolvida por essa tempestade em pleno festival do Solstício do Verão.

— O beijo de Zandru — ela comentou, em voz alta. Hesitante, explicou para Montray: — Lamento, mas temos de aceitar a hospitalidade aqui... não podemos sair com esse tempo. Meu Lorde Hastur...

Ele virou-se para Jaelle e acenou com a cabeça, ordenando a um dos cadetes à espera:

— Conduza os emissários terráqueos aos alojamentos dos hóspedes.

Monty agradeceu com uma cortesia impecável. Russell Montray teve o bom senso de se manter calado.

— E você, Jaelle, junto com seu companheiro livre — disse Rohana, — serão meus hóspedes esta noite. — Ela sorriu alegremente. — Eu não sabia que o tempo seria tão favorável a meus desejos!

Mas enquanto os terráqueos eram conduzidos para as suítes de hóspedes, Peter mantinha-se apreensivo; e quando ele e Jaelle ficaram a sós nos luxuosos aposentos de hóspedes na parte de Ardais no Castelo Comyn, Peter disse, preocupado:

— Acho que não está certo, Jaelle. Montray não conhece bastante o protocolo darkovano e devo permanecer ao lado dele.

— Monty tem uma boa noção e venho trabalhando todos os dias com Aleki — disse Jaelle. — Se ele não sabe o suficiente para livrar o velho de alguma encrenca, então não é tão competente quanto o julguei.

— É justamente esse o problema — protestou Peter. — Você não compreende a situação, não é mesmo? Jamais entendeu. Preciso estar lá, Jaelle... não escondido em algum lugar, no meio do luxo, deixando que outro colha a recompensa. Quero o cargo do velho Montray, pura e simplesmente. Se eu não estiver presente, esse recém-chegado, Sandro Li, vai se apresentar e conquistar a vaga pelo simples fato de se encontrar no lugar certo no momento oportuno. E onde eu ficaria? Perdido, um bom agente de campo, mas nunca cogitado para os altos escalões da administração!

Por um momento Jaelle descobriu-se incapaz de falar, chocada. A idéia de que alguém pudesse planejar de fato a conquista de um dos enfadonhos cargos administrativos, tipo de coisa imposta ao Comyn pelo nascimento e as inevitáveis exigências herdadas da nobreza, era tão absurda que Peter naquele instante lhe pareceu um estranho completo.

— Nesse caso, é claro que você deve ir imediatamente — ela murmurou, quando conseguiu falar. — Não podemos deixar que seja preterido em sua ambição.

Ela usou a inflexão desdenhosa com que falaria de um bajulador em busca de um cargo, alguém ansioso por subornos e privilégios, mas Peter não percebeu que fora insultado. Jaelle se perguntou por que continuava a suportar sua presença. Peter não era mais o homem que ela amara em Ardais. Agora, ele não era ninguém. Não passava de um reles manipulador em busca de promoção, preocupado apenas com seus privilégios e seu trabalho; por que ela nunca percebera isso antes?

— Eu sabia que você compreenderia, Jaelle. Afinal, também vai se beneficiar se eu conseguir o cargo.

Sorrindo — claro, ele está contente agora que impôs sua vontade, — Peter deu um beijo rápido em sua testa, antes que ela tivesse tempo para se esquivar. Jaelle ficou parada em silêncio no meio do enorme aposento, sem sequer tirar os trajes externos, as lágrimas ardendo nos olhos. Inventara muitas desculpas para não ver Peter como ele era. E agora estava acuada, com sua criança no ventre.

Melara — minha mãe — deve ter se sentido assim nas Cidades Secas. Deve ter acreditado sempre que em algum lugar havia uma salvação e que sua família a resgataria.

E depois ela descobriu que eu estava para nascer e que não importava o que acontecesse, com ou sem salvação, o mundo nunca mais seria o mesmo.

Estou obrigada pelo prazo do meu contrato, e quando Peter souber da criança, Peter nunca mais me deixará ir embora... gerar crianças apenas quando eu escolher, à minha vontade e nunca pela casa ou orgulho de qualquer homem, clã ou linhagem... as palavras do juramento ressoaram em sua mente e ela compreendeu que cometera um perjúrio. Soubera disso na Casa da Guilda das amazonas na noite em que falaram de crianças, e agora não havia como escapar ao conhecimento; estivera cega na ocasião, mas agora era evidente...

A servidora na porta se mantivera imóvel, mas agora adiantou-se e gentilmente pegou o manto de Jaelle, ajeitou-o no lado, indagou deferente se a dama desejava um frescor. Jaelle passara tantos anos sem isso, primeiro na Casa da Guilda, em que nenhuma

mulher servia a outra, depois entre os terráqueos, cujos serviços não eram absolutamente pessoais, que se sentiu contrafeita quando a mulher tirou seu manto. Murmurou um agradecimento e recusou o refresco, querendo apenas ficar a sós, chegar a um acordo com o novo e indesejável conhecimento que a dominava. Mas a mulher insistiu:

— Se já está disposta, Dama Rohana gostaria de recebê-la em sua sala de estar particular.

Era a última coisa que Jaelle queria. Mas fora ao Castelo Comyn por sua livre e espontânea vontade e agora, como qualquer outra mulher dos Domínios, estava subordinada ao Comyn. Rohana era sua parenta; mais do que isso, era uma protetora e benfeitora da Casa da Guilda, não havia como recusar seu pedido polido. Poderia ganhar tempo, alegar que se sentia cansada demais para conversar, protelar o encontro com um pedido de comida ou bebida, que Rohana seria obrigada a conceder, pelas leis de hospitalidade.

Mas por que não queria conversar com Rohana, que sempre a tratara apenas com a maior gentileza?

Na pequena sala de estar, idêntica à que existia em Ardais onde Rohana discutia as contas da propriedade com seu intendente e recebia os clientes suplicantes de Dom Gabriel, Rohana estava à sua espera.

— Venha cá, minha querida criança.

Por hábito, Jaelle adiantou-se para sentar no banquinho ao lado de Rohana; mas percebeu o que estava fazendo e retirou-se, indo sentar numa cadeira de encosto reto no outro lado da sala. Rohana soltou um suspiro.

— Procurei-a na Casa da Guilda, mas fui informada de que você estava trabalhando entre os terráqueos, e eu não sabia como achá-la. Vim a Thendara pelo menos em parte por sua causa, Jaelle, por conta do Comyn...

Jaelle ouviu sua voz soar tão áspera quanto a de uma estranha:

— Não tenho nada a ver com o Comyn. Renunciei a tudo isso quando prestei o juramento, Rohana.

Rohana levantou a mão e disse, como se Jaelle fosse uma adolescente turbulenta, ainda com quatorze anos:

— Ainda não ouviu o que tenho a dizer. Está me interrompendo, chiya.

A censura foi gentil, mas era uma censura, e Jaelle ficou vermelha, lembrando que por sua própria opção não era uma igual de Rohana no Comyn, mas sim uma súdita e cidadã, muito inferior. Ela murmurou uma fórmula ritual:

— Seu perdão, Dama.

— Oh, Jaelle... — Rohana fez uma pausa, controlando-se. — Imagino que não soube da notícia, por trás dos muros do espaçoporto terráqueo. Dom Gabriel morreu, Jaelle.

Jaelle viu agora o que não percebera antes, o traje escuro de luto, os olhos inchados, ainda avermelhados do choro. Ela o lamenta, embora tenha sido dada a ele contra a vontade e Dom Gabriel a maltratasse durante a maior parte de sua vida miserável. Jaelle não amara o falecido, mas se lembrava de ter gracejado com Magda no festival do Solstício do Inverno.

Ele tratará com cortesia qualquer coisa que pertença a Rohana... cachorrinhos, parentes pobres e até mesmo Amazonas Livres. Dom Gabriel nunca fora intencionalmente grosseiro com ela.

— É melhor assim — acrescentou Rohana, calmamente. — Ele estava doente há muitas luas, detestaria ficar entrevado ou incapacitado. Há dez dias sofreu um ataque e nenhum dos nossos medicamentos pôde recuperá-lo.

Teve trinta acessos entre meia-noite e o amanhecer e Dama Alida disse que se tornasse a despertar provavelmente não me reconheceria nem às crianças, não saberia quem era ou onde se encontrava. Por isso, de certa forma, fiquei aliviada quando seu coração falhou.

Ela fechou os olhos por um momento e Jaelle viu-a engolir em seco, mas a voz continuava serena quando arrematou:

— A Dama Negra demonstrou misericórdia.

Era uma verdade, e Jaelle só tinha um comentário a fazer:

— Lamento sinceramente por sua dor, Rohana. Ele sempre foi gentil comigo, à sua maneira.

Depois ela recordou que o filho mais velho de Rohana tinha vinte e cinco anos; enquanto Gabriel vivia, Rohana fora Regente para o marido enfermo, mas agora se encontrava subordinada ao filho, que sucederia o pai.

— E agora Kyril é o Lorde de Ardais.

— Ele se considera preparado para ser o Lorde do Domínio — disse Rohana. — Gostaria que tivesse ocorrido quando ele fosse mais velho... ou então quando fosse muito mais jovem e ainda disposto a ser orientado por mim.

Jaelle podia sinceramente lamentar por Dom Gabriel, pelo menos um pouco; mas nunca sentira outra coisa que não aversão e desprezo por seu primo Kyril, e Rohana sabia disso.

— Fico contente por não ter nascido uma Ardais e estar assim sob o seu comando.

— Também penso assim — murmurou Rohana, amargurada. — Seu primeiro ato como Guardiã foi acertar um casamento entre sua irmã Lori e Valdir, Lorde Armida. Valdir ainda não tem quinze anos e Lori também não, mas isso não deteve Kyril; queria essa aliança com Alton. Ele nunca me perdoou por não ter interferido quando Dama Callista de Arillin deixou a Torre Arillin, há alguns anos, para conseguir que ela se tornasse sua esposa. Eu esperava que Lori casasse com seu irmão Valentine, Jaelle... minha filha casando de volta no Domínio do meu nascimento. Mas seu pai e de Valentine era um homem das Cidades Secas e por isso Kyril já proibira o casamento.

. . Ele é agora o guardião de Valentine.

Jaelle vira o irmão Valentine menos de uma dúzia de vezes em toda a sua vida; ele nascera quando a mãe morrera e ela não queria se lembrar. Dom Gabriel nunca seria grosseiro com crianças, mas Kyril detestava os jovens primos; Jaelle escapara para a Casa da Guilda, mas para Valentine não houvera escapatória até os dez anos de idade, quando fora enviado para o mosteiro em Nevarsin.

— Valentine e Valdir são bredin; quando Valdir casar, Valentine o acompanhará como pajem e sem dúvida Valdir lhe providenciará um bom casamento. Não precisa se preocupar com ele.

— Mal o conheço — disse Jaelle. — Mas fico contente por ele estar além do alcance da maldade de Kyril. Mas como se sente Lori pela perspectiva de casamento com um parente que praticamente não conhece?

— Ela o acha encantador. Todos os Altons são brilhantes, e tenho a impressão que Valdir provavelmente será um dos melhores. Já deve saber que o último Herdeiro, o jovem Domenic, foi morto em Thendara, num acidente com espada, há alguns anos, e o Domínio se encontra sob um Regente, Lorde Damon Ridenow, que casou com Ellemir, irmã de Domenic. Mas Valdir completará quinze anos neste verão e assumirá seu lugar como Guardiã do Domínio...

— Eu já sabia.

Jaelle sentiu um estranho prurido na mente, que a consternou e irritou. Por que os problemas dos Altons afluíam agora? O avião caído nas terras de Alton. Peter, dizendo que o Regente de Alton era um homem honrado. Isso a fazia pensar no sonho curioso que partilhara com Magda; havia alguém com as cores de Ridenow, verde e dourado... mas o que os problemas do Comyn tinham a ver com ela?

Rohana empertigou-se na cadeira e Jaelle percebeu que ela se sentia furiosa. Ela teria lido sua mente? Jaelle não sabia que estava praticamente irradiando sua irritação e desprazer e que Rohana, com um laran bem treinado e sob controle, sentia-se contrariada com sua mente indisciplinada, da mesma forma como ela própria ficaria se uma das jovens fizesse barulho na Casa da Guilda num momento em que deveria haver silêncio.

— Lamento que os problemas do Comyn sejam aborrecidos para você — disse Rohana, secamente, — mas deve me aturar enquanto os explico, já que, no final das contas, está profundamente envolvida...

— Quando prestei o Juramento das Renunciantes...

— Quando teve permissão para prestar esse Juramento, graças à minha interferência — lembrou Rohana, friamente. — Pôde prestar o Juramento e renunciar a seu lugar na sucessão do Domínio Aillard, através de sua mãe, Melora, apenas porque eu certifiquei na ocasião — o que não é a verdade absoluta, receio agora, embora não

soubesse disso então — que não tinha um laran aproveitável ou acessível. Mas embora possa renunciar pessoalmente à sua herança, não pode renunciar por sua filha para nascer.

— Não tenho filha, nascida ou por nascer...

Mas Rohana fitou-a nos olhos.

— Ainda mente para si mesma, Jaelle? Ou terá a insolência de mentir para mim e negar que está carregando uma filha de seu amante terráqueo?

Jaelle abriu a boca para falar, mas tornou a fechá-la, sabendo que nada tinha a dizer. Sabia e fechara sua mente ao conhecimento. Rohana continuou, calmamente:

— Quando eu nasci, haviam muitas filhas na sucessão Aillard. Isso aconteceu há mais anos do que gosto de me lembrar. O tempo não foi generoso com nosso Domínio.

Minha mãe, Dama Liane, casou com um homem que assumiu seu nome e posição, em vez de ela assumir o dele. — No Domínio Aillard, o único assim no Comyn, a descendência era pela linhagem feminina, da mãe para a filha mais velha. — Minha mãe tinha duas irmãs mais jovens; a menor era a mãe de sua mãe, Jaelle. Melora e eu éramos primas e bredini; fomos adotadas juntas na Torre Dalereuth. Saí de lá para casar com Gabriel; Melora foi seqüestrada pelos bandidos das Cidades Secas e gerou duas crianças de Jalak de Shainsa. Você e seu irmão Valentine.

Jaelle disse, a boca subitamente seca:

— Por que me conta o que eu sempre soube?

— Porque minha irmã mais velha, Sabrina, não teve filhas, mas apenas filhos. Minha irmã Marelle casou no Domínio Elhalyn e, para o melhor ou pior, seus filhos e filhas pertencem a esse Domínio, não são Aillards. Eu queria que Gabriel renunciasse a seu direito paterno em Lori, mas ele não aceitou e nos últimos anos estava muito doente para que pudesse persuadi-lo. Assim, Lori não foi criada para herdar um Domínio, mas sim para o casamento. Mas você não casou, Jaelle; ainda é uma Aillard.

Mais do que isso, fez votos que significam que qualquer filha que gerar é sua, não de seu marido. Sua filha, Jaelle, será Herdeira

de Aillard, quer você goste ou não. E ela herdará os poderes do Domínio.

— Não! Não permitirei...

— Não pode impedir, Jaelle. É a lei. Nós a temos observado desde que Melora morreu. Obviamente, Sabrina não ficou satisfeita ao ver Melora substituí-la...

— Ainda mais porque o pai da criança de Melora era um bandido das Cidades Secas — comentou Jaelle, secamente.

— De qualquer forma, Sabrina já passou da idade de gerar crianças; não pode mais ter uma filha. Melora tinha uma irmã mais velha...

— E ela teve filhos para o Domínio?

— Pensamos que assim seria. Ela gerou uma filha nedestro para Lorill Hastur; foi concebida em festival e por isso tivemos de casá-la por conveniência com um pequeno proprietário. Essa moça estaria agora... que Deus nos ajude, como o tempo passa, com mais de quarenta anos. Eu a vi uma vez, quando era jovem, linda e destinada a uma Torre.

— Por que ela não pode ser a Herdeira do Domínio? Ou será que os Hasturs sentem ciúme de suas filhas?

Rohana sacudiu a cabeça.

— Antes dos quinze anos ela foi roubada por bandidos; foi resgatada, mas tornou a fugir — talvez tivesse um amante entre os bandidos e nunca mais tivemos qualquer notícia. Leonie de Arilinn nos disse que não deveríamos procurá-la... ela estava morta ou lhe acontecera alguma coisa, o que significava que não podia voltar para sua gente. Tenho certeza de que ela está morta agora. Assim, a sucessão vai para você Jaelle, para o melhor ou pior; e se não para você, então para sua filha. Foi por isso que eu a chamei... para lhe dizer tudo isso.

Jaelle percebeu que, sem pensar, cruzara as mãos sobre a barriga, como a proteger a criança lá dentro, a criança em que só pensara como um vínculo que a prendia ao casamento e a Peter. Mas aquilo era pior do que gerar uma criança para um terráqueo, se devia tê-la para o Comyn, para se tornar ao mesmo tempo serva e ama.

O Comyn... Não permitiria que isso acontecesse. Jurara não gerar nenhuma criança por cargo ou posição, herança ou linhagem...

— E como Regente de sua criança por nascer, que é Herdeira de Aillard, você deve ocupar um lugar no Conselho, embora Dama Sabrina ainda seja a Regente nominal — acrescentou Rohana. — A menos que você prefira fazer de Sabrina a Guardiã de sua filha. Nesse caso, poderá continuar em busca de seus objetivos como Renunciante e negligenciar seu dever. Mas deve dar a luz à sua filha e entregá-la aos cuidados do Comyn, para ser criada da forma determinada por seus direitos hereditários.

— Ela é meio terráquea — protestou Jaelle, rebelando-se.

— Ainda não compreende, não é mesmo, Jaelle? Esta não é a primeira vez que a linhagem feminina de Aillard definha, mas não deve acontecer outra vez. Há três gerações que somos desafortunadas. Seu dever com o Comyn...

— Não me fale do meu dever com o Comyn! — exclamou Jaelle. — Em todos os anos de minha vida, o que eles já fizeram por mim?

— Não estou pedindo por você — disse Rohana, friamente. — Renunciou a essa vida antes que tivesse idade bastante para saber o que significa. A vida exige de todos que fazem promessas antes que tenham idade suficiente para cumpri-las; honra é respeitar esses compromissos, mesmo quando se torna difícil.

Jaelle pensara em algo parecido... renegara o juramento das Renunciantes quando se tornara difícil?... e baixou os olhos. Rohana continuou, mais gentilmente:

— Você fez sua opção. Mas não pode fazer a opção por sua filha. Conheço as Renunciantes o suficiente para saber que nem mesmo uma Mãe da Guilda pode fazer essa opção pela filha, mesmo que a criança nasça na Casa da Guilda. Sua filha deve ser criada sabendo de seu dever com o Comyn, que é Herdeira de Aillard... e você deve saber o que será exigido dela. Eu lhe peço, Jaelle, para participar do conselho neste verão, quando Kyril assumir suas funções como Guardiã de Ardais e quando sua filha será escolhida para Aillard.

— Qual é a alternativa?

— Espero que não nos obrigue a pensar em alternativas, Jaelle. Apenas se a criança morrer ou você morrer no parto é que haveria uma opção viável.

Não sou uma escrava e não quero que minha filha seja escravizada. Quero viver por minha própria conta, não por essa casta arrogante que rejeitou minha mãe e abandonou-a à escravidão, depois me rejeitou porque era filha de meu pai, tanto quanto de minha mãe. Ela disse em voz alta:

— O Comyn não quis saber de mim por causa do meu sangue das Cidades Secas. Agora você diz que ignorarão isso em minha filha e também o seu sangue terráqueo?

— Eles tinham uma opção naquela ocasião. Havia outras herdeiras para Aillard. Desde então, ocorreram mortes. A morte também não dá nenhuma opção a uma mulher e é mais exigente do que o Comyn. A necessidade não consulta a conveniência, Jaelle.

E as mortas, pensou Jaelle, eram parentas de Rohana.

Sangue, espalhando-se na areia, sombras escuras do poço, a dor abrindo sua testa... De alguma forma, ela conseguiu expulsar de novo a imagem de sua consciência.

Rohana observou-a atentamente, mas não disse nada, pelo que Jaelle sentiu-se grata. Temia que Rohana contemplasse sua mente, percebesse o laran despertando, se empenhasse em tirá-la do refúgio entre as Renunciantes... não há refúgio. Também as abandonei. Para onde o dever me manda? E dever com quem? Com o Comyn, com meus empregadores terráqueos, com Peter, meu companheiro livre, com minhas irmãs na Casa da Guilda? Não há escapatória de juramentos conflitantes... assim como não se pode escapar de nascimento ou morte...

— Kindra costumava me dizer que nada é inevitável, a não ser a morte e a neve do próximo inverno. Deve haver outra solução, até mesmo para isso.

— A vida não é tão simples assim, Jaelle — disse Rohana, gentilmente, inclinando-se para a frente, a fim de afagar os cabelos macios da mulher mais moça. — Não exijo qualquer decisão sua agora. Vá e pense a respeito, querida. Pergunte a Peter o que ele pensa... ela é também filha de Peter e ele tem alguns direitos sobre

a criança, não importa o que as Renunciantes pensem a respeito. Você não precisa decidir agora. E mesmo depois que a criança nascer, só lhe peço que não feche muitas portas cedo demais. Deixe também a ela uma opção. Sua mãe arriscou-se a perder a vida para que você pudesse ter uma opção, para que não crescesse em correntes. Creio que isso me deixou branda com você e não insisti em criá-la rigorosamente de acordo com as leis para uma filha do Comyn. Melora não teve opção, assim como eu também não tive...

Jaelle fitou-a atentamente, mas depois compreendeu que Rohana não falara de si mesma, dissera em voz alta apenas Melora não teve opção. E ela repetiu agora:

— Melora não teve opção e morreu para proporcionar a você uma opção. Por isso, eu não quis lhe impor coisa alguma. Você teve muitos anos de liberdade; não é tempo agora de fazer alguma coisa por alguém além de si mesma?

Talvez ela esteja certa, talvez ela esteja certa... talvez eu deva alguma coisa aos que me precederam e aos que virão depois de mim... Rafaella tentou escolher por Doria e não deu certo, Doria tem de ser enviada para outro lugar... Jaelle inclinou a cabeça e disse:

— Pensarei a respeito. Mas certamente não viajou tão longe, desde Ardais, só para conversar comigo a respeito do destino de minha filha.

Rohana aproveitou a oportunidade com tanta ansiedade que Jaelle compreendeu que ela também devia ter ficado perturbada pela discussão.

— Não foi apenas por isso, é claro. Vim sepultar Gabriel e ver Kyril assumir sua posição como Guardiã do Domínio... Foi convocada uma sessão especial do Conselho... Os Hasturs já estão vindo para cá de Carcosa; Príncipe Aran, a esposa e a filha estarão presentes. A notícia já se espalhou pelos Domínios... mas creio que isso não tem o menor interesse para você, criança. Vá descansar; precisará dormir bem. Mandarei que sirvam uma refeição leve e depois descansará. Pela manhã poderá ir embora ou ficar aqui e conversar outra vez comigo, como preferir. Eu a informarei de detalhes mais precisos quando o Conselho se reunir. Deve fazer um esforço para comparecer, por sua filha, conhecer os membros dos

Domínios... Afinal, criança, há outras pessoas na família além de Kyril e eu, deveria conhecê-las.

— Não estou ansiosa em conhecê-las, assim como elas não demonstraram o menor interesse em me conhecer em todos esses anos desde que a mãe morreu.

Mas Jaelle falou gentilmente; sabia que não queria magoar os sentimentos de Rohana.

A suíte de hóspedes que lhe fora reservada era tranqüila e vazia. Jaelle tomou a sopa e comeu um pouco da ave assada enviada por Rohana. Supunha que Peter jantava com o grupo terráqueo na suíte distante para onde haviam sido enviados e quase desejou estar lá com eles. Mas não conhecia o Castelo Comyn para descobrir o caminho sozinha. Acomodou-se numa cadeira aconchegante, mal consciente do quanto era agradável sentir-se entre coisas familiares. Não, não familiares, pois jamais conhecera um ambiente tão luxuoso; desde que tinha idade suficiente para se lembrar, só conhecera o ambiente impecável e confortável da Casa da Guilda, que nada tinha de luxuoso.

Um luxo assim poderia ser seu, durante todo o tempo, se optasse por permanecer com o Comyn, em vez de cumprir o juramento de Renunciante... Mas por que pensava nisso agora? Ela acabou adormecendo e foi despertada pela volta de Peter, já bem tarde.

— Desculpe acordá-la, amor. Eu gostaria de ter voltado mais cedo, não queria deixá-la sozinha aqui, mas sabia que estava com Dama Rohana e que ela cuidaria de você.

Senti-me na obrigação de cuidar deles.

— Fez o que era certo — murmurou Jaelle, afetuosamente.

Era uma das coisas que ela amava em Peter, seu senso de dever. Isso significava que ela não tinha nenhum? Jaelle esquivou-se à pergunta.

— Já jantou, Peter? Rohana me mandou uma refeição deliciosa, mas quase não comi. Há bolinhos, ave fria e vinho ali naquela mesa...

— Comi alguma coisa com os outros. Eles não apreciam uma boa comida, à exceção de Monty. Sandro Li... como é mesmo que

— Você o chama? Aleki?... não tocou em nada, disse que não confiava em alimentos naturais, não eram tão seguros e não podiam ser tão nutritivos quanto o tipo cientificamente computado pelas vitaminas e conteúdo mineral. Mas faz com que eu me sinta outra vez no campo.

Ele pegou uma coxa de ave com uma das mãos e uma empada de noz com a outra, aproximou-se de Jaelle, comendo com satisfação.

— Gosto muito de um lugar como este. E compreendo como... como a Zona Terráquea é estranha. Pobre criança, sentiu-se completamente desorientada por lá, não é mesmo? Talvez, dentro de algumas semanas, assim que esse problema de Carr estiver resolvido, possamos escapar por algum tempo, fazer uma viagem pelo campo, as montanhas... quem sabe Daleruth? Sempre adorei o litoral e você nunca esteve lá, não é mesmo? Deixaremos tudo para trás e pegaremos a estrada para as montanhas... só nós dois, para voltarmos a ter a mesma intimidade de antes. Mas o que é isso?

Ele inclinou-se para Jaelle, largando a carne numa pressa desajeitada para abraçá-la.

— Está chorando, Jaelle... Tenho sido um animal, não é mesmo? Fico me preocupando em demasia com o trabalho, promoção, todas essas besteiras, sem me lembrar do que é realmente importante! É preciso acontecer algo assim para me lembrar que há outras coisas na vida. Desculpe eu ter sido tão desagradável antes. Merecia que você me odiasse depois de tudo o que fiz... mas não sei o que faria sem você, Jaelle, eu a amo tanto... preciso de você...

Ela comprimiu o rosto contra o pescoço de Peter, chorando. Por que haviam se tornado tão apartados? E ele nem mesmo sabia dos últimos acontecimentos, a morte de Dom Gabriel, as exigências de Rohana ou a criança...

— Escute, Peter — ela disse, muito séria, puxando o rosto dele para o seu, — sabe que Rohana é minha parenta. Ela tinha muitas coisas a me falar, tantas que não posso decidir tudo sozinha.

Num ímpeto, Jaelle contou tudo, mas como já esperava ele não prestou muita atenção ao que Rohana dissera sobre a criança ser Herdeira do Domínio Aillard.

— O mais importante, Jaelle, a única coisa importante — ele murmurou, apertando-a em seus braços, — é nossa criança. Tivemos muitos problemas, mas agora tudo passará a valer à pena, pois temos mais alguém além de nós em quem pensar.

Ele beijou-a tão ternamente que Jaelle se perguntou por que fora capaz de duvidar de seu amor.

— Isso vem primeiro, Jaelle. Apenas você e eu... e a criança.

Capítulo Quatro

Magda começava a se sentir irrequieta, quase claustrofóbica; as mulheres se mostravam mais amistosas, até mesmo Rafaella, mas ela sentia-se cansada de permanecer dentro da casa; às vezes saía até a horta só para respirar o ar da liberdade. Mesmo que o ar da liberdade, ela pensava ironicamente, recenda demais aos estábulos!

Ainda vestia os refugos da caixa de roupas usadas e velhas, mas a tradição exigia que fizesse para si mesma um traje completo antes de terminar o prazo de meio ano na casa. De certa forma, compreendia o motivo para essa exigência — as mulheres das classes superiores que procuravam as Renunciantes estavam acostumadas a só usar roupas que eram feitas por criadas e servas e era necessário que descobrissem o custo do trabalho das outras. Keitha, por outro lado, apreciava a oportunidade de sentar e costurar, estava agora cobrindo a gola e as mangas de sua nova túnica de baixo com borboletas delicadamente bordadas. Magda invejava a tranqüilidade com que ela trabalhava nisso.

— Isto é muito repousante para mim — comentou Keitha. — A qualquer momento Marisela pode me chamar para ajudar num parto e por isso tenho de descansar e bordar enquanto posso...

— Não tem nada de repousante para mim — disse Magda, mordendo o lábio ao espetar o dedo com a agulha mais uma vez. — Prefiro limpar os estábulos a costurar um único ponto.

— Isso é óbvio pelo seu trabalho — murmurou Keitha, examinando os pontos com olhos críticos. — Sua mãe nunca lhe ensinou?

— Ela era música e acho que não sabia costurar melhor do que eu. Estava sempre absorvida em seu alaúde ou traduções.

Elizabeth Lorne tocava nove instrumentos musicais e compilara mais de trezentas canções folclóricas das montanhas de Darkover. Magda, que tinha pouco talento musical, não fora íntima da mãe, embora nos últimos meses se tornasse mais e mais consciente de como a mãe era absorvida em seu trabalho, ansiando em fazer alguma coisa por si mesma. Especulava, agora que era tarde demais

para descobrir, como teria sido realmente o casamento da mãe. Uma coisa era certa: ela não se deixara consumir pela carreira de David Lorne entre os terráqueos, sempre se empenhara em seu próprio trabalho...

— Minha mãe dizia que eu nunca devia pedir a qualquer criada que fizesse alguma coisa por mim que não fosse capaz de fazer pessoalmente — comentou Keitha. — Se não for assim, uma dama se torna escrava de suas criadas. Agora me sinto grata por isso, embora não goste de trabalhar com os cavalos. Mas Marisela diz que devo aprender a cuidar de meus próprios cavalos, porque uma parteira é obrigada por lei a ir ao encontro de qualquer mulher que precise de seus serviços a uma distância de um dia de viagem, até mais longe, se for possível. E Marisela diz também que nem sempre poderei ter homens ou mulheres para cuidar dos animais por mim.

Magda não pôde deixar de sorrir; Marisela diz, haviam se tornado as palavras mais importantes no vocabulário de Keitha. Começara a desconfiar que um dos pontos principais do treinamento das amazonas era o de fazer as mulheres regredirem à adolescência, a fim de que pudessem crescer de novo de uma maneira que não as tornaria subservientes a pais, irmãos, aos homens que dominavam a maioria das famílias darkovanas. Se isso as levava ao estágio de sentirem paixões juvenis por outras mulheres... ora, também não era um crime, embora fosse surpreendente encontrar essa reação em Keitha, que fora criada como uma cristoforo e já fizera comentários desfavoráveis sobre as amantes de mulheres na Casa da Guilda.

Ela espetou o dedo com a agulha mais uma vez, praguejou enquanto tentava dar um nó na ponta curta da linha. Camilla não fora a única mulher que fizera uma proposta do gênero a Magda, mas ela sempre sorrira e recusara de uma forma que não ofendesse. Fora mais difícil recusar Camilla, que era sua amiga, num momento em que precisava desesperadamente de amigas.

Mas não sou lésbica, não tenho interesse em outras mulheres... e isso fez com que se lembrasse do desconcertante episódio com Jaelle. Mas fora apenas um sonho, um pesadelo partilhado, não tinha qualquer significado real. Enquanto batalhava com a linha, no entanto, tentando enfiá-la pelo buraco da agulha,

recordou a noite em que o assunto fora levantado numa sessão de treinamento...

... Cloris e Janetta haviam proclamado que qualquer Renunciante que tivesse ligações amorosas com homens era uma traidora de seu Juramento.

— São os homens que nos oprimem e tentam nos escravizar, como o marido de Keitha, que a espancava e tentou levá-la de volta, contratando soldados mercenários...

— Como uma mulher livre pode amar homens que vivem assim e querem nos arrastar de volta ao seu jugo?

— Mas nem todos os homens são assim — insistira Rafaella. — Os pais de meus filhos não são assim, contentam-se em me deixar livre.

Talvez preferissem que eu morasse com eles e cuidasse da casa, mas admitem meu direito de fazer o que quiser. E Keitha bradara, com veemência:

— Abandonamos nossos maridos e viemos para cá em busca de refúgio, julgando-nos a salvo de perseguições, mas logo descobrimos que também não estamos a salvo de nossas irmãs! Aqui mesmo, nesta casa, ainda ontem, uma das minhas irmãs me fez... me fez uma proposta ilícita...

Mãe Millea interferira, em sua voz gentil e neutra:

— Suponho que está querendo dizer com isso, Keitha, que alguém a convidou para partilhar sua cama. Mas quem classificou essa proposta de ilícita? Ou ela não a deixou livre para recusar, se assim quisesse?

— Eu digo que é ilícita! — gritara Keitha.

Rindo, Rezi comentara:

— Disse que era algo pior do que isso, não é mesmo? Confesso que sou a criminosa imperdoável envolvida e ela fugiu de mim como se pensasse que eu ia estuprá-la ali mesmo, naquele instante; nem ao menos teve a cortesia de me fitar nos olhos e responder não, obrigada.

Keitha ficara vermelha como fogo, as lágrimas escorrendo pelas faces.

— Eu não ia citar seu nome! — ela berrara, furiosa. — Mas você se gaba por isso?

— Não permitirei que me faça sentir envergonhada. Entre os homens, se dois meninos juram ser amigos por toda a vida e não permitir que nenhuma mulher se interponha entre eles, mesmo que mais tarde casem e tenham filhos, ninguém lhes nega o direito a situar essa amizade acima de todas as outras coisas!

Donas amizu! — O tom de Rezi era desdenhoso. — Todos os autores de canções só atribuem honra a um homem que coloca seu bredu mais alto do que esposa e filhos. Mas se duas mulheres assumem o mesmo compromisso uma com a outra, considera-se que quando ela crescer o juramento significa apenas... serei leal a você até que o dever com meu marido e crianças prevaleça! Meu amor e lealdade vão todos para minhas irmãs, nunca desperdiçarei amor com um homem que não pode retribuir!

Magda pensara, confusa: Mas nem todos os homens são assim. Rafaella tem razão. E deixara de acompanhar o que se dizia, absorvida em seus pensamentos. Será que Keitha é bastante honesta intelectualmente para reconhecer o que está acontecendo entre ela e Marisela? Ou será que Marisela nunca fara com que ela perceba?

Agora, Janetta enfiou a cabeça pela porta e avisou:

— Margali, Keitha, Mãe Lauria quer falar com vocês duas no salão.

Agradecida pela interrupção, Magda dobrou sua costura num bolo desmazelado e meteu no cubículo de madeira com seu nome. Keitha demorou-se a dobrar seu trabalho com todo cuidado, mas Magda ouviu seus passos na escada logo atrás e as duas acabaram descendo lado a lado, quase correndo.

Camilla estava ali, vestida para montar, junto com Rafaella, Felicia e mais um pequeno grupo de mulheres que Magda não conhecia; mas em suas mangas havia a marca vermelha em diagonal da Casa da Guilda de Neskaya.

— Margali, Keitha, estão cansadas de ficarem dentro da casa? Sentem-se dispostas a correr algum perigo? Há fogo nas Colinas Kilghard, nas terras de Alton. As mulheres da Guilda não são

obrigadas por lei a ir, mas temos permissão para partilhar essa obrigação, quando todos os homens em condições devem se apresentar. Não há lei que determine que vocês têm de ir — reiterou Mãe Lauria, com todo cuidado, — mas podem ir, se quiserem.

— Eu irei — declarou Magda.

E Keitha acrescentou, mais timidamente:

— Terei o maior prazer em ir, mas não sei como poderia ajudar.

— Deixe isso conosco — disse uma das estranhas. — Se não for capaz de combater o incêndio, poderá ajudar no acampamento, mas temos como aproveitar todo par de mãos.

Mãe Lauria olhou para uma e outra e depois disse:

— Ótimo; sendo assim, eu as mandarei.

Magda compreendeu que, no fundo, tratava-se de uma ordem; o período de permanência obrigatória na casa determinava que só poderiam sair se houvesse uma ordem expressa de uma Mãe da Guilda.

— Devem aprender a se comportarem da maneira apropriada entre os homens e a trabalharem com eles como se fossem iguais, não com os privilégios especiais de uma mulher. Ficarão sob o comando de Camilla e Rafaella; devem obedecer a elas e não falar com ninguém, especialmente com nenhum homem, sem sua permissão. Entendido?

Muito bem; podem ir se vestir para montaria, ponham as roupas mais quentes e mantos, as botas mais resistentes. Levem roupas de baixo para quatro dias e desçam antes do relógio tornar a bater.

Enquanto se preparava para a viagem e arrumava a roupa de baixo limpa na pequena bolsa de lona que Rafaella lhe dera, Magda tremia de excitação. Sentia-se também um pouco assustada; mas, lembrou a si mesma, era mais forte do que muitos homens obrigados por lei a cumprir aquela obrigação. E sou uma Renunciante.

Enquanto selavam os cavalos, Rafaella disse baixinho a Keitha e Magda:

— Alguns homens que nos acompanharão na viagem tentarão atraílas para uma conversa; ou farão comentários rudes e

sugestivos. O que quer que eles digam, vocês não podem responder, nem uma única palavra; finjam, se preferirem, que são surdas e mudas. Se eles puserem as mãos em vocês, podem se defender, mas devem se acostumar ao fato de que os homens acalentam ressentimentos contra nós. Aprendam a conviver com isso, já que não há como evitar.

O destacamento de homens que esperava no portão da cidade era um bando variado. À sua frente haviam três dúzias de jovens Guardas, uniformizados, comandados por um desenvolto e jovem oficial, que ainda não saíra da adolescência.

— Valentine Aillard, para servir-te, mestra — disse ele, oferecendo a Rafaella um cumprimento com a cabeça, frio e cortês. — Suas mulheres são bem-vindas; podemos aproveitar todos os pares de mãos disponíveis. Levam rações e ferramentas?

— Estão em nossos animais de carga ali — respondeu Rafaella, gesticulando para que as mulheres entrassem na formação.

O jovem e polido oficial deixara claro para seus Guardas como deveriam se comportar; embora olhassem com alguma curiosidade para as amazonas, não houve sinais óbvios de ressentimento. Foi diferente com os outros homens, que viajavam para as linhas de combate ao incêndio com os Guardas, mas não sob a disciplina militar. Assoviaram baixo, arruinaram para atrair atenção e lançaram olhares maliciosos; e quando elas ocuparam seu lugar na formação, uma ou outra frase obscena foi murmurada. Magda ignorou-as; Keitha ficou vermelha como uma flor-de-sino. Ela puxou o capuz sobre a cabeça e Magda pensou que estivesse chorando por baixo desse abrigo. As mulheres da Casa de Neskaya, todas na altura dos quarenta anos ou mais, seguiram junto com os homens sem olhar para eles, enquanto Camilla — Magda lembrou que ela já fora outrora uma soldada mercenária — viajava no meio dos Guardas, conversando. Keitha sussurrou:

— Por que ela pode falar com os homens e nós não temos permissão?

— Provavelmente porque ainda não confiam o suficiente em nós para saber como vamos nos comportar — sussurrou Magda em resposta. — Quer conversar com eles?

— Não — sussurrou Keitha, com veemência. — Mas parece-me estranho que ela converse e se mostre tão cordial com os mesmos homens que nos tratam tão mal.

Isso também ocorrera a Magda, mas calculara que Camilla, uma Renunciante há muitos anos, conseguira de alguma forma alcançar uma posição entre os homens, que a aceitavam como uma pessoa igual. De qualquer forma, Camilla era a lei para si mesma.

Viajaram durante toda a tarde e parte da noite; finalmente o oficial no comando da coluna ordenou a parada e acamparam numa campina; as Amazonas cozinham em sua própria fogueira e mais tarde deitaram em suas mantas num círculo. Rafaella disse:

— Keitha, você dormirá comigo e Margali com Camilla. Sempre que estivermos assim entre os homens, dormiremos aos pares, apenas para deixar claro que não estamos à procura de companhia. E se algum tiver a idéia errada, uma poderá proteger a outra.

Magda podia compreender o bom senso dessa providência, embora tivesse certeza de que os homens ao redor da outra fogueira, se não tivessem a idéia de que as mulheres queriam companhia, sem dúvida ficariam com outra idéia, quase que igualmente equivocada. Mas lembrou a si mesma, com firmeza, que não era da sua conta o que os homens pudessem pensar. Rafaella perguntou a uma das mulheres de Neskaya:

— Onde está minha filha? Eu esperava encontrar Doria com vocês.

— Eu disse a ela que poderia vir se desejasse e ela estava tão ansiosa em sair da casa quanto nós; mas era o primeiro dia de seu ciclo mensal e o trabalho árduo e uma longa viagem em tal ocasião não são nada agradáveis. Percebi que ela se sentia realmente mal e por isso não a persuadi a nos acompanhar.

Rafaella ficou irritada.

— Não gosto de pensar em minha filha esquivando-se desse jeito a seus deveres! Percorri longas distâncias a cavalo e trabalhei arduamente quando estava grávida de sete luas e ela permitiu que isso a detivesse?

A outra mulher deu de ombros.

— Não há lei que diga que todas as mulheres devem reagir da mesma forma a seus corpos; por que você não se incomoda com o trabalho árduo, acha que deve impô-lo a ela? Se o fogo estivesse próximo e precisássemos realmente de todas as mãos disponíveis, tenho certeza que ela estaria ao nosso lado... não me parece uma jovem preguiçosa ou indiferente. Havia mulheres suficientes dispostas a vir, até mesmo ansiosas. Não se preocupe com ela, Rafi; está fora de suas mãos agora. Se Doria apresentar qualquer sinal de relaxamento, e até agora não percebi nenhum, deixe que as Mães da Guilda de Neskaya saberão cuidar dela.

Rafaella suspirou.

— Tem razão.

Ela se calou e depois de algum tempo outra mulher disse, gentilmente:

— Talvez as crianças das Renunciantes tenham mais dificuldades do que aquelas que vêm para nós do mundo exterior. Esperamos muito mais delas, não é mesmo?

Magda viu a estranha afagar os cabelos de Rafaella, enquanto acrescentava:

— Tenho uma filha que preferiu deixar a Guilda e casar. Ela é feliz, tem duas crianças e o marido a trata tão bem quanto eu poderia desejar, mas ainda assim sinto que fracasei com ela. Pelo menos sua filha prestou o juramento, minha irmã, não é serva ou escrava de nenhum homem.

Camilla murmurou no ouvido de Magda:

— Se eu dissesse isso a Rafaella, ela teria me dado um tapa. Fico contente que uma outra tenha pensado nisso.

Ela se levantou e chamou as outras mulheres em torno da fogueira.

— Antes de dormirmos, Annelys vai dar algumas instruções sobre o combate ao fogo.

Annelys era da Casa da Guilda de Neskaya; todas se agruparam e ela deu algumas instruções rudimentares sobre a teoria de combate ao incêndio, o que fazer em diversas circunstâncias, precauções de segurança elementares, embora ressaltasse que a maioria delas faria um trabalho manual corriqueiro na linha de fogo

e não precisaria saber o que estava acontecendo, mas apenas obedecer às instruções com precisão. Em torno da outra fogueira, Magda podia ouvir o jovem oficial dizer aos homens quase que as mesmas coisas; sua voz era quase toda um som sem palavras discerníveis, mas de vez em quando um silêncio casual ou uma rajada de vento trazia algumas palavras.

— Se fossem apenas os Guardas — murmurou Camilla, sentada entre Magda e Rafaella, — trabalharíamos juntos e também acamparíamos juntos. Mas alguns daqueles homens são da ralé e não confiamos neles. Depois de algum tempo vocês aprenderão que homens merecem confiança e quais não merecem. É sempre melhor errar pelo lado da cautela. Devem saber disso.

Annelys ouviu-a e comentou:

— Não tenho certeza se qualquer homem pode merecer confiança absoluta. Pode estar certa, Camilla, de que isso não acontece quando estou no comando de qualquer grupo de trabalho das Renunciantes.

Camilla deu de ombros.

— Talvez eu seja mais confiante do que você. Ou talvez apenas eu não tenha mais nada a perder e qualquer homem que puser a mão em mim vai retirar um coto sangrando... E todos sabem disso muito bem! Annelys bocejou.

— Hoje foi um dia longo e árduo, amanhã será ainda mais longo e mais árduo. Vamos dormir, minhas irmãs.

Ela inclinou-se para abafar a fogueira. Magda sentia-se exausta e dolorida da viagem, a terra era dura por baixo das mantas finas; disse a si mesma que não conseguiria dormir nessas condições, mas enquanto pensava resvalou para o sono. Despertou uma vez durante a noite, vendo a fogueira do acampamento como um soturno olho vermelho, ainda fumegando; Camilla chegara mais perto e Magda enlaçou-a, contente pelo calor de seu corpo, pois estava com frio. Camilla murmurou alguma coisa, mudou de posição sem acordar, Magda aconchegou-se contra ela. Camilla beijou-a de leve e Magda sentiu que ela mergulhava outra vez num sono profundo.

Mas Magda sentia-se perturbada. Como já ocorrera tantas vezes nas últimas semanas, descobriu-se a examinar atentamente

seus pensamentos.

Jaelle... o que exatamente acontecera entre as duas? Haviam despertado nos braços uma da outra, saindo de um sonho partilhado, o laran que ela não sabia que possuía... e Jaelle a puxara e beijara, não o beijo leve e casual que seria aceitável, como o beijo sonolento que Camilla acabara de lhe dar, mas um beijo de verdade, um beijo de amantes, com uma sexualidade intensa, que assustara Magda. Como muitas mulheres cuja experiência fora inteiramente convencional, ela achava difícil sequer imaginar que poderia reagir a uma coisa assim. Jaelle não ficara zangada... mas Magda fugira. Agora, junto de Camilla, ela tentou outra vez sondar seus próprios sentimentos. Camilla também lhe pedira aquilo um dia e Magda recusara, mas não mais sabia por quê.

Então é isso o que eu quero, é por isso que meu casamento fracassou, porque no fundo sou uma amante de mulheres...? Sentia-se transtornada, estranha para si mesma.

Acabou dizendo a si mesma, com toda firmeza, que o trabalho árduo a aguardava no dia seguinte e conseguiu adormecer, com sonhos irrequietos.

No dia seguinte, antes do meio-dia, começaram a sentir o cheiro e a ouvir o incêndio, um rugido, o ar se tornando acre, um clarão vermelho contra o céu. Ao longo da encosta da colina havia uma fileira de vultos cobertos de fuligem, homens e rapazes com pás e ancinhos, escavando um aceiro no solo; ao se aproximarem do acampamento, encontraram outros, derrubando árvores dentro do aceiro.

Magda e Felicia foram ajudar os homens a abrir aceiros; Keitha, elas concluíram, não era bastante forte para trabalhar nas linhas de frente e por isso mandaram-na para o acampamento, onde as mulheres cozinhavam e carregavam água. Camilla foi enviada para o grupo que derrubava árvores, junto com Annelys e algumas outras.

No lugar em que trabalhava, Magda não podia sequer ver o fogo, mas podia ouvi-lo; a pá imunda em suas mãos criava bolhas, mesmo através das luvas, as costas começaram a doer antes que completasse uma hora de trabalho, mas mesmo assim continuou. Depois de uma hora, alguns homens trouxeram um balde com água,

ela empertigou-se e bebeu quando chegou sua vez. O homem ao seu lado na linha fitou-a pela primeira vez, reparou em seu rosto manchado e mãos sujas, no traje de montaria.

— Pelos infernos de Zandru, é uma mulher! O que está fazendo aqui, mestra?

— A mesma coisa que você, homem... combatendo um incêndio — respondeu Magda, antes de se lembrar que recebera a ordem de não falar com qualquer homem, bom ou mau.

Ela baixou a cabeça, esvaziou a caneca e devolveu-a ao velho que carregava o balde com água.

— O que uma mulher como você está fazendo aqui entre os homens? — indagou o velho. — Não deveria voltar ao acampamento, onde se encontram minha esposa e filhas?

Mas Magda empurrou a caneca para sua mão e pegou a pá, inclinando-se para continuar a trabalhar na linha. Depois de um momento o velho se afastou, resmungando, foi oferecer água ao homem seguinte.

Ninguém se dera ao trabalho de explicar a Magda o que estavam fazendo, mas as instruções de Annelys haviam lhe revelado alguma coisa. Ela concluiu que a idéia era remover tudo o que pudesse queimar além de uma certa distância, a fim de que houvesse uma linha sem coisa alguma para sustentar o fogo. Ao anoitecer foram substituídos por outro grupo. Magda sentia-se tão cansada que mal podia ficar de pé, as mãos estavam cobertas de bolhas e tinha a impressão de que as costas nunca mais parariam de doer. Descendo para o acampamento, encontrou um lugar para lavar as mãos e o rosto. As mulheres distribuíram tigelas grandes de sopa de favas, que fervilhara durante o dia inteiro nas fogueiras dentro do círculo do acampamento. Magda desejou que houvesse um lugar para tomar banho, mas todas se encontravam na mesma situação, sujas, suadas, recendendo a fumaça. Magda encaminhou-se para a latrina, mas uma das amazonas de outra Casa da Guilda segurou-a pela mão e lembrou que deviam sempre andar aos pares, como proteção. Embora se sentisse inibida por usar as latrinas toscas na presença de outra mulher, Magda sentiu-se agradecida quando observou os rostos de alguns dos homens por ali.

Bárbaros! Entre os terráqueos, eu podia trabalhar junto com os homens e nenhum me tocava se eu não convidasse! Contudo, mil anos de costumes diferentes haviam-nos apartado. As mulheres comuns, protegidas pelas saias compridas e as toucas sobre os cabelos trançados, podiam ir sozinhas a qualquer lugar que quisessem e ninguém se atreveria a tocá-las, porque todos sabiam que eram propriedade de algum homem, que vingaria qualquer ofensa ao que lhe pertencia. As Amazonas Livres pertenciam apenas a si mesmas e por isso estavam à disposição de qualquer homem... Bárbaros, pensou Magda outra vez. Mas os terráqueos também tinham seus defeitos...

Quando as amazonas estenderam as mantas, outra vez duas a duas, em seu lado do acampamento, Keitha, que se juntara a elas, sussurrou:

— As mulheres foram piores do que os homens. Olharam-me como se eu fosse uma coisa de mil pernas que haviam encontrado em sua tigela de mingau, e uma delas perguntou por que eu não estava em casa, cuidando de minhas crianças. E quando eu contei...

— Não precisa contar — interrompeu-a Rafaella, gentilmente. — Todas nós já ouvimos a história, sabemos como é. A única diferença é que tivemos tempo para nos acostumar, e isso também acabará lhe acontecendo. Não se esqueça de se orgulhar do que você é e do que tem feito; se as outras mulheres não compreendem, o problema é delas, não nosso. Todas trabalhamos bem pelos Domínios hoje; vá dormir, querida, e não permita que ninguém a faça pensar menos de si mesma por fazer o que considera certo.

Magda ficou surpresa pela gentileza na voz de Rafi; em geral, ela não demonstrava muita paciência com a timidez de Keitha. Camilla murmurou:

— É verdade que os homens não chegam a ser tão ruins quanto as mulheres. Depois que percebem que trabalhamos até os limites de nossas forças e não queremos privilégios especiais, os homens nos aceitam. O que nunca acontece com as mulheres. Acham que ao trabalharmos ao lado dos homens pomos em risco sua posição privilegiada; como podem convencer os maridos de que são frágeis e delicadas quando nós estamos aqui para desmenti-las?

Keitha achou que teria um trabalho mais fácil do que o nosso porque não é forte...

— Está me acusando de fugir ao trabalho pesado? — indagou Keitha, furiosa.

— Não se trata disso, filha-de-juramento; seu trabalho é apropriado à sua força, assim como o nosso é ao que podemos; mas acho bom que você tivesse descoberto isso.

Prefiro mil vezes mais trabalhar entre a hostilidade dos homens do que das mulheres. Sua provação é pior do que a nossa. Nenhuma mulher me considera um perigo quando trabalho ao lado de seu marido... — Ela falou em tom sombrio e Magda, contemplando a velha emmasca, toda marcada e desfigurada, compreendeu que as cicatrizes de Camilla queimavam tão profundamente por dentro quanto por fora. — ... mas você é jovem e bonita, pode ter um homem, um marido, quando quiser. Elas me perdoarão por renunciar ao que pensam que eu nunca poderia mesmo obter, mesmo que desejasse. Mas nunca perdoarão a você, e é melhor que saiba disso agora do que mais tarde.

A manhã seguinte estava úmida e chovendo.

— Vamos rezar para que abafe o fogo — disse Camilla, enquanto calçava as botas. Margali, criança, deixe-me ver suas mãos.

Ela soltou um suspiro quando examinou as bolhas.

— Tome aqui; passe um pouco deste creme, vai endurecer a pele. Ela fez Magda espalhar o creme pelas mãos, antes de pôr as luvas.

Entraram na fila com os homens para o desjejum, tigelas de mingau grosso e granulado, feito com cebolas e outras ervas. Haviam baldes com cerveja e uma bebida quente. Houve mais comentários dos homens, Magda porém manteve os olhos baixos e fingiu não ouvir. Camilla, por outro lado, riu e gracejou com os homens; muitos a conheciam e era evidente que a respeitavam. Ela disse a Magda que servira com aqueles homens na última guerra de fronteira.

Quando ela ocupou seu lugar ao lado de Felicia na linha de combate ao fogo, um homem disse suavemente:

— Ei, coisinhas lindas, o que estão fazendo com aquela velha guerreira? O que fazem com vocês, atraem-nas antes que saibam o que estão perdendo? Venham até aqui e lhes mostraremos o que é bom...

Magda ignorou as palavras, olhando fixamente para a frente. Tinha uma enxada curta demais e trocou-a com Felícia, que não era tão alta. Ao recomeçarem a trabalhar, um homem desceu correndo pela encosta. Era pequeno e magro, cabelos vermelhos escuros, usando um manto laranja e verde.

— O fogo saltou por cima do aceiro que abrimos lá em cima! — ele gritou. — Não subam até lá! Voltem e transfiram as carroças! Temos de recuar o acampamento!

Houve uma agitação entre os homens e elas ouviram alguém dizer:

— É Lorde Damon.

Os homens se apressaram em cumprir as ordens. Magda foi incumbida de carregar alimentos e mantas numa carroça. Enquanto as entregava a Felícia lá no alto, pôde observar o homem a quem haviam chamado de Lorde Damon conversando em voz baixa e preocupada com os chefes de linha, traçando mapas no solo com uma vareta comprida. Alguém lhe entregou uma caneca de cerveja; ele tomou um gole, enxugou a boca, cuspiu no chão, tossindo, depois esvaziou a caneca e pediu outra. Suas roupas, embora de qualidade, estavam sujas e amarrotadas, como se tivesse dormido no chão com elas, junto com os outros. A voz era rouca de fadiga e fumaça.

— Pare de ficar olhando embasbacada! — disse-lhe Camilla, rispidamente. — Vá até aquela outra carroça e leve os cavalos para longe; mas tome cuidado, não deixe que disparem!

Magda começou a descer pela encosta, a mão na rédea do cavalo mais próximo. Os animais, farejando o fogo, fungavam e empinavam, empacavam e relinchavam. Magda acabou tirando sua faixa para cobrir os olhos de seu cavalo; mas o animal sentiu a fumaça no pano e empinou, esquivando-se, Magda pediu a Keitha que trouxesse seu avental e envolveu a cabeça do animal. O cavalo

agora acompanhou-a pacificamente, estimulado por Magda com palavras suaves. Lorde Damon aproximou-se e disse:

— Uma boa idéia. Fiquem à direita daquele regato seco ali, ao descerem com os animais. Armem o acampamento ali... — Ele apontou. — ... à sombra daquele bosque, onde os homens derrubaram algumas árvores. Abram um aceiro em torno do acampamento, tendo pelo menos três palmos de largura. Vão com elas...

Ele apontou para meia dúzia de mulheres que seguiam a carroça pela encosta abaixo. Depois de algum tempo, outra carroça também entrou em movimento. Os cavalos vendados desceram calmamente ao contato de Magda nas rédeas, exortando-os passo a passo.

— Vamos, companheiro, devagar, assim, está ótimo...

As mulheres começaram a descarregar as carroças no lugar indicado, empilhando tigelas, caldeirões e mantas nos braços de ajudantes que aguardavam. Magda trabalhou com afinco, descarregando pilhas de mantas.

— Tome aqui — disse ela, passando a última carga para as mãos de uma mulher. — Estas são nossas, da Casa da Guilda. Pode fazer o favor de colocá-las ali?

A mulher fitou-a com uma expressão furiosa e deliberadamente abriu os braços e deixou as mantas caírem nos espinheiros e folhas mortas.

— Leve você mesma — disse ela. — Não sou criada de vocês, suas nojentas iemvirizi...

Magda ficou atordoada com a infâmia da palavra.

— Irmã, o que fizemos para merecer isso? Estamos aqui ajudando vocês a combater o fogo...

A mulher torceu a cara, cada vez com mais raiva.

— Os Deuses mandaram o fogo na floresta para nos punir por nossos pecados, porque toleramos gente como vocês entre nós. É um sinal de que o próprio solo clama contra pessoas sórdidas como vocês. E não sou irmã de ninguém da sua laia!

Ela virou as costas a Magda e afastou-se. Magda, tremendo toda, inclinou-se para pegar as mantas caídas. Lágrimas ardiavam em

seus olhos, ela tropeçou num galho solto no chão e quase deixou as mantas caírem de novo.

— Deixe-me ajudá-la, irmã — disse uma voz suave.

Magda levantou os olhos para deparar com uma estranha, os cabelos curtos como os de uma amazona e um brinco de Renunciante, mas no traje de uma mulher comum, saia e túnica. Ela pegou uma parte da carga de Magda, que permaneceu em silêncio, fitando-a aturdida. Conhecia aquela mulher, já a vira, ouvira sua voz em algum lugar...

— É uma de nós, irmã?

— Sou Ferrika n'ha Fiona. Não dê atenção a essas mulheres ignorantes. Algum dia ainda lhes ensinaremos o que é melhor. Sou parteira em Armida.

Ela disse as últimas palavras olhando para trás, por cima do ombro, enquanto punha as mantas no lugar indicado, abaixando-se em seguida para arrumá-las. Mas alguém gritou:

— Onde está curandeira? Estão trazendo três homens com queimaduras!

Ferrika disse rapidamente:

— Falarei com você mais tarde.

Ela se afastou apressada, a saia de tartã arrastando na poeira. Um culote pensou Magda, fazia muito mais sentido naquele lugar; se a mulher era mesmo uma Renunciante, por que não se vestia como tal?

Mais tarde Magda foi enviada a colher lenha nos espinheiros, um trabalho árduo, que rasgou suas roupas e luvas. Um novo aceiro estava sendo aberto e parecia tão distante do fogo que Magda indagou, consternada:

— Eles pensam realmente que o incêndio chegará até aqui? Em resposta, a mulher apontou.

— Olhe ali.

Magda prendeu a respiração ao constatar que o fogo passara por cima de uma colina à direita e ardia no lugar em que estivera o acampamento na noite anterior, pequenas chamas descendo pelos espinheiros e mato baixo. Aqui e ali uma árvore-de-resina pegava

fogo e se transformava numa tocha flamejante, as fagulhas voando por dezenas de metros ao redor.

— Todos para as linhas ali embaixo! — gritou um homem. — As mulheres também! Deixem o acampamento! Se não houver pás em quantidade suficiente, usem enxadas, ancinhos, as próprias mãos se for necessário! Estamos trabalhando contra o tempo!

Magda trabalhou para onde a mandaram, as costas encurvadas, tentando não levantar os olhos nem escutar o fogo. A fumaça ardia em sua garganta e a poeira do aceiro tornava difícil respirar; ela levantou a túnica para a boca e tentou respirar através do pano, como faziam alguns homens, desejando por um momento ter um lenço de mulher. Algumas mulheres trabalhavam ao seu lado na linha, as saias levantadas até os joelhos, mas ainda assim prendendo em galhos secos e espinheiros. Magda refletiu que seu culote de amazona era mais recatado e também mais confortável, especulou por que pensava nisso naquele momento. Elas estavam agora arrancando o mato e os espinheiros, a fim de que os homens pudessem alcançar as árvores para derrubá-las. Ouvia ao seu redor fragmentos de conversas ofegantes... derrubar aquelas árvores era um sacrifício de madeira da melhor qualidade, mas qualquer coisa era melhor do que deixar que toda a região queimasse! Um homem tocou em seu ombro — o barulho tornava difícil ouvir as palavras que ele disse — e chamou-a para um lado de uma serra de duas pessoas. Magda tinha certeza que ele não sabia que ela era uma mulher, pois não viu qualquer das outras amazonas fazendo aquele tipo de trabalho, mas foi assim mesmo, sem comentários.

Enquanto meninos carregavam água pela linha, ela divisou o mesmo homem que vira naquela manhã, o que haviam chamado de Lorde Damon, circulando pela faixa aberta.

Calculou que ele estava no comando de toda a operação, uma espécie de engenheiro.

— Não adianta! — ele gritou com veemência para alguém que Magda não pôde ver. — Eles têm de sair de lá e deixar arder; vai queimar de qualquer maneira e o melhor que podemos fazer é trazer todos os homens aqui para baixo. Assim poderemos manter esta

linha e evitar que o fogo continue na direção de Syrtis... afinal, há cinco aldeias lá embaixo!

Ele olhou para o lugar em que os trabalhadores se empertigavam por um momento, tomando água dos baldes que passavam; avistou Magda e gesticulou para ela.

— Foi você quem conduziu os cavalos esta manhã, não é mesmo, rapaz? bom trabalho. Preciso de alguém com sua esperteza para levar uma mensagem aos homens no outro lado daquela crista. Entregue seu lado da serra para aquele homem... — Ele apontou. — ... e venha até aqui.

Magda lembrou que recebera a ordem de não falar com homem algum, mas isso não podia se aplicar às ordens dadas pelo homem que comandava toda a operação. Ele mal a fitava; seus olhos estavam transtornados, examinando o rugido distante e o turbilhão de fumaça e fogo.

— Suba para aquela crista ali e encontrará um grupo de homens trabalhando sob o comando de um grandalhão, louro como um nativo das Cidades Secas. Pergunte por Dom Anndra, se não puder encontrá-lo. Avise a ele que deve tirar todos os homens lá de cima e deixar arder, não tem mais jeito. Diga-lhe que preciso de todos os homens que ele tem aqui embaixo, no lado leste, a fim de impedir que o fogo continue na direção de Syrtis. Entendeu tudo?

Magda repetiu a mensagem, disfarçando a voz ao máximo possível.

— E quem devo dizer que mandou a mensagem, vai dom? Ele observou-a atentamente pela primeira vez.

— Ah, você não é um dos meus homens, não é mesmo? Integra o grupo que foi enviado de Thendara, certo? Avise a ele que a mensagem é de Lorde Damon. E agora trate de correr!

Magda correu tão depressa quanto podia pelo mato baixo, denso e emaranhado. Enquanto subia pela encosta, podia avistar o fogo na outra colina, a que haviam deixado naquela manhã; o lugar em que fizeram a primeira refeição estava todo em chamas agora, mas havia um longo aceiro entre os trabalhadores e o fogo. O cheiro era horrível, com sugestões de carne assando, o que levou Magda a pensar em todos os animais encurralados pelo incêndio. Ao

encontrar o grupo de trabalho, ela divisou entre os homens um vulto magro e familiar, de túnica cinzenta e calça grossa: Camilla. Magda reconheceu-a apenas pelas botas baixas de amazona; Camilla amarrara um lenço no rosto, pois a poeira e o calor eram terríveis. Era a única pessoa na linha que não estava despida até a cintura.

Magda pensou em falar com ela, mas sua mensagem era muito urgente; percorreu a linha, procurando pelo louro alto. Mas a fumaça ali era mais densa, elevando-se da outra encosta, quase que não dava para ver coisa alguma; apressou-se em perguntar a um homem:

— Onde está Dom Anndra? Uma mensagem de Lorde Damon... O homem tossiu e apontou para uma espessa cortina de fumaça e Magda foi até lá; alguém gritou por trás dela, mas não era possível entender as palavras. E agora ela viu, indistintamente, um homem alto, num chapéu de aba larga, pele clara, muito acima de um metro e oitenta de altura.

— Dom Anndra? — ela gritou. O homem virou-se.

— Dei ordens para que ninguém me seguisse até aqui. ..

— Uma mensagem de Lorde Damon — Magda apressou-se em dizer, adiantando-se.

Tossiu por um instante e depois repetiu a mensagem. Seus olhos lacrimejavam com a fumaça. O homem alto, Anndra, praguejou furiosamente.

— Ele está certo, é claro, mas eu esperava que pudéssemos salvar os pastos aqui em cima; os cavalos passarão fome neste verão! Muito bem, desça o mais depressa que puder e avise a ele que mandarei todos os homens descerem dentro de meia hora. Entendido?

Magda acenou com a cabeça, tossindo demais para conseguir falar; o rosto do homem, enegrecido pela fumaça, assumiu uma expressão preocupada.

— Deve sair da fumaça o mais depressa que puder, rapaz. Venha por aqui...

Ele gesticulou para que Magda o acompanhasse, na direção dos trabalhadores, tirando o chapéu da cabeça e sacudindo-o vigorosamente.

— Recuem, homens, recuem! Lorde Damon precisa de nós lá embaixo... Raimon, Edric, todos vocês, peguem as ferramentas e desçam...

Uma breve pausa e sua voz adquiriu abruptamente um novo tom de advertência quando acrescentou:

— Ei! Olhe ali! Larguem tudo e corram... o fogo conseguiu passar!

Magda olhou horrorizada uma muralha de fogo surgir do nada e saltar rugindo pela pequena ravina por que passara na subida. A fumaça densa e sufocante envolveu-a subitamente, por completo; e quando começou a correr, foi dominada por um acesso de tosse, tropeçou e caiu. No instante seguinte foi levantada por braços fortes e levada para um ponto em que o ar estava mais claro. Dom Anndra logo largou-a e fitou-a, aturdido.

— Deus Todo-poderoso! — ele exclamou, em terráqueo. Enquanto Magda olhava para ele, Dom Anndra sacudiu a cabeça e acrescentou, na língua das montanhas:

— Desculpe... mas temos de correr para escapar. Tem alguma coisa para amarrar sobre o rosto?

Magda tirou a túnica de baixo; não havia tempo para pensar no recato. A fumaça era tão densa que ninguém podia ver coisa alguma.

— Assim está bom — ele disse tensamente, pegando a mão de Magda. — Não se assuste, pois não Vou largá-lo, mas deve confiar em mim. Talvez fique um pouco chamuscado, mas é melhor do que acabar assado para o jantar do demônio. E agora vamos embora!

De mãos dadas, eles correram diretamente para o que parecia ser o centro do Incêndio. Magda sentiu um jato de calor, farejou seus cabelos chamuscando e experimentou uma dor lancinante nas solas dos pés; ouviu-se gritando, mas continuou a correr, a mão no aperto firme do homem. Seus olhos lacrimejavam e de repente o mundo escureceu e ela resvalou para o chão.

— Ferrika! — ela ouviu Dom Anndra berrar. — A curandeira está nas linhas? Mande alguém aqui em cima e depressa! Precisamos levar este rapaz para baixo imediatamente!

Ele arriscou a vida para vir nos avisar...

Magda sentiu que era levantada, o homem passando os braços sob seus ombros e joelhos, como se ela fosse uma criança. E no mesmo instante ele soltou uma exclamação de espanto, em consternação, disse num sussurro:

— Santo Deus, é uma mulher! Magda murmurou, a voz trêmula:

— Não... estou bem... pode me pôr no chão...

Dom Anndra sacudiu a cabeça. Só então Magda percebeu que ele continuava a falar em terráqueo.

— Não há possibilidade de colocá-la no chão. Suas botas queimaram, assim como a metade dos pés. Mas, afinal, quem é você?

— Sou uma Amazona Livre de Thendara...

— Ora, isso é o que você diz — sussurrou o homem, com uma expressão cética. — Mas quem é você realmente? Informações?

Os olhos fitavam-na como fragmentos de aço em brasa, na confusão enegrecida que era o rosto dele.

— Quem quer que você seja, menina, a verdade é que tem bastante coragem para três. Suas botas não servirão para mais nada.

Ferrika, a Renunciante que Magda encontrara por um instante no acampamento, aproximou-se correndo, acompanhada por Camilla.

— Vai dom, a Amazona de Thendara diz que o mensageiro é uma das suas e que a levará para junto de suas irmãs. ..

Ela parou de falar bruscamente e soltou um grito de compaixão ao ver as botas queimadas de Magda, as bolhas em carne viva nas solas dos pés.

— Irmã, deixe-me levá-la para onde possamos cuidar dos pés dela...

Anndra acenou com a cabeça.

— Cuidem dela; tenho de levar os homens para Lorde Damon. E quero que vocês saiam daqui o mais depressa possível. Tenho de descobrir o que Damon precisa.

Ferrika e Camilla fizeram uma cadeira com os braços para carregar Magda. Ela sentia agora uma dor terrível nos pés, mas

acompanhou Dom Anndra com os olhos.

Informações, hem! E ele também falara em terráqueo. Contudo, Damon parecia conhecê-lo e aceitá-lo como um deles. O que estaria acontecendo ali? Ela tossia e sufocava, os olhos lacrimejavam, o peito doía; percebeu que Ferrika e Camilla a ajeitavam numa manta. Rafaella surgiu de algum lugar com uma caneca cheia de água gelada e levou-a à boca de Magda. Camilla disse:

— Vi quando o fogo a envolveu, Margali, pensei que havia morrido...

Rafaella comentou, em tom áspero:

— Ela deu um jeito de cair onde havia um homem bonito para carregá-la até um lugar seguro.

— Deixe-a em paz, Rafil! — protestou Camilla, bruscamente. — Não vê que ela está ferida? Deveria ter permanecido lá para queimar viva? Não sei se eu teria coragem de correr pelo fogo daquele jeito, mesmo que o próprio Lorde Hastur segurasse minha mão, muito menos Dom Anndra!

— Quem é Dom Anndra? — indagou Magda, tossindo.

— Cunhado do Regente; casou com a irmã gêmea de Dama Ellemir

— Informou Ferrika. Ela olhou para a crista em chamas, o rosto franzido. — O que as Ieroni estão querendo lá em cima? Eu ouvi.. .

Ferrika parou de falar abruptamente. Respirou fundo e acrescentou:

— Irmã, vamos cuidar dos seus pés. E você, Camilla, vai parar de trabalhar nas linhas. Há chá de livani na chaleira, é bom contra a fumaça. Tome uma caneca e depois traga um pouco para sua irmã aqui... — Ela fitou Magda nos olhos, perplexa. — Não sei seu nome, mas já a vi antes. ..

— Ajudou-me com as mantas esta manhã. Mas Ferrika sacudiu a cabeça.

— Não, antes disso.

Abruptamente, Magda soube onde já vira o nariz arrebitado, o rosto redondo e sardento, os olhos verdes. Na noite de sua primeira sessão de treinamento, quando sua mente vagueara para a

Irmandade... E compreendeu que Ferrika também a reconhecia e por isso a fitava aturdida. Ela disse alguma coisa numa língua estranha, mas Magda limitou-se a sacudir a cabeça, sem entender. Ferrika parecia ainda mais perplexa, mas murmurou apenas:

— Beba isto. Vai limpar sua garganta.

Magda tomou um gole da bebida quente e amarga, fez uma careta devido ao gosto, mas aliviou sua garganta dolorida de tanta fumaça e fez com que o nariz parasse de correr. Camilla também bebia a mistura; limpou a testa enegrecida pela fumaça com a manga rasgada.

— Deixe-me ver seus pés... Sente dor em mais algum lugar? Camilla ajoelhou-se ao lado das duas, ansiosa. A testa de Magda estava um pouco queimada, as sobrancelhas e uma parte dos cabelos chamuscadas, mas sem maior gravidade. Camilla segurou sua mão, enquanto Ferrika gentilmente cortava as botas queimadas, carrancuda.

— Essas coisas de couro macio... Pode entender agora por que não são apropriadas para o trabalho nas linhas! — disse Ferrika.

As botas haviam queimado depressa e os últimos remanescentes tiveram de ser retirados da carne queimada com uma pinça; Magda estremeceu, mas não gritou.

— As queimaduras são externas — comentou Ferrika. — Não poderá andar por um ou dois dias. E talvez sejam mais profundas do que parecem.

Mas para surpresa de Magda ela não tocou nas queimaduras, apenas estendeu a mão por cima da carne, a cinco ou seis centímetros de distância, primeiro em um pé, depois no outro. E parecia aliviada quando suspirou e se empertigou. Magda pensou em Dama Rohana, concentrada e séria, mas sem tocar no terrível ferimento de Jaelle. Laran?

— Não é tão grave quanto eu pensava, mas também não é superficial — declarou Ferrika. — Atingiu a pele, mas não houve lesões nos músculos. com botas apropriadas, nem teria se queimado. Tenho de enfaixar os pés e ela deve ser carregada; não pode andar nesse estado.

Lágrimas escorriam pelas faces de Magda. Pensou que era uma conseqüência da fumaça.

— Vim para ajudar e me torno um fardo...

— Ficou ferida honrosamente — resmungou Camilla. — Cuidaremos de você.

Ferrika vasculhava sua bolsa de medicamentos. Parecia com a que Marisela usava.

— Lave o rosto dela com esta loção, Camilla, enquanto cuido dos seus pés.

Mas não a deixe andar mesmo com bandagens. Precisamos lhe arrumar outras botas, talvez com algum velho no acampamento que seja capaz de andar descalço sem problemas.

— Eu já ia me esquecendo! — exclamou Magda. — Tenho uma mensagem para Lorde Damon...

— Pois então transmita para uma das mulheres, pois não irá a parte alguma com os pés assim — disse Ferrika.

Magda repetiu a mensagem para Rafaella, que balançou a cabeça e se afastou apressada. Ela recostou-se, fechando os olhos e tentando ignorar a dor, enquanto Ferrika passava em seu pés um unguento de ervas de cheiro forte e os envolvia com bandagens grossas e folgadas. Gentilmente, com uma esponja, Camilla passou a loção refrigerante em seu rosto.

— Pobre criança... quando vi a fumaça envolvê-la tive certeza de que havia morrido... pensei que perdera você, Margali...

A voz era rouca e ela aconchegava Magda contra o peito. Magda compreendeu, chocada, que a mulher mais velha estava quase chorando. Camilla raramente demonstrava qualquer emoção. Ferrika empertigou-se e disse:

— Devo voltar às linhas agora, pois há outras pessoas que precisam de meus serviços.

Camilla se levantou.

— Também preciso voltar às linhas...

— Você fica aqui! — ordenou Ferrika. Camilla se irritou.

— Quem você acha que sou?

— Acho que é muito velha para esse trabalho; nunca deveria ter ido. Será mais útil no acampamento, entre as mulheres.

— Prefiro trabalhar entre as vacas! — gritou Camilla, desdenhosa. Ela se afastou antes que Ferrika pudesse dizer mais alguma coisa.

Ferrika suspirou, olhando para a idosa emmasca.

— Eu já deveria saber; Camilla sempre deve ser mais forte do que qualquer pessoa, homem ou mulher! Fique aqui e descanse, Margali.

Ferrika também se afastou. Magda acomodou-se de costas na manta; os pés doíam menos do que antes, mas a dor ainda era suficiente para fazê-la estremecer. Depois de algum tempo diminuiu ainda mais e se tornou apenas uma dorzinha persistente. Ela estava sozinha, exceto pela mulher que cuidava das fogueiras ali perto e de um velho envolto por mantas, respirando ruidosamente; Magda encolheu-se toda quando a mulher se aproximou, recordando o desdém o ressentimento com que fora tratada antes por outra. Mas a estranha limitou-se a dizer:

— Deve me chamar se precisar de alguma coisa. Quer mais chá? Magda sentia uma sede intensa e tomou aos goles outra caneca do chá de ervas, quente e amargo.

— Soube que alguém se queimara, mas pensei que fosse um dos mensageiros. — A mulher sacudiu a cabeça, indicando o velho. — Gaffer Kanzel ficou sufocado esta manhã pela fumaça, mas vai se recuperar com o repouso. O que seu filho estava pensando ao deixar o velho vir para cá? Tenho de ir agora e preparar a comida... Você é uma das Renunciantes de Thendara, não é mesmo?

Magda confirmou com um aceno de cabeça e a mulher acrescentou:

— Tenho uma irmã na Casa da Guilda de Neskaya. Trocarei de trabalho com uma de suas irmãs que está na outra fogueira, a fim de que ela possa ficar perto de você.

Ela se afastou e um momento depois Keitha apareceu.

— Ouvi que alguém se queimara, mas não sabia que era você — disse Keitha. — Foi muito simpática aquela mulher que me mandou para cá; ela diz que tem uma irmã que é uma de nós. E soube que também há Renunciantes entre as curandeiras que ajudam aqui...

— Uma delas enfaixou meus pés.

— Tenho uma fogueira para cuidar e um ensopado na panela que não pode queimar, mas virei trazer alguma coisa para você tomar... Ela disse que você deve beber o chá tanto quanto puder. Seus pés doem muito, Margali?

— Vou sobreviver, mas ainda doem. Mas pode cuidar de seu trabalho. Não se preocupe comigo.

Relutante, Keitha voltou à fogueira. Magda tentou encontrar uma posição confortável no solo duro. Depois de algum tempo caiu num cochilo irrequieto, despertando quando o céu se encontrava vermelho, ao pôr-do-sol. Keitha trouxe mais uma caneca do chá quente de ervas e uma tigela com ensopado, Magda porém mal conseguia engolir.

Camilla aproximou-se e levantou-a, teria dado a comida em sua boca com uma colher, se Magda permitisse.

— Não, obrigada. Não estou com fome e não consigo engolir. Só tenho sede, muita sede...

— Isso é ótimo; deve beber tanto quanto puder, mesmo que não possa comer — disse Ferrika.

Elas levantaram os olhos e depararam, ao lado da curandeira, com o aristocrata franzino e moreno, que fora chamado de Lorde Damon.

— Mestre — ele disse a Magda, — lamento seus ferimentos. Enviei-a para o perigo sem saber que era uma mulher.

— Sou uma Renunciante — ela respondeu, orgulhosamente. E Ferrika protestou no mesmo instante:

— Não entre nessa!

Ela falou sem a menor insinuação de deferência e Lorde Damon sorriu. Parecia cansado e desganhado; mastigava uma tira de carne defumada, sem muito ânimo, como se estivesse exausto demais para sentar e comer direito. O rosto continuava enegrecido de fumaça, mas Magda notou que as mãos estavam meticulosamente limpas.

— Deixe-me dar uma olhada em seus ferimentos, mestra; também conheço um pouco das artes da cura.

E depois de um dia inteiro combatendo o fogo nas linhas, ele ainda deve circular pelo acampamento e verificar quem está ferido... mas o que se podia esperar de

Damon? Por um momento Magda pensou que alguém dissera as palavras em voz alta, mas logo compreendeu que as ouvira como estava começando a ouvir pensamentos não manifestados.

Viu o rosto de Lorde Damon se contrair ligeiramente enquanto desenrolava as bandagens e compreendeu, sem precisar ser informada, que ele sentia fisicamente a dor que lhe causava. Talvez ele esteja cansado demais para se fechar. Mas desapareceu no instante seguinte e ele disse calmamente:

— Tenho certeza que está doendo, mas não chega a ser perigoso. Mas é preciso tomar cuidado para não deixar que as bandagens fiquem molhadas ou sujas, caso contrário as queimaduras ficarão infeccionadas. Compreende como isso é importante? Não deve tentar ser corajosa e andar. Deixe que suas irmãs a carreguem para toda parte e tome tanto líquido quanto puder, mesmo que isso signifique que elas tenham de levá-la às latrinas a cada uma ou duas horas. As queimaduras criam venenos em seu corpo e precisa se livrar deles.

Sua atitude era cortês e impessoal como a de um médico terráqueo, e Magda ficou aturdida. Ele se empertigou para ir embora.

— Transmitam meus cumprimentos às Mães da Guilda em Thendara e digam-lhes que mais uma vez tenho motivos para me sentir grato à Irmandade.

Rafaella fez uma reverência profunda.

— A honra é nossa, vai dom.

— Vocês é que me prestam uma grande honra. — Damon tocou de leve no ombro de Ferrika. — Eu a deixarei com suas irmãs por enquanto; sabe como entrar em contato se precisar de mim.

Ele se afastou. Ferrika foi examinar uma mulher que queimara a mão num caldeirão de ensopado. Depois, Magda pôde ouvi-la no outro lado do círculo do acampamento dando ordens às pessoas que haviam inalado fumaça para beberem mais chá, mantido a ferver em enormes chaleiras sobre o fogo.

— Ele não a trata como uma serva — constatou Keitha, com uma insinuação de crítica na voz.

— Talvez ela não seja — acrescentou uma das estranhas.

— Não conhecem Ferrika, se estão insinuando que ela é sua concubina — disse Camilla, friamente. — Ferrika é uma Renunciante.

— É possível que ela seja apenas uma amiga — sugeriu Magda.

As outras se mostraram cétricas, mas o que Magda sentira entre o aristocrata do Comyn — e o que era o Comyn, afinal? — e a Renunciante fora uma aceitação tranqüila, uma espécie de igualdade, uma consideração que ela ainda não vira nenhum homem dispensar a uma mulher em Darkover. Alguém gritou da outra fogueira:

— Mestra, soubemos que há uma menestrel entre vocês, ela poderia fazer o favor de tocar e cantar para nós? Trabalhamos muito e merecemos um pouco de música.

Rafaella foi vasculhar os fardos pendurados nos cavalos. Magda não sabia que ela havia trazido sua pequena rryl.

— Tocarei para vocês com a maior satisfação, mas ainda tenho a garganta dolorida da fumaça e só sairia um rangido rouco; assim, alguém que ainda tenha um pouco de fôlego pode cantar!

Ela se encaminhou para a fogueira e Camilla explicou:

— Um novo grupo chegou de Neskaya e os homens estão nas linhas; por isso, há um pouco de folga no acampamento esta noite, embora todos possamos ser convocados a qualquer momento se houver outra reviravolta para pior, como aconteceu esta tarde.

Magda ficou deitada em silêncio, escutando o som da rryl. Algumas Renunciantes se afastaram para ouvir melhor a música, mas Camilla permaneceu ao lado de Magda, para o caso de ela precisar de alguma coisa. Magda fechou os olhos e tentou dormir; a mulher mais velha trabalhara duro durante o dia inteiro, muito duro, Magda sentia-se preocupada com ela. Também sabia que não adiantaria tentar exortá-la a trabalhar menos no dia seguinte.

O silêncio finalmente prevaleceu no acampamento. Rafaella voltou para junto da fogueira, ajeitou suas mantas ao lado de Keitha. Foi nesse instante que houve uma comoção no

acampamento, o clarão de tochas, o barulho de cavaleiros. À distância, Magda ouviu a voz de Damon Ridenow, como acontecera quando ele se aproximara das fogueiras, além de outras vozes. Houve uma confusão no centro do acampamento e várias pessoas saltaram de seus cavalos. Magda sentou e ficou observando; eram homens e mulheres em mantos compridos e coloridos, alguns no azul e prateado de Hastur, outros no verde e preto dos cadetes da Guarda da Cidade. Camilla também sentou e disse:

— Altons de Armida...

— Os Ieronym ua Torre — comentou alguém.

— Talvez agora o incêndio seja controlado — acrescentou outra voz, em algum lugar. — Se eles reunirem as nuvens, podem provocar chuvas para apagar o fogo...

Magda observava atentamente. Viu o homem alto que haviam chamado de Anndra e Lorde Damon, assim como uma mulher esguia, cujos cabelos faiscavam como cobre polido sob o capuz azul e prateado. A mulher olhou ao redor rapidamente e se encaminhou para a fogueira em que as Renunciantes acampavam; e perguntou, a voz firme, falando o casta puro de Nevarsin e Arilinn:

— Onde está a Renunciante que ficou ferida hoje nas linhas? Magda limpou a garganta.

— Sou eu, mas já me sinto melhor...

A mulher se adiantou e parou junto de Magda. Ao seu lado estava uma mulher um pouco mais alta, numa capa preta e verde; Magda percebeu que ela se achava grávida, embora isso não parecesse incomodá-la. A mulher menor, de azul, disse:

— Sou Hilary Castamir-Syrtis e foi para salvar nossa terra que você arriscou a vida, como Anndra nos contou. Temos uma dívida com você, mestra. — Ela olhou para Camilla. — Pode remover as bandagens?

Camilla fez o que lhe fora pedido. Dama Hilary ajoelhou-se e, como Ferrika fizera antes, passou a palma da mão quatro ou cinco centímetros acima das solas dos pés de Magda.

— Qual é o seu nome, mestra!

— Margali n'ha Ysabet.

— Confie em mim; não Vou machucá-la.

Ela tocou numa correia de couro na garganta. Magda lembrou o gesto de Rohana, quando Jaelle se encontrava gravemente ferida no Castelo Ardais; e teve subitamente a impressão de que podia ver, através das camadas de couro e seda, o cintilar azul de uma pedramatriz. Dama Hilary fechou os olhos por um momento e pareceu a Magda que podia sentir a luz azul. Abruptamente, experimentou a sensação de que os pés eram outra vez queimados pelo fogo; ofegou com a dor, mas passou no mesmo instante e o nevoeiro azul desapareceu.

— Seus pés estão curados agora, mestra, creio que não lhe causarão mais problemas; mas a nova pele ainda é muito delicada e deve ter a precaução de não andar por um ou dois dias. A pele pode se romper e surgir uma infecção. Tenho outros ferimentos para curar ou ficaria aqui e conversaria com vocês; também tenho motivos para me sentir grata às Renunciantes. Boa noite para todas.

Ela se afastou, acompanhada pela mulher de manto verde, que não dissera uma única palavra.

Magda examinou os pés, à luz da fogueira. Como mais ou menos esperava — testemunhara aquele tipo de cura, realizada por Dama Rohana, quando Jaelle estava ferida — não havia sinal de hemorragia nem enegrecimento onde o fogo queimara e o solo e os espinhos haviam rasgado. Os pés estavam cobertos por uma camada de tecido de cicatrização acinzentado; a pele entre as cicatrizes era rosada como a de um bebê, muito sensível e dolorida quando ela encostou um dedo, para experimentar. Mas seus pés estavam curados. Uma das mulheres disse, desdenhosa:

— Elas não são propriamente do Comyn e também não pertencem a uma Torre conhecida. Sabem como chamam essa gente em Arilinn? A Torre Proibida... operam sob a condenação de Arilinn! Dizem até...

Ela baixou a voz, como se estivesse sussurrando um escândalo sensacional, e Magda não pôde ouvir suas palavras, apenas as exclamações chocadas posteriores. Camilla declarou, em tom incisivo:

— De que servem as Torres para nós, que estamos fora do Comyn? A não ser por essa gente, quem sairá de suas muralhas

para nos ajudar e curar?

— Para mim, isso que você diz não tem a menor importância — declarou um dos homens na fogueira ao lado. — Simplesmente não é certo uma leronis circular por toda parte entre as pessoas comuns. E não vamos esquecer que Dama Hilary e Dama Callista foram expulsas da Torre Arilinn pela velha Feiticeira, que não faria isso sem um bom motivo. Elas devem viver recolhidas em sua casa, se não são capazes de levar uma vida decente na Torre... mas ficam andando por toda parte, apagando incêndios e curando as pessoas comuns... — Ele cuspiu, a voz se tornando cada vez mais eloqüente. — Estamos trabalhando certo com o fogo, não precisamos de feitiçaria para apagá-lo por nós!

— Não tenho nada contra Dama Leonie — disse Camilla. — Houve uma ocasião em que ela foi boa para mim, quando eu precisava muito. Mas talvez a Dama saiba pouco, enclausurada como uma virgem sagrada dentro de sua Torre em Arilinn, das necessidades dos que precisam viver no mundo e não sabem como, caso contrário teria o maior respeito pelas pessoas comuns e sairia para ajudá-las e curá-las.

— Já ouvi até dizer, minha irmã é ajudante de camareira em Armida, que estão ensinando o laran a pessoas comuns — comentou uma das mulheres, com desdém. — Se pode ser ensinado a gente como nós, de que adianta? Os Comyn são descendentes dos Deuses! Por que deveriam se intrometer em nossas vidas?

— Não dá para discutir com tanta ignorância — respondeu Camilla, desdenhosamente.

— Elas são como vocês, Renunciantes — insistiu a mulher. — Não ficam em seu lugar, não casam e não têm crianças, não é de admirar que queiram que os Hasturs também saiam do lugar em que deveriam permanecer! Querem virar o mundo pelo avesso, transformar os servos em amos e os amos em servos! Os costumes antigos eram muito bons para meu pai e também são para meu marido e para mim! Vocês não têm seus próprios homens e por isso vêm para cá, descaradas, nesses culotes, querendo mostrar as pernas e tirar nossos maridos... Pois saiba de uma coisa, mestra, meu marido não tocaria em você com um forçado... e se tocasse, eu

o esfolaria! E se por acaso eu a encontrar sacudindo os peitos para ele, arrancarei seus olhos!

Camilla riu.

— Se o seu marido fosse o último homem no mundo, mulher, eu dormiria com o cachorro da casa. Pode ficar com todas as atenções de seu marido que não tenho a menor intenção de disputá-las.

— Vocês amazonas não passam de repulsivas amantes de mulheres...

— Calem-se! — disse uma voz autoritária. — Não pode haver brigas no acampamento; aqui prevalece a trégua do fogo!

Era a voz de Ferrika e a estranha afastou-se pela escuridão. Ferrika acrescentou:

— Vão dormir, minhas irmãs, “O homem que discute com o zurro do jumento ou com o latido de seu cachorro não vencerá nenhuma causa nos tribunais superiores”.

O silêncio se estabeleceu em torno da fogueira das amazonas, mas Camilla ainda parecia irritada quando tirou as botas para dormir.

— Já me encontrei com a velha Ieronis de Arilinn... não direi onde, mas aconteceu quando eu era muito jovem — ela sussurrou para Magda. — A Ieronis me curou quando eu tinha muita necessidade de cura, na mente e no corpo... já lhe contei alguma coisa a respeito. Mas a gente de Arilinn nada sabe sobre as necessidades das pessoas comuns. Se o que me aconteceu tivesse ocorrido com uma virgem plebéia, a Dama daria de ombros e diria à minha família para me casar com o homem que danificara a mercadoria. Como eu era dos seus, ela teve compaixão...

Camilla parou de falar abruptamente.

— O que deu em mim para desatar a falar desse jeito?

Magda apertou sua mão na escuridão.

— O que quer que me diga, irmã, prometo que nunca repetirei.

— Aquela mulher me chamou de amante de mulheres, como se fosse o pior insulto que pudesse imaginar. Não me envergonho de ser chamada assim... a não ser quando estou entre as mulheres que usam isso como o pior insulto...

— Você é minha amiga, Camilla. Não me importo com o que é.

— Acho que sabe que eu gostaria de ser mais do que sua amiga. Não deveria dizer isso quando você está ferida, mas sabe que a amo... e a amo profundamente, a ponto de querer fazer amor com você; mas não sou um homem e minha amizade não depende disso. Cabe a você decidir...

Magda sentiu-se perturbada. Então era isso o que desejava, o motivo pelo qual fugira de Jaelle? O antigo escárnio de crianças: só a verdade dói. Vivendo entre mulheres, certamente não era surpreendente... talvez fosse de fato o que ela queria; o casamento com Peter naufragara nos recifes da independência e competição, ela não se contentara em pensar nele como marido e amante. Também não se sentira compelida a procurar outro amante ou a recorrer a qualquer homem. E ela pensou, angustiada, talvez seja uma mulher que eu quero, não sei se amo Camilla, mas nunca pensei nisso...

Talvez eu devesse aceitar Camilla como amante, isso a tornaria feliz e não me faria mal algum; e pelo menos eu saberia se é realmente o que quero. Mas será que quero descobrir? Ela disse a Camilla, gentilmente:

— Falaremos sobre isso quando voltarmos a Thendara. É uma promessa.

Magda sentiu-se aconchegada pelo contato confortador da mulher mais velha. Aninhou a cabeça no ombro de Camilla, até que percebeu que a outra dormia. Mas ela própria não conseguia dormir. A dor em seus pés desaparecera quase por completo, mas a pele nova coçava com uma intensidade enlouquecedora. Magda, no entanto, sabia que não devia coçar. Como Dama Hilary fizera aquilo? E agora ela se descobriu a ler pensamentos outra vez...

Escutou os ruídos suaves do acampamento, o som distante que sabia ser o rugido do fogo. Poderia saltar por um aceiro como fizera antes e envolvê-las subitamente, ruidoso e destruidor? Dormiam ali, enquanto outros trabalhavam ao longo das linhas de fogo...

Depois de algum tempo teve a impressão de que dormia, mas ainda estava consciente do corpo enregelado, os pés coçando muito, enquanto tinha a sensação de contemplar o acampamento de uma altura acinzentada, viu-se encolhida contra Camilla, as outras

mulheres também se aconchegando em busca de calor, as fogueiras de cozinhar abafadas e cuidadosamente contidas dentro de círculos de pedras; e depois avistou os mantos coloridos de homens e mulheres, o homem alto chamado Anndra, Dama Hilary em seu manto azul e cabelos flamejantes, o moreno e modesto Lorde Damon, a mulher que lhe fora apontada como Dama Callista e que se mantivera em silêncio durante seu encontro, pareciam de alguma forma unidos como dançarinos em torno de um clarão azul, como a matriz que Hilary usara para curar seus pés... circulavam numa dança estranha e ao mesmo tempo ajoelhavam-se imóveis, concentrados na matriz... Ferrika estendeu a mão para Magda e puxou-a para a dança, começaram a dançar entre as nuvens, ela ajudou Hilary a recolher as nuvens e tangê-las pelo céu para o lugar em que o incêndio ardia lá embaixo... as nuvens eram úmidas, macias, palpáveis, como massa de pão, sob suas mãos, quando as empurrou para baixo. Sentiu que as espremia entre os dedos e a umidade escorria, as nuvens foram se tornando cada vez mais macias, mais flexíveis, não demorou muito para que a chuva pingasse, fosse aumentando, virasse um aguaceiro...

Magda despertou bruscamente com os pingos que caíam em seu rosto. A seu lado, Camilla sentou e gritou:

— Está chovendo!

E por todos os lado as pessoas no acampamento desataram em aclamações. Nenhum incêndio poderia resistir aquela chuva forte.

E eu fui parte disso, refletiu Magda, atordoada, para descartar o pensamento no instante seguinte. Sem dúvida sentira as primeiras gotas de chuva e todo o sonho decorrera disso. Algumas mulheres apressavam-se em levar suas mantas para o abrigo de árvores e carroças. Camilla pegou uma lona impermeável na bagagem, estendeu-a por cima de suas mantas e de Magda, chamou Rafaella e Keitha para partilharem o abrigo, como uma barraca improvisada. A chuva continuou a cair intensamente e houve resmungos de desconforto e repulsa misturados com as aclamações, mas todos reconheciam que era melhor estarem com frio e molhados do que

queimando, a chuva significava que as colheitas, as árvores e os animais seriam salvos.

Um golpe de sorte, especulou Magda, a sabedoria do tempo ou a chuva fora criada pelos aristocratas Comyn com suas matrizes? Ela não tinha motivos para pensar na última possibilidade, a não ser o bizarro sonho.

Ou não fora um sonho? Era improvável que pudessem ter provocado a tempestade. Mas, por outro lado, era ainda mais improvável que Dama Hilary pudesse ter curado seus pés queimados sem sequer toca-los.

Quem era ela para fixar os limites aos poderes de outras pessoas? Uma longa trovoada abafou seus pensamentos e ela comprimiu-se contra Camilla, os pés gelados, enquanto alguém resmungava:

— Mas que droga! Eles não poderiam ter arrumado uma chuva sem relâmpagos e que não fosse esse aguaceiro?

Algumas pessoas, pensou Magda, sonolenta, nunca ficavam satisfeitas.

Capítulo Cinco

Ainda não havia o enjôo matutino, mas Jaelle sentia-se estranha e nauseada, adquirira o habito de continuar deitada na cama enquanto Peter fazia a barba, tomava um banho de chuveiro e se aprontava para o trabalho; só depois que ele lhe dava um beijo de despedida e saía é que ela se levantava e providenciava alguma coisa para comer nos próprios aposentos — era mais simples do que enfrentar os cheiros estranhos da cafeteria no início da manhã.

Naquela manhã, ao chegar à sala de Cholayna, encontrou Montray e Aleki já ali, mexendo nos arquivos e tirando impressos de computador.

— Há um incêndio nas terras de Alton — informou Cholayna. — Fui até lá de helicóptero. Não dá para acreditar que o estão combatendo com as mãos.

— Fazemos isso há séculos, muito antes de os terráqueos chegarem aqui -, disse Jaelle, friamente. — E continuaremos a fazer depois que eles forem embora.

Peter entrou e ela viu que ele estava vestido para o campo, em culote de couro, túnica de lã, casaco e manto forrado com pele de coelho-de-chifre, botas altas.

Não pôde deixar de invejá-lo.

— Está pronto, Monty? Não se esqueça, Aleki, que você é surdo-mudo; ainda não há a menor possibilidade de passar por darkovano com seu sotaque, mas pelo menos terá uma oportunidade de observar.

Cholayna inseriu um cartucho no terminal e um filme impreciso começou a se projetar na tela: fumaça turbilhonando, longas fileiras de homens e mulheres abrindo aceiros com enxadas, ancinhos e outros instrumentos toscos, alguns homens a cavalo, orientando as operações.

— Não há equipamento para a movimentação da terra, nenhum trator, nenhum avião pulverizador — disse Monty. — Enviamos uma oferta de ajuda... eles poderiam nos usar para espalhar espuma sobre as chamas. Mas desde que soubemos da

queda daquele avião em Kilghard, perto de Armida, que os nativos se mostram nervosos com os nossos vôos. Olhem, há três aldeias abaixo daquela linha, dá para ver...

Ele apontou, enquanto as imagens das filas de homens e mulheres foram substituídas pela imagem de um satélite meteorológico. Jaelle especulou, não pela primeira vez, se alguém se dera ao trabalho de informar os Domínios sobre o olho-espião do satélite no céu.

Às vezes as Renunciantes iam para as linhas de combate ao fogo; Magda estava no período de permanência compulsória na Casa e não precisava ir, mas Camilla e Rafaella sempre iam. Eu saberia se ela estivesse em perigo — Verifique o traje de Aleki, Jaelle, pois você sabe melhor do que eu o que ele deve precisar — disse Cholayna. — Peter fez com que Monty providenciasse tudo antes de eu receber o relatório. Os dois pretendiam ir sozinhos, mas Aleki exigiu que o incluíssem na expedição, de qualquer maneira.

Ela fez uma pausa, sorrindo pesarosa, antes de acrescentar:

— Mesmo que isso signifique deixar aos seus cuidados o que ele deveria fazer enquanto está nas linhas.

— Não fale como se eu estivesse impingindo a ela todo o trabalho do departamento — protestou Alessandra Li, na defensiva. — Quero apenas que ela estude os relatórios de linguagem e estude as imagens de satélite para indicar a disposição geral das Cidades Secas. Eu a levarei num vôo na próxima semana, se ela quiser ir... Já andou em um dos nossos aviões?

— Eu a levaria se achasse que ela queria ir — disse Peter. — Mas vamos deixar para discutir isso em outra ocasião, está bem, Aleki? Os cavalos estão prontos, à espera, além dos portões da Cidade Velha...

Jaelle estudava a tela-parede, a fumaça intensa e as cinzas espalhando-se sobre as colinas, deixando uma faixa enegrecida em sua esteira. Conhecia aquela região, já viajara por ali; a intervalos de poucos anos as árvores-de-resina pegavam fogo e cresciam tão depressa que novos incêndios ocorriam. Cholayna estava com o rosto franzido e fazia algum comentário sobre a destruição de uma vertente vital.

— O problema é que não há qualquer perspectiva de chuva — disse Peter. — As pessoas em Armida devem ser alertadas para a imagem de satélite; os ventos vão soprar de Syrtis e a própria Armida pode ser atingida pelo incêndio. Jaelle...

Ela fez um esforço para desviar a atenção da imagem, tão vivida que tinha a impressão de que podia sentir o cheiro da fumaça, sentir o odor acre das cinzas e o rugido do fogo. Virou-se para Aleki, com o rosto franzido.

— Essas botas não estão certas. Pensarão que você é uma mulher disfarçada ou um efeminado. Peter, ele precisa ter botas apropriadas.

— Essa não! — protestou Aleki. — Já vi as botas normais para o trabalho de campo e não poderia andar com aquelas coisas. Tenho de bancar o machão, pisoteando em tudo? Será que todos os homens são tão inseguros assim?

— Não estou interessado na psicologia deles — disse Peter, secamente. — O que importa agora são os costumes locais e todo o resto. Essas botas o marcariam como um usador-de-sandálias em qualquer lugar fora da cidade e não ficariam bem nem mesmo dentro de casa. Desça ao almoxarifado e pegue botas apropriadas. Vá com ele, Jaelle.

Ela desceu com Aleki e pegou um par de botas, ajudou-o a calçá-las, sob resmungos durante todo o tempo. Reajustou o nó de seu lenço e advertiu-o outra vez para se fingir de surdo-mudo.

— É sua primeira viagem pelo campo e vai se sentir mais ou menos como eu em meu primeiro dia aqui — ela comentou. — Mas é apenas um começo.

No heliporto no telhado, Peter estava discutindo com Monty.

— Se eles forem assim, com ou sem uniformes, saberão imediatamente que somos terráqueos. Acho que devemos viajar com aquele pessoal ali.

Ele apontou para alguns homens que selavam suas montadas numa rua perto do QG.

— Precisam de todos os homens aptos para combater o incêndio — protestou Monty. — Acho que não vão se importar se somos terráqueos ou cralmacs, desde que possamos manejar uma

enxada. Se formos de helicóptero, chegaremos mais depressa e faremos mais trabalho sem nos cansarmos na viagem. O importante é ajudá-los a combater o fogo. Pode até ser uma boa iniciativa de relações públicas, se eles souberem que o Império Terráqueo enviou alguns homens para ajudá-los...

— Eu gostaria de lembrar aos dois — interveio Alessandra Li — que ainda trabalhamos para o Serviço de Informações. Esta não é uma missão humanitária. Haldane, quem são aquelas pessoas que estão se aprontando para viajar?

Peter tinha um binóculo potente preso no cinto; levantou-o e focalizou a rua.

— É o pessoal da segunda convocação; na primeira foram apenas voluntários. Mas agora parece evidente que estão levando todos os homens aptos que encontraram. Há velhos e meninos que não devem ter mais que doze anos... Houve um ano em que também fui combater um incêndio. E há três ou quatro Comyn, com alguns Guardas e pelo menos uma Ieronis.

— É aquela mulher de vermelho? — perguntou Monty. Peter confirmou com um aceno de cabeça.

— O Comyn de novo! — exclamou Aleki. — Eu gostaria de saber o que faz com que todos saltem como rãs quando eles balançam a cabeça! Mas ninguém quer me contar. Um dia desses, Jaelle, vamos ter uma longa conversa a respeito, não é mesmo? Acho melhor irmos a cavalo. Esqueçam o helicóptero. Não quero qualquer coisa que nos identifique como terráqueos. Lembrem-se que é uma missão secreta.

Jaelle apressou-se em declarar:

— Eu também Vou. Já combati incêndios antes... e não preciso ficar no acampamento com as mulheres. Sou uma Renunciante e posso fazer o trabalho de um homem.

— Um espírito louvável de sua dama — disse Alessandra Li secamente, — mas avise a ela para ficar em casa, Haldane. É mais útil para nós aqui, no ensino da língua e como ligação. Se quer ajudar, ela pode melhorar seu relacionamento com a tal de Dama Rohana.

— Preciso ir. E Magda deve estar lá, se estão convocando todas as pessoas aptas...

— Todos os homens — interrompeu-a Monty, com firmeza. — Sabe tão bem quanto eu que eles ainda não chegaram ao ponto de convocar as mulheres também, Jaelle.

Peter interveio quando ela abria a boca para responder:

— Você não vai, Jaelle. Há um tremendo incêndio na floresta ardendo por lá e você...

— Provavelmente já combati mais incêndios do que você — protestou ela, furiosa. — Fui para as linhas pela primeira vez quando tinha quatorze anos...

— Esqueça — disse Cholayna. — Não temos tempo para esperar enquanto você obtém autorização médica...

— Autorização médica? Para viajar na minha própria terra?

— Isso mesmo — confirmou Peter. — Está aqui no cargo de Magda e uma das primeiras regras do serviço é a de que ninguém, absolutamente ninguém, pode sair para o campo sem autorização médica.

Os dois homens se encaminharam para o elevador e Jaelle entrou atrás deles, dizendo calmamente:

— Esqueceram uma coisa. Sou cidadã darkovana. Não estou sujeita a esses regulamentos...

— É o que você pensa. — Peter apertou bruscamente o botão para o térreo. — Quando casamos, solicitei para você a cidadania no Império, a fim de que nossos filhos a tivessem. Além disso, por seu próprio Juramento, você deve respeitar as condições de seu emprego. Esta é uma delas. A questão, querida, está encerrada.

Ele inclinou-se, beijou-a na ponta do nariz e acrescentou:

— Vejo-a quando voltarmos, amor.

Peter se afastou. Algum dia, pensou Jaelle, irritada, ele jogaria em sua cara o casamento e a cidadania do Império uma vez a mais, acabando com tudo. Ela aventou a idéia de ir ao detestável ambiente do Serviço Médico e obter a tal autorização, para escarnecer de todos eles. Não poderiam impedi-la...

...mas também verificariam que estava grávida e algo lhe dizia que isso era uma coisa que deveria ocultar. Por algum motivo, não

queria que isso constasse dos registros terráqueos. Perguntou-se se assim agia apenas para contrariar Peter... Ele gostaria com certeza que a criança fosse registrada. Jaelle começou a se encaminhar para o Serviço Médico, mas uma voz interior, fria e clara, lhe disse Não.

Racionalizando, pensou em sua última visita ao serviço, as máquinas que espiavam dentro e através de seu corpo, a sensação de estar completamente despersonalizada, o corpo violado, uma máquina entre outras máquinas. Se soubessem que estava grávida, seria ainda pior. Tinha o direito a alguns dias de folga... Peter lhe explicara isso; ela subiu e pediu a Cholayna o dia de folga, a fim de visitar a Casa da Guilda.

Como mais ou menos esperava, Cholayna indagou se poderia acompanhá-la. Jaelle foi para seus aposentos e se vestiu depressa, sentindo-se aliviada ao pôr o traje de amazona: culote de couro para montaria — estava apertado na cintura, teria de pedir outro emprestado a Rafaella, até que a criança nascesse — e botas apropriadas.

Quando foi para o portão, descobriu que Cholayna usava um grosso blusão, impermeável, que seria maravilhoso nas Hellers no inverno, mas levou Jaelle a especular como a mulher fazia para não sufocar hoje, pois não estava tão frio assim.

— Acontece que nasci num mundo muito quente — comentou Cholayna, estremeando mesmo com as roupas grossas e olhando consternada e incrédula para a túnica leve de Jaelle, por cima da qual ela usava apenas o mais fino manto de montaria.

— Mas é quase verão! Cholayna soltou uma risada.

— Não para mim.

Cholayna acompanhou o ritmo de Jaelle, mesmo nas sandálias de saltos altos, com as quais Jaelle não seria capaz de dar quatro passos sem torcer os tornozelos. Caminhando ao lado de Cholayna, Jaelle sentiu-se outra vez uma menina, a filha de criação de uma amazona. Houvera uma ocasião em que Kindra aceitara emprego como guarda de diversos armazéns espalhados pela cidade. Às vezes levava a filha adotiva em suas rondas matutinas; eram os melhores momentos que passavam juntas, mãe e filha. Foram aqueles meses que converteram Jaelle numa amazona.

Podia confiar em Kindra, como não era possível com Rohana. A partir do momento em que concebera uma criança, Rohana não era mais capaz de considerá-la, a ela, Jaelle, como outra coisa que não mãe em potencial de uma criança para o Domínio Aillard.

Mas sem dúvida haveria alguém na Casa da Guilda com quem ela poderia conversar.

Passaram pelo mercado e Jaelle percebeu olhos arregalados e expressões de curiosidade com a pele escura de Cholayna. Mas podia-se pensar que Cholayna nunca experimentara outra coisa que não aqueles olhares chocados e hostis; ela seguiu em frente alegremente e Jaelle invejou-a por sua confiança.

Eu já fui assim, quando andava com Kindra e os moradores da cidade olhavam espantados e escarneciam das Renunciantes. O que aconteceu comigo?

Só quando alcançaram os degraus da Casa da Guilda é que Cholayna hesitou por um instante e indagou:

— Eu deveria ter posto maquilagem, Jaelle? Poderia pintar a pele, a fim de parecer com todos os outros. Não quero embarcá-la em sua própria casa...

Jaelle gostou ainda mais de Cholayna por perguntar, mas sacudiu a cabeça em desafio. As próprias Renunciantes eram diferentes; se não pudessem aceitar as diferenças de Cholayna, pior para elas!

E quando Irmelin abriu a porta, olhou aturdida para Cholayna por um momento, mas no mesmo instante recuperou o controle para dar um abraço de boas-vindas em Jaelle.

— Tenho certeza que Mãe Lauria vai querer recebê-la — ela disse a Cholayna.

Às perguntas de Jaelle, Irmelin informou que Rafaella, Camilla e Margali haviam partido há vários dias para as linhas de combate ao incêndio.

Todas as minhas irmãs-de-juramento. Não há ninguém aqui com quem eu possa conversar. Ela pensou que Marisela também viajara com as outras, mas Irmelin disse que a mulher se encontrava na casa e adivinhou no mesmo instante porque Jaelle desejava lhe falar.

— Está esperando uma criança, Jaelle? Isso é maravilhoso!

Jaelle refletiu que deveria ter esperado por isso; disse todas as coisas apropriadas e deixou que Irmelin a levasse para a cozinha e a sentasse com uma caneca de chá quente e um pedaço de pão com manteiga que acabara de sair do forno. Era como se Jaelle fosse outra vez a menina de doze anos adotada, querida por todas na Casa da Guilda.

— Pode deixar que chamarei Marisela para você. Não há motivo para ficar subindo e descendo as escadas...

— Irmí, ainda vão se passar quatro luas antes que subir e descer escadas me incomode — protestou Jaelle.

Mesmo assim, a preocupação de Irmelin era um conforto. Pelo menos alguém se importava; ela ficou sentada, pingando lágrimas no chá. Depois de algum tempo, Marisela entrou na cozinha, serviu-se de uma caneca de chá e sentou também, deixando-a fumegar à sua frente. Sorriu para Jaelle, aquele sorriso que raramente alterava a posição da boca, mas faiscava por trás dos olhos.

— Parece muito saudável, Shaya. Algum motivo para que eu descesse à sua procura?

— Oh, Marisa, sinto muito! Eu disse a Irmelin...

— Está tudo bem, irmã. Dormi durante o jejum e me sinto contente por ter companhia, já que todas saíram para combater o incêndio.

— Posso lhe servir alguma coisa?

Marisela começou a sacudir a cabeça, mas depois olhou atentamente para Jaelle e disse:

— Pode, sim, Eu gostaria de um pedaço de pão, cortado em fatias bem finas, por favor, e com mel em vez de manteiga.

E Jaelle, ocupando-se em cortar o pão com a faca apropriada, encontrar o pote de mel e uma colher para passá-lo, descobriu que não queria mais se dissolver em lágrimas.

Especulou por que Marisela estava sorrindo quando ela tornou a sentar, empurrando o prato de pão com mel em sua direção. A mulher mais velha perguntou:

— Quanto tempo?

Jaelle contou mentalmente e informou, Marisela balançou a cabeça.

— Então é por isso que você está fazendo todas essas perguntas profundas sobre o conhecimento da própria mente e se agradamos a nós mesmos ou a outra pessoa — disse Marisela.

Não era uma pergunta e também não era um comentário simpático. Jaelle compreendeu que não tinha direito de pedir simpatia. Ninguém a obrigara a ir para a cama com Peter ou casar com ele, poderia dar um jeito para não conceber a criança. Ela piscou vigorosamente, mas não sentia mais vontade de chorar. O que estava feito, estava feito.

Ela contou a Marisela, fazendo com que parecesse uma história engraçada, tudo sobre as máquinas do serviço médico terráqueo que a haviam examinado, por dentro e por fora. Marisela acompanhou-a no riso e comentou:

— Creio que podemos concordar que você não precisa de tais cuidados. É jovem e saudável; só haveria preocupação se começasse a vomitar ou apresentar sinais de hemorragia.

Tome cuidado com o que come, beba muito leite ou cerveja, mas pouco vinho, consuma tantas frutas e alimentos frescos quanto puder, diga aos terráqueos, se eles perguntarem, que esteve com sua conselheira médica. Deveria voltar à Casa para ter a criança aqui, mas os terráqueos podem não permitir... acham que tudo o que sabemos de prática médica é limitado e bárbaro, e devo admitir que até certo ponto eles têm razão. Há apenas dois dias perdi uma mãe e sua criança, daria qualquer coisa para ter algum acesso aos recursos dos terráqueos.

— Cholayna veio até aqui para acertar meios de prestar essa ajuda. Marisela sacudiu a cabeça.

— Não é tão simples assim, minha cara. Parece uma coisa muito simples e absolutamente boa que eu seja capaz de salvar mães para cuidar de suas crianças e salvar as crianças para que as mães não chorem porque metade de suas crianças não passam da idade do desmame. Mas não é algo tão bom assim.

— Como pode dizer que é uma coisa ruim?

— Pois é o que eu digo. — À expressão indignada de Jaelle, Marisela acrescentou: — De qualquer forma, quero falar com sua amiga. Vamos procurar Mãe Lauria? Mas termine seu chá. É bom para você.

Jaelle crescera pensando no gabinete de Mãe Lauria como um lugar sacrossanto, que só devia ser violado em emergências. Mas Marisela bateu na porta com a maior simplicidade e entrou, Mãe Lauria sorriu ao vê-la.

— Eu ia mesmo chamá-la, Marisela. Cholayna... — Ela teve alguma dificuldade com o nome. — É assim que se pronuncia?

— Mais ou menos. — Cholayna acenou com a cabeça cordialmente para Marisela. — Então você é a médica da casa, como nós diríamos. É você quem deve escolher as mulheres para aprenderem nossas técnicas médicas ou pode ir pessoalmente e aprender com as mulheres mais jovens...

— Estou interessada, o conhecimento é sempre uma coisa boa, mas ensinam apenas a usar as ciências médicas ou também ensinam quando não devem usá-las?

— Não estou entendendo — respondeu Cholayna. — A missão de um médico é salvar vidas. Mãe Lauria estava me contando como você teve de deixar uma mulher morrer porque não podia salvá-la ou à criança. Podemos ensinar meios de salvar a maioria...

— A fim de que cada mãe tenha uma dúzia de crianças vivas? — indagou Marisela. — E quando isso acontecer, como poderá alimentá-las?

— Tenho certeza que sabe que dispomos de todo conhecimento de técnicas anticoncepcionais, a fim de que uma mulher possa empenhar suas forças em gerar apenas uma ou duas crianças e não passe a vida inteira a concebê-las e perdê-las.

Marisela acenou com a cabeça.

— Se as duas que ela gerar forem as mais fortes e melhores, e pudéssemos ter certeza disso, seria ótimo. Mas vamos supor que as duas sobreviventes sejam as mais fracas, que suas crianças sejam ainda mais fracas? Daqui a dez ou vinte gerações seremos um povo de fracos, mantidos vivos apenas por sofisticadas técnicas médicas e assim dependentes de sua tecnologia. Se uma mulher é salva

quando sua pélvis é muito pequena, então suas filhas talvez vivam para gerar mais crianças com esse defeito; e outra vez estaremos mais e mais dependentes da ajuda médica para mantê-las vivas no parto. Pode estar certa de que dói em meu coração observar mulheres e crianças morrerem. Mas quando uma criança nasce, por exemplo, azul e incapaz de respirar, porque tem um buraco dentro do coração...

— Isso pode ser reparado — garantiu Cholayna. — Há muitas pessoas entre nós que estão vivas e que aqui teriam morrido ao nascer...

— E suas crianças multiplicarão os defeitos — insistiu Marisela. — É claro que nos casos em que alguma coisa saiu errada no útero e a criança carece de força talvez devêssemos salvá-la, mas se é um defeito devemos permitir que o passe para seus filhos? É melhor que uma criança morra agora do que deixar que cem fracos venham a minar a força de nosso povo. E é como uma loteria... as duas primeiras crianças nem sempre são as mais inteligentes, as mais fortes e melhores; muitas vezes um grande líder ou gênio será o sétimo, décimo ou até mesmo vigésimo entre as crianças de sua família.

Cholayna protestou, um tanto tensa:

— Não gosto de bancar Deus e decidir que mulheres devem sofrer assim.

— Não é bancar Deus decidir que elas não devem sofrer? — indagou Marisela. — Houve um tempo em que tivemos aqui um programa de reprodução em que interferíamos com os genes, a fim de criarmos as pessoas perfeitas, a raça perfeita. Geramos o laran em nosso povo e ainda estamos sofrendo por isso. Ao determinar que algumas devem morrer no parto, talvez a Deusa esteja sendo cruel para ser generosa.

— Ainda acho que não devemos rejeitar a oferta dos terráqueos, quando desejam ensinar suas artes à nossa gente — interveio Mãe Lauria.

Marisela balançou a cabeça em assentimento.

— Tenho certeza que está certa. Mas peço a todos os Deuses que tenhamos a sabedoria de determinar onde parar. Não há virtude

em salvar algumas vidas que serão um fardo para todos na família, todos na aldeia, todos no mundo. Eu... eu não quero bancar Deus decidindo quem deve viver e quem deve morrer; por isso, deixo à mercê da Deusa. Se tivesse o poder de decidir, por menor que fosse, que esta pessoa deve viver e aquela deve morrer, só posso dizer que meu negócio é salvar vidas e salvarei todas que puder. Por esse caminho se chega ao caos. Talvez seja melhor não dispormos desse poder.

— Não posso concordar que seja certa qualquer coisa que diminui o poder de uma mulher — comentou Cholayna.

Marisela suspirou.

— Em teoria, claro que está certa. Mas às vezes é uma terrível tentação assumir uma posição mais imediata e fazer o que é humano, em vez do que poderia ser melhor para toda a humanidade ao longo dos séculos.

Jaelle perguntou, furiosa:

— Está querendo dizer que deixaria pessoas morrerem mesmo que pudesse salvá-las?

— Infelizmente, não — respondeu Marisela. — Eu não faria isso e talvez seja o motivo para que eu tema tanto poder. Anseio por todo o conhecimento terráqueo, a fim de que nunca mais precise ver uma mulher sangrar até morrer ou um bebê lutar para respirar. Detesto perder o combate com a Dama Negra que se posta ao lado de cada mulher nesse momento, disputando comigo pelo que lhe é devido. Mas meu ofício é salvar vidas quando posso, como já falei. Creio que é o que sempre farei, afinal.

A Dama Negra é uma adversária muito antiga e amistosa, pode cuidar de seus interesses.

Cholayna fitava-a com o maior interesse.

— Essa questão tem sido debatida muitas vezes em nosso Centro de Comando. Não esperava ouvi-la aqui nesta Casa...

— De uma parteira nativa... Ou prefere me chamar de curandeira ou feiticeira? — perguntou Marisela.

Elas sorriram uma para a outra, num relacionamento amistoso agora. Mas Jaelle sentira-se inquieta enquanto a conversa se

embrenhava pelas complicadas questões de ética e ficou aliviada quando Cholayna levantou-se para ir embora, dizendo:

— Pode ficar por tanto tempo quanto quiser, Jaelle. Afinal, tem direito a uma folga.

Jaelle, porém, também se levantou, pegando seu manto e declarando à mulher mais velha que tinha trabalho a fazer. Poderia com certeza encontrar algum trabalho no escritório de Monty, já que ele e Aleki haviam deixado muita coisa por fazer ao partirem para as linhas de combate ao fogo.

Naquela noite, apreensiva e sozinha nos seus aposentos, que pareciam grandes demais na ausência de Peter, ela não conseguiu descansar. A Casa da Guilda dava a impressão de ser agora tão hostil quanto a Zona Terráquea. E fracassara em seu principal motivo para ir até lá: queria conversar com Magda, que se encontrava nas linhas de combate ao incêndio. Marisela e Mãe Lauria, embora cordiais, não estavam realmente envolvidas em seus problemas. Não havia motivo para que estivessem.

Queria falar com Magda, precisava encontrá-la, renovar os laços de amizade. Seria melhor fingir que nada acontecera ou insistir para que conversassem francamente a respeito? Talvez nada significasse. Afinal, Magda arcava com uma tremenda carga na mente e espírito; todas as pressões do período de permanência compulsória na Casa, a hostilidade por causa da luta e indenização, o medo de ser expulsa da Casa da Guilda, as angústias das sessões de treinamento e pesadelos intermináveis... seria de admirar que Magda não dispusesse de forças extras para lidar com os problemas de Jaelle?

Contudo, era mais do que isso. Jaelle vasculhou em sua mente e encontrou apenas uma imagem confusa de si mesma empurrando a mão de Kyril de seu braço, como se fosse um verme rastejante, uma coisa intrometida, desagradável, insinuando uma intimidade indesejável. Antes do jantar, quando abraçara e beijara Magda, a outra mulher se desvencilhara apreensiva. Todas já pensam que sou sua amante. Precisamos conversar a respeito; não deve existir tal barreira entre irmãs-de-juramento.

Era considerada uma coisa corriqueira na Casa da Guilda, mas depois das experiências adolescentes habituais ela nunca mais pensara a respeito. Por algum tempo, ao iniciar o negócio com Rafaella, haviam sido amantes, mas não parecera mais do que uma maneira de consolidar uma amizade profunda; e Rafaella, no fundo, estava muito mais interessada em homens. Depois de algumas semanas, o relacionamento se reduzira a afeição, na verdade nunca fora muito mais do que isso. Sempre achara que era parte do vínculo entre as duas; e sentira, podia compreender agora, que ela e Magda deveriam ter partilhado também esse gesto de confiança, de amor e de abertura uma com a outra. Mas se não era o costume entre o povo de Magda, como também não era, por exemplo, entre os cristoforos, por que ela se sentia tão rejeitada? Estaria com medo de que Magda passasse a desprezá-la? E se podia perder a amizade de Magda por causa de uma coisa tão simples, valeria à pena ter sua amizade?

Jaelle manteve conversas intermináveis dentro de sua própria mente, mas uma ou duas vezes, quando parecia que quase podia ver o rosto de Magda... farei contato de laran com ela se não tomar cuidado... tentou fechar a mente, em pânico. Arrependia-se agora de nunca haver aceitado a oferta de Rohana, mais do que isso, uma súplica, para que fosse a uma Torre, mesmo que por breve instante, a fim de treinar seu laran. Agora era tarde demais. Ou não seria? E ela se descobriu outra vez em lágrimas.

Deixara por completo de usar as fitas de corticador; mas constatara que o Departamento de Línguas que não sabia disso a elogiava todos os dias por seu crescente domínio da língua.

Uma noite, ao entrar nos seus aposentos, encontrara Peter já ali, tirando a camisa e a calça salpicadas de lama.

— Não, querida, não me beije ainda, pelo amor de Deus! Espere eu tirar estas roupas imundas e tomar um banho de chuveiro. Para falar claramente, estou fedendo.

Jaelle farejara. Era verdade, ele fedia mesmo. Calculara que seus sentidos haviam sido aguçados pelo constante acesso ao alto nível sanitário da Zona Terráquea, onde a menor mancha era imediatamente lavada, e roupas descartáveis constituíam a norma.

Peter levava as suas para a lixeira, mas torcera o nariz, enrolara-as e guardara num armário, comentando, com um sorriso irônico:

— Acho melhor mandar lavá-las; são roupas de campo e parecerão mais autênticas se estiverem um pouco encardidas. Como está a criança?

Ele afagara a barriga ainda lisa de Jaelle, ao se encaminhar para o chuveiro; e ela ouvira-o comentar como era bom estar de volta a um lugar em que havia água quente e civilização.

As pessoas do Império pensam que civilização e água encanada são a mesma coisa. Mostram-se neuróticas com cheiros e sujeira, ela pensara. Peter poderia pelo menos ter me beijado! Ela ficara estendida na cama, sentindo-se magoada. Peter não perguntara por ela, apenas pela criança. Ficara furiosa consigo mesma por se sentir assim; ele estava cansado, acabara de chegar de uma excursão, ela se encontrava sensível demais. Mas como já acontecera com Rohana, deixara de ser ela própria para Peter depois que engravidara, não passava de um ninho ambulante para a maldita criança. Comprimia o rosto contra o travesseiro. Nem ao menos era um honesto travesseiro de penas, mas apenas algum horrível material sintético.

Respirara fundo e tornara a sentir seu cheiro asséptico, tipicamente terráqueo. Era apenas um cheiro. Não choraria. De jeito nenhum.

Poderia ir embora agora, não precisava continuar ali. Bastava uma caminhada de meia hora e estaria na Casa da Guilda. Mas prestara um juramento; fora legitimamente contratada para ocupar o lugar de Magda no QG terráqueo. Magda não violara seu compromisso com a Casa da Guilda, sob pressões muito maiores; ela devia no mínimo igualar a coragem de Magda.

E será que haveriam de querê-la de volta na Casa da Guilda, a estufar todos os dias com uma criança terráquea, como alguma prostituta dos bares do espaço-porto?

Podia dizer a si mesma que era diferente, tantas vezes quanto quisesse, mas o fato é que desejava Peter, sentira vontade de deitar com ele e agora esperava uma criança, uma criança que nunca se sentiria à vontade em qualquer dos dois mundos. Começara a chorar

e não ouvira Peter sair do chuveiro; quando ele tentara abraçá-la, resistira e chorara histericamente. Ao final, Peter tivera de levá-la para o Serviço Médico. Passara o resto da noite no hospital, drogada para um sono inconsciente. Não havia qualquer lugar para ir.

Parte III
Crescimento

Capítulo Um

Embora o período de permanência de Magda na casa só fosse terminar quarenta dias depois do Solstício do Verão, o costume liberava as noviças Renunciantes no próprio dia. Magda desceu para o desjejum e encontrou as mulheres discutindo seus planos para o feriado. Keitha e Magda foram informadas de que poderiam ir aonde desejassem durante aquele dia e a noite, mas deveriam retornar à Casa ao amanhecer.

— Quais são seus planos, Keitha?

— Uma parteira não pode fazer planos. Mas antes de partir para Neskaya Doria me pediu que neste dia fosse procurar sua mãe-de-nascimento. A mulher jamais quis visitar a filha aqui, mas Rafi me contou que ela sempre pergunta se Doria está bem e satisfeita.

— É verdade — confirmou Rafaella, estendendo sua tigela para o mingau. — Acho que ela tem medo que Doria tente converter suas outras filhas em amazonas, mas tenho a impressão que nenhuma das outras meninas de Graciela tem bom senso suficiente para prestar o Juramento. Ela não procurou a filha dez vezes nos cinco anos anteriores, mas no dia em que Doria completou quinze anos começou a cumulá-la de presentes e propôs lhe arrumar um marido. Nada a agradaria mais do que ver Doria repudiar sua criação aqui e casar com o primeiro idiota que lhe oferecesse. Tenho certeza que Graciela não ficará feliz em nos ver, mas mesmo assim temos de entregar os presentes e saudações de Doria. E aproveitarei para visitar meu filho mais jovem, a quem não vejo há meio ano.

Magda lembrou que a mãe de Doria renunciara a ela por ocasião do nascimento, em troca do filho de Rafaella.

— Também me prometeram que eu poderia visitar meu filho — comentou Felicia -. mas não sei se serei capaz de suportar ou se não poderá ser muito cruel para ele...

— Rafi, estão procurando você no estábulo — informou Janetta, enfiando a cabeça pela porta do refeitório.

— Qual é o problema? — indagou Rafaella, impaciente. — Um dos cavalos deseja me apresentar as saudações do Solstício do

Verão?

— Um homem que diz que precisa tratar de negócios — explicou Janetta.

Resmungando, Rafaella largou o garfo e, ainda mastigando um pedaço do bolo de nozes delicioso que aparecera na mesa em vez do pão com manteiga habitual, encaminhou-se para o estábulo. Janetta voltou dois minutos depois e disse:

— Margali, Rafi quer falar com você.

Magda ainda não acabara de comer, mas sentiu-se tão satisfeita pelo desaparecimento da hostilidade de Rafaella que foi imediatamente para o estábulo; tentara assegurar à outra que ocuparia o lugar de Jaelle no negócio da melhor forma que pudesse, valia à pena ser incomodada mesmo no desjejum do feriado. Pediu antes de sair:

— Guarde-me um pedaço...

Ela hesitou; não podia chamar de bolo de café, que seria a expressão terráquea, e ninguém dissera como se chamava ali. Acabou por apontar apenas e Keitha soltou uma risada.

— Guardarei com a própria vida!

Rafaella conversava com um homem alto, envolto por um manto grosso, à frente de uma fileira de cavalos, entre os quais alguns dos excelentes zainos de Armida. Havia também alguns pôneis peludos das Hellers.

— Lamento ter de lhe pedir que trabalhe no Festival, Margali, mas eu só esperava esses animais daqui a dez dias...

— Também lamento incomodá-la no feriado, mestra, mas acabei de chegar à Cidade.

Magda reconheceu a voz no mesmo instante; era o louro enorme que a salvara nas linhas de combate ao incêndio, Dom Anndra. O terráqueo! Mas ele falava sobre os pôneis num sotaque melhor que o de Magda.

— Não consegui encontrar os dez que você queria, mas tenho sete aqui; são fortes e já imunizados contra o apodrecimento do casco, todos foram domados para montaria e carga.

Rafaella foi de um animal a outro, examinando os dentes, apalpando focinhos macios.

— São mesmo bons — ela comentou. — Mas por que veio à Cidade tão tarde, Dom Anndra? Sua dama veio também? E Lorde Damon estará aqui para a reunião do Conselho?

— Vim sozinho este ano, mas tive a oportunidade de escoltar Ferrika.

Ele estendeu a mão para ajudar uma mulher num grosso manto de viagem a descer de um dos cavalos. Olhando por cima do ombro de Rafaella, ao se virar, ele reconheceu Magda e disse:

— Ah, é você! Fiquei preocupado, mestra. Seus pés ficaram bons?

— Estão ótimos. As botas é que queimaram além de qualquer possibilidade de recuperação.

Rafaella e Ferrika abraçaram-se.

— Eu esperava que pudesse vir mais cedo, Ferrika. A mulherzinha de nariz arrebitado sorriu.

— Eu bem que gostaria de vir, mas houve necessidade de meus serviços em Armida.

— Mais crianças ali? Ou uma de suas damas?

Ferrika sacudiu a cabeça, com uma expressão consternada.

— Dama Ellemir abortou uma criança no início do ano e a irmã ficou lá para cuidar dela... Dama Callista não participará da reunião do Conselho...

— Não entendo por que você deixou sua dama — comentou Rafaella.

Anndra interveio:

— Ferrika não é nossa servidora, mas uma amiga; e Ellemir já ficou boa. Mas nenhum de nós sente qualquer ânimo para as diversões este ano, e não há muito que se possa fazer no Solstício do Verão. Por isso resolvi vir até aqui, a fim de fazer os negócios que puder encontrar e apresentar meus respeitos aos Lordes do Conselho.

Voltarei para casa o mais depressa que puder, provavelmente ao amanhecer. Lamento incomodá-las em pleno festival, mas não queria deixar os animais num estábulo público, quando poderiam ficar abrigados em seu novo lar.

— Agradeço por isso — disse Rafaella. — Levamos dez dias ou mais para acalmá-los depois de uma longa viagem; estará muito melhor aqui do que em um estábulo público.

Ferrika, brenda, não precisa ficar aqui. Entre e fale com suas irmãs. O desjejum ainda está na mesa.

— Inclusive o bolo de nozes do feriado? Maravilhoso!

Ferrika foi para a casa. Rafaella estendeu a rédea de um pônei para Magda e pediu:

— Pode levá-lo para aquela baia lá no fundo?

Quando Magda voltou, Rafaella estava escrevendo, apoiada na parede. Entregou o papel a Dom Anndra.

— Leve isto para a minha cliente, Dom Anndra, que providenciará o pagamento; os cavalos são para ela, pelo que sei. Que a Deusa conceda que Dama Ellemir fique boa o mais depressa possível.

— Amém. Devo trazer os outros pôneis, quando voltar?

— Ou até antes, se tiver um mensageiro de confiança — respondeu Rafaella. — E preciso de um bom cavalo de sela como presente de Juramento para minha filha na Casa da Guilda de Neskaya. Tem algum disponível?

— Não, não tenho nenhum bom cavalo já domado para uma dama; há sempre uma grande demanda de animais assim. Não posso prometer nenhum por mais de dois anos. Posso arrumar uma boa égua, mas precisaria domá-la pessoalmente.

— Não terei tempo para isso, mas é bom que Doria dome seu próprio animal. Pode mandar para a Casa da Guilda de Neskaya, em nome de Doria n'ha Rafaella.

Dom Anndra escreveu alguma coisa num papel e depois disse:

— Mandarei um homem entregar dentro de dez dias.

Ele tornou a olhar para Magda, curioso; ela quase que pôde ouvi-lo indagar: O que ela está fazendo aqui? Pois eu também gostaria de saber o que ele está fazendo aqui!, pensou Magda. Não podia haver a menor dúvida de que ele se encontrava numa missão de campo, provavelmente há anos; se fosse à Zona Terráquea, poderia procurá-lo nos registros; e Cholayna ou Kadarin deveriam saber alguma coisa a respeito. Ela ajudou Rafaella a levar para o

estábulo e alimentar os novos pôneis. Ao voltar ao refeitório, descobriu que o mingau já estava frio, mas Irmelin providenciara pão fresco, abrira um novo pote de algum tipo de conserva, e trouxera outro bolo de nozes, que desapareceu tão depressa quanto o primeiro.

Ferrika estava sentada aos pés de Marisela, a cabeça no colo da outra.

— ...tão trágico... muitas das damas nobres não querem realmente ter crianças e mal podem esperar o momento de entregá-las à ama-de-leite e mãe-de-adoção. Mas Dama Ellemir é uma daquelas que anseiam por outra criança no seio no instante em que uma sai de seus braços. Há quatro anos, quando Dama Callista não foi capaz de amamentar sua criança, embora pessoalmente eu ache que foi mais porque ela não queria, Ellemir amamentou Hilary junto com Domenic.

— Ela passou muito tempo em trabalho de parto desta vez?

— Não muito; mal tiveram tempo de me chamar dos cuidados com a esposa do intendente. O mais trágico é que desta vez foi apenas uma questão de uns poucos dias; se ela conseguisse agüentar por mais dez dias, a criança poderia sobreviver. Uma menina, e nasceu viva, mas não conseguimos fazer com que respirasse. Os pobres pulmões não se abriram, apesar de todos os nossos esforços. Foi um pouco prematuro. Houve um momento em que pensei que ela poderia respirar e chorar... um pequeno vagido...

Ferrika comprimiu o rosto contra o colo de Marisela, que lhe afagou os cabelos.

— Talvez tenha sido melhor assim; uma ou outra vez já realizei o que parecia ser um milagre e salvei uma criança que parecia um caso perdido, para depois vê-la crescer aleijada ou parcialmente parálitica, incapaz de falar... foi a misericórdia da Deusa.

— Pois diga isso à Dama Ellemir! — exclamou Ferrika, piscando os olhos para reprimir as lágrimas. — Era uma menina, perfeita, os cabelos vermelhos, ainda por cima com laran, eles o tinham sentido três vezes nos últimos quarenta dias... Pensei que todos iam enlouquecer de tanto desespero. Lorde Damon não saiu do lado de minha dama por um momento sequer, dia e noite.

— Mas pense um pouco: mesmo com laran, se a pobre criança crescesse doentia... É melhor uma morte tranqüila e um retorno à Deusa, que pode enviá-la de volta quando chegar seu momento certo para viver...

— Sei disso, mas foi muito difícil suportar o sofrimento deles. Já haviam até escolhido o nome...

— Eu compreendo, bredda. Mas agora está aqui conosco e deve permanecer até ficar revigorada e animada de novo. Não aproveita um feriado há um ano e isso também tem sido muito difícil para você, não é mesmo, chiyal Quero que conheça nossa irmã Keitha. Ela trabalhou comigo e no próximo ano vamos mandá-la para o Colégio de Parteiras de Arilinn. Ela receberá também um treinamento terráqueo, o que talvez a ajude a salvar algumas crianças que poderiam morrer sem um bom motivo. Quero que vocês duas se conheçam e se amem como irmãs.

Enquanto Ferrika abraçava Keitha, Camilla perguntou, por trás das duas:

— Como tenciona passar o feriado, Margali?

Antes que ela tivesse tempo de responder, Rezi, que se encontrava de serviço na porta, aproximou-se apressada.

— Marisela, Rimai, o fabricante de harpas está na porta, a esposa iniciou o trabalho de parto...

— Oh, não! — exclamou Magda. — Logo no seu feriado, Marisela! Mas a parteira estava se levantando com um sorriso afável. Keitha perguntou:

— Vai precisar de mim, bredda?

— Acho que sim; são gêmeos e é o primeiro parto da mulher. Keitha fez uma careta pesarosa e foi buscar seu manto. Marisela soltou uma risada.

— Como o veterinário e o fazendeiro, escolhemos uma profissão em que não há feriados, exceto o que a Deusa nos manda. Termine seu desjejum, Keitha, não há tanta pressa assim. Rezi, sirva a ele um chá e um pedaço de bolo na Sala dos Estranhos, diga-lhe que iremos assim que pudermos.

Ela se encaminhou para o armário de suprimentos em que guardava a bolsa de parteira e um momento depois deixou o

refeitório. Camilla riu.

— Quem gostaria de ser parteira?

— Não eu — murmurou Magda.

Ela refletiu que ali estava uma coisa que nunca mudava, entre os terráqueos e os darkovanos: nenhum médico jamais podia contar com uma folga num feriado, especialmente se trabalhasse com maternidade.

— E o que vai fazer no feriado, já que por sorte não escolheu a profissão de parteira?

— Ainda não sei, mas com certeza irei ao mercado e comprarei um novo par de botas — respondeu Magda, olhando para as sandálias velhas e arreventadas.

— E eu ficarei na casa e escreverei os registros do ano — comentou Mãe Lauria. — Desfrutarei uma casa vazia, sem ninguém para me incomodar. E talvez vá ao baile público de Thendara esta noite, para escutar os músicos.

— Eu também irei — informou Rafaella, — pois me pediram para também tocar um pouco. E você, Margali?

— Acho que também vou.

Ela sempre tivera vontade de ir aos bailes públicos do Festival na praça principal de Thendara, mas achava que não era certo comparecer sozinha, e Peter nunca quisera levá-la. Sabia que às vezes se tornavam turbulentos, mas era uma Renunciante e podia se defender.

Rezi veio outra vez do vestíbulo, trazendo uma cesta de flores.

— É para você, Rafi.

As mulheres começaram a rir e aclamar.

— Tem um amante tão persistente, Rafi?

— O rapaz que trouxe as flores não tem quinze anos e pediu para falar com a mãe — informou Rezi.

Rindo, Rafaella correu para o vestíbulo, pegando na passagem uma fatia do bolo do festival.

— Os meninos nessa idade estão sempre com fome, igual às garotas! — ela gritou, olhando para trás, com uma risada.

Magda descobriu-se a recordar o Solstício de Verão do ano anterior. Ela e Peter ainda eram casados na ocasião. Já sabia que o

casamento se aproximava do fim, mas ele lhe mandara a habitual cesta de flores e frutas. Fora a reconciliação final antes da briga que destruíra o casamento de maneira irreparável. Ela especulou se Peter mandara flores para Jaelle naquela manhã. Sentia saudade de Peter... e estava cansada de passar o tempo todo na companhia de mulheres!

— Ainda não resolveu o que fará hoje? — perguntou Camilla.

— Acho que apenas andarei pela cidade, desfrutando o conhecimento de que sou livre para ir aonde bem quiser — respondeu Magda, percebendo de repente que não tinha realmente um lugar que desejasse visitar. — Só tenho certeza de uma coisa: comprarei botas novas. E você?

Camilla deu de ombros.

— Há um jantar do Festival na Casa esta noite, para todas que não tenham para onde ir. Prometi que ajudaria a prepará-lo, já que Irmelin deseja passar o dia com a mãe... Ela está velha e cega, Irmi receia a cada vez que a vê que pode ser a última. Mas vocês, jovens, sempre querem sair; pois divirta-se, breda. E há também um baile para mulheres esta noite; talvez eu vá, pois adoro dançar, só que não com homens.

Magda pensou que poderia voltar à Zona Terráquea para uma visita. Mas não tinha mais amigos ali e com toda certeza Peter e Jaelle já haviam feito seus planos para o feriado.

Já ia descer com o gibão e os restos das botas queimadas — poderiam abreviar a espera por um novo par — quando Camilla avisou-a:

— Margali, há um homem à sua procura; mandei-o para Sala dos Estranhos. Tem um sotaque estranho... Não seria alguém de sua família, da região das Hellers?

Um homem esguio e moreno, um tanto familiar, levantou-se de uma cadeira quando ela entrou. Disse o nome darkovano de Magda com um bom sotaque, embora não fosse o sotaque de Thendara. O terráqueo. O filho de Montray... como era mesmo seu nome?

— Monty — ele informou. Magda avaliou-o atentamente.

— Onde arrumou essas roupas?

— Não estão corretas?

— Podem passar numa multidão. Mas as botas são bem feitas demais para uma túnica tão ordinária; quem tivesse condições de comprar botas assim poderia usar uma túnica bordada, não apenas enfeitada com linhas coloridas. E a túnica de baixo é ordinária demais.

— Haldane aprovou tudo. Usei estas roupas nas linhas de combate ao incêndio. Ele não fez comigo a mesma coisa que fez com Li... Ordenou que Li fingisse ser surdo-mudo.

Por isso, pensei que ninguém perceberia...

— Por que veio aqui? — ela perguntou bruscamente.

— Jaelle comentou que você está livre para sair hoje. Eu poderia acompanhá-la... vejo que está pronta para sair... por algum tempo, conversar um pouco com você?

Ora, se aquele homem era do Serviço de Informações, não havia motivos para ofendê-lo, só porque achava que seu pai era um imbecil.

— Pode me mostrar onde comprou essas botas; são boas e preciso de um novo par. Conversaremos a caminho do mercado. Não diga nada na presença das mulheres no vestíbulo, pois elas podem reconhecer seu sotaque como errado.

Ele fez uma medida. Não era uma imitação das piores da medida de um servo darkovano diante de uma mulher de alta linhagem; não era um homem estúpido ou desatento, apenas não tivera o mesmo treinamento que ela e Peter. Ou — presumivelmente cursara a mesma Escola de Informações em Alfa — ainda não tivera a experiência. Monty seguiu-a um passo atrás, como era apropriado, através do vestíbulo. Só quando se encontravam fora das vistas da Casa da Guilda é que se adiantou para andar ao seu lado.

— O mercado Karazin?

— Acho que é esse mesmo — respondeu ele. — E se Vou andar com você, não deveria carregar o embrulho?

Magda entregou-lhe o fardo enrolado, mas se abriu e ele olhou consternado para as botas queimadas.

— Como isso aconteceu?

— Fui apanhada numa das aberturas por onde o fogo atravessou um aceiro.

— Soube que havia Renunciantes lá. Feriu-se?
— Tive queimaduras superficiais nos pés, mas já estão curados agora.

— Isso explica por que Jaelle...

— Jaelle? Ela também foi para as linhas de fogo? Eu gostaria muito de vê-la...

— Ela não foi. Peter me disse que está grávida. Não conseguiu obter autorização médica, embora quisesse ir e até insistisse.

Magda murmurou um "Isso é ótimo", mas por dentro sentiu uma pressão fria e estranha. Então Jaelle daria a Peter a criança que ele tanto desejava.

— Podemos ir ao mercado e medir seus pés para a fabricação das botas — disse Monty. — E depois sentaremos e conversaremos um pouco... Não é proibido sentar e conversar comigo num lugar público, não é mesmo?

Magda deu de ombros.

— Não no Festival. Não é comum, mas no Festival podemos fazer o que quisermos.

E se a vissem sentada num lugar público com um homem, poderiam pensar... Magda interrompeu o pensamento, desafiadora; que pensassem o que quisessem. Assumindo outra vez o papel de um servo mudo, Monty entregou o pacote, enquanto ela acertava com um sapateiro a troca das solas e barganhava por um novo par... Ele não dispunha de nenhum que coubesse em seus pés, mas se ela pudesse voltar dentro de três horas, já teria posto solas nas botas velhas, que serviriam até que o novo par ficasse pronto.

Magda pagou o trabalho, grata pelo dinheiro que ganhara ajudando Rafaella; mesmo depois de entregar o dízimo à Casa, ainda sobrara o suficiente para o conserto das botas velhas e para o novo par. De qualquer forma, tinha pagamentos atrasados a receber na Zona Terráquea, o dinheiro estava guardado ali, deveria converter uma parte em moeda darkovana; não precisava muito na Casa da Guilda, mas isso era mais uma questão de sorte do que boa administração. Tinha comida e roupa em troca da ajuda que prestava na manutenção da Casa; e agora que Rafaella a aceitara no lugar de Jaelle, incumbindo-a de serviços que podia fazer — arrumar

as cargas, empacotar os alimentos para a viagem em rações diárias separadas, — começava a dispor de algum dinheiro na mão. Depois de concluir a negociação com o sapateiro, ela começou a descer a rua e Monty tornou a caminhar ao seu lado.

— Posso agora conversar com você?

— Sobre o quê?

— Sabe muito bem! — ele respondeu, exasperado. — Preciso de um relatório seu... Já disse isso quando a procurei antes. Teremos oito mulheres no Serviço Médico... Cholayna me deu essa informação outro dia. Precisamos saber mais sobre o comportamento delas e você é nossa única perita em mulheres de Darkover.

— Perguntem a Jaelle. Monty soltou uma risada.

— Infelizmente ela é um pouco irascível demais para meu gosto. Numa sociedade como esta, posso compreender que as mulheres que conseguiram escapar se mostrem um tanto defensivas... o que não posso entender é por que ela casou com Haldane. Pode me explicar isso?

— Como creio que sabe que ele e eu já fomos casados, suponho que a pergunta é puramente retórica.

— Não, claro que não — garantiu Monty, subitamente sério. — Trabalhando no campo e vendo as maneiras diferentes como os homens tratam as mulheres na sociedade darkovana, fui levado a reavaliar alguns dos meus valores. E às vezes me pergunto se as mulheres talvez não prefiram no fundo uma cultura em que são totalmente cuidadas. Protegidas. Damos a maior importância à igualdade, mas as mulheres aqui me parecem bastante felizes. Há exceções, é claro, mas falando sério, Magda... — Ele dissera seu nome terráqueo, mas não havia ninguém por perto para ouvir e ela não o corrigiu. — ...acho que faz sentido conceder às mulheres a supremacia em sua esfera, sem levá-las para a competição direta; deixá-las ocuparem um lugar em que possam realmente ser superiores e mantê-lo separado.

Muitas sociedades funcionam assim, mas você estudou antropologia e sociologia da cultura em Alfa, entende do que estou falando.

— Não gosto das suposições por trás desse tipo de cultura — declarou Magda, rispidamente. — Por que tudo deveria ser dividido entre o que os homens fazem e o que as mulheres fazem?

— E por que não deveriam? Afinal, é o que acontece; apenas algumas sociedades admitem e outras fingem que isso não existe. A maioria das mulheres é menos competitiva, menos atlética... Por que uma sociedade deveria ser baseada nas exceções? Não vejo nada de errado com um homem que queira passar sua vida usando um vestido, por exemplo, mas não obrigaria todos os homens a usarem vestidos só para que os poucos que querem não se sintam muito proeminentes. Lembro de uma escola maternal em que estive onde não deixavam os meninos brincarem com caminhões e espaçonaves, alegando que não deveriam ficar estereotipados. Havia algumas meninas que queriam realmente brincar com bonecas, mas as encarregadas empurravam-nas para espaçonaves e tentavam forçá-las a jogar futebol americano.

— Então você daria as bonecas às meninas e as espaçonaves aos meninos, e deixaria assim?

Monty deu de ombros.

— Por que não, desde que as meninas que queiram espaçonaves e caminhões de brinquedo tenham a oportunidade de experimentá-los de vez em quando. Mas eu nunca senti o menor interesse por bonecas, não importava quantas empurrassem em minhas mãos quando era pequeno. Pelo menos em Darkover presumiriam que eu, por ser menino, tinha o direito de me comportar como tal.

Magda não pôde evitar uma risada.

— Pois eu não tive de brigar por uma oportunidade de optar entre uma boneca ou um caminhão. Passava quase o tempo todo com quadros e escutando minha mãe tocar harpa.

E dançando. Lembre-se de que fui criada em Caer Donn.

— Eu a invejo — murmurou Monty, muito sério. — Uma oportunidade maravilhosa, crescer no mundo em que realmente vive... Conhece meu pai. Ele vive em Darkover há trinta anos e ainda não pode tolerar a luz do sol vermelho, porque passa o tempo todo sob luzes ao estilo terráqueo.

— Não precisa me invejar, Monty — respondeu Magda, com a mesma seriedade. — Não é uma opção invejável sem nunca saber qual é o lugar a que se pertence, sem... sem saber os sinais de reconhecimento. Nunca fui realmente darkovana e meus amigos daquele tempo sabiam disso. E eu sabia, oh, Deus, como eu sabia! E se tornou ainda pior quando fui conviver com os terráqueos... Mas como fui levada a falar de tudo isso?

Ele sorriu. Tinha um sorriso bonito, pensou Magda.

— Admito que eu a levei. Queria saber o que a faz reagir. Afinal, é nossa perita em língua e cultura darkovana. O que não me surpreende, pois não creio que algum homem tenha a mesma capacidade de observação para os detalhes de uma mulher inteligente.

— Fico contente que reconheça que temos alguma competência comentou Magda, secamente. — Já me perguntava se não pensava que minha esfera de influência apropriada era julgar as roupas convenientes.

— É um dos fatores. Além disso, você é uma prova viva de que uma mulher pode se apresentar melhor do que um homem.

— Pelo menos numa Casa da Guilda — disse Magda, perdendo o impulso de discutir com ele.

— Você sempre diz que deseja uma compreensão melhor entre Darkover e o Império. Pois então comece a contribuir para isso. Ajude-me a compreender.

Parecia sensato. Enquanto Magda pensava a respeito, ele acrescentou:

— De qualquer forma, você tem duas ou três horas de espera, enquanto suas botas são consertadas. Não vamos fazer um relatório formal. Basta me acompanhar ao QG.

Tomaremos um drinque em meus alojamentos enquanto você passa para a fita as informações básicas, apenas para mim. E deve me indicar também como ter acesso a seus outros relatórios ou como obter autorização para trabalhar com eles. Combinado? Por Deus, menina, não sabia que seu trabalho é considerado o padrão de excelência, não apenas aqui, mas em todo o Império? Mesmo quando eu ainda me encontrava em Alfa já tinha ouvido falar do

trabalho de Lorne em Cottman Quatro e torcia para participar de uma missão com você!

Uma lisonja, pensou Magda; ele está tentando obter o que deseja. Isso é tudo. Mas depois do desestímulo e dúvidas das últimas semanas, tocava em algo tão profundo que ela não podia deixar de se sentir reanimada e satisfeita com as palavras.

— Está certo. Se me conceder alguns minutos para ir ao departamento de transferência de crédito...

— Todo o tempo que quiser — disse ele, jovialmente, depois de conseguir persuadi-la.

Ao passar pelos portões da guarda do espaço-porto ela sentiu-se como nas ocasiões em que voltara com Peter de uma missão no campo, ainda com as roupas de trabalho, mas ansiosa em despir-se de sua personalidade darkovana e assumir seu verdadeiro eu. Acreditava então que era minha verdadeira personalidade e a Margali darkovana não passava de uma máscara. Qual é a verdade? Ela não tinha mais certeza.

Os alojamentos de Monty eram no setor de pessoal solteiro, não muito longe dos antigos aposentos de Magda; ele arrumou um lugar para ela sentar, perguntou-lhe o que desejava beber.

— Café — respondeu Magda, sem qualquer hesitação. — Se me perguntasse o que mais senti falta, seria... justamente café e um banho de chuveiro quente pela manhã.

Monty foi fazer os ajustes no painel.

— As condições são muito primitivas na Casa da Guilda?

— Claro que não! — exclamou Magda, irritada com essa suposição. — Há banhos quentes, banheiras para se ficar, tudo... Acontece apenas que é um estilo de vida diferente, prioridades diferentes. Algumas coisas com que as pessoas são criadas; elas presumem que um bom banho frio é o que se precisa para despertar pela manhã e água quente deve ser uma indulgência noturna. Tive de me adaptar.

Ela riu, virando a xícara de café entre as mãos.

— Nunca compreendi como era terráquea até que tive de ser darkovana vinte e oito horas por dia, dez dias por semana.

Magda tomou um gole do café; ainda achava saboroso, apesar da súbita estranheza; e perguntou-se se a cafeína, agora que se tornara desacostumada, lhe proporcionaria uma excitação inesperada.

— Mas vamos ao trabalho. O que você precisa saber? Línguas? Isso é simples... basta dormir com o corticador por sete dias pelo menos. Muitas pessoas aqui tentam trapacear. .. usam apenas por um ou dois dias e acham que já sabem. Mas é necessário mais tempo. Cresci falando a língua, provavelmente preparei as fitas que você está usando, mas tive de dormir no mínimo vinte dias com o corticador quando aprendi a língua das Cidades Secas. É preciso saber não apenas na superfície, mas também lá no fundo, onde conta. Havia alguma desculpa quando não tínhamos as gravações completas, mas agora já temos. Programe o subconsciente até o fim, não apenas o curso de língua superficial. Tem autorização para usar um corticador de nível Branifi-Alfa, não é mesmo?

— Sempre fiquei nervoso com isso. Não me agrada a idéia de qualquer interferência com minhas sinapses nervosas.

— É a única maneira de alcançar o nível que teria se aprendesse quando era criança... E é melhor do que bancar o surdo-mudo.

— Quanto a isso, não resta a menor dúvida. — Monty riu. — E agora pode fazer um relatório sobre as Amazonas Livres... Oh, desculpe, Renunciantes...

Magda corrigiu um pouco sua pronúncia, sabendo que era uma contemporização. Mas uma dúzia de suas irmãs estaria trabalhando ali, no Serviço Médico. De certa forma, ela fazia tudo aquilo pela Guilda. Monty providenciou o equipamento necessário e ela sentou para começar a trabalhar.

— O nome Guilda de Amazonas Livres, comumente usado por terráqueos e no Império, é um equívoco romântico, baseado numa lenda terráquea de uma tribo de mulheres independentes.

O verdadeiro nome da Guilda, na língua deles, poderia ser mais bem traduzido como Ordem das Renunciantes Obrigadas por Juramento.

Magda continuou daí, explicando o que sabia sobre a história e constituição original do movimento das amazonas, que começara formalmente em Thendara há apenas trezentos anos e durante quase metade desse tempo fora um movimento altamente secreto, em operação clandestina, com uma única Casa da Guilda oculta, que funcionava quase como um convento de clausura; só recentemente, nos últimos cem anos, as amazonas passaram a operar abertamente e a construir outras Casas de Refúgio.

Ela ouviu, por algum tempo, Monty se movimentando pelo alojamento, depois perdeu a noção de sua presença, enquanto continuava a fazer o relatório; traduziu o texto do juramento e explicou alguns de seus dispositivos mais obscuros, mencionou alguns dos tabus e cortesias que as amazonas mantinham entre si e as das pessoas comuns em relação a elas, inclusive a incrível hostilidade contra as Amazonas Livres de parte das mulheres das Colinas Kilghard. Mas quando chegou o momento de falar a acusação mais comum, de que odiavam os homens eram amantes de mulheres, Magda encontrou dificuldades para manter a isenção da antropóloga treinada.

Em certo sentido, ficou satisfeita pela capacidade de recuperar seu eu terráqueo, permanecer uma forasteira; mas hesitou quando passou a falar desse assunto, reviu o que já dissera, suprimiu as dez últimas palavras e substituiu-as por generalizações vagas sobre as relações das amazonas com os homens nas linhas de fogo. Monty tornou a se aproximar quando ela concluía essa parte e comentou:

— Agora compreendo como suas botas ficaram naquele estado. Quer dizer que se encontrava lá na beira das Colinas de Kilghard enquanto o fogo descia para Thendara?

Magda confirmou com um aceno de cabeça.

— Pedi um almoço para nós — ele acrescentou. — Ditar é um trabalho que dá muita fome e no mínimo deve estar com a garganta ressequida.

Ele pôs uma bandeja na sua frente e Magda farejou-a, satisfeita. Comida terráquea... ela disse para si mesma, na defensiva, que fora criada com a comida darkovana e a apreciava, mas gostava da variação, era bom provar uma coisa diferente.

Esquecera por completo as texturas diferentes dos alimentos sintéticos e provou-os como se efetuasse uma exploração.

Monty puxou uma cadeira e começou a devorar sua própria refeição. Observou satisfeito a extensão do que Magda já relatara e comentou, feliz:

— Isso é maravilhoso! Você merecerá uma referência nos livros de história e não Vou negar que também terei uma, por persuadi-la a falar!

Ela riu, empurrando para o lado um tubo de sintético com sabor de maçã. Aquela coisa, ela decidiu, continuava tão insossa quanto se lembrava.

— Você deve ganhar uma referência por si mesmo. Ou não planeja seguir os passos do Velho?

A risada de Monty criou subitamente uma intimidade entre os dois.

— Você sabe e eu também sei que meu pai não tem mais condições de ser coordenador em um planeta como Darkover do que aquele burro em uma de suas histórias folclóricas... Duran, não é mesmo?

— Durraman — disse Magda. — O que passou fome até a morte, entre dois fardos de feno, porque não foi capaz de decidir qual comer primeiro...

— Falando sério, Magda, a culpa não é dele; meu pai queria apenas comandar uma estação espacial, foi treinado para isso, mas acabou se envolvendo com o bando político errado. Sorte minha, é claro, porque este se tornou o meu mundo desde o momento em que pude decidir... Mais café?

Ela sacudiu a cabeça, empurrando a bandeja para o lado.

— Estava ótimo, pelo menos para variar.

Ele olhou para o seu cronômetro, que indicava a hora do Império.

— Não precisa se apressar, pois suas botas não ficarão prontas antes de mais uma hora, mas não quero lhe pedir que dite mais alguma coisa, pois já realizou um trabalho excepcional. Não tenho palavras para agradecer, mas encontrará uma bonificação em seu crédito quando voltar... Por falar nisso, quando pretende voltar? O

Velho já falou sobre um cargo especial de ligação criado exclusivamente para você...

— Tenho mais quarenta dias para cumprir minha obrigação com a Casa da Guilda; depois disso, ainda não sei o que farei. Posso pedir uma troca de cidadania...

— Não faça isso! — ele protestou no mesmo instante. — A cidadania do Império é valiosa demais. Haldane já solicitou a cidadania para Jaelle, a fim de que a criança deles nasça como cidadã integral. Seja darkovana como quiser, mas mantenha sua cidadania... nunca se sabe.

Isso mesmo, aquele era o estilo terráqueo. Defenda-se contra todas as contingências, nunca assuma um compromisso pleno sem deixar uma saída. Proteja-se contra todas as eventualidades. Magda olhou para seu relógio.

— Preciso dar um pulo agora até Informações para falar com Cholayna...

— Ela está de folga — informou Monty. — Por acaso sei que foi para o Centro de Meditação e deixou um aviso para não ser incomodada pelo menos por dezoito horas.

Desconfio que se encontra num tanque de isolamento ou algo parecido... Ela pertence a uma daquelas estranhas religiões de Alfa. Uma mulher muito esquisita, embora seja bom ter uma pessoa realmente competente em Informações. Só tem uma desvantagem: ela não pode fazer trabalho de campo. Por isso, dependemos de você, Magda.

Posso lhe pedir um favor pessoal?

— Sempre pode pedir — respondeu ela, sorrindo.

Subitamente, Magda compreendeu que, em certo sentido, estava flertando com ele, deixando que a parte pessoal do contato prevalecesse por um momento sobre o lado profissional, como uma maneira de lisonjeá-lo... Isso era digno de uma amazona? Era o estilo terráqueo. Ela nunca o percebera antes, mas agora sabia o que estava fazendo e ouviu a voz ríspida de Rafaella: É tão importante assim para você que um homem a considere bonita? Rafaella não tinha o direito de falar assim, pois tinha três filhos de pais diferentes... Pelo menos Camilla, que era amante de mulheres,

era mais coerente! Mas apesar de todas as suas dúvidas, era tranquilizador descobrir que ainda podia atrair a atenção de um homem, não apenas em termos profissionais, mas também como mulher.

— Você sabe como passar por nativa, Magda. Haldane também é capaz disso. Usarei os corticadores de Braniff-Alfa. .. acreditarei que é seguro, pois você assim diz... mas pode me explicar tudo o que eu fizer de errado, a fim de poder passar por um nativo na Cidade Velha, como você, Haldane e Cargill fazem?

— Por que não pergunta a eles? São homens e saberiam o que é necessário para um homem...

— Não. Prefiro sempre confiar numa mulher para reconhecer um homem e num homem para reconhecer uma mulher. Por exemplo, acho que eu a reconheceria mesmo que estivesse usando roupas darkovanas... isto é, quando não estiver com a guarda abaixada, como acontece aqui. Creio que a perceberia no mercado, por exemplo. Você não anda exatamente como elas... Não, a diferença está em seus olhos, não os mantém abaixados, não da mesma maneira. Você... — Ele hesitou, procurando pelas palavras certas. — ...mantém os olhos abaixados, mas posso perceber que faz isso de uma maneira deliberada, não automática. É apenas por ser uma Renunciante?

— Talvez, em parte. Mas você tem razão, sempre tive problemas com isso. E agora vá vestir seu traje darkovano e lhe direi o que está errado. Enquanto se arruma, aproveitarei para dar um pulo à transferência de crédito... Ah, essa não, não posso entrar no QG com este traje! Acionaria todos os alarmes!

— Uma das mulheres do meu escritório é mais ou menos do seu tamanho e vive neste corredor; pegarei um uniforme emprestado para você.

Magda concordou, advertindo-o a não dizer a ninguém quem era. Não queria, em seu dia de folga, ficar cercada por velhos conhecidos, ansiosos em saberem detalhes de sua curiosa missão no campo. Ao voltar com o uniforme, Monty ficou de lado, deixando-a trocar de roupa em seu quarto. Magda sentiu-se surpresa ao experimentar a sensação de que estava nua, com a túnica e calça

justas, depois de meses usando os trajes folgados de amazona, que nada revelavam. Estava consciente de seus cabelos curtos, até para uma terráquea, mas escovou-os num penteado elegante. Monty, previdente, pedira também alguns cosméticos, a fim de que ela pudesse se arrumar direito.

Quando ela saiu do quarto, ele soltou um assovio de admiração.

— Naquele traje que você usava, eu não havia percebido como é espetacular!

Magda tornou a rir, compreendendo como se distanciara de tais elogios. Parecia familiar e estranho ao mesmo tempo andar pelos corredores do QG, sabendo que o uniforme a tornava invisível, era apenas mais uma funcionária com o direito de ali estar. Era diferente e de certa forma confortador abandonar sua identidade individual e mergulhar no anonimato.

Muito em breve terminaria sua reclusão. Haveriam de querê-la de volta aqui? Se assim fosse, então teria de reconhecer para todas as suas irmãs que era terráquea; iriam odiá-la por isso? Quando ela voltou, Monty estava outra vez em traje darkovano e Magda empenhou-se numa avaliação crítica.

— Seus cabelos estão muito curtos. Para que pareçam certos, deve deixá-los crescer pelo menos até aqui. — Ela passou a ponta do dedo pelo pescoço de Monty. — E agora ande para eu ver...

Ela observou-o com uma expressão compenetrada e finalmente disse, franzindo o rosto:

— Já sei o que é. Você anda muito... muito leve, desembaraçado. Os darkovanos... todos os homens, à exceção dos mendigos e aleijados, crescem usando uma espada; mesmo quando não a levam, dão a impressão de que estão com a espada, se entende o que quero dizer. Tome aqui. — Magda estendeu sua faca de amazona, que deixara de lado. — Ponha no cinto... experimente andar com isso. Não é uma espada, é claro...

— Pois parece uma espada.

— Legalmente não é — respondeu Magda.

— Por lei, nenhuma amazona pode usar uma espada.

— Qual é a diferença? — indagou Monty, estudando a lâmina. Magda sabia que parecia muito com o que qualquer terráqueo chamaria de espada e respondeu secamente:

— Cerca de oito centímetros.

Os dois riram, enquanto Monty ajeitava a faca no cinto.

— Não assim. Está se inclinando para um lado, a fim de compensar. E mantenha o pulso um pouco para trás, se não vai bater no punho da faca. Lembra quando começou a usar um rádio de pulso e teve de aprender a não esbarrar nas coisas? O pulso para trás... mais baixo... a fim de não atrapalhar, mas permitindo sacar rápido, se necessário. Tem de se condicionar psicologicamente; cresceu usando isso, começou a usar e a treinar quando tinha oito anos, nunca sai sem sua arma, iria se sentir nu se não estivesse aí, como se esquecesse de pôr a calça pela manhã.

— Santo Deus! — exclamou Monty. — Eu já sabia que a cultura era agressiva, mas eles começam mesmo a usar uma espada tão jovens assim, aos oito anos?

— Os homens do vale. Nas montanhas os meninos começam a carregar adagas quase que na ocasião em que aprendem a andar... e a usá-las também. É apenas parte das realidades de seu mundo; há muitas coisas maiores do que eles por lá. E até que possa sentir isso no fundo de seu ser, não apenas conhecer intelectualmente, nunca terá mais do que uma compreensão superficial do que é ser um homem em Darkover. Suas mulheres são menos protegidas do que nossos homens... Havia mulheres nas linhas de fogo e nem todas eram Renunciantes!

Depois de uma pausa, Magda sugeriu:

— Deveria arrumar uma espada e usá-la durante todo o tempo em que estiver em seu alojamento.

— Como poderia sentar com uma coisa assim?

— É justamente esse o objetivo — respondeu Magda. — Use por seis semanas e saberá. Poderá sentar e levantar, andar, trabalhar e correr, entrar numa taberna sem esbarrar em outro homem.

Monty acenou com a cabeça lentamente.

— Haldane fazia tudo isso?

— Tudo isso e ainda mais; o pai deixou-o treinar com um mestre de-armas, junto com os outros meninos de sua idade, na aldeia em que fomos criados. Ele me disse uma vez que se sente despido no uniforme do Império. Também me sinto assim.

Magda encaminhou-se para o outro cômodo, a fim de tirar o uniforme, acrescentando:

— Além disso, dance o máximo que puder. Os homens aqui começam a aprender a dançar aos cinco anos de idade. Como todo mundo.

— Já soube disso — murmurou Monty. — O antigo provérbio... “Junte três darkovanos e eles promoverão um baile”. Fiz algum estudo de bale e de artes marciais antes de voltar para cá... e também a dança da gravidade em Alfa.

— Isso explica tudo... como você consegue passar um pouco por darkovano. Não anda como a média dos terráqueos, que não têm a menor noção de como se movimentar.

Já havia notado que é bastante gracioso em seus movimentos. A maioria dos darkovanos acha que os terráqueos são incrivelmente desajeitados. A dança, eles dizem, é uma das poucas atividades exclusivamente humanas. A maioria das coisas é feita também por animais, mas há um ditado: “só os homens riem, só os homens dançam, só os homens choram.”

— Já notei isso, pela maneira como homens e mulheres se movem, graciosamente... e você também é assim... como se fosse uma pena...

Magda sentiu-se subitamente contrafeita pela maneira como ele a observava.

— Preciso trocar de roupa para ir embora. Nem mesmo uma prostituta sairia às ruas assim.

Monty não desviou os olhos.

— Não consigo decidir de que maneira gosto mais de você. As mulheres darkovanas são tão recatadas, tão... — Ele hesitou, procurando por uma palavra. — ...tão femininas. . Fazem com que eu me torne mais consciente de mim mesmo como homem. Contudo, em seu traje de amazona, você parece tentar contestar

tudo isso, manter-se distante. E de uniforme... você é muito bonita, Magda.

Ele se adiantou, virou-a lentamente e beijou-a.

— Venho querendo fazer isso desde que a vi pela primeira vez, naquele dia na Casa da Guilda, quando ficou tão zangada comigo. E agora, quando sei que não é uma megera ou uma mulher irascível, mas sim muito bonita e... tantas coisas... uma colega, amiga e mulher também...

Ele parou de falar e tomou a beijá-la. Depois de um momento, Magda murmurou:

— Sou tão intimidativa assim?

— Não agora. Não troque de roupa ainda, Magda. Fique aqui mais um pouco...

Ele tornou a puxá-la. Deixando-o beijá-la de novo, Magda sentiu outra vez a curiosa ambivalência. Gostava de Monty. Não queria que ele se sentisse atraído por ela daquele jeito. Mas era tranquilizador saber que mesmo através de suas defesas ainda era desejável... Ele beijou-a no pescoço e Magda se desvencilhou, perturbada.

— Não, Monty, não — ela murmurou. — Vim até aqui com você para trabalhar e não para... não para isso.

Ele não se afastou.

— Não é verdade o que dizem... que as amazonas odeiam os homens e são amantes de mulheres, não é mesmo?

E isso é o que dizem e agora especulo se é verdade? Uma das mulheres disse um dia numa Sessão de Treinamento... que uma mulher que dá seu amor aos homens é traidora das outras mulheres, que os homens sempre tentam nos reduzir apenas a uma coisa que podem ou não podem ter como uma conquista sexual, porque isso significa que não precisam nos levar a sério. Ele estava dizendo que o meu trabalho é considerado um padrão de excelência aqui... precisa me seduzir só para provar que apesar disso não passo de uma mulher para ser conquistada?

Mesmo assim, Magda deixou que ele a levasse para o sofá, entregou-se a seus beijos. Estava apreensiva, consciente de sua própria reação.

Não quero. Tenho vivido sozinha e na abstinência há mais de um ano, deveria estar ansiosa. Ele é muito atraente, mas realmente não quero. O que há de errado comigo?

Nunca deveria ter permitido que chegasse a esse ponto. Se tencionava detê-lo, deveria ter agido de maneira rápida e decidida, quando ele fizera o primeiro movimento, mas deixara-o pensar que também queria. Seria ordinário e mesquinho detê-lo agora. E, afinal, não sou virgem!

Depois de algum tempo, Monty sussurrou:

— Isso é absurdo, Magda, ficarmos nos beijando como crianças, inteiramente vestidos... somos ambos adultos racionais. E você também me quer, não é mesmo?

Quero? Não quero? Ou apenas quero assegurar a mim mesma que ainda sou capaz de reagir a um homem, que não me tornei uma coisa estranha e assexuada — como Camilla — e por que estou pensando agora em Camilla? Isso a assustou. Ela levantou os olhos e sorriu.

— Claro que quero, mas nunca Vou para a cama com um homem antes de conhecer seu primeiro nome.

Ele riu, de alívio e satisfação. Os olhos estavam escuros e brilhantes, o rosto afogueado.

— Então não há problema — ele murmurou, ressaltando o absurdo. — Não o uso porque não existe um equivalente darkovano. Isso não incomoda meu pai, mas me incomoda.

Não gosto de ter um nome que ninguém pode pronunciar e por isso me tornei Monty. Meu nome é Wade. Deveria assumir um nome darkovano, mas ainda não consegui me decidir.

Não é ridículo? Mas se é tudo o que precisa...

Ele inclinou-se para Magda rindo, ela sorriu e deixou-o arrastá-la outra vez para o sofá.

Quando Magda se vestia, na frente do espelho, ele aproximou-se e tocou gentilmente em seu rosto, murmurando:

— Você é adorável, mas nessas roupas parece dura e estranha. Detesto vê-la se esconder nelas, mesmo agora que sei que é uma mentira, que você não é realmente assim.

Magda pousou a mão de leve no braço dele.

— Não, Monty, não é uma mentira. É... parte do que sou. Pode compreender?

— Não. Nunca poderei. Mas Vou tentar. E agora vamos tomar aquele drinque?

Monty tentava aceitar a atitude dela, Magda porém apreciava-o um pouco mais, agora que sabia que não fora inteiramente casual para ele.

Também não foi casual para mim. Gostei e ele é um amigo, mesmo que não represente mais do que isso. É errado querer proporcionar prazer a uma pessoa por quem se tem amizade, mesmo que seja um homem? Ela sentou ao lado de Monty, bebendo, sabendo que ele precisava de alguma forma permanecer junto, através de toda aquela estranheza.

Magda desejou poder fazê-lo entender que era estranho também para ela.

Entregar-me apenas no momento que eu escolher — ...As palavras do Juramento ressoaram em sua cabeça. Mas não sei mais o que isso significa. Eu o estava usando por minhas próprias necessidades... não necessidades sexuais, mas a necessidade de demonstrar a mim mesma que ainda podia atrair um homem? É isso o que o Juramento significa, usar os homens para nossas necessidades, em vez de permitir que nos usem para atender às suas? Não temos todos necessidades?

— É difícil ficar envolvido ou não ficar — murmurou Monty, hesitante. — Eu... eu não quero casar. E, no entanto, não consigo me interessar pelo tipo de mulheres que poderia encontrar na zona do meretrício. Não Vou negar que andei por lá, porque... porque... sei que isso não faz sentido... porque de certa forma aquelas mulheres eram Darkover para mim. A única parte que eu podia ter. O mundo real se encontra a um bilhão de anos-luz daquelas mulheres e sei disso, mas eu posso... podia tê-las, pelo menos num sentido limitado, enquanto não podia ter o resto. Compreende o que estou dizendo? E... ocorreu-me subitamente... esta mulher sabe, posso me nivelar com ela... e quero que saiba que não a convidei para vir até aqui com a intenção de seduzi-la, isso não me passou pela cabeça...

— Não tem importância, Monty. As coisas acontecem. É como você disse, somos ambos adultos.

Ela tomou um gole do drinque e afagou a mão de Monty. Como era absurdo que fosse ela quem devesse tranquilizá-lo!

— Você não poderia me indicar onde posso encontrar uma espada? — ele perguntou. — Eu gostaria de experimentar sua sugestão.

Magda acenou com a cabeça e disse:

— Claro que posso. Embora, na verdade, Peter saiba mais a respeito. Ele conhece armas e eu não tenho muita condição de julgar, apesar de ter aprendido alguma coisa, muito pouco. Peter é realmente um perito.

— Está certo, falarei com ele, embora não o conheça muito bem. Para dizer a verdade, conheço a esposa um pouco melhor, estamos sempre trabalhando juntos. Jaelle não é sua amiga?

— Minha mãe-de-juramento na Guilda. É um relacionamento muito especial.

Magda se perguntou por que o pensamento a enchia de angústia. O que ocorrera entre as duas, fazendo com que não fossem mais amigas tão íntimas como antes? Não queria pensar a respeito.

— Ela é muito simpática, mas parece isolada aqui, fora de seu ambiente — comentou Monty. — É competente... e muito. Mas parece extremamente triste. Deve estar muito apaixonada por aquele homem para trocar seu mundo pelo dele. Uma mulher capaz de fazer isso por um homem... oh, droga!

O discreto carrilhão da porta interrompeu a conversa.

— Verei quem é e tentarei despachar, está certo, Magda?

— Não por minha causa Monty. Preciso ir buscar minhas botas. Ele foi abrir a porta.

— Oh, Li, entre. Já conhece Lorne, do Serviço de Informações?

— Cholayna me contou muitas histórias a seu respeito — disse Alessandra Li, inclinando-se para a mão de Magda.

Ela pegou a faca e ajeitou-a no cinto, fantasiando que os olhos de Alessandra Li a acompanhavam atentamente. Cor ou, sabendo

que isso era tolice. Ele não podia saber o que acontecera ali e provavelmente não se importaria se soubesse.

— Converse com Peter a respeito, Monty — disse ela. — Ele poderá conseguir uma boa espada e sei que comprar espadas é uma coisa bastante especializada... é preciso conhecer o assunto e não são baratas, num planeta pobre em metais como este. Mas é um investimento para uma vida inteira.

— Pensando em se tornar espadachim, Monty?

— Não, mas nunca poderei passar por um darkovano no campo se não aprender a manejá-las ou pelo menos dar a impressão de que sei.

— Não é o tipo de coisa que me atrairia — comentou Li, indiferente. — Conheço muito bem seu trabalho, Srta. Lorne, e é um prazer encontrá-la. Por falar nisso, Jaelle me deu o nome darkovano de Aleki.

Magda balançou a cabeça.

— Vivendo aqui, é uma boa idéia ter um nome darkovano, aprender a responder e a pensar nele como seu verdadeiro nome, um reflexo automático.

— É esse o problema com meu pai — disse Monty. — Ele não pode se imaginar tendo qualquer coisa relacionada com este mundo. Depois... de quanto tempo?... doze, treze anos, ele ainda se sente um forasteiro.

— Mas no final das contas ele é mesmo um forasteiro — disse Aleki. — Não é saudável... pode ser útil para o nosso trabalho, mas não é saudável... pensar em si mesmo como pertencendo a um mundo estranho. Não creio que seja certo sequer perder de vista que isso é uma farsa, uma máscara... deixar que a máscara se torne real.

Admito, é claro, que ao designarmos um Legado para cá deve ser um homem que tenha uma preocupação genuína com os nativos e possa se identificar com eles. Mas deve ser primeiro e acima de tudo um profissional de carreira do Império. Vejam o caso de Haldane, por exemplo. Ele é inteligente, conhece este planeta pelo avesso, possui uma mente como a proverbial armadilha de aço. Quando for um pouco mais velho... claro que não preciso dizer a

vocês que dependerá em parte do meu relatório a decisão de instalar ou não um Legado aqui e quando. Haldane é dinâmico e ambicioso... tem um outro ponto desfavorável em sua ficha, mas ainda é jovem e está aprendendo.

O que acha, Srta. Lorne? Peter Haldane daria um bom Legado ou você não é a pessoa certa para se perguntar? Já foi casada com ele, não é mesmo?

— Não sei se sou ou não a pessoa certa para perguntar. Gosto de Peter, mas não sou cega a seus defeitos, se é isso o que está querendo dizer. Claro que ele daria um Coordenador melhor do que Russ Montray. Quem não seria? — Ela olhou para Monty, com uma expressão de quem se desculpava. — Qualquer um seria. Até eu.

— Você poderia ser uma Coordenadora se fosse em outros mundos, mas não em Darkover — disse Aleki. — É uma dessas coisas insuperáveis: esta sociedade não aceitaria uma mulher no cargo. Se quiser um cargo de Coordenadora em outro lugar, Lorne, posso dar um jeito, nunca aqui. Mas estava me dizendo o que pensava de Haldane...

— Não tenho certeza se os erros que ele cometeu são reversíveis ou se representam uma falha em sua imaginação — disse Magda, falando devagar, quase em tom de desculpa.

— Mas ele está comprometido com Darkover e quer permanecer aqui.

— Não sei se numa posição fundamental como esta deve-se querer um homem que seja incontestavelmente leal ao Império, que ponha o império em primeiro lugar e o planeta específico em segundo... Magda sacudiu a cabeça.

— Se dependesse de mim, seria um homem que pensaria primeiro no planeta... só para contrabalançar todos aqueles burocratas que colocarão o Império em primeiro lugar; um Legado deve ser um porta-voz do planeta.

— Essa função é para seus senadores e outros altos funcionários no governo do Império, embora seja verdade que às vezes se pensa no Legado como um homem que deve falar pelo mundo em que se encontra — disse Aleki. — Mas isso não passa de teorias diferentes sobre os critérios de designação das pessoas. É

por isso que você nunca daria para ocupar uma função acima de Coordenadora, mesmo que os darkovanos aceitassem uma mulher no cargo. Sua folha de serviços mostra que possui uma tendência para se tornar nativa... pensar do ponto de vista planetário, não do Império. Um Legado não pode ser provinciano, pensar em termos do planeta. Haldane pelo menos parece estar se esforçando para desenvolver um ponto de vista mais amplo. — Ele aceitou o drinque servido por Monty. — Obrigado.

— Eu não quero mais — disse Magda. — Uma Renunciante não pode sair embriagada pelas ruas, nem mesmo no Festival. Porém aceito mais café; está uma delícia.

Monty indicou a pilha de fitas na mesa ao lado do sofá e disse:

— A Srta. Lorne veio até aqui em seu dia de folga para nos fornecer mais informações sobre as Renunciantes.

— E agora passarei o resto do dia com as mulheres da Casa da Guilda...

— Fique mais um pouco — pediu Aleki. — Venho querendo conversar com você desde que Jaelle a mencionou. Procurei tudo que havia a seu respeito nos registros. Enquanto estava nas linhas de fogo, vi algumas mulheres da Casa da Guilda de Neskaya...

— Nós de Thendara também estávamos lá, mas não o vi.

— Não teria me notado se visse — comentou Alessandra Li, jovialmente. — Apresentei-me como surdo-mudo e um servo ainda por cima.

Monty soltou uma risada.

— Foi exatamente o que Magda disse que eu deveria simular, andando pelas ruas esta manhã!

— Esteve nas Colinas de Kilghard. Sabe alguma coisa sobre... — Aleki hesitou por um instante. — ...o Comyn?

— Tudo o que sei consta do meu relatório de Ardais — respondeu Magda, consciente de que se esquivava à pergunta.

Ele franziu o rosto.

— Não é suficiente. Estou convencido de que o Comyn, quem ou o que quer que seja, representa a chave para este planeta enigmático. Você sabe o que costuma acontecer: normalmente os habitantes de um planeta nos procuram, suplicando pelo ingresso no

Império... ansiosos pela tecnologia, por todos os benefícios de um Império em expansão pelas estrelas. Mas as pessoas aqui pensam em sua pequena bola de lama congelada como o próprio centro de todo o universo!

— Não pode culpá-las por isso — disse Magda. — Não é o que acontece com todos?

— Não é uma questão de culpa. Mas Darkover é uma anomalia e eu gostaria de saber por quê. Não posso perguntar muitas coisas sobre o Comyn a Jaelle... Pelo que sei, ela é relacionada com alguns de seus membros. Não temos homens no campo... Ouvimos um rumor na Cidade Comercial, há poucos anos, de que havia alguma espécie de luta pelo poder no Comyn. Tinha alguma relação com o que chamam de Torres, uma rebelião liderada por um homem chamado Lorde Damon Ridenow... e quando fui ajudar no combate ao incêndio, lá estava ele, comandando toda a operação.

— Ora, deve estar a par de tudo o que acontece por lá. Afinal, tem um dos melhores agentes no campo que já conheci. Nunca o teria reconhecido se não ficássemos acuados juntos pelo fogo, a ocasião em que o ouvi praguejar em terráqueo.

E nesse instante Magda foi dominada pela dúvida: ouvira-o de fato ou apenas captara seu pensamento com aquele sentido extra-especial que parecia estar desenvolvendo?

— Um dos melhores agentes no campo? Mas do que está falando? Não temos ninguém nas terras de Alton. O único agente realmente competente nosso é Kadarin, e se encontra nas Cidades Secas, com Cargill. A quem você se refere?

— Eles o chamam de Dom Anndra...

Magda parou de falar ante a súbita e intensa expressão de triunfo de Aleki.

— Eu sabia! Tinha certeza, apesar de toda aquela conversa sobre contratos e aquele homem se encontrar no emprego legítimo de Lorde Damon! Ele conseguiu se sair tão bem por lá porque não tem vínculos conhecidos com Informações... E como dizem que a nobreza darkovana usa poderes para-normais, não poderíamos sequer infiltrar um agente secreto entre eles, pois leriam sua mente! Mas conseguiram realizar uma autêntica operação secreta! O avião

caiu por lá, ele foi relacionado como morto e agora você diz que esse Anndra... Mas eu vi o homem, correndo de um lado para outro como o companheiro inseparável de Lorde Damon, não o reconheci como um agente nosso!

— E acho que ele não é — murmurou Magda, recordando o homem que encontrara no estábulo naquela manhã. O homem era um deles agora, não estava mais dividido entre dois mundos conflitantes; encontrará seu lugar. — O Império relacionou-o como morto. Talvez ele prefira assim.

Mas Aleki não estava prestando atenção.

— Preciso descobrir o que ele sabe. Neste momento, quando estamos tomando decisões realmente cruciais sobre Darkover, ele pode ser a chave para todo o problema.

Juramentos Conflitantes. O Juramento da Renunciante era da maior importância para ela, mas de certa forma também tinha um juramento ali. Era terráquea, embora não o desejasse, e o pensamento apavorou-a. Levantou-se, decidida.

— Tenho de ir agora, Monty. — Quando ele se levantou para acompanhá-la, Magda sacudiu a cabeça e acrescentou: — Não precisa. Eu já conhecia todos os caminhos por aqui quando você ainda estudava para os exames no Serviço.

Ela percebeu que o comentário o magoara. Monty estaria tão consciente assim de si mesmo como um novato e dela como uma veterana? Ele não merece outra coisa que não o melhor de mim. Usei-o e me desprezo por isso, agora tento fazer com que se sinta diminuído. Como sou mesquinha! Ela deixou que Monty a abraçasse.

— Vai ao Baile do Festival no Castelo Comyn?

— Uma Renunciante? Essa não! — Magda não pôde deixar de rir. As pessoas no castelo nem sabem que existimos; convidariam vocês primeiro.

— Foi exatamente o que fizeram — informou Monty. E Aleki acrescentou:

— Eu também irei. Vim comunicar isso a Monty e foi um dos motivos pelos quais fiquei satisfeito por encontrá-la aqui, Srta. Lorne.

Ele entregou um pergaminho a Monty e continuou:

— Como pode verificar, solicita que o Coordenador, com membros escolhidos de sua equipe, compareça ao baile, como um gesto de boa vontade entre terráqueos e Darkover.

Devemos levar pessoas que vivem aqui há muito tempo, sabem como se comportar de maneira apropriada, dançam bem e assim por diante... É o seu caso, Srta. Lorne.

— Eu já sabia — comentou Monty. — O Velho tinha mencionado. Mas com tanta coisa, Magda, não tive oportunidade de avisá-la.

Ela achou que o sorriso de Monty parecia estranhamente infantil e vulnerável, uma faceta que nunca vira antes, oculta por trás da máscara firme que os homens do Império usavam. Peter também exibira essa faceta. Magda especulou se todos os homens seriam assim, até mesmo os de Darkover, como Dom Gabriel ou Kyril Ardais, escondendo-se por trás dos papéis imponentes que ocupavam em sua sociedade. Os homens se encontram tão acuados quanto as mulheres em seus papéis sociais, não é mesmo?

Mas pelo menos eles tinham os benefícios desses papéis; era mais fácil desempenhar o papel de amo que o de escrava!

O primeiro impulso de Magda foi o de recusar no mesmo instante. Uma Renunciante no Baile do Festival e integrando a delegação terráquea? Se alguém que a tivesse visto na Casa da Guilda comparecesse, sua cuidadosa cobertura de meio ano estaria liquidada.

Mas teriam de saber quem ela era, mais cedo ou mais tarde. Era mesmo uma terráquea; por que fingir que não era? Além do mais, era a primeira oportunidade que uma terráquea já tivera, e poderia ser a única, de comparecer a um Baile do Festival no Castelo Comyn.

— Você pode me informar de tudo o que preciso saber e evitar que eu cometa algumas gafes — sugeriu Aleki.

— E meu pai vai chefiar a delegação — disse Monty. — Deve isso a todos nós, acompanhar-nos e evitar que ele faça alguma coisa vergonhosa...

— Tenho certeza que Jaelle... ou Peter...

— Não sei se Jaelle gosta de mim — interrompeu-a Aleki. — Ela se mostra bastante cortês, é claro, mas tenho a impressão de que luta contra mim. Haldane tem ressentimento de mim e não o culpo por isso. Sua carreira é aqui neste mundo, eu apareço de repente e logo Vou embora, mas meu relatório pode promovê-lo ou liquidá-lo. Não há possibilidade de que ele possa algum dia gostar de mim. Eu gostaria de ir com alguém que não me fosse hostil.

Magda suspirou e balançou a cabeça.

— Quando apresenta a situação assim, não posso deixar de aceitar.

— Tem alguma coisa para usar? Ou devo pedir que providenciem uma roupa para você?

— Não precisa. Dama Rohana me deu um vestido de baile no Solstício do Inverno... e já me perguntava se não teria uma oportunidade de usá-lo de novo.

— Devo ir buscá-la na Casa da Guilda? — indagou Monty. Ela riu jovialmente.

— De jeito nenhum! Posso até imaginar os comentários que isso provocaria! Adoro minhas irmãs, mas elas possuem uma característica que desprezo nas mulheres... gostam de mexericos! Não tenho raiva delas por se divertirem assim... mas também não quero participar. Irei me encontrar com vocês na rua, perto do castelo.

Ela estendeu a mão para Aleki; Monty insistiu em acompanhá-la até a porta.

Gosto mais dele como colega do que como amante. Prefiro ser amiga a amante. Relutante, Magda permitiu que ele lhe desse um beijo de despedida; não queria magoá-lo.

Voltando pelas ruas, recordou que Jaelle a acusara de ser protetora demais em relação aos homens. Provavelmente é verdade, ela pensou. Sou mais forte do que a maioria dos homens que conheço, e é muito fácil magoá-los. As amazonas dizem, que é errado magoar uma mulher; por que seria certo magoar um homem? Ou tantas mulheres sofreram tanto nas mãos dos homens — Camilla, por exemplo — que elas não mais acreditam que os

homens possam ser magoados, são sempre superiores e invulneráveis?

Ela podia sentir por Monty — sozinho e sem amigos num mundo estranho, — porque se lembrava quando ficara sozinha na colônia Alfa para treinamento, uma estranha de um mundo pioneiro, uma exótica, uma conquista difícil, haviam muitos homens que queriam seduzi-la por ser diferente, não por quem era ou pelo que era. Sentira-se muito solitária. E também estava solitária agora...

Os homens são tão fracos... Ou me cerco com homens que são fracos porque os fortes seriam um desafio excessivo?

Não havia ninguém de plantão no vestíbulo de entrada, mas Rezi veio da cozinha, as mãos sujas de farinha, para abrir a porta.

— Algumas de nossas irmãs da Casa da Guilda de Bellarmes estão aqui para o Festival. Você vai ao baile das mulheres esta noite, não é mesmo? Camilla disse que ia com você.

Magda pensou que teria preferido o baile das mulheres, mas sacudiu a cabeça.

— Lamento, mas já assumi outro compromisso. Não pensei que Camilla me incluiria em seus planos sem perguntar antes.

Rezi fez um gesto pesaroso.

— Está certo, mas não venha chorar em meu ombro se Camilla ficar furiosa com você.

Magda não gostou.

— Não sou propriedade de Camilla, nem ela é minha! Rezi riu e balançou a cabeça.

— Você e Camilla devem resolver suas brigas de amor sem me envolver.

Magda subiu a escada, de rosto franzido. Nunca lhe ocorrera que Camilla pudesse pensar que tinha o direito de esperar sua companhia no Solstício do Verão. Mas eu deveria ter imaginado. Irmãs-de-juramento são a família. Se pudesse optar, teria preferido a companhia de Camilla ou até mesmo de Rezi, a quem não conhecia direito e de quem não gostava muito, a sair com Monty, Aleki e toda a delegação terráquea. Mas dera a palavra, e era importante para seu trabalho.

Magda estendeu o vestido do feriado na cama para arejar; tomara um banho de chuveiro no QG terráqueo e por isso passou a escovar os cabelos. Camilla entrou no quarto e parou no mesmo instante, num espanto deliciado.

— Como está linda, bredda. Mas esse vestido é elegante demais para o baile das mulheres. Nossas irmãs de Bellarmes passaram dias na estrada e só trouxeram as roupas de viagem. Além disso, muitas das mulheres serão viúvas pobres e outras que gostariam de viver conosco na casa das amazonas se pudessem, mas têm crianças ou pais idosos de que precisam cuidar. Vestidos de Festival como esse fariam com que elas se sentissem maltrapilhas. É por isso que nunca nos vestimos muito bem para os bailes de mulheres. E tem outra coisa: vestidos assim servem apenas para atrair os homens!

— Oh, Camilla, sinto muito! Não posso ir com você ao baile das mulheres, pois tenho outro compromisso...

A voz baixa de Camilla era divertida.

— Sem dúvida foi convidada ao Castelo Comyn e o próprio Lorde Hastur dançará com você!

Magda riu, sem muito ânimo.

— Nada sei sobre Lorde Hastur, mas a verdade, Camilla... ora, você nunca acreditaria!

Ela parou de falar; não podia informar a Camilla sobre os terráqueos e a insistência de Alessandra Li de que era seu dever comparecer.

Por sorte Camilla presumiu imediatamente que ela recebera o convite por intermédio de Jaelle, que era sua mãe-de-juramento; e um convite do Comyn equivalia, no final das contas, a uma ordem real.

— Isso é maravilhoso! Terá de me contar tudo depois, bredda. Não tem jóias, mas posso lhe emprestar um colar de pedras-de-fogo, a cor que ficará melhor com esse vestido.

Camilla saiu para buscar o colar. Quando voltou, Magda ficou olhando aturdida para as pedras preciosas.

— É demais, Camilla, não posso aceitar...

— Por que não? O que é meu, também é seu. Além disso, tenho certeza de que nunca dançarei no Castelo Comyn com os

Hasturs. O colar era de minha mãe. Só tornei a vê-la uma vez depois... — Ela hesitou. — ... depois do que lhe contei. Um mensageiro me trouxe o colar quando ela morreu. Nunca uso jóias, mas não há motivo para que o colar permaneça eternamente na caixa e não seja exibido uma única vez na garganta de uma bela mulher.

Ela ajeitou-o no pescoço de Magda, que disse num súbito impulso:

— Você é linda para mim, Camilla! Camilla riu.

— Eu não sabia que você era tão deficiente da vista, junto com seus outros problemas.

Mas ela sorriu para Magda, abraçou-a e acrescentou:

— O baile do Comyn termina à meia-noite, mas continuaremos o nosso na praça até o amanhecer. Vá se encontrar conosco depois.

Magda murmurou, em outro impulso súbito:

— Eu preferiria ficar com você. Gostaria muito de poder acompanhá-la.

E é verdade. Isto não é um prazer para mim, mas um retorno ao serviço. Camilla vale dez deles e é muito mais divertida! O rosto de Camilla se iluminou.

— É mesmo?

Ela tornou a abraçar Magda, apertando-a, comprimindo o rosto contra seus cabelos. E sussurrou:

— Margali, Margali... sabe que eu amo você...

Camilla não pôde continuar. Depois de um momento, quando foi capaz de firmar a voz outra vez, ela acrescentou:

— Você não é uma cristoforo, como Keitha... isso não a horroriza...

Eu deveria esperar por isso. Tenho me esquivado desde que vim para esta casa. E descobri hoje que não era um homem o que eu queria. Não desejava Peter e Monty não foi melhor. Deveria ter compreendido desde o início.

Entreguei-me a Monty e não o desejava. Camilla é minha irmã, a amiga mais íntima aqui, cuidou de mim e permaneceu ao meu lado quando cai em desgraça, estava disponível sempre que me senti solitária e precisava de uma amiga, sem pedir nada, apenas me

oferecendo amor e devoção. Em nome da própria Deusa, como posso me manter cega à verdade, como posso me entregar a Monty, que nada representa para mim, e recusar isso a Camilla? Ela beijou os cachos grisalhos de Camilla, levantou seu rosto e beijou-a nos lábios. Camilla sorriu, ofegante, e Magda murmurou, hesitante:

— Eu... não sei... não, não sou cristoforo, a idéia não... me i perturba por esse aspecto, mas... não sei, nunca pensei a respeito...

Ela se calou, procurando pelas palavras certas. Nunca pensei sobre: isso, que podia amar minhas amigas, em vez de reagir aos homens, que me são tão estranhos, no final das contas... Sabia que era mais do que isso, não tinha muita certeza o quê, mas se fora capaz de fazer Monty feliz, quando ele nada significava para ela, também estava disposta, até mesmo ansiosa, em fazer a mesma coisa por Camilla.

— Mas não sei... nunca...

Camilla interrompeu suas palavras confusas com um beijo; e depois, pegando o rosto de Magda entre as mãos, fitou-a nos olhos, muito séria.

— Está mesmo dizendo a verdade? Mesmo quando era pequena, nunca teve nenhuma bredhya?

Atordoadada, Magda sacudiu a cabeça. Nunca. Não tive nenhuma mulher que fosse minha amiga, nem mesmo uma amiga comum, muito menos uma amante, até vir para a Casa da Guilda. Nem mesmo sabia que queria uma mulher como amiga até que me descobri arriscando a vida por Jaelle.

Pareceu que Camilla podia ler seus pensamentos, pelo menos um pouco.

— Está tudo bem, amor — sussurrou Camilla. — O amor é uma coisa simples, muito simples... deixe-me mostrar como é simples.

Capítulo Dois

Não havia nada dentro do QG para distinguir o Solstício do Verão do Solstício do Inverno. A luz era a mesma — não haviam janelas para puxar as grossas cortinas de inverno, nenhum cheiro de assado no ar, nenhum dos sons de diversão nas ruas. Mas quando Peter entrou, ela conseguiu encontrar um sorriso para lhe oferecer.

Ele tirou das costas e estendeu, meio inibido, um dos cestos de frutas e flores que ambulantes vendiam nas ruas naquela época. Jaelle ficou comovida; ele devia ter ido à Cidade Velha para comprá-lo.

— Do Solstício do Inverno ao Solstício do Verão, já estamos juntos há meio ano, Jaelle. Quem poderia esquecer isso? E no próximo Solstício do Inverno seremos uma família de três.

Peter abraçou-a e beijou-a, ela sentiu um fluxo de afeição por ele. Peter se lembrara. Mas não era como a antiga afeição. Esta desaparecera para sempre e havia apenas o vazio onde antes existira. Enquanto mordida uma fruta e ia buscar um recipiente com água para pôr as flores, Jaelle especulou se era por isso que as Renunciantes juravam nunca casar di catenas, porque o primeiro sentimento se desvanecera tão depressa... Ele se aproximou por trás, enlaçou-a e sussurrou em seu ouvido:

— Deve vestir seu melhor traje para o baile esta noite, mesmo que não dance muito em seu estado...

— Não quero ir ao baile público na praça — ela protestou. — É sempre muito apinhado e há gente tão ordinária... Às vezes uma amazona se mete em brigas com homens que querem provar alguma coisa...

— Não diga bobagem. Estarei com você; acha que deixaria algum homem pôr as mãos em minha esposa? Já sei, já sei, você é forte, seu Juramento diz que é capaz de se defender, mas se pensa que eu deixaria uma mulher grávida lutar... e, de qualquer forma, não iremos ao baile público. É uma ocasião famosa para Darkover, querida, tenho certeza que você vai querer participar. O Conselho do Comyn enviou um convite para Montray e uma delegação do QG

terráqueo; e é claro que decidiram que nós dois devemos comparecer, já que você é darkovana e eu trabalhei tantas vezes no campo que conheço os costumes, língua e protocolo para essas coisas. Estão tentando consolidar as boas relações ao pedir a presença de determinados membros da equipe...

— Isso certamente deixaria Russ Montray de fora — comentou Jaelle, notando seu tom azedo.

Peter sacudiu a cabeça.

— Infelizmente o Coordenador não pode ficar de fora. Mas já recebi um aviso extra-oficial de que devo ficar ao seu lado e cuidar para que não cometa nenhuma gafe. Você foi designada para ficar junto de Cholayna, já que ela nunca esteve no campo e nunca poderá ir. É a única mulher com uma posição condizente para acompanhar o Coordenador. Eu gostaria de podermos levar Magda, mas não creio que a deixariam sair da Casa da Guilda. Aqui entre nós, esperamos manter o Velho fora de encrencas.

Jaelle ainda se arrepiava com o tom de desrespeito de Peter. Se o homem era tão incompetente, deveriam removê-lo do cargo ou pelo menos providenciar para que fosse apenas um chefe nominal, sem qualquer poder; como o Conselho do Comyn fizera com vários reis recentes e ela achava que acontecera com Dom Gabriel, pois todos sabiam que Rohana fora o verdadeiro poder nos bastidores em Ardais, durante muitos anos. Peter mostrou-lhe o convite.

— Olhe só, fomos especialmente indicados... — Ele apontou. — Sr. e Sra. Peter Haldane.

Men dia pre'zhiuro... nunca mais ser conhecida por nome de pai, marido ou amante...

— Peter — ela disse, a voz perigosamente suave — não sou a Sra. Peter Haldane. Sou Jaelle n'ha Melora. Não tornarei a lhe dizer isso.

Ele se retraiu, mas protestou:

— Sei disso, amor, mas os terráqueos não compreendem; e que importância tem como eles a chamam? É uma formalidade legal, não mais do que isso. Provavelmente procurariam seu nome na folha de pagamento... não me culpe por isso.

Ela deixou o papel cair com uma estranha sensação de finalidade. Não era mais Jaelle n'ha Melora. Nem mesmo Jaelle, filha de Jalak. Apenas um apêndice de Peter Haldane, esposa, mãe de sua criança... Não sou ninguém. Não aqui. Peter está certo. Não tem importância. Ela percebeu que Peter relaxava.

— Eu tinha certeza que você entenderia, Jaelle. Essa é a minha boa menina. — Claramente sem fala, ela ouviu-o dizer Eu sabia que seria do meu jeito. — O que vai vestir? Não pode ir de uniforme nem no culote de amazona.

— Acho que usarei o vestido verde que Rohana me deu no Solstício do Inverno — respondeu ela, tentando reconstituir a emoção do primeiro baile juntos.

Mas Peter nem sequer se lembrava; balançou a cabeça e disse:

— Já foi vista nesse vestido; para esta noite, deve usar algo novo e especial.

— Tenho vestidos na Casa da Guilda, mas não entraria agora nas minhas próprias roupas. — Ela olhou pesarosa para a cintura que engrossava. — Mas Rafaella e eu sempre usamos as roupas uma da outra e ela é maior do que eu; seus vestidos caberiam perfeitamente em mim agora e ela teria o maior prazer em me emprestar um.

Como criticara Rafaella quando sua cintura aumentara e não pudera mais usar as roupas de Jaelle!

— Não posso permitir que você tome emprestadas as roupas usadas de outra mulher!

— Não seja absurdo, Peter. Para que servem as irmãs?

— Minha esposa não precisa pedir roupas emprestadas nem usar vestido velho!

— Ora, Peter, Rafaella se veste muito bem, nunca usa um vestido de Festival mais que uma ou duas vezes e ninguém aqui jamais viu qualquer deles. Seria a mesma coisa que um vestido novo.

Parecia outra vez que Peter era dois homens, seu amante e aquele terráqueo maluco, com preconceitos e idéias absurdas, interpondo-se entre ela e seu amado.

— Seja razoável, Peter. Onde encontraríamos em Thendara alguém para fazer um vestido no próprio Festival? Tenho de usar meu velho vestido verde, e não posso conceber que um vestido que só usei uma vez seja velho, tomar emprestado um vestido de Rafaella ou usar meu velho culote! — Ela soltou uma risada e arrematou: — Não há outra opção!

— Eu não tinha pensado nisso. O prazo é bem curto, não é mesmo?

— Ele franziu o rosto, depois seus olhos se iluminaram. — Já sei! Iremos à seção de trajes e pediremos que façam um vestido para você; não é feriado aqui. Pegue

o vestido verde... mandaremos copiá-lo em outro tecido. Gosta de azul?

O trabalho ocupou o resto do dia, quase não houve tempo para comer alguma coisa no jantar, antes de chegar o momento de se vestir. Parecia a Jaelle que estava sempre fazendo as coisas na maior pressa — comendo, recebendo e se despedindo, um banho de chuveiro, um papel com uma mensagem importante, uma roupa, um minuto para amar.

Começava a se cansar disso, mas também não podia se atrasar; quando o vestido chegou, levado por um mensageiro, cuidadosamente embrulhado num invólucro de plástico, ela contava os segundos, olhando ansiosa para o confortável traje de couro que usava em viagem, enquanto escovava os cabelos. À medida que metros e metros de saia se derramavam do invólucro, Jaelle ficou aturdida; era um vestido requintado, bem decotado, guarnecido com pele e bordados. Mas depois, examinando mais atentamente, ela verificou que não era seda nem pele... não havia um único centímetro de fio genuíno em todo o vestido.

Apenas produtos químicos, tudo artificial, como todas as roupas terráqueas. Se fosse uma fabricação darkovana, teria custado a receita de uma estação inteira de uma propriedade de bom tamanho, mas não passava de uma falsificação, uma fraude.

— Não posso usar isso, Peter!

Mas ele estava no chuveiro e não podia ouvi-la; e quando fechou a água, Jaelle já chegara à conclusão de que era impossível

recusar. Peter gastara uma semana de soldo para mandar fazer o vestido tão depressa; poderia ter requisitado como despesa de trabalho e devolvê-lo depois para reciclagem, mas conhecia a aversão de Jaelle pela reciclagem das coisas, pagara o vestido e providenciara para que ela o guardasse como um presente do Solstício do Verão.

Mas como poderia usar aquele vestido artificial? Pareceria como uma terráquea se fantasiando de darkovana... ora, é isso o que sou. Sra. Peter Haldane. Parte da delegação terráquea. Enquanto ajeitava os colchetes, ela torceu o nariz; o cheiro não era agradável. Vasculhou sua gaveta e pegou o pequeno sachê de seda que Magda lhe dera. Seu primeiro projeto de costura, Magda explicara, pedindo desculpa pelos pontos tortos; a costura irregular lembrou Jaelle subitamente de Camilla, seu primeiro ano na Casa da Guilda, ensinando uma atordoada criança das Cidades Secas a costurar.

Sempre pensei que cresceria em correntes. Havia me esquecido disso. Ela recordou seu primeiro ano ali, quando alcançara a maturidade. Na Casa da Guilda fora uma alegre e feliz comemoração, sua admissão na companhia das mulheres, enquanto em Shainsa teria sido acorrentada cerimonialmente. Mas aqui estou outra vez acorrentada... e se horrorizou consigo mesma. Kindra dissera muitas vezes que era melhor usar correntes reais do que se envolver de correntes invisíveis e fingir que se é livre.

Oh, mãe, mãe, como eu gostaria de conversar com você... Mas nem sequer consigo recordar o rosto de minha mãe, apenas o de Kindra...

— O que está fazendo, chiya? — indagou Peter, saindo do chuveiro, e começando a se vestir.

Jaelle mostrou o sachê e ele acenou com a cabeça em concordância.

— Já vi Magda fazer isso; ela costumava comprar suas roupas na Cidade Velha, quando podia... dizia que as roupas daqui nunca cheiravam bem... e nunca saía com um vestido sem antes esfregar uma mistura aromática nas costuras.

Ela me ensinou a fazer isso também.

Jaelle sentiu a fragrância familiar de incenso do manto de Peter, quando ele o pendurou nos ombros.

— É isso o que está errado em Aleki — declarou ela abruptamente. — Suas roupas vêm da seção de trajes e não cheiram direito.

— Tem razão — concordou Peter. — Eu sabia que havia algum problema, mas não conseguia determiná-lo. Eu falarei com ele, está bem? É melhor que ele escute de um homem... Está adorável, preciosa. Vamos embora.

Atravessando o mercado, embora alguns membros da delegação se queixassem do calçamento irregular e dos sapatos do feriado, Jaelle começou a acreditar que era mesmo o Solstício do Verão, com os cheiros e sons familiares, as multidões do Festival. Mesmo com as luzes que ardiam na Cidade Velha, ela podia divisar as quatro luas, todas próximas. O convite foi entregue na porta e ela ouviu os músicos já tocando. Uns poucos dançarinos profissionais faziam exhibições, enquanto os convidados vagueavam pelo salão, cumprimentando os amigos; e depois começou a primeira dança geral, Jaelle deixou que Peter a levasse. O vestido novo parecia mais leve que um traje de tecido genuíno; a sensação era de que ela flutuava, como se estivessem se dissolvendo tensões que não conhecia.

Nunca dançara antes no Castelo Comyn num Festival. Abrira mão dessa herança, passara a vida entre as Renunciantes, participando de suas comemorações mais simples no Festival. Contudo, poderia voltar ao castelo muitas e muitas vezes, se fizesse o que Rohana pedia e ocupasse seu lugar no Conselho. E Peter ficaria tão feliz... ela ficou chocada ao perceber que estava considerando a possibilidade e o choque foi seguido por uma onda intensa de vertigem, quase beirando à náusea.

— O que houve, chiya? Jaelle sorriu, debilmente.

— A gravidez não é fácil. Preciso respirar um pouco de ar fresco...

— Sente aqui... ao lado da porta aberta. Vou buscar um fresco. Jaelle suspirou aliviada ao se acomodar na cadeira.

— Não quero...

Mas Peter já se afastara, encaminhando-se apressado para a mesa do bufê. Ela estava perto das portas da varanda; o calor era intenso. Saiu para a varanda, debruçou-se na mureta de pedra, respirando o nevoeiro noturno.

O luar multicolorido transformava o nevoeiro em arco-íris. Ela podia sentir a fragrância das flores, ouvir os suaves ruídos dos insetos. Era extremamente agradável, depois de semanas dos cheiros e das horríveis luzes amarelas terráqueas no interior esterilizado do QG. Jaelle sentou num banco e ficou imóvel. Deveria entrar logo ou Peter ficaria preocupado quando não a encontrasse. Mas era maravilhoso sentar ali, respirar todas as fragrâncias do verão. Ela cochilou por um instante e despertou sobressaltada, ouvindo uma voz que não podia conciliar com os cheiros do jardim do castelo. Alessandra Li; um sussurro irritado em Padrão.

— Eu disse que ele estaria aqui! Que sorte!

— Alessandra... Aleki... Jaelle não conseguiu lhe ensinar coisa alguma? Ele é o gemo de Lorde Alton, não pode abordá-lo de repente e começar a fazer perguntas impertinentes sobre os problemas particulares do Domínio...

Era Magda! O que ela estava fazendo aqui?

— Não compreende, Magda. Esse homem é a chave para tudo o que preciso descobrir sobre Darkover. Carr sabe...

— Esse homem é Dom Anndra Lanart e é assim que você deve tratá-lo! — protestou Magda, bruscamente. — Não sei se ele é Carr ou não.. .

— Pois eu sei, pelas fotografias pessoais. E quem mais ele poderia ser? Você mesma disse que era um terráqueo!

— As fotografias que se danem! — exclamou Magda. Jaelle ouviu então a voz de Monty:

— Ele pode ou não ser o homem que você procura, Sandro. - Mas não pode abordá-lo aqui, e ponto final. Dance com ele, Magda; foi para isso que viemos, não para criar problemas.

— Não Vou criar nenhum problema — insistiu Aleki, ainda furioso.

— Mas preciso falar com ele; por que vocês não me ajudam a encontrar uma maneira, em vez de se manterem tão obstinados?

— Você é quem menos pode falar em obstinação! — exclamou Magda, também furiosa. — De uma vez por todas, tire isso da cabeça e pare de pensar como um maldito terráqueo, preocupado com os negócios até mesmo num baile do Festival!

— Magda Lorne! — Era a voz do Montray mais velho, tentando parecer jovial. — Isso é jeito de falar com seu superior e ainda por cima numa festa? Você está deslumbrante.

Monty, por que não me contou que a havia encontrado e convencido a vir? Eu poderia recorrer à hierarquia, filho, e a escolhido para minha acompanhante!

— Cholayna — disse Magda e Jaelle percebeu o alívio em sua voz, — como você está atraente! Veio com o coordenador?

Cholayna respondeu em sua voz gentil e neutra:

— Não recebi tantos olhares de estranheza quanto esperava. Não sei se é apenas uma questão de boas maneiras ou se eles simplesmente acham que todos os terráqueos parecem aberrações.

— Se são tão tacanhos a ponto de olharem espantados para você só porque a cor de sua pele é diferente — disse Alessandro Li, — então que se danem todos eles! Afinal, não passam de um bando de nativos ignorantes. Olá, Haldane. Onde está sua adorável esposa?

— Ela sentiu uma vertigem — respondeu Peter. — Deixei-a junto da porta, enquanto ia buscar uma coisa gelada para beber.

Jaelle, sabendo que era sua deixa, levantou-se e passou pela porta.

— Saí para respirar um pouco de ar fresco. Estava muito quente aqui dentro.

Ela pegou o copo que Peter estendeu e tomou um gole. Era o vinho claro das montanhas e levou-a a pensar no primeiro baile dos dois, no Solstício do Inverno. Especulou se Peter ainda se lembrava. Magda usava o mesmo vestido cor de ferrugem que pusera no Solstício do Inverno, com um magnífico colar de pedras-de-fogo; Jaelle adiantou-se para examiná-lo.

— Foi Camilla quem emprestou. É lindo... um dos tesouros de Camilla; ela me deixou usá-lo na festa na Casa da Guilda em que prestei o juramento...

Ao mencionar o nome de Camilla, ela percebeu alguma coisa que não pôde identificar; perturbação, apreensão... medo? O que estava incomodando Magda? Ainda podia percebê-lo, como um nevoeiro inquietante, quando Monty pediu uma dança. Ao se afastarem, ela reparou na maneira como a mão de Monty deslizou para o pescoço de Magda, o jeito como a envolvia de atenção, uma intensidade quase sexual... o que está acontecendo comigo, por que vejo coisas assim? Não pode ser um efeito secundário da gravidez; ou pelo menos nunca ouvi falar a respeito!

— Precisamos encontrar um meio de trazer aquela mulher de volta — disse Alessandro Li. — Sem ofensa, Haldane, mas ela vale dez outros funcionários no Serviço de Informações. Ela é um gênio, não podemos desperdiçá-la no campo desse jeito. Merece umas férias, é claro, mas não podemos correr o risco de que pule o muro. Parece ser isso o que aconteceu com Carr; pelo menos ele não está relacionado como em licença ou numa missão secreta. Mas cada vez que avistei Carr e tentei abordá-lo, com todo tato, Magda me arrastou para outra dança.

Magda está certa — interveio Jaelle, gentilmente. — Mesmo que esse Carr seja alguém que deseje conhecer, há uma maneira certa e uma maneira errada de fazer contato com uma pessoa. Nem mesmo no Solstício do Verão poderia se aproximar de Dom Anndra Lanart e dizer “Oi, Andy, quais são as novidades?”

Brutalmente, ela arremedou o sotaque terráqueo, deixando Peter arrepiado.

— Não sei por que não — declarou Montray. — Eu não seria tão grosseiro, é claro, mas poderia falar com um antigo funcionário, não que ele fosse do meu departamento, e pedir que tivesse a cortesia de aparecer para acertar sua situação legal. Há padrões de comportamento entre os terráqueos também... mesmo que não pense assim, Sra. Haldane. Lamento muito termos lhe causado uma impressão tão desfavorável.

Quando Magda e Monty voltaram, o Coordenador pôs a mão no ombro dela e disse:

— Srta. Lorne, quero lembrá-la que tanto Alessandro Li como eu somos seus superiores. É uma ordem oficial: encontre uma

maneira de nos comunicarmos com o homem chamado Carr e faça isso antes de irmos embora.

Magda reagiu friamente:

— Posso lembrá-lo que neste momento estou oficialmente de licença e me encontro aqui como um favor?

— Está aqui oficialmente sob minhas ordens, como todos os terráqueos neste planeta — declarou Montray, ameaçador. — O que também inclui Andrew Can. Não sei porque estamos tratando esse homem com luvas de pelica; afinal, ele é um cidadão do Império...

— De uma vez por todas, ele não é! — exclamou Magda. — Verifiquei sua situação legal. Ele está relacionado como morto e a morte legal acarreta a terminação legal da cidadania... e, legalmente, o término dos privilégios de cidadão acarreta também a libertação dos deveres de cidadão...

— Se vai argumentar com os aspectos legais — disse Montray, — ainda falta um ano para ele se tornar legalmente morto. Ainda será presumido como morto por mais um ano. Há uma diferença.

— Não é bem assim — interveio Peter. — Pelo lado darkovano, um homem é quem ele diz ser, a menos que tenha cometido um crime.

— Não passa de bobagem e sabe disso — respondeu Montray. Passou tanto tempo no setor darkovano que está se tornando nativo. E você, Srta. Lorne, vai obedecer à minha ordem ou pode ser removida deste planeta... É simples assim!

Acuada e furiosa, Magda disse:

— Se quer um escândalo que garanta que seremos não apenas a primeira delegação terráquea a vir até aqui, mas também a última, mantenha essa ordem! Numa questão específica envolvendo o protocolo no campo, e não pode negar que estamos no campo, um perito residente tem o direito legal de ignorar até mesmo uma ordem direta! de um Legado, se a referida ordem prejudicar a reputação e o crédito do Império. E, aceite minha palavra, é o que aconteceria com esta!

Controlando-se, ele fitou-a fixamente. Jaelle sabia que Magda estava certa. Mas qualquer dos dois recuaria? Finalmente Li indagou:

— Qual é então o protocolo correto para abordá-lo?

— É preciso uma apresentação por um conhecido mútuo — explicou Magda. — E a pessoa de posição superior é que deve tomar a iniciativa da apresentação. O Regente de Alton não veio este ano, fui informado que sua dama está doente, e Dom Anndra está aqui como seu delegado pessoal.

— Não percebe que é exatamente por isso que devemos falar com ele antes que torne a desaparecer? — disse Cholayna, gentilmente. Qualquer terráqueo que é capaz de subir tão alto na hierarquia de um Domínio... não sou perita como você, Magda, mas sei que isso é extraordinário.

— Se ele é membro da família do Regente de Alton — disse Magda, falando bem devagar, — a melhor opção seria enviar um homem a Armida e solicitar uma entrevista particular com Dom Anndra, não com Andrew Carr, providenciar para que a entrevista seja mesmo particular e abordar o assunto. Tratem-no como se ele fosse um agente no campo, cuja cobertura relutam em prejudicar.

— Não tenho tempo para isso — protestou Alessandro Li. Mas o velho Montray suspirou e disse:

— É isso mesmo. Acho que estou ficando muito velho para esse trabalho, Lorne. E me acostumei a tê-la como meu braço direito.

— Podemos arrumar isso — disse Cholayna, — mas vai demorar...

— Há tempo suficiente — interveio Monty. — Carr... isto é, Dom Anndra... não vai fugir. É evidente que está bem estabelecido por lá, absolutamente visível.

Ele tocou na mão de Magda e chegou mais perto, enquanto acrescentava:

— E se vamos passar a noite inteira discutindo aqui, os darkovanos certamente pensarão que estamos conspirando contra eles. Sugiro que dancemos. Posso...

Jaelle, observando-os atentamente, percebeu outra vez a tensão entre os dois; mas o velho Montray adiantou-se e disse, com uma jovialidade forçada:

— O cargo tem seus privilégios. É minha vez de uma dança, Magda. Eu não dançaria com qualquer outra, mas você sabe como

me fazer parecer aceitável.

Peter, também se lembrando do dever, perguntou a Cholayna:

— Não gostaria de dançar?

Ele se afastou, deixando Jaelle com Alessandro Li, que no mesmo instante a convidou também para dançar.

— Importa-se se eu não aceitar? — murmurou ela. — Ainda estou um pouco sem fôlego.

Ela ficou se abanando, observando os dançarinos. A música chegou ao fim e seus olhos se deslocaram para o lugar em que Peter e Cholayna pararam, perto do bufê.

— Quem é a mulher que foi falar com Haldane? — indagou Aleki subitamente.

Surpresa, Jaelle constatou que Dama Rohana deixara a linha de viúvas e se aproximara de Peter e Cholayna.

— É minha parenta... a irmã-de-adoção de minha mãe, Dama Rohana Ardais...

— E o homem ao seu lado?

— O filho dela, meu primo Kyril. Isso mesmo, eu já sabia da semelhança.

E era de fato maior do que nunca: Peter, em seu uniforme de gala terráqueo, os cabelos vermelhos cortados bem curtos brilhando no salão, e Dom Kyril, os cabelos um pouco mais longos, enroscando-se em torno das orelhas. Dom Kyril fez uma mesura formal e Jaelle observou-o dizer alguma coisa polida a Cholayna. E de repente parecia que o espaço entre eles no salão desaparecia, era como se ela estivesse parada ao lado de Peter e Rohana falasse em seu ouvido.

Jaelle está aqui, Peter? Eu queria conversar com ela sobre sua Participação no Conselho... ela já lhe contou, não é mesmo, que esperamos que participe do Conselho, como uma das poucas remanescentes em sucessão direta do Domínio de Aillard?

Jaelle sentiu que empalidecia. Não queria que Peter soubesse disso, evitava qualquer referência a respeito. O salão ao redor pareceu subitamente enevoado e escuro e no instante seguinte Magda se encontrava ao lado, segurando seu braço.

— O que foi, bredda? Está sentindo uma vertigem? Talvez não devesse ter vindo para um lugar tão apinhado. Sente de novo, por favor.

Ficaremos aqui um pouco, podemos conversar. Não imaginei que Peter pudesse trazê-la para cá esta noite se não estivesse se sentindo bem, de tanto que ele deseja uma criança...

Jaelle, através do contato de Magda em seu ombro, pôde sentir os pensamentos da outra, o pesar intenso, — você está fazendo o que não consegui, dar-lhe essa criança...

— Como soube? Marisela lhe contou? Magda sacudiu a cabeça.

— Não, ela não me disse nada. Você esteve na Casa da Guilda?

— Enquanto você se encontrava nas linhas de fogo, bredda, fiquei preocupada com você.

— Não foi ela quem me contou, foi Monty. Estive hoje no QG terráqueo, fazendo um relatório.

Magda relatou como Monty aparecera na Casa da Guilda e como acabara sendo convidada para o baile. Omitiu cerca de meia hora particular, mas Jaelle, com sua nova e assustadora percepção, descobriu o que acontecera e ficou chocada. Não queria saber. Por que Magda lhe contara aquilo? Mas Magda não dissera nada. Ela captara da mente da amiga. Laran, outra vez. A fim de se esquivar à apreensão, ela comentou, em tom irreverente;

— Igualzinha a uma terráquea, trabalhando todos os dias, até mesmo no Solstício do Verão!

Magda baixou a voz para dizer:

— Acho melhor falarmos em darkovano.

— Pensei que estivéssemos — murmurou Jaelle. — Isso é normal, Margali, me sentir tão confusa? Aquelas máquinas... não sei mais em que língua estou falando...

— Pode ser um dos efeitos secundários do corticador...

Magda parou de falar abruptamente, como se estivesse congelada; para disfarçar, pegou dois copos de vinho da bandeja que um criado estendeu.

— Lá está Dom Anndra — ela murmurou.

Jaelle, acompanhando a direção de seu olhar, avistou um pequeno grupo de homens com as cores do Domínio de Alton, tendo

no centro um homem alto, louro como os habitantes das Cidades Secas. Magda estaria mesmo tentando lhe dizer que aquele homem era o terráqueo renegado que supostamente caíra com o avião e reaparecera em algum lugar das terras de Alton, a serviço do Regente de Alton? Mordendo o lábio, Magda acrescentou:

— Preciso falar com ele, avisá-lo. Ele disse que deixaria a cidade ao amanhecer...

Jaelle não mais se deu ao trabalho de perguntar como Magda sabia. Mas quando a amiga começou a se afastar do banco, Jaelle segurou-a pela mão.

— Acabou de fazer uma preleção sobre protocolo; como pode agora. .

— Mas eu já o conheço — explicou Magda. — Ele salvou minha vida nas linhas de fogo. E estive na Casa da Guilda esta manhã, trazendo Ferrika...

— Não conheço Ferrika — comentou Jaelle. — Ela prestou o juramento em Neskaya. Não é filha-de-juramento de Marisela? E, no entanto, viajou com esse Dom Anndra, quem quer que ele seja...

Jaelle estava com o rosto franzido, confusa. Magda murmurou:

— Breda... — Jaelle ficou comovida, sabendo que Magda raramente usava a palavra com aquela inflexão. — ...confie em mim. Prometo que explicarei tudo mais tarde.

E ela se afastou na direção do homem a quem chamara de Dom Anndra.

E foi então que Jaelle observou algo que a fez compreender por que nunca poderia ser a substituta de Magda ou mesmo sua igual na Zona Terráquea. Ao ingressar no campo visual de Anndra, Magda era uma típica dama darkovana, exceto pelos cachos curtos de amazona. E de repente, talvez por meio segundo, no momento em que os olhos de Anndra a fixaram, transformou-se numa terráquea; era como se Jaelle pudesse ver através da dama darkovana, que podia passar por uma Comyn do segundo escalão, pois a mulher parada ali parecia vestir o uniforme terráqueo que a deixava semi-nua, uma perfeita representante do Império. E depois ela voltou a ser uma nobre darkovana, adequada e cortês, fazendo

uma reverência para um nobre do Comyn e tacitamente pedindo permissão para se aproximar.

Dom Anndra inclinou-se sobre a mão de Magda. Jaelle não se encontrava bastante perto para ouvir o que diziam, em voz baixa e rápida, mas sentiu-se confusa outra vez. Não podia haver a menor dúvida de que aquele homem era um nobre do Comyn; como alguém podia acreditar que fosse um terráqueo? Pouco depois Magda estava outra vez a seu lado, seguiram juntas para a mesa do bufê. Jaelle descobriu que tinha em sua mente uma impressão nítida de Dom Anndra, Comyn ou terráqueo: um homem alto e poderoso, louro, não muito bonito, mas irradiando força e autoconfiança. Lembrava-a — ela vasculhou a mente à Procura de impressões — da ocasião em que fora apresentada, quando criança, a Lorill Hastur, Regente do Comyn. Era um homem pequeno e quieto, de fala macia, quase tímido... ou talvez fosse apenas o resultado de boas maneiras.

Mas mesmo assim ela teve a impressão, por trás da fachada cortês e serena, de uma força pessoal quase assustadora, mantida sob controle absoluto.

Era o que associava ao Comyn. Dom Gabriel nunca tivera isso, mas também já era um inválido, desde que o conhecera. Mas seria possível que um terráqueo também tivesse?

Absurdo, devia ser apenas uma ilusão, decorrente da altura e corpulência. O bufê estava quase vazio. Jaelle serviu-se de uma bebida de fruta, mas achou doce demais quando levou aos lábios e largou a taça quase sem provar.

— Acho que ele está indo embora — murmurou Magda.

Jaelle olhou e viu Dom Anndra e o homem em sua companhia cumprimentarem o Príncipe Aran Elhaly, como se estivessem se despedindo formalmente.

— Não faria a menor diferença — comentou Jaelle abruptamente. Aquela pessoa podia falar com Montray ou Aleki durante o dia inteiro e não revelaria coisa alguma que não quisesse que eles soubessem.

Magda enchia um prato pequeno com diversas frutas com creme. Pareciam deliciosas e Jaelle contemplou os outros acepipes

coloridos quase ansiosamente, desejando sentir fome suficiente para experimentá-los. Magda disse:

— Será que não percebe? É por isso que tenho de mantê-los separados. Não importa o que ele dissesse a Li, seria errado; como é mesmo o provérbio antigo... “É preciso dois para a verdade, um para dizê-la e outro para ouvi-la.” Alessandra Li já tirou sua conclusão a respeito de Carr; a verdade está além de seu alcance. O que ele quer, é um pretexto para que o Comyn considere Carr como persona non grata. Assim, Li poderia interrogá-lo e descobrir tudo que ele acha que Anndra pode lhe revelar sobre o Comyn. com isso, os Altos teriam um ressentimento contra os terráqueos que persistiria por gerações. E se Carr inventasse as mentiras que Li espera ouvir, ele encontraria um jeito de distorcê-las...

Magda parou de falar, mas Jaelle quase que pôde ouvi-la acrescentar: Sou desleal, desleal com meu próprio povo, como tenho sido desleal com todos. Sua consternação provocou uma angústia real em Jaelle.

Ela é minha irmã e não posso ajudá-la, porque também sinto a maior confusão!

— Oh, Deus! — balbuciou Magda.

Abruptamente, ela avançou através da multidão, murmurando desculpas. Jaelle, seguindo-a devagar, com o prato na mão, viu que Alessandro Li e Russel Montray, com Peter se apressando por trás, aproximavam-se do grupo de Carr, perto da porta. Peter segurou o Coordenador pelo ombro, argumentando num sussurro, mas Montray desvencilhou-se. Encaminhou-se direto para Carr e disse alguma coisa em voz baixa.

Jaelle não pôde ouvir a resposta de Dom Anndra, percebeu apenas a polidez gelada em sua voz.

Montray falou de novo, desta vez mais alto e agressivo. Os dois guardas de Dom Anndra se adiantaram, um de cada lado, ostensivamente preparados para defender seu senhor daquele alienígena arrogante.

A tensão era agora bastante evidente para atrair a atenção das pessoas ao redor, enquanto Montray dizia, a voz tão alta que Jaelle pôde ouvir cada palavra:

— Só quero conversar com você por alguns minutos e tenho certeza que prefere que não seja na presença de todos aqui, não é mesmo? Mas farei isso, se não me deixar alternativa...

Peter agarrou-o, aflito, puxou-o para trás, enquanto os guardas de Anndra avançavam, a intenção e ameaça inconfundíveis. Subitamente houve um murmúrio entre a multidão e Aran Elhaly, príncipe dos Domínios, entre seu assistente e o jovem Danvan Hastur, aproximou-se. As pessoas se afastaram para lhe dar passagem, com sussurros respeitosos.

Magda pôs a mão no ombro de Alessandra Li e lhe disse alguma coisa urgente, em voz baixa. Li virou-se e fez uma reverência para os nobres. Começou a falar, em Padrão terráqueo, que Magda e Jaelle notou que era claramente a Magda Terrana de novo — traduziu num casta fluente:

— Majestade, suplicamos humildemente seu perdão. Este assunto será resolvido em particular e lamentamos profundamente qualquer distúrbio.

Antes mesmo que Magda acabasse de traduzir, o Príncipe Aran acenou com a mão, indiferente, encerrando a questão, virou-se em seguida. Alessandro Li disse em voz baixa, furioso:

— Montray, mais uma palavra e providenciarei para que nunca mais tenha qualquer outro posto que não o de apertar botões numa colônia penal!

Jaelle se perguntou como podia ouvir, àquela distância. Mas não importava. Peter aproximou-se e levou-a para junto do resto da delegação. A música recomeçara e alguns cadetes, em preto e verde, iniciaram uma dança vigorosa, batendo os pés e chutando; o Príncipe Aran recuara para assisti-los.

Dom Anndra e seu grupo haviam se retirado. Peter balançou a cabeça e murmurou:

— Isso acaba com tudo. Todos sabem o que Montray é. Ninguém reconhecera oficialmente antes, mas agora...

Russell Montray disse:

— Farei um apelo oficial a Lorde Hastur. Aquele homem é um cidadão terráqueo e exijo o direito de falar com ele oficialmente...

— Não insista, senhor, ou fará com que todos nós sejamos expulsos daqui — interveio Monty, calmamente. — Haldane sabe do que está falando. E Magda também...

Montray virou-se para os dois, enraivecido.

— E já estou cansado desses pretensos peritos e sua insubordinação! — A voz era baixa, mas sombria e ameaçadora. — Já aturei por tempo demais a maneira como vocês vivem bajulando os nativos! Pensam que podem escapar impunes de qualquer coisa só porque são classificados como peritos? Pois saibam que para mim isso já foi longe demais, e falo sério! Assim que voltar ao QG apresentarei um pedido formal para que os dois sejam transferidos, o mais longe possível, para algum lugar na outra extremidade da galáxia! E providenciarei para que nenhum dos dois jamais obtenha uma autorização para voltar! Ainda tenho autoridade suficiente para isso, é o que deveria ter feito há muito tempo! Quanto a você, Lorne, quero que volte ao QG esta noite! Não amanhã, mas esta noite!

— Estou oficialmente de licença — disse Magda.

— Licença cancelada! Convocada de volta ao serviço ativo por ordens especiais, nos termos do Artigo 16-4...

— Que se dane tudo isso! -exclamou Magda; Jaelle teve a impressão de que centelhas elétricas visíveis voavam de seus olhos e criavam um campo de luz ao redor.

— Peço demissão. Cholayna, você é testemunha. Lamento, nada tem a ver com você...

— Magda — interveio Monty, passando o braço por sua cintura, — quero que me escute, querida. Todo mundo precisa se acalmar. Pai, este não é o momento nem o lugar...

— Já me acalmei e escutei pela última vez na vida! Acha que não sei o que todos aqui pensam, que não passo de uma figura decorativa e ninguém precisa me dar atenção?

Pois chegou a hora de eu parar de escutar essa merda! Toda esta administração planetária vem sendo errada há quarenta anos, temos tratado essas pessoas com luvas de pelica e agora é o momento de fazer com que compreendam que não podem encarar o Império dessa maneira. Haverá uma situação nova aqui. Trarei

outras pessoas para o Serviço de Informações, pessoas cuja lealdade fundamental seja com o Império. Dispensarei todos os que têm se comportado de maneira tão desastrosa.

No seu caso, Haldane, eu tinha certeza que seu julgamento e lealdade acabariam no instante em que casou com uma nativa. Deveria tê-lo despedido naquela ocasião. Mas Vou me livrar de todos vocês, nem que seja a última coisa que eu faça! — E provavelmente será mesmo, senhor — disse Alessandro Li.

— A maneira como se conduz a política em Darkover é uma questão da maior importância.

Mas Montray se encontrava furioso demais para ouvir.

— Pois nesse caso talvez eu próprio consiga ser transferido... o que venho tentando há sete anos!

Ele virou-se e afastou-se. Peter balbuciou, virando para Jaelle:

— Santo Deus! — Ele respirou fundo. — Querida, volte com Li e Monty, está bem? Tenho de alcançá-lo antes que ele apresente o pedido pelos canais oficiais do Império ou estaremos todos perdidos. Podemos apelar, mas a esta altura...

Monty pôs a mão no braço de Magda.

— Não se preocupe com o Velho. Ele vai se acalmar. Nunca testemunhou antes um dos seus acessos?

— Eu já agüentava os acessos dele quando você ainda prestava os exames para ingressar no Serviço — disse Magda, desanimada. — Mas este foi o último que suportei.

Falei sério, Monty. Eu me demiti. E tenho de voltar à Casa da Guilda até o amanhecer...

— Irei com você e passarei o resto da noite na Casa da Guilda anunciou Jaelle.

Peter segurou-a pelos ombros.

— Não, Jaelle! Não brigue comigo agora, pelo amor de Deus! Volte para a Zona Terráquea e espere; nunca precisei tanto de lealdade... E que tipo de esposa você é afinal? Por mim, pela criança... estou lutando por todos nós!

A criança. Eu tinha esquecido. O que posso fazer? Não tenho opção agora. Alessandro Li disse:

— Deixe-me acompanhá-la até em casa, Jaelle.

Ela se apoiou nele. Tudo o que queria era correr pelas ruas até a Casa da Guilda, fugir para sua casa... mas não era mais sua casa. Por que estava se enganando?

Peter partira apressado no encalço dos Montrays. Ela não se lembrou depois daquele retorno pelas ruas de Thendara, apenas que transbordavam de alegria, multidões rindo, bebendo, dançando, jogando flores. Quando ficou sozinha em seus alojamentos, descobriu pequenas flores presas nas dobras do vestido de imitação em que dançara tão alegremente.

E descobriu-se a pensar, com uma amargura que a espantou: Espero que eles o mandem para outro mundo, espero nunca mais tornar a vê-lo. Nunca mais pensar em meu fracasso. Fracasso meu? Não, dele; ele não ama ninguém, só pensa em sua ambição, em seu trabalho...

Ela disse a si mesma que não estava sendo justa. Suas necessidades e as de Peter eram tão diferentes que não havia qualquer possibilidade de se ajustarem; mas ficaram cegos pela paixão. Ela jamais conhecera um homem antes. Não estava preparada para a atração total do amor... do sexo, se queria ser absolutamente sincera consigo mesma. Encontrava-se pronta para uma ligação amorosa; e não fora capaz de admitir que não era mais do que isso. Mas cada um possuía necessidades que o outro não podia satisfazer. Peter precisava — se é que precisava de alguma coisa — de uma mulher que se contentasse em ajudá-lo na sua ambição, que estivesse disponível quando ele precisasse dela e ficasse de lado pacientemente quando não precisasse. Peter não era cruel nem desalmado, era um homem gentil e bom. Mas a união mágica que ela esperava jamais ocorreria, ou existira apenas em parte, enquanto ela imaginara que continuava, só porque precisava tanto senti-la.

Se o amasse de verdade, a amizade, a gentileza e os objetivos partilhados poderiam ter substituído aquela paixão ofuscante inicial. Poderiam aceitar aquele novo nível de intimidade, o suficiente para construírem uma vida agradável juntos, como até Gabriel e Rohana haviam feito. Mas Gabriel e Rohana, cujo casamento foi a arrumado, nunca haviam sido levados a esperar algo mais, nunca ficaram cegos

por aquele primeiro ímpeto de paixão. Ela e Peter só tinham isso, e nada restara quando acabara.

Nada restara... exceto a criança de Peter. Pobre criança indesejável, talvez fosse melhor se nunca nascesse. Não, não era indesejável; Peter a queria. E no fundo ela também quisera, pelo menos por algum tempo. Ou talvez fosse o seu corpo, pronto para exercer sua função natural, que desejara a criança. Qualquer criança. Não apenas a de Peter.

Podia agora compreender porque Magda e Peter não permaneceram juntos. Para Peter, uma mulher era uma conveniência necessária, um reforço para seu ego. E, subitamente, Jaelle sentiu pena dele. Peter precisava das mulheres, mas precisava que o envolvessem de uma maneira que nenhuma era capaz. Lamentava pela coisa em Peter que atraía mulheres fortes para cuidarem dele. Supunha que isso acontecera durante toda a sua vida; mas depois que as tinha, Peter precisava enfraquecê-las e destruí-las, porque temia a força delas...

Não mais importava agora. Tudo acabara, como aquela noite do Festival também acabara.

Mas prestei um juramento, pelo prazo legal do meu contrato. Porque Peter é falso ao que prometeu, devo ser falsa também? Pelo menos fora bastante previdente para não casar com ele di catenas. Um casamento de companheira livre podia ser dissolvido à vontade; entre os terráqueos, haviam umas poucas formalidades legais. Ela ainda era responsável por Monty e Aleki. E depois daquela desastrosa quase confrontação com Dom Anndra, Andrew Carr ou quem quer que ele fosse, quem podia saber o que eles fariam? Pelo juramento da amazona, ela não tinha obrigações com qualquer homem...

Passara tempo demais com os terráqueos. O Juramento da Amazona parecia agora muito restritivo. Prestara o juramento quando era jovem demais para entender o que significava. Mas podia agora repudiá-lo porque o superara? Não era um caminho honroso. Rohana dissera: A honra é inerente a esses juramentos, mesmo quando não são mais convenientes. Mas Rohana, por seus próprios propósitos, haveria de subjugá-la à escravidão maior do

Conselho e do Comyn; não podia confiar inteiramente em Rohana, assim como não podia confiar nos terráqueos.

Não queria esperar pela volta de Peter. E também não estava interessada em saber como fora o confronto com o Coordenador Montray. Peter criara o problema para si mesmo e agora deveria resolvê-lo da melhor forma que pudesse. Ele era bastante competente, à sua maneira, não precisava de ajuda; e se ela pensava que precisava, isso era apenas mais um sintoma do que saíra errado entre os dois. Jaelle sentia uma profunda tristeza, porque toda a doçura se desvanecera. Mas Kindra sempre dissera:

Não adianta se atormentar por causa da neve do inverno passado. E o amor que eles haviam partilhado se encontrava ainda mais distante.

Jaelle vestiu rapidamente o uniforme, verificando o pequeno artefato de comunicação na gola. Como os hábitos surgiam depressa! Ainda podia se lembrar como ficara ressentida com aquilo. Desceria à cafeteria para comer alguma coisa, depois iria ao gabinete de Cholayna e tentaria providenciar um novo arranjo. As darkovanas que viriam em breve trabalhar no Serviço Médico continuariam a viver além dos muros, só permaneceriam ali durante o expediente; sem dúvida permitiriam que ela fizesse a mesma coisa. Parte dela sabia que sentiria falta dos confortos do estilo de vida terráqueo.

Estava acabando de se aprontar quando ouviu os passos de Peter. Percebeu, no instante em que ele entrou, que Peter estava completamente embriagado. Não pôde evitar um tremor; uma ocasião, quando estava embriagado, Kyril tentara molestá-la e tivera de se defender. Até hoje detestava a embriaguez. Mas Peter limitou-se a lançar-lhe uma imprecisão surpreendentemente violenta.

— O que aconteceu, Peter? O que descobriu com Montray? Onde estava?

Ele fitou-a nos olhos.

— Que importância isso tem para você?

Peter passou por ela. Um momento depois Jaelle ouviu o barulho do chuveiro. Parte dela queria ficar e esclarecer tudo, depois que ele ficasse sóbrio. Outra parte não se importava. E ela

murmurou, sabendo que Peter não poderia ouvi-la por causa do chuveiro, antes de sair:

— Tem razão, não me importo mesmo.

Capítulo Três

Magda foi andando devagar pelas ruas da Cidade Velha, as palavras de Cholayna ainda em seus ouvidos; prometera esperar, deixar para pensar em sua demissão quando a mulher mais velha fosse procura-la na Casa da Guilda. Desejava agora não ter feito a promessa. Sua vontade era fugir para a companhia de suas irmãs e nunca mais retornar ao mundo terráqueo. O esforço de confrontar as lealdades antigas a deixara angustiada.

Depois de meio ano a salvo dos conflitos entre homens e mulheres, até mesmo os contatos mais casuais entre os sexos lhe pareciam agora estranhos e anormais; descobriu-se a analisá-los em busca de nuances. Claro, era esse o objetivo do meio ano de permanência compulsória na casa: romper os hábitos antigos, avaliar a vida em vez de viver impensadamente pelos velhos padrões, fixados na infância.

De certo modo, prometera a Camilla que a encontraria no baile das mulheres... Era onde estavam suas lealdades agora? Subitamente, ela sentiu-se perturbada outra vez. Era uma cientista treinada, uma profissional experiente, o que estava fazendo agora, depois de passar um dia usando suas habilidades especiais? Cogitava mesmo de renunciar a tudo, voltar a obedecer aos regulamentos absurdos da Guilda, limpar os estábulos, solicitar permissão para sair até o jardim? Ela pensou desolada que se tivesse um mínimo de bom senso voltaria ao QG, pediria sua transferência — de qualquer forma Montray a ameaçara com isso — e deixaria um mundo que desejava e odiava ao mesmo tempo, um mundo que nunca poderia realmente integrar.

Mas seria capaz de deixar as Renunciantes? Pensando sério agora, sem se preocupar com coisas como estábulos e banheiros. Descobrira uma solidariedade que jamais conhecera antes, um mundo de mulheres. E esse mundo era pequeno e mesquinho sob muitos aspectos, baseado na negação e restrição, construído por mulheres que se consideravam livres, mas na verdade se encontravam aprisionadas por uma centena de Pequenas maneiras,

que vida era inteiramente livre? E havia liberdades espantosas naquela vida. Em todos os seus vinte e sete anos de existência nunca encontrara um mundo tão próximo de realizar todos os seus sonhos e necessidades; poderia deixá-lo só porque não era perfeito?

Quem fora o filósofo terráqueo que escrevera que como nenhum homem podia ser livre, podia ser considerado afortunado aquele homem que escolhesse uma escravidão a seu gosto? A Comhi Letzii, Irmandade das Libertas, pelo menos escolhera por si mesma.

Como eu escolhi...

E havia que pensar também em Camilla... Evitara pensar em Camilla, mas sabia que Camilla era um dos motivos pelos quais desejava agora fugir.

Em um único dia, na súbita liberdade do Solstício do Verão, rompera duas vezes o isolamento que se impusera: primeiro com Monty — e ainda não tinha certeza porque fizera isso, embora parecesse bastante racional na ocasião — e depois com Camilla. Ficara espantada consigo mesma... Mesmo agora, sua mente se abstinha de confrontar todas as coisas novas que descobrira a seu respeito. Mas compreendia porque fugira, em pânico, do contato de Jaelle.

Eu ainda não estava pronta para saber disso. Estou pronta agora.

Ainda não podia se identificar como amante de mulheres, nunca assumir a posição tacanha de mulheres como Rezi e Janetta, que consideravam que apenas as mulheres eram plenamente humanas e que o menor contato com um homem, mesmo pai, irmão ou empregador, era uma traição às suas irmãs. Nem mesmo Camilla era assim. Mas também não podia desdenhar as Rezis e Janettas, sabendo o que sabia agora. E elas também eram suas irmãs. Só podia lhes virar as costas se fizesse a mesma coisa com a Casa da Guilda, para sempre.

E não podia fazer isso. Haviam-na aceitado, concedido a ela, uma estranha, toda a fraternidade, amizade e amor, que mal soubera como aceitar. Mas agora o período de permanência na casa estava quase terminando. Pelo menos Camilla devia tomar

conhecimento de sua verdadeira identidade. Para qualquer uma, ou todas as outras, poderia mentir, mas Camilla merecia a honestidade de sua parte. Camilla devia saber da verdade, mesmo que seu amor se transformasse em rejeição e repulsa.

Era tarde; a maior parte da festa nas ruas já terminara, embora ela soubesse que nos jardins e praças os bailes continuariam até o amanhecer. Mesmo agora, nos prédios e passagens escuras, ela podia sentir o calor e ternura da noite, em que as quatro luas flutuavam brilhantes no céu e casais se abraçavam, amantes por uma hora ou uma vida inteira, em busca de algum lugar para encerrarem a noite juntos. Peter, ela pensou, desta vez sem amargura, e Jaelle. Magda desviou os olhos dos muitos casais e suspirou. Parecia que Thendara inteira se acasalava naquela noite e apenas ela se encontrava sozinha. E não precisava ficar sozinha; Monty teria o maior prazer se ela o esperasse em seus alojamentos, depois de encerrados os problemas daquela noite. Também não precisava enfrentar o que a aguardava na Casa da Guilda ou no baile das mulheres...

Eu deveria mesmo ter saído com Camilla. Foi um erro deixar que Monty me persuadisse a ir ao baile no castelo. Que diferença faz para mim as relações entre a maldita aristocracia do Comyn e o Império?

Seria aqui a rua e a casa em que o baile das mulheres fora promovido? Mas o lugar estava escuro, trancado, silencioso e intimidativo. Magda ficou olhando, consternada.

O que faço agora? E no instante seguinte ela ouviu vozes e risos; mais abaixo, naquela mesma rua, a luz se derramava pelas janelas abertas de uma taverna. Os fregueses espalhavam-se pela rua, instrumentos eram tocados; contra a luz, vultos indistintos se juntavam na dança do círculo, sobre as pedras irregulares do calçamento.

Já era bem tarde. Em uma das mesas havia um grupo de Guardas, alguns em companhia de mulheres; ali perto duas mesas haviam sido aproximadas e Magda reconheceu muitas das mulheres. Mãe Lauria estava ali e também Rafaella, que se levantou e foi dançar com um dos Guardas quando Magda se aproximou. Camilla

tinha um copo na mão e Keitha e Marisela usavam roupas de trabalho, com as toucas brancas das parteiras da cidade. Keitha levantou seu copo e chamou-a.

— Venha sentar-se conosco, Margali... é uma sorte nascer sob as quatro luas e parece que metade das mulheres da cidade está ansiosa em proporcionar tal sorte a suas crianças! Mas qualquer mãe que ainda não tenha largado seu fardo a esta altura provavelmente se encontra, bêbada demais para entrar em trabalho de parto...

Venha beber conosco!

Magda aceitou um copo do jarro na mesa. Um dos jovens Guardas na outra mesa aproximou-se.

— Um encontro afortunado sob as quatro luas, Margali! Lembra de mim? Nós nos encontramos no inverno passado no Castelo Ardais e agora aceitei um emprego aqui na cidade. Sou Darrell de Damak... lembra que nos conhecemos quando crianças, em Caer Donn, você tomava aulas de dança com minhas irmãs? Não quer vir beber comigo?

Magda sorriu, deixando que ele se inclinasse sobre sua mão.

— Lamento, mas minhas irmãs estão me esperando... Ele fitou-a com um desapontamento cômico.

— Circulei pela cidade durante a noite inteira à sua procura. DePois que saudar suas amigas e matar a sede, não quer dançar comigo?

Magda hesitou, olhando para Camilla, que disse: — Dance se quiser, criança. — Ela sorriu para Darrel e acrescentou: Somos companheiros da espada; posso lhe oferecer um drinque?

— Acho que já bebi demais, mas não quer me presentear com uma dança, mestra!

Camilla riu.

— Não danço com homens, irmão. Mas tenho certeza que há outras em nossa companhia que ficariam satisfeitas.

Marisela levantou-se, rindo também, adiantou-se.

— Passei o dia inteiro ocupada e não tive qualquer oportunidade de me divertir. Mas não se pode passar a Noite do Festival sem uma ou duas danças. Se minha irmã me apresentar... não posso dançar com um homem cujo nome desconheço!

Magda soltou uma risada e apresentou Darrel a Marisela, que estava afogueada, atraente, parecendo mais jovem do que era em seu vestido azul; ela empurrara a touca branca para trás, deixando que os cachos curtos, cor de cobre, emoldurassem o rosto. Darrel fez uma mesura e conduziu-a para o círculo de dança que se formava na rua. Janetta levou também Mãe Lauria para o círculo, mas Camilla sacudiu a cabeça quando gesticularam para que ela e Magda as acompanhassem.

— Você parece cansada, Margali, mas muito bonita — comentou Camilla. — Como foi o grande baile? Todos os grandes do Comyn estavam presentes? E Dama Rohana? E Shaya também compareceu, com seu companheiro livre? Que tipo de homem ele é?

— Ambos estavam lá — respondeu Magda, especulando como poderia falar sobre a última pergunta de Camilla; o que lhe falar a respeito de Peter Haldane? — Mas Jaelle parecia muito cansada... Sabia que ela está grávida?

— A pequena Jaelle esperando uma criança! — exclamou Camilla, a atenção desviada do resto, como Magda esperara que acontecesse. Parece que foi há apenas uma ou duas estações que cortei seus cabelos e lhe dei as primeiras aulas com a faca. Ela voltará à Casa para o nascimento?

Alguns dos Guardas sem parceiras se aproximaram e convidaram as outras amazonas para dançarem; parecia que outro círculo improvisado se formava. Algumas mulheres, porém, preferiam dançar juntas. Uns poucos homens permaneceram à mesa, em companhia de uma mulher... não, Magda compreendeu subitamente, eram todos homens, o que ela pensara ser uma mulher era apenas um jovem esguio, de feições delicadas e que deixara os cabelos crescerem mais compridos que a maioria dos homens; além disso, ele prendera os cabelos de uma maneira que sugeria, embora não chegasse a imitar, um penteado de mulher. E nesse grupo Magda notou também alguns terráqueos. Um deles até usava o traje de couro preto da Força Espacial.

Claro. Fazia sentido. No Festival, quando todas as classes confraternizavam sem preconceitos, era natural que certos homens esquecessem os preconceitos contra os terráqueos. Na sociedade

darkovana não tem tanta importância que eles sejam amantes de homens. Ou mesmo que sejam terráqueos. Párias não desprezam outros párias.

Ela vira um dos homens no espaço-porto naquele mesmo dia. Ele verificara sua identificação. Magda pensou vagamente que ele deveria ter vestido um traje darkovano, em vez de vir de uniforme. Mas quem era ela para criticar, sentada como estava ao lado de uma mulher que era sua amante?

Darrell, filho de Damak, voltara à mesa e Marisela lhe agradecia pela dança. Um dos homens mais efeminados se levantou e disse a Marisela, hesitante:

— Gosto de dançar, mas não tenho irmã nem amiga. Quer me conceder a honra, mestra!

Marisela sorriu em aceitação. Claro; nem mesmo no Solstício do Verão os homens dançavam juntos em Thendara, a não ser nos bailes exclusivamente masculinos. Magda se perguntou o motivo. Por que os homens não podiam dançar juntos, se quisessem? As mulheres podiam; mais do que isso, considerava-se que era o comportamento apropriado para mulheres em lugares estranhos. Ela tinha certeza de que o rapaz preferia dançar com seu amigo na outra mesa em vez de Marisela. Vira-os de mãos dadas. Mas não podiam dançar juntos. Como era estranho e triste que até mesmo naquela noite, a mais permissiva de todas as noites, os homens se encontrassem ainda mais acuados do que as mulheres! Magda podia usar — e como Renunciante usava mesmo — um culote em público. Mas se aquele homem pusesse uma saia e desse a impressão de que assim se sentia melhor, seria linchado. Como as pessoas eram lamentáveis e tolas!

— Quer dançar comigo, Margali? — indagou Camilla.

Magda hesitou. Bem que gostaria, mas não podia levantar e dançar com Camilla na presença daqueles homens angustiados. Darrel fez uma reverência expectante e Camilla deu um pequeno empurrão indulgente em Magda.

— Vá dançar com ele, criança.

Relutante — gostaria que Camilla tivesse proibido! — ela se afastou. Era uma dança de casais. Magda torceu para que ele não

falasse da infância partilhada em Caer Donn.

O homem a conheceu como a filha do estudioso terráqueo Lorne e ela não queria que esse fato fosse mencionado por enquanto. Mas era evidente que ele tinha outras coisas na cabeça. Era um bom dançarino, mas manteve-a um pouco perto demais. Magda teria recusado uma segunda dança se não estivessem no outro lado da praça, o que faria com que a rejeição parecesse uma grosseria. O calor era intenso; aquele clima fora de época em Thendara sempre pressagiava uma violenta tempestade de neve para breve. O cheiro do ar indicava que o amanhecer não demoraria. Quando a segunda dança terminou, ela viu os músicos acabando de tomar seus drinques e guardando os instrumentos. Darrell conduziu-a para um portal escuro e roçou os lábios nos seus. Magda não protestou, pois beijos ao final de uma dança não a comprometiam com coisa alguma; mas repeliu-o quando ele tentou abraçá-la, murmurando:

— Não quero terminar esta noite sozinho... Ele insistiu.

— Ao nosso redor, todos os homens e mulheres oferecem seu amor aos Deuses...

Não. Aquilo era demais. O Festival já lhe proporcionara mais do que desejava daquelas questões e de jeito nenhum se entregaria a Darrell ali, ao ar livre, como algumas das mulheres faziam, mal se dando ao trabalho de se resguardarem das vistas de pessoas que passavam, aceitando a licenciosidade da noite. Afinal, quase não conhecia aquele homem.

— Não — ela murmurou, repelindo-o outra vez. — Sinto-me honrada, muito obrigada, mas não, realmente não...

— Mas deve — insistiu Darrell, tentando beijar seu pescoço nu.

Se soubesse como ele estava bêbado, pensou Magda, nem teria aceitado a dança! As mãos de Darrell eram quentes e urgentes, acariciavam seu pescoço e ombros, tentavam alcançar os seios. Ela desejou estar com a túnica de amazona, em vez do vestido do Festival. Sabia como se defender, mas aquele homem era um amigo de infância e não queria machucá-lo. Empurrou-o rudemente, mas quando suas mãos persistiram ela desferiu uma sonora bofetada, que o fez piscar e fitá-la atordoado.

— Você me excitou e agora se recusa... Magda protestou, irritada:

— Apenas aceitei dançar, e você é que excitou a si mesmo! Não banque o idiota, Darrell! Alega sinceramente que eu o excitei de forma deliberada? Ora, se fosse assim, todas as mulheres de Thendara deveriam andar veladas como se fossem das Cidades Secas! Ele baixou a cabeça, com um sorriso constrangido. — bom... não há mal em pedir.

Magda sentiu-se contente em retribuir o sorriso.

— Tem razão, não faz mal nenhum. Desde que você apenas peça e não tente arrancar contra a vontade...

— Não pode me culpar por isso.

Ele falou jovialmente e inclinou-se para beijar o ombro nu de Magda. Ela se esquivou; não estava tentando flertar com aquele homem! Depois de tantos meses de isolamento e abstinência, subitamente os homens, bonitos e aceitáveis ainda por cima, pareciam cair das árvores! Primeiro Monty, agora aquele Guarda tão jovem e atraente...

Se não fosse por Camilla, concordaria em passar o resto da noite com ele? Magda nunca saberia. Camilla estava ali.

Ela podia ver contra a sombra de um prédio uma mulher no traje de amazona — Rafaella, com certeza — de pé nos braços de um homem, num enlace tão violento que era quase uma luta; ambos continuavam inteiramente vestidos, mas pelos movimentos parecia óbvio o que estava acontecendo. Magda virou-se, envergonhada, voltou ao banco em que as últimas mulheres permaneciam. Camilla bocejou, cobrindo a boca com a mão estreita.

— Precisamos voltar para a Casa da Guilda — disse ela. — As luas estão se pondo e você e Keitha devem se recolher antes do amanhecer.

Magda soltou uma risada.

— Eu poderia continuar na rua por tanto tempo quanto quisesse... mas a esta altura meu único desejo é por uma cama confortável.

Os donos da taverna empenhavam-se agora, discretamente, em retirar cada banco, à medida que era desocupado, empilhando-

os, ansiosos em encerrarem a noite. Os Guardas que dançavam, ao descobrirem o desaparecimento de seus bancos, tratavam de se afastar. As mulheres ainda partilhavam um último cântaro de vinho. Rafaella voltou para o lugar em que Magda estava sentada com Camilla e Keitha; Marisela trocava uma palavra final com um rapaz e concluiu com um beijo maternal em seu rosto, o que levou Magda a calcular que era um sobrinho ou algo assim. O rosto de Rafaella estava afogueado, os cabelos desgrenhados, os laços da túnica desfeitos; ela inclinou-se para Camilla e sussurrou-lhe alguma coisa. Camilla levantou a mão e afagou seu rosto.

— Divirta-se, bredda... mas tome cuidado.

Rafaella sorriu — também se encontrava um pouco embriagada, Magda compreendeu — e se afastou de braços dados com o homem que antes a abraçava. Os olhos de Keitha se arregalaram. Janetta inclinou-se do banco ao lado e disse:

— Criatura desavergonhada! Um comportamento tão indecente cobre de vergonha todas as Renunciantes; vão pensar que não somos melhores do que meretrizes! Eu gostaria que ainda estivéssemos nos tempos antigos, quando nenhuma Renunciante podia deitar com um homem ou suas irmãs a expulsariam!

— Ora, cale-se! — interveio Marisela, voltando à mesa. — Naquele tempo éramos denunciadas como amantes de mulheres, sedutoras de esposas e filhas decentes, atraindo suas crianças porque não tínhamos nenhuma. Nem todas as mulheres podem viver como você, Janetta, e ninguém a designou para guardiã da consciência de Rafi.

— Pelo menos ela podia fazer essas coisas numa privacidade decente e não na frente de metade da cidade de Thendara — queixou-se Janetta.

Marisela riu, correndo os olhos pela praça quase deserta.

— Acho que estão tentando nos fazer partir. Mas já pagamos o vinho e por mim ficarei aqui até terminá-lo. — Ela levantou seu copo. — É fácil para você falar, Janetta, nunca sentiu-se tentada assim... E pelo amor de Evanda, poupe-me de seu próprio discurso, o de que toda mulher que deita com um homem é uma traidora de suas irmãs.

Já o ouvi vezes demais e não acredito agora mais do que na primeira vez em que escutei. Não me importo se você ou qualquer outra deita com homens, mulheres ou cralmacs consensuais, desde que não precise ouvir os argumentos quando estou querendo dormir... ou terminar de tomar meu vinho em paz.

Marisela levantou o copo e bebeu. Mas eu concordo com Janetta, agora mais do que nunca, pensou Magda. Aqui estou, sentada ao lado de uma mulher que se tornou minha amante e por quem recusei um homem esta noite. E por isso Camilla rira e abençoara Rafaella; por que não? Ela pegou seu copo e foi nesse instante que ouviu um chamado:

— Margali.

Magda levantou os olhos para deparar com Peter Haldane. Ele usava um traje darkovano; nenhuma outra pessoa além dela, com certeza, seria capaz de reconhecê-lo como o jovem terráqueo no baile do Festival realizado no Castelo Comyn. Camilla disse a Magda:

— Termine seu vinho, criança. Voltarei num instante.

Ela se encaminhou para as latrinas no fundo do jardim da taverna, acompanhada por Mãe Lauria e Marisela. Peter sentou na frente de Magda. Ela nunca o vira tão bêbado e murmurou na língua de Caer Donn:

— Peter, isso é sensato?

— A sensatez que se dane. Eu lutava por minha vida. Montray estava tão determinado a me despachar naquela nave que acaba de partir para a Colônia Alfa, a fim de ser disciplinado pelo Centro de Informações. Tive de passar por cima de sua cabeça e fazer com que Alessandro Li interferisse. E Cholayna... Mas onde você estava, Mag? Era seu problema também. E o que andou fazendo com Monty?

— Lamento muito que você tivesse problemas, Peter. — Ela não discutiria de jeito nenhum seu relacionamento com Monty ali, muito menos com ele. — Mas está tudo bem agora?

— Até ele recomeçar a me pressionar. Oh, Deus, eu daria dez anos de minha vida para tirar aquele homem de Darkover! E juro que, se viver, eu ainda farei isso! Até seu próprio filho sabe... —

Peter fez uma pausa. — Mas o que está fazendo aqui, Mag? Neste lugar?

Seus olhos horrorizados fixar na a única outra mesa restante, onde dois homens ainda se aflagavam na embriaguez e o efeminado que dançara com Marisela dormia com a cabeça na mesa. Magda notou, com tristeza e alguma compaixão, que ele usava uma travessa de borboleta de mulher nos cabelos compridos.

— Maggie, não sabe que lugar é este?

Ela sacudiu a cabeça. Peter explicou. Sua indignação parecia deslocada.

— Pelo menos ninguém incomodará as mulheres sozinhas. E, de qualquer maneira, você está aqui.

— À sua procura. Disseram-me que algumas mulheres da Casa da Guilda ainda se encontravam aqui, bebendo e dançando... precisava conversar com você.

Ele falou com uma seriedade embriagada. Viu o copo de Camilla na mesa, pegou-o distraído e bebeu. A voz se tornou mais engrolada no mesmo instante.

— Preciso de você... preciso que fale com Jaelle. É amiga dela. E minha amiga também. Nós dois precisamos de você. Quero que converse com ela, explique o que significa ser uma boa esposa terráquea. Ajude-nos. Ela espera uma criança. Minha criança. Você tem de explicar tudo, a fim de que ela possa me ajudar, em vez de ficar brigando comigo o tempo todo. Temos de manter as melhores relações com os escalões superiores, para podermos criar nossa criança aqui. Meu filho. Só que ela não me ajuda da maneira certa. Não sabe como lidar com os burocratas terráqueos. Você sempre soube controlar muito bem o velho Montray. Maggie, converse com ela, explique...

Ela o fitava aturdida, não acreditando no que acabara de ouvir.

— Acho que você perdeu completamente o juízo, Peter! Quer que eu logo eu? converse com Jaelle e diga como você deseja que ela se comporte como sua esposa? Nunca ouvi uma coisa assim em toda a minha vida!

— Mas conhece a situação crítica em que me encontro, sabe como isso...

— Faça o que eu fiz! — interrompeu-o Magda, bruscamente. — Diga a eles para irem para o inferno!

Se prefere deixar que o empurrem como um boneco, então não venha me procurar chorando!

Peter pegou sua mão, manteve-a, fitando-a nos olhos com a intensidade do bêbado.

— Eu nunca deveria ter largado você — ele balbuciou. — O erro de uma vida. Não há ninguém como você, Maggie. Você... tem de ser a melhor que existe. Só que agora há Jaelle. Eu a amo, se ao menos ela assentasse e passasse a me apoiar, fizesse tudo o que é necessário. E agora tem nosso filho. Meu filho. Por esse filho, tenho de continuar com ela. Não posso deixá-la. Não posso deixar que o menino seja criado como um nativo, no meio do nada... Eu gostaria que você tivesse o nosso filho, Maggie, saberia fazer tudo certo... Precisa nos ajudar, Mag. Minha amiga. Amiga de Jaelle. Fale com ela, Maggie.

— Você está bêbado, Peter, não sabe como isso é absurdo. Vá para casa, Peter, deixe o porre passar. As coisas vão parecer diferentes quando estiver sóbrio, depois que dormir um pouco...

— Mas você tem de me escutar! — Ele agarrou-a, puxou-a para mais perto. — Preciso fazer com que compreenda minha situação...

— Bredhiya — disse a voz gentil de Camilla por trás dela, — esse homem a está incomodando?

Camilla, alta e formidável, pairava acima de Peter, franzino e cambaleante. Como não podia deixar de ser, Camilla falara naquele tom íntimo que proporciona às palavras apenas um significado possível. Peter fitou as duas com horror e súbita consternação.

— Agora compreendo tudo. Nunca tinha percebido antes. Não é de admirar que não ficasse comigo, não é de admirar... e pensei que se encontrava porque não sabia.

Claro que você não seria a pessoa indicada para conversar com Jaelle. O que poderia saber do nosso relacionamento? — Peter fez um gesto de repulsa. — Então foi por isso que você me deixou, ingressou na Casa da Guilda. Não podia ser mesmo uma esposa decente para mim, para qualquer homem...

— Como se atreve a me falar assim? — protestou Magda, furiosa.

— Como você se atreve a falar com qualquer pessoa decente? Logo você? — Ele torceu o nariz em ira. — Se a encontrar em qualquer lugar perto de Jaelle, eu... eu torcerei seu pescoço! Fique longe de minha esposa, está me entendendo? Não quero que a corrompa!

Camilla não entendeu uma única palavra de toda a discussão, mas percebeu claramente que ele estava sendo ofensivo. E disse, sem saber que Peter podia entender, pois as últimas frases haviam sido ditas no Padrão Terráqueo:

— Bredhiya, quer que eu me livre dele por você?

— Você, sua....!

Era um insulto de sarjeta e Camilla estendeu a mão para o punho na faca. A lâmina faiscou.

— Não! — gritou Magda. — Ele está bêbado... não sabe...

Um dos homens na outra mesa aproximou-se cambaleando, segurou Peter pelo ombro.

— Não, irmão, não, não há sentido em começar uma briga no Festival, não há sentido em discutir com essas mulheres. — Ele gesticulou para Camilla. — Sou eu quem você veio encontrar aqui, irmão. Venha ficar conosco, somos todos amigos aqui.

Ele enlaçou Peter, respirando em seu rosto um bafo de vinho, com uma expressão de camaradagem.

— Vamos embora, irmão, é tarde e ainda estou sozinho. Esqueça essas cadelas. Elas podem ficar sozinhas, se quiserem. Quem precisa delas? — O homem estendeu sua caneca para Peter. — Beba, irmãozinho, beba.

Peter não conseguiu afastar a mão do homem; tomou um gole, engasgou, foi arriar na outra mesa, olhando atordoado para o desconhecido.

— Escute, não vim até aqui à sua procura...

— Ora, deixe disso. — O homem fitou atentamente o rosto afogueado de Peter. — O que mais poderia querer aqui? Sei que os terráqueos não podem encontrar em seu próprio lado do muro o que procuram, não é mesmo? Não há nenhum dos nossos irmãos por lá,

por isso você veio à cidade, temos uma porção de homens assim... sei de tudo a respeito... vamos, tome outro trago...

Oh, pobre Peter!, pensou Magda; mas, por algum motivo, não pôde resistir a um júbilo malicioso. Camilla murmurou, recolhendo suas coisas:

— Vamos embora, Margali. É melhor do que um duelo a esta hora. Magda olhou consternada para Peter, que arriara por completo, semi-inconsciente, bêbado demais para sequer manifestar sua raiva. Escorregou lentamente para baixo da mesa e o homem que o exortara a beber se ajoelhou por cima.

— Ora, irmãozinho, não apague agora, isso não é jeito de tratar um companheiro...

Magda não sabia se ria ou chorava, mas Camilla afastou-a gentilmente. Ela não pôde deixar de especular o que aconteceria a Peter quando acordasse ali... Retornaria à Zona Terráquea com sua virtude intacta?

Camilla passou o braço pela cintura de Magda enquanto desciam a rua e disse, bocejando:

— Ficarei contente quando estivermos em nossa cama. Lamento estar muito bêbada e cansada para encerrar a noite como é apropriado ao Solstício do Verão... isso não é jeito de tratá-la no Festival, bredhiya...

Magda corou, aconchegando-se contra o braço de Camilla em sua cintura. Apesar de tudo o que ocorrera naquela noite, ela recordou o momento de amor naquela tarde e espantou-se de si mesma. Descobrira nos braços de Camilla toda uma nova personalidade, que antes lhe era desconhecida. Lembrou, com uma onda de desejo, como gritara para Camilla em surpresa, espanto e prazer. Corpo e mente se incendiaram com uma súbita ânsia de experimentar outra vez aquele espanto e prazer. Por que nunca adivinhara que era assim?

— Aquele Terranan... como o conheceu? — indagou Camilla, desconfiada.

— Ele é... o companheiro livre de Jaelle.

Magda se calou, diante da suspeita que a florava nos olhos de Camilla; mas a mulher mais velha não insistiu. As ruas já eram

invadidas por uma claridade cinza-rosa.

Magda parou na porta da Casa da Guilda, pegou a mão de Camilla.

— Juro que você saberá de tudo um dia, irmã-de-juramento — ela disse, usando o termo na forma mais íntima. — Mas não agora, Camilla. Eu lhe suplico que me dê mais algum tempo.

Camilla abraçou Magda, apertou-a.

— Você é minha irmã e minha amada. Está jurada para mim e eu para você. Diga-me o que desejar, quando desejar. Escolha o momento, minha preciosa. Confio em você.

Ela beijou Magda, inclinou-se subitamente para a frente e pegou-a no colo.

— Vamos, amor, devemos entrar antes que a última lua se ponha, essa é a nossa lei.

Ela subiu os degraus e entrou na casa. Como sou miserável, pensou Magda. Manipulei dois homens hoje — três, se contar Peter — e agora uso o amor e devoção de Camilla para ganhar tempo... tempo para pensar no que dizer a ela.

Mas Magda sentia uma fadiga tão grande que mal conseguia se manter de pé. Sem protesto, deixou que Camilla a levasse para cima.

Magda começou a sonhar. Vivia nos alojamentos do pessoal casado no prédio do QG, mas todos os chuveiros e banheiros haviam sido reformados e mulheres da Casa da Guilda ocupavam pequenos cubículos sem portas ao longo dos corredores. Ela vagueou durante horas, tentando encontrar um lugar em que pudesse tomar um banho de chuveiro sem ser observada; não podia deixar que soubessem que estava grávida e que tinha uma marca tatuada nas costas. Não tinha certeza do que dizia, mas era algo como “Produto do Império Terráqueo”, a mesma marca que se encontrava em produtos importados por planetas plenamente desenvolvidos e proibidos em mundos subdesenvolvidos da Classe B, como Darkover. Tentava encontrar Jaelle nos confusos alojamentos, porque Jaelle conhecia a escrita terráquea e poderia ler para ela o que fora escrito em suas costas. Fora feito quando ela dormia, cometera-se um erro. E Jaelle também fora tatuada assim. E ela estava grávida, não

parava de pensar como isso agradaria a Peter, mas o que Jaelle pensaria? Se ao menos pudesse encontrar Peter, seria possível endireitar tudo, mas ele não se encontrava em parte alguma dos quilômetros e quilômetros de corredores ladrilhados, porque os alojamentos haviam sido reformados para os darkovanos que viviam no QG e ele saíra para reformar a Casa da Guilda, que abrigaria os terráqueos que queriam a vida em Darkover ao estilo nativo. Mas isso faria com que não fosse melhor do que um hotel, ela ouviu alguém comentar, em tom de lamúria, na sua mente, mas depois ela e Jaelle tentavam suspender o telhado da Casa da Guilda, a fim de que Marisela e outra, cujo rosto não podia ver... seria a pequena amazona sardenta que enfaixara seus pés nas linhas de fogo?... pudessem observar Dom Anndra Carr por uma luneta comprida. Só que a luneta era invisível, embora ela pudesse ver claramente as lentes com um brilho azul como a matriz de Dama Rohana, a todo instante escapulia das mãos das duas, como se tivessem passado glicerina. E depois alguém a chamava e Bethany do gabinete do Coordenador estava dizendo; — Margali? Oh, acho que ela dormiu ontem à noite no quarto de Camilla....

E Magda despertou para ouvir essas mesmas palavras pronunciadas em voz alta, acompanhadas por uma batida na porta.

— Margali? Margali? Ela está aí, Camilla?

Magda despertou, piscando, lembrando resquícios do sonho intranquilo e absurdo. Camilla, sentando na cama, praguejou baixinho, enquanto procurava pelas meias.

— O que é? Quem me procura?

— Mãe Lauria, lá embaixo — informou Irmelin. — Há uma visitante lá embaixo e só você pode falar com ela, por algum motivo... Uma mulher que tem alguma terrível doença de pele e é toda descolorida, escura como uma pele de cralmac...

Cholayna, pensou Magda, levantando-se de um pulo, pegando algumas roupas e correndo para molhar o rosto com água gelada.

O que ela pode estar querendo aqui? E será que Jaelle também veio?

Jaelle não viera; Cholayna conversava cordialmente com Mãe LaUria na Sala dos Estranhos. Quando Magda entrou, Mãe Lauria

disse:

— Deixarei vocês a sós por um momento, mas espero as duas em meu gabinete daqui a pouco. Margali, você ainda não comeu nada; quer que eu peça para levarem chá e pão ao meu gabinete? Mestra, posso também lhe oferecer um desjejum?

Cholayna sorriu e balançou a cabeça em aceitação.

— Esqueci que era feriado aqui e que algumas de vocês dormiriam até tarde — ela comentou, enquanto Mãe Lauria se retirava. — E me disseram que não a encontraram em seu quarto, chegaram a pensar que havia dormido fora. Algumas mulheres dormiram fora na Noite do Festival.

Abruptamente, num relance de memória, Magda recordou Rafaella com os cabelos desgrenhados e a túnica aberta, os seios à mostra, afastando-se com o Guarda. Como ela podia se considerar melhor? Passara a manhã anterior nos braços de Monty e naquela manhã tiveram de procurá-la na cama de Camilla. Bobagem, ela era uma mulher adulta, Cholayna nada tinha a ver onde ela passara a noite ou com quem. Magda respirou fundo, recordando que pedira demissão na noite anterior, e indagou bruscamente:

— Por que veio até aqui? Não tenho mais nada a ver com qualquer coisa que possa acontecer. Falo sério desta vez, Cholayna. Não pode me persuadir a mudar de idéia como antes. O que lhe devo agora?

— Não a mim, mas a suas irmãs e talvez, a si mesma — respondeu Cholayna. — Tem uma oportunidade excepcional, Margali.

Ela disse o nome darkovano e Magda ficou aturdida. Mas continuou desconfiada.

— Como pode me dizer isso, Cholayna? Já ouvi tudo antes e só me trouxe sofrimento... sempre entre dois mundos, nunca me sentindo em casa em qualquer deles...

Atônita, Magda descobriu que seus olhos ardiavam, como se estivesse prestes a chorar. Parou de falar, consternada, perguntando-se que motivo podia ter para chorar.

Sou louca, não infeliz! E no instante seguinte ela foi dominada por um ímpeto de angústia tão intenso que teve de cerrar os dentes para controlá-lo, sabendo que se derramasse uma única lágrima

começaria a chorar e chorar, até se derreter numa poça de lágrimas como Alice. Depois de um momento voltou a falar, muito tensa no esforço de se controlar:

— Todas as pessoas que me disseram isso queriam me usar, de uma maneira ou de outra. Quando poderei ser apenas eu mesma, fazer o que é bom para mim e não Para os outros?

— Quando estiver na sepultura — respondeu Cholayna, gentilmente. — Nenhuma pessoa vive apenas por si mesma. Somos todas partes umas das outras, de uma forma ou de outra, qualquer pessoa que não age pelo bem comum é pouco melhor que uma assassina.

— Não estou interessada em sua religião! — Magda quase gritou.

— Isso não é religião. — O rosto escuro de Cholayna exibia uma estranha serenidade. — Talvez filosofia. É um fato simples: ninguém pode fazer qualquer coisa sem ajudar ou prejudicar a todas as pessoas com quem tem algum contato de qualquer tipo. Só um animal não leva isso em consideração.

Ela fez uma pausa, o rosto abrandando.

— Você me é muito cara, Magda. Nunca tive filhos. Decidi há muitos anos que não eram para mim, já que não poderia criá-los entre meu próprio povo, e não queria que crescessem de qualquer maneira, expostos aos riscos de uma vida pulando de um mundo para outro. Esperava encontrar em você uma coisa que as mulheres encontram em suas filhas... um senso de continuidade...

Ela parou de falar e Magda, disposta a reagir com uma voz rude ou irada, ficou em silêncio, pensando: Se eu trair Cholayna, então serei falsa com o verdadeiro espírito do Juramento das Amazonas. E especulou o que lhe teria provocado esse pensamento. E foi num tom sombrio que indagou:

— O que quer de mim, Cholayna?

Cholayna inclinou-se para pegar sua mão, mas depois suspirou e não a tocou.

— Neste momento? Apenas que não tome decisões irrevogáveis. Eu poderia ter matado Montray; talvez fosse uma boa

coisa se o fizesse mas infelizmente o hábito de não-violência é muito forte... e ele não serve sequer para comer!

A piada não era boa, mas mesmo assim ela riu nervosamente, antes de acrescentar:

— Se acha que deve se manter fora do nosso alcance por algum tempo, então pelo menos me ajude a acertar com Lauria qual de suas irmãs trabalhará com o QG, aprendendo nossas coisas, em benefício dos dois mundos.

Parte de Magda sentia-se furiosa com Cholayna pela presunção de usar o discurso especial das amazonas, falar de suas irmãs e no dever que tinha com elas, mas havia também uma estranha sensação na sala, como se Cholayna falasse não apenas em palavras, mas de alguma forma se comunicasse com ela num nível mais profundo. Sabia de coisas que a mulher mais velha não lhe dissera, nunca sonharia em contar provavelmente jamais revelara a qualquer pessoa viva, coisas de que à própria Cholayna não tinha plena consciência. Magda sentia-se apavorada por saber tanto a respeito de qualquer ser humano.

Pensou: ela está escancarada, sem entender direito o que quer dizer com as palavras, eu também estou. Podia sentir o cansaço no rosto e no corpo comprido e esguio, a angústia do sol estranho, a sensação de que era muito escuro ali, o anseio pelo calor e luz mais intensos de seu próprio mundo; Cholayna vivia no que era para ela uma semi-escuridão angustiante. Magda sabia que Cholayna era potencialmente amante de mulheres, tanto ou mais do que Camilla, mas isso nunca aflorara em sua percepção por causa dos mundos em que passara a vida. Mas fora por isso que ela consumira boa parte de sua vida ensinando e treinando mulheres mais jovens, na esperança indefinida de que algum dia uma delas lhe desse algo, a própria Cholayna não entendia direito o quê, um pouco de calor que identificava com o calor de seu próprio sol, que lhe fora negado por tanto tempo. E ela própria não percebia isso claramente, mas Magda sabia e ficou arrepiada, os dedos gelados do medo desceram por sua espinha. Não compreendia o que isso significava e não podia adivinhar. Era como a noite em que despertara nos braços de Jaelle e a amiga a beijara, talvez induzida pela intensa percepção entre as

duas; só que desta vez não podia descartar como um impulso sexual fortuito, era muito mais profundo. Uma coisa do espírito? Magda não se sentia à vontade com tais idéias e desconfiava que Cholayna ficaria consternada.

Contudo, a emoção existia e ela não podia identificá-la nem reprimi-la. Quanto a rejeitá-la, seria tão inconcebível quanto esbofetear Camilla por lhe oferecer amor e devoção. Magda baixou a cabeça para que Cholayna não visse as lágrimas em seus olhos e disse, rudemente, lutando contra a coisa, qualquer que fosse, que lhe dava vontade de chorar:

— Farei isso, é claro. Não quero deixar coisas sem solução. Mãe Lauria está à nossa espera.

O desjejum as aguardava no gabinete de Mãe Lauria: uma travessa de pão quente em fatias, outra com fatias do que sobrara do bolo do Festival, cheio de passas, e um jarro gigante e fumegante da bebida às cereal fermentado que as amazonas tomavam no lugar de vinho ou cerveja. Havia também uma tigela com ovos cozidos e um prato com queijo de coalho. Impelida por um sentimento que nunca teria considerado até aquela manhã, Magda apressou-se em dizer:

— Não vai querer comer os ovos, Cholayna, pois outrora tiveram vida Mas pode comer todo o resto sem se preocupar.

— Obrigada por me avisar, Magda — disse Cholayna, imperturbável. Não espero que o mundo seja disposto para a minha conveniência; talvez eu tenha me tornado dependente demais dos alimentos fabricados pelo homem. E talvez, no final das contas, os escrúpulos alfanos sejam absurdos. Um sábio disse que não é o que entra em nossas bocas o que nos profana, mas o que sai delas, como mentiras, crueldades e ódio...

Ela serviu-se de queijo e pegou uma fatia de bolo. Magda ficou observando-a mastigar, pensativa.

— Seu povo pensa assim? — indagou Mãe Lauria. — Algumas mulheres nesta casa fazem questão de só comer grãos e frutas; contudo, o sábio delas escreveu que tudo o que partilha este mundo conosco tem vida, até mesmo as pedras; e todas as coisas atacam umas às outras e delas se alimentam, até que ao final vão alimentar

a mais baixa de todas as formas de vida. Assim, devemos comer reverentes qualquer que seja a coisa, pensando sempre que alguma vida foi sacrificada para que pudéssemos viver e que um dia também serviremos de alimento a alguma vida. Mas houve também outro filósofo que escreveu que a manhã seguinte ao Festival faz com que todo bêbado se torne um filósofo!

Ela riu e estendeu um pote de frutas em conserva para Magda, que passou um pouco em seu pão, desejando poder explicar seus sentimentos em termos de mera ressaca.

— Precisamos tomar uma decisão — disse Mãe Lauria, incisiva, terminando o chá em sua caneca. — Acho que Marisela deve ser a primeira.

— Concordo e duvido que ela não ensine aos terráqueos tanto quanto vai aprender — comentou Cholayna. — Mas é possível dispensar seus serviços aqui?

— Provavelmente não, mas mesmo assim deve ter essa oportunidade — respondeu Mãe Lauria. — Keitha pode cuidar do trabalho de manhã e depois virá a vez dela. Eu gostaria de mandar Janetta... Marga! está com tanto sono assim? Devo mandá-la de volta para a cama?

— Oh, não! parecera-lhe por um momento que Marisela estava parada num canto da sala, escutando a conversa, ao mesmo tempo em que sabia que ainda se encontrava lá em cima, em sua cama, meio adormecida, perguntando por quanto tempo poderia aproveitar aquele sono delicioso antes que alguém viesse à procura de uma parteira e a despertassem. Não deitava sozinha na cama e Magda recuou, não querendo saber isso sobre Marisela também. E apressou-se em acrescentar:

— Janetta é muito rigorosa, acho que não poderia aceitar os costumes terráqueos.

— Ela é mais inteligente do que você a julga — disse Mãe Lauria! Há pouco aqui para desafiar sua mente. Eu pensava em mandá-la Arilinn, mas ela nunca daria uma parteira, pois não sente muita simpatia pelas mulheres. Decidiu que não quer ter crianças, pois sente uma aversão aos atos preliminares necessários. Não há outro treinamento disponível para ela, já que Nevarsin não treina

mulheres para se tornarem sacerdotisas-curandeiras. Ela é extremamente inteligente, até demais para a maioria das coisas que as mulheres comuns, mesmo amazonas, são capazes de fazer. Não tem interesse em ser uma guerreira e também não possui a força física necessária para isso. Creio que ela seria muito valiosa para vocês; e o que aprender será inestimável para nós também.

Magda permanecia cética e Mãe Lauria continuou:

— Você não conhece a história de Janni. Ela veio de uma aldeia. A mãe ficou viúva com sete crianças e não tinha qualquer ofício para criá-las, por isso se tornou meretriz. Tentou treinar Janetta para sua profissão antes que a menina tivesse doze anos. Durante um ou dois anos Janni ainda era muito pequena para resistir, mas depois fugiu para nós.

Camilla dissera uma vez: toda Renunciante tem sua própria história, e cada história é uma tragédia. Como conquistei meu lugar entre elas?

— Há uma jovem chamada Gwennis — disse Mãe Lauria. — Ela se encontra agora em Nevarsin, trabalhando com alguns pergaminhos sob a guarda dos irmãos... Você não a conhece, Margali...

— Não conheço bastante bem para recomendá-la para isso — comentou Magda, — mas ela é minha irmã-de-juramento... integrava o bando liderado por Jaelle.

— Acho que ela seria uma boa escolha — declarou Mãe Lauria. — O próprio fato de que se ofereceu como voluntária para esse trabalho pode significar que seria competente.

Há também Byma; ela possui uma mente inquisitiva... para não mencionar que continua ansiosa por sua segurança e que isso seria uma bênção, uma coisa nova em que pensar. Cholayna... — Ela usou o nome terráqueo da mulher com alguma hesitação. — ... tem alguma idéia específica sobre a idade que as mulheres devem ter?

— Não creio que isso tenha alguma importância — respondeu Cholayna. — Talvez não devam ser muito jovens. Seu povo, pelo que ouvi dizer, assume responsabilidades numa idade mais jovem do que a nossa. Mas se o pessoal do Império considerar que não passam de

simples crianças, poderia não levá-las a sério, como adultas independentes. Acho que não devem ter menos que vinte anos.

— Tão velhas assim? — indagou Mãe Lauria.

Magda recordou que Irmelin era uma das mulheres que mais lia na Tasa passando a maior parte de suas horas de lazer lendo ou às vezes escrevendo para Mãe Lauria; sugeriu seu nome.

— Acho que talvez ela seja indolente demais, muito contente com coisas como estão — comentou Mãe Lauria. — Há três anos poderia ser uma boa indicação, mas não agora.

Contudo, se ela quiser, depois de compreender quanto trabalho exige, pode ter uma oportunidade. Sem dúvida é muito inteligente e não se assusta com o trabalho árduo.

— Eu gostaria de realizar um teste de inteligência com todas as suas mulheres — disse Cholayna. — Temos alguns muito eficientes, sem base cultural, avaliando apenas a capacidade de pensar em termos abstratos e de aprender.

— Poderia ser bastante valioso para nós também — disse Mãe Lauria. — Certamente há mulheres estúpidas, assim como homens estúpidos, porém a mais inteligente das mulheres pode ser ensinada quando menina que a estupidez aparente é sua habilidade mais útil quando se encontra os homens. A maioria é esperta o suficiente para aprender a se comportar assim. As que não podem aprender isso, ou se recusam a assumir essa atitude, são quase sempre as que nos procuram. Mas às vezes temos mulheres que sentem medo até de aprender a ler, porque foram levadas a acreditar que isso estava além de sua capacidade. Nunca saberei como, em nome de Evanda, pode-se chamar de estúpida uma mulher que sabe fiar e tecer, cultiva alimentos em sua estufa e supervisiona as criadas, ensina às crianças e administra todos os recursos da família.

É a mesma coisa que chamarmos um fazendeiro, capaz de cuidar das colheitas e dos animais em todas as estações do ano, de estúpido só porque ele nada sabe da filosofia dos sábios antigos. As mulheres chegam aqui considerando-se estúpidas e não sei como convencê-las do contrário. Mas talvez, se seus testes forem apresentados como jogos, eu pudesse convencê-las de que há tipos diferentes de aprendizado...

— Temos muitos testes e pessoal para administrá-los — garantiu Cholayna. — Estou pensando em uma das técnicas do departamento de psicologia.

Ela pode ser uma boa indicação para ficar aqui, não apenas por vocês, mas também em seu próprio benefício... Acho que ela pode aprender muito com vocês. Ela é... — Cholayna hesitou. — Não tenho muita certeza das palavras que vocês usam... pode me ajudar, Magda? Uma mulher que não tem interesse sexual por homens...

— Menhiédri — disse Magda, usando a mais polida entre muitas palavras; outras, mais grosseiras, eram usadas todos os dias na Casa da Guilda, mas naquele momento ela sentia-se muito sensível em relação ao assunto.

— Ela ficaria feliz ao saber que há um lugar nesta cultura em que não seria desprezada — comentou Cholayna. — Muitas de nossas culturas são... longe de perfeitas, posso dizer assim? Ela se interessaria em saber como a sociedade de vocês estrutura essas coisas. Pode sentir-se à vontade aqui, mais do que outras, se acham que podem aceitar mulheres de outro mundo, como aceitaram Magda... Margali.

Mãe Lauria declarou, um tanto tensa:

— Fico contente em saber que pensa que há alguma coisa que podemos lhes ensinar, além de aprender com vocês.

Cholayna sorriu com uma cordialidade que desarmou a outra.

— Não deve nos julgar pelos nossos representantes piores e mais tacanhos, Lauria. É lamentável que o nosso Coordenador seja um homem de mentalidade estreita, o pior em vez do melhor, uma nomeação política, alguém que nunca desejou estar aqui. Mas temos entre nós pessoas que amam sinceramente os mundos para os quais são designadas e gostariam de partilhá-los. Magda, por exemplo...

O rosto de Mãe Lauria se abrandou.

— Margali tem sido realmente uma das nossas, e se há outras pessoas como ela... ou como você, Cholayna... seriam recebidas como amigas. E para ser justa, há também muitas pessoas entre nós que julgam seu povo pelos homens nos bares do espaço-porto, sem levar em consideração seus cientistas e homens mais sábios. Há até quem ainda pense que vocês são demônios do céu. . Pelo bem de

todas, Margali, acho que chegou o momento de revelar a verdade, quem você é e de onde veio, a fim de que quando alguém falar desdenhosamente dos terráqueos as mulheres que a conhecem bem possam dizer: "Mas Margali também é terráquea e viveu como nossa irmã nesta casa durante um ano inteiro." Servirá para mostrar como os preconceitos são absurdos... O que acha disso, Margali?

Magda sentiu-se atordoada; ainda não, não poderia por enquanto enfrentar o súbito choque e hostilidade que pelo menos algumas lhe dispensariam... e até passou por sua cabeça o pensamento de que podia quase ver os rostos hostis, a rejeição quando antes havia amizade, o constrangimento quando soubesse que conquistara a todas sob falsas alegações...

Outra vez Cholayna presumia que ela concordaria em se colocar na linha entre as duas culturas, que de novo aceitaria a posição vulnerável de contato entre seus dois mundos. Como a desprezariam quando soubessem! E Camilla... Camilla com toda certeza a odiaria...

Nunca me permiti ser vulnerável com qualquer homem como tenho sido com Camilla; sempre antes eu me mantinha cautelosa, tentava ser forte e no absoluto controle de mim mesma. Com Camilla é diferente e não suportaria que ela me julgasse com muito rigor. Seria pior do que a ocasião em que perdi Peter. Um dos motivos pelos quais ele me deixou foi o fato de eu ser muito independente e não poder me entregar e renunciar a meu julgamento; e agora...

— Margali?

E subitamente Magda compreendeu que perdera a noção da conversa, que Mãe Lauria e Cholayna a observavam atentamente. Ela murmurou a esmo:

— O que foi mesmo que disseram a respeito de Camilla? Desculpem, eu estava pensando em outra coisa...

E depois ela sentiu-se assustada; como soubera que as duas falavam de Camilla?

— Está doente, Margali? — indagou Mãe Lauria. — Ficou branca como uma mortalha.

Cholayna perguntou, sorrindo, se ela não dançara demais na noite anterior.

— Ninguém presta para nada no dia seguinte ao Festival — comentou Lauria. — Talvez esta seja a ocasião errada para uma visita, mas você não podia saber. Tudo o que falamos, Margali, foi que Camilla se encontra na casa e provavelmente conhece as mulheres melhor do que eu; quando se treina uma menina em esgrima e autodefesa, passa-se a conhecer todas as suas fraquezas. O mesmo se aplica a Rafaella, mas ela dormiu fora, pelo que disse Camilla. Pode ir chamá-la para conversar conosco?

Suas pernas são mais jovens do que as minhas.

Magda ficou contente em sair da sala. Parou na escada, ofegante, mantendo-se de pé apenas pela força de vontade. Estava acontecendo de novo, mais uma vez tinha a sensação de que era como uma aranha no centro de uma teia, virando-se para todos os lados e sentindo os fios se mexerem, lá em cima, onde Marisela já levantara e cantava enquanto lavava o rosto com água gelada... Alguém nos degraus lá fora procurando uma parteira, mas como Marisela soubera disso? Da mesma maneira que eu soube? Dama Rohana chamara de laran... mas também dissera que eu aprendera a contê-lo; o que aconteceu com meu controle? Podia sentir Irmelin lá embaixo, na cozinha, podia ouvir Rezi e duas outras praguejando enquanto trabalhavam com as pás no estábulo; os próprios animais sentiam os distúrbios do Solstício do Verão ou seria apenas porque depois da dança pela noite afora a rotina inflexível de tratá-los não combinava com uma ressaca? Keitha... Keitha é ainda mais preconceituosa do que eu com as amantes de mulheres, não fui a única a sucumbir a alguém que amava no Solstício do Verão...

— Em nome de Evanda, por que está bloqueando a escada? — indagou uma voz irritada às suas costas.

Magda, tremendo, empertigou-se para deparar com Rafaella. Ela ainda usava o vestido da festa, que parecia estranho na claridade da manhã, os cabelos desgrenhados, os olhos avermelhados. Era evidente, até mesmo para Magda, como ela passara a noite... ou estou lendo mentes outra vez?

Ela deslocou-se para o lado, murmurando uma desculpa, mas Rafaella parou e fitou-a, segurou-a bruscamente pelo braço.

— O que a aflige? Dá a impressão de que está entrando em trabalho de parto ou algo parecido!

— Não é nada... estou bem... Mãe Lauria me enviou numa missão...

— Pois então vá cumpri-la — disse Rafaella, com alguma gentileza.

— Mas parece que foi você e não eu quem passou a noite sem dormir e bebeu demais. Mas suponho que não somos as únicas nesse estado; depois de fazer o serviço, seria melhor passar o resto do dia na cama... de preferência sozinha!

Ela riu e continuou a subir a escada. Magda, sentindo o rosto quente, conseguiu recuperar o controle e seguiu para o quarto de Camilla. A mulher mais velha estava acordada e parcialmente vestida; ouviu Rafaella na escada e esticou a cabeça para o corredor.

— Então acordou com os passarinhos, Rafi querida... Valeu à pena?

Rafaella revirou os olhos expressivamente e soltou uma risada.

— Como você poderia saber se eu lhe contasse? Mas valeu... por uma vez no ano! E agora tenho de dormir!

Ela entrou em seu quarto e Camilla riu baixinho, virando-se para Magda.

— Veio me procurar? Calculei que Mãe Lauria e a terráquea pediriam para falar comigo, mais cedo ou mais tarde...

Ela também? Magda sentiu-se frágil, com os nervos à flor da pele, como se pudesse explodir a qualquer momento; uma parte dela foi dominada pelas lembranças superficiais muito nítidas de Rafaella sobre a noite, ele devia ser um homem e tanto, uma memória de excitação, competência atlética agradável, ficou furiosa porque a recordação partilhada provocou uma onda de calor sexual que se espalhou por todo o corpo; e agora Camilla recebia a mensagem antes mesmo que ela a transmitisse.

Todas faziam isso? Nunca acontecera antes, mas Camilla tinha os cabelos vermelhos, não era impossível que houvesse em suas veias um pouco de sangue Comyn; esmaecidos agora, apenas

avermelhados, mas quando jovem ela deve ter sido uma ruiva brilhante, Tallo, como diziam aqui, como Jaelle; e contemplando Camilla ela teve a impressão de que o rosto encovado e coberto de cicatrizes desaparecia e o que via à sua frente era uma adorável criança de quatorze ou quinze anos, cachos lustrosos de um vermelho-escuro, uma arrogância delicada uma criança resguardada, tratada como uma princesa... uma criança adorável, é verdade, mas isso de nada me adiantou, depois um fluxo de lembranças confusas, se atropelando, uma criança delicada subitamente arrancada de casa, nas mãos de bandidos, os homens mais rudes, violação brutal e reiterada, uma diversão para os mais cruéis, de mão em mão como uma prostituta, não, pior do que uma prostituta, nem mesmo um ser humano, espancada como um animal quando tentava escapar... açoites arrancando a carne dos ossos... Magda vira as cicatrizes no rosto e no corpo... não posso estar vendo tudo isso... mas seu próprio corpo era sacudido pela mesma dor, todo o horror... e depois um fluxo de negação, medo...

— Não! — ela conseguiu balbuciar. -Camilla, não...

E outra vez a vergonha dominou-a, como podia se recusar a sequer recordar quando a amiga tivera de suportar tudo aquilo, quando a mera lembrança era suficiente para deixar Magda com vontade de vomitar...

— Margali! Bredhiya...

Camilla amparou-a quando ela cambaleou e o contato provocou outro fluxo de memórias insuportáveis, intoleráveis...

E depois, abruptamente, como uma porta fechando, as recordações foram interrompidas e havia outra vez a Camilla familiar, murmurando:

— Desculpe, eu não sabia que você era vulnerável... a isso.

— Acho... que estou enlouquecendo — balbuciou Magda. — Não paro... de ler as mentes das pessoas...

Camilla suspirou.

— Suponho... Jaelle tem um pouco do Dom de Ardais; é uma telepata catalisadora e vocês foram muito íntimas, talvez ela tenha despertado seu laran. E é claro que ela não conhece sua força; conseguiu se defender muito bem e com isso mal tem noção de seu

laran. E eu aprendi há muito tempo a levantar uma barreira, por meses a fio nem sequer penso nisso; vivendo entre os cegos mentais, é preciso aprender manter as barreiras levantadas. Eu juro, minha querida, que nunca tentei ler você, nunca... violei sua privacidade. Há muito tempo tomei a decisão de deixar tudo isso de lado. E nunca voltei atrás. Isso não acontece duas vezes em cinco anos. Perdoe-me, irmã.

— Acho... talvez você é que deva me perdoar — Magda conseguiu balbuciar.

O mundo retornava lentamente ao foco normal, mas parecia que apenas o mais tênue dos véus a protegia daquela abertura insuportável para tudo e para todos.

— Você não teve treinamento — murmurou Camilla. — Quando eu ainda era jovem... depois...

Ela gesticulou, relutando em falar. Magda entendeu, depois da terrível experiência sobre a qual Camilla falara apenas uma vez, depois do que ela lera... como Camilla pode viver com tais recordações?

— Minha família jamais conseguiu esquecer — continuou Camilla, controlada. — Tive de aprender ou morrer. Mas já chega disso, amor. .. agora devemos descer para o gabinete de Mãe Lauria. Você está bem, Margali?

Magda conseguiu acenar com a cabeça. Sentia outra vez um desejo desesperado de se apoiar na força da mulher mais velha. Não podia suportar o que estava lhe acontecendo, e apesar das palavras de Camilla não se sentia disposta a admitir que ocorria de fato.

Ela pôde ouvir vozes excitadas na porta quando desceu e depois a voz gentil de Marisela acalmando o tumulto:

— Claro, claro, eu compreendo, minhas crianças... Não, não, sua mamãe não vai morrer, ela vai dar a luz a seu irmãozinho ou irmãzinha, só isso. Claro, claro, vou me apressar. Irmelin, leve nossas amiguinhas para a cozinha, sirva pão e mel... as coisas estavam confusas demais em casa para o desjejum esta manhã, não é mesmo, meninas? E podem dar uma olhada na cozinha da Casa da Guilda e ver como é... Queriam conhecer tudo, não é mesmo?

Ela fez um gesto divertido para as mulheres na escada, depois seus olhos se encontraram com os de Magda e a expressão mudou, tão abruptamente como se ela tivesse levado uma bofetada.

— Ah, Deusa, eu não sabia... Margali, sei que devo conversar com você, mas... — Ela comprimiu as mãos contra a cabeça, consternada. — Preciso me apressar; apesar do que eu disse às meninas, é a quinta criança desta mulher, e não há muito tempo.

Ela se aproximou de Magda e pôs as mãos em seus ombros, fitando-a nos olhos. Magda pensou: Ela sabe o que está me acontecendo. Mas isso não é possível.

— Prometa, irmãzinha, que não fará qualquer coisa precipitada até podermos sentar juntas como irmãs e ter uma boa conversa, como nunca tivemos antes... e a culpa é minha, eu deveria saber, mas quero que me prometa, Margali...

E agora tenho de ir pegar minha bolsa. Mas espere... precisa realmente de mim tanto assim? Meu dever com uma irmã vem em primeiro lugar; devo mandar Keitha cuidar desse parto e ficar com você, brenda!

Mas a sobrecarga de sensação e confusão já começava a se desvanecer. Estou imaginando coisas, pensou Magda, cansada demais. Bebi demais ontem à noite e pode-se acreditar em qualquer coisa quando se tem uma ressaca.

— Claro que não, Marisela. Pode ir. Olhe, as crianças estão à sua espera.

As meninas haviam aparecido na porta da cozinha, os rostos e aventais lambuzados de mel. Marisela parecia ainda indecisa.

— Cuide dela, Camilla, enquanto eu subo e acordo Keitha...

— Essa não! — Camilla torceu o nariz em desdém. — Vocês, ledoras pensam que têm resposta para tudo, não é mesmo? Pode deixar que cuidarei dela. E você, trate de trazer bebês ao mundo, que é o que faz melhor.

Ela estendeu o braço pelos ombros de Magda. Marisela suspirou e virou-se para as meninas, pegando a bolsa preta de lona em que guardava os instrumentos do ofício de parteira.

— Vamos embora, minhas queridas, vamos voltar para junto de sua mamãe.

— Venha, querida — murmurou Camilla para Magda. — Mãe Lauria nos espera.

Magda, fazendo um esforço para se controlar, seguiu-a para o gabinete de Mãe Lauria; mas tinha a sensação de que ainda podia ver os olhos azuis transtornados da parteira fixados em suas costas.

Quando entrou na sala, porém, foi como se um botão fosse apertado e a mente ingressasse em outro canal, voltando ao normal. Camilla se encontrava completamente fechada... ela não fará essa coisa incrível comigo, não como Marisela fez, fechou-se inteiramente, por anos e hábito. Não creio que Camilla tenha sequer me lido o suficiente para saber que sou terráquea. Mas talvez eu devesse ter pedido a MariSela para ficar, talvez ela possa me ajudar a aprender a impedir tudo isso.

Mas não... nunca acontecera, concluiu Magda, fitando os olhos Castanhos e sensatos de Cholayna e os olhos cinzentos e serenos de Camilla. Estava apenas imaginando coisas. Camilla escutava Cholayna escrever o que desejavam, concentrando nisso toda a sua atenção.

— Gwennis — disse Camilla. — Margali, ela foi uma das que testemunharam seu juramento naquela noite, mas talvez não se lembre dela. .. é um crime não conhecer as irmãs-de-juramento. Ela seria boa para isso, o próprio fato de que estava disposta a ir para Nevarsin e aprender...

— Se ela é irmã-de-juramento de Margali — interveio Mãe Lauria eu não gostaria de separá-las de novo quando Gwennis voltar. Só a mandaria para a Zona Terráquea se Margali também fosse.

Magda compreendeu, outra vez aturdida com a diferença, que Mãe Lauria realmente falava sério; suas prioridades eram tão diferentes que ainda parecia impossível, depois de meio ano na Casa, entender como sua mente funcionava. Ela considerava que era mais importante que Magda e Gwennis permanecessem juntas só por causa do acidente que as reunira naquela noite no abrigo de viajantes em que Magda prestara o juramento, do que proporcionar a Gwennis a oportunidade de estudar com os terráqueos!

Subitamente, Magda experimentou a alienação outra vez. Era tão diferente, ali entre aquelas estranhas, fez um esforço intenso

para se fechar de novo. Era apenas uma questão de tomar a decisão de não se entregar. Camilla a fitava com uma expressão expectante e ela disse, controlando-se:

— Mas não sei realmente nada sobre Gwennis; só a encontrei naquela noite.

Sabia que Camilla e também Mãe Lauria ficariam chocadas se confessasse que das mulheres presentes a seu juramento só podia recordar de Jaelle e Camilla; não podia se lembrar quem era Gwennis e quem eram as outras... Sherna? Devra? Nem mesmo tinha certeza de seus nomes; contudo, prestara juramento para elas.

Passaram horas trabalhando na pequena sala de Mãe Lauria. O sol da tarde já começava a perder seu vigor quando Mãe Lauria esticou-se e bocejou.

— Creio que temos o grupo apropriado... se as mulheres que escolhemos ficarem satisfeitas; se todas recusarem, teremos de recomeçar...

— Mas tenho certeza que elas não recusarão — garantiu Camilla. — Uma ou duas podem fazê-lo, mas foi por isso que escolhemos dez, em vez de cinco ou seis. E você, é claro, vai querer conversar com elas. . — Cholayna.

Ela pronunciou o nome um tanto timidamente. Magda sentiu-se contente ao perceber que simpatizavam uma com a outra. Mas Cholayna ainda não mencionou que sou terráquea. Como Camilla reagirá quando souber disso? Vai me odiar? Eu a amo, não quero deixá-la — depois Magda compreendeu que devia estar mais cansada do que imaginara, via imagens outra vez, ela própria se afastando a cavalo de Camilla, o rosto triste da mulher mais velha... Quando tornariam a se encontrar, se é que algum dia. Aquilo era absurdo; ela não deixaria Camilla, não agora. Não por muito tempo, esperava, embora ainda não tivesse certeza se haveria algum tipo de compromisso permanente.

Em determinado momento, durante o longo interlúdio amoroso antes de dormirem naquela manhã, Camilla parará por um instante e fitará-a com uma expressão angustiada.

— Margali, eu seria capaz de assumir um juramento com você; sabe disso, não é mesmo?

Magda rira e a beijara, mas pensara: Não. Ainda não estou pronta para isso. Pelo menos por enquanto, se é que algum dia estarei. Alguma coisa em seu íntimo advertira-a a não dizer qualquer coisa precipitada.

Exatamente como um terráqueo. Mantenha o controle durante todo o tempo, nunca permita que as coisas ocorram espontaneamente...

— Acho que estamos todas cansadas demais para continuarmos — disse Mãe Lauria. — Já fizemos tudo o que é possível antes de apresentarmos a questão na assembléia da Casa, que será dentro de quatro dias. Você pode comparecer e falar, Cholayna, conhecer essas mulheres pessoalmente, pedir suas opiniões. Assim...

Ela se levantou agilmente, embora Magda pudesse perceber as rugas de exaustão em seu rosto.

— Cholayna, não gostaria de ficar e jantar na Casa? Seria bom que nossas mulheres começassem a se acostumar com você como nossa amiga.

— Eu teria um prazer enorme, mas talvez devêssemos ir um pouco mais devagar, até elas saberem quem sou e porque estou aqui. Depois que eu for apresentada na assembléia, elas poderão decidir por si mesmas se desejam fazer amizade...

— Tem razão — concordou Mãe Lauria. — Estarei à sua espera nesse dia. Jantaré conosco na Casa antes da assembléia?

— Seria uma honra — respondeu Cholayna.

Magda teve a impressão de que ela se sentia um pouco apreensiva.

— Não se esqueça, Mãe Lauria, que Cholayna não come carne ou qualquer coisa que já teve vida.

— Pode-se dar um jeito, com a maior facilidade — assegurou Mãe Lauria.

Cholayna sorriu aliviada e saiu para o vestíbulo, a fim de pegar o capote, forrado de pele, cobrindo todo o uniforme, que era mais aos corredores com aquecimento do QG.

Janetta estava de serviço na porta; Mãe Lauria apresentou-a à terráquea. O rosto de Janetta se iluminou; seu nome fora sugerido

para o aprendizado, lembrou Magda, e parecia evidente que Mãe Lauria já lhe falara a respeito.

— Janetta a escoltará na volta pela cidade — disse Mãe Lauria. — Não, Cholayna, não recuse, é mesmo necessário. Já é tarde e se você se perdesse... Há alguns distritos em que um terráqueo não estaria seguro e outros em que uma mulher teria problemas... e você é as duas coisas. Tenho certeza que você, como Margali, é capaz de se defender muito bem, mas seria mais fácil se não precisasse fazê-lo; estou certa de que ela já lhe disse que uma das primeiras leis de uma Renunciante é a de que sempre se deve evitar uma situação difícil, em vez de escapar depois que aconteceu.

— Será uma honra para mim — declarou Janetta, formalmente. Ela pôs a mão por um instante no punho da faca e acrescentou: — Nada acontecerá enquanto ela estiver sob os meus cuidados, Mãe.

— Mas isso é ridículo! — protestou Cholayna, rindo. — Achem mesmo que preciso de uma escolta armada?

Não, Magda compreendeu, ela não dissera isso, mais uma vez ela ouvira Cholayna pensando essas palavras, depois concluindo que seriam ofensivas, uma repulsa a algo que era muito importante para Janetta; em voz alta, Cholayna disse apenas:

— Obrigada, Janetta; é muita gentileza sua... e também sua, Lauria, por providenciar.

As duas ficaram imóveis por um momento, fitando-se, depois Mãe Lauria riu e abraçou Cholayna.

— Todas as amazonas são irmãs, e se a Deusa permiti, um dia poderei recebê-la aqui como uma das nossas; até lá, Cholayna, você será sempre bem-vinda como uma parenta.

Cholayna retribuiu o abraço e disse, muito séria:

— Que assim seja.

Magda, observando, compreendeu que testemunhara algo muito importante, mais importante do que qualquer coisa que Montray já falara sobre suas relações diplomáticas, à sua maneira tão importante quanto o convite do Castelo Comyn para que uma delegação terráquea comparecesse ao baile do Festival. Agora consumem realmente o trabalho que vim realizar aqui, ela se

descobriu pensando. Apertou a mão de Cholayna e ouviu-a dizer que gostaria de tornar a vê-la dentro de poucos dias.

— Gosto dela — disse Camilla, enquanto permaneciam paradas no vestíbulo, observando Janetta acompanhá-la pelo caminho, — como nunca pensei que gostaria de qualquer mulher de outro mundo. Kindra, que foi minha mãe-de-juramento, assim como de Jaelle, dizia que ainda chegaria o dia em que descobriríamos que tínhamos muito a aprender com os terráqueos. A cada ano que passa eu fico mais convencida de que é isso mesmo. Conheceu terráqueos quando era criança em Caer Donn, não é mesmo, Margali? Percebi que conhecia alguns muito bem. Ela fez uma pausa, bocejando.

— Passamos o dia inteiro nisso, mas acho que não foi desperdiçado. -Eu pretendia sair hoje para um passeio a cavalo, estou cansada de ficar em casa. Achei que poderia obter permissão para você me acompanhar. Mas agora já é muito tarde para isso... Olhe, a chuva da noite começou. Janni estará encharcada quando voltar.

— Ela não vai derreter — disse Mãe Lauria, rindo. — Está acostumada a sair com qualquer tempo... Margali, minha cara, como você parece cansada! Leve-a para cima e ponha-a na cama, Camilla. Mandaremos o jantar lá em cima para as duas. Não vão se importar com isso, não é mesmo, meninas?

Ela piscou jovialmente para as duas e Magda pensou, envergonhada: Ela sabe que somos amantes; é natural, provavelmente presume que qualquer mulher aqui experimentará isso antes de terminar seu período de permanência compulsória na casa. Até mesmo Keitha, que se mostrava tão desdenhosa... e ela recordou como sentira, naquela manhã, que Marisela não se encontrava sozinha... o trabalho as unira, como acontecera com Magda e Camilla, só que talvez ela estivesse mais propensa do que a cristoforo Keitha...

— E onde está Marisela? — indagou Mãe Lauria, num momento tão apropriado que por um instante Magda especulou se a Mãe da Guilda também estaria lendo sua mente.

— Sei que ela saiu para atender uma paciente esta manhã. Deve ter sido um caso excepcionalmente difícil, pobre coitada, estará meio morta quando voltar para casa.

Acho que a obrigarei a subir e jantar na cama também. Essas coisas sempre acontecem, por algum motivo, no dia seguinte ao Festival... Keitha ainda está aqui para cuidar de Marisela quando ela voltar?

— Não — informou Irmelin, agora de serviço na porta. — Eu a vi sair com sua bolsa de parteira; um homem veio procurá-la, e como Marisela ainda não tinha voltado, ela saiu em sua companhia...

— Ela não deveria sair pela cidade sozinha — murmurou Mãe Lauria, preocupada. — Legalmente ainda continua no período de permanência na casa; pior do que isso, porém, é que o marido talvez ainda queira se vingar ou surpreendê-la na rua sozinha, a fim de levá-la para casa e aprisioná-la...

— Ela sabia disso — informou Irmelin, — mas acho que o tal homem já falara com Marisela em sua presença. Keitha o conhecia e disse que não podia deixar uma mulher sofrer quando havia necessidade de seus serviços. Creio que ela acredita que seu trabalho como parteira pode ser ainda mais importante do que o Juramento da Renunciante...

— Não há nada em qualquer dos dois que conteste o outro — comentou Camilla. — Mas sou a mãe-de-juramento de Keitha e me preocupo com ela. Devo ir à casa desse homem e me certificar de que ela está bem, talvez escoltá-la na volta para que nada aconteça. Marisela nunca me perdoaria se deixasse alguma coisa acontecer com Keitha...

— Seria uma boa idéia — disse Mãe Lauria, aliviada. — Irmelin, ela informou para onde estava indo?

— Rua das Nove Ferraduras.

Camilla pegou um dos mantos pendurados no vestíbulo.

— Posso levar Margali comigo, Mãe?

— Não. Já é bastante ruim para uma noviça sair às ruas à noite depois do Festival, o que Keitha não deveria ter feito sem pedir permissão, embora eu possa compreender como deve ter lhe parecido natural sair correndo para fazer um parto. Mas não as duas.

Se não quer ir sozinha, leve Rafaella ou alguma outra, mas não Margali.

Camilla fez uma mesura um tanto irônica para a Mãe da Guilda e se encaminhou para a porta, dizendo:

— Voltarei assim que souber que ela está sã e salva...

— Nada disso. Espere e escolte-a de volta para casa. Lamento mandá-la sair quando está cansada. Mas Margali já é bem crescidinha e pode deitar sozinha, para variar!

Mãe Lauria riu e Magda sentiu que corava, mas disse:

— Não estou tão cansada assim. Vou ver se precisam de alguma ajuda no refeitório para servir o jantar, já que Keitha não está na casa.

Enquanto colocavam os aventais e pegavam as tigelas, Irmelin comentou:

— Não deve se importar. É sempre assim, elas gostam de zombar das mulheres que se tornaram amantes... Depois de alguns dias, não pensarão mais nisso, como acontece com Cloris e Janetta. Mas se você e Camilla brigarem e deixarem de partilhar uma cama, voltarão a zombar por alguns dias... e isso é tudo. Ouviu como zombaram de Rafi quando ela voltou para casa depois de passar a noite com um homem... E por falar em Rafaella eu não a ouvi na escada ainda há pouco?

— Não, ela saiu há horas, quando vocês estavam reunidas no gabinete da Mãe — informou Rezi. — Disse que tinha uma caravana para conduzir, enviada por Shaya da Zona Terráquea. Eu tinha uma porção de perguntas a lhe fazer, mas nem houve tempo. Por falar nisso, Margali!

— Esqueça — interveio Mãe Lauria, abruptamente. — Vá atrás de Camilla Pegue sua faca e ande depressa. Se foi mesmo uma armadilha que prepararam para Keitha...

A expressão de Rezi mudou.

— Pela Deusa, eu não tinha pensado nisso! E Keitha saiu sozinha... a Rua das Nove Ferraduras, não é mesmo? — Ela punha o manto enquanto falava. — Alcançarei Camilla antes do final da rua.

Depois que ela saiu, batendo a porta, Mãe Lauria disse:

— Não precisamos esperar o jantar. De qualquer forma, tenho certeza que não há nada que valha à pena esperar. Nunca há nada na mesa além das sobras da noite seguinte ao Festival.

— Há metade de um coelho-de-chifres assado, com bastante molho e recheio — informou Irmelin. — E se alguém não quiser as sobras, há bastante pão e queijo. Seja como for, não faria mal a ninguém fazer um jejum por um ou dois dias depois do Festival.

As mulheres circularam, ocupando seus lugares. Magda sentia-se contente por Camilla não ter ido sozinha; ela já não era jovem e haviam passado duas noites insones.

Contudo, gostaria de poder lutar nas costas de Camilla, se fosse haver uma luta; invejava Rezi, que fora despachada para defender a irmã. Ela pegou um pedaço de queijo e mordeu-o, distraída.

Deveria ter ido com Camilla. Mãe Lauria errara. Camilla era sua irmã-de-juramento e sua amante; tinha a responsabilidade pessoal de lutar ao seu lado. Keitha também era sua irmã-de-juramento e assim também havia a responsabilidade pessoal de protegê-la. Deveria ter argumentado com Mãe Lauria, fazendo-a compreender que era uma obrigação de honra.

Fui terráquea durante todo este dia e agora estou pensando outra vez como darkovana...

Houve uma agitação no vestíbulo e gritos altos. Três mulheres entraram no refeitório, os mantos encharcados.

— Ah, como chove! Parece uma compensação pelo bom tempo na noite do Festival, como sempre. bom, aqui estamos de volta...

— Shema! Gwennis! Devra! — exclamou Mãe Lauria, adiantando-se para abraçá-las.

No instante seguinte todas estavam de pé para cumprimentar as recém-chegadas; ajudá-las a tirar os mantos, formular mil perguntas. Foi a alta e serena, Devra, quem primeiro reconheceu Magda e abraçou-a.

— Margali! Ouvi dizer que você estava indo para Neskaya, mas claro que Jaelle teria preferido trazê-la para sua própria Casa...

Por falar nisso, onde está Jaelle n'ha Melora?

— Ela tomou um companheiro livre e está vivendo na Zona Terraquea...

— Jaelle? Um companheiro livre? Agora posso mesmo acreditar que o burro de Durraman é capaz de voar! — Gwennis riu efusivamente — Sempre pensei que ela seria a última mulher do mundo a se entregar a um homem... Passou tempo demais com Rafaella, foi esse o problema... Rafi corrompeu-a...

Todas se agruparam em torno da mesa, zombando e gracejando. Shema perguntou:

— Onde está Camilla?

— Ela e Rezi saíram... havia alguma preocupação com uma das noivas — respondeu Mãe Lauria. — Um receio de que o marido pudesse tentar encontrá-la de novo fora da casa; por isso, elas saíram para escoltá-la na volta.

As três foram informadas sobre a luta com o marido de Keitha e seus mercenários contratados, como Keitha se tornara aprendiz de Marisela e depois sua amante, uma conversa rápida, com memórias partilhadas e alusões, que Magda mal podia acompanhar. Elas também, como Magda, haviam lutado pela Casa e sido feridas... A esta altura, Magda compreendeu surpresa, não mais estavam zangadas com ela por causa da indenização, mas orgulhosas porque as defendera tão bem.

— Cloris, vá buscar duas garrafas do bom vinho na adega — disse Mãe Lauria. — Beberemos ao retorno de nossas irmãs.

— Temos que beber a mais do que isso — anunciou Rezi, entrando com Keitha e Camilla, todas muito pálidas. — Como pensava, Mãe, era uma armadilha. É verdade que havia uma mulher dando à luz, mas enquanto Keitha estava na casa alguém mandou um aviso a Shann MacShann. Nós o encontramos na rua, pronto para emboscar Keitha, depois que a criança nascesse e ela concluísse seu trabalho.

Keitha estava muito pálida mas serena, embora Magda pudesse perceber que chorara.

— Eu ficaria apavorada se minhas irmãs não estivessem lá. Ao final, eu disse que preferia morrer a voltar para ele. Pus a mão em minha faca e acrescentei que podia virá-la contra mim mesma ou

contra ele, conforme preferisse. Ele acabou indo embora, praguejando e me insultando, jurando que eu teria de esperar para sempre pela devolução do dote; e eu declarei que poderia guardá-lo para os meninos quando crescessem. Tenho a impressão de que ele não tornará a me incomodar.

Ele disse no fim, como se isso pudesse despertar meu desejo de voltar, encontrara uma mulher decente que não fugira e assim, se algum dia eu mudasse de idéia...

— Ela sorriu debilmente. — ... seria tarde demais. Acho que ele ficou chocado quando lhe desejei felicidade com a tal mulher. Não comentei como lamentava a pobre coitada, quem quer que seja.

Camilla abraçou Keitha e disse:

— Estamos todas orgulhosas de você, brenda. E agora podemos beber também à ruína de seu marido. — Uma pausa e ela acrescentou, com um sorriso insinuante: — Você terá também alguma coisa para contar a Marisela quando ela voltar.

Keitha ficou vermelha. O vinho foi trazido e servido, todas beberam, rindo e brincando.

— Aqui estamos agora, todas as que se encontravam no abrigo de viajantes naquela noite, à exceção de Jaelle — disse Shema, adiantando-se para abraçar Camilla e Magda ao mesmo tempo. — Onde está Shaya? Ela saiu com Rafaella numa viagem a negócios? Alguém não disse que ela tomou um companheiro livre?

— Ah, Deusa, como sou estúpida! — exclamou Rezi. — Jaelle esteve aqui e queria falar com você, Margali... mas foi há horas! Estava trancada no gabinete da Mãe e eu não podia interromper, acabei esquecendo com toda aquela confusão por causa de Keitha.

Magda virou-se para ela e subitamente a percepção que mantivera à distância durante todo aquele longo dia tornou a envolvê-la.

Alguma coisa está muito errada. Algo terrível aconteceu com Jaelle... Não havia nada de específico, ela apenas sabia, com uma certeza mais profunda do que as palavras, que Jaelle precisava de sua ajuda, que Jaelle se encontrava numa situação crítica; e no entanto, quando deveria se manter aberta a Jaelle, erguera uma barreira e recusara-se a aceitar o conhecimento, porque sentia

medo. Olhou consternada para Camilla, sabendo que as barreiras sólidas da mulher mais velha haviam-na fechado contra a necessidade de Jaelle.

Perigo. Perigo, cercando Jaelle por todos os lados. Sangue vermelho derramado na areia. O sonho e o laço que haviam partilhado. Despertara nos braços de Jaelle, sua amiga precisava dela, mas fugira e agora Jaelle se fora, correndo para longe... Peter estava morto e agora Jaelle se fora...

Ela mal pôde ouvir a própria voz:

— Depressa, Rezi, conte-me o que aconteceu!

— Shaya... ela veio buscar seu cavalo, comida para viagem e as botas... emprestei minhas próprias botas de montaria; não sei o que acontecera com as dela.

Shaya estivera chorando, mas não quis me contar qual era o problema. Pegou o cavalo e foi embora, antes de a chuva começar.

Magda sentia um aperto na garganta. Não era culpa de Rezi. Ela deveria saber que Jaelle precisava de sua ajuda, mas permanecera trancada no gabinete de Mãe Lauria, discutindo coisas que poderiam ser resolvidas num instante, absorvida nos jogos da diplomacia! Mas isso também não era justo. Cholayna não poderia saber. Ela olhou para as mulheres, ainda rindo, gracejando e tomando vinho com as três que haviam retornado de Nevarsin. Eram também amigas de Jaelle. Camilla era sua irmã-de-juramento...

Estranhas. Elas eram estranhas. Nenhuma compreendia. Jaelle cruzara alguma linha invisível e se tornara uma forasteira, como Magda sempre fora uma forasteira aqui.

A própria Camilla fora capaz de se fechar, isolando o problema de Jaelle para não lembrá-la do seu. Discretamente, sabendo que ninguém lhe prestaria a menor atenção, Magda saiu do refeitório e subiu a escada apressada. Poderia alcançar Jaelle antes que ela estivesse muito longe da cidade. Rapidamente ela pegou meias grossas, roupas de baixo extras, a calça e a túnica mais grossa, arrumou tudo numa trouxa, tirou os sapatos e pôs as botas de montaria. Desceu pela escada dos fundos, entrou na cozinha e preparou um farnel com pão duro de viagem, um pouco de queijo, carne fria e um punhado de frutas secas. Seguiu para o estábulo,

selou seu cavalo. Era o mesmo em que partira para as montanhas quando fora salvar Peter Haldane; o mesmo em que viajara para as linhas de fogo. Estava violando seu juramento de permanecer na casa, mas nem pensava nisso.

Magda já ia subir na sela quando percebeu que Camilla se encontrava parada na porta, observando-a.

— Não pode ir, Margali — murmurou Camilla. — Não deve ir, amor. É uma violação do juramento.

— É uma questão de honra, Camilla. — Engolindo em seco, ela recorreu à arma que dissera a si mesma que nunca usaria, acrescentando em voz trêmula: — Fizemos um juramento nas montanhas, antes de eu vir para a Casa de Thendara.

Não haviam feito, não em palavras; mas ela sabia que no sentido mais autêntico tinham jurado suas vidas uma pela outra, quando Jaelle agonizava com o golpe de um bandido e Magda resolvera abandonar sua missão para salvá-la. Peter Haldane não importara para qualquer das duas contra aquele vínculo, só que Magda não soubera disso até aquele momento.

Se eu soubesse, se compreendesse o que Jaelle realmente significava Para mim ela nunca teria casado com Peter; só que eu não sabia- Foi Camilla quem me mostrou o que Jaelle realmente significava para mim, que o amor de irmãs significa mais do que qualquer homem vivo neste mundo...

— Somos bredhiny, Camilla. Eu lhe suplico, se você me ama, deixe-me ir atrás de Jaelle.

O rosto de Camilla estava branco.

— Eu deveria ter imaginado. Foi por isso que você nunca jurou para mim. Eu... — Ela respirou fundo. — Não importa que tenhamos sido amantes. O importante é que sempre seremos amigas e irmãs. Se é uma questão de honra para você...

Camilla hesitou por um momento e logo acrescentou:

— Você está obrigada a não deixar a Casa, a não ser por ordem de uma das Mães da Guida. Sou uma das mais velhas aqui, Margali. Posso ordenar legalmente que parta.

— Ela abraçou Magda e beijou-a impetuosamente. — Jaelle é também minha irmã-de-juramento e tem sido como uma filha para

mim. Pode partir, Margali n'ha Yeabet, sem violar o juramento. Acertarei tudo com Mãe Lauria.

— Oh, Camilla... Camilla... eu amo você... Camilla tornou a beijá-la e disse gentilmente:

— Também amo você, por mais meios do que imagina. E agora vá. Transmita meu amor a Jaelle e que a Deusa permita que vocês saiam disso sãs e salvas. Não sei quando tornaremos a nos ver, minha querida; seja como a Deusa quiser, e que Ela a acompanhe na viagem.

E no instante seguinte Magda estava na sela, as lágrimas escorrendo pelo rosto. Passou por Camilla e saiu para a rua calçada com pedras. Não sabia para onde estava indo, apenas que seguia no encalço de Jaelle e que ambas se encaminhavam de forma inevitável para aquele momento, desde aquela primeira noite no abrigo de viajantes nas Hellers.

Não violei meu juramento, Camilla me libertou. Mas ela sabia que teria violado o juramento sem a menor hesitação nem remorso, como se o juramento não passasse de um par de sapatos velhos que haviam se tornado pequenos demais e foram abandonados.

Camilla não sabe disso, mas não estou mais presa à Guida, nem mesmo sou mais apenas uma terráquea. Superei todas essas coisas. Não sei o que sou agora. Talvez, quando eu encontrar Jaelle, quando alcançá-la onde quer que tenha ido, ela me ensinará.

Ela era uma terráquea. Era uma Renunciante. Era darkovana. tornara-se amante de mulheres. Era uma leronis, sem a menor dúvida. A coisa contra a qual lutara durante todo aquele dia era laran. E agora devia usá-lo para seguir Jaelle. Mas não era mais simplesmente qualquer uma daquelas coisas.

Durante toda a sua vida acreditara que deveria optar entre ser terráquea e darkovana, Magda ou Margali. Agente de Informações ou Renunciante, amante de homens ou amante de mulheres, cega mental ou leronis, compreendia agora que nunca podia se descrever como uma coisa ou outra, sabia que era todas aquelas coisas e que a soma era maior do que qualquer uma ou todas.

Não sei quem ou o que sou. Sei apenas que faço o que devo, nada mais e nada menos.

Ela passou pelos portões da cidade sem olhar para trás.

Capítulo Quatro

Jaelle nem sequer recordava, enquanto descia pelo corredor comprido dos alojamentos do pessoal casado, por que sentia tanta repulsa pela embriaguez; sabia apenas que naquele momento Peter era abominável para ela. Mas não precisava voltar, exceto uma vez e por um breve instante. Depois que o casamento fosse formalmente dissolvido — e sabia agora que isso devia acontecer, que o casamento pertencia a seu passado distante, como a Grande Casa de Jalak de Shainsa, — poderiam deixá-la viver fora da base, como permitiriam às Renunciantes que estudariam Técnica Médica. Mas se insistissem que continuasse a ocupar o lugar de Magda — como se ela pudesse, como se qualquer pessoa pudesse se tornar a equivalente exata de outra, eles haviam sido loucos só de sugerir, — teriam de lhe conceder permissão para ficar nos alojamentos do pessoal solteiro. Afinal, Magda residira ali.

Ela passou pelo nível da cafeteria. Deveria comer alguma coisa. A Cafeteria Principal tinha alimentos que conseguia comer, e tudo o que poderia obter mais tarde seriam os sintéticos insossos da pequena cafeteria em Comunicações.. Recordou Marisela dizendo às mulheres grávidas na Casa que deveriam comer, quer sentissem vontade ou não... não eram mais donas de seus próprios destinos, haviam optado por carregar crianças e isso representava um compromisso de um ano com o bem-estar do corpo da criança acima dos seus.

Não me tornei melhor do que qualquer das concubinas de Jalak, apenas uma égua de reprodução para gerar a próxima geração. Não melhor do que Rohana, apesar de toda a minha conversa vibrante sobre liberdade pessoal. Em algum lugar no fundo de sua mente podia ouvir Kindia dizendo que nem mesmo o fato de se tornar uma amazona isentava uma mulher das emoções universais, mas cortou-a com um auto-desdém implacável. Agora devo entrar nessa cafeteria nauseante e estufar meu corpo repulsivo com uma comida que me repugna, só Porque minha criança lamentável, a criança de Peter, que eu não queria, está clamando

para que meu corpo a alimente... Friamente, ela despersonalizou a criança como uma coisa, não a filha que Rohana lhe dissera que teria... Pois que ela reclame. Pode chorar, criança, ninguém vai alimentá-la agora. Ela afastou-se decidida dos cheiros nauseantes da cafeteria, sentindo que por um dia, pelo menos, estava no controle de si mesma.

Lá em cima, no escritório de Comunicações — pois a administração do QG do Império, com irritante lentidão, ainda não providenciara espaço para o pessoal de Informações.

— Hoje é feriado, não é mesmo? Ontem, pelo que sei, houve uma enorme festa darkovana. Disseram-me que metade da equipe de Montray foi convidada para um grande baile no outro lado da Cidade. Para ser mais precisa, no Castelo Comyn, não é mesmo?

Ela parecia muito impressionada e Jaelle sentiu vontade de rosnar, as pessoas do Comyn não eram super-humanas, apenas mortais comuns com um senso exagerado da própria importância. Mas ela disse sombriamente, pois no final das contas Bethany não era a responsável por seu mau humor:

— É uma pena que você não pudesse ter ido no meu lugar. É mais bonita do que eu e provavelmente dança muito bem. Tenho certeza que adoraria. O Festival não me atrai.

Bethany riu.

— Peter teria de opinar sobre isso, não é mesmo? Seja como for, deitei cedo ontem à noite e pelos rostos fechados que encontrei hoje por todo o departamento houve muita gente que dançou até o amanhecer. Há umas poucas vantagens em ocupar uma posição tão baixa na hierarquia... inclusive a de nunca ser convidada com uma ordem real e não precisar ficar acordada durante a noite inteira! Falando sério, Jaelle, você parece estar na pior... Quer que eu providencie um café ou alguma outra coisa?

Jaelle recusou e agradeceu. Não sabia o que precisava, mas certamente não era café, um luxo terráqueo que não apreciava.

— Talvez seja melhor você pedir uma licença no Serviço Médico sugeriu Bethany, solícita. — Afinal, em termos estritos, trabalhou durante toda a noite e agora deve ter uma folga.

Era uma maneira de encarar a situação, pensou Jaelle; afinal, não fora ao Castelo Comyn por seu prazer. Mas ela se limitou a sacudir a cabeça — a última coisa que queria agora era ouvir uma preleção do Serviço Médico sobre suas responsabilidades com a criança por nascer, — e foi sentar à mesa que outrora pertencera a Magda e agora era sua, até que pudesse se livrar da responsabilidade indesejável. Contemplou as fitas de língua inacabadas sem o menor entusiasmo.

Ainda sinto que deveria estar fazendo algo mais importante do que isso. Mas não sei o quê.

Ela trabalhou sem parar por mais de uma hora, até que Monty entrou na sala, agitado.

— Onde se meteu Cholayna? Ela não está em Informações e não consigo encontrá-la em parte alguma!

— Talvez ela tenha pedido uma licença — disse Bethany. — Cholay não foi também ao baile no Castelo Comyn ontem à noite? Monty sorriu sem qualquer humor.

— É verdade, ela foi e o velho também, infelizmente. Meu pai disse que ficar ouvindo música bárbara até de madrugada não era sua idéia de recreação e, além disso, não era para isso que estava sendo pago. Pode verificar no Serviço Médico se ela tirou o dia de folga, Beth?

Sutilmente, como algo que Magda teria percebido, Jaelle reconheceu o pequeno elemento de protocolo. Agora que conhecia a importância dela, Monty não pediria a Jaelle para fazer aqueles deveres rotineiros; enquanto Bethany, cuja função era realizar as pequenas missões rotineiras com que os funcionários superiores não queriam perder tempo, podia ser interrompida a qualquer momento. Jaelle notara também outra coisa entre as funcionárias terráqueas: o empenho para conquistar uma posição que lhes permitisse fazer mais do que cumprir pequenos deveres para os homens. Lutavam invejosamente por esses cargos de destaque. Mas também aceitavam o sistema como parte das condições de trabalho. Magda se orgulhava de estar fora do escritório principal centralizado, a que ela chamava de hospício; não era um ponto de vista que Jaelle partilhava — se tinha de trabalhar num escritório, preferia que fosse

com outras mulheres, em vez de isolada em esplendor solitário, com os homens dos altos escalões. Começava a ter uma vaga idéia da estrutura social e cultural terráquea e parecia-lhe absurda, mas também era bastante inteligente para compreender que uma estrutura social claramente era racional. Na noite anterior mesmo tivera de explicar questões simples de protocolo e pelo menos interiormente escarnecera do velho Montray porque ele não fora capaz de compreender porque um homem que fora outrora seu subordinado, o homem chamado Carr, não podia ser abordado informalmente sem criar o equivalente a um incidente diplomático.

Bethany estava usando o equipamento de comunicação que definia o seu cargo e que os terráqueos pareciam evitar usar, por uma questão de etiqueta, à medida que subiam na hierarquia. Finalmente ela levantou a cabeça e disse:

— Ela não está no Serviço Médico, Monty. Fiz contato com seus alojamentos para o caso de ela ter resolvido tirar o dia de folga, mas estar disposta a ser interrompida a qualquer momento. Recebi o aviso que ela foi à Cidade Velha e poderá ser encontrada na Casa das Renunciadas.

Monty bateu com a mão na mesa, furioso.

— Algum meio de alcançá-la ali?

— Acho que não — respondeu Jaelle.

Agora, ela pensou, com um sentimento obscuro de agressão, não posso sequer me refugiar na Casa da Guilda. Mesmo lá encontro terráqueas, primeiro Magda e agora Cholayna.

— Estou sendo enviado para o campo e preciso de instruções — explicou Monty. — Lorde Alderan, lá no alto das Hellers, perto de Caer Donn... é o lugar em que ficava o antigo espaço-porto, antes de sua transferência aqui para Thendara...

— Sei onde ficam as Hellers — interrompeu-o Bethany, irritada. Magda e Haldane foram criados lá, não é mesmo?

— Haldane poderia me ajudar... — começou Monty.

— Eu não pediria a ele — disse Jaelle, em tom cáustico. — Ele está lá em cima, em nossos alojamentos, completamente embriagado e dormindo.

Monty hesitou por um instante.

— Soube que ele e o Velho tiveram uma briga terrível ontem à noite e que Peter foi para a cidade, furioso. Quer dizer que ele chegou bêbado, heim? Um cara de sorte; eu bem que gostaria de poder fazer a mesma coisa!

— Qual é o seu problema, Monty?

— Tenho de partir para o campo. Já lhe falei alguma coisa a respeito... ou foi com Magda? Preciso ter certeza de que não Vou hostilizá-los e... — Ele exibiu um sorriso desdenhoso. — Também não posso impressioná-los como efeminado. Preciso saber exatamente como me vestir e o que fazer... e o que não fazer em qualquer circunstância. Magda começou a me explicar, mas...

Ele deu de ombros. Por um momento, Jaelle viu uma imagem nítida de Magda e Monty nos aposentos dele... por que estou de repente captando tudo isso? Por que não posso repelir como sempre fiz antes... Magda prendendo sua faca de amazona na cintura dele, mostrando como se movimentar... ela fez um esforço para se fechar ao que captava de Monty, inclusive uma intensa percepção sexual de Magda que lhe incutiu, sem qualquer motivo, uma raiva desconcertante. Por que eu haveria subitamente de odiar Monty só porque ele levou Magda para a cama? Magda, Margali não é minha amante... Empenhando-se para ser justa, através da onda surpreendente de ressentimento que a fazia sentir-se fisicamente doente, Jaelle disse: — Claro que posso ajudá-lo, Monty. Vamos subir para Informações, poderá me falar sobre sua missão em Aldaran, a menos que seja secreta.

— Não é, não. Ao contrário; quando Aleki soube, desmanchou-se em sorrisos. Disse ao Velho que cuidaria pessoalmente, como um representante do Senado... e pode imaginar como o Velho adorou isso! — o tom de Monty era irônico. — Para variar, Darkover é previsível... ou é assim que ele pensa. Algum figurão lá em Caer Donn... terei de identificar os detalhes, mas seu nome é... Aldaran de Aldaran e Sca... Ele contraiu o rosto no esforço para lembrar. Jaelle extraiu o nome de sua mente sem qualquer dificuldade.

— Aldaran de Aldaran e Scathfell, o antigo Sétimo Domínio do Comyn; eles não são mais do Comyn.

— Estão em guerra com o Comyn?

— Claro que não. Estão distantes demais para que as guerras tenham algum sentido. Mas formavam outrora o Sétimo Domínio e se afastaram.

— Geograficamente, posso entender que isso faz sentido — comentou Monty.

Entraram em Informações e foram examinar o mapa na parede. Era uma iniciativa de Cholayna, sem a menor dúvida. Jaelle nunca o vira antes.

— Mas por que então Ardais também não deixou o Comyn? Em termos geográficos, parece que a divisão deveria ser entre os Domínios das Terras Baixas... — Ele apontou.

— ... com os Aillards e Elhalyns nas terras baixas, Ardais e Aldaran nas Hellers, e Altons e Hasturs nas Colinas de Kilghard, com Ridenow bem aqui, quase chegando nas Cidades Secas...

— Está me pedindo a resposta para um enigma que ninguém até hoje foi capaz de entender — respondeu Jaelle. — Seja como for, Aldatan está exilado do Comyn... talvez por algum antigo crime? Ninguém realmente sabe. Ardais sempre foi leal ao Comyn, embora uma ocasião, pelo que sei, os Aldaran de Scathfell tenham lutado para se tornarem os senhores de Ardais também.

— É claro que não espero compreender mil anos da história dos Domínios da noite para o dia — disse Monty. — Os Aldaran apresentaram um pedido formal ao Império de ajuda e assistência tecnológica; pessoal médico e, é nesse ponto que eu entro, helicópteros e pilotos para voá-los. Ao que parece, os aviões convencionais são inúteis sobre as Hellers... como deve se recordar daquele episódio no Castelo Comyn, quando fomos chamados para falar sobre o avião de Mapeamento e Exploração que caiu por lá. Não são seguros nem mesmo nas Colinas de Kilghard. É claro que o que vocês chamam de colinas, em Darkover, seriam montanhas formidáveis em quase todos os outros planetas que conheço.

Mas helicópteros e alguns tipos de aviões de decolagem e pouso verticais podem ser usados, apesar das condições térmicas na região de Hellers.

Estou sendo enviado para um estudo de viabilidade. Serei encarregado apenas do protocolo e ligação, pois ZeK Scott é quem

vai no aparelho. E por isso preciso de algumas instruções finais de Informações... Cholayna não podia tirar uma folga logo hoje!

— Cholayna também tem direito a um feriado! — protestou Jaelle com tanta veemência que Monty se retraiu.

— Tem toda razão, é injusto de minha parte reclamar assim. Mas talvez você possa me ajudar; arrume-me um traje, explique como devemos providenciar o transporte.

O aparelho será despachado por um cargueiro, é claro, mas nós teremos de viajar pelas colinas a pé. Seu trabalho, pelo que Cholayna me falou um dia, era a escolta de caravanas.

— Isso mesmo, com outra amazona como sócia — confirmou Jaelle. — Mandarei uma mensagem para a Casa da Guilda e Rafaella poderá providenciar o transporte.

E, subitamente, ela percebeu a resposta para toda aquela complicação. Peter não poderia impedi-la de realizar o trabalho para o qual fora contratada na Zona Terráquea.

Poderia se incluir na missão — tinha autoridade suficiente para isso — e guiaria a caravana pelas Hellers até Aldaran. E isso a afastaria da presença de Peter, que há bastante tempo se tornara angustiante para ela; e quando voltasse — o que dificilmente aconteceria antes do outono — poderia solicitar o divórcio pelas leis terráqueas.

Ela pegou um papel e escreveu um bilhete para Rafaella, que seria levado imediatamente para a Casa da Guilda.

— Rafi talvez ainda esteja dormindo. Ontem à noite foi feriado e provavelmente ela dançou até o amanhecer. Mas entrará em ação assim que acordar, começando a reunir pessoas e cavalos, guias e animais de carga. Quantos homens terá na escolta?

Monty forneceu os detalhes. Ela percebeu vagamente que ele estava impressionado com sua eficiência; não a vira atuar antes naquela esfera especial de sua competência.

Falaram sobre os dias de viagem, as rações necessárias para cada pessoa, o melhor fornecedor das roupas adequadas, que Jaelle insistiu que deviam ser trajes de couro e pele naturais, em vez dos sintéticos terráqueos. Monty providenciou as ordens de compra para os suprimentos de que precisariam. Era preciso escolher os homens

para a missão; Monty tinha acesso aos arquivos do Serviço de Pessoal e podia assim verificar que homens vinham de planetas frios, inóspitos ou montanhosos, capazes de tolerarem e até mesmo apreciarem uma excursão pelo pior terreno e pior clima de Darkover.

Era um trabalho tão familiar para Jaelle que ao concluir as listas preliminares e combinar um encontro de Rafaella e Monty ao meio-dia já superara seu mau humor.

Verificou as roupas de Monty com o maior cuidado e foi a seus próprios alojamentos para pegar o pequeno sache que esfregara nas costuras de seu vestido na noite anterior; hesitou por um instante, perguntando a si mesma se as fragrâncias e ervas que usava não seriam impróprias para as roupas de um homem. Foi cheirar as costuras do traje que Peter usara no feriado e que largara no chão ao chegar embriagado. Não, o odor era diferente... pelo que pôde determinar apesar do cheiro forte de uísque.

— Jaelle! — exclamou Peter por trás dela. — Não precisa cuidar disso, querida, pois não é meu valete. De qualquer forma, do jeito que estão, o melhor mesmo é jogá-las na lixeira; nem vale à pena lavar.

Ela sorriu e sacudiu a cabeça.

— Mandarei lavar na Cidade Velha. Assim parecerão mais autênticas quando você sair para o campo outra vez. Aliás, é por isso que estou aqui... Monty vai partir para o campo numa missão... levar um avião para Aldaran ou algo parecido.

— Mas que droga! — resmungou Peter. — Como filho do Velho, é claro que ele estaria no primeiro lugar da fila para uma missão favorável!

— Se pensa que ele quer se aproveitar para levar vantagem sobre você, Peter, está completamente enganado. Há outras missões no campo que proporcionarão mais prestígio do que esta. Monty ficaria agradecido por sua ajuda nos preparativos, pois parece que Cholayna tirou o dia de folga.

No mesmo instante ele voltou a ser o Peter terráqueo, ansioso em aproveitar qualquer oportunidade.

— Está certo, darei uma olhada em todo o equipamento que ele Pretende levar. Provavelmente Monty terá que requisitar as botas

certas. — Ele virou-se para sair, acrescentando:

— Encontre-se comigo para o almoço, está bem, Jaelle?

Ele voltou-se para beijá-la e Jaelle sentiu que seu coração quase derretia. Peter era muito querido. Talvez tudo o que precisassem agora fosse tempo, tempo para se ajustarem, crescerem juntos...

— Na Cafeteria Principal — especificou Jaelle. — Não consigo comer os sintéticos lá de cima.

Ele acenou com a cabeça, afagando gentilmente a barriga de Jaelle.

— O Júnior não gosta de sintéticos? Muito bem, só o melhor meu garoto.

— Peter, Rohana me disse que era uma filha...

— Não diga bobagem, querida. Nem mesmo os médicos terráqueo poderiam ter certeza a respeito... Você ainda não tem nem dois meses de gravidez. Esperaremos pela confirmação científica, está certo? Mas se quiser pensar que será uma filha, querida, não tem problema. .. afinal, há cinqüenta por cento de possibilidade de que esteja certa... mas eu ainda aposto em Peter Júnior! Seja como for, voltaremos a nos encontrar na Cafeteria Principal na hora do almoço, ou pouco depois.

Ele beijou-a de novo, rapidamente, com o olhar habitual para o relógio, um reflexo invariável, depois saiu.

Jaelle reprimiu sua raiva e desceu para conversar com o pessoal de suprimentos sobre os cavalos para a viagem. Eles queriam fornecer caminhões para o transporte de equipamento pesado pelas planícies, mas ela ressaltou que não haviam estradas adequadas e que os dias na sela antes de subirem pelas montanhas seriam valiosos para acostumar os homens às altitudes das Hellers.

— Vocês não têm conhecimento da doença da montanha, que surge quando as pessoas são transportadas muito depressa para altitudes superiores?

— Temos drogas para superar a doença da montanha — assegurou o oficial de transporte.

— Será melhor que eles não fiquem dependentes de drogas, pois viajarão por uma região remota, longe de... — Jaelle hesitou à

procura da palavra, para sua surpresa encontrou-a na mente do homem, sem tentar. — ... de sua linha vital... de ajuda médica.

— Acho que tem razão nesse ponto, Sra. Haldane. Monty me avisou que vai para as montanhas conosco. Já conhece as Hellers?

— Dama Rohana Ardais é parenta minha e já a visitei muitas vezes nas terras de Ardais; além disso, minha parceira e eu já conduzimos diversas expedições pelas Hellers.

Rafaella conhece todas as trilhas nas montanhas.

— Claro que podemos aproveitar alguém que conheça a região.

— Não se importa de trabalhar com uma mulher?

— Escute, Sra. Haldane — disse o homem, tão sério que por uma vez Jaelle não protestou contra o nome que detestava, — quando tenho que trabalhar com alguém não me importo se é um homem, uma mulher ou um golfinho sensível, desde que conheça seu trabalho. Já trabalhei em tantos planetas para não me preocupar mais com cérebros, independentemente dos corpos em que estejam acondicionados. Não tenho muito contato com mulheres aqui, mas soube que há uma mulher na chefia do Serviço de Informações e ouvi comentários de que foi uma mulher do gabinete do Coordenador que praticamente organizou sozinha toda a operação de informações, com seu trabalho de campo... sabe quem foi Magdalen Lorne, não é mesmo? Suponho que Haldane já lhe falou de Lorne, pois foi casado com ela. Ou será que falei algo que não devia?

— Claro que não. Conheço bem o trabalho de Magda. Jaelle não pôde deixar de especular mais uma vez se não fora levada a julgar os terráqueos de uma forma errada por causa das limitações pessoais de Peter. Afinal, eles haviam trazido Cholayna para Darkover; e se mostravam bastante sensatos para compreenderem que as Renunciantes seriam o melhor começo quando as pessoas dos dois mundos trabalhassem juntas.

Talvez não seja o terráqueo em Peter que acho censurável; talvez seja seu lado darkovano, que insiste que não devo ser mais do que sua esposa e mãe de suas crianças... outros terráqueos não são assim. E se Cholayna está certa, devo ser inconscientemente

uma criança das Cidades Secas e desejo inconscientemente pertencer a um homem, ser reclamada como sua propriedade...

O pensamento era tão inquietante que ela tratou de repeli-lo no mesmo instante enquanto o alto-falante avisava:

— Para a Sra. Haldane; uma mensagem pessoal, há uma darkovana nos portões à sua procura.

Um momento depois Jaelle ouviu a voz de Rafaella pelo alto-falante:

— Acho que precisam da minha ajuda numa expedição dos terráqueos.

Jaelle virou-se aliviada para o oficial de transportes.

— Vamos descer e o apresentarei a Rafaella n'ha Doria.

Os dois desceram para os portões. Jaelle logo percebeu que o oficial de transportes gostou de Rafaella e estava disposto a aceitar seu julgamento; providenciou-lhes um mapa, assinou a requisição de Monty para suprimentos e depois foi se encontrar com Peter na cafeteria.

Ele foi gentil e solícito, escolhendo para ela os alimentos que já a vira apreciar, mas a mente de Jaelle se encontrava inteiramente ocupada pelo conhecimento do que tinha de dizer. Depois de comer um pouco, ela largou o garfo e transmitiu o que estivera em sua cabeça durante toda a manhã.

— Peter, lamento se pareci muito dura na outra noite. Mas é a verdade e devemos admitir. Nosso casamento foi um terrível erro. É tempo de encerrá-lo, dissolvê-lo pelos meios que você achar mais conveniente.

Ele ficou desolado.

— Oh, Jaelle, eu estava bêbado! Não pode me perdoar? Há concessões a se fazer em qualquer casamento... E agora, com uma criança chegando, seria este o momento apropriado para uma decisão assim?

— Pois eu acho que é a melhor ocasião para essa decisão, porque tudo em minha vida vai mudar; portanto, este é o tempo certo para esta mudança também.

— E eu nada tenho a dizer a respeito? É meu filho também...

— Filha — ela corrigiu automaticamente, especulando quando começara a acreditar nisso.

Ele mexeu nervosamente com o garfo num purê de alguma raiz branca.

— Reconheço que ambos cometemos erros... e graves. Mas se você me disser o que a incomoda, tentarei mudar. Seria um erro renunciar um ao outro neste momento, Jaelle.

Entre outras coisas, o garoto vai precisar de um pai. E quero que meu filho tenha as vantagens de uma educação terráquea...

— Podemos providenciar isso sem que haja necessidade de continuarmos a viver juntos.

Jaelle não olhava para ele. Para onde fora todo o amor?

— É uma coisa terrível para se fazer — protestou Peter, com raiva. Não pensei que você fosse esse tipo de pessoa. Usar-me para obter a cidadania do Império para você mesma e o garoto, depois me abandonar...

Ela começou a se levantar, os olhos faiscando, fisicamente se contendo para não jogar a tigela de sopa na cara de Peter.

— Se pode acreditar que sou capaz de algo assim, então não há qualquer base para tentar qualquer coisa...

— Por Deus, Jaelle, não falei sério!

Ele também se levantou, inclinando-se por cima da mesa para pegar as mãos de Jaelle. Ela se esquivou, furiosa.

— Perdoe-me, Jaelle. Vamos tentar de novo. Lembra como foi em Ardais, como nos sentíamos felizes?

Ela não queria lembrar; sentia as lágrimas escorrendo pelas faces. Pegando de novo as mãos de Jaelle e comprimindo-as contra seu coração, Peter disse:

— Por favor, Jaelle. Não chore, querida, não chore. Não aqui; as pessoas vão pensar que bati em você...

— Se você se importa tanto com o que os outros pensam...

Jaelle não continuou. Devia a Peter pelo menos isso, encerrar a união numa privacidade decente. Ela suspirou e virou-se para sair com ele da cafeteria.

Foi nesse instante que o alto-falante chamou-os:

— Peter Haldane, Peter Haldane. Sra. Haldane, Sra. Haldane. Por favor, apresentem-se imediatamente ao gabinete do Coordenador. Por favor, apresentem-se imediatamente ao gabinete do Coordenador.

Peter praguejou.

— O que será que o velho desgraçado quer agora? Pelo amor de Deus, Jaelle, você tem que ficar ao meu lado agora! Não deixe que ele me arrase por isso também!

Ela não entendeu direito, mas captou alguma coisa da mente de Peter, se ele pensar que não posso persistir no que comecei, se souber que não tenho mais nada a me prender em Darkover. Suspirando, Jaelle disse:

— Não tomarei qualquer decisão até chegarmos a um acordo, se é isso o que o preocupa.

Ela permitiu que Peter pegasse sua mão e a mantivesse sob seu braço. Ele murmurou gentilmente:

— Nunca concordarei em deixá-la ir embora.

Parecia a antiga ternura. Mas sob o verniz da ternura Jaelle sabia que ele considerava o que isso representaria para sua carreira. Ela endureceu outra vez o coração.

Lado a lado, mas interiormente tão separados como se estivessem em planetas diferentes, eles se encaminharam para o gabinete do Coordenador Montray.

Além da parede de vidro do gabinete ela podia avistar as nuvens carregadas que pairavam sobre o desfiladeiro. Antes do anoitecer a cidade estaria amortalhada e talvez todas as passagens pelas montanhas se tornassem intransponíveis. Montray se encontrava parado ali, olhando para a tempestade. Mais uma vez, num relance, Jaelle captou a mensagem em sua mente, um sol brilhante, um mundo de águas cintilantes e de arco-íris, a angústia que ele nunca permitia que aflorasse, porque de nada lhe adiantaria, enalhado naquele mundo escuro e gelado, onde...

— Isto não me parece muito com o Solstício do Verão — comentou Montray, sem se virar. — Diga-me uma coisa, Haldane, você que viveu neste planeta durante toda a sua vida: nunca há nada aqui sequer remotamente parecido com um verão de verdade?

— Pelo que sei, é bem mais quente nas Cidades Secas e ainda mais quente no litoral, só que ninguém vive por lá... ou quase ninguém — respondeu Peter.

— Jamais conseguirei compreender o comando central — murmurou Montray.

Jaelle captou o pensamento, por mandar-me para cá, sentiu vontade de confortá-lo de alguma forma. Mas Montray limitou-se a acrescentar em voz alta:

— Poderíamos construir nosso espaço-porto lá, sem interferir com os nativos, o que seria mais conveniente para nós e também para eles, todos ficariam felizes. Só que primeiro nos instalaram num lugar como Caer Donn e depois nos transferiram para cá... Jaelle, há algum provérbio neste planeta que signifique a mesma coisa do nosso "Saltar da frigideira para o fogo"!

Jaelle captou na mente de Montray que Magda costumava se empenhar naquele jogo com ele; Montray sentia saudade de Magda, embora nunca se permitisse dizer ou pensar isso. Ela informou gentilmente:

— Costumamos dizer "A caça que sai por si mesma da armadilha para o caldeirão".

Pela primeira e última vez em sua vida, ela esteve perto de gostar de Russel Montray. Especulou se todas as pessoas neste mundo ou em qualquer outro encobriam a tristeza desesperada com as defesas que ele usava, uma crueldade implacável, um humor impertinente, uma recusa gelada e inflexível em se comunicar, — todas as pessoas se isolam umas das outras desse jeito? Nunca há qualquer meio de romper as barreiras? Peter e eu pensamos ter encontrado um meio, mas não passava de uma farsa. Ela sentiu tanta tristeza que teve vontade de chorar, por si mesma, por Peter, até mesmo por Montray, que odiava o mundo em que vivia e o próprio ar que respirava, encobria isso sendo detestável. Mas ela também fazia isso, queria apenas chorar e ali estava, encobrendo seus verdadeiros sentimentos com uma submissão obediente, porque era inadmissível chorar num lugar como aquele. E ela acrescentou, antecipando-se a Peter:

— Mas tenho certeza de que não nos chamou só para falar sobre provérbios, Sr. Montray. Estávamos almoçando.

E depois, antes que ele pudesse responder, antes que ela olhasse para a parte mais escura da sala, Jaelle compreendeu por que fora chamada e virou-se para dizer friamente a Rohana:

— Dama. Ela fez uma reverência. Sentia-se completamente tensa. Ela veio me pedir outra vez o que não quero fazer.

Jaelle, nenhuma pessoa viva pode fazer apenas o que quer. Ela podia ler os pensamentos de Rohana como se a mulher tivesse falado. Eu gostaria de passar minha vida numa Torre. Você teria preferido ser uma Amazona Livre.

Mas pensa que isso só acontece com Mulheres? Gabriel gostaria de passar sua vida a compor canções para o alaúde. E você sabe melhor do que eu o que Peter quer e não pode ter, o que esse Montray deseja...

É isso o que significa ter laran, saber também as necessidades dos outros, a fim de não ter tempo para suas próprias necessidades e desejos? E depois Jaelle fechou a percepção, com um esforço que a deixou pálida e gelada, enquanto Montray os apresentava afavelmente a Dama Rohana.

— Mas Jaelle é minha parenta, Montray, a filha de uma prima que foi criada comigo, como uma irmã — disse Rohana, estendendo a mão. — E já me encontrei várias vezes com seu companheiro livre. Ele foi meu hóspede no inverno passado.

Ela fez algumas perguntas polidas sobre a saúde e o trabalho de Peter.

— Pelo menos não preciso estar lá fora, com essa tempestade que se aproxima — comentou Peter, olhando além de Montray pela janela. — Não sinto a menor inveja de Monty, partindo para Aldaran com este tempo.

— Tempestade? Não vejo nenhuma tempestade — disse Montray, bruscamente. — Está escuro e frio, não tem nada de Solstício do Verão... ou do que eu chamaria de Solstício do Verão em qualquer planeta do tipo humano... sem querer ofender, Dama Rohana, mas gosta mesmo desse tipo de tempo? Imagino que deve...

— Não necessariamente — disse Rohana, sorrindo. — Há uma história antiga, sobre a época em que os Deuses concederam à humanidade o controle sobre o tempo. Os homens

tolamente pediram apenas dias ensolarados e as colheitas definharam, porque não havia chuva e neve. Por isso, um Deus misericordioso retomou o controle...

— Temos o controle do tempo na maioria dos planetas civilizados — comentou Montray, sombriamente. — Essa história me parece simplista demais. Não há aqui mais geadas, inundações e nevascas do que realmente precisam e não seria uma bênção se pudessem ter o tipo de tempo para colheitas ideais e o máximo de benefício para o povo?

Rohana deu de ombros.

— Seria difícil determinar a quem atribuir a decisão sobre o tempo, embora eu tenha certeza de que você já ouviu falar sobre o trabalho Balizado pelas pessoas de uma das Torres durante o último incêndio florestal, levando a chuva para onde era necessário. E esse é um dos motivos pelos quais vim procurá-lo. Creio que já sabe, pois Peter deve ter lhe contado, que tem sob seu emprego uma jovem que é material Potencial para uma Torre. Jaelle...

Ela virou-se, sentindo-se acuada e traída. E disse com a maior fúria:

— Rohana, já discutimos tudo isso antes de eu vir para cá. Não tenho laran...

Rohana declarou calmamente:

— Fite-me nos olhos e diga isso de novo, Jaelle.

Então é isso; durante os últimos dias, o laran que reprimi tão bem por tantos anos passou a aflorar em mim com tanta insistência.

— A vida é minha e renunciei a isso. Como ousa vir aqui, Rohana, entre os terráqueos, para me falar sobre isso agora?

— Porque não tenho opção, Jaelle. Já lhe expliquei porque é tão necessário que você ocupe seu legítimo lugar no Comyn e no Conselho... E estou aqui porque não quero que você diga que seu marido e os terráqueos, que contrataram seus serviços pelo que sei, não permitirão que cumpra seu dever com seus parentes e com os Domínios.

Jaelle? Um lugar no Conselho? E imediatamente, ela soube, Peter pôs-se a pensar como poderia tirar proveito disso. E nem mesmo é um segredo agora; minha esposa no Conselho do Comyn e não será preciso um trabalho secreto de Informações, pois Rohana nos procurou e forneceu a informação espontaneamente.

Ela não podia mais ler os pensamentos de Montray; talvez houvessem partilhado um momento de simpatia, que agora não mais existia. Montray disse:

— Não sei muita coisa sobre o Conselho, Dama Rohana, a não ser que é um tanto contrário à nossa presença aqui em Thendara...

— A presença de vocês em Thendara é um fato, Sr. Montray, e não adianta brigar com os fatos; devemos simplesmente determinar a melhor maneira de fazer com que esses fatos se tornem menos traumáticos para todos. Reconheço que há pessoas no Conselho que preferiam que Jaelle não fosse uma Amazona Livre nem a consorte de um terráqueo, mas esses são os fatos, devem ser aceitos e levados em consideração. Talvez eu tenha vindo até aqui apenas para me assegurar que vocês não impedirão Jaelle de cumprir seu dever nessa questão...

— Nem pensaríamos nisso — garantiu Montray. — Não é da minha conta, é claro, o que ela faz com a sua vida, mas posso lhe afiançar, se o que ela precisa é de tempo para ocupar seu lugar no Conselho...

— Isso é ridículo! — interveio Jaelle, furiosa. — Por que está fazendo isso, Rohana? E que relação pode ter com os terráqueos?

— Como eu disse, os terráqueos constituem um fato; e se uma das pessoas que deveriam participar normalmente do Conselho resolveu usar seu trabalho para os terráqueos como uma desculpa para não cumprir seu dever...

— De uma vez por todas, eu renunciei...

Rohana interrompeu-a com um gesto; mas depois suspirou, parecendo muito cansada, e disse:

— Você e Magda me falaram sobre a construção de uma ponte entre dois mundos, pela colocação de darkovanas, Renunciantes, no QG terráqueo, como técnicas médicas, ao mesmo tempo em que se levava a medicina terráquea, que é excelente, para a nossa cidade.

Não seria melhor construir essa ponte entre dois mundos com você assumindo a sua posição no Conselho, já que conhece bem os costumes terráqueos por seu casamento? Você não é a primeira, é verdade... — Ela sorriu. — ... mas é claro que não poderia saber disso.

— Espere um instante — interveio Montray. — Outro terráqueo... não temos nenhum registro de casamento de um terráqueo...

— Andrew Carr, seu homem desaparecido — informou Rohana. Ele casou com Dama Callista Lanart, antes Callista de Anlinn. Recebi essa notícia de Damon Ridenow, Regente de Alton. Não é impossível que Dama Callista possa um dia integrar o Conselho. E é certo que alguns dos filhos e netos de Carr serão membros no futuro.

— Espere um instante — disse Peter. — Admito que não sei muita coisa sobre o Conselho, mas uma das coisas que pensava saber era que as mulheres não participavam com muita frequência...

— E não participam, exceto no clã Aillard, onde a linha de descendência é feminina; um homem que casa no clã Aillard sabe que suas filhas, e não os filhos, é que o sucederão, e que assim será pelo nome da mãe, não o seu. Mas há ocasiões em que uma mulher senta no Conselho. Já aconteceu com diversas Guardiãs; a Dama de Arilinn tem um lugar certo no Conselho, embora Leonie de Arilinn nem sempre compareça. Eu mesmo, como Regente por Gabriel, participei do Conselho até que meu filho Kyril foi declarado maior de idade. Houve um período de dez anos em que Dama Bruna Leynier integrou o Conselho pelos Altons, enquanto o Herdeiro de Alton alcançava a maturidade; o pai morreu poucos meses antes de seu nascimento e Dama Bruna, irmã de seu pai, foi considerada uma Regente mais apropriada do que a mãe do menino, que era jovem e preferia ficar com a criança. Rohana fez uma pausa, dando de ombros.

— Posso garantir uma coisa: não desejamos apenas oferecer um lugar no Conselho a Jaelle, mas também precisamos dela. E será muito bom que uma Renunciante sente no Conselho por algum tempo, uma voz em defesa das mulheres de Darkover. Alguns dos mais velhos ficarão chocados, mas é conveniente que esse choque

os tire de sua complacência. A mudança é muitas vezes desejável, freqüentemente necessária e sempre inevitável; assim, só nos resta considerar que são melhores para o nosso mundo e em que ritmo devem ocorrer. Sempre haverá muitas opiniões diferentes a esse respeito.

Montray abriu a boca várias vezes enquanto ela falava, tornando a fechar, sem querer interrompê-la. Jaelle pensou, sem notar particularmente, que era praticamente a primeira vez que via Montray optar por não ser grosseiro. Ele se limitou a dizer:

— Sabia de Carr durante todo o tempo? Tentei falar com ele no Solstício do Verão e fui impedido...

— Eu não o impedi.

— Não foi você — disse Montray, lançando um olhar irado para Peter, — mas meu próprio pessoal. com licença, senhoras.

Ele se inclinou e apertou um botão em sua mesa.

— Beth, descubra para mim se Monty já partiu. E avise a ele para subir até aqui imediatamente, está bem?

— Creio que ele já foi, senhor, mas tentarei verificar — respondeu Bethany.

— Se ele já foi, peça a Sua Excelência Li para vir a meu gabinete pela rota diplomática mais curta possível, entendido?

— Sim, senhor.

Depois de um momento, Beth informou:

— O Sr. Wade Moníray já deixou a cidade; a Força Espacial informa que ele passou pelos portões há mais de duas horas.

Jaelle pensou: Logo depois que acabei de instruí-lo. Peter disse:

— Não foi uma atitude das mais sensatas deixá-lo partir com este tempo, mas ele leva o melhor pessoal, muitas barracas, alimentos e tudo o mais que é necessário.

O vigia do tempo estava dormindo no trabalho, mas tenho certeza de que nada de mal lhe acontecerá. Seria perigoso se ele viajasse sozinho. com um pouco de sorte, poderá cruzar o desfiladeiro antes que a tempestade desabe com toda a sua força. Mas as pessoas que vieram das colinas de Kilghard para o Festival... de Alton e Syrtis... provavelmente terão alguns problemas.

— A maioria ficará para a reunião do Conselho — explicou Rohana. Depois de um momento, o aparelho de intercomunicação tornou a soar.

— Não conseguimos localizar o Embaixador Li, senhor. Ele deixou uma mensagem que tentaria se comunicar com Cholayna Ares nos alojamentos particulares dela para tratar de um assunto de extrema urgência, já que ela não foi ao gabinete hoje.

Jaelle disse, apreensiva:

— Eu deveria estar lá. Entregou-o à minha responsabilidade pessoal, senhor.

Montray fitou-a com uma gentileza excepcional.

— Ele é um homem adulto, Jaelle. Você só é responsável se ele deixar o QG, sair para a área nativa... para qualquer lugar de Darkover fora da base. Não se preocupe.

E por falar nisso, já soube que merece parabéns. Procure o Serviço Médico: você tem direito a licença de maternidade e outros benefícios.

Portanto, ele também já sabia e sem dúvida já constava dos malditos registros. Não havia ali mais nada pessoal? Ela sentia-se acuada, traída, afrontada; e por trás de tudo isso havia um insidioso sentimento de culpa. Aceitara a responsabilidade pessoal por Li e de certa forma traía isso também.

Rohana fez isso na esperança de que depois de sentar no Conselho me tornarei disposta a lhes entregar minha criança para uma educação apropriada, uma criação para o Comyn... Não há mais liberdade, não para mim nem para minha filha...

Pensei, quando fui para as Renunciantes, que nunca poderia ser coagida à vida que matou minha mãe ou abandonou-a para morrer. Mas agora me alcançou, procurando-me até mesmo entre os terráqueos. Encurralada, traída, ela virou-se para Peter, furiosa:

— Seu tagarela, não é capaz de guardar coisa alguma para si mesmo? Deve revelar todos os meus segredos como um fanfarrão no mercado, a fim de que todos os homens possam cumprimentá-lo por sua virilidade, como se qualquer idiota não fosse capaz de fazer a mesma coisa? Pensa que entre você e Rohana farei tudo o que me mandarem, como uma boa esposa terráquea... ou darkovana? Pois

saiba que não dará certo! Estou deixando você, Peter; ponha isso em seus malditos registros! E quanto a você, Rohana... — Ela virou-se para a parenta, os olhos faiscando de raiva. — ... saiba que providenciarei a morte de minha filha antes de vê-la no seu Conselho! Rohana empalideceu.

— Não diga isso, Jaelle! Oh, não...

E Peter disse:

— Jaelle, querida, escute... Dama Rohana, ela não está se sentindo bem, está transtornada...

Jaelle ouviu claramente e sabia que Rohana ouvira também: Ela está doente e irracional, grávida, as mulheres ficam um pouco loucas quando engravidam, mas posso dissuadi-la dessa atitude, basta me deixar cuidar dela!

Jaelle virou-se, com uma imprecisão murmurada de cavaliço que fez Rohana empalidecer, e saiu da sala.

Prometera a Peter a oportunidade de conversar com ela sobre o divórcio em particular. Mas ele violara isso primeiro; falara sobre a vida pessoal dos dois para Montray, embora só sentisse desprezo pelo homem mais velho... logo Montray, entre todas as pessoas! Poderia perdoá-lo se ele tivesse falado sobre a criança com algum amigo íntimo na base — os homens costumavam se gabar da paternidade incipiente, ela sabia disso, — mas informar a Montray, incluir nos registros pessoais? Maldito boquirroto... Jaelle estava furiosa demais para sequer completar o pensamento. Ela foi para seus alojamentos partilhados e começou a meter as roupas nos velhos alforjes.

Precisava acertar algumas coisas antes de partir. Falaria com Cholayna: poderia fazer isso na Casa da Guilda. Deveria renunciar formalmente à responsabilidade empenhada com Aleki, pois ele aceitara sua palavra e isso era uma questão de honra. E depois iria para casa.

Foi para o aparelho de intercomunicação. Ressentira-se antes; parecia agora uma conveniência maravilhosa e especulou subitamente como conseguira passar sem isso.

— Comunicações, por favor. Bethany, alguém conseguiu localizar o Embaixador Li?

— Ele deixou um recado para você, Jaelle. Deve vir buscá-lo, se puder.

Ela olhou para os alforjes quase arrumados. Sentiu-se tentada a ignorar a mensagem. Afinal, haviam violado os termos de seu contrato muitas vezes, agora violavam até sua privacidade, incluindo-a nos registros oficiais; isso lhe dava o direito de ignorar a mensagem.

Mas não devia se rebaixar ao nível deles. Aceitara a responsabilidade pessoal pelo bem-estar daquele dignitário em particular e não podia abandoná-lo agora.

— Já estou indo, Bethany.

Ela deixou os alforjes estufados no meio da cama. Se os visse ao entrar, Peter entenderia o aviso. Sua manobra não dera certo; o que quer que ele pudesse dizer ou fazer agora, a decisão de Jaelle era irrevogável.

Bethany, em Comunicações, ofereceu-lhe um sorriso apreensivo.

— Oh, Jaelle! É esse o seu traje de amazona. .. desculpe, de Renunciante? Vai para o campo? Ora, mas é claro... vai atrás de Alessandro Li, não é mesmo?

— Como assim, Beth?

— Passei o dia inteiro tentando encontrá-la, mas você não estava por nenhum dos lugares que imaginei. Li deixou uma mensagem para você no início da manhã...

Naquela manhã... ela estava com Monty, preparando-o para deixar a cidade, depois envolvida naquela longa e estúpida discussão com Peter...

— Você sabia que eu estava lá em cima, no gabinete do Coordenador.

Bethany balançou a cabeça.

— Li recomendou expressamente que a mensagem não fosse transmitida para um lugar em que Montray pudesse ouvi-la, pelo menos até 28 horas depois de sua partida. Sabe o que ele pensa a respeito de Montray.

— A mensagem...

— Não a entendi. Ele me deu pessoalmente, dizendo que não a queria no computador. Isso é contra os regulamentos, mas sabe como é, o chefe sempre está certo, mesmo quando está errado. Ele disse que recebera informações sobre esse homem... — Beth consultou suas anotações. — ...Andrew Carr. Significa alguma coisa para você?

Ele estava partindo para as Colinas de Kilghard, na direção de Armida, você deveria alcançá-lo no caminho. O que houve, Jaelle? Você parece tão esquisita...

Para as Colinas de Kilghard. Através de uma violenta tempestade, viajando por uma das regiões mais inóspitas de Darkover. E sozinho? Jaelle perguntou, já conhecendo a resposta e torcendo para que fosse apenas sua imaginação:

— Quem foi com ele, Bethany? Li levou alguns locais e coisas necessárias, não é mesmo?

Não; isso fora o que ela planejara para Monty, que sua expedição bem-equipada contasse com a experiência e competência de Rafaella e seu grupo. Mas poderia planejar algo semelhante para Li, se Peter não a detivesse. Li sabia que ela possuía os conhecimentos necessários e pretendia levá-la, como guia e guarda; sair de Thendara... nem mesmo precisaria retornar à Casa da Guilda e admitir seu fracasso! Mas fora retardada durante o dia inteiro, primeiro com Monty e depois pela discussão idiota com Peter. O que devia a ele? O dever vinha primeiro, o fato claro e simples de que jurara responsabilidade pessoal por Li e sua segurança. E ele partira sozinho, por caminhos estranhos, com uma terrível tempestade prestes a desabar... Pelo menos poderia persuadi-lo a esperar até que a tempestade passasse.

Tenho de segui-lo; tenho de alcançá-lo o mais depressa possível ela pensou. Agradeceu a Bethany pela mensagem com palavras rotineiras que não traíam sua agitação.

Li se encontrava no encalço de Carr e Carr deixara o baile do Festival pouco antes da meia-noite. Poderia ter verificado as condições do tempo com sua pedra-da-estrela e concluído que precisava estar são e salvo em Armida — ou talvez em alguma segura escala intermediária, como Syrtis ou Edelweiss — antes que a

tempestade atingisse o auge. Li protelara sua partida até o amanhecer.. Teria de alguma forma ouvido a revelação de Dama Rohana de que Carr era casado com Dama Callista? Ela se perguntou quem era Dama Callista e por que teria casado com um terráqueo. Posso lhe adiantar, Dama, que vai se arrepender. Eu tentei e também pensei que daria certo. Não deu.

Então ele partira, para tentar encontrar aquele homem desaparecido, descobrir mais sobre o Comyn, saber o que aconteceria... Mas deveria tê-la esperado, consultado.

E falhei com ele também. Fracassei em meu dever da mesma forma como fracassei em meu casamento!

Não havia sentido em seu primeiro impulso de correr para os portões no encalço de Li, tentar detê-lo. Provavelmente ele já saíra da Cidade. Ela precisava de botas e roupas que a protegessem no mau tempo. Seu cavalo estava na Casa da Guilda e poderia ali obter também os alimentos necessários; seus alforjes estavam quase prontos.

Num súbito impulso, Jaelle apertou a mão de Bethany e disse:

— Tem sido uma grande amiga, Bethany. Prometo que não a esquecerei. E agora tenho de ir.

Ela se retirou apressada, sem escutar as indagações chocadas de Bethany sobre o que estava querendo dizer com isso.

Cholayna também fora sua amiga. Nem todos os terráqueos eram como Peter ou Montray, inteiramente egocêntricos e preocupados apenas com suas ambições...

O pequeno apartamento nos alojamentos do pessoal casado continuava vazio; ela podia escapar sem uma nova confrontação com Peter. Acrescentou mais algumas coisas ao que já estava nos alforjes, meias quentes extras para montaria, pacotes pequenos dos sintéticos terráqueos que poderiam ser comidos rapidamente e proporcionariam proteínas e energia imediata. Olhou com uma pontada de pesar para a cama que haviam partilhado. Fora muito feliz e agora... Mas estava perdendo tempo. Apertou as correias dos alforjes e foi nesse instante que viu Peter parado na porta, observando-a.

— Jaille, querida, o que está fazendo? Pensei que tinha dito que conversaríamos...

Foi você quem disse isso — ela respondeu. — E descobri no gabinete de Montray que você já falara demais, sem ao menos ter a cortesia de discutir o assunto comigo primeiro. Não há mais nada a dizer, Peter, lamento muito; estou disposta a admitir que fui a culpada pelo fracasso do casamento. Mas agora tenho de partir, sem demora.

Não se preocupe, não estou abandonando meu dever, mas sim cumprindo-o.

Ela começou a levantar os alforjes, mas Peter se adiantou e impediu-a, segurando seus braços.

— Você deve ter perdido o juízo! Se acha que Vou deixá-la partir com uma tempestade iminente, sozinha, grávida... nada disso, Jaille. É minha esposa e tenho a obrigação de cuidar de você... e isso inclui não permitir que viaje para as Colinas de Kilghard. Li pode contratar todos os guias nativos que quiser, mas minha esposa não estará entre eles, e ponto final.

— Já falei que nosso casamento chegou ao fim — disse ela, sentindo que os lábios se contraíam no que podia parecer um sorriso, mas era uma careta de raiva. — Não sou sua esposa... nunca fui sua esposa nesse tom de voz particular, como se eu fosse um brinquedo de sua propriedade e pudesse fazer o que bem quisesse. Não admito seu direito de me impedir de cumprir meu dever... ou qualquer outra coisa que eu resolva fazer. Isso é tolice, Peter; estou deixando-o agora, independente do que faça. Por favor, não banque o idiota dando-me ordens que sabe perfeitamente que não obedecerei.

Ele estendeu as mãos para tentar lhe arrancar os alforjes. — Quer largar essas coisas? Não deve sequer levantar algo tão pesado, no seu estado. Você não vai a parte alguma, Jaille. Não há sol, mas devemos estar perto do pôr-do-sol e a chuva ou mesmo neve começará em breve.

É isso mesmo, e Aleki se encontra sozinho no meio de tudo isso; pode se perder ou ter problemas no caminho. Não sei até que ponto ele planejou a viagem.

— Saia da minha frente, Peter. Já lhe disse que Vou embora.

— E eu disse que você não vai sair daqui! É minha esposa e não admito que me fale assim. Já mandei que largasse isso! E agora sente-se, vamos tomar um drinque e discutir o problema sensatamente. Você diz que as Renunciantes são sensatas, mas se comporta como uma jovem grávida histérica, pronta para correr por uma tempestade sem sequer parar para pensar! Isso parece uma atitude sensata, Jaelle?

Ele foi até o painel e apertou os botões para uma bebida quente que Jaelle apreciava. O aroma intenso, algo parecido com joco, sem o amargo, espalhou-se pelo aposento.

— Sente-se e tome seu chocolate, Jaelle. Tente pensar de maneira racional.

— Ou seja, pensar sob o seu ponto de vista? — Ela aceitou o chocolate; precisaria de todas as suas forças com uma longa viagem pela frente. — Peter, não podemos deixar para discutir as formalidades do divórcio quando eu voltar? A esta altura você já terá se acalmado e compreendido que é melhor assim. Se nossa criança for um menino... embora Rohana diga que é uma filha... entregarei a você para criar; terá assim o filho que tanto deseja. Afinal, creio que isso é tudo o que sempre quis de mim...

Ela percebeu na mente de Peter um impulso de ressentimento lógico; as mulheres eram criaturas terrivelmente irracionais, mas um homem ficava à mercê delas se queria filhos; e de que outra forma poderia alcançar a imortalidade? Jaelle quase que sentiu pena.

— Não diga bobagem, Jaelle. Não permitirei que se divorcie de mim, não com uma criança chegando. Devo pelo menos isso a meu filho, proteger e cuidar da mãe, mesmo quando não estamos nos dando muito bem.

— E acha que ficarei sentada aqui no QG e nunca sairei, só porque você prefere me manter sob o seu controle? Nada disso, Peter.

Ela pôs a xícara de plástico na mesa, batendo com tanta força que virou e um filete de líquido marrom escorreu pela superfície.

— Eu o encontrarei quando voltar... na Casa da Guilda, na Sala dos Estranhos... e conversaremos sobre a criança, se é o que você

quer. Mas não agora; e está me atrasando, quero sair pelo caminho antes de escurecer.

Jaelle inclinou-se para pegar os alforjes; teve de contorná-lo.

— Sinto muito, Peter. Eu gostaria que pudesse ter sido diferente. Eu...

Ela já ia dizer eu o amava, mas não tinha mais certeza disso. Deixou escapar um suspiro e pendurou os alforjes nos ombros.

— Pare com isso, Jaelle! Você está louca! Nem sequer pode perceber como isso é uma loucura?

Peter agarrou os alforjes e jogou-os no chão, o rosto vermelho de raiva.

— Saia da minha frente, Peter. Não quero machucá-lo.

— Você não vai a parte alguma! Não com este tempo, sozinha e grávida! — Ele contraiu os lábios, irado. — Se for necessário, falarei com os portões e mandarei a

Força Espacial impedi-la! Acabará no Serviço Médico sob o efeito de sedativos! Direi a eles que está grávida e enlouqueceu, vão trancafiá-la até que aprenda a se comportar!

E ele podia fazer isso; era o terror da situação, ela podia se imaginar contida ou drogada outra vez, sem o controle dos sentidos. Peter precisava apenas alegar que ela perdera o juízo, significando que se recusava a fazer tudo o que ele queria que fizesse, como seu marido. Provavelmente poderia provar que era sã; como uma esposa terráquea, não era propriedade de Peter, como seria se fosse casada com um darkovano. Poderia chamar Cholayna para testemunhar que se encontrava no controle absoluto de seus sentidos e explicar seu senso de obrigação. Mas isso exigiria tempo, teria de localizar Cholayna... e enquanto esperava por sua chegada estaria drogada no hospital!

— E pensar que eu acreditava que você me amava!

— Eu a amo, Jaelle, mas isso significa que tenho de aceitar todas as idéias absurdas que você mete na cabeça?

— Peter... oh, Deuses, será que não pode compreender o senso de honra, de obrigação? Não pode pensar em mais ninguém além de você?

— E em quem você está pensando? Certamente não em mim ou em sua criança. Se quer me convencer que está em seu juízo perfeito, largue esses alforjes e tente se explicar.

— Nosso casamento... sou culpada pelo fracasso. Acho que você queria mesmo casar di catenas; embora soubesse que meu juramento o impedia, pensou que eu poderia mudar se me amasse bastante.

Você e seu maldito Juramento. Por um momento, Jaelle pensou que ele falara em voz alta. Não havia como argumentar com Peter naquele ânimo. O que ela podia fazer para impedi-lo de cumprir sua ameaça? Peter se encontrava completamente aberto para ela; podia sentir sua raiva, frustração, até mesmo a angústia pelo amor que definhara.

Contudo, de nada adiantaria passar por ele, até mesmo lutar para sair do aposento, se no momento em que deixasse o apartamento Peter usasse o interfone e persuadissemos os guardas da Força Espacial no portão que sua insana esposa grávida tinha algum propósito lunático ao sair para a tempestade iminente e devia ser impedida à força, para o seu próprio bem. Minha esposa. Ela está grávida, teve um acesso de loucura, preciso mantê-la trancafiada para o seu próprio bem... quando esses mesmos pensamentos já a haviam atormentado antes? Uma imagem de Jalak, de sua mãe monstruosamente inchada na gravidez... não; com certeza não podia se lembrar de sua mãe, não podia se lembrar de Jalak, era apenas uma criança na ocasião, sem laran... ou apenas fora angustiante demais para recordar?

— O que você realmente quer é me pôr em correntes... — ela gritou para Peter, em confusão e agonia tão intensa que mal sabia o que dizia -,... a fim de que eu não faça nada que você não queira...

— Por Deus, Jaelle, não quero magoá-la, mas você não está prestando atenção ao que digo. Mas pode ter certeza de uma coisa: se precisar chamar o Serviço Médico para contê-la, não hesitarei.

Jaelle viu na mente de Peter uma imagem de si mesma... e essa imagem era de uma Jaelle mais quieta, talvez sob o efeito de tranqüilizantes, talvez amarrada a uma cama, mas em sua própria mente ela se via acorrentada, uma imagem na mente de seu pai, a

pequena Jaelle, os seios começando a desabrochar, com idade suficiente para ser acorrentada como uma mulher, argolas de cobre prendendo suas mãos; quando fora ferida no Passo de Scaravel, uma das providências de Magda fora amarrar suas mãos, a fim de não arrancar as bandagens, nunca se lembrara até aquele momento, ouvira a si mesma gritando e Magda se apressara em soltar suas mãos. Durante toda aquela noite Magda sentou ao meu lado e me segurou as mãos, por causa de meu medo de ser acorrentada...

— Não toque em mim! — ela exclamou, recuando. — Se você se atrever...

Ele agarrou suas mãos... e Jaelle explodiu, lutando por puro instinto. Camilla a treinara no combate armado e desarmado, como reagir se algum homem a agarrasse contra a vontade; esquecera que era Peter, esquecera tudo; lutava como teria lutado contra os homens que viriam acorrentá-la na manhã seguinte ao dia em que se tornara mulher. Sentiu as quinas das mãos, macias agora porque há anos que quase não lutava, baterem em algo mole, sentiu o medo de Peter, a agonia envolvendo-o por completo...

E silêncio. Silêncio... ela olhou para Peter, caído no chão, seu laran silencioso, não estava em parte alguma, em parte alguma... não podia sentir a presença de Peter no aposento.

Sabia agora o que bloqueara de sua mente durante tantos anos, começava a ter laran, começava a se projetar com a mente e de repente, naquela noite terrível em que a mãe dera à luz a seu irmão Valentine no deserto, cercada pelas amazonas, tentara reprimi-lo... sofrimento demais, terror demais...

Os braços da mãe envolvendo-a, o sofrimento da mãe inundando-a, sufocando-a. Não conseguia respirar. Jaelle, Jaelle, valeu à pena, tudo valeu à pena, você é livre, livre... oh, Jaelle, venha até aqui e me dê um beijo... e um fluxo de dor e fraqueza e depois nada. Nada. Nada. A mãe não se encontrava em parte alguma do mundo, era um corpo sem vida, estendido na areia, lívido, o sangue manchando a areia, enquanto o sol nascente manchava as rochas com um vermelho de sangue...

E nada, o vazio, a mente não se encontrava em parte alguma, como a mente de Peter também não estava agora em parte alguma,

ele estava caído à sua frente... sem vida? Morto? Quer dizer que ela o matara? Não podia perceber se ele ainda respirava. Inclinou-se para ele, retirou a mão em horror.

Podia chamar o Serviço Médico... E dirão que o assassinei!

O frio intenso do choque dominou-a. Morto ou não, não havia nada que ela pudesse fazer por Peter agora; e a menos que desejasse passar o resto da gravidez no Serviço Médico, confinada para o seu próprio bem e a segurança da criança... Poderiam não ser muito rigorosos nem mesmo com uma assassina se ela estivesse grávida, mas com certeza não aceitariam sua explicação de que fora apenas um acidente.

Tinha de partir. Precisava sair dali imediatamente, antes que pudessem detê-la. Peter não seria descoberto até a manhã seguinte, quando alguém constataria que não se apresentara para o trabalho; a obsessão terráquea por relógios e com um tempo certo para fazer tudo, especialmente o trabalho. Pensariam que ele estava de folga, encerrado com a esposa grávida; se Peter não aparecesse na cafeteria todos presumiriam que os dois partilhavam a refeição na intimidade.

Determinada, Jaelle pendurou os alforjes nos ombros. Podia deixar o Q G, não havia instruções para detê-la, a Força Espacial a deixaria passar. Passaria pela Casa da Guilda para pegar um cavalo. Talvez Magda... não; ela continuava no período de permanência compulsória na Casa. Não posso tentar Margali a violar seu juramento, como eu violei o meu.

E depois disso os portões da cidade, o longo percurso para Armida, correndo para alcançar Aleki antes que a tempestade desabasse. Bloqueou de sua mente qualquer pensamento sobre a extensão do caminho. Não há jornada de mil quilômetros que não comece com o primeiro passo. E o primeiro passo era para o corredor. Jaelle ainda hesitou, escutando com a mente, à procura de qualquer indício da percepção de Peter, algum sinal de que ele ainda estava vivo... não, nada. Devia partir agora, imediatamente.

Tinha de pegar seu cavalo e comida na Casa da Guilda. Mas não podia envolver Magda.

Ela saiu e fechou a porta do aposento, trancando um portão em sua mente à memória de Peter, seu amor e o fracasso... e agora tudo acabara em assassinato. Mas ainda poderia salvar alguma coisa. Talvez contasse alguma coisa pela honra se salvasse a vida de Aleki. Uma vida por uma vida para os terráqueos... com passos silenciosos, Jelle deixou o prédio, atravessou a vasta esplanada, apresentou seu disco de identidade para o homem da Força Espacial no portão pela última vez. Seguiu apressada pelas ruas que escureciam, sob rajadas de vento, o conhecimento do tempo durante uma vida inteira a informar que poderia, se andasse depressa, chegar a seu destino antes da tempestade.

Capítulo Cinco

A chuva começava, misturada com granizo, porém era mais quente do que a maioria das chuvas noturnas; afinal, pensou Magda, era apenas um dia depois do Solstício do Verão e a claridade do dia ainda persistia, embora o sol já estivesse oculto pelas nuvens que turbilhonavam a oeste. Ela puxou o capuz do grosso manto de montaria por cima da cabeça; a aba dura impedia que a chuva caísse em seus olhos. O cavalo deslocava a cabeça de um lado para outro, protestando contra aquela incursão sob a chuva, obviamente perturbado pela noite iminente e a ausência do estábulo quente na Casa da Guilda, Magda no entanto instava-o a continuar pela chuva.

Ela parou por um instante para avaliar a situação, duas horas ao norte da Cidade. Havia muitos caminhos para as Colinas de Kilghard e Jaelle poderia ter visto ou não o excelente mapa aéreo de Darkover que fora feito pelo pessoal de pesquisa. O caminho mais comum para Armida era pegar a Grande Estrada do Norte até Hali, virar para oeste ao sul da cidade em ruínas, continuar pela beira do Lago na estrada para Neskaya, até Edelweiss, depois virar para sudeste, na direção dos contrafortes em que ficava a Grande Casa de Armida. Isso significava estradas boas e rápidas durante todo o percurso, e ela já ouvira dizer que um bom cavaleiro, num cavalo bastante veloz, podia em caso de extrema necessidade realizar a viagem em um único dia. Seria um dia longo e árduo, levando seu melhor cavalo à beira da exaustão.

Na equipe para as linhas de fogo com que viajara haviam cavaleiros bons, ruins e indiferentes, estavam acompanhados por carroças e animais de cargas, com equipamentos e suprimentos; levaram quase dois dias e o local era bem distante de Armida. Além disso, viajaram por estradas secundárias, algumas não muito melhores do que trilhas de caravanas.

Alessandra Li integrara uma equipe de combate ao incêndio, embora chegasse quando a maior parte do trabalho já fora realizado. Talvez ele conhecesse melhor aquele caminho do que a Grande Estrada do Norte. Jaelle, por sua vez, tendo operado um

serviço de viagens, devia conhecer praticamente todos os caminhos através das colinas; mas não passavam de conjeturas qual o caminho que ela escolhera e o que pensara ser de Alessandra Li. Pela primeira vez, desde que deixara a casa das amazonas, Magda especulou se não tomara uma atitude imprudente e absurda.

Seguir Jaelle para as colinas, quando a própria Jaelle estava transtornada e no encalço de um homem que não conhecia as colinas era uma tremenda asneira.

Como terráquea, ela poderia ter requisitado um helicóptero para procurar o Embaixador Li... ou pelo menos se certificar de que ele não corria qualquer perigo.

Mas com a cobertura de nuvens e a chuva era improvável que de um helicóptero se pudesse ver muita coisa; e se o vento da tempestade que ela podia sentir nos ossos aumentasse, derrubaria qualquer helicóptero do céu.

Quanto a Jaelle, na pista de Li... talvez ela tivesse ido ao Castelo Comyn e se colocado à mercê de alguém como Dama Rohana, para segui-la com uma pedra-da-estrela.

Magda se perguntou se não estaria enlouquecendo. Como Jaelle, que detestava tudo o que se relacionava com a tecnologia de matriz, reagiria a isso, era imprevisível.

Mas eu fiz uma tolice. Jaelle corria perigo; ela sabia, podia senti-lo, como a tempestade iminente, nos próprios ossos. Partir no encalço de Jaelle sozinha, no meio da tempestade, sem a menor indicação do percurso que ela seguira, também não era uma decisão racional. No mínimo deveria ter pedido a Camilla, que conhecia muito bem o tempo, sabia seguir uma pista e era uma guia competente, para acompanhá-la. Camilla ama a nós duas... e Jaelle é como uma filha para ela. Só que isso nunca lhe ocorrera.

Por que saí correndo sozinha, de maneira tão precipitada? Por mais que tentasse, Magda não podia encontrar uma resposta, a não ser uma declaração incontestável:

Porque devo, porque não havia outro caminho honroso.

Ela deixara a Casa da Guilda sem jantar. Tirou agora um punhado de frutas secas do bolso do manto e mastigou, um pedaço de cada vez, enquanto deixava o cavalo avançar devagar. Muito em

breve deveria decidir que estrada pegar para as colinas. Podia continuar pelo mesmo caminho, a Grande Estrada do Norte, que seguia para as Hellers até Hali; mas nesse caso talvez perdesse a oportunidade de alcançar Jaelle rapidamente. Podia não conseguir persuadir Jaelle de que era possível confiar em Alessandro Li numa missão, mas pelo menos a acompanharia e ajudaria a encontrar o homem, antes que sua ignorância das estradas e do tempo darkovano o matasse.

Garota idiota, partindo desse jeito... Ela, Magda, teria feito a mesma coisa por um superior? A resposta era sim; de certa forma, fizera algo quase tão precipitado quando pegara a estrada para as montanhas disfarçada de Amazona Livre, embora pouco soubesse das amazonas, a fim de salvar Peter Haldane. E essa aparente loucura a levava à situação em que se encontrava agora, uma amazona, Renunciante jurada; fora uma opção desvairada, mas o caminho certo para o seu destino.

Gostaria de voltar atrás? Não, pois salvara a vida de Peter — e apesar de todas as coisas em Peter que a irritavam, não gostaria que ele morresse — e fora acabar na Casa da Guilda, o que também era parte de seu destino, tão inevitável que agora não era capaz de pensar na vida sem o apoio do Juramento.

Apesar de haver agora violado o juramento... Não. Não havia motivo para se atormentar com escrúpulos. Recebera a permissão de Camilla para partir, a permissão de uma Mãe da Guilda. Magda parou o cavalo, à claridade cinzenta, sob a chuva, olhando para a encruzilhada e tentando projetar em sua mente — treinada em técnicas de memória eidética pela Escola de Informações — a imagem do mapa, as estradas que seguiam para as Colinas de Kilghard. Três estradas partiam do ponto em que se encontrava: a Grande Estrada do Norte, passando por Hali e depois se desviando para Armida; a pequena trilha que levava para oeste, através do Passo Dammerung e pelas Montanhas Venza (pelo menos esse caminho podia esquecer) e a estrada que ia diretamente para as Colinas de Kilghard. Esta estrada era estreita, íngreme, dando voltas pelas encostas de várias colinas... ou, mais corretamente, em quaisquer termos que não os darkovanos, montanhas bastante altas.

Nenhuma pessoa sensata e que conhecesse a região pegaria essa estrada para Armida. Mas quem só a visse na superfície plana de um mapa, poderia considerá-la um atalho, pois cortava diretamente a hipotenusa em que a Grande Estrada do Norte e a Estrada de Hali constituíam os dois lados retos do triângulo; e Alessandro Li, até onde ela sabia, passara a maior parte de sua vida em planetas civilizados, provavelmente acreditava que uma estrada indicada num mapa era uma estrada como conhecia, um caminho definido e aplanado.

Se a intenção de Jaelle fosse apenas a de alcançar Armida antes dele, ela teria seguido pela estrada mais longa, porém melhor e mais rápida. Contudo, a preocupação de Jaelle era com Li, viajando sozinho e desprotegido num mundo cujos perigos ignorava.

Mentalmente, Magda reconstituiu esses perigos. Granizo e neve, mesmo no Solstício do Verão, naquelas latitudes. Dificilmente encontraria pássaros-espíritos, a menos que se extraviasse e passasse por um dos desfiladeiros altos, acima da linha das árvores. Mas isso também não era impossível. E havia o perigo permanente de fogo na floresta, entre as árvores-de-resina; o próprio Li poderia atear um incêndio, a não ser que tivesse o maior cuidado quando armasse acampamento e esquentasse sua comida. E se ele pensasse em estradas como a maioria do pessoal do Império, com base na experiência em mundos mais civilizados, poderia facilmente se perder de maneira irremediável numa região que parecia um ermo inexplorado, exceto para os guias mais experientes.

Agora seria de fato uma grande ajuda ser psíquica e saber que caminho Li seguiu, a estrada que Jaelle pegou em seu encalço. E ela sabia qual era o curso de Li ou estava apenas adivinhando? Jaelle faz questão de ressaltar que não possui um laran confiável e sempre insiste que odeia e desconfia de seu laran.

Portanto, terei de fazer contato e tentar descobrir como sua mente funcionava no momento em que tomou a decisão.

Magda receava os perigos da estrada através das colinas. Contudo, no momento mesmo em que refletia que Li não se arriscaria e seguiria pela estrada melhor, uma imagem aflorou em sua mente, Jaelle em seu pequeno e peludo pônei das montanhas, o

capuz de tartã puxado sobre a cabeça, cabeça abaixada, numa trilha estreita e perigosa, por cima de um vale escuro.

Alucinação? Ou uma autêntica projeção psíquica? Magda não sabia. A imagem desapareceu no mesmo instante e ela não conseguiu trazê-la de volta, por mais que tentasse.

Qualquer que fosse o caminho que escolhesse, ela estaria adivinhando; podia muito bem aceitar o pressentimento como válido. Já fizera isso antes e nunca se arrependera.

Hesitante, empenhando-se em ver daquela estranha maneira, ela tentou projetar a mente para a frente, à procura de uma imagem de Jaelle na Grande Estrada do Norte, apressando-se para alcançar Li... mas viu apenas a trilha íngreme da montanha. Suspirou e puxou a rédea do cavalo, deixando a estrada principal e enveredando pela trilha estreita.

A princípio a estrada era apenas um pouco mais estreita, passando por fazendas isoladas, com os contornos indistintos de construções, os ruídos suaves de animais em aconchegantes estábulos pela noite, o fogo das lareiras brilhando nas janelas. Uma ou outra vez um cachorro latiu, mas para seu grande alívio ninguém se aventurou a sair na chuva para descobrir o que despertara a curiosidade indolente dos animais. Qualquer viajante solitário numa noite como aquela, os fazendeiros sem dúvida pensavam, estava absorvido em suas próprias preocupações e não era absolutamente interessante. Magda recordou a outra viagem — fora mesmo há menos de um ano? — quando seguira para o norte, em busca de Peter Haldane.

Depois de algum tempo a estrada foi se tornando mais mole sob as patas do cavalo, encharcada pela chuva, começou a subir pelas colinas. Árvores grossas, recendendo a resina e folhas de pinheiros molhadas pairavam sobre a estrada, cada vez mais estreita, até que Magda constatou que dois cavalos dificilmente poderiam passar lado a lado. As fazendas isoladas ficaram para trás e Magda ouviu em algum lugar o grito de uma besta noturna da família dos gatos, caçando. O som fez com que estremecesse; as criaturas felinas raramente atacavam um ser humano sem provocação, mas se mostravam brutais quando eram perturbadas

por acaso. Havia também naquelas colinas os remanescentes dos hominídeos selvagens chamados pelos primeiros exploradores de "homens-gatos", eram sensitivos, provavelmente proto-humanos e muito perigosos. Ela não conhecia qualquer terráqueo, à exceção de Kadarin, que costumava explorar lugares estranhos sozinho, que já tivesse encontrado algum; mas os relatórios dele haviam sido suficientes para incutir em Magda um saudável respeito pelas criaturas. De todas as raças não-humanas de Darkover, apenas os homens-gatos constituíam uma ameaça real ao homo sapiens. Embora ela tivesse ouvido que não mais viviam nas Colinas de Kilghard, apenas quatro ou cinco anos antes um grupo promovera uma guerra contra os habitantes das colinas.

Chegara à Cidade Comercial a notícia de que muitos haviam sido mortos; podia haver sobreviventes desgarrados, mais amargurados do que nunca contra os humanos, que quase os exterminaram.

Em termos estritos, os terráqueos deveriam ter interferido para evitar o genocídio, se eles são proto-humanos. Os humanos são os piores inimigos das culturas proto-humanas.

Mas por que estou me preocupando com isso agora? Já bastante embrenhada pelas colinas, ela tornou a ouvir o grito da criatura felina e compreendeu por que acalentara o pensamento, Tinha uma faca e fora treinada em seu uso, prestara o juramento da amazona de se defender e não recorrer a nenhum homem em busca de proteção. Provavelmente seria capaz de enfrentar as bestas felinas; e se as deixasse em paz, elas também a deixariam em paz. E como poucos humanos e nenhum terráqueo já depararam com um homem-gato, por que ela haveria de ser a primeira?

A escuridão era total agora; o cavalo tinha de procurar o caminho, passo a passo, pela trilha cada vez mais íngreme e lamacenta. A chuva caía como se alguém tivesse esquecido de fechar a torneira celestial lá em cima.

Ela começou a especular por quanto tempo mais poderia continuar assim; seu cavalo, um presente de Dama Rohana, era dos bons, e o pônei de Jaelle fora criado nas colinas e estava acostumado àquelas trilhas íngremes. Não tinha a menor idéia do

animal que Li montava. Mais uma prova, se é que era necessária, de que fora precipitada ao partir às pressas, sem um levantamento da situação. Mas, na verdade não tivera opção. Tenho um juramento com Jaelle. Há uma vida entre nós.

E ela se perguntou, pensando a respeito lentamente, entre os passos cautelosos e sob protesto do cavalo, o que isso significava exatamente.

Jaelle era sua mãe-de-juramento; levava-a para a Comhii'Letzij. Era uma parte da questão. Jaelle era sua amiga... haviam resistido lado a lado sob o ataque dos bandidos, eram companheiras-de-escudo. Contudo, ela podia dizer a mesma coisa de Camilla, pois haviam lutado juntas nos degraus da Casa da Guilda. Além disso, Camilla era sua amante. Então por que o vínculo com Jaelle deveria ser mais forte?

Magda esquivou-se a essa indagação. Ainda não se sentia à vontade com a idéia. Mas a percepção insinuou-se em sua mente, apesar da tentativa de evitá-la; isso também era parte do vínculo com Jaelle, e embora não soubesse antes — foi Camilla quem me fez compreender, — existira durante todo o tempo.

É Jaelle, que casou com meu marido, que vai lhe dar a criança que eu não pude dar... Deliberadamente, ela afastou esse pensamento. O que a levava no encalço de Jaelle não era nada tão complexo; apenas jurara defender Jaelle, que estava sozinha, doente, grávida, partira num impulso insano...

Não. Seria isso com certeza o que uma pessoa de fora diria, ela conhecia Jaelle e sabia que o impulso que a levava atrás de Li era tão são quanto o seu.

Li sem dúvida não sabia em que estava se metendo; mas Jaelle sabia e assumira a responsabilidade por ele. Fizera o que devia, como Magda, ao segui-la agora, também fazia o que devia.

Ela alcançou o topo da trilha íngreme e parou ali. A oeste havia uma abertura nas nuvens; uma luz pálida brilhava ali e podia-se ver a face da lua maior, de maneira intermitente, em meio às nuvens em rápido movimento. A leste tudo se encontrava escuro, interminável, apenas a escuridão mais profunda das montanhas obscurecendo parte do céu e relâmpagos ocasionais em torno de um pico. Ali, no

alto do passo, o vento soprava com tanta intensidade que o cavalo de Magda virou-se, a fim de oferecer a traseira resistente ao vento. Ela procurou pelo caminho lá embaixo até onde podia avistar, esperando contra toda a esperança encontrar o vulto pequeno que vira em sua... teria sido uma visão? Mas a estrada entre as colinas estava amortalhada pela escuridão impenetrável da noite e pela tempestade. Em algum lugar lá embaixo surgiu uma luz, por um instante. Uma casa de fazenda em que alguém ainda sentava ao lado de uma lareira acesa, vista através da janela. A chama de uma fogueira de acampamento em que Jaelle — ou o próprio Li — agachava-se como abrigo?

Magda não tinha como saber. Uma quadrilha de bandidos, reunidos sob um telheiro, esperando a chuva passar?

Posso compreender que num planeta como este o laran seria um recurso de sobrevivência. O pensamento não parecia seu e ela especulou de onde o captara.

Não adiantava permanecer ali, exposta, no alto do passo. Ela instou o cavalo a se virar de novo, afagando seu pescoço. Relutante, o animal tornou a enfrentar o vento e começou a descer pela encosta. O caminho era irregular e esburacado, a chuva escorria lá de cima, deixando apenas pedras grandes e cascalhos sob as patas; mesmo àquela altura, a maior parte da neve já derreteria e Magda podia sentir as fragrâncias de flores, resina e pólen no ar. As flores desabrochavam por toda parte, de um modo rápido e impetuoso, no curto verão da região das colinas. Quando o sol surgisse, calculou Magda, veria flores em todos os lados. Uma imagem aflorou em sua mente: uma encosta coberta por flores azuis e um pólen dourado no ar; talvez algo que vira em suas viagens com Peter, quando se encontravam juntos no campo? Havia alguma coisa a respeito de que devia se lembrar. Mais cedo ou mais tarde, com toda certeza, acabaria se recordando do que era.

Poderia continuar a viajar através da noite? Dormira pouco na noite anterior. Mas o cavalo estava descansado e pelo menos por algum tempo, já que Jaelle se encontrava no mínimo duas horas à sua frente; cochilaria na sela; não havia a menor possibilidade de que passasse por ela na escuridão. Jaelle nunca tentaria armar

acampamento numa encosta como aquela. A água descia ruidosamente pela colina e engrossava um córrego no vale lá embaixo, podia ouvir os passos irregulares dos cascos de sua montaria descendo pelo caminho íngreme. Nem mesmo Alessandra Li seria capaz de considerar aquilo como uma estrada principal. Ele chegaria a essa conclusão e voltaria?

Não, pois ela ou Jaelle o veriam se isso acontecesse... Não havia naquela trilha nenhum lugar para sair da estrada e mal dava para dois cavalos lado a lado. O capuz protegia seu rosto da chuva e estava bastante agasalhada, mas vento suficiente penetrava por baixo do capuz para fazê-la estremecer. Era preciso concentrar toda a sua atenção para permanecer na sela enquanto o animal protestando descia com o maior cuidado entre os buracos na trilha.

Outra abertura nas nuvens projetou uma claridade intermitente na trilha. Magda soltou uma exclamação de espanto, puxando o animal contra o penhasco. Normalmente não tinha medo das alturas, mas ali a trilha era mínima e se comprimia contra a encosta, a água caindo em cascata sobre dois pontos, onde a beira fora levada pela erosão ou deslizamento. Mas tanto o homem como a mulher à sua frente haviam passado por aquele ponto; perceberia algum sinal, à claridade irregular, se alguém tivesse caído. As nuvens tornaram a cobrir a lua abruptamente e ela voltou a ficar em total escuridão. Na claridade ou escuridão, aquele não era um bom lugar para se ficar; com a chuva ainda caindo e a água escorrendo pelos buracos na trilha, poderia haver outro deslizamento. Magda teria preferido desmontar e puxar o animal pela rédea ao longo da estreita trilha, mas não havia espaço para deixar a sela e estava obrigada a confiar nas patas do cavalo, que bufava um pouco.

— Sua opinião sobre este lugar é igual à minha, companheiro — Magda murmurou. — E vamos sair disso juntos. Mas leve o tempo que for necessário, meu velho. Tome todo cuidado.

Poucos minutos depois os dois se encontravam outra vez em segurança, dentro de uma escuridão em que os dois lados da trilha se erguiam entre massas de árvores. Mais uma vez ela ouviu uma besta noturna em algum lugar da floresta, mas os animais selvagens

lhes incutiam menos medo do que a trilha perigosamente exposta que podia se abrir de novo à sua frente.

Eles passaram, eu também posso, se for preciso, pensou Magda; mas a respiração se tornou mais fácil enquanto avançava sob as árvores. Deveria desmontar ali e esperar até o amanhecer. Não era provável que Li viajasse pela total escuridão num mundo estranho — tinha a impressão de que ele vinha de um dos planetas de sóis mais brilhantes e acharia aquilo ainda mais escuro do que ela, que vivia em Darkover desde a infância — e, no final das contas, passara por ali horas antes até mesmo de Jaelle, teria alcançado a segurança relativa do leito do vale e acampado ali pela noite; sem dúvida o alcançariam pela manhã.

E a chuva continuava a cair, descendo em enxurrada pelas encostas, despejando-se para o vale, através de toda passagem que podia encontrar. A maior parte da neve do inverno devia estar se derretendo lá em cima, pois a chuva era quente. Magda já pudera registrar os danos causados pelo aguaceiro na trilha e nas encostas, uma ou duas vezes tivera de contornar uma árvore caída, bloqueando a passagem. Se alguma árvore fosse derrubada assim num ponto em que a trilha se estreitasse junto da encosta, não haveria por onde passar...

Mas deixaria para pensar nisso se e quando chegasse o momento. Por enquanto a trilha era bastante segura; ela podia até sentir os músculos relaxando e o consciente captava o vale, através do subconsciente, para saber que o pior já passara.

Não havia sequer necessidade de aventar o laran como hipótese, ela disse a si mesma, com uma lógica irrefutável; o barulho da água, vento e erosão, as indicações subliminares na maneira como meu cavalo se comporta. Isso é tudo. Lógica consciente por trás do limiar do consciente. Até que ponto o laran não seria subliminar acrescentado às indicações inconscientes?

Não importa o que seja. Provavelmente salvou minha vida naquele penhasco!

Ela estendeu a mão para dentro do manto, tirou um pedaço de pão e outro punhado de frutas secas, pôs-se a mastigar devagar. A chuva era soprada pelo vento em muitos trechos, às vezes

encharcando um pouco do pão antes que pudesse levá-lo dos dedos à boca. Era típico de um homem, ela pensou irritada, iniciar uma viagem no meio de uma tempestade; uma mulher teria o bom senso de verificar o tempo e esperar até clarear.

Mas não se podia esperar que Li conhecesse o tempo em Darkover, e depois das neves do inverno a ocasião devia ter lhe parecido oportuna. Mas ele podia ter o bom senso de perguntar a Jaelle. Era para isso que ela estava lá!

Capítulo Seis

Ainda chovia quando Jaelle despertou. Felizmente ela conseguira atravessar o passo e descer pela pior parte da trilha antes que a luz desaparecesse. Não podia imaginar porque Li não continuara pela Grande Estrada do Norte, pelo menos até Hali, virando depois para oeste. Mas isso já ficara para trás. Nem queria pensar como seria descer por aquela trilha no penhasco erodida e sob a água em plena escuridão.

Agora, apesar da chuva, ela sentiu uma fragrância tênue, que fez seu nariz comichar. Há muito tempo que não sentia aquele cheiro, mas quem já aspirara a fragrância da flor kireseth nunca mais podia esquecer. Não tinha a menor vontade de viajar sob a chuva, mas era melhor do que enfrentar o pólen da kireseth espalhado pelo vento.

Ainda era cedo, mas se partisse pela estrada tão depressa quanto pudesse, alcançaria Li logo. Até agora não encontrara nenhum perigo que um bom cavaleiro não pudesse evitar; contra toda a razão, Jaelle apegou-se à convicção de que saberia de alguma forma se algum mal já tivesse lhe acontecido na trilha.

Não podia haver a menor dúvida de que a chuva começava a diminuir. Jaelle grunhiu e saiu do saco de dormir, calçou as botas. Estendeu o saco na sela — enrolá-lo molhado faria com que ficasse mofado — e desejou haver alguma maneira de acender um fogo. Uma bebida quente lhe faria muito bem agora, mas não havia como obtê-la.

Ela cheirou a fruta seca e deu de ombros, tornou a guardá-la no alforje.

Os fazendeiros naquela área, quase todos pequenos proprietários e criadores de pôneis peludos, tentavam manter a região livre da kireseth. Mas mesmo ali, tão perto de Thendara, haviam muitos lugares selvagens, inexplorados; em locais tão escassamente povoados, nunca se sabia o que se poderia encontrar. Em determinado momento, durante a noite anterior, ela ouvira o grito de um dos predadores felinos, caçando, não pudera evitar um

estremecimento. Jamais deparara com algum, frente a frente, em anos de viagem. Mas tinha medo deles.

A neblina que se elevava do chão úmido era soprada pela brisa irregular. Jaelle subiu pelos galhos de uma árvore de lento crescimento e correu os olhos pelo vale, até onde podia avistar. Nenhum sinal de Li. Mas ele devia se encontrar em algum lugar daquela estrada. Não havia para onde se desviar na descida do penhasco e, portando, ele devia ter vindo para aquele vale, atravessando-o.

Se avançasse depressa, com toda certeza o alcançaria em poucas horas. Havia ainda outra pequena montanha para cruzar antes de alcançarem a beira das vastas terras de Alton, outro vale a percorrer; um vale perigoso, com ravinas em que o avião deveria ter caído, anos antes. Ela achava que Li não viera apenas dar uma olhada nos destroços do avião, mas a esta altura já não tinha mais qualquer certeza sobre o que um terráqueo poderia ou não fazer.

Ela desceu da árvore e montou na sela. Partiu num trote firme, devorando a distância. Antes de o sol se elevar muito acima da camada de nuvens já subia pela trilha íngreme no outro lado do vale. Olhou para trás no meio da encosta, esquadrinhando o vale. Por um momento, entre as árvores, teve a impressão de vislumbrar uma figura solitária a cavalo, mas logo a imagem desapareceu na paisagem verde. Ao seu redor, no calor do dia, as flores desabrochavam, aproveitando a estação tão curta; enquanto subia pela trilha, as narinas se encheram com a fragrância e os olhos com as cores. Estava livre outra vez, tinha alguma importância o que deixara para trás?

Peter... talvez ele não estivesse morto, no final das contas, apenas desmaiado. Ela devia acreditar nisso. Se ele morrera... nesse caso, ela o teria assassinado... mas não se permitiria pensar a respeito. Não agora. Era seu dever encontrar Aleki naquela região selvagem, escolta-lo até Armida.

Ela seguia tão depressa quanto o pônei podia levá-la, os olhos fixados na trilha, à procura de qualquer sinal de que um cavaleiro passara por ali ou acampara nas proximidades. Seus olhos eram aguçados e ela fora treinada para seguir uma pista; no meio da

encosta divisou samambaias esmagadas onde alguém amarrara um cavalo, um pouco de estrume ainda esfriando, o pedaço de papel que servia de invólucro para rações terráqueas. Portanto, Aleki passara por ali. Jaelle não desperdiçara nenhum tempo na trilha horrível, enquanto Aleki se desviara em alguma outra direção. Ele passara por ali pelo menos três horas antes, mas ela encurtava a distância e o alcançaria antes do anoitecer.

A trilha se estreitava de novo perto do topo e mais uma vez as beiras haviam sido desgastadas pela água e pela erosão. A água ainda descia por todas as passagens disponíveis na encosta, passando pela trilha, arrastando a terra entre as rochas. Galhos haviam caído durante a tempestade e Jaelle precisou desmontar algumas vezes e contorná-los com o maior cuidado, puxando o pônei. O sol estava quente, pelo que Jaelle sentia-se grata, pois as roupas úmidas secavam e fumegavam em seu corpo, mas ainda, no fundo das narinas, tinha a impressão de sentir a fragrância ameaçadora do pólen da kireseth. Fora advertida a respeito: sob sua influência, homens e animais enlouqueciam e atacavam, corriam desvairados de um lado para outro ou acasalavam fora de época. Haviam lhe contado também outras histórias de sua influência. Ora não podia conceber que lhe causaria efeito suficiente para arrancar as roupas de Alessandro Li e atacá-lo! A idéia fê-la rir. E ficou contente por ter alguma coisa de que rir.

Ela começou agora a descer para o vale. Do alto da trilha, tivera outra vez a impressão de avistar um cavaleiro. Peter está morto. Mandaram alguém no encalço de sua assassina, para me levar à justiça. O cheiro da kireseth era intenso agora em suas narinas e ela percebeu que sentia a cabeça confusa. Talvez não tivesse avistado um cavaleiro seguindo-a, não podia ver ninguém agora, talvez não passasse de uma alucinação. E agora teve certeza de que sua mente vagueava, pois em algum lugar parecia ouvir a voz de Magda, chamando-a.

Jaelle! Breda! Mas a voz só existia em sua mente. Magda, graças à Deusa, se achava segura na Casa da Guilda. Ela destruíra tudo, mas desta vez não arrastara Magda para seus problemas nem a envolvera no assassinato de Peter.

Nada disso aconteceria se eu não tivesse me detido para lutar com Peter. Deveria tê-lo ignorado e cumprido meu dever como uma amazona faria, sem me preocupar com qualquer homem, qualquer amante. Nesse caso teria partido com Li, não o estaria seguindo por esta estrada abandonada!

Seu raciocínio era cada vez mais confuso. Tinha de fazer alguma coisa com a fragrância da kireseth. Tirou o lenço do pescoço, molhou-o no pequeno córrego que passava ao lado da estrada e depois amarrou no rosto. Filtraria a maior parte do pólen. Era incômodo, bloqueava e dificultava a respiração, mas depois de meia hora pôde perceber uma fina camada de grãos amarelos no lenço; o que significava que filtrava alguma coisa. Mas o que estaria acontecendo com Li? Alguém se lembrara de adverti-lo sobre a kireseth nas colinas? Como ele teria ficado? Um coelho-de-chifres surgiu na estrada, dando um enorme salto e indo cair entre as patas do cavalo. Um coelho-de-chifres?

Normalmente eles se escondiam nas moitas e nunca se arriscavam a sair... mas Jaelle já se via obrigada a fazer o maior esforço para controlar o cavalo, que empinava e tentava disparar. Procurou aquietar o frenético animal, registrando na margem de sua consciência que o coelho-de-chifres que causara toda a comoção mantinha-se parado calmamente na beira da estrada. Não fazia o menor sentido! Ela nunca vira um animal selvagem se comportar daquele jeito!

Devia ser o pólen. Talvez não um verdadeiro Vento Fantasma, mas o suficiente da substância para afetar os animais. O coelho-de-chifres desaparecera. Por quanto tempo ela permanecera ali, na sela, olhando para o céu? Tirou a máscara e molhou-a de novo. Estava coberta pela substância amarela. O que fizera com seu cavalo? E por falar nisso, como afetara o cavalo de Li? Não sabia se ele trouxera um animal experimentado nas colinas ou um cavalo que dispararia à primeira fragrância da kireseth.

A estrada se bifurcava e o cavalo de Jaelle parou, baixando a cabeça para pastar no triângulo verde ali existente. Ela desmontou, a fim de procurar água para a máscara e examinar as marcas na lama. Por qual lado Li seguira?

Ela violara seu juramento muitas vezes. Mas pelo menos aquele dever era claro. Assumira a responsabilidade pessoal por Alessandro Li. A segurança dele era sua primeira prioridade.

O que a kireseth faria com sua criança? Jaelle tentou freneticamente recordar as preleções das parteiras da Casa da Guilda. Haviam alertado para determinados medicamentos e ervas que poderiam até danificar a criança no útero, mas ela tinha tanta certeza na ocasião que jamais haveria de querer uma criança que não prestara muita atenção.

Examinou as estradas à frente. Esta devia passar sobre os picos ao Sul, subindo para Edelweiss, embora não fosse um percurso direto. Haviam fazendeiros vivendo ali, uma ou outra aldeia pequena e uma oficina em que se recolhiam os panos fiados pelos tecelões que habitavam pelas encostas e eram tingidos com ervas nos antigos padrões do tartã. A outra estrada, quando se encontrava livre da neve, devia seguir sinuosa pelas colinas até Armida; se Li estudara o mapa e possuía um bom senso de direção, este seria o caminho que tomaria. A um lado desta havia uma trilha de gado, bem marcada pelos cascos de chervine. Li nunca seguiria por ali. Jaelle tornou a montar e avançou pela estrada para Armida. Sem dúvida alcançaria Alessandro Li em menos de uma hora. Ele deveria estar naquela estrada. Jaelle pôs o cavalo a trote, mas alguma coisa ainda a perturbava.

A largura e nivelamento da trilha de gado. Aplanada e alargada pelos cascos. Li poderia ter seguido por ali? Só porque era larga e lisa, parecia muito usada...

Não. Com certeza ele teria visto as marcas dos cascos e reconheceria o que era. Saberria que nada com menos de quatro patas passara por ali nos últimos dez dias.

Ou não saberia? Jaelle parou, puxando as rédeas e virando o animal. Um súbito padrão de alucinação aflorou em sua mente, no meio de cores intensas; Aleki, caído na trilha, insensível...

Tinha de voltar e pelo menos verificar a trilha de gado, à procura de sinais de passagem de um cavaleiro solitário. Mas que homem! Será que não tinha ao menos o bom senso de permanecer no que era obviamente uma estrada? Mas durante os últimos meses,

entre os terráqueos, Jaelle vira muitas fotos e podia agora — às vezes — ter um vislumbre de como o mundo parecia através dos olhos de um terráqueo. Enquanto olhava para a trilha de gado, foi lhe parecendo mais e mais com uma estrada principal... muito mais do que as duas estradas estreitas que seguiam para os outros lados. A trilha de gado não levava a parte alguma, apenas de volta às ravinas intermináveis e profundas, a desfiladeiros e abismos, por onde só podiam passar os chervines de andar seguro. Mas para Aleki pareceria uma estrada feita pelo homem, aplanada artificialmente.

Certamente ele devia ter sido alertado em Thendara. Mas não... Provavelmente examinara o mapa aéreo e determinara um percurso direto para Armida; talvez a trilha de gado lhe parecesse a estrada. E se tivesse aspirado bastante do pólen de kireseth, veria mesmo aquilo como uma estrada.

Poderia até ter uma alucinação, pensar que era uma estrada pavimentada, ao estilo terráqueo.

Agora Jaelle tinha quase certeza. Levou sua montaria pela trilha. O pônei refugou, desconfiando do cheiro de chervines, ela teve de exortá-lo a continuar pelo caminho irregular, que devia ser usado apenas no verão para levar animais às pastagens. Talvez houvesse manadas selvagens por ali, procuradas apenas uma ou duas vezes por ano, quando se queria carne ou peles. Havia sempre vales viçosos naquele tipo de região, embora ela não conhecesse aquela em particular. Com toda certeza, havia algum vale inacessível por ali em que a kireseth desabrochava ano após ano, imperturbada. O sol estava quente em suas costas e a claridade era ofuscante, miragens bruxuleantes surgiam ao longo da trilha, como água derramada. Seria muito fácil se perder num lugar assim e nunca mais voltar.

Um cavaleiro solitário devia ter passado por ali, há não muito tempo. Jaelle viu uma imagem de cores intensas, como um pequeno vídeo de um dos monitores de segurança do QG, mostrando Aleki, o corpo alto e magro envolto por um parka azul, os cabelos soprados pelo vento, inclinado sobre o cavalo, na chuva. Ele não podia estar muito longe pela trilha. Mas essa imagem foi no instante seguinte substituída por outra, ainda mais brilhante, no interior de suas

pálpebras, mostrando Aleki estendido, inanimado (Como Peter! Como Peter morto no i QG), braços e pernas estendidos, a cabeça em cima de uma pedra, enquanto ao lado o cavalo pastava a relva calmamente. Em que acreditar? E agora ela podia ouvir Magda outra vez.

Era melhor tratar de molhar o lenço outra vez. Sentia-se tonta, o ar parecia tremeluzir. Uma imagem se sucedia a outra, Aleki subindo por uma trilha íngreme a pé, por um momento estendido seminu sob uma árvore estranha, cheia de pontas, diferente de tudo o que já crescera ou viria a crescer em Darkover, na praia de um lago estranho, a árvore se inclinando por cima dele e balançando sob um vento invisível. Aleki estava nu, erecto, estendeu as mãos para ela com uma urgência tão intensa que fez Jaelle estremecer e piscar, a imagem desaparecendo. Aleki? Nunca! Era culpa do pólen ou ela captara alguma imagem erótica fortuita da mente ou memória de Aleki? Isso significava que ele devia estar próximo. Jaelle descobriu que tinha as palmas das mãos suadas e o coração batia descompassado, à beira do pânico.

Nunca tivera a menor percepção sexual de Alessandra Li, diria que isso nunca seria possível; apavorava-a o fato de contemplar agora aquela imagem mental, mesmo que fosse pura alucinação. Não podia ser sua. Não o veria assim nem mesmo como uma visão.

Ela continuou em frente por mais uma hora, a trilha pouco a pouco se estreitando, até que se ramificou em seis ou oito trilhas estreitas, seguindo em todas as direções, por pequenas ravinas.

Se Aleki seguira por aquele caminho, teria percebido ali que era um beco sem saída, não chegava a ser uma estrada. Seu julgamento o levaria a voltar. Se é que ainda lhe restava alguma capacidade de julgamento, depois de horas de exposição ao pólen da kireseth. Ele devia estar caído em algum lugar por ali, morto ou incapacitado ou — Jaelle recordou a súbita força erótica da alucinação — completamente inebriado com a kireseth, sem entender o que lhe acontecera. Alguém o advertira contra as formigas-escorpiões? Claro que não. Jaelle pensara que o acompanharia, seria seu guia na primeira expedição pelo campo. Contava com isso; afinal, assumira a responsabilidade pessoal por Aleki. E agora falhara nisso também.

Fracassei, fracassei, fracassei, em tudo e com todos. Ela olhou para o céu, contraindo os olhos para ver através do que parecia teias de aranha coloridas. Nuvens passavam em disparada pela frente do sol. O dia estava bastante avançado; de alguma forma, perdera a noção do tempo. Ela olhou ao redor, desesperada, sabendo que poderia passar a vida inteira procurando naquela região irregular e jamais encontraria um homem solitário e seu cavalo. Li passaria fome ou até morreria ali. Perdera-o.

Falhara mais uma vez. E o céu dava a impressão de que a chuva poderia recomeçar, ainda mais forte. Pelo menos isso assentaria o pólen de kireseth e sua mente desanuviaria.

Tentando divisar o que realmente havia através das camadas de estranhas cores, Jaelle avistou paredões de desfiladeiro subindo pelos dois lados. Havia cavernas lá em cima. Podia tentar se abrigar contra a chuva, talvez mesmo acender uma fogueira... tinha comida e poderia fazer um chá; talvez limpasse sua cabeça. Se conseguisse subir ou levar — seu pônei lá para cima. Contudo, uma urgência a pressionava. Aleki, caído numa daquelas ravinas, inconsciente, mas ainda vivo.

Se ao menos ela tivesse permitido que Dama Rohana treinasse seu laran... Poderia usá-lo agora para encontrar Aleki, descobrir para que lado ele seguira. Fora egoísta e arrogante, recusando-se a todos os deveres e responsabilidades do Comyn.

Se escapar desta situação viva, procurarei Rohana e pedirei que me ensine. Permitiria que eu cumprisse meu dever agora. Sempre acreditei que tinha pouco laran, mas agora sei que poderia aprender a usar tudo de que disponha. Matei Peter, sacrifiquei a vida de Aleki, tudo por não querer aceitar o que era. Jaelle tinha a sensação de que olhava para trás, ao longo de toda a sua vida, encontrando fracassos em vários pontos, desde o momento em que se desviara... se desviara...

Ela estava parada na areia do deserto e o sol se levantava... uma enorme mancha de sangue espalhava-se vermelha como o sol nascente e pela primeira vez em sua vida desperta Jaelle contemplou o rosto da mãe. E foi envolvida pela dor e terror da mãe, com um esforço frenético fez com que tudo silenciasse,

desaparecesse. Desde esse momento em que bloqueei meu laran, porque não podia suportar a dor terrível de sua morte. Ela morreu, abandonou a casa de Jalak sabendo que morreria, a fim de que eu não fosse criada em correntes. Ela morreu para que eu pudesse ser livre, e não pude aceitar que isso foi a causa de sua morte.

Ela me libertou. Mas eu tornei a me acorrentar com o sentimento de culpa...

E agora não sei como abrir o que fechei.

Matei Peter porque não podia suportar a recordação. Ataquei-o às cegas e matei-o. Como matei minha mãe...

Jaelle forçou-se a voltar à sela, embora o esforço deixasse seu corpo todo trêmulo de angústia. Sentia-se toda dolorida; há muito tempo não andava a cavalo e agora passara quase três dias inteiros na sela. E isto não deve ser a melhor coisa para a criança, ela pensou. Mas também já era tarde demais para se preocupar com a criança.

Deveria ter pensado na criança antes de concebê-la. Ou antes de matar o pai dela...

Ora, pare de se preocupar. Foi criada com a história de Camilla da maneira como Rafaella foi surpreendida em viagem e mal teve tempo de tirar o culote antes que a criança nascesse. A criança pode cuidar de si mesma, está bem e aconchegada aí dentro. E, no entanto, parecia de certa forma que a criança chorava. Pobre criança.

Ninguém a quer. O pai a queria, mas ele morreu. O que acontecerá com ela?

Com certeza Aleki teria voltado à trilha principal, ou tentado. Mas se ele retornara à trilha, então ela o teria visto. Sem dúvida ele se encontrava caído em uma das ravinas, morto ou drogado pelo pólen da kireseth, derrubado de seu cavalo e inconsciente... Precisava ir até lá, procurá-lo, era o mínimo que podia fazer, o dever que jurara. Ela ignorou a voz racional que lhe dizia que a busca por uma única folha numa floresta de nogueiras seria simples por contraste. Seguiu em frente, tentando desesperadamente projetar a mente à procura de Aleki.

Não. Devia voltar à trilha, a trilha principal. Se encontrasse uma das pequenas aldeias, poderia organizar um grupo para procurá-lo. E, no entanto, podia ouvir Magda chamando-a...

Não. Era o vento aumentando de intensidade. Longas faixas de nuvens estendiam-se pelo céu, as árvores se agitavam e gemiam; um galho bateu em seu rosto; estava de volta a uma das trilhas menores, subindo ao longo do paredão do desfiladeiro. Por quê? O que a levava a escolher aquela trilha? Havia apenas um pensamento em sua mente, o de que Aleki se encontrava em algum lugar à frente, que em vez de descer para a centena de pequenos vales no fundo do desfiladeiro ele preferira subir, a fim de ter uma visão mais ampla e descobrir onde perdera a estrada. Inteligente. Mas se ele fosse bastante inteligente, nunca teria partido sozinho, esperaria que ela o guiasse. Afinal, sabia que ela tinha um juramento de honra de mantê-lo são e salvo.

Mas ele também não confiava em seu juramento. Ela era uma darkovana e Aleki a desdenhara como uma nativa, do alto de seus preconceitos. Não era de admirar que partisse sem ela. Agora, quando já era tarde demais, parecia que ela o compreendia. Fora uma das pessoas que o impedira de concretizar o que ele considerava seu dever: descobrir o que acontecera com o homem Carr, como isso se ajustava nos padrões peculiares que tornavam Darkover tão diferente dos outros planetas não-civilizados diante da chegada do Império.

Mas a culpa foi minha, Jaelle. Mencionei Carr em sua presença, lancei Aleki na trilha de Carr; pensei que Carr era do Serviço de Informações, numa missão secreta, falei quando devia me calar. Essa é a verdade, Jaelle, a culpa é minha e não sua. A voz era tão nítida em sua mente que Jaelle se virou e ficou confusa ao descobrir que Magda não se encontrava ao seu lado. Ouvira até os cascos do cavalo de Magda. A trilha continuava a subir e o vento era quente em seu rosto, como o vento do deserto naquela viagem que jamais quisera recordar, ao deixar Shainsa. Kindra e Rohana levaram seu irmãozinho, envolto em fragmentos do manto da mãe. Tentaram persuadi-la a carregá-lo, a brincar com ele, mas ela não quisera tocá-lo. Nunca se lembrara antes dessa viagem, mas agora

recordava o momento em que ficara nos braços de Kindra, toda encolhida, apavorada, choramingando. Estava sangrando. Esquecera isso. Só pensava que significava que seria acorrentada, mas nem sequer foi capaz de expressar seus temores. Tinha medo até de que descobrissem. Cessara em um ou dois dias, antes mesmo de alcançarem Thendara; quando tornara a acontecer, estavam na casa das amazonas, ela perdera o medo e esquecera o que ocorrera antes. A esta altura, já aprendera o suficiente para se orgulhar porque significava que era uma mulher. Por que esqueci tudo isso até hoje?

Meu irmão. Ele deve estar agora com dezesseis ou dezoito anos, perdi completamente o contato... Não me recordo de jamais ter olhado para seu rosto. Ele não tem mãe, pai, nem irmã; é realmente órfão. O que foi mesmo que Rohana disse a seu respeito? Que ele se tornou um seguidor jurado de Valdir Alton. Mas se sobreviver, devo procurar meu irmão e pedir o seu perdão também... e pela primeira vez ela recordou palavras que Rohana lhe dissera naquela viagem, palavras bloqueadas por seu terrível medo:

Não vai tentar confortar seu irmão menor? Você teve sua mãe durante onze anos. Ele não tem ninguém. Eu poderia tê-lo ajudado. Poderia pelo menos ser uma irmã para ele, se não uma mãe. Fracassei em todos os relacionamentos humanos em minha vida e agora matei Peter. Seria suficiente deixá-lo. E agora é tarde demais. Tarde demais para tudo.

O céu estava agora repleto de nuvens turbilhonantes que pareciam se mover por sua própria iniciativa, independente de qualquer vento.

Siga por esse caminho, Jaelle. Quando a chuva chegar, haverá inundação lá embaixo. Mantenha seu cavalo subindo. Mais uma vez ela virou-se para fitar Magda e descobrir que a amiga não estava ali. Era outra alucinação. Fracassara com Magda também, se de fato levara Magda a segui-la até ali, por aquela região selvagem, desconhecida, sem pontos de referência, onde morreria. E foi então que ela os viu.

Ouviu os cascos antes de ver os cavaleiros, descendo em sua direção. Uma legião de homens montados, uma fileira depois de

outra, a pleno galope, as bandeiras do Comyn hasteadas por cima, ondulando no vento de arco-íris.

As túnicas coloridas esvoaçavam pelos flancos dos cavalos. Corriam pelo céu, os cascos batendo nas nuvens, como se fossem o leite do desfiladeiro.

Ela podia ouvir o barulho, o troar de um milhão de cascos, agitando o ar e levantando jatos de nuvem como se fossem poeira. E depois a bandeira de Aillard estendeu-se pelo céu e ela podia ver a jovem que cavalgava por baixo.

Era alta, cabelos vermelhos, magnífica, vestida de azul, os cabelos parecendo a própria kireseth, como a imagem de Cassilda na capela antiga. Contudo, de alguma forma, através e por cima do azul, tremeluzia a túnica escarlate de uma Guardiã. Minha criança, minha filha, eu a gerei para isso? Tão jovem, tão perfeita em sua austeridade virginal. E por trás dela vinham os homens do Comyn, levados por outras leronis de vermelho, homens e mulheres nas túnicas em verde, azul, vermelho e branco das Torres, correndo para derrubá-la, facas falseando em sua perseguição, impelindo-a pelo desfiladeiro acima, o homem que cavalgava ao seu lado caiu sob os cascos, ela viu sua cabeça explodir em sangue que manchou sua túnica... Podia ver os cavalos agora, ouvir o troar dos cascos e sentir o suor rançoso, mas permaneceu paralisada, incapaz de desviar os olhos do rosto da jovem...

A dor sacudiu-a; uma nuvem de poeira — poeira de verdade — sufocou-a subitamente e o mundo entrou em foco; uma pessoa a cavalo surgiu do nada, lenço amarrado no rosto, esguia e ágil, avançou pela trilha, segurou-a pelo cotovelo, puxou seu cavalo.

— Depressa! Por aqui! Jaille! Acorde, Jaille! Depressa! Não pode ver...

Era uma loucura, a voz de Magda. com certeza era outra alucinação, mas Magda parecia furiosa, era melhor obedecer para mantê-la feliz. Jaille cravou os calcanhares nos flancos do pônei, continuou a subir pela trilha. O trovejar dos cascos persistia, mas os cavaleiros no céu haviam desaparecido; o barulho era mais abaixo e seu pônei esforçava-se para manter o equilíbrio na trilha íngreme no lado do desfiladeiro. Mas quando Jaille tentou falar, protestar contra

aquela loucura, o estrondo envolveu-as. Chervines. Milhares e milhares, num estouro pelo desfiladeiro, voando, um mar de gado em disparada pela ravina estreita, uma inundação intransponível de chifres, corpos espremidos, cascos, passando bem pelo lugar em que ela parará, no meio da trilha!

O estouro continuou, interminável. Jaelle tremia. Eu poderia ter morrido, continuaria parada ali, drogada pela visão de kireseth, deixaria que passassem por cima de mim... E Magda... Magda! Ela está mesmo aqui, e mais uma vez me salvou a vida.

O ultimo animal da manada passou, resfolegante. Um desgarrado gritou. Uns poucos chervines, empurrados para as beiras, despencaram da trilha e desapareceram. E depois não restava mais nenhum, embora o estrondo de sua passagem ainda sacudisse o solo. E depois, enquanto o som se transformava num rumor distante, a chuva começou, um aguaceiro como se abrissem os céus e despejassem baldes em cima delas.

Magda estendeu a mão no súbito aguaceiro e disse:

— Vamos subir por ali. Vi uma caverna.

A luz já se desvanecia enquanto subiam, e ao chegarem lá a caverna era apenas uma escuridão contra a encosta do penhasco. Jaelle desmontou, ainda trêmula, conduziu o pônei para o interior. Magda seguiu-a e murmurou, apavorada:

— Eu a vi... parada ali... e os chervines descendo pelo desfiladeiro como o vento...

— O que fez com que estourassem assim? — Jaelle se ouviu perguntar. — A kireseth?

— Então foi isso? Eu não sabia. Mas há muita água descendo lá de cima, despejando-se pela ravina. — Magda esticou a cabeça para fora. — Dê uma olhada.

Por onde elas haviam passado uma muralha de água descia pelo desfiladeiro, quase um rio. Os chervines se afogariam ou alcançariam um terreno mais alto? Magda esticou-se toda para fora da caverna, no paredão do penhasco, até deixar Jaelle assustada. Depois tornou a entrar e disse:

— A marca de inundação está mais de um metro abaixo de nós. Ficaremos em segurança aqui. — Ela tirou a sela e os alforjes

do cavalo. É melhor que o Passo de Scaravel, brenda. Pelo menos duvido que haja pássaros-espíritos aqui.

As pernas de Jaelle mal conseguiam mantê-la de pé. Ela se apoiou no pônei, incapaz de se mexer. Magda virou-se para dizer bruscamente:

— É melhor tirar a sela e pôr roupas secas, se tiver alguma. E tem algo para acender um fogo? Há muita lenha seca guardada ali atrás... e olhe para o círculo de fogo. Este lugar deve ser um abrigo regular de pastores.

Mas as pernas de Jaelle ainda se recusavam a qualquer movimento, até que finalmente Magda se aproximou e ajudou-a a sentar na manta estendida.

— Fique aí. Trate de descansar um pouco enquanto acendo um fogo.

Estou me esquivando mais uma vez. Fracassei em meu dever.

Falhei até com Magda, atraindo-a para os meus fracassos. Minha mãe morreu por mim. Falhei com Rohana, quando ela queria me dar a herança de meu laran. Falhei com meu irmão. E com minha irmã-de-juramento. E com minha criança. E com Peter...

Magda estendera uma manta na entrada da caverna para protegê-las do vento e estava ajoelhada no círculo de pedras, ateando um fogo. Seus cabelos escuros estavam encharcados, aderindo em mechas ao rosto. Tirara a camisa e a túnica de baixo. Jaelle tossiu com a fumaça quando o fogo pegou e começou a arder. Havia uma chaminé tosca, através de um buraco no teto da caverna. Não demorou muito para que Magda ajeitasse uma pequena chaleira sobre o fogo e preparasse um chá. Levou-o para Jaelle numa pequena caneca de barro, suspendeu a seus lábios. Jaelle provou; era doce demais, enjoativo, ela empurrou a caneca. Magda tornou a aproximar a caneca de sua boca e disse ríspidamente:

— Beba tudo. Você ficou em estado de choque e o açúcar é a melhor coisa para isso.

Jaelle engoliu, obediente, sentiu que a cabeça desanuviava um pouco. E murmurou, depois de um momento:

— Você me salvou a vida de novo. Como pôde aparecer bem a tempo?

— Há dois dias que eu a sigo. O que deu em você para partir desse jeito... sozinha, grávida, com uma tempestade chegando? Devia estar louca.

— Foi o que Peter disse — balbuciou Jaelle. — Ameaçou mandar me drogar. Acorrentar...

— Peter nunca faria isso! — protestou Magda, incrédula. — Acha que ele é como um homem das Cidades Secas?

Foi nesse instante que ela captou a imagem na mente de Jaelle, drogada, talvez amarrada num leito no hospital do QG... Ajoelhou-se ao lado de Jaelle e abraçou-a.

— Oh, querida, eles não lhe fariam mal... juro que não fariam... posso compreender como sentiu medo... mas eles não a maltratariam... e Cholayna ou eu poderíamos dizer-lhes que não era louca...

— Eu o matei — sussurrou Jaelle, num fio de voz horrorizada.

— Matei Peter, deixei-o morto no QG, caído no chão de nosso alojamento.

— Não acredito — declarou Magda, incisiva. — Acho que você está delirante e não sabe o que fez. Por enquanto, tire essas roupas molhadas.

Não podemos manter um fogo aceso aqui durante a noite inteira... temos de poupar a lenha seca para o caso de nevar, pois tudo lá fora está encharcado.

Mas Jaelle continuou sentada, atordoada. Ao final, Magda teve de despi-la como uma criança e envolveu-a com uma manta da mochila. Com as brasas da fogueira, Magda tostou um pouco de carne-seca e tentou persuadir Jaelle a comer. Embora tentasse, porém, Jaelle não foi capaz de mastigar ou engolir. Magda pôs roupas de baixo e uma túnica secas, pendurou seu culote perto das brasas.

— Fiquei apavorada — ela comentou depois. — Você estava completamente desligada... sentada no meio da trilha com todos aqueles chervines descendo pelo desfiladeiro, enquanto a água caía. E não parava de ver... sei que eram apenas as nuvens, mas parecia muito... o fato é que vi todos os senhores do Comyn desfilando pelas ruas de Thendara com seus estandartes, só que desta vez não era

um desfile. Perseguiam uma jovem... uma jovem de cabelos vermelhos, parecida com você. Por um momento, Jaelle, cheguei a pensar que era mesmo você. E todos passaram galopando por cima de minha cabeça, percebi então que havia um estouro real através da alucinação, mas você não se encontrava no céu com a túnica do Comyn, estava lá embaixo no desfiladeiro, no caminho do estouro...

Ela estremeceu, abraçando Jaelle.

— Vi a mesma coisa.

Jaelle falou quase num sussurro, o barulho da chuva abafou sua voz e ela teve de repetir. Não percebera que a jovem na visão tinha o seu rosto. Uma convicção irracional insistia em dizer: Era a minha filha e o Comyn a ma tira.

— Já tinham me falado que a kireseth pode fazer coisas estranhas com a mente das pessoas — comentou Magda finalmente. — Há um tráfico clandestino da resina kirian em Thendara, como você sabe. A substância vem das planícies de Valeron e há pessoas que a tomam pelas visões que proporciona. Está proibida na Zona Terráquea, é claro, mas as pessoas vão procurá-la no outro lado, como fazem com mulheres. Se é o que estamos respirando, isso explica... mas agora já acabou tudo.

Ela pôs alguns pedaços de pão no chá e alimentou Jaelle como se fosse uma criança. Jaelle engoliu, obediente. Não podia lembrar da última ocasião em que comera alguma coisa. A comida e o chá quente dissiparam os últimos resquícios de confusão de sua mente. Até mesmo o horror intenso do assassinato se desvaneceu. Talvez Magda estivesse certa. Talvez sua memória lhe pregasse peças. Se podia recordar coisas que esquecera desde a morte da mãe, como podia confiar no que pensava que sabia? Além do mais, não poderia fazer coisa alguma a respeito agora. Ela acabou dizendo, a voz trêmula:

— Não entendo... Como chegou aqui? Ainda deveria estar proibida de deixar a Casa.

Se violou seu Juramento para salvar minha vida... não valeu a pena, Margali. Não mereço isso.

— Você não tem condições de julgar isso neste momento — respondeu Magda, friamente. — Trate de dormir agora. E apenas

para constar, não violei o juramento. Camilla me deu permissão para sair. Ela ama você, Jaelle... e tenho a impressão de que você não percebe isso.

Sua expressão era tão sombria que Jaelle não suportou contemplá-la. Abruptamente, na mais total exaustão, ela mergulhou num poço sem fundo de sono.

Quando despertou, a fogueira já apagara, restavam apenas minúsculos olhos vermelhos na escuridão. Magda estava enroscada ao seu lado, mas ouviu-a se mexer e virou-se.

— Você está bem?

— Salvou minha vida outra vez — sussurrou Jaelle. — Oh, brenda, eu pensava que era muito corajosa e descobro agora que sou uma covarde, fracasei em tudo... não deveria ter arriscado sua vida pela minha...

— Calma, calma — murmurou Magda. — Está tudo bem agora.

— Peter... sabe que o matei...

— Já me contou.

Jaelle pôde ouvir os pensamentos de Magda, como teias de aranha coloridas, na estranha escuridão: Não acredito que você tenha feito isso.

— Esqueça Peter, Jaelle.

— Por que eu deveria esquecê-lo? Só o esquecerei quando eu quiser e à minha maneira! — Jaelle não sabia porque sentia de repente uma raiva tão intensa. — Não cabe a você me dar ordens sobre isso!

— Jaelle, eu só queria... Lamento por ele. Um dia desses Montray ainda conseguirá bani-lo de Darkover...

É tarde demais para isso. O que fora mesmo que Peter dissera a respeito de Carr? A morte encerra legalmente as responsabilidades e privilégios de um cidadão. Agora ele não tinha mais.

— E você é tudo o que Peter tem. Você e a criança.

— Não pertenco a ele! E minha filha também não!

— Ele acha...

— E foi por isso que o odiei, foi por isso que o matei! Ele queria me possuir, a mim e à criança, como coisas, brinquedos...

Magda pôs a mão sobre a de Jaelle, procurando acalmá-la.

— Não deve falar assim.

Se ela se comportara daquele jeito, talvez Peter tivesse motivo para pensar que havia alguma coisa errada com sua mente. E agora me pergunto... ela poderia mesmo tê-lo matado? Mas até mesmo Keitha chegou a um ponto em que não queria mais matar o marido, apenas lhe virar as costas e afastar-se... e Jaelle foi uma Renunciante durante toda a sua vida...

— Não, não fui — sussurrou Jaelle. — Lembra como você chorou quando prestou o Juramento? Pois isso não me aconteceu. Eu... eu apenas confirmei algo que já me decidira há muito tempo e me senti feliz com isso. Não estava renunciando a coisa alguma. Nunca soube, até conhecer Peter, que havia qualquer coisa a renunciar... Esquecera tanta coisa, tornara-me cega para tanta coisa...

E de repente ela desatou a chorar, as lágrimas escorrendo pelas faces.

— Minha mãe... eu não podia lembrar o rosto de minha mãe, lembrar que suas mãos estavam acorrentadas, até que Peter tentou também me acorrentar... Isso foi o pior, ele não sabia o que fazia. Mas eu sou uma Renunciante, deveria ter compreendido. Nunca poderia permitir que chegasse a esse ponto. Cholayna...

Jaelle fez uma pausa, dominada por um soluço.

— Eu poderia tê-la matado também, se tivesse com uma faca teria sacado contra ela, quando me lembrou que eu era na verdade uma mulher das Cidades Secas... Mas é a verdade, a pura verdade, eles não nos acorrentam, nós é que nos acorrentamos.

Elas ainda se mantinham em contato, as mentes abertas uma para a outra. Pensei que era suficiente dizer não a tudo isso, mas é apenas o começo. Todas as mulheres que foram para as amazonas, lutaram e choraram através das Sessões de Treinamento, partiram livres, tendo crescido para a liberdade, mas ela fingira que nada tinha de que se libertar. Nunca tivera a menor idéia das batalhas angustiadas que elas travavam. Sabia agora por que era preciso surras, correntes e a ameaça de uma gravidez fatal para afastar uma mulher de seu marido. Jaelle agarrou o pulso de Magda e sentiu a

dor em seu próprio braço, mas não pôde largar até que Magda gentilmente pegou sua mão e afrouxou os dedos.

— Eles não nos acorrentam. Nós é que nos acorrentamos. De bom grado. Mais até. Ansiamos por correntes... Não é isso o que significa ser uma mulher?

— Claro que não! — protestou Magda, aturdida e chocada. — Significa... estar no comando de sua própria vida, de suas próprias ações...

— E das vidas de suas crianças. Eu não queria esta criança, aceitei para fazer Peter feliz... Como foi doentio, querer ser dominada por ele...

— Tenho certeza que não foi bem assim, querida — murmurou Magda.

Ela podia se ver através dos olhos de Magda no primeiro ímpeto de paixão, a explosão de seu primeiro amor de verdade. Eu estava pronta para uma ligação amorosa, não foi mais do que isso. Seria mais são e mais sensato tomá-la como minha amante, Margali... Acha que ele arriscaria sua vida por mim, mesmo na primeira vez?

E você... eu sabia que havia uma vida entre nós...

Você sabe que eu a amo, Jaelle, e agora sei o quanto, mas está doente e exausta... Não é o momento para este tipo de decisão, bredhiya. Ela recordou Camilla a lhe dizer mais ou menos a mesma coisa, quando se queimara nas linhas de fogo. Aninhou Jaelle em seus braços, embalando-a como uma criancinha.

Como minha mãe. Não consigo lembrar minha mãe, mas ela morreu para me libertar e atraí ao me acorrentar de novo...

Magda ninava-a, gentilmente, cantarolando baixinho. Então Jaelle vai ter uma criança e ela própria não é mais do que uma criança. Eu gostaria de poder gerar essa criança por ela. Quando os soluços de Jaelle acabaram, Magda acomodou-a sob as cobertas.

— Farei um chá. Você está precisando. Acha que pode comer alguma coisa?

Jaelle ficou quieta, deixando que Magda cuidasse dela. Mas acabou dizendo:

— Aleki... Ele deve estar morto. Primeiro o Vento Fantasma, depois o estouro dos chervines e a inundaçãõ...

Magda foi até a entrada da caverna e empurrou a manta para o lado. Ainda chovia. Através dos olhos de Magda, observando o vale, Jaelle divisou a torrente lamacenta, ainda enchendo o desfiladeiro, árvores flutuando na correnteza, um chervine morto, inchado, a barriga para cima, pernas esticadas para o céu.

— Ele pode ter encontrado uma caverna antes de a inundaçãõ começar — sugeriu Magda. — Não vamos perder a esperança por enquanto. Há muitas cavernas por aqui.

Jaelle surpreendeu a si mesma ao dizer:

— Creio que eu saberia se ele estivesse morto.

Em determinado momento, durante a loucura da kireseth, ela fizera contato com a mente de Aleki. Depois disso, com certeza teria sentido se ele morresse. Magda trouxe o chá e ela sentou para tomar. Engatinhou também até a entrada da caverna e contemplou o vale inundado.

— Graças à Deusa, eu trouxe rações de viagem para dez dias! Vai se passar algum tempo antes que possamos sair daqui.

Magda encostou a mão em sua testa.

— De qualquer maneira, você não está em condições de viajar. E agora volte a se deitar. Não há nada que possamos fazer, e é melhor você descansar. Essa viagem extenuante não pode ter sido boa para você neste estágio da gravidez. Não importa o que Rafaella fez, provavelmente você não é tão forte quanto ela, tudo isso não pode lhe ser bom...

Jamais desejei essa criança! Seria melhor se nunca nascesse! Sabendo que assassinei seu pai...

E ela acredita nisso. Esse tipo de obsessão... pode levar a um aborto.

O que seria ótimo! O sentimento de culpa e desespero era tão intenso que Magda se aproximou e obrigou-a gentilmente a deitar.

— A melhor coisa que você pode fazer agora é descansar e não se preocupar.

Mas depois que Jaelle tornou a mergulhar num sono inquieto, repleto de pesadelos, Magda voltou à entrada da caverna e sentou

ali, observando a chuva interminável encher ainda mais a torrente no desfiladeiro. Poderiam passar dias presas na caverna. Ninguém sabia que se encontravam ali. Ela não gostava da expressão febril nos olhos de Jaelle, a intensidade ardente, quase delirante, de seus pensamentos. Presumia agora que partilharia os pensamentos de Jaelle se houvesse um contato íntimo entre as duas. Dama Rohana dissera-lhe certa ocasião que ela possuía um laran potencialmente forte e sabia agora que Camilla o confirmara, à sua maneira, conseguindo até mantê-lo bloqueado por um longo tempo. As intenções de Camilla haviam sido boas — ela fora motivada pelo mais puro amor, — mas significava que ela não tivera a oportunidade de aprender a controlá-lo e se fortalecer em seu uso. E agora alguma coisa o intensificara. O contato com Jaelle? A exposição à kireseth, tão psicodélica?

Não importava como fora, o fato é que acontecera e agora ela tinha de confrontar uma enorme sobrecarga de novos dados sensoriais que sua mente ainda não aprendera a processar. Parecia que via tudo ao seu redor como se tivesse olhos não apenas atrás da cabeça, mas também em cima e em diversos lugares do corpo, o que lhe permitia ver o fundo da caverna e ao mesmo tempo o desfiladeiro inundado lá embaixo, os pequenos roedores na escuridão, mamíferos noturnos meio hibernando em ninhos de gravetos pendurados no teto. Podia sentir o corpo de Jaelle como se estivesse dentro dos seus sentidos ampliados... então a gravidez era assim, sentir um outro ser dentro de si mesma? Ela pôde sentir a dor espreitando em algum lugar de Jaelle, pronta para despertar. Projetando-se mais, pôde sentir a consciência adormecida num nível mais profundo, em que o bebê se enrascava e se abrigava no útero, cochilando, mas perceptiva...

Jamais desejei uma criança. Ou apenas não queria uma criança de Peter? Pensava que queria, mas alguma coisa dentro de mim sabia que eu não queria. E agora sei que o que sentiria por uma criança é o que sinto por Jaelle, mais até, nunca me sentirei feliz agora enquanto não tiver uma criança. E isso a fez sorrir para si mesma, quase tristemente, pois agora tenho certeza que sou amante de mulheres e não é provável que consiga engravidar assim!

A única desvantagem que me ocorre. Talvez eu devesse ter uma criança antes de tomar essa decisão. Mas ela riu interiormente, sabendo que ao partir da Casa da Guilda deixara para trás esse tipo de auto-definição, para sempre. Não, não posso me classificar como amante de mulheres. Há mulheres que amo, isso é tudo, mas o que pode acontecer no futuro... ora, voarei esse falcão quando suas asas estiverem crescidas. Ela especulou porque, apesar da situação desesperadora, sozinhas, isoladas pela inundação, com Jaelle doente, talvez doente demais e talvez insana, sentia uma felicidade tão intensa, como se Jaelle e a criança estivessem unidas a algo muito maior do que elas, como uma só coisa, algo que se projetava por todas as coisas vivas ao redor. Céu e água, a chuva caindo, a torrente impetuosa, árvores banhando suas folhas, a terra se abrindo à inundação como uma mulher ao contato de um amante, até mesmo os pequenos animais refugiados na caverna e os pequenos insetos na palha eram parte disso. Ela ainda estaria um pouco drogada do pólen da kireseth? Não, era uma coisa diferente. Magda refletiu que se fosse religiosa diria que era uma percepção de Deus, um conhecimento de que tudo ao seu redor possuía vida e que ela era uma parte integrante. Seu amor por Camilla, o amor intenso por Jaelle, a paixão que partilhara com Peter, a breve ternura por Monty, até mesmo a simpatia que sentira ao dançar com Darrell, filho de Darnak, até mesmo a maneira como cuidava do velho Coordenador Montray, a dor que partilhara com Byrna por ocasião de seu parto, o medo que sentira na trilha... todas essas coisas se reuniram como se, por um instante, ela contemplasse toda a sua vida, pura e integral. E no instante mesmo em que teve a percepção começou a se desvanecer e ela compreendeu que, não deveria se esforçar para mantê-la, pois nesse caso conservaria apenas a luta. Devia deixar que partisse. Mas seria parte dela para sempre.

Ela atçou o fogo e foi deitar ao lado de Jaelle. Também se sentia muito cansada da longa viagem e precisava recuperar as forças para o momento em que saíssem dali.

Esperava que Jaelle fosse capaz de viajar.

Capítulo Sete

Mais quatro noites passaram sobre a caverna no paredão do desfiladeiro; mais quatro manhãs nasceram vermelhas. Na terceira, quando o Sol Sangrento elevou-se por cima do desfiladeiro, a chuva cessara; ao anoitecer a água já começara a baixar. Magda, levando os cavalos para pastar na encosta, sentiu-se aliviada, pois elas podiam ter ainda alimentos em quantidade suficiente, mas a forragem dos cavalos já escasseava. Porém iria demorar tempo considerável antes que fosse possível atravessar o desfiladeiro, e a lenha seca para a fogueira estava quase no fim. Os galhos das árvores-de-resina arderiam mesmo molhados, mas não muito bem.

Jaelle estava sentada quando ela voltou à caverna. Magda percebeu que se sentia terrivelmente preocupada com a amiga. Jaelle mostrava-se racional na maior parte do tempo agora, mas insistia na obsessão de que assassinara Peter, e Magda não conseguia dissuadi-la. Jaelle acreditava nisso, e ponto final. Magda se recusava firmemente a acreditar.

E o curto período do Solstício do Verão terminava; muito em breve precisariam de fogo para sobreviver. Deveriam estar prontas para partir assim que a água no desfiladeiro baixasse o bastante para que pudessem escapar, mesmo com os cavalos nadando parte do percurso. Para isso, Jaelle devia estar mais forte. A febre persistia e todas as noites ela acordava gritando em pesadelos. Magda abraçava-a e aconchegava-a por um longo tempo, até ela saber onde se encontrava. Toda a sua infância esquecida na Cidade Seca parecia voltar, e Jaelle constantemente despertava aos berros, pensando estar sob correntes. Magda partilhava muitos desses pesadelos, com sua nova percepção de Jaelle, a tal ponto que sugeriu que dormissem em lados opostos da caverna.

— Estamos captando os pesadelos uma da outra e reforçando-os — ela explicou. — E acho que os nossos próprios pesadelos já são mais do que suficientes.

Mas o frio era intenso e não dispunham de mantas suficientes para dormirem assim separadas; por isso, continuaram a dormir lado

a lado; e quando Jaelle despertava gritando, Magda a aconchegava até que voltasse a dormir. Magda sempre se sentia grata quando a caverna começava a clarear. Mas durante o dia, embora Jaelle continuasse febril e sentindo dor — Magda especulava se ela não contraíra alguma doença na viagem, — pelo menos se mostrava bastante racional. Exceto pela ilusão em relação a Peter.

Ou não seria uma ilusão?

Por outro lado, ela também tinha certeza de que Aleki continuava vivo.

— Ele se encontra retido numa caverna, como nós.

Enquanto ela falava, Magda teve uma visão de Aleki, deitado, sozinho e imundo, incapaz de se mexer. Ele está ferido. E temos de leva-lo de volta a Thendara. Se ele morrer aqui, teremos um grave incidente diplomático.

— E a responsabilidade é minha — murmurou Jaelle. — Assumi a responsabilidade pessoal por ele.

— E eu assumi a responsabilidade pessoal por suas obrigações, Jaelle — disse Magda, tocando de leve na mão da amiga. — Estou agora em condições melhores do que você para cumprir esse dever. É para isso que servem as irmãs-de-juramento.

— Sinto-me um pouco culpada — comentou Jaelle, depois de um longo tempo. — Eu queria que esta missão fracassasse. E foi o que aconteceu, pois podemos levá-lo de volta a Thendara... Não queria que ele chegasse a Armida e interrogasse o tal de Carr... ou Dom Anndra... ou como quer que ele se chame...

Magda sorriu debilmente.

— Pelo que sei a seu respeito, o tal de Carr é perfeitamente capaz de cuidar de si mesmo. Aqui entre nós, eu apostaria em Carr.

— Não tenho tanta certeza assim. Quando se encontra na pista do Comyn, Li sabe ser muito tenaz, Magda. Não sabe como ele é obstinado. Eu... eu sou Comyn, embora nunca tenha compreendido plenamente isso antes. Comyn, mas me libertei através do Juramento da Renunciante. Por isso, sou capaz de ver Darkover pelos dois lados.

Do Comyn e do plebeu. E vi os mundos do Império através das telinhas. Não quero que meu mundo se torne assim... E isso é o que

Li quer.

— E ele conseguirá, se alguém é capaz. Os agentes sempre são competentes.

— E você é um deles... — murmurou Jaelle, hesitante. — Quer ajudá-lo em sua missão? Ou ficará do lado de Darkover?

Magda pegou as mãos de Jaelle, gentilmente.

— Não é tão simples assim, querida. Não se pode dizer Darkover contra Terra. Nenhum dos dois lados é completamente bom ou completamente mau. Mas devemos primeiro ter certeza de que ele ainda está vivo, antes de começarmos a nos preocupar com sua missão.

Jaelle já deveria estar melhorando se fosse apenas um resfriado ou alguma variedade mutante de gripe. Mas ela não reage. Magda não queria que Jaelle soubesse o quanto estava preocupada.

Ela própria se recuperara, depois da fadiga da viagem e do medo. Se isso é laran, então sou uma das pessoas afortunadas. Escapei do limiar da doença, ela pensou, sem perceber o quanto captara da mente de Jaelle. Sentia-se ansiosa em partir. Talvez seja melhor para Jaelle tentar viajar, mesmo ainda doente. Se estivessem na Zona Terráquea, ela não hesitaria em internar Jaelle no hospital. Ela está realmente doente, e não melhora. Portanto, tudo depende de mim. Mas amanhã de manhã, se for possível, sairemos daqui.

Perto do amanhecer, enquanto o frio da neve lá de fora se insinuava pela caverna adentro, elas começaram a sonhar.

Sol vermelho se erguendo sobre rochas pontudas, sangue espalhando-se pela areia. Valeu à pena, Jaelle. Você é livre. Você é livre. E depois a mãe sumiu, não se encontrava em parte alguma, como Peter, desaparecido, morto...

Não, minha querida. Estou aqui. E também sou livre. Ela se encontrava de pé na areia vermelha, alta e bela, os cabelos vermelhos não presos nas tranças de uma mulher das Cidades Secas, mas enrolados e seguros com um broche de cobre.

Mãe! Mãe! Volte, mãe... Mas ela se desvanecera, fora para a sua própria liberdade. E eu sou livre também. A mancha escarlate de sangue nas areias vermelhas desaparecera, mas ela ainda podia sentir todo o sofrimento da mãe, enquanto o mundo se dissolvia ao

seu redor. E era uma garotinha, deitada trêmula no saco de dormir da velha e estranha emmasca, que a abraçava e tocava, como jamais desejara ser tocada por qualquer mulher... Não, era Magda, nos braços de Camilla... não era eu. Nunca

pensei em Camilla assim. Claro que não. Camilla foi minha mãe, uma das que me trataram assim quando perdi minha própria mãe, quando não podia sequer recordá-la.

E eu era o mais próximo da filha que Camilla nunca teve. Mas Magda não era como uma filha de Camilla, podia se tornar sua amante...

Mas a garotinha continuava ali, uma garotinha que queria muito viver... Não, disse Jaelle, não é possível, chiya, terá de voltar. Para escolher outra mãe.

Mas você me escolheu e eu escolhi você, respondeu a garotinha. Por que ela não podia ver a criança direito, apenas ouvir sua voz? Sentia muita dor. Sua mãe sentira-se assim, e Jaelle não podia bloquear a dor. Era demais, ela começava a se romper, estavam torturando-a, ela gritava, como ouvira os gritos da câmara de torturas de Jalak...

Não chore, mãe. Esperarei por você. Voltarei depois, quando me quiser. Uma voz tão confiante, uma criança. A garotinha, num vestido azul, os cabelos dourados enroscados como o pólen dourado no sino da flor de kireseth. Jaelle pôde observá-la se afastando, para um mundo cinza, um silêncio absoluto, parecia que a garotinha que poderia ter sido sua filha afastava-se numa nuvem cinza como o Lago de Hali, cada vez mais longe, e apenas quando não podia mais ver a garotinha, apenas o tremeluzir distante do vestido azul, é que lhe ocorreu que era uma separação genuína. Outra morte.

— Não! Não! Volte! — ela gritou, várias vezes.

Mas era tarde demais. A garotinha desaparecera e ela chorava, chorava porque doía tanto, tanto... como na primeira vez em que se descobrira sangrando e tivera

medo de contar...

— Jaelle! — Magda estava muito pálida, inclinada sobre ela. — Você estava chorando no sono... o que aconteceu?

— Oh, Magda, ela se foi, está morta, não consegui chamá-la de volta, disse que não a queria e ela foi embora...

— Quem, Jaelle? Você teve outro pesadelo, querida. Conte-me tudo.

— Minha mãe. Não, era minha criança. E ela foi embora... — Jaelle soluçou. — Queria dar seu nome a ela, Margali... ah, como doeu, doeu tanto...

Magda abraçou-a e acalmou-a, pensando que ela tivera apenas um pesadelo; mas logo percebeu que era mais do que isso. Podia sentir a dor dilacerando a mulher mais jovem e compreendeu, num terror total, o que estava acontecendo.

Eu temia isso. Ela estava doente, sofreu muita tensão. É um aborto. E ainda é cedo, não tem mais que quatro meses. Essa criança não conseguiria sobreviver nem mesmo entre os terráqueos, com suas máquinas de manutenção do feto. E ela, Magda, não tinha a menor idéia do que fazer; sozinha, sem contar sequer com água quente, as duas encerradas numa caverna imunda, bloqueadas pela inundação...

Jaelle se contorceu e gritou outra vez, numa pontada de dor. Magda pegou suas mãos e disse:

— Jaelle, querida, você precisa ser corajosa. Deve parar de chorar e fazer tudo o que puder para se controlar.

Não quero que você morra. E este não é o lugar para ter um aborto. E não sei o que fazer por ela. Oh, Deus, preciso de ajuda! Preciso de Marisela ou de alguém assim.

E estou completamente sozinha com ela. E não posso sequer deixá-la perceber como me sinto apavorada. Ela já está bastante assustada por si mesma. Bom, teria simplesmente de fazer o melhor que pudesse. Os soluços de Jaelle haviam definhado para uma lamúria incessante. Tentarei ser corajosa. Como na ocasião em que caí e desloquei o ombro, Kindra se orgulhou de mim porque fui muito corajosa. Posso ser corajosa por Magda também. Pobre Magda, ela tem sido muito boa para mim. Minha pobre criança. Minha pobre garotinha. Será que morrer doeu muito?

Magda tentou bloquear tanto quanto podia da percepção de Jaelle. De nada adiantaria a Jaelle se ela sofresse também. Reunira

toda a lenha seca que ainda restava e acendera a maior fogueira possível. Pôs água para ferver... Jaelle precisaria de bebidas quentes e depois de algum alimento para recuperar as forças. Foi vasculhar em seus alforjes e encontrou entre as roupas de viagem um par de camisolas de flanela limpas. Nem mesmo se lembrava de tê-las trazido, mas não importava. Vestiria uma em Jaelle depois. Estendeu a outra sobre o lado mais limpo da manta. Pelo menos estava limpa. As mulheres tinham bebês e abortavam-nos em condições primitivas há séculos, sem os cuidados sanitários ao estilo terráqueo, ela lembrou a si mesma.

É verdade, mas também morrendo disso. Magda ordenou que esse pensamento desaparecesse e se preparou para tranquilizar Jaelle, embora não soubesse direito o que fazer.

Tinha certeza apenas de que haveria muito sangue. Captara isso dos muitos pesadelos que Jaelle sofrerá. Ajoelhando-se para tirar a roupa de viagem de Jaelle, suja e ensangüentada, ela disse:

— A primeira coisa que você tem de fazer é tentar relaxar e respirar fundo. Vamos, Jaelle, já ouviu mais preleções de parteiras do que eu. Uma de nós deve se lembrar o suficiente para que eu não faça a maior confusão.

Capítulo Oito

Quase não havia mais lenha. Magda, exausta, arrastou-se até a entrada da caverna e olhou para o vale. A água descera mais ainda durante o dia. Poderemos partir hoje, ela pensou, se Jaelle fosse capaz de viajar. Se ela se agüentasse por mais um dia...

Não era culpa de Jaelle. Magda olhou para trás, ternamente, para a massa escura de roupas de cama que era Jaelle. Pelo menos ela dormia agora e já acabara... ou pelo menos Magda pensava que acabara. Fizera o melhor que podia, mas não era médica ou mesmo parteira, e seu melhor provavelmente não era grande coisa.

E agora não sabia quanto tempo teriam de esperar até que Jaelle tivesse condições para viajar. Era uma jovem extremamente doente que estava ali. Fiz o melhor que pude, mas não há como ter certeza de que tudo foi devidamente esterilizado. Jaelle precisava de uma alimentação adequada, uma cama confortável e quente, os cuidados apropriados. Magda pôs a cabeça entre as mãos e chorou.

E mesmo enquanto chorava, compreendeu que racionalizava para si mesma. Estou apenas cansada demais, a tensão de tudo o que aconteceu, sabendo que Jaelle ainda podia morrer. Eu a amo, faria qualquer coisa para cuidar dela e posso tê-la matado. É tudo culpa minha. Fui eu quem a apresentou a Peter. Se eu não fosse uma pessoa tão imprestável naquela ocasião, se pudesse dar um filho a Peter, se não fosse tão arrogante e competitiva com ele... agora ele está morto e Jaelle também pode morrer... Magda chorou e chorou, incapaz de parar, mesmo enquanto os soluços a sacudiam lembrou Marisela dizendo que um dia ela também seria capaz de chorar...

E isso deve ser bom para mim? Quem está louca?

É uma boa coisa que eu tenha aprendido mais do que isso com Marisela, não é mesmo? Depois da noite passada, ela poderia até rir. Limpou o nariz na manga da roupa — não havia sequer um pedaço de pano limpo! — e respirou fundo, tentou avaliar a situação sem histeria.

Jaelle dormia, mas estava muito fraca. Magda tinha a impressão de que ela perdera sangue demais. Precisava de cuidados médicos para garantir a correção dos erros que Magda podia ter cometido na condução do aborto e verificar se tudo se encontrava em ordem. No mínimo, precisava de roupas secas e limpas, uma alimentação nutritiva, agasalhos.

Magda podia pelo menos providenciar algum calor, pegando galhos das árvores-de-resina, que arderiam mesmo molhados, desde que os conseguisse agora antes que a fogueira se extinguísse.

Caso contrário, ela refletiu, sombriamente, as duas poderiam morrer ali.

Se a febre de Jaelle baixasse nas próximas horas, talvez devesse simplesmente colocar a jovem no cavalo, mesmo que precisasse amarrá-la na sela, e partir em busca da civilização. Seria possível então organizar uma expedição para procurar Aleki e providenciar os cuidados necessários para Jaelle. Por outro lado, o que aconteceria se encontrassem alguma fazenda isolada em que a mulher reagisse como a velha que ofendera Magda nas linhas de fogo? Ela bem que poderia repeli-las para que morressem. Se permanecessem ali, nada teriam pela frente além de fome e frio. Mas ela ainda tinha forças; poderia deixar Jaelle sozinha e sair em busca de socorro? As suas costas, dentro da caverna, ouviu Jaelle se lamuriar no sono, como se o próprio pensamento a apavorasse. Jaelle, que era tão forte... Contudo, sempre a protegi. Minha criança. Meu amor. Ficaria com Jaelle, não importava o que pudesse acontecer. Ou assumiria o risco de levá-la para a civilização, agora ou quando Jaelle estivesse mais forte... ou ficariam aguardando a salvação ali.

O conhecimento do tempo de muitos anos dizia-lhe que havia outra tempestade a caminho, mas ainda não era iminente. Mesmo assim, devia recolher tanta lenha quanto pudesse.

Magda foi se inclinar sobre Jaelle, tencionando sussurrar que ela não devia se assustar, pois não iria muito longe; no momento, porém, a mulher dormia serenamente e Magda não quis incomodá-la. Poderia fazer contato com sua mente? Na esteira da tempestade de kireseth haviam permanecido muito tempo em contato, até

partilharam sonhos. Antes do aborto, no entanto, sabendo que não poderia cuidar direito de Jaelle se também sofresse toda a sua dor e angústia, ela fizera alguma coisa, ainda não sabia direito o quê, e bloqueara sua mente. Poderia agora reverter o processo?

Tentou penetrar na mente da mulher adormecida; não sabia até que ponto conseguira, mas procurou projetar seus pensamentos sem perturbar o sono de Jaelle; depois do pesadelo de dor e do serviço de parteira desajeitado, Jaelle precisava de todo sono que pudesse ter. Mas precisava também de ser tranqüilizada.

Querida, preciso sair por um momento, tenho de buscar lenha ou alguma coisa que possa arder. Se você acordar e não me encontrar aqui, não se assuste. Ela repetiu mentalmente, várias vezes, mas Jaelle não se mexeu. Magda se perguntou se conseguira mesmo fazer o contato. com um pouco de sorte, voltaria antes que Jaelle despertasse, poderia lhe fazer um chá, talvez um mingau quente. Não era o que Magda teria escolhido, mas Jaelle provavelmente já vivera disso antes e o mingau supostamente possuía todos os elementos nutritivos necessários... pelo menos era a dieta de viagem das amazonas. O fato de ter um gosto de cereal quente rançoso não tinha a menor importância.

Ela puxou sobre a cabeça o capuz do manto de montaria, pensando que se sentiria mais confortável no casaco ao estilo terráqueo que Jaelle usava. Mas Jaelle era menor e o casaco não entraria; portanto, tinha de ser o manto de montaria ou nada. Pelo menos era quente. Magda foi verificar os cavalos para se certificar de que não haviam se afastado demais, afagou-os, deu os últimos grãos de forragem. E depois começou a recolher galhos molhados das árvores-de-resina pela encosta. Era um trabalho árduo, seus braços doíam, quebrou as unhas. Se ao menos eu pudesse alcançar um rádio em algum lugar... Os planetas primitivos são maravilhosos, adoro este, mas o que se pode fazer numa emergência assim? Ficar esperando a morte?

Poderia transmitir um alarme e helicópteros terráqueos estariam à procura de Jaelle antes mesmo que ela atravessasse o passo! Poderia ter acionado uma busca em larga escala e salvado Aleki menos de duas horas depois de sua saída de Thendara! Se

Jaelle tivesse um mínimo de bom senso, teria feito isso, em vez de sair em disparada pela noite, no meio de uma tempestade, em seu encalço!

Mas Jaelle matara Peter... ou pensava que o matara, refletiu Magda. Foi um acidente. Mas ela precisaria convencer os terráqueos disso. E não seria de qualquer proveito para Aleki se estivesse encerrada no hospital ou detida para interrogatório.

Magda levou uma braçada de lenha até a entrada da caverna e desceu para buscar outra. No meio da encosta viu flocos de neve caindo nas dobras do manto; eram flocos densos e úmidos, unindo-se quase como bolas de neve, o que indicava que muito em breve a nevasca seria intensa. Uma parte se derreteria ao atingir a água que ainda permanecia no fundo do vale, mas o suficiente se empilharia nas encostas para fazer com que a trilha se tornasse perigosa.

Isso resolvia a questão. Não podiam ficar aprisionadas ali; seria suicídio permanecer. Tinha de pôr Jaelle no cavalo de alguma forma e se empenhar ao máximo para alcançar a civilização.

Esqueça aquela história de esperar aqui pelo socorro. Uma Renunciante tem de salvar a si mesma! Sombriamente, Magda largou a lenha e começou a recolher suas coisas, o que restava de comida. Acendeu uma fogueira com o que ainda havia de lenha seca e pôs a carne-seca para cozinhar; fariam uma refeição quente, boa e nutritiva, a fim de terem condições melhores para a viagem. Ajeitou o que podia, descartando implacavelmente tudo o que não fosse comida e mantas. Pôs a comida nos seus alforjes. Jaelle iria no cavalo com os alforjes, enquanto ela montaria o pônei. Já seria uma viagem difícil sem qualquer peso extra.

Se conseguissem escapar, ela providenciaria uma expedição para procurar Aleki ou seu corpo nas cavernas mais acima.

Quando a sopa ficou pronta, com um cheiro mais ou menos apetitoso, Magda compreendeu que não poderia esperar mais. Já nevava bastante e ela tornou a hesitar; se a nevasca aumentasse, poderiam se perder em toda aquela brancura. Mas qual era a alternativa? Ficarem retidas pela neve ali até morrerem? Ela tomou um pouco da sopa quente, comeu algumas nozes. Despejou a sopa esfriada numa caneca e aproximou-se de Jaelle para acordá-la.

— Jaelle... Shaya, querida, acorde e tome um pouco de sopa. Temos de sair daqui; está nevando e precisamos tentar escapar deste desfiladeiro, enquanto ainda é possível.

Jaelle fitou-a com um olhar vazio e Magda sentiu um aperto no coração.

— Kindra? — balbuciou Jaelle. — Dói muito. E estou sangrando. Vou morrer, Kindra?

— Jaelle! — Magda sacudiu-a bruscamente. — Pare com isso! Você está aqui comigo! Sou eu, Magda! Acorde! Vamos, beba isto!

Ela levou a sopa à boca de Jaelle, inclinando a caneca. Jaelle engoliu um pouco, obediente, depois empurrou a caneca. Quando Magda praguejou, encostando a caneca em sua boca, ela fitou-a fixamente. Não sabia o que Magda queria e deixou a sopa escorrer pelo queixo. Magda sentiu vontade de esbofoteá-la.

Mas a culpa não é de Jaelle. Ela está doente, nem mesmo sabe quem eu sou. Magda verificou as bandagens improvisadas. Jaelle sangrava de novo. Se ela perder mais algum sangue... e Magda compreendeu que se obrigasse Jaelle a levantar agora, a andar e cavalgar, provavelmente a mataria. O rosto de Jaelle parecia pegar fogo e Magda não dispunha de qualquer medicamento.

Ela pode estar morrendo. Magda olhou para a neve além da caverna e pensou: Se esperarmos mais uma ou duas horas pode ser tarde demais para sair antes da tempestade, mas não é possível tirá-la daqui agora.

Ela tornou a ajeitar as mantas em torno de Jaelle, sentindo um desespero profundo. Tinha mesmo de ficar sentada ali e deixar Jaelle morrer? Se ao menos tivesse um meio de entrar em contato com Dama Rohana, que poderia usar sua pedra-da-estrela... Se tivesse um meio de entrar em contato com Dama Rohana... Mas tinha. Possuía laran. Não sabia como usá-lo, mas poderia fazer contato com alguém. A leronis de vestido azul e cabelos vermelhos que curara seus pés nas linhas de fogo... como era mesmo seu nome? Hilay? Dama Callista? Ferrika, que também era uma amazona? Qualquer pessoa. Mas como fazer? Fui uma tola. Deveria ter deixado que Dama Rohana me ensinasse... Como se faz para pedir socorro com o laran! E enquanto ela resolvia a questão em sua

mente, a resposta surgiu de algum lugar, impelida por seu desespero: Você apenas faz. Basta pedir socorro! Pois então... Socorro! Alguém por aí, socorro! Magda agachou-se no chão da caverna, cobrindo os olhos com as mãos, tentando desesperadamente recuperar um pouco da certeza que experimentara no momento em que vira o mundo inteiro ao seu redor, como parte de si mesma. Jaelle está muito doente. Ficamos retidas aqui pela inundação.

Jaelle está doente, talvez morrendo, sangrando bastante, estamos ficando sem lenha... Socorro! Socorro!

Ela repetiu a mensagem várias vezes, concentrando-se com uma intensidade angustiada, tentando visualizar a projeção do chamado, cada vez mais longe, espalhando-se em círculos concêntricos, como se largasse uma pedra no silêncio em torno da caverna.

Houve uma pequena agitação no ar da caverna. Magda levantou os olhos. Teve a impressão de divisar rostos vagos desenhados no ar. Rostos de mulheres, nenhum deles familiar.

E depois, sem chegar a ser uma surpresa real, ela avistou o rosto de Marisela. Prometeu que não faria nada precipitado até eu conversar com você, criança... Magda disse em voz alta, ao mesmo tempo em que especulava se não estaria enlouquecendo:

— Eu não podia deixar Jaelle partir sozinha daquele jeito... Acho que tem razão. Parecia agora que Marisela se encontrava parada ali, embora indefinida, Magda podia ver a parede através do corpo da mulher. Ela está mesmo aqui ou eu apenas deliro, depois de tanto esforço? E depois Marisela desapareceu, desapareceu por completo.

Magda não sabia mais se a vira de fato. E se ela esteve mesmo aqui, pensou Magda, indignada, devo dizer que não foi de grande ajuda, apenas me censurou por ter partido sozinha e sumiu em seguida! Poderia pelo menos me oferecer algum conselho telepático sobre o que devo fazer por Jaelle. Afinal, ela é a parteira! A neve continuava a cair lá fora com um suave ruído. Ainda bem que não haviam partido. Ela deveria sair e trazer os cavalos para dentro; provavelmente também não poderiam suportar aquele tempo. Mas

não havia perigo de uma doença grave, tétano ou algo assim, transmitida pelo estrume de cavalo? Provavelmente era tarde demais para se preocupar com isso. Ela e Jaelle já haviam cuidado tanto de cavalos que se tivessem de contrair alguma doença isso já teria acontecido. Ela própria fora vacinada; e esperava que Jaelle tivesse se submetido a um exame médico completo recentemente.

Houve um ruído suave, como o chamado de corvos; Magda sentiu um estranho movimento no ar e levantou os olhos. A neve desaparecera subitamente; estava diante de um nevoeiro de fogo azul — pensou na pedra-da-estrela de Dama Rohana — e ao seu redor haviam vultos indefinidos, mulheres em túnicas escuras: não reconheceu nenhum dos rostos.

Ela é um dos pontos fundamentais da história, disse uma voz em sua mente. Magda sabia que não estava realmente ali. Lembre-se, não podemos demonstrar compaixão por indivíduos. Só nos preocupamos com os séculos e algumas pessoas devem sofrer e morrer...

Magda pensou: é uma alucinação, estou imaginando a conversa que Mãe Lauria teve com Cholayna. Só que eu nem estive presente. Era Jaelle.

Não haverá falta de sofrimento, mas também ela não deve morrer agora; ela não é importante, mas o sangue dos Aillards é importante, pois um dia o domínio de Arilinn deve ser rompido...

Isso significa que a Torre Proibida fracassará? Todos os que trabalham para o momento fracassarão, mas devemos pensar em termos de séculos... Uma criança de um terráqueo em Arilinn romperia seu domínio e influência... Como pode ter a presunção de negar a livre e espontânea vontade dela? A mulher optou por não gerar a criança do terráqueo, pensando assim evitar o sofrimento; ainda não aprendeu e por isso sofrerá três vezes mais... Desta vez salvaremos as duas. Mas lembre-se: não há compaixão pessoal por qualquer indivíduo. Acontece apenas que se trata de um momento em que o destino cruza com a coisa humana por fazer. Preferíamos todas salvar vidas. Mas não podemos interferir.

E depois as palavras se dissolveram em suaves murmúrios e Magda descobriu que se encontrava na neve, os flocos caindo em

seus olhos, no rosto, toldando a visão. Esforçou-se para encontrar o caminho na nevasca. Ainda bem que não tentara levar Jaelle, pois jamais conseguiriam alcançar a estrada principal com aquele tempo. Mas os cavalos não se encontravam onde os deixara. Em pânico, Magda desceu pela encosta mais do que tencionara; escorregou no solo lamacento e rolou para o fundo do desfiladeiro, gritando em protesto.

O manto de montaria e o culote se achavam encharcados agora e não podia ver sinal dos cavalos. Na neve densa, não podia também avistar a entrada da caverna. Jaelle!

Tenho de voltar para Jaelle! Protegendo o rosto contra a neve, finalmente divisou um fio de fumaça saindo pela abertura no alto da caverna e fez um esforço para subir pela encosta íngreme, sem os cavalos.

E de repente surgiu à sua frente o rosto de nariz arrebitado de Ferrika, com seus olhos azuis e compadecidos. Não se assuste, irmã. Foi ouvida na Torre Proibida e alguém virá à sua procura. Não precisa se assustar.

O rosto de Ferrika desapareceu. Magda piscou, atordoada, recordando os fragmentos de conversa que escutara, Lorde Damon, Regente de Armida, alguma coisa sobre uma Torre ilegal. Já teriam problemas com as autoridades terráqueas, se Jaelle realmente matara Peter, poderiam se envolver também com as autoridades darkovanas. Pelo que ouvira, aquela Torre em particular não era aceita pelas Torres regulares.

Qualquer porto serve numa tempestade, criança. Magda piscou outra vez, completamente atordoada, com a impressão de que alguém lhe falara no Padrão terráqueo. Estou perdendo o juízo? É melhor sair logo da neve! Jaelle continuava deitada onde Magda a deixara, em estupor, o rosto ardendo.

— Quem é você?

— Sabe quem eu sou. Comentei que tinha coragem para três. Aumente para trinta e três, criança.

— Ann"dra... Andrew Carr?

— Não sou muito boa nesse tipo de recepção. Devo deixar que Callista tente fazer contato com você. Não há tempo. Já vi a fumaça.

Não se preocupe. E depois surgiu uma imagem na mente de Magda, homens se virando e descendo a cavalo por desfiladeiros, projetando-se do que parecia ser um grande centro de fogo azul... não, ela não podia estar certa... não podia esperar que a recepção telepática fosse como televisão! Jaelle murmurava e gemia, sacudia-se de um lado para outro. Magda atçou o fogo, foi sentar ao lado de Jaelle, tomou-a em seus braços, embalou-a. Jaelle murmurou:

— Mamãe? Pensei que estava morta, mamãe. Quem são essas mulheres? Estou com medo, não quero ir. Oh, mãe, dói tanto...

Magda afagou seus cabelos, tentou acalmá-la.

— Está tudo bem, Shaya. Prometo que tudo acabará bem. Estão vindo, já sabem que estamos aqui. Não se preocupe.

Jaelle fitou-a com os olhos subitamente desanuviados e disse, a voz quase racional:

— Mas amazonas não esperam para ser salvas. Devemos salvar a nós mesmas, como já fizemos antes, Margali.

Ela tornou a cair no estupor. Magda afagou seu rosto, sussurrando:

— Até mesmo as amazonas são apenas humanas, Jaelle. Levei um ano para descobrir isso.

Mas ela sabia que a mulher doente não podia ouvir nem compreender. O fogo se extinguiu; Magda meteu-se sob as cobertas e tentou aquecer Jaelle, apertando-a em seus braços. E, finalmente, por mais incrível que pudesse parecer, ela adormeceu.

Despertou para ouvir vozes. A voz de Andrew Carr, chamando no dialeto das Colinas de Kilghard, berrando furiosamente.

— Não aqui... não nessa! Estou dizendo que tem de haver outra caverna! Há duas mulheres doentes por aqui! Continuem a procurar! Tentem mais abaixo na encosta! Eduin, venha até aqui em cima com dois homens e traga uma maça! Este homem está com a perna quebrada! Encontraram Aleki. Graças a Deus, ele está vivo. Uma imagem surgiu em sua mente, como já vira antes, Alessandra Li, o elegante diplomata terráqueo, desgrenhado, sujo, estendido no chão da caverna, a perna numa tala improvisada, levantando o rosto, boquiaberto, enquanto Carr lhe sorria.

— “Embaixador Li, eu presumo. Soube que estava à minha procura.” Ele estendeu a mão para um aperto terráqueo. Li balbuciou: “Você... você... você...” e a imagem desapareceu.

Magda saiu de baixo das cobertas. O fogo apagara, eles não podiam ver a fumaça; fazia muito frio na caverna, mas Jaelle respirava e parecia bem. Ela puxou o manto de montaria sobre a cabeça e se encaminhou apressada para a entrada da caverna. A encosta fervilhava de homens e cavalos, avistou um grupo na entrada escura de uma caverna mais abaixo... cerca de meio quilômetro terráqueo, ela calculou. Pôde ver Carr agora, um homem alto, louro, pelo menos uma cabeça mais alto do que os outros.

Magda gritou, sabendo que não poderia ser ouvida pela distância que os separava, mas ao mesmo tempo com a certeza de que ele poderia escutá-la de alguma forma:

— Anndra! Andrew! Aqui em cima!

Ele estremeceu como se levasse um choque, olhou e apontou; levantou a mão para ela num aceno, um sinal.

— Muito bem, fique onde está, já a vi.

E Magda arriou na entrada da caverna, na lama que havia ali, começou a chorar. Chorou e chorou, como se nunca mais fosse parar, compreendendo subitamente o que Marisela queria dizer:

— Algum dia você chorará e será curada.

Ela estava quase inconsciente quando um homem, gentil e deferente, com as cores de Ridenow, subiu pela encosta; mas ouviu-o gritar:

— Elas estão aqui, vai dom! As duas! — Ele limpou a garganta.
— Mestra...

Magda levantou-se rapidamente, tentando manter um mínimo de dignidade, um resquício de controle. Sabia que era apenas um arremedo, pois tinha o rosto todo sujo e inchado.

— Está bem, mestra?

— Minha amiga está doente. Terá de providenciar uma maçã para ela também. Não há nada de errado comigo.

— Temos uma maçã — murmurou o homem. — Ei, vocês aí embaixo! Assim que levarem o homem até os cavalos, subam até aqui para remover a mulher!

Magda avistou, na entrada da caverna mais abaixo, homens carregando um corpo estendido na maça, descendo para os cavalos, e outros homens à espera. E depois Andrew Carr subia pela encosta, até o lugar em que ela se encontrava.

Ele sorriu para Magda, um sorriso jovial, e disse baixinho, a fim de que ninguém mais pudesse ouvir:

— Está tudo bem. Eles sabem que sou terráqueo e não se importam. Estive vasculhando o cérebro para tentar descobrir quem você podia ser. Lorne, do Serviço de Informações, não é mesmo? Eu a conhecia de reputação, mas creio que nunca nos encontramos pessoalmente...

E, incongruentemente, eles trocaram um aperto de mão. Depois, ele foi se inclinar sobre Jaelle.

— Ela abortou, não é mesmo? Teremos de levá-la para um lugar em que poderemos cuidar dela. Ferrika ainda está em Thendara pelo Solstício do Verão, mas mestra Allier, de Syrtis, pode cuidar dela. Deus sabe que Dama Hilary já sofreu muitas vezes com esse problema. Vamos levá-la para Syrtis e poderemos transferi-la para Armida assim que ela se recuperar. — Carr soltou uma risada. — Tenho a impressão que você e eu temos muita coisa para dizer um ao outro, mas terá de esperar.

Ele abaixou-se e levantou Jaelle nos braços. Era tão alto que a carregava como se fosse uma criança. Magda pôde ver, sem saber por quê, a imagem na mente dele de uma mulher amada que recentemente sofrera uma perda assim, sua paixão e profunda tristeza; mas quando Jaelle gritou, de dor e medo, ele lhe falou gentilmente.

Jaelle se aquietou ao contato de suas mãos e talvez, pensou Magda, de seu laran.

A mão do outro homem estava em seu braço.

— Mestra, deixe-me ajudá-la...

Magda já ia dizer "Eu posso andar", mas compreendeu que não podia. Apoiou-se no homem e deixou que ele a conduzisse para os cavalos lá embaixo. Deveria estar presente no instante em que Jaelle recuperasse os sentidos.

Epílogo

Alessandro Li, ainda se mantendo de pé entre duas muletas, conseguiu dar a impressão, embora mal mexesse a cabeça, de se inclinar profundamente sobre a mão de Magda.

— Estou sinceramente agradecido a você. Jaelle, espero que sua recuperação seja rápida e completa.

Ele acrescentou uma frase polida, que Magda reconheceu como uma despedida formal em sua própria língua, mas era uma das línguas do Império de que ela só tinha vagas noções.

— Milorde... — Outro dos gestos que conseguiam de alguma forma insinuar uma mesura formal, para Damon. — Estou grato por sua hospitalidade.

O Grande Salão de Armida, com suas vigas maciças e enorme lareira, era quente e aconchegante em torno deles; mas uma aragem fria entrou pelo salão quando as portas foram abertas, pois nevava lá fora. Andrew murmurou:

— Por aqui, senhor.

Aleki seguiu-o, apoiado nas muletas, dois ou três homens nos flancos. Eles o escoltariam até Neskaya, onde Aleki seria recolhido pelo helicóptero terráqueo. Dama Callista murmurou para Magda, enquanto as portas eram fechadas, depois de sua saída:

— Espero que ele não nos crie problemas com o Império.

Andrew, voltando, afirmou com um sorriso:

— Isso não vai acontecer.

— Como pode ter certeza? O que ele fez enquanto era hóspede nesta casa pode ser muito diferente...

Andrew riu.

— Não precisam se preocupar com Li. Conheço o tipo. Ele vai contar a história pelo resto da vida, como escapou por um triz num planeta primitivo, gostará de ser considerado um experto em Cottman Quatro... o que significa que terá de dizer a si mesmo como tudo foi maravilhoso.

— Mas ele prometeu que nos livraria do Coordenador Montray e indicaria um Legado que conheça o planeta e o aprecie —

comentou Magda. — Até propôs sugerir meu nome, se eu quisesse o cargo.

— Você deveria aceitar, quanto mais não seja, para deixá-los irritados — disse Jaelle.

Ela estava estendida num sofá, num vestido azul cheio de babados, um traje muito diferente do que gostava de usar. Voltara a ter alguma cor nas faces, mas fora uma luta longa e difícil contra a fraqueza e a infecção. Ainda no início daquele dia Aleki tentara persuadi-la a retornar à Zona Terráquea, a fim de que os médicos pudessem efetuar um exame completo.

— Nós lhe devemos isso — insistira Aleki.

Mas Jaelle sorria e garantia que agora já estava completamente recuperada. Magda ouvira a parte da resposta que Jaelle não chegara a expressar em voz alta: ela não tinha a menor intenção de voltar ao QG, nem agora nem nunca.

Magda sabia que ela não estava completamente recuperada — só quando se encontrava deitada e delirante é que Jaelle podia admitir alguma fraqueza, — mas o pior já passara. Ela estava extremamente doente quando a levaram para Syrtis e, independente de tudo o que fizeram, parecia ter perdido a vontade de viver.

Só começara a melhorar quando Magda, compreendendo finalmente o que a atormentava, conversara com a Ieronis. Chamaram Dama Callista, o Regente, Lorde Damon e Andrew, formaram um círculo de Iaran para descobrir o destino de Peter Haldane na Zona Terráquea. Ele estava vivo; fora encontrado em coma e levado para o hospital, mas agora já se recuperava.

— Você o golpeou com a mente, além das mãos — Lorde Damon dissera a Jaelle. — Poderia facilmente tê-lo matado; foi apenas por acaso que isso não aconteceu. Talvez tenha sido a graça de algum Deus com o qual você mantém um relacionamento melhor do que imagina.

E daquele dia em diante Jaelle passara a dormir sem pesadelos, a comer e recuperar um pouco do peso que perdera.

Aquela hora no círculo da matriz — e Magda sabia que tivera uma participação integral — de certa forma incluía-a no grupo; Andrew e Callista tratavam-na como a uma irmã e ela tinha a

impressão de que conheceria Damon por toda a sua vida. Sentia-se um pouco menos íntima da bela Dama Ellemir, que dissera francamente que queria dispensar toda sua atenção e tempo às crianças, enquanto fossem pequenas. Ela estava sentada agora do outro lado do salão, as crianças da casa agrupadas ao seu redor.

Magda ainda não as identificava direito, embora soubesse que o menino de sete anos, de cabelos rui vos encaracolados, a quem chamavam de Domenic, era o filho mais velho de Damon e Ellemir e sua única criança sobrevivente. Dama Callista tinha duas filhas, entre quatro e sete anos, uma morena e séria. — Magda tinha a impressão de que ela se chamava Hilary, um nome que recordava por causa da leronis que curara seus pés — e outra loura e risonha, cujo nome Magda nunca lembrava. Havia várias outras crianças, explicadas de passagem como filhas de criação da Casa; o menor, Callista informou amavelmente, era filho nedestro de Andrew, o que parecia estranho — ninguém podia se enganar sobre a profunda devoção entre Callista e Andrew; Magda nunca vira um casal tão devotado, — e os outros eram pequenos ruivos, que possuíam, Damon explicou com a mesma descontração, algum sangue Comy. e haviam nascido de pequenos proprietários, sendo trazidos para a Casa, onde poderiam ser treinados de maneira apropriada, quando o laran afluísse.

Magda e Jaelle ficaram também espantadas pela maneira como a situação era encarada. Ellemir cuidava de todas as crianças indiscriminadamente.

— É uma questão de pura auto-indulgência — ela reconheceu. — O fato é que as crianças são pequenas por muito pouco tempo. Callista é minha gêmea... tem laran suficiente para as duas. Assim, durante estes anos preciosos em que as crianças são pequenas, trato de aproveitar sua companhia. Somos de uma família de vida longa; terei quarenta ou cinquenta anos para voltar ao círculo e controlar meu laran depois que as crianças crescerem.

Agora ela estava contando uma história as crianças, a menor em seu colo, as outras agrupadas em torno de seus joelhos. Jaelle suspirou quando o som da escolta do Embaixador Li se desvaneceu lá fora e disse:

— Não creio que Peter criará qualquer problema... agora... em me conceder o divórcio. Aleki prometeu acertar tudo para que eu não precise... voltar.

Seus olhos estavam nublados e Magda compreendeu, sem precisar fazer contato com sua mente, o que ela pensava. Jaelle ainda se deprimia com a maior facilidade, chorava por qualquer coisa, mas Ellemir assegurara em particular a Magda que isso passaria com o tempo.

— Sei como são essas coisas — murmurara Ellemir, pesarosa. — Perdi três crianças e a última foi ainda nesta estação. Pouco antes do Solstício do Verão.

Magda lembrara Ferrika, chorando nos braços de Marisela. Depois de integrar o círculo, embora apenas por um instante, ela compreendia o vínculo. Ferrika participava daquele círculo de matriz — o único em Darkover que não era oculto, resguardado e protegido por trás das paredes da Torre. E Ferrika, embora nascida plebéia, era tão importante quanto o próprio Lorde Damon, seu irmão Kieran ou a aristocrática Dama Hilary, casada com Colin de Syrtis. O único filho de Hilary, Felix, se encontrava no círculo de crianças em torno de Ellemir, mas Magda esquecera quem era.

Você nunca deixa de lamentar completamente, ela dissera a Jaelle. Mas aprende-se a viver com a dor e encontrar um meio de seguir em frente. E você deve tentar de novo. E deve abrir seu coração a outras crianças.

Jaelle murmurara:

— Como Kindra fez. E como Camilla ainda faz. Daquele dia em diante ela passara a dormir sem os pesadelos da garotinha de cabelos vermelhos, afastando-se pelas névoas cinzentas e irrecuperáveis do mundo superior. Andrew adiantou-se agora e disse:

— Vou sair para verificar se está tudo bem com os cavalos, antes de a tempestade desabar. Quem quer ir comigo?

Todos os meninos, exceto o pequeno no colo de Ellemir, correram em seu encalço. Todos chamavam Andrew pela palavra que podia significar tio ou pai adotivo, assim como todos — inclusive suas duas filhas — chamavam Dama Callista pelo apelido íntimo que

significava tia ou mãe adotiva; mas Dama Ellemir era simplesmente “mamãe” para todas as crianças em Atmida.

Uma das meninas puxou o manto de Ellemir e pediu para ir também. Ellemir disse, desdenhosa:

— Ora, Cassie...

Mas Andrew soltou uma risada e pegou a filha menor.

— Pode, se quiser, Cassilde n’ha Callista — disse ele, acomodando-a no ombro.

Callista explicou, com uma risada:

— Ela é a predileta de Ferrika, que sempre disse que essa menina possui todas as características de uma Renunciante. Andrew, não devia chamá-la assim, pois ela pode levar a sério.

— Por que não? — indagou Damon. — Precisaremos de rebeldes algum dia.

Mas Ellemir estremeceu e murmurou:

— Não, Damon. Há tempo suficiente para isso... Damon afagou o ombro de Ellemir e manteve-se ao seu lado por algum tempo. Magda teve a impressão de que podia ouvir o estranho farfalhar das túnicas negras e o eco distante do chamado de corvos, como se o destino pairasse por ali. Depois, Andrew saiu com as crianças; Ellemir chamou uma babá e mandou que as outras crianças fossem levadas para seus aposentos. Dama Callista foi sentar junto do fogo, entre Magda e Jaelle, dedilhando sua rio.

— Se eu soubesse antes das Renunciantes — ela comentou, — acho que não teria ido para Arilinn.

Damon riu e disse:

— Não a aceitariam numa Casa da Guilda, Callie. Eu estava no Conselho no ano em que Dama Rohana defendeu Jaelle, declarando que ela deveria ser libertada...

Jaelle começou a chorar; embora abaixasse a cabeça e tentasse esconder as lágrimas, sua consciência do fracasso era evidente para todas as pessoas junto da fogueira.

Mas Damon limitou-se a dizer, gentilmente :

— Você deve ocupar seu lugar até que decida... como é mesmo que vocês dizem?... no seu próprio tempo... gerar uma filha para o Domínio de Aillard. E se não o fizer, não tenho a menor

duvida de que os Hasturs continuarão a sobreviver, como vem acontecendo há gerações.

Mas outra vez Magda teve uma visão fugaz da garotinha de cabelos vermelhos, correndo numa explosão de folhas de outono por trás da menina que Ellemir chamara de Cassie. Ela não compreendeu, mas aceitou.

Seu laran, tão recentemente despertado, ainda não se encontrava sob seu controle total. Ela tornou a ver o curioso círculo de rostos de mulheres, sob os capuzes escuros, ouviu o chamado distante das graÍhas e sua mente vagueou.

Não estamos preocupadas com o bem do Comyn, dos terráqueos ou Renunciantes; devemos pensar em termos de séculos. Muitas pessoas do Comym são leais apenas à sua própria casta e a maioria das Torres tornou-se apenas seu instrumento, quando antes todos serviam ao bem comum. É por isso que os Altons e a Torre Proibida se tornaram nossos instrumentos neste momento. Também sofrerão por enquanto, mas com os séculos alcançarão perfeição e esclarecimento.

Magda sussurrou, quase em voz alta: Quem são vocês?

Pode nos chamar de Alma de Darkover. Ou a Irmandade Negra...

— Magda, onde você está? — perguntou Jaelle.

A visão se desvaneceu no mesmo instante, mesmo enquanto Magda tentava manter a percepção, ouvindo as palavras finais: Somos instrumentos do destino, da mesma forma que você, irmã...

Callista tocou na mão de Jaelle. Magda convivera com elas por tempo suficiente para saber que isso era um gesto raro de intimidade.

— Fui Guardiã por tempo suficiente para saber como você se sente — disse ela. — Não partilho com Ellemir a aceitação do dever de gerar crianças para o Domínio...

— Dever? — interveio Ellemir, num tom de contrariedade. — Privilégio! Quem recusa voluntariamente ter uma criança... ora, só posso imaginar que é louca, e eu tenho muita pena dela!

Callista sorriu afetuosamente para sua irmã gêmea. Era óbvio que se tratava de uma discussão antiga entre as duas.

— Prometi a você que poderia criar todas as minhas crianças e tenho cumprido essa promessa — ela disse, rindo. — Gosto muito das minhas crianças e das suas também,

e algum dia acho que terei de me resignar a dar a Andrew o filho que ele quer. Mas parece injusto que eu, que me sentiria contente se nunca tivesse uma criança, seja capaz de gerá-las tão facilmente, enquanto você, que gostaria de ter uma criança nova em seus braços a cada dez luas... não, Elli, não negue... só consiga tê-las com muita dificuldade e sofrimento.

E perda... Todas ouviram, mas ninguém disse em voz alta. Mas Ellemir comentou calmamente:

— O sangue de Alton é uma herança preciosa. Eu me orgulho de ser o instrumento para transmiti-lo.

Jaelle murmurou, pesarosa:

— Você entoava a mesma canção de Dama Rohana, no mesmo tom. E, no entanto, é uma leronis em potencial, o que deve ser muito parecido com uma Renunciante... ter algo melhor para fazer do que as outras mulheres...

— Não sei em que pode ser melhor — protestou Ellemir. — Uma égua de corrida, sem dúvida, orgulha-se de vencer todas as competições em que participa. Contudo, se não transmitir sua linhagem, poderia muito bem ficar no estábulo comendo feno. Precisamos da égua de reprodução tanto quanto da potranca de corrida.

— Cumprirei meu dever — anunciou Jaelle. — Compreendo agora porque devo fazer isso.

As mulheres junto do fogo pareciam muito ligadas; para Magda, era como a paz que às vezes surgia ao final das Sessões de Treinamento, depois que discutiam, choravam e brigavam para alcançar essa paz. Callista, ela sentia, lutara por mais tempo e mais arduamente do que qualquer Renunciante, embora parecesse ainda mais serena.

— Mas Jaelle está jurada para você, Margali — disse Callista. — Não a perturbará se ela se desviar de você para um homem... já que ainda não há outra maneira de gerar uma criança e Jaelle acabou de fazer essa promessa?

Callista ensaiava em sua mente o Juramento das Amazonas, desejando ter encontrado essa opção quando era jovem; e acabou acrescentando:

— Andrew e Damon estão ligados um ao outro, eu acho, por um laço mais forte do que a qualquer de nós. Os homens podem fazer tais juramentos. E, no entanto, para as mulheres um juramento assim é sempre considerado, ao que parece, como uma coisa para moças inexperientes e significa apenas serei ligada a você enquanto isso não interferir com o dever para com meu marido e crianças...

Jaelle virou-se e pegou a mão de Magda. Surgiu entre as duas a lembrança do vínculo testado pela própria sobrevivência no desfiladeiro; e de uma noite, durante a convalescença de Jaelle, quando se viraram uma para a outra e trocaram suas facas de amazonas, o vínculo mais forte conhecido para as mulheres. Por mais ligada que Rafaella fosse a Jaelle, e embora tivessem sido amantes por algum tempo, nunca haviam trocado facas desse jeito. Magda sabia que era um vínculo tão próximo quanto possível do casamento.

— Só um vínculo é mais profundo — murmurou Ellemir.

Os dedos de Callista recomeçaram a dedilhar a rryl e ela disse depois de algum tempo:

— Um vínculo de uma mulher com outra não poderia ser afetado por seus compromissos com outras pessoas, assim como o vínculo com uma criança única é afetado quando nasce outra? Pensei, quando gerei Hilary, embora não a quisesse, que a amava como nunca amara Andrew ou você, Elli. Mas quando Cassie nasceu, não a amei menos...

Como meu amor por Andrew não é menor porque meu vínculo com Damon é eterno e forte... Magda pôde ouvir os pensamentos de Callista e Jaelle disse suavemente:

— Não é possível... que as mulheres possam amar sem precisarem possuir o que amam? Cada mulher sabe que um dia sua criança a deixará.

E pela primeira vez sem angústia ela compreendeu as palavras de sua mãe ao morrer, sem sentimento de culpa.

Valeu a pena, Jaelle. Você é livre com um sofrimento intenso, Jaelle vira sua própria filha deixá-la e compreendera que algum dia teria a coragem de libertá-la, outra vez, para levar sua própria vida, assumir seus próprios riscos.

— Peter... ele queria possuir a mim e à criança — comentou Jaelle. Magda acenou com a cabeça e Callista, o rosto ainda inclinado sobre a rryl, murmurou:

— Levou muito tempo para que Andrew compreendesse... e mesmo agora...

Ela não pôde dizer mais nada. Ellemir acrescentou:

— Mas Damon não é assim.

E por um momento todas as mulheres no círculo souberam quem seria o pai da criança de Jaelle para o clã de Aillard; porque ele não teria necessidade de possuir mulher ou criança, podia deixá-las livres para assumirem sua herança e destino.

O silêncio e o crepitar do fogo, os sons suaves das mãos de Callista na rryl, foram subitamente rompidos pela risada de Andrew.

— Não, não! Já chega! Não sou um chervine para carregar todos vocês nas costas! Corram para a cozinha e arrumem pão e mel, deixem-me conversar com os adultos! Isso mesmo, Domenic, prometi que você e Felix podem sair a cavalo comigo amanhã, a menos que a neve esteja muito ruim; e se estiver, assim que melhorar! E você poderá ir também, Cassie! E agora, pelo amor dos céus, saiam logo daqui! Vi algumas maçãs na cozinha... vão buscá-las!

As crianças se afastaram e Andrew avançou pelo salão. Disse alguma coisa a Damon sobre o gado e os abrigos contra a neve nas pastagens, depois foi se juntar às mulheres ao lado do fogo.

— Toque para nós, Callie — pediu ele.

Ela começou a cantar uma antiga balada das colinas. Damon e Ellemir estavam sentados lado a lado, ao pé do sofá de Jaelle. Magda experimentou um momento de profunda separação. Era como se uma porta tivesse se fechado entre ela e a vida com as amazonas, que tanto amara, e a que prestara um juramento. A vida terráquea também ficara para trás, e ela sentia-se fria e alienada. Era jurada a Jaelle, mas podia perceber que esse vínculo também

não continha promessas de segurança. E embora conhecesse a força do círculo de laran, não sabia se seria suficiente. Andrew inclinou-se e pôs a mão em seu braço, num gesto amigável.

— Está tudo bem — ele murmurou, abraçando-a com um sorriso fraternal. — Escute, menina, pensa que não sei como está se sentindo?

O espírito de amazona de Magda eriçou-se contra o tratamento condescendente de “menina”; sou uma mulher, ela pensou, não uma menina. Mas sabia também que esse era o jeito de Andrew; como Ellemir, ele tinha o hábito de proteger. E também como Ellemir, ele daria uma boa mãe.

Andrew e eu passaremos os próximos dez anos tentando decidir quem tem de proteger os demais aqui na Torre Proibida?, perguntou-se Magda, aturdida no mesmo instante pelo conhecimento de todas as implicações. Andrew disse gentilmente:

— Mas a Torre Proibida é justamente isso, Magdalen. — Ele era o único que preferia usar seu nome completo, sem abreviá-lo. — Não há nenhuma pessoa aqui que não tivesse de se desvencilhar do seu passado com o maior desprendimento e recomeçar tudo. Damon, por exemplo, teve de fazer isso duas ou três vezes. E não há uma questão de segurança. Mas... — Ele abraçou-a por um instante. — ... temos uns aos outros. Todos nós.

E por um momento Magdalen Lorne ouviu o chamado suave como galhas distantes — ou parcas? — e o farfalhar de asas.

Fim

Este *ePub* foi criado em Fevereiro de 2014 por
LeYtor
Tendo como base a digitalização em *Doc* de autor desconhecido

